

An aerial photograph of a lush green landscape with a complex network of waterways and islands. The water is a deep green color, and the land is covered in dense, vibrant green vegetation. The waterways are irregular and winding, creating a maze-like pattern. The islands are of various shapes and sizes, some with small structures or buildings. The overall scene is a beautiful representation of a natural water system.

O CAMINHO DAS ÁGUAS EM SALVADOR

Bacias Hidrográficas, Bairros e Fontes

ORGANIZADORES

Elisabete Santos

José Antonio Gomes de Pinho

Luiz Roberto Santos Moraes

Tânia Fischer



O CAMINHO DAS ÁGUAS EM SALVADOR

Bacias Hidrográficas, Bairros e Fontes

ORGANIZADORES
Elisabete Santos
José Antonio Gomes de Pinho
Luiz Roberto Santos Moraes
Tânia Fischer

2010

Universidade Federal da Bahia
Naomar Monteiro de Almeida Filho – Reitor

Escola de Administração - UFBA
Reginaldo Souza Santos – Diretor

Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social – CIAGS-EA/UFBA

Tânia Fischer – Coordenadora
José Antônio Gomes de Pinho – Vice-Coordenador
Maria Elisabete Pereira dos Santos – Escola de Administração - UFBA
Luiz Roberto Santos Moraes - Escola Politécnica - UFBA

FINANCIAMENTO

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq
Marco Antonio Zago – Presidente

PARCEIROS

Governo do Estado da Bahia
Jaques Wagner – Governador

Secretaria do Meio Ambiente do Estado da Bahia – SEMA

Juliano de Sousa Matos – Secretário
Adolpho Ribeiro Netto – Chefe de Gabinete
Wesley Faustino – Diretor Geral

Instituto do Meio Ambiente do Estado da Bahia – IMA

Elizabeth Maria Souto Wagner – Diretora Geral

Instituto de Gestão das Águas e Clima – INGÁ

Júlio Cesar de Sá da Rocha – Diretor Geral

Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia – CONDER

Milton de Aragão Bulcão Villas Boas – Presidente
Maria del Carmen Fidalgo Puga – Presidente (2007–2008)
Livia Maria Gabrielli de Azevedo – Diretor de Planejamento Urbano e Habitação
Fernando Cezar Cabussu Filho – Coordenador do Sistema de Informações Geográficas Urbanas do Estado da Bahia – INFORMS

Empresa Baiana de Águas e Saneamento S. A. – EMBASA

Abelardo de Oliveira Filho – Diretor Presidente
Eduardo B. de Oliveira Araújo – Diretor de Operação

Prefeitura Municipal do Salvador

João Henrique Barradas Carneiro – Prefeito

**Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano,
Habitação e Meio Ambiente – SEDHAM / PMS**

Antônio Eduardo dos Santos de Abreu – Secretário
Kátia Carmello – Secretária (2006–2008)
Edson Pitta Lima – Subsecretário
José Henrique Oliveira Lima – Diretor Geral de Urbanismo e Meio Ambiente
Edvaldo Machado – Assessor do Secretário

Superintendência do Meio Ambiente – SMA / PMS

Luiz Antunes A. A. Nery – Superintendente
Ary da Mata e Souza – Superintendente (2007-2008)
Adalberto Bulhões Filho – Assessor da Superintendência

Fundação OndAzul

Larissa Cayres de Souza – Presidente
Armando Ferreira de Almeida Junior – Presidente (2006-2008)

COLABORAÇÃO

Sistema Integrado de Atendimento Regional – SIGA / PMS
Oneilda Costa da Silva Lôbo

Superintendência de Controle e Ordenamento de

Uso do Solo do Município – SUCOM / PMS
Cláudio Souza da Silva – Superintendente

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

Artur Ferreira da Silva Filho – Chefe da Unidade Estadual do IBGE na Bahia
Joilson Rodrigues de Souza – Coordenador Técnico do Censo Demográfico
Unidade Estadual do IBGE na Bahia

Fundação Mário Leal Ferreira – FMLF/PMS

Virma Barbosa Lage – Presidente

Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia – IRDEB

Paulo Roberto Vieira Ribeiro – Diretor Geral
Sahada Josephina Mendes – Dietora de Operações

Projeto Gráfico e Diagramação

Antônio Eustáquio Barros de Carvalho

Fotos

André Carvalho, Danilo Bandeira, Janduari Simões,
José Carlos Almeida, Elba Veiga, Alaine Farias Souza, Aucimaia Tourinho,
Fernando Teixeira e Tony Bittencourt, Fundação Gregório de Matos – FGM/PMS,
João Torres – GPE/Fundação Mário Leal Ferreira – FMLF

Assistente de Fotografia: Renata Souto Maior

Produtora Executiva: Fátima Fróes

PUBLICAÇÃO



C146 O Caminho das Águas em Salvador: Bacias Hidrográficas, Bairros e Fontes / Elisabete Santos, José Antonio Gomes de Pinho, Luiz Roberto Santos Moraes, Tânia Fischer, organizadores. – Salvador: CIAGS/UFBA; SEMA, 2010. 486p. :il.; .- (Coleção Gestão Social)

ISBN - 978-85-60660-08-7

1. Recursos Hídricos . 2. Águas. 3. Bacias Hidrográficas.
4. Bairros. I. Santos, Elisabete. II. Pinho, José Antonio Gomes de. III. Moraes, Luiz Roberto Santos. IV. Fischer, Tânia.

CDD – 333.91



À Cidade do Salvador

Perto de muita água, tudo é feliz.
Guimarães Rosa



Italo Calvino, em *Marcovaldo e as Estações na Cidade*, relata um interessante exemplo de tentativa de reencontro com a natureza, com a boa e velha natureza, nas grandes cidades. Marcovaldo, melancólico e sonhador, não tem olhos propícios à leitura dos signos da vida urbana, da sociedade de consumo, e está sempre atento aos vestígios da natureza na cidade. Em sua incansável busca pela natureza perdida, vê-se enredado em situações em que as coisas mais simples parecem encerrar as mais estranhas armadilhas, em que a natureza parece uma fraude. Afinal, todos os dias a imprensa noticiava descobertas as mais espantosas nas compras do mercado: “do queijo feito de matéria plástica, a manteiga com velas de estearina, na fruta e na verdura o arsênico dos inseticidas estavam mais concentrados do que as vitaminas, para engordar os frangos enchiam-nos com certas pílulas sintéticas que podiam transformar em frango quem comesse uma coxa deles. O peixe fresco havia sido pescado o ano passado na Islândia e seus olhos eram maquiados para que parecessem de ontem”. Como fugir destas armadilhas senão buscando um lugar onde a natureza seja pródiga e intocada, onde “a água seja realmente água e o peixe realmente peixe”?

Nessa busca constante, os dias de Marcovaldo tornaram-se longos e ele passa a olhar a cidade e arredores em busca de um rio. Sua atenção voltava-se, principalmente, para os trechos em que a água corria mais distante da estrada asfaltada. “Certa vez se perdeu, andava e andava por margens íngremes e cheias de arbustos, e não achava nenhum atalho, nem sabia mais para que lado ficava o rio: de repente, deslocando alguns ramos, viu, poucos metros abaixo, a água silenciosa – era um alargamento do rio, quase uma bacia pequena e calma – com um tom azul que lembrava um lagui-nho de montanha. A emoção não o impediu de averiguar embaixo entre as sutis encrespações da corrente. E, portanto, a sua obstinação fora premiada! Uma pulsação, o deslizar inconfundível de uma barbatana aflorando na superfície, e depois outro, e outro ainda, uma felicidade a ponto de não acreditar nos próprios olhos: aquele era o local de reunião dos peixes do rio inteiro, o paraíso dos pescadores, talvez ainda desconhecido de todos, exceto dele”.

Retornando para casa, cheio de alegria e de peixes, Marcovaldo depara-se com o que parecia-lhe um guarda municipal.

– Você aí! – Numa curva da margem, entre os álamos, estava parado um tipo com boné de guarda, que o olhava de cara feia.

– Eu? Qual é o problema? – retrucou Marcovaldo, pressentindo uma ameaça desconhecida contra suas trencas.

– Onde é que pegou estes peixes aí? disse o guarda.

– Há? Por quê?

– E Marcovaldo já sentia o coração na garganta.

– Se os apanhou lá em baixo, jogue fora rápido: não viu a fábrica aqui em cima? – E indicava exatamente uma construção comprida e baixa que agora, superava a curva do rio, se avistava, além dos salgueiros, e que deitava fumaça no ar, e na água uma nuvem densa de uma cor incrível entre turquesa e violeta. – Pelo menos a água, terá notado de que cor é! Fábrica de tintas: o rio está envenenado por causa daquele azul e os peixes também. Jogue fora rápido, senão apreendo tudo.

Marcovaldo agora queria atirá-los longe o mais depressa possível, livrar-se deles, como só o cheiro bastasse para envenená-lo. Mas não queria fazer má figura na frente do guarda.

– E se os tivesse pescado mais acima?

– Aí já seria outra história. Além da apreensão, haveria uma multa. Acima da fábrica existe uma reserva de pesca. Não vê o cartaz? Bem na verdade – apressou-se a dizer Marcovaldo – carregou a vara por carregar, pra mostrar aos amigos, mas os peixes foram comprados numa peixaria da cidade aqui perto.

– Então nada a dizer. Só falta o imposto a ser pago para levá-lo para a cidade: aqui estamos fora do perímetro urbano.

Marcovaldo já abria a cesta e emborcava no rio. Alguma das trencas ainda devia estar viva, pois deslizou toda contente.”

A realização deste trabalho não teria sido possível sem o apoio do CNPq e o envolvimento de pesquisadores, técnicos e dirigentes do Poder Público estadual e municipal. Particularmente, gostaríamos de destacar o empenho de Juliano de Sousa Matos (SEMA), Abelardo de Oliveira Filho (EMBASA), Adolpho Schindler Ribeiro Netto (SEMA), Bete Wagner (IMA) e Lívia Maria Gabrielli de Azevedo (CONDER) na construção das condições necessárias ao desenvolvimento da pesquisa junto com a Universidade Federal da Bahia. Esse trabalho não seria possível sem a participação de Lúcia Politano (UFBA), na estruturação do trabalho de delimitação de bacia hidrográfica, de Adalberto Bulhões (PMS), na concepção original da metodologia de delimitação do trabalho de bairro, de Aucimaia Tourinho (UFBA) na estruturação do trabalho de fontes e sem a participação de Elba Veiga (PMS), Cássio Marcelo Castro (PMS) e Regina Nora (CONDER) que, de forma obstinada e competente percorreram, palmo a palmo, a Cidade do Salvador. Nessa jornada, estiveram presentes os técnicos da CONDER Anderson Oliveira, Vitória Sampaio, Nilton Santana, Leonardo Afonso, Gilma Brito, Carlos Cardoso, Alberto Bonfim, Jussara Queiroz e Fernando Cabussu e João Pedro Vilela, da UFBA. Rosely Sampaio, da UFBA, apaixonada pelas águas, esteve conosco em boa parte da nossa trajetória e hoje constrói novos caminhos em Belo Horizonte.

Pela Prefeitura Municipal de Salvador é preciso registrar a participação de Jamile Trindade, Cláudio Santos, Luíza Góes, Fátima Falcão, Sérgio Moreira, Cléa Tanajura, Ednilva Azevedo, Mariza Zacarias, Carlos Roberto Brandão e Ruth Marcelino, que sempre acreditaram que a delimitação de bairros e das bacias hidrográficas é um importante instrumento de estruturação da gestão pública municipal. É preciso ainda registrar a participação de Ailton Ferreira (PMS), Fernando Pires (UFBA), Nicholas Costa (UFBA), Wilson Carlos Rossi (IMA) e Lívia Castelo Branco (IMA), Jeniffer Matos e Márcia Kauark Amoedo e da Equipe da Divisão de Controle de Qualidade da EMBASA, Rosane Aquino, Eduardo Topázio, Cláudia do Espírito Santo e Carlos Romay da Silva do INGA, de Terezinha Alves Ribeiro da SUCOP/SETIN e de Robério Ribeiro Bezerra da CERB, incansáveis militantes das águas. Renata Rossi, Fátima Frões, Aline Farias e Fernanda Nascimento da UFBA, envolveram-se nessa empreitada acreditando ser possível associar águas, história e poesia. Agradecemos a contribuição de Eliana Gesteira, Fernando Teixeira, Terezinha Rios e Isaura Andrade, que acreditam que uma gestão democrática se faz com respeito à *res publica* e com informação qualificada.

Gostaríamos de agradecer às lideranças das 2.130 entidades da sociedade civil e instituições públicas e privadas que participaram conosco no trabalho de delimitação das bacias e dos bairros, aos administradores do Sistema Integrado de Atendimento Regional da Prefeitura Municipal do Salvador, que deram apoio na mobilização das lideranças e realização de reuniões.

Agradecemos ainda à Fundação Gregório de Matos, que gentilmente nos cedeu as fotos antigas de Salvador; à Profa. Consuelo Pondé de Sena presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, que nos socorreu com os seus conhecimentos de tupi; a Vilma Barbosa Lage, presidente da Fundação Mário Leal Ferreira, que ajudou a dar mais cor às nossas águas; a João Torres e Dilson Tanajura, por ajudarem na ilustração deste trabalho, Ary da Mata, da SEMA, a Joilson Rodrigues do IBGE e a Sahada Josephina Mendes, do Irdeb, que sempre acreditaram na relevância desse trabalho para Salvador. Finalmente, esse trabalho não teria sido possível sem o espírito acolhedor da coordenação do CIAGS, base institucional do referido trabalho, sempre aberto a novas ideias e desafios, um bom exemplo do que pode ser a relação entre Universidade e sociedade.



O Almanaque das Águas

Esse trabalho é fruto do Projeto de Pesquisa **Qualidade Ambiental das Águas e da Vida Urbana em Salvador**, aprovado pelo Edital MCT/CNPq / CT-Hidro / CT-Agro e realizado entre os anos de 2006 e 2009, pelo Grupo ÁGUAS do **Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social – CIAGS** da EA-UFBA, com a participação de pesquisadores do Departamento de Engenharia Ambiental da Escola Politécnica, do Departamento de Botânica do Instituto de Biologia e da Fundação OndaAzul.

Esse Projeto contou ainda com o apoio do Governo do Estado da Bahia – por meio da Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia - CONDER; da Empresa Baiana de Águas e Saneamento S. A. - EMBASA; da Secretaria do Meio Ambiente do Estado da Bahia - SEMA; do Instituto de Gestão das Águas e Clima – INGÁ; do Instituto do Meio Ambiente do Estado da Bahia - IMA; da Prefeitura Municipal do Salvador, por meio da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, Habitação e Meio Ambiente - SEDHAM; da Superintendência do Meio Ambiente - SMA; além da participação do IBGE. Contamos ainda com a colaboração da Fundação Mário Leal Ferreira - FMLF; do Sistema Integrado de Atendimento Regional - SIGA; da Superintendência de Controle e Ordenamento de Uso do Solo do Município - SUCOM; da Prefeitura Municipal de Salvador; além do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Estas parcerias desenvolvidas ao longo do Projeto são exemplos concretos do quanto Salvador e suas águas mobilizam instituições, pesquisadores, cidadãos, enfim, todos aqueles que se mobilizam e se preocupam com a gestão das águas e com a Cidade do Salvador.

A principal motivação para a realização desse trabalho foi a necessidade de aprofundar a pesquisa sobre a complexa relação entre Salvador e as águas nesse começo de século, tendo em vista a visível degradação da qualidade das suas águas, além da necessidade de produzir conhecimentos capazes de fundamentar a implementação de política democrática das águas. Especificamente, os objetivos desta Pesquisa foram a produção de indicadores sobre a qualidade das águas e sobre o acesso aos serviços públicos de saneamento ambiental, a delimitação das bacias hidrográficas e de drenagem natural e a delimitação dos bairros de Salvador, tendo como referência as noções de identidade e de pertencimento dos seus moradores.

A opção por associar conceitualmente qualidade das águas com os recortes de bacias e bairros tem como motivação estimular a construção ou reconstrução dos laços de identidade e pertencimento em relação ao território e às águas – elemento de fundamental importância na construção de políticas públicas sustentáveis no atual contexto de redemocratização pela qual atravessa o País. A exemplo das demais capitais brasileiras, Salvador precisa instituir práticas, implementar ações e políticas voltadas para a melhoria da qualidade de suas águas – afinal, na Cidade da Bahia, conhecida por suas belezas naturais, as águas trazem saúde e doença, são motivo de aflição mas também purificam o corpo e a alma.

Esse trabalho implicou em um rico exercício de discussão teórica sobre os desafios da complexa relação entre sociedade e natureza, entre identidade, território e águas. Sua principal motivação foi a possibilidade de associação entre saberes e práticas espalhadas na Uni-

versidade, nas instituições governamentais e na cidade, enfim, foi a possibilidade de construção de saberes e conhecimentos que possam contribuir para a melhoria da qualidade do ambiente urbano e fundamentar uma gestão democrática das águas na cidade do Salvador e no estado da Bahia.

Naomar Monteiro de Almeida Filho – Reitor
Universidade Federal da Bahia

Reginaldo Souza Santos – Diretor
Escola de Administração - UFBA

Tânia Fischer – Coordenadora
**Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento
e Gestão Social - CIAGS – EA-UFBA**

Larissa Cayres de Souza – Presidente
Fundação OndAzul

Juliano de Sousa Matos – Secretário
Secretaria do Meio Ambiente do Estado da Bahia – SEMA

Milton de Aragão Bulcão Villas Boas – Presidente
**Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da
Bahia – CONDER**

Abelardo de Oliveira Filho – Diretor Presidente
Empresa Baiana de Águas e Saneamento S. A. – EMBASA

Júlio Cesar de Sá da Rocha – Diretor Geral
Instituto de Gestão das Águas e Clima – INGÁ

Elizabeth Maria Souto Wagner – Diretora Geral
Instituto do Meio Ambiente do Estado da Bahia – IMA

Antônio Eduardo dos Santos de Abreu – Secretário
**Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, Habitação
e Meio Ambiente – SEDHAM / PMS**

Luiz Antunes A. A. Nery – Superintendente
Superintendência do Meio Ambiente – SMA /PMS



As Águas em Salvador

A Cidade do Salvador, entrecortada e circundada pelas águas, com abundância de água em seu subsolo e com elevado índice pluviométrico, está se tornando árida. Os caminhos percorridos pelas suas águas, que recriam parte significativa da sua história, revelam o quão perversa tem sido a relação entre urbanização e natureza. As nossas águas doces desaparecem na relação inversa à intensidade do processo de urbanização.

Poder-se-ia afirmar que esse não é um “privilégio” da Cidade da Bahia, pois, afinal, a degradação ambiental assim como a exclusão social são problemas estruturais comuns às nossas grandes metrópoles. Historicamente, a urbanização brasileira estabeleceu uma relação predatória com os recursos ambientais, sendo a história das nossas cidades uma síntese, contraditória, do cotidiano processo de degradação das águas.

Adicionalmente, Salvador conjuga de forma ímpar degradação ambiental e pobreza urbana, o que torna a qualidade de vida, algo por demais precário. A história dos rios e dos bairros de Salvador é a história da luta *tinhasa*, contra o mato, contra a água e pelo acesso à terra e aos serviços públicos urbanos – é isso que revela a fala dos moradores dessa Cidade. Os resultados desse trabalho de pesquisa de qualidade das águas indicam que, apesar dos esforços em implantação de um sistema de esgotamento sanitário em Salvador e sua região, o comprometimento dos nossos rios ou o que deles restou, resulta do lançamento de águas servidas, ou seja, da incompleta implantação da rede coletora de esgotamento sanitário na Cidade. Durante muito tempo falou-se da grande defasagem no atendimento desse serviço público. Hoje, as estatísticas oficiais são mais generosas, mas nossas fontes e nossos rios continuam poluídos, precisando ser escondidos, e a população continua a conviver com o esgoto. Esses aspectos estão associados às cotidianas práticas de impermeabilização do solo urbano e de destruição do que restou da vegetação – a ocupação do solo, sem a devida regulação, continua a agravar os problemas de exclusão e de risco ambiental.

O fato é que, em tempos de mercantilização de elementos da natureza considerados como direito universal, a exemplo das águas, a noção de escassez passa, cada vez mais, a ser associada a Salvador. A reversão desse quadro implica em decisões de natureza política, em aprofundamento do processo democrático em curso, em conferir uma dimensão propriamente universal, aos interesses difusos e coletivos dos moradores dessa cidade.

A realização deste trabalho demandou a construção de uma ampla estrutura de governança, que contou com a participação e colaboração inquestionável e dedicada das várias instituições governamentais (federal, estadual e municipal) e não-governamentais, envolvidas com a questão das águas em Salvador – foi a adesão incontestante a esse projeto que tornou possível a produção de *O Caminho das Águas em Salvador*. A construção desta rede indica a maturidade das instituições presentes bem como de seus dirigentes e técnicos. Nesse processo, diversas unidades da UFBA somaram esforços para a consecução dos objetivos do presente trabalho. Enfim, a iniciativa da Universidade Federal da Bahia de realizar uma pesquisa sobre a qualidade das águas em Salvador resulta da paixão de muitos dos seus pesquisadores por essa Cidade e pelas suas águas. Sem pretender reeditar o clássico debate sobre os sentidos e significados do conceito de objetividade e a noção de razão que a fundamenta, gostaríamos de ressaltar que apenas o compromisso com a melhoria da qualidade do ambiente urbano e a preocupação em contribuir com o enfrentamento da problemática das águas nesse começo de século, explica o empenho e o envolvimento com esse trabalho.

A Investigação

A elaboração desse trabalho de caracterização da qualidade das águas, dos rios e das fontes, de delimitação de bacias e de bairros, conduziu-nos a vários caminhos. Em linhas gerais, os procedimentos realizados no âmbito dessa pesquisa implicaram no desenvolvimento das seguintes atividades: a. realização de amplo levantamento bibliográfico e pesquisa em fontes secundárias, com especial ênfase nos dados censitários e informações relacionadas com a qualidade das águas e acesso aos serviços públicos de saneamento ambiental, produzidos pela Universidade, Prefeitura Municipal de Salvador, Governo do Estado da Bahia, entidades civis e institutos de pesquisa; b. definição de marco teórico-conceitual sobre a problemática das águas e sua inserção no contexto da problemática ambiental de Salvador – com definição dos conceitos estruturantes de bacia hidrográfica, de drenagem e de bairro; c. estruturação da metodologia de pesquisa de delimitação de bacia hidrográfica e de bairro; d. coleta de amostras de água bruta para a caracterização bacteriológica e físico-química nas bacias hidrográficas e medição da vazão; e. avaliação da qualidade das águas das fontes; f. caracterização das formas de acesso aos serviços públicos de saneamento ambiental por meio de dados censitários e dados da Empresa Baiana de Águas e Saneamento - EMBASA; h. delimitação das bacias hidrográficas, de drenagem natural e dos bairros; e i. realização de levantamento da produção bibliográfica sobre águas nos institutos de pesquisa, faculdades e universidades em Salvador.

A pesquisa de qualidade de águas foi realizada em três campanhas com o objetivo de qualificar as águas em distintos momentos. A primeira Campanha, a Piloto, foi realizada em novembro de 2007 nas bacias hidrográficas dos rios Camarajipe, Cobre, Jaguaribe e Pituaçu. Seu objetivo foi realizar uma caracterização preliminar e, desse modo, produzir referências empíricas capazes de orientar a estruturação do conjunto do trabalho de campo. Foram os seguintes os critérios utilizados para a seleção das bacias piloto: importância do manancial para Salvador e sua região; informações preliminares sobre a qualidade do manancial e desenvolvimento de ações pela EMBASA, SMA e SEMA nas referidas bacias.

A segunda e terceira campanhas contemplaram as 12 bacias dos rios do Seixos (Barra / Centenário), Camarajipe, Cobre, Ipitanga, Jaguaribe, Lucaia, Paraguari, Passa Vaca, Pedras / Pituaçu, Ilha de Maré e Ilha dos Frades, realizadas, respectivamente, em tempo chuvoso, em agosto e setembro de 2008 e tempo seco, em março e abril de 2009. A seleção dos pontos da rede amostral, levou em conta os seguintes critérios: (i) proximidade da nascente e da foz do rio; (ii) equidistância aproximada entre os pontos de coleta a fim de adquirir dados físico-químicos do rio em toda sua extensão; (iii) apreciação dos locais de contribuição dos afluentes no rio principal; (iv) apreciação dos principais afluentes da bacia; (v) apreciação de pontos amostrais à montante e à jusante de espelhos d'água relevantes, a fim de analisar o processo de depuração natural; (vi) adensamento populacional; (vii) apreciação de áreas que sofrerão intervenções de infraestrutura, realizadas pela CONDER, através de programas federais de desenvolvimento urbano, com o intuito de adquirir informações acerca da qualidade das águas antes da referida ação; (viii) facilidade de acesso aos pontos, principalmente, relacionando os mesmos às vias públicas e a áreas onde o rio não se apresenta encapsulado; (ix) facilidade de coleta, levando em consideração a conformação das margens, além de elevados, pontes ou estruturas que atravessem sobre o rio.

Os principais parâmetros analisados foram: Coliformes Termotolerantes, Demanda Bioquímica de Oxigênio-DBO5, Fósforo Total, Nitrogênio Amônio, Nitrogênio Nitrato, Oxigênio Dissolvido-OD, Óleos e Graxas, Sólidos Totais e Turbidez. Além disso, foi calculado o Índice de Qualidade das Águas-IQA e realizado um trabalho de medição da vazão e de cálculo de cargas poluentes com o objetivo de conhecer o caudal dos rios Camarajipe,

Cobre, Ipitanga, Jaguaribe e Pituaçu e a quantidade de poluentes que eles recebem e transportam e que contribui para a sua degradação. As análises físico-químicas e bacteriológicas foram realizadas pelos laboratórios da EMBASA, do SENAI/CETIND e do Departamento de Engenharia Ambiental da UFBA.

O trabalho de *caracterização das fontes* teve como ponto de partida a investigação realizada por pesquisadores da Escola Politécnica, sendo a mesma ampliada às fontes utilizadas pelos terreiros de Candomblé, que dão uso sagrado a suas águas. Os principais parâmetros analisados foram Cor, pH, Cloreto, Demanda Química de Oxigênio-DQO, DBO5, N-Nitrato, OD, Turbidez, Ferro Total, Fósforo Total e Coliformes Termotolerantes.

O trabalho de delimitação de bacias hidrográficas teve como ponto de partida a discussão conceitual de bacias hidrográfica e de drenagem. A principal motivação para o desenvolvimento deste trabalho foi a inexistência de limites institucionalizados das referidas unidades territoriais e a necessidade de fundamentar a atividade de planejamento urbano-ambiental que leve em conta a bacia hidrográfica e a bacia de drenagem como unidade de planejamento e gestão. Acresce-se a isso a necessidade de compatibilizar esse recorte com outras unidades de planejamento, viabilizando desta forma a proposta de construção de unidades ambientais urbanas. Especificamente, as atividades desenvolvidas no processo de delimitação das bacias hidrográfica e de drenagem, consistiram em: a. delimitação automática das bacias utilizando-se de sistemas de informação geográfica, tomando como parâmetro uma das delimitações sugeridas pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Salvador (PDDU, Lei Municipal nº 7.400/2008); b. ratificação destes resultados mediante a comparação com a realidade observada em campo; c. consolidação do resultado final em fórum envolvendo representantes da Universidade (Escolas de Administração e Politécnica, Institutos de Geociências e de Biologia da UFBA), do Poder Público (SEHAM, SMA, SUCOP, EMBASA, INGÁ e IMA) e de profissionais que atuam na área.

Para efeito desse trabalho de delimitação, considera-se como *bacia hidrográfica a unidade territorial delimitada por divisores de água, na qual as águas superficiais originárias de qualquer ponto da área delimitada pelos divisores escoam pela ação da gravidade para as partes mais baixas, originando córregos, riachos e rios, os quais alimentam o rio principal da bacia, que passa, forçosamente, pelos pontos mais baixos dos divisores, e desemboca por um único exutório. Pode-se considerar exceção a esta definição a ocorrência de bacias hidrográficas distintas, que por intervenção de infraestrutura urbana, tiveram seus rios principais interligados próximos à foz e passaram a contar com o mesmo exutório.*

No trabalho de levantamento bibliográfico foram localizadas referências conceituais e empíricas esparsas relativas às áreas cuja drenagem é lançada diretamente no mar que, no caso de Salvador, correspondem às regiões costeiras de topografia suave como a Península de Itapagipe e a faixa compreendida entre a Praia de Jaguaribe até o limite entre este Município e Lauro de Freitas. Ficou estabelecido, que apenas as áreas onde há a presença de cursos d'água serão referidas como bacias hidrográficas (em conformidade com a bibliografia analisada) e as demais – *aquelas em que a captação das águas de chuva ocorre por meio da rede de drenagem pluvial implantada em consonância com o tecido urbano e lançada diretamente no mar – serão consideradas como bacias de drenagem pluvial.*

Por Bacia de Drenagem Natural compreende-se a *região de topografia que não caracteriza uma bacia hidrográfica, podendo ocorrer veios d'água, os quais não convergem para um único exutório.* No caso de Salvador, correspondem às regiões costeiras da Baía de Todos os Santos, como a Península de Itapagipe, o Comércio, a Avenida Contorno e a Vitória; e, da Orla Atlântica, compreendida entre a Praia de Jaguaribe até o limite entre este município e Lauro de Freitas. Portanto, a ausência de cursos d'água perenes foi um dos critérios para a definição das bacias de drenagem natural.

Como resultado do trabalho e de sua discussão o projeto de delimitação final das bacias hidrográficas do município de Salvador conclui instituindo 12 (doze) bacias hidrográficas (Seixos-Barra/Centenário, Camarajipe, Cobre, Ipitanga, Jaguaribe, Lucaia, Ondina, Paraguari, Passa Vaca, Pedras/Pituaçu, Ilha de Maré e Ilha dos

Frades) e 9 (nove) bacias de drenagem natural (Amaralina/Pituba, Armação/Corsário, Comércio, Itapagipe, Plataforma, São Tomé de Paripe, Stella Maris, Vitória/Contorno e Ilha de Bom Jesus dos Passos) no município. Deste modo, devido à descaracterização resultante de intervenções urbanísticas e o pequeno porte, sugere-se que as bacias do Seixos-Barra/Centenário sejam consideradas como uma única bacia hidrográfica. Devido ainda ao pequeno porte e proximidade e ainda para fim de gestão, decidiu-se considerar as bacias de Armação e Corsário como uma única bacia de drenagem natural e a bacia de Placaford, por ser muito pequena, como pertencente à bacia do Jaguaripe (apesar de Placaford ser uma bacia de drenagem natural). Além disso, considera-se os rios Pituaçu e das Pedras como pertencentes a uma única bacia, a bacia do Rio das Pedras/Pituaçu. As coordenadas georreferenciadas dos limites, por serem numerosas, estão disponíveis em meio analógico e digital, no CIAGS/UFBA e nas respectivas bibliotecas dos parceiros desse trabalho e em CD que acompanha esta publicação.

O trabalho de delimitação de bairros constitui-se em um grande desafio. Andamos por toda a Salvador, perguntando às associações de bairro, entidades civis, organizações não governamentais que lidam com comunidade, ao cidadão morador, dentre outros, onde começa e termina o seu bairro. Realizamos 76 reuniões com a comunidade e aplicamos 21.175 questionários de modo a expressar com fidelidade o sentimento de pertencimento e de identidade do morador de Salvador. O primeiro passo da equipe foi criar a metodologia de trabalho que consistiu em definir bairro e localidade, estabelecer um limite preliminar do bairro construído a partir dos diversos recortes de bairros existentes (da Prefeitura Municipal do Salvador, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, dos Correios, da CONDER e da Universidade Federal da Bahia). A partir dessa tentativa de compatibilização dos mapas e da compilação do levantamento das organizações da sociedade civil existentes, foi convocada uma primeira reunião onde os objetivos do projeto de delimitação de bairros foram apresentados às entidades a definir os limites do seu bairro. Em caso de divergência, a área considerada como de conflito era delimitada no mapa e aplicavam-se questionários com os moradores, sendo a principal questão “em que bairro você mora”? Com os resultados dessa pesquisa, fazia-se outra reunião onde os resultados do trabalho eram apresentados e definia-se então, os limites do bairro.

Entretanto, esse trabalho colocou novos desafios para a equipe: várias “localidades” passaram a reivindicar a condição de bairro. Precisou-se então definir com mais precisão o conceito de bairro, localidade, centro de bairro como também os requisitos de bairro que os distinguem. O conceito de bairro nesse trabalho, fruto de uma construção coletiva, reporta-nos a um conjunto de relações socioambientais com as seguintes características: *unidade territorial, com densidade histórica e relativa autonomia no contexto urbano-ambiental, que incorpora as noções de identidade e pertencimento dos moradores que o constituem; que utilizam os mesmos equipamentos e serviços comunitários; que mantêm relações de vizinhança e que reconhecem seus limites pelo mesmo nome.* Assim circunscrito esse conceito articula elementos de natureza objetiva e subjetiva – sendo a expressão das relações instituídas no cotidiano da vida da cidade, como das relações entre sociedade e natureza. Por localidade compreendemos uma porção menor do território, inserida parcial ou totalmente em um bairro, sem centralidade definida e que apresenta características socioeconômicas similares. A localidade possui elementos específicos da estruturação e complexidade urbana, podendo ser um loteamento ou um conjunto habitacional de pequeno ou médio porte que se tornou referência; uma pequena ocupação informal ou uma ocupação ao longo de uma avenida. Além disso, foi utilizado por esse trabalho o conceito de centro de bairro, aqui compreendido como uma área para a qual convergem e se articulam os principais fluxos do bairro ou da região, dotado de variedade de serviços, infraestrutura e acessibilidade.

Além das noções de pertencimento e de identidade definiu-se como critério a existência de unidade de saúde (pública, privada ou comunitária); a existência de unidade de ensino que ofereça a partir da sexta



série do ensino fundamental; a existência de logradouro categorizado pela Prefeitura Municipal do Salvador como via coletora (ou equivalente) e a existência de transporte público regulamentado. Destes critérios, de caráter mais objetivo, fez-se necessária a presença de 3 destes, para a conversão de uma localidade em bairro. De forma paralela foram feitas entrevistas com moradores e representantes de associações de bairro com o objetivo de qualificar a relação do cidadão com o lugar onde mora e com as águas. Foram feitas 158 entrevistas. Buscamos assim recompor a história do bairro e das águas, por meio do registro bibliográfico e, principalmente, das histórias contadas pelos moradores. Foram delimitados 160 bairros sendo os mesmos distribuídos em 12 bacias hidrográficas e 9 bacias de drenagem, além das 3 ilhas e demais ilhotas pertencentes ao Município de Salvador. Na medida das possibilidades, procuramos construir uma geografia ou geopolítica das águas, tentando encontrar no bairro, natureza perdida – transformando as águas em um fio condutor. Não foi incomum perceber que muitos moradores não mais têm o registro das águas doces no seu bairro e que a bacia é um recorte absolutamente desconhecido pelo cidadão. Em verdade, um viajante desavisado quase que não tem mais como mirar-se nos nossos espelhos d’água e, afinal, eles não mais nos refletem. Talvez, um dos nossos maiores desafios seja o reencontro com as águas, recuperar cada pinga, nem que para isso seja preciso dar nó em pinga d’água.

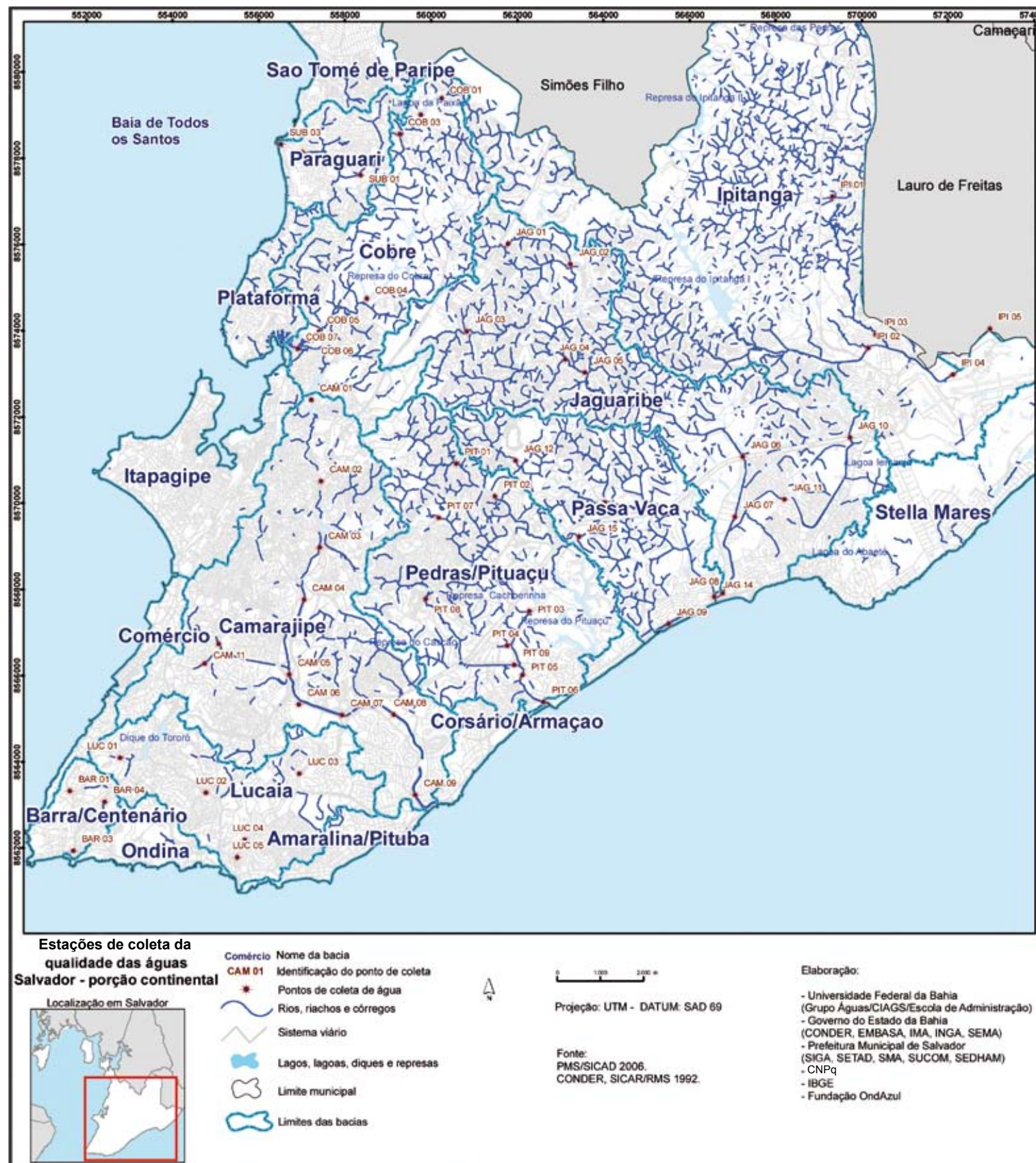
Os dados populacionais apresentados ao longo desse trabalho são do Censo Demográfico de 2000. É preciso ressaltar que os números apresentados para os bairros e bacias são aproximados, uma vez que os setores censitários não correspondem estritamente aos limites, tanto dos bairros como das bacias hidrográficas. Isso significa, por exemplo, que a totalidade da população da bacia não corresponde à totalidade da população dos bairros que a compõe. A compatibilização entre bairros e setores censitários é um trabalho a ser desenvolvido pelo IBGE com base nos resultados dessa pesquisa. Ao longo desse trabalho são feitas referências ao “miolo” de Salvador. Esse termo se refere ao território circunscrito pela BR-324 e pela Av. Luís Viana Filho (Paralela). As fotografias que ilustram esse trabalho, de vários autores e, particularmente as fotos antigas, resultado de pesquisa na Fundação Gregório de Matos, nem sempre têm o registro da data.

É preciso ressaltar que a relação entre bacia e bairro, aqui estabelecida, tem o claro objetivo de estimular a reconstrução dos laços de pertencimento entre o cidadão, o território e suas águas – noção que se encontra materializada em relação ao bairro, mas que se perdeu em relação às águas. Foram três os critérios de inserção de um bairro em uma determinada bacia: a. que as águas do território circunscrito no bairro confluem para a bacia hidrográfica ou de drenagem; b. que mais da metade do território do bairro esteja contido na bacia; c. que a nascente do corpo d’água de uma determinada bacia esteja no bairro. Além disso, foi feito um trabalho de pesquisa bibliográfica com o objetivo de sistematizar e disponibilizar os trabalhos produzidos pelos institutos de pesquisa, faculdades e universidades sobre as águas.

Gostaríamos de ressaltar que o produto ora apresentado é da construção do Fórum das Águas, envolvendo a Universidade Federal da Bahia, a Prefeitura Municipal do Salvador, o Governo do Estado da Bahia e entidades da sociedade civil. Foram realizados ainda encontros com especialistas como os Professores Titulares Drs. Marcos Von Sperling da Universidade Federal de Minas Gerais e Jose Esteban Castro da New Castle University-United Kingdom, para discutir questões teóricas e conceituais estruturantes desse trabalho de pesquisa.



Bacias e Bairros



Bacia Hidrográfica do Rio dos Seixos (Barra/Centenário)

Localizada no extremo Sul da Cidade do Salvador, a Bacia da Barra / Centenário possui uma área de 3,21km², o que corresponde 1,14% do território municipal de Salvador. Encontra-se limitada ao Norte pela Bacia de Lucaia, a Leste pela Bacia de Ondina e ao Sul pela Baía de Todos os Santos. Com uma população de 60.826 habitantes, que corresponde a 2,49% dos moradores de Salvador, densidade populacional de 18.950,26hab./km² é a segunda bacia mais densa do município. Possui 19.139 domicílios, que corresponde a 2,9% dos domicílios de Salvador (IBGE, 2000).

Na área delimitada por essa bacia estão os bairros do Canela, Barra e Graça, bairros antigos e tradicionais da cidade, habitados por uma população situada predominantemente nas maiores faixas de renda mensal. Nessa bacia, 26,76% dos chefes de família recebem mais de 20 SM (salário mínimo), 20,56% estão na faixa de mais de 5 a 10 SM e 10,16% recebem até 1 SM. Esses dados se refletem nos dados de escolaridades quais sejam: 45,63% possuem mais de 15 anos de estudo, 32,48% possuem de 11 a 14 anos e 1,59% não apresentam nenhum ano de instrução (IBGE, 2000). O bairro da Barra tem uma grande importância histórica, pois além de ter sido o local de chegada dos portugueses, abriga uma série de prédios e monumentos históricos.

Essa bacia segue uma morfologia e modelado espacial sinuoso, bem peculiar, com formação de pequenas colinas e outeiros, permitindo seu entremeamento por vales e grotões. Ao longo de quase quinhentos anos de ocupação, o solo urbano, cada vez mais alterado pelas ações antrópicas, continua recebendo as cargas drenantes e pluviais.

O principal rio que modela a Bacia Barra / Centenário é o Rio dos Seixos, cujo nome significa "pedras roladas". A área drenante desse rio tinha grande valor cênico, atributos visuais e beleza paisagística. Suas nascentes estão no Vale do Canela (antigo grotão com barramento no platô do Campo Grande) e na Fonte Nossa Senhora da Graça (construída, segundo a lenda, em 1500 por Caramuru, para a índia Catarina Paraguaçu nela banhar-se), próxima à ligação viária com a Barra Avenida. Em seguida, o Rio segue em direção à Av. Centenário.

Esse rio foi importante como defesa natural para as primeiras

ocupações que ocorreram em Salvador. O sítio da aldeia onde viveu Caramuru, na região do Porto da Barra, tinha a depressão embrejada dos Seixos como defesa natural. Também serviu de proteção para o donatário Francisco Coutinho, que construiu mais de 100 casas protegidas de um lado pelo mar e do outro pelo Rio dos Seixos e seus brejos e charcos.

O Rio dos Seixos é um rio de pequeno porte, de baixa vazão, muito raso, ampliando seu fluxo em períodos chuvosos. Caminha em todo o seu curso por áreas urbanizadas, tendo no trecho inicial do percurso uma estreita canalização retificadora e delimitadora, de alvenaria de pedra, intervias de rolamento, que obedece ao desenvolvimento da geometria da Av. Reitor Miguel Calmon. As marcas da antropização são visíveis, como resíduos sólidos e assoreamento de grande parte do seu leito e crescimento de gramíneas na área em que está canalizado, no referido Vale. A partir do final desta Avenida, nas proximidades da Rua dos Reis Católicos, o rio é coberto, seguindo dessa maneira até a Av. Centenário, onde foi totalmente encapsulado com lajes de concreto armado, em obras de urbanização do governo municipal em 2008, seguindo dessa forma até a foz, nas cercanias do Morro do Cristo, na praia do Farol da Barra.

As poucas áreas permeáveis restantes em toda a bacia, ainda se encontram com médio nível de proteção, tanto no Vale do Canela, em terrenos públicos à meia encosta e, sobretudo nos domínios da UFBA (*campus* do Canela), nas vertentes da Vitória e Canela e nos pequenos bolsões de áreas verdes (arborizadas e gramadas), que fazem linde com a Av. Centenário (parte do bairro da Graça e da localidade do Jardim Apipema). Antes da cinquentenária urbanização, grande parte desse entremeado de vales era uma região alagadiça e embrejada.

No trecho inicial do rio são necessárias novas ações de ajuste para a implementação de mecanismos efetivos para sua requalificação ambiental, a exemplo da identificação e catalogação da vegetação e replantio, recuperação das nascentes, da Fonte Nossa Senhora da Graça (Fonte da Catarina) e das áreas verdes circundantes.

O quadro 01 apresenta as observações do Protocolo de Avaliação Rápida - PAR nas cinco estações estabelecidas para coleta de amostras de água na Bacia do Rio dos Seixos.

Quadro 01. Observações do PAR nas estações de coleta de amostras de água da Bacia do Rio dos Seixos

Parâmetro	BAR 01	BAR 02	BAR 03	BAR 04	BAR 05
Tipo de ocupação das margens	Residencial	Residencial	Residencial, comercial/administrativo	Residencial, comercial/administrativo	Residencial, comercial/administrativo
Estado do leito do rio	Encapsulado parcialmente	Encapsulado totalmente	Encapsulado totalmente	Encapsulado totalmente	Encapsulado totalmente
Mata ciliar	Inexistente	Inexistente	Inexistente	Inexistente	Inexistente
Plantas aquáticas	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente
Odor da água	Forte (de esgoto)	Médio	Leve	Leve	Leve
Oleosidade da água	Ausente	Ausente	"Marcas" em linhas (arco-íris)	"Marcas" em linhas (arco-íris)	"Marcas" em linhas (arco-íris)
Transparência/ coloração da água	Muito escura	Muito escura	Muito escura	Muito escura	Muito escura
Tipo de fundo	Antropizado, com a presença de lixo	Marcas de antropização (entulho)	Antropizado, com a presença de lixo	Antropizado, com a presença de lixo	Antropizado, com a presença de lixo
Fluxo de águas	Lâmina d'água em 75% do leito	Lâmina d'água em 75% do leito	Lâmina d'água em 75% do leito	Lâmina d'água em 75% do leito	Lâmina d'água em 75% do leito

Quadro 02. Coordenadas das estações de coleta de amostras de água da Bacia do Rio dos Seixos – Salvador, 2009

Estação	Coordenada X	Coordenada Y	Referência
BAR 01	551611,1201	8563332,01	Av. Reitor Miguel Calmon, Vale do Canela, em frente ao Ed. Açucena.
BAR 02	552005,0449	8562673,741	Av. Centenário (Chame-Chame)
BAR 03	551685,0346	8561946,184	Av. Centenário (Próximo ao Shopping Barra e da Foz).
BAR 04	552421,3547	8563073,527	Av. Centenário (Próximo ao Hospital Santo Amaro)
BAR 05	552331,9166	8562783,329	Av. Centenário (Próximo ao Posto Shell)

A análise da qualidade das águas na Bacia do Rio dos Seixos foi realizada em 05 (cinco) estações ao longo da Bacia, conforme coordenadas apresentadas no quadro 02 e mostradas na figura 01.

Quanto aos resultados da análise de alguns parâmetros bacteriológicos e físico-químicos dessa Bacia, são apresentados nas figuras 02 a 06 os resultados da campanha do período chuvoso das cinco estações de coleta de amostras de água e da estação BAR01 na campanha do período seco, pois devido ao encapsulamento do Rio foi a única que permitiu coleta de amostra de água.

A poluição e mesmo a contaminação dos rios por esgotos urbanos e drenagem de águas pluviais tem como característica o aporte de elevadas quantidades de microrganismos patogênicos, provavelmente presentes nos esgotos, acarretando impactos ambientais e problemas à saúde pública. Dentre esses organismos, as bactérias do tipo Coliformes Termotolerantes são indicadoras da presença de esgotos sanitários e, conseqüentemente, da possível presença de patógenos nas águas, sendo bastante utilizada em monitorização de qualidade de águas.

As concentrações de Coliformes Termotolerantes obtidas nas duas campanhas, no Rio dos Seixos foram altas, principalmente, comparando os valores estabelecidos pela Resolução CONAMA n. 357/05 para águas doces classe 2, o que indica poluição do rio por esgotos domésticos.

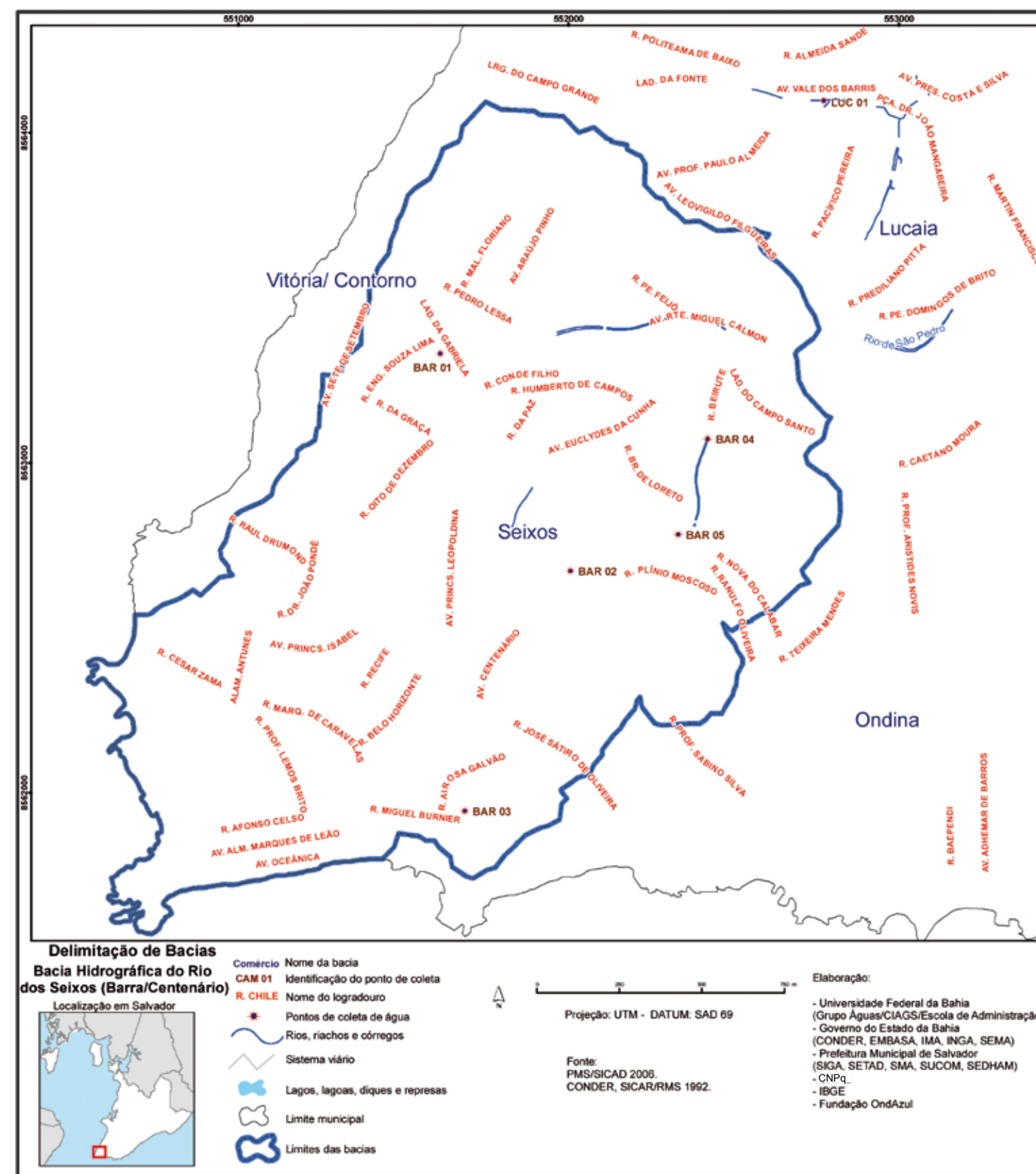


Figura 01. Bacia do Rio dos Seixos e localização das estações de coleta de amostras de água

Ressalta-se que este tipo de bactéria pode ser oriunda de fezes de moradores de rua e de animais de sangue quente, tais como pássaros, cães, gatos, cavalos e outros, carregadas pelas águas pluviais para os corpos d'água superficiais.

Quanto aos Coliformes Termotolerantes e DBO as figuras 02 e 04 mostram que as maiores concentrações aconteceram nas estações BAR02, BAR01 e BAR03.

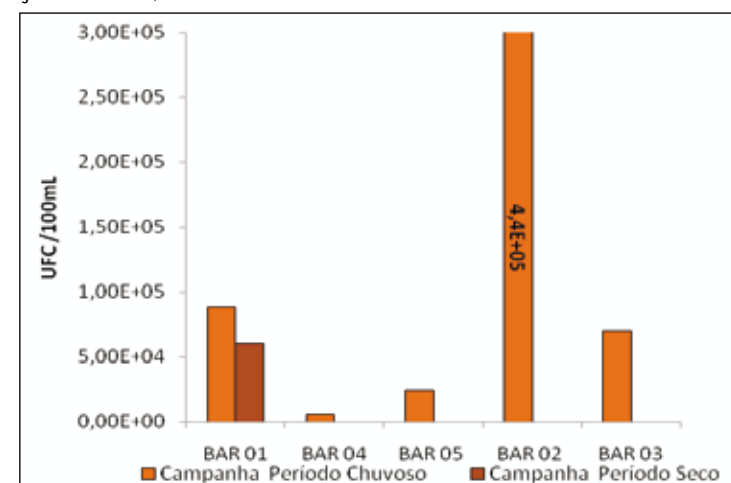


Figura 02. Coliformes Termotolerantes na Bacia do Rio dos Seixos

A figura 03 mostra que o OD apresenta concentração maior que 5,00mg/L, atendendo ao que estabelece a Resolução CONAMA n. 357/05 para águas doces classe 2, no afluente (BAR01) e nas estações BAR02 e BAR03 do Rio dos Seixos e valores menores nas duas estações BAR04 e BAR05, inseridas logo após a coleta de amostras nas três primeiras, em trecho do Rio que recebe contribuição de águas pluviais e esgotos sanitários.

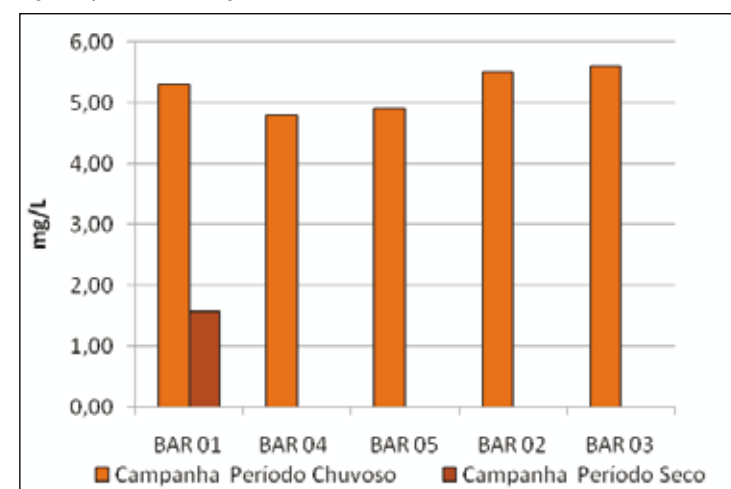


Figura 03. OD na Bacia do Rio dos Seixos

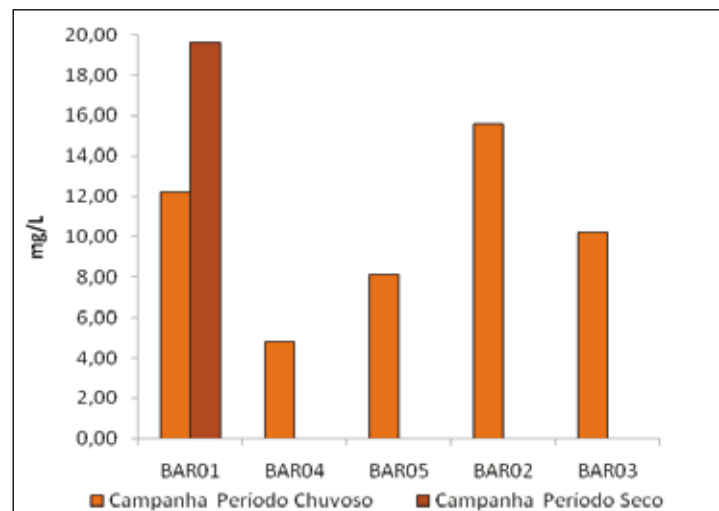


Figura 04. DBO na Bacia do Rio dos Seixos

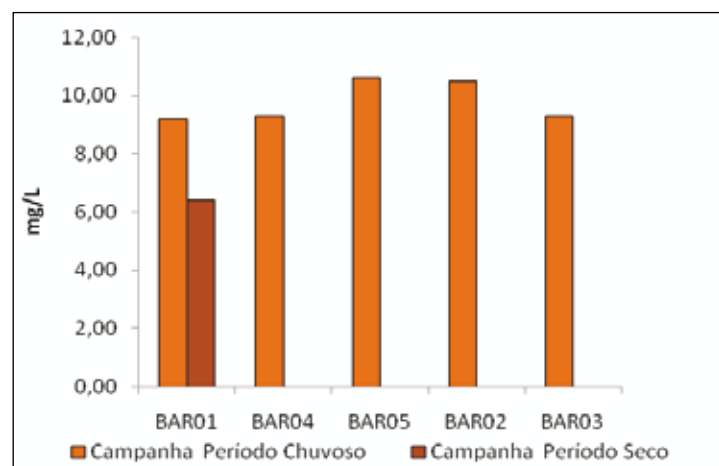


Figura 05. Nitrogênio Total na Bacia do Rio dos Seixos

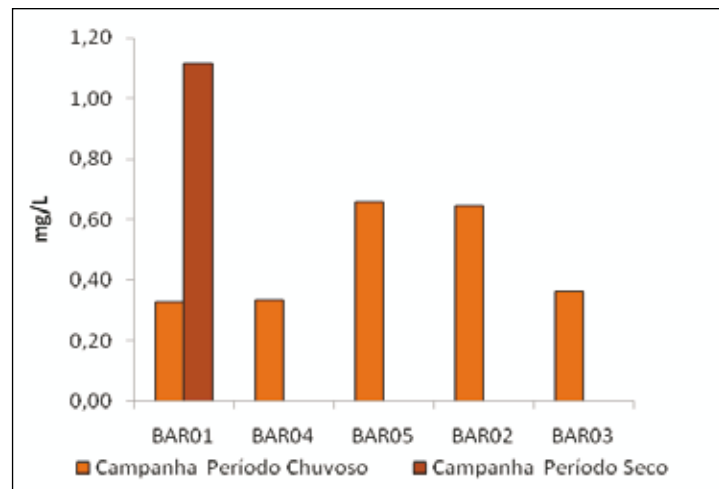


Figura 06. Fósforo Total na Bacia do Rio dos Seixos

A figura 04 apresenta as maiores concentrações de DBOs nas estações BAR01 e BAR02 e de Nitrogênio Total nas estações BAR05 e BAR02. A figura 06 mostra que as mesmas estações apresentaram as maiores concentrações de Fósforo Total na campanha de período chuvoso, enquanto a estação BAR01 apresentou valor ainda maior na campanha de período seco.

O Rio dos Seixos apresentou como fonte principal de poluição os esgotos domésticos apesar de não ter sido observado nenhum lançamento direto no seu curso. Os resultados do período chuvoso são referentes a antes do seu encapsulamento, ocorrido em 2008, no trecho da Av. Centenário, sendo que as obras realizadas geraram poluição, principalmente relacionada a óleos, graxas e entulho.

Do ponto de vista geral, o Rio dos Seixos embora situado numa área com um número elevado de ligações domiciliares à rede pública coletora de esgotamento sanitário, tem como principal fonte poluidora, os esgotos domésticos que ainda afluem para o seu leito principal, atualmente encapsulado. Assim, esse Rio recebe cargas pluviais e resíduos sólidos oriundos de residências, de postos de combustíveis, do Cemitério do Campo Santo, atividades comerciais, laboratoriais e hospitalares, dentre outros.

Os bairros inseridos nessa Bacia são atendidos pelo Sistema de Esgotamento Sanitário de Salvador. Existem ligações clandestinas de esgoto sanitário à rede pluvial, em função de dificuldades topográficas, resistência por parte de cidadãos em conectar seus imóveis à rede pública coletora de esgotamento sanitário, ocupação espontânea, com a existência de imóveis sobre galerias e canais de drenagem, em fundos de vale e encostas, gerando dificuldades de implantação da rede coletora de esgotos, além de reformas e ampliações de imóveis sem a devida regularização junto à Prefeitura Municipal.

O Índice de Qualidade das Águas - IQA das estações monitorizadas na Bacia do Rio dos Seixos classificou-se na categoria Ruim nas

estações BAR01, BAR02, BAR03 e BAR 05 e na categoria Regular apenas na estação BAR04 na campanha de período chuvoso. O IQA classificou-se na categoria Ruim para a única estação (BAR01) que foi possível coletar amostra de água na campanha de período seco, como pode ser visto na figura 07.

As águas do Rio dos Seixos são desviadas, em tempo seco, para o Sistema de Esgotamento Sanitário de Salvador, minimizando o comprometimento das condições de balneabilidade das praias da região.

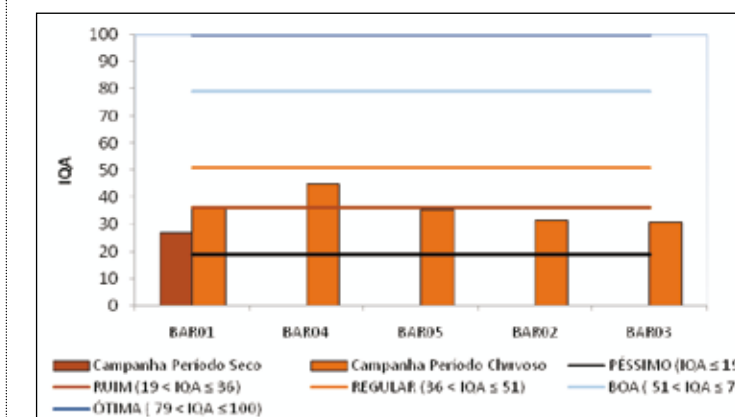


Figura 07. IQA nas estações da Bacia do Rio dos Seixos



Rio dos Seixos em 1536 – Bahia, 1978



Reitoria da UFBA – 2009

● CANELA

O Bairro do **Canela**, até o início do século XX, era formado por chácaras pertencentes à família Pereira de Aguiar. Segundo Silvio Flávio, membro dessa família e morador do bairro, as chácaras se estendiam do **Campo Grande** à **Graça** e foram desapropriadas pelo governo federal, em 1903, com a morte do Marechal Francisco Pereira de Aguiar.

Nessa época, o Canela era formado por elegantes casas e belos solares como o **Solar Bom Gosto**, principal residência da família Aguiar, demolida em 1933, tendo sido edificado em seu lugar o atual **Hospital Universitário Professor Edgar Santos**, inaugurado em 1948. Assim como o referido solar, outras antigas casas, ao longo do tempo, deram lugar a grandes edifícios.

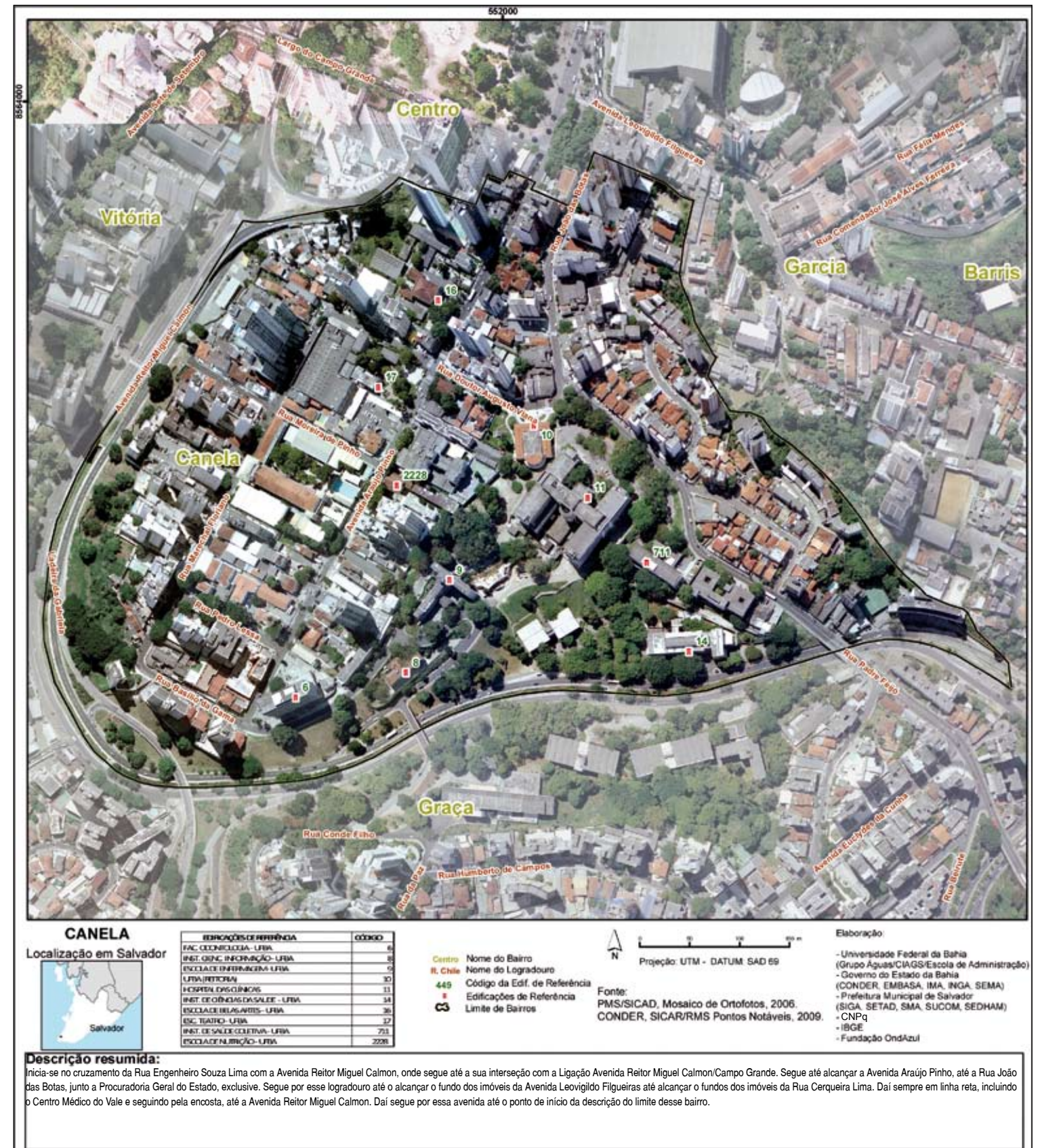
Segundo José Carlos Gazar, representante da **Associação de Moradores e Amigos do Campo Grande, Vitória e Canela**, a história que circula entre os moradores sobre o nome do bairro é a de que, no local, quando ainda era uma enorme fazenda, havia uma árvore que produzia canela, a mesma canela utilizada na canjica, por isso, então, o bairro teria recebido esse nome de batismo.

Hoje, o Canela também se destaca por abrigar serviços na área da

saúde e da educação, a exemplo do **Colégio Estadual Manoel Novais** e algumas unidades da **UFBA** como as **Escolas de Nutrição, de Teatro e Belas Artes**. Uma das mais tradicionais instituições de ensino particular de Salvador, o **Colégio Maristas**, também fez parte do cenário do bairro, até o ano de 2008, quando foi desativado. No **Vale do Canela**, estão localizadas atualmente o Pavilhão de Aulas da **Faculdade de Medicina**, criada em 1808, no Terreiro de Jesus, e as **Escolas de Música** (1954) e **Enfermagem** (1946).

Marcado intensamente pela presença da **Universidade Federal da Bahia**, não é por acaso que este bairro tem sido palco de diversas manifestações estudantis, desde a década de setenta, como as lutas contra a ditadura militar e as manifestações pela democratização do ensino e moralização da vida política. No Vale do Canela, está uma das nascentes do rio dos Seixos, principal rio da bacia Barra-Centenário.

O Canela possui uma população de 5.556 habitantes, o que corresponde a 0,23% da população de Salvador; concentra 0,27% dos domicílios da cidade, estando 29,03% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de mais de 20 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 47,75% dos seus chefes de família têm 15 anos ou mais de estudo.



GRAÇA

A história do bairro da **Graça** precede à fundação da cidade do Salvador em 1549. Segundo registros históricos, a Igreja Nossa Senhora da Graça foi erguida a pedido de Catarina Paraguaçu, constituindo-se em uma das grandes referências do bairro. Conforme o professor Adroaldo Ribeiro Costa, a Graça “[...] foi inicialmente uma sesmaria doada a Caramuru e que se estendia até o litoral, limitando-se pelo lado oeste com a Vila Velha, onde atualmente é o Porto da Barra”.

Flávio de Paula, presidente da **Associação dos Moradores da Graça**, conta que o nome do bairro está associado à história da Igreja Nossa Senhora da Graça, mais precisamente à “graça” recebida por Catarina Paraguaçu, que teve uma visão, em seus sonhos, da santa que mais tarde ficou conhecida como Nossa Senhora da Graça.

Muitas histórias populares povoam o imaginário dos moradores da Graça, como a história do milagre da chuva, por exemplo. No século XVIII, quando Salvador foi assolada por uma forte seca, o governo junto com os moradores realizou uma procissão pedindo a Nossa Senhora da Graça que fizesse chover e, antes mesmo de acabar o cortejo, a chuva já estava caindo.

Neste bairro, existe hoje uma rica convivência entre o moderno e o antigo, o presente e o passado. Segundo Claudia Bacelar, moradora da Graça desde a década de 1970, o bairro mantém a tradição, sem ser ostensivo. “Na Graça você usufrui de tudo que uma grande cidade oferece, sem abrir mão de uma vida tranquila. Aqui, a violência é menor, o trânsito é mais civilizado e as pessoas ainda mantêm uma relação cordial”.

Seu patrimônio histórico, seus casarões e espigões modernos formam um diversificado cenário, em terras, outrora, ocupadas por índios tupinambás. Localizam-se no bairro, o **Solar dos Carvalhos**, construído em 1890, o **Palacete das Artes** (atual Museu Rodin), também datado do século XIX, as **Faculdades de Direito** (1891) e de



Flávio de Paula.
Ao fundo, a Fonte Nossa Senhora da Graça

Igreja Nossa Senhora da Graça – Século XVIII



Rua da Graça

Educação (1968) e a **Escola de Administração** (1959) da UFBA, além da **Fonte de Nossa Senhora da Graça**.

Segundo Flávio de Paula, essa fonte data do século XVI, e já foi denominada de **Fonte das Naus** e **Fonte da Catarina**. Conforme a lenda, Catarina Paraguassu banhava-se nela. No Brasil colônia, a Fonte serviu para abastecer os barcos que aportavam na cidade e para piqueniques de famílias tradicionais. Atualmente, o seu uso mais freqüente é para lavagem de carros. Essa fonte é uma das nascentes do rio Seixos.

A Graça possui uma população de 17.889 habitantes, o que corresponde a 0,73% da população de Salvador; concentra 0,83% dos domicílios da cidade, estando 34,52% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de mais de 20 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 32,48% dos seus chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos e 45,63% tem 15 anos ou mais de estudo.



Fundação Gregório de Matis



GRAÇA

Localização em Salvador

EDIFICAÇÃO DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
FAC. DE DIREITO - UFBA	4
IG. E MONTEIRON SRA. DAS GRACAS	52
CLUBE BAHIANO DE TÊNIS	900
FAC. DE EDUCAÇÃO - UFBA	1289
PALACETE DAS ARTES - RODIN/BAHA	1925
PROMEDICA DAY HOSPITAL	2441

Centro Nome do Bairro
 449 Nome do Logradouro
 449 Código da Edif. de Referência
 CS Edificações de Referência
 CS Limite de Bairros

Projeção: UTM - DATUM: SAD 69

Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006. CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
 - Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIACS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCCOM, SEDHAM)
 - CNPQ
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Descrição resumida:
 Inicia-se no ponto situado na Avenida Sete de Setembro, trecho Ladeira da Barra. Daí em linha reta pelo fundo dos imóveis com frente para a Rua da Graça, até alcançar a Rua Engenheiro Souza Lima, percorrendo este logradouro até a sua interseção com a Avenida Reitor Miguel Calmon. Segue por esta avenida até o cruzamento com a Avenida Centenário. Daí segue até o cruzamento com a Rua Doutor José Serafim. Segue por este logradouro até o cruzamento com a Avenida Princesa Leopoldina. Daí até o cruzamento desta com a Avenida Princesa Isabel, seguindo por esta avenida. Segue pelos fundos de lotes dos imóveis com frente para a Avenida Princesa Isabel até a Rua Oito de Dezembro, percorrendo este logradouro. Segue em linha reta pelo fundo dos imóveis com frente para a Rua Doutor João Ponde. Daí em linha reta até a Travessa General Carmona por onde segue até o cruzamento com a Rua Pedro Milton de Brito. Daí segue em linha reta até a Rua Doutor João Ponde. Deste ponto segue pelo fundo dos imóveis com frente para a Avenida Sete de Setembro, por onde segue até o ponto de início da descrição do limite desse bairro.



Fundação Gregório de Matos

Porto da Barra

BARRA

Quando a América Portuguesa foi dividida em capitâncias hereditárias, Francisco Pereira Coutinho, um nobre português, tornou-se o donatário da capitania da **Baía de Todos os Santos**, desembarcando em 1536 “com a sua gente adiante da Ponta do Padrão”, afirma Edson Carneiro, no atual **Farol da Barra**. Estabelecidos nessa enseada, segundo Carneiro, “deram início à construção de casas para cem moradores, levantaram ‘uma maneira de Igreja’, onde os jesuítas dariam a sua primeira missa, e armaram uma camboa de pesca em frente à povoação” construindo, assim, a **Vila Velha** ou a **Vila do Pereira**.

Dessa forma, foram dados os primeiros passos para a ocupação da capitania da Baía e para a construção do que mais tarde seria o aristocrático bairro da **Barra**. Para proteger a povoação que ora se formava, foi edificado o **Forte de Santo Antonio da Barra**, que teve um papel importante na luta contra as invasões holandesas em 1624, na **Independência da Bahia**, em 1823, e no movimento da **Sabinada**, em 1837.

No **Forte de Santo Antonio da Barra**, que abriga o **Museu Náutico da Bahia**, foi instalado um farol para realizar uma tarefa que vem sendo cumprida até os dias atuais: orientar os navios que entram na **Baía de Todos os Santos**. Além desse patrimônio histórico, existem ainda na Barra duas fortalezas construídas no século XVII: o **Forte de Santa Maria** e o **Forte de São Diogo**, e outros importantes monumentos, como a **Igreja de Santo Antonio da Barra**, o **Cemitério dos Ingleses** e a **Estátua do Cristo**. Credita-se o nome do bairro à existência de uma barra entre a Ilha de Itaparica e o Farol da Barra.

No local onde está localizado o Farol, existia a **Fonte de lemanjá** ou **Fonte da Mãe d’Água**. Sobre essa fonte, a historiadora Gessy Gesse conta que, “em Salvador, a primeira festa em homenagem a lemanjá aconteceu no dorso do Farol da Barra, onde havia a Fonte da Mãe d’Água, no século XVIII”.

A Barra, que foi durante muito tempo moradia de pescadores e área de veraneio, na época em que as famílias mais ricas residiam no Centro, transformou-se, com o passar do tempo, em um bairro residencial. Ao longo dos anos 70, era ponto obrigatório para a juventude que se dirigia à Orla Atlântica de Salvador em busca de diversão. Nas últimas décadas, grandes mansões deram lugar a edifícios de classe média e a estabelecimentos comerciais. A praia do **Porto da Barra** continua sendo um ponto obrigatório para os que não dispõem um bom banho de mar e um belo por do sol.

Neste bairro, mais especificamente na Avenida Centenário, passa o rio dos Seixos, atualmente encapsulado por uma obra de infraestrutura urbana, realizada em 2008. Os seus brejos protegeram tanto a aldeia onde vivia Caramuru, como as primeiras casas edificadas.

Além da marcante presença do carnaval na vida do bairro, nos dias atuais, as chamadas **Festas da Praia**, a festa dos jogadores de peteca, no dia 15 de dezembro, e a festa de fim de ano, no dia 31, costumam mobilizar não só os moradores da Barra, mas os de toda a cidade.

A Barra possui uma população de 20.387 habitantes, o que corresponde a 0,83% da população de Salvador; concentra 1,04% dos domicílios da cidade, estando 25,28% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de mais de 20 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 46,83% dos seus chefes de família têm 15 ou mais anos de estudo.



BARRA

Localização em Salvador

EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CODIGO
CENTRO ESPANHA	29
IGREJA DE SANTO ANTONIO DA BARRA	443
HOSPITAL ESPANHA	444
FAROL DA BARRA	445
FORTE DE SÃO DIOGO	446
SHOPPING BARRA	447
FORTE DE SANTA MARIA	448
HOSPITAL PORTUGUES	449
SANTOS DOZ IMBADES	832
ESTATUA DO CRISTO	919

Centro Nome do Bairro
 R. Chile Nome do Logradouro
 449 Código da Edif. de Referência
 Edificações de Referência
 CS Limite de Bairros

Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
 CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
 - Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIA/GS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - CNPO
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Descrição resumida:
 Inicia-se na linha de costa da Baía de Todos os Santos, localizado junto ao Farol da Barra, inclusive, seguindo até o late Clube da Bahia, inclusive, e excluindo a Vila Brandão. Segue pelos fundos dos imóveis com frente para a Avenida Sete de Setembro, trecho Ladeira da Barra. Dai segue até a Rua da Graça, seguindo até a Rua Pedro Milton de Brito até o ponto de interseção com a Travessa General Carmona, até o seu final. Dai em linha reta pelo fundo dos imóveis com frente para a Rua Doutor João Ponde, seguindo em linha reta até a Rua Otto de Dezembro, até SEQUIBA, por onde segue pelos fundos de lotes dos demais imóveis com frente para a Avenida Princesa Isabel, até o cruzamento desta com a Avenida Princesa Leopoldina. Segue por esta avenida até a interseção com a Rua Doutor José Serafim, seguindo por esta rua até a Avenida Centenário. Dai em linha reta até confluência das Ruas Plínio Moscoso e Comendador Francisco Pedreira. Segue até a confluência com as Ruas Professor Sabino Silva e Rua José Sátiro de Oliveira por onde segue até o cruzamento com a Avenida Oceânica. Dai segue por esta avenida até a linha de costa. Dai segue a linha de costa da Baía de Todos os Santos, ponto de início da descrição do limite desse bairro.

Bacia Hidrográfica de Ondina

Localizada no extremo Sul do Município, a Bacia Hidrográfica de Ondina possui uma área de 3,08km², sendo a menor bacia em extensão, correspondendo a 1% do território de Salvador. Limita-se ao Norte e a Oeste pela Bacia do Lucaia, à Leste pelo Oceano Atlântico e ao Sul pela Bacia Barra/Centenário. Possui uma população de 27.774 habitantes, que corresponde a 1,14% dos habitantes de Salvador, densidade populacional de 9.028,82hab./km² e 8.915 unidades habitacionais, que correspondem a 1,35% dos domicílios soteropolitanos (IBGE, 2000).

Fazem parte da Bacia de Ondina os bairros de Ondina, Calabar e Alto das Pombas, além das localidades de Jardim Apipema, Alto de Ondina e São Lázaro. Essa bacia é ocupada por uma população situada em faixas de renda diferenciadas: 19,59% não possuem rendimento mensal superior a 1 SM; 19,18% estão na faixa de 1 até 3 SM; 18,11% entre 5 e 10 SM; 18,08% recebem entre 10 e 20 SM e 15,82% recebem mais de 20 SM. Os índices de escolaridade de maior expressão dos chefes de família dessa bacia estão distribuídos da seguinte forma: 30,83% possuem de 11 a 14 anos e 31,41% estão acima de 15 anos de estudo (IBGE, 2000).

Até então, a área que corresponde a essa bacia fazia parte da Bacia do Rio dos Seixos (Barra/Centenário). Entretanto, a existência da nascente de um córrego que drena a localidade de Jardim Apipema e o bairro do Calabar, onde foi observado um suave caimento no terreno, justificou a delimitação desta bacia, sendo os limites entre ela e a Bacia do Rio dos Seixos (Barra/Centenário) definidos pela delimitação automática por geoprocessamento (Figura 01).

Foi também localizado um curso d'água completamente degradado no seu escoamento superficial, que corre paralelo à Rua Nova do Calabar, em áreas bastante impermeabilizadas, ao fundo dos lotes lin-

deiros a esta via, cujo sentido de fluxo das águas, indica que as áreas de contribuição para o mesmo, pertencem à Bacia de Ondina.

No bairro de Ondina localiza-se a Residência Oficial do Governo do Estado, próxima a uma Unidade de Conservação – o Parque Zoológico Getúlio Vargas, que possui uma área de 18ha, com remanescentes de floresta ombrófila, pertencente ao bioma Mata Atlântica. O Zoológico de Salvador abriga mais de 120 espécies de animais, sendo 80% naturais do Brasil e 38% de espécies ameaçadas de extinção. Entretanto, a assepsia e a lavagem de jaulas, abrigos e fossos, além de podas, capinas e dejetos de animais (urina e fezes), processam-se com o lançamento e descarte dos resíduos no sistema de drenagem desta unidade de conservação.

Nessa bacia existem pequenos córregos, muitos já encapsulados subterraneamente, outros ainda visíveis, como no *Campus* da UFBA em Ondina. Para esses corpos hídricos e micro-bacias de drenagem são carregados os poluentes dos logradouros (ruas, meio-fios e bocas de lobo), construções, telhados, além dos oriundos do desgaste de peças de veículos, da liberação de fluidos, de emissões gasosas e os provenientes do pavimento asfáltico.

A qualidade das águas dessa bacia não foi obtida, porém pode-se admitir que sofre alterações devido aos materiais e substâncias carregados pela drenagem pluvial, bem como do lançamento de esgotos sanitários de domicílios ainda não ligados à rede coletora do sistema público de esgotamento sanitário ou que não dispõem de solução para o destino adequado dos excretas humanos e das águas servidas.

Essa bacia possui quatro fontes: a do Chega Nego, situada na Orla Atlântica, em Ondina, a do Zoológico, a do Chapéu de Couro, na entrada do Zoológico e a do Instituto de Biologia da UFBA.

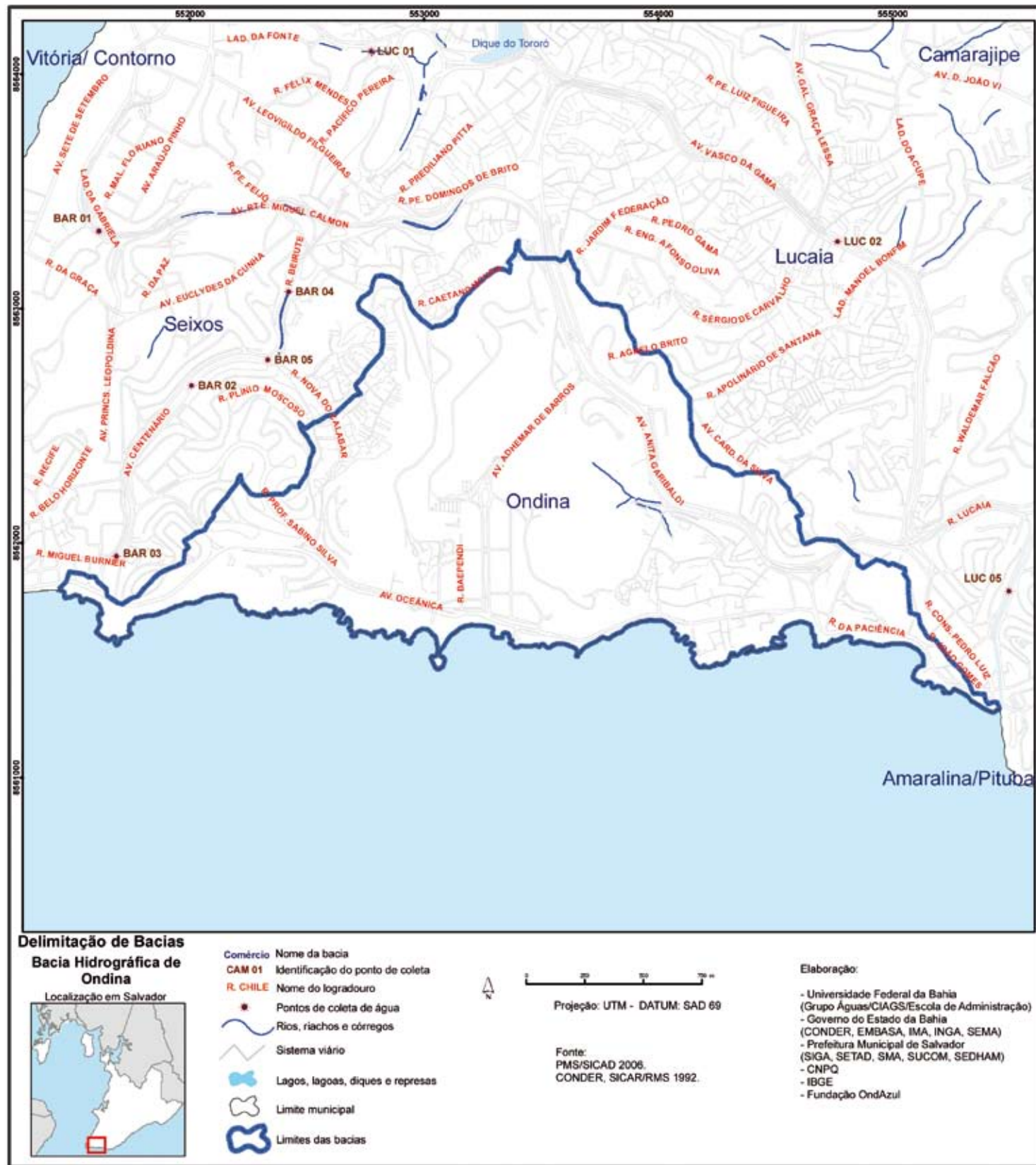


Figura 01. Bacia Hidrográfica de Ondina



Bacia Hidrográfica de Ondina

ALTO DAS POMBAS

Zildete dos Santos Pereira, presidente do **Grupo de Mulheres do Alto das Pombas**, afirma que onde hoje é o bairro **Alto das Pombas**, foi a **Fazenda São Gonçalo**. Ela conta que por causa das matas, das árvores frutíferas e por localizar-se no alto, este lugar atraía um grande número de pombas. Desse modo, com a inauguração do **Cemitério do Campo Santo**, seus funcionários começaram a construir casas nessas terras passando a chamar o local de Alto das Pombas.

Há 70 anos, de acordo com a opinião de Pereira, o bairro passava por um sério problema: “[...] a *Santa Casa da Misericórdia se achava dona do terreno e não tínhamos saída. Tínhamos que passar por dentro do Cemitério do Campo Santo com hora de fechar e abrir. Além disso, não existia calçamento e iluminação*”.

Desde esse tempo que as relações entre a Santa Casa da Misericórdia e os moradores do Alto das Pombas, na opinião de Pereira, é conflituosa. Considerando-se proprietária da região do Alto das Pombas, a Santa Casa passou a cobrar da comunidade uma taxa. Entretanto, segundo Zildete Pereira, a Associação de Moradores do Bairro tem feito pesquisas em cartórios de Salvador e não tem encontrado registro que confirme a propriedade do terreno por parte da referida instituição. Por conta disso, os moradores deixaram de pagar a mensalidade estipulada e, agora, uma questão corre na justiça, envolvendo a Prefeitura Municipal de Salvador e a Santa Casa de Misericórdia.

Anselmo Menezes, funcionário do Cemitério Campo Santo, afirma que a Fazenda São Gonçalo, foi comprada pela Santa Casa ao governo da época, com o objetivo de criar um cemitério e hoje, esta instituição está fazendo um acordo com a Prefeitura para passar os títulos de posse para as pessoas do Alto das Pombas. “*Não sei como está o andamento deste processo agora. Com relação às taxas, sei que a Santa Casa cobra um valor anual às pessoas que estão em seu terreno*”.

O Alto das Pombas é um bairro predominantemente residencial, embora, segundo Pereira, as atividades comerciais atualmente estejam em expansão em sua via principal, a **Rua Teixeira Mendes**.

A presidente do Grupo de Mulheres afirma que não há nenhuma data especial para o bairro, entretanto, “*estamos sempre buscando realizar eventos para os moradores. Nós festejamos o Carnaval e o São João. O Alto das Pombas é muito dinâmico, quando há alguma atividade produzida pelo Grupo de Mulheres no Largo, toda a comunidade aparece*”.

O Grupo de Mulheres do Alto das Pombas surgiu no fim da ditadura militar: “*enfrentamos a polícia e os canhões do exército, contra a carestia, junto aos movimentos sindicais*”. Hoje, o Grupo é parceiro da UFBA e realiza cursos de formação política para mulheres, enfatizando, entre outros temas, cidadania e direitos da mulher. Também fazem atividades de arte, dança, teatro, e canto, na comunidade.

Entre seus principais equipamentos públicos estão a **Unidade de Saúde**, a **Escola Municipal Tertuliano de Góes** e a **Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima**. Neste bairro existiram muitas fontes e riachos, outrora bastante utilizados pela população local, quando não havia água encanada. Conforme Pereira, esses riachos e fontes desapareceram pela necessidade de construir moradias.

O Alto das Pombas possui uma população de 3793 habitantes, o que corresponde a 0,16% da população de Salvador, concentra 0,15% dos domicílios da cidade, estando 25,96% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 0,5 a 1 salário mínimo. No que se refere à escolaridade, constata-se que 34,40% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos.

Alto das Pombas



ALTO DAS POMBAS

Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
USF ALTO DAS POMBAS	641
CONJ. ASSIST. N. SRA. FÁTIMA	1391
ESC. TERTULIANO DE GOÉS	1392

Centro Nome do Bairro
R. CHM Nome do Logradouro
449 Código da Edif. de Referência
CS Edificações de Referência
CS Limite de Bairros

Projeção: UTM - DATUM: SAD 89

Elaboração:
- Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
- CNPQ
- IBGE
- Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se na Rua Caetano Moura, seguindo até a Vila Ramos, até alcançar a Rua Mestre Pastinha. Segue por esse logradouro até o seu final, seguindo pela encosta, até alcançar a Avenida Quatro de Julho. Segue por esse logradouro até a interseção com a Rua Teixeira Mendes. Segue por esse logradouro até seu cruzamento com a Travessa Resedá, por onde segue até a interseção com a Rua Maria Imaculada. Segue por esse logradouro até sua interseção com a Travessa Gardênia e Travessa Jasmin, por onde segue até a 1ª Travessa Coração de Maria, até alcançar a Travessa Nossa Senhora de Fátima. Daí segue por essa travessa até sua interseção com a Travessa Carlos Fraga e Rua Paula Ney, até alcançar a Avenida Carlos Fraga. Segue até alcançar a Rua da Fonte. Segue até a Vila da Fonte, até a Avenida Benício Ramos. Daí segue até o logradouro Alto da Fonte. Segue até alcançar o limite do Cemitério do Campo Santo, exclusive, contornando, até a Rua Teixeira Mendes. Daí segue por este logradouro até o ponto de início da descrição do limite desse bairro.

CALABAR

No final da década de 1960, o bairro do **Calabar** passou por um grande crescimento populacional, em virtude da chegada de famílias inteiras expulsas de localidades de Salvador, bem como da vinda de muitos imigrantes da zona rural. Entretanto, conforme Lindalva Amorim, professora e coordenadora pedagógica da **Associação dos Educadores das Escolas Comunitárias da Bahia (AEEC-Bahia)**, a ocupação desse bairro começou na década de 1950, quando a região ainda era uma grande fazenda.

Ela conta que inicialmente as famílias pagavam ao senhor José Teixeira, na época um ocupante dessas terras, para construírem suas casas. Com o tempo foi aumentando a pressão para que os moradores fossem transferidos para a periferia da cidade. O Calabar está localizado em uma região dotada de infraestrutura e na qual o valor da terra é alto. *“Foi em 1977 que começou o Movimento de Luta e Permanência no Calabar. Fizemos uma grande caminhada no dia 11 de maio até a prefeitura e, após muitas resistências, prisões e espaçamentos, conseguimos sair de lá com um decreto que garantia nossa permanência aqui por cinco anos. Com esse decreto, começamos a fazer a urbanização no bairro”.*

Amorim afirma que encerrado o prazo de cinco anos do decreto, o Calabar já tinha melhoria em infraestrutura como água encanada, luz elétrica e rede de esgoto. A prefeitura indenizou ao senhor José Teixeira e a área onde ele residia foi doada à associação de moradores para construção de equipamentos comunitários. O primeiro deles foi a **Escola Aberta do Calabar**, depois a creche e, em seguida, o **Pavilhão Multiuso**, que concentra biblioteca, padaria, mercearia e salas de aula.



Lindalva Amorim



Foto: Danilo Bandeira

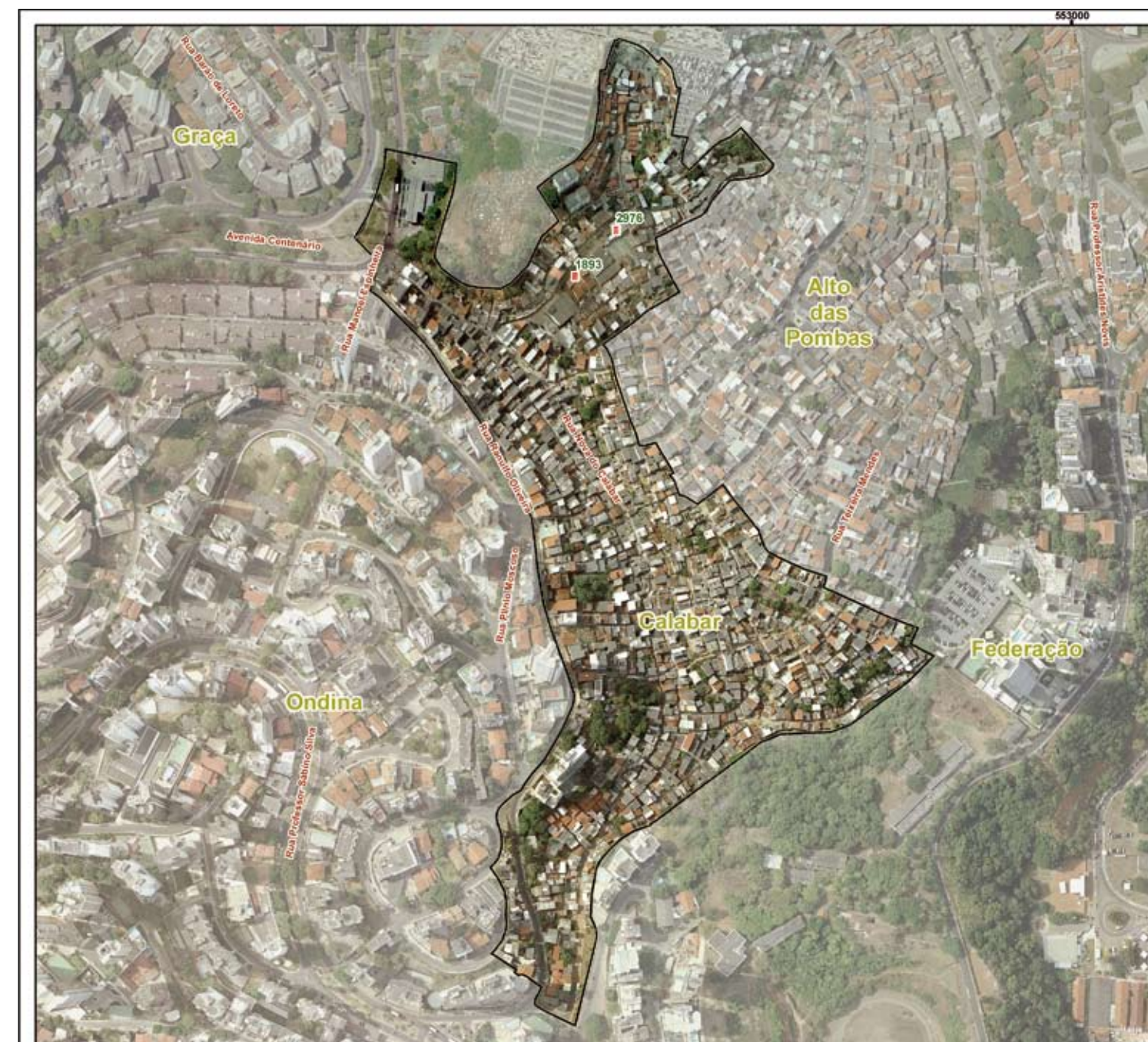
Rua Nova do Calabar

A partir de então, o lema *“a essência do ser é existir, a nossa é persistir no Calabar”*, passou a permear a vida de homens e mulheres, jovens e adultos deste bairro, que hoje lutam contra a especulação imobiliária para não *“sumir do mapa de Salvador”*, como as comunidades da Curva Grande e Mirante.

Segundo o professor Cid Teixeira, o Calabar foi constituído por negros escravizados, trazidos da Nigéria, de uma região chamada Kalabaris. Para a população deste bairro, os dias 11 de maio e 21 de setembro, são datas históricas, respectivamente passeata de resistência e da garantia de direito de moradia no Calabar e a fundação da primeira associação de moradores, a Sociedade Beneficente e Recreativa do Calabar. Nesses momentos, toda a comunidade mobiliza-se.

Atualmente, segundo Lindalva, a comunidade do Calabar desenvolve projetos de educação, cultura, geração de renda, garantia de direitos e cidadania, combate ao trabalho infantil. *“Montamos um espetáculo contando a história do Calabar que percorreu vários estados do Brasil, sempre reverenciando Zumbi. Nossa Escola Aberta do Calabar também ganhou um prêmio da UNESCO, com o melhor projeto de educação do Estado da Bahia e o prêmio de Melhor Alfabetizadora da Década da Rede Manchete de Televisão. Temos ainda um intercâmbio com a Escola de Baden na Suíça, onde os estudantes dessa escola formaram um grupo que se autodenomina Grupo de Amigos do Calabar”.* Neste bairro localiza-se a nascente de um córrego, além de um curso d’água completamente degradado correndo próximo à Rua Nova do Calabar.

O Calabar possui uma população de 2.943 habitantes, o que corresponde a 0,12% da população de Salvador, concentra 0,11% dos domicílios da cidade, estando 30,51% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 0,5 a 1 salário mínimo. No que se refere à escolaridade, constata-se que 30,55% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudo.



CALABAR
Localização em Salvador

Projção: UTM - DATUM: SAD 89

Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006. CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração: Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração) - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA) - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM) - CNPQ - IBGE - Fundação OndAzul

EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
CENT. MUN. EDUC. INF. DO CALABAR	1893
UNID. BÁSICA DE SAÚDE D. IVONE SILVEIRA	2976

Descrição resumida: Inicia-se na Avenida Centenário, junto ao posto de combustível, inclusive. Desse ponto segue até alcançar os limites do Cemitério do Campo Santo, exclusive, até o Alto da Fonte. Segue este logradouro até Avenida Benício Ramos e daí segue este logradouro até a Baixa do Bispo. Daí em linha reta até a interseção da Vila da Fonte com a Rua da Fonte, até sua interseção com a Rua 3 de Setembro, até alcançar a Avenida Carlos Fraga. Segue até alcançar a Travessa Carlos Fraga, por onde segue até a confluência da Travessa Carlos Fraga, Rua Paula Ney e Travessa Nossa Senhora de Fátima. Segue por este último logradouro até a 1ª Travessa Coração de Maria, até alcançar a Travessa Jasmim, por onde segue até a Rua Maria Imaculada. Segue até alcançar a Travessa Resedá. Segue até a interseção com a Rua Teixeira Mendes, até alcançar a Avenida Quatro de Julho. Segue até alcançar o limite do Campus da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia – exclusive – até alcançar o fundo dos imóveis com frente para a Rua Nova do Calabar, até sua confluência com a Rua Ranulfo Oliveira, por onde segue até a Rua Desembargador Ezequiel Pondé, por onde segue até a Rua Martins de Almeida. Segue por este logradouro até o seu cruzamento com a Rua Ranulfo Oliveira. Segue até o seu cruzamento com a Rua Manoel Espinheira, até a sua interseção com a Rua Nova do Calabar. Segue por este logradouro até seu cruzamento com a Avenida Centenário, por onde segue até o ponto de início da descrição do limite desse bairro.



Fundação Gregório de Matos

● ONDINA

“Tranquilo, agradável e sem muita violência”, assim, grande parte dos moradores define o bairro de **Ondina**, onde antigamente existiam as fazendas **Areia Preta e Paciência**. O bairro possui atualmente em suas ruas, um atrativo comércio, que, para José Marcos Lopes, ex-diretor e membro da **Associação de Moradores de Ondina**, é também um dos maiores problemas do bairro, pois “*tende a ser caótico, sob o ponto de vista do tráfego, da conservação das ruas e do barulho*”.

Segundo Roque Silva, integrante do **Conselho de Moradores do Alto de Ondina**, representante da **Liga Desportiva**, a ocupação do bairro iniciou-se na década de 1940, na fazenda Areia Preta, por pessoas situadas nas menores faixa de renda. Com o passar do tempo, o terreno foi loteado, novos moradores foram chegando, até chegar à configuração urbana atual.

Lopes sugere que a origem do nome do bairro vem de onda, on-dinha. “*Há algum tempo atrás, li uma pesquisa feita pelo pessoal da Associação de Moradores, que afirma que Ondina vem de onda. Não existe nada que comprove isso, como também não encontramos outra definição*”.

A localidade **Alto de Ondina** é um espaço peculiar nesse bairro, sendo a resistência para permanecer no bairro sua maior marca. Conforme Roque Silva, este lugar origina-se da área onde hoje é o Bahia Othon Palace Hotel. Quando nesse local só havia morro e pe-

dra, vivia aí a “**Comunidade Ondina**”. Devido à construção da Avenida Oceânica, parte dos moradores foi remanejada para o bairro da Boca do Rio e a outra parte, que tomava conta do Zoológico, foi levada pelo governo do estado para o Alto de Ondina.

Neste bairro uma série de fontes marca o seu cenário, a **Fonte do Chega Nego**, um monumento da década de 1920, utilizado hoje em dia principalmente para lavar os pés e para consumo de água pelos frequentadores da **Praia da Onda** e pelos transeuntes; a **Fonte de Biologia**, um monumento sem uso, a **Fonte Chapéu de Couro**, situada no Alto de Ondina, usada para beber e tomar banho e a **Fonte do Zoológico**, também conhecida como **Fonte dos Desejos**. Esta última localiza-se no Parque **Zoobotânico Getúlio Vargas**, em uma área de proteção ambiental - é comum visitantes lancem moedas para que seus pedidos sejam atendidos.

Na atualidade, o bairro possui como referências, as **Estátuas das Gordinhas**, o **Parque Zoobotânico Getúlio Vargas**, o principal campus da UFBA (antigo **Parque de Exposições Garcia d’Ávila**) diversas escolas particulares, uma praça poliesportiva equipada para pessoas portadoras de necessidades especiais, o **Juizado da Infância e Juventude** e o **Instituto Pestalozzi**.

Ondina possui uma população de 2004 habitantes, o que corresponde a 0,82% da população de Salvador, concentra 0,98% dos domicílios da cidade, estando 23,90% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de mais de 20 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 42,89% dos chefes de família têm 15 anos ou mais de estudos.



Bacia Hidrográfica do Rio Lucaia

Localizada ao Sul da cidade do Salvador, a Bacia do Rio Lucaia (que em latim, significa luminoso, brilhante) possui uma área de 14,74km², o que corresponde 4,77% da superfície territorial de Salvador. Encontra-se limitada ao Norte pela Bacia do Camarajipe, a Leste pela Bacia de Drenagem Amaralina/Pituba, a Oeste pela Bacia de Drenagem Vitória/Contorno e, ao Sul, pela Bacia de Ondina. Com uma população de 267.688 habitantes, que corresponde a 11% da população de Salvador, densidade populacional de 18.154,85hab./km², é a quarta bacia mais populosa do município (IBGE, 2000).

A Bacia do Lucaia tem suas nascentes nas encostas e grotões do lado leste da Av. Joana Angélica, que vertem para o Dique do Tororó, recebendo contribuições do Campo Grande e parte dos bairros do Garcia, Barris, Tororó e Nazaré, passando pelo canteiro central de toda a Av. Vasco da Gama, sendo alimentada pelas redes de drenagem das localidades de Alto do Gantois, Vales da Muriçoca e do Ogunjá, assim como de parte dos bairros do Engenho Velho da Federação, Engenho Velho de Brotas, Acupe e Rio Vermelho, além do riacho que passa na Av. Anita Garibaldi.

O Rio Lucaia, último afluente natural da primitiva foz do Rio Camarajipe, após fazer o traçado acima mencionado, deságua no Largo da Mariquita, no bairro do Rio Vermelho. Fazem parte dessa bacia os bairros de Tororó, Nazaré, Barris, Boa Vista de Brotas, Engenho Velho de Brotas, Federação, Acupe, Engenho Velho da Federação, Rio Vermelho, Chapada do Rio Vermelho, Itaigara, Santa Cruz, Candeal, Nordeste de Amaralina e Vale das Pedrinhas. Trata-se, portanto, de uma bacia ocupada por uma população situada em várias faixas de renda mensal, embora haja uma predominância das rendas mais baixas, ficando os chefes de família concentrados nas seguintes faixas: 26,74% têm rendimento mensal de até 1 SM; 28,02% estão na faixa de mais de 1 até 3 SM; 26,67% estão na faixa de mais de 3 a 10 SM. Quanto aos índices de escolaridade dos chefes de família que residem nessa bacia, os mais significativos foram: 30,19% que possuem de 11 a 14 anos de estudo e 16,96% possuem mais de 15 anos de estudo (IBGE, 2000).

A Bacia do Lucaia é responsável pela drenagem de parte dos esgotos domésticos da cidade de Salvador. Esse rio encontra-se em toda a sua extensão revestido e/ou fechado (encapsulado), totalmente antropizado, com suas águas sempre opacas e muito escuras. O rio apresenta também o leito bastante assoreado comprometendo o fluxo de água.

Na área próxima às nascentes, encontra-se o Dique do Tororó, outrora um lago natural que recebia as águas de pequenos rios e contribuía para originar o rio Lucaia. Alguns historiadores afirmam que o lago original ocupava uma área muito maior, sendo, porém, aterrado em vários trechos. Durante muitos anos, o Dique do Tororó recebeu esgotos sanitários “in natura”, provenientes dos bairros circunvizinhos. A quantidade de matéria orgânica recebida diminuiu o teor de oxigênio de suas águas, contribuindo para que muitas espécies que ali viviam se extinguissem. Atualmente o lago ocupa uma área de 110.000m² e suas margens e seu entorno foram objeto de reforma urbanística e de intervenções de esgotamento sanitário, eliminando todos os pontos de lançamento de esgotos domésticos. O Dique do Tororó é um lugar de culto do candomblé, morada de Oxum, o orixá da água doce. Em 1998 foram construídas 12 estátuas simbolizando orixás no espelho d'água e na terra, pelo escultor Tati Moreno – iniciativa que integra o projeto de desenvolvimento turístico da Bahia. No seu entorno existem áreas para as práticas de cooper, ginástica, remo e pesca, além de restaurantes e quiosques completando o cenário.

Além do dique, existem nessa bacia várias fontes, dentre elas a Fonte do Tororó e a Fonte do Dique do Tororó, ambas no Tororó; a Fonte Davi e a do Terreiro Ilê Oyá Tununjá, em Brotas; a Fonte do Terreiro Mutuiçara e a do Gueto, no Candeal; a Fonte do Terreiro Ilê Axé Oxumaré e a do Terreiro Ilê Axé Iyá Nassô Oká, na Av. Vasco da Gama; a Fonte do Terreiro Ilê Iya Omi Axé, na Federação, entre outras.

Para análise de qualidade das águas, foram selecionadas cinco estações de coleta nessa bacia, sendo que o quadro 01 apresenta as observações efetuadas por meio do PAR.

Quadro 01. Observações do PAR nas estações de coleta de amostra de água da Bacia do Rio Lucaia

Parâmetro	LUC 01	LUC 02	LUC 03	LUC 04	LUC 05
Tipo de ocupação das margens	Residencial	Residencial	Comercial/administrativo	Residencial, comercial/administrativo	Residencial
Estado do leito do rio	Assoreado	Assoreado Revestido parcialmente	Revestido	Revestido	Revestido
Mata ciliar	Dominância de gramíneas	Inexistente	Inexistente	Pavimentado	Pavimentado
Plantas aquáticas	Perifiton abundante e biofilmes	Perifiton abundante e biofilmes	Perifiton abundante e biofilmes	Perifiton abundante e biofilmes	Ausente
Odor da água	Forte (esgotos)	Forte (esgotos)	Forte (esgotos)	Forte (esgotos)	Forte (esgotos)
Oleosidade da água	Ausente	Moderada	“Marcas” em linhas (arcos íris)	“Marcas” em linhas (arco íris)	Ausente
Transparência/ coloração da água	Opaca ou colorida	Muito escura	Opaca ou colorida	Turva	Opaca ou colorida
Tipo de fundo	Lixo	Lixo Marcas de antropização (entulho)	Lixo, Lama/Areia Marcas de antropização (entulho)	Marcas de antropização (entulho)	Marcas de antropização (entulho)
Fluxo de águas	Formação de pequenas “ilhas”	Maior parte do substrato exposto	Maior parte do substrato exposto	Formação de pequenas “ilhas”	Fluxo igual em toda a largura

Obs.: Perifiton são organismos que vivem aderidos a vegetais ou a outros substratos suspensos.

Quadro 02. Coordenadas das estações de coleta de amostras de água da Bacia do Rio Lucaia – Salvador, 2009

Estação	Coordenada X	Coordenada Y	Referência
LUC 01	552772,3982	8564099,13	Av. Vale dos Barris, ao lado da PMS/ SEDHAM.
LUC 02	554764,6967	8563287,323	Av. Vasco da Gama, próximo ao viaduto.
LUC 03	556935,3479	8563736,076	Av. Antônio Carlos Magalhães (Brotas), em frente à Comercial Ramos.
LUC 04	555665,0216	8562192,405	Av. Antônio Carlos Magalhães (Rio Vermelho), em frente a EMBASA.
LUC 05	555495,2814	8561795,551	Av. Juracy Magalhães Junior, (Rio Vermelho), em frente à UNIMED.

QUALIDADE DAS ÁGUAS

A análise da qualidade das águas na Bacia do Rio Lucaia foi realizada em 05 (cinco) estações ao longo da Bacia, conforme coordenadas apresentadas no quadro 02 e figura 01.



Figura 01. Bacia do Rio Lucaia com a localização das estações de coleta de amostras de água

A figura 02 apresenta a maior concentração de Coliformes Termotolerantes na estação LUC02 no período chuvoso, com os menores valores nas estações LUC04 e LUC05, provavelmente, em função da captação à montante dos esgotos em tempo seco para o Sistema de Esgotamento Sanitário de Salvador.

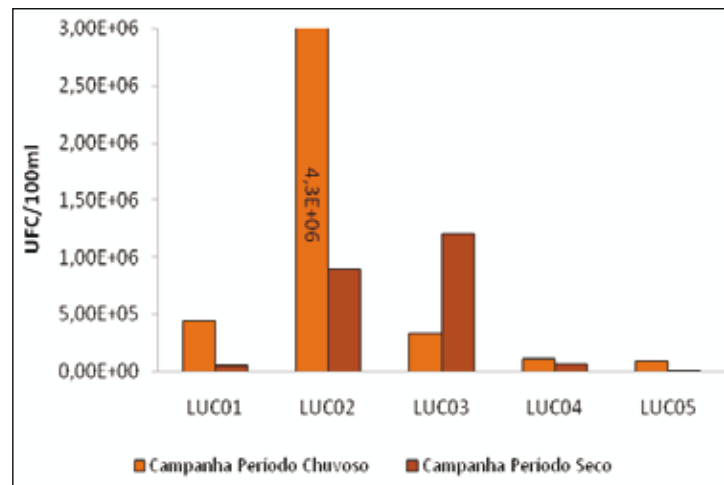


Figura 02. Coliformes Termotolerantes na Bacia do Rio Lucaia

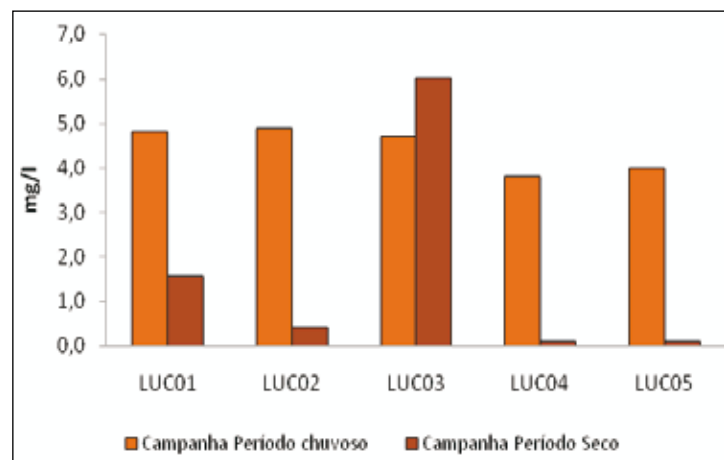


Figura 03. OD na Bacia do Rio Lucaia

As menores concentrações de OD aconteceram nas estações LUC04 e LUC05, no seu trecho terminal, tanto na campanha de período chuvoso como na de período seco quando atingiu valores mínimos e só ultrapassou a concentração estabelecida pela Resolução CONAMA n. 357/05 para águas doces classe 2 apenas na estação LUC03 na campanha de período chuvoso (Figura 03).

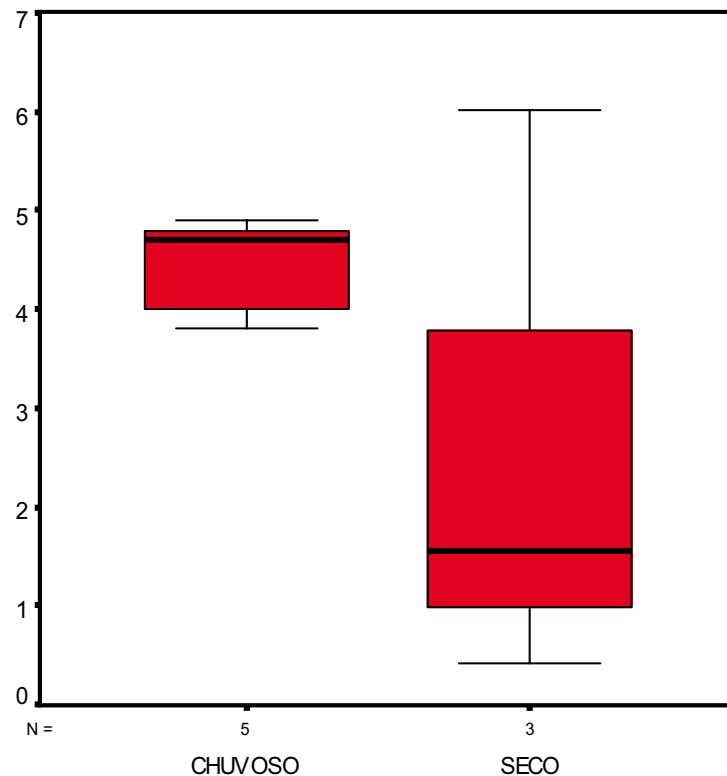


Figura 04. Comparação das Concentrações de OD (mg/L) na Bacia do Rio Lucaia nas 2 Campanhas

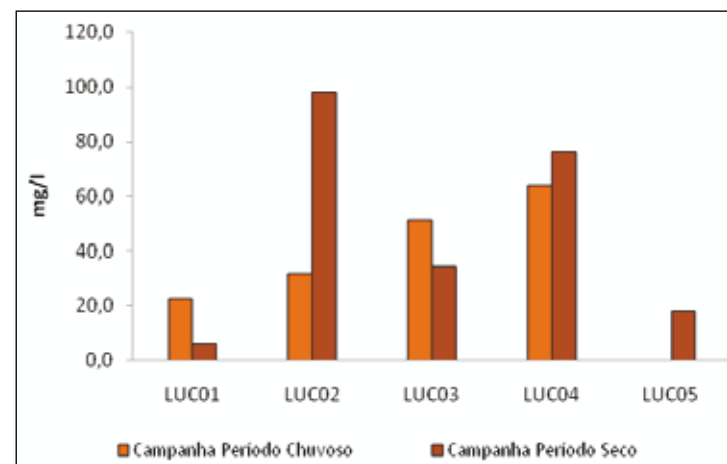


Figura 05. DBO na Bacia do Rio Lucaia

A figura 05 mostra que as estações que apresentaram os maiores teores de DBO foram LUC02, LUC03 e LUC04, devido aos esgotos sanitários recebidos à montante, tanto no período chuvoso como no período seco, e que apenas a estação LUC01, trecho inicial do Rio, no período seco não ultrapassa o valor estabelecido pela Resolução CONAMA n. 357/05 para águas doces classe 2.

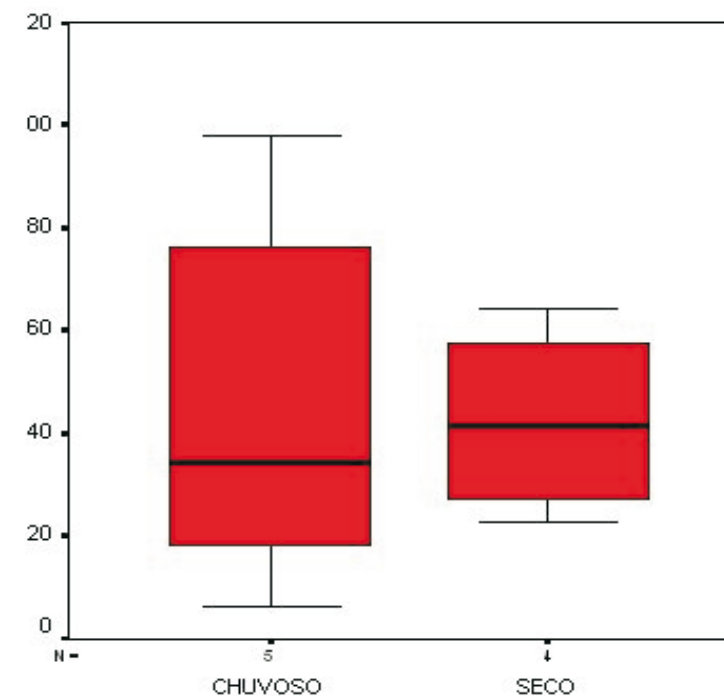


Figura 06. Comparação das Concentrações de DBO (mg/L) na Bacia do Rio Lucaia nas 2 Campanhas

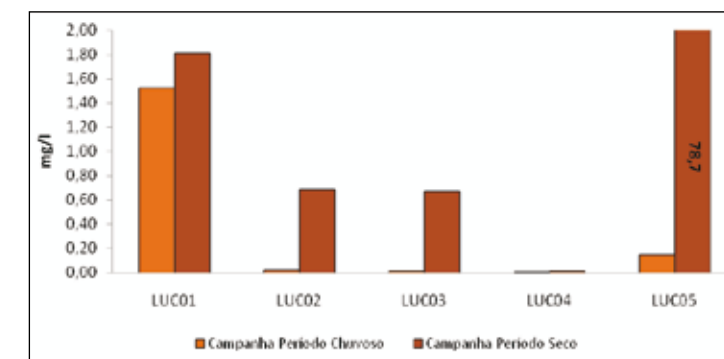


Figura 07. Nitrogênio Total na Bacia do Rio Lucaia

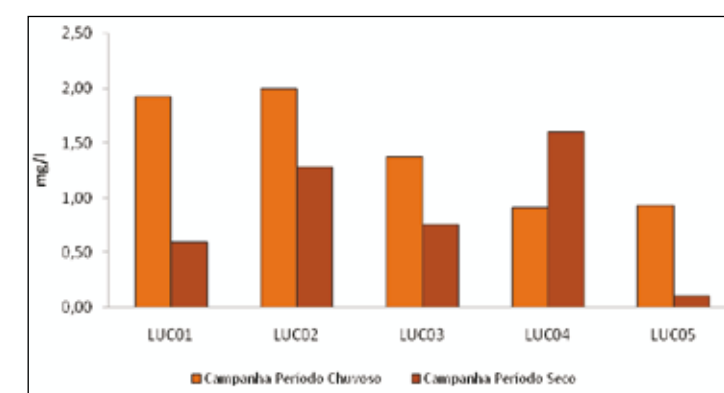


Figura 08. Fósforo Total na Bacia do Rio Lucaia

Quanto à Nitrogênio Total a estação LUC05 apresentou concentração muito elevada na campanha de tempo seco (Figura 07) e quanto a Fósforo Total pode-se observar valores maiores que 0,5mg/l nas estações, tanto no período chuvoso como no período seco, exceto na estação LUC05 na campanha do período seco, com maiores valores no trecho inicial do Rio (LUC01), bem como nas estações LUC02 e LUC03, trecho do leito original do rio Camarajipe paralelo à Av. Antônio Carlos Magalhães na campanha de período chuvoso.

O Índice de Qualidade das Águas - IQA do Rio Lucaia se apresenta na categoria Péssimo nas estações LUC02, LUC04 e LUC05 no Período Seco e nas estações LUC03 e LUC04 no Período Chuvoso, e na categoria Ruim nas demais estações, tanto na campanha de período seco como na de período chuvoso, como mostra a figura 09, configurando-se como um dos rios do município de Salvador com o IQA mais baixo.

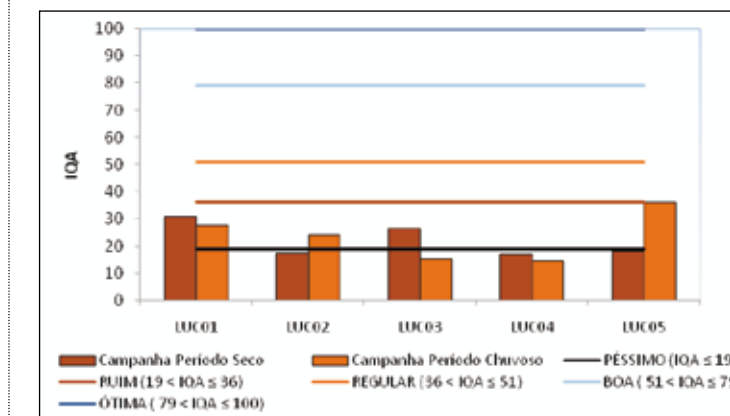


Figura 09. IQA nas estações da Bacia do Rio Lucaia

Os bairros inseridos nessa Bacia são atendidos pelo Sistema de Esgotamento Sanitário de Salvador. Existem ligações clandestinas de esgoto à rede pluvial, em função de dificuldades topográficas, resistência por parte de cidadãos em conectar seus imóveis à rede pública coletora de esgotamento sanitário, ocupação desordenada, com a existência de imóveis sobre galerias e canais de drenagem, em fundos de vale e encostas, gerando dificuldades de implantação da rede coletora de esgoto, além de reformas e ampliações de imóveis sem a devida regularização junto à Prefeitura Municipal.

Visando conhecer a vazão do Rio Lucaia, realizou-se também a medição de descarga líquida em uma estação (LUC05), situada na

Av. Juracy Magalhães Júnior, (Rio Vermelho), em frente à UNIMED. Coordenadas geográficas, Latitude 38° 29' 19,03" e Longitude 13° 00' 46,63", em 19/8/2008 (Tempo Chuvoso), que apresentou como resultado da medição $Q=0,00612\text{m}^3/\text{s}$.

No momento de realização da medição de vazão foi coletada amostra de água para análise de qualidade, o que permitiu o cálculo da carga no Rio, apresentada na tabela 01, para os parâmetros DBO₅, Nitrogênio Total e Fósforo Total.

Tabela 01. Resultados das medições de vazão e das cargas de DBO₅, Nitrogênio Total e Fósforo Total

Estação	Vazão Média L/s	DBO ₅ mg/L	DBO ₅ t/dia
LUC 05	6,12	Excluído	-

continuação

Nitrogênio Total mg/L N	Nitrogênio Total kg/dia	Fósforo Total mg/L P	Fósforo Total kg/dia
6,3	3,33	0,928	0,49

Vale ressaltar que esses valores de carga são indicativos apenas de uma data e somente ilustrativos, considerando-se a necessidade de se analisar resultados qualitativos e quantitativos de uma série histórica, para uma representatividade da realidade da Bacia.



Bacia Hidrográfica do Rio Lucaia

Orientação SICAD / PMS - 2006

TORORÓ

“Eu fui ao Tororó
Beber água e não achei
Encontrei linda morena
Que no Tororó deixei...”

O bairro do **Tororó** tem um nome de origem tupi que, para Mauro Carreira, autor do livro *Bahia de Todos os Nomes*, significa “*rumor de água corrente, rio rumoroso*”. Consuelo Pondé de Sena, presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, afirma tratar-se de um “*vocabulo onomatopaico que refere-se ao barulho produzido pela água*”. Segundo Frederico Edelweiss, este bairro “*tem sua história marcada por uma lagoa natural e secular que chegou a ter seis quilômetros de extensão: o Dique do Tororó*”.

Diz-se que o primeiro grande aterro do Dique foi em 1810, quando foi construída a ligação – chamada de **Galés** – do bairro de **Nazaré** com o bairro de **Brotas**. Segundo Adelmo Costa, presidente do bloco carnavalesco **Apaches do Tororó**, o Dique já foi muito utilizado por lavadeiras e era comum haver barcos como meio de transporte para fazer sua travessia. Em 1998 passou pela última intervenção, que mudou sua feição urbanística.

O Tororó é também conhecido por ter sido um dos símbolos dos antigos carnavais de Salvador. Com o seu próprio calendário de festas, incluindo a **Lavagem da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Tororó** (que acontecia uma semana antes do carnaval). Esse bairro foi o berço dos **Apaches do Tororó**, um famoso bloco de índio do carnaval baiano, fundado em 1967 nas escadarias da Igreja do bairro, por jovens moradores do local, inspirados em filmes americanos, sucessos nos cinemas da época.

Naquele momento, os criadores do bloco entenderam que ha-

Rua Amparo do Tororó



Fundação Gregório de Mattos

Foto: José Carlos Almeida



Dique do Tororó

via a necessidade de “brincar o carnaval” também durante o dia e, como a escola de samba do bairro, **Filhos do Tororó**, saía à noite, o bloco foi criado para sair nas manhãs do domingo de carnaval.

Hoje o Tororó é descrito da seguinte maneira por Adelmo Costa: “*é um bairro bucólico, tipo cidade do interior, um bairro muito bom, é um bairro de centro. Não tem tanta dificuldade, porém não há linha de ônibus – apesar da estação da Lapa ser vizinha, os idosos são bastante prejudicados, pois não têm tanta condição física para andar até a Lapa*”.

Entre os principais equipamentos do Tororó estão o **Hospital Martagão Gesteira**, a **Escola Municipal Amélia Rodrigues**, o **Asilo dos Expostos** e a **Capela da Pupileira**. Nesse bairro existe a **Fonte do Dique do Tororó** que, construída no século XIX, funcionou até a instalação da rede de distribuição de água no início do século XX; e a **Fonte do Tororó**, uma das nascentes que alimenta o Dique, datada do século XIX e tombada pelo IPAC em 1984.

O Tororó possui uma população de 4718 habitantes, o que corresponde a 0,19% da população de Salvador, concentra 0,22% dos domicílios da cidade, estando 25,11% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de mais de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 46,38% dos chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.



TORORÓ
Localização em Salvador

EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
HOSP. MARTAGÃO GESTEIRA	612
ASIL. EXPOSTOS	908
IG. N. S. DA CONCEIÇÃO	2581
ESC. MUN. AMÉLIA RODRIGUES	1823
IG. N. S. DO AMPARO	854
CAP. PUPILEIRA	840

Centro Nome do Bairro
 R. Chile Nome do Logradouro
 449 Código da Edif. de Referência
 * Edificações de Referência
 CS Limite de Bairros

Projeção: UTM - DATUM: SAD 89
 Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006. CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
 - Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDOR, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - CNPO
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Descrição resumida:
Inicia-se no limite da Estação da Lapa. Daí segue pelos fundos de lotes da Rua Marujos do Brasil, cortando a Rua Cruzador Bahia, continuando pelos fundos de lotes da Rua Marujos do Brasil. Daí segue pelos fundos de lotes do Boulevard Pedro Velloso Gordilho até alcançar a Avenida Joana Angélica. Segue pela Avenida Joana Angélica até o limite da Pupileira, inclusive. Daí segue pelos fundos de lotes do Boulevard Suíço próximo ao Hospital Martagão Gesteira. Daí segue até a Avenida Presidente Costa e Silva, margeando o Dique do Tororó até alcançar o estacionamento do Estádio Otávio Mangabeira (Fonte Nova). Daí segue pela Avenida Vasco da Gama, margeando o Dique do Tororó, até seu encontro com a Avenida Centenário. Segue por esta via até a Praça Doutor João Mangabeira, exclusive, contornando até a Avenida Vale do Tororó, por onde segue, margeando a Estação da Lapa, exclusive, até o ponto inicial do limite desse bairro.

● NAZARÉ

O bairro de **Nazaré** desenvolveu-se em torno das freguesias de **São Pedro Velho**, de **Santana do Sacramento** e, mais tarde, da freguesia de **Nossa Senhora de Brotas**. Localizado no centro de Salvador, este bairro tem como “coluna vertebral” a **Avenida Joana Angélica**, sendo o nome do bairro um tributo a **Nossa Senhora de Nazaré**.

Segundo Manoel Pereira Passos, autor do livro “*História do bairro de Nazaré: uma experiência participativa em Salvador*”, a formação do bairro de Nazaré ocorreu como fruto de um processo de ocupação iniciado ainda à época da **Invasão Holandesa na Bahia**, em 1624. Essa ocupação, no entanto, só ocorreu de maneira efetiva a partir do século XVIII, com as construções do **Convento do Desterro**, primeiro do Brasil e, da **Igreja e Convento da Lapa**, em tor-



Avenida Joana Angélica

no dos quais os moradores começaram a se estabelecer. Entretanto, a partir do século XIX, Nazaré começou a delinear-se como um bairro, através da construção de imóveis residenciais.

O Convento da Lapa é um símbolo dos baianos na luta pela liberdade, uma vez que lá, em 1822, foi assassinada pelas tropas portuguesas, a sóror Joana Angélica. Hoje, o Convento abriga um campus da Universidade Católica do Salvador.

Existem duas grandes praças no bairro: o **Largo do Campo da Pólvora**, que em tempos remotos abrigava a **Casa da Pólvora**, local responsável pela armazenagem de arsenais utilizados em batalhas e a **Praça Conselheiro Almeida**, popularmente conhecida como **Largo de Nazaré**. Além disso, localiza-se em Nazaré o **Estádio Octávio Mangabeira**, mais conhecido como Fonte Nova, construído em 1951, em homenagem ao então governador Octávio Mangabeira.

Em Nazaré, muitas das suas ruas, esquinas e construções contam um pouco da história de Salvador. No bairro existem monumentos seculares da arquitetura eclesíastica, como a **Igreja e Convento de Nossa Senhora da Palma**; **Igreja de Santo Antônio da Mouraria**; **Igreja do Santíssimo Sacramento** e **Sant’ana** e uma importante instituição para a vida da cidade – o **Fórum Rui Barbosa**.

Neste bairro, encontra-se também o primeiro colégio público de

Salvador, o **Colégio Estadual da Bahia - Central**, por onde passaram ilustres baianos. O Central imprimiu uma importante marca na história do Movimento Estudantil secundarista – marca que faz-se presente até os dias de hoje em Salvador.

Entre os principais equipamentos do bairro estão o **Hospital Manoel Vitorino**, o **Hospital Santa Isabel**, a **Maternidade Climério de Oliveira**, a **Biblioteca Monteiro Lobato (1950)**, o **Colégio Severino Vieira** e o **Colégio Salesiano**.

Em Nazaré localizam-se a **Fonte do Gravatá**, datada do século XVIII, cujo uso prioritário atual é para beber e a comunidade costuma utilizá-la em período de não abastecimento regular; e a **Fonte das Pedras**, muito utilizada para lavagem de carros, roupas e banhos, pois em caso de falta de água os moradores do seu entorno abastecem-se dela – é citada como uma das mais antigas da cidade.

Este bairro possui uma população de 12.790 habitantes, o que corresponde a 0,52% da população de Salvador, concentra 0,63% dos domicílios da cidade, estando 26,49% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 39,40% dos chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudo.



BARRIS

O bairro dos **Barris**, de casas assobradadas, surgiu no final do século XIX. Duas histórias contam a origem do nome Barris. Para Mauro Carreira, este topônimo está relacionado à existência de uma fonte de água potável, sendo a água transportada em barris, em lombo de animais. A outra versão cita que o nome surgiu no século XIX, quando as casas da região ainda não possuíam rede de esgotos e cada moradia tinha um barril onde eram depositados os dejetos que todas as noites, eram jogados pelos escravos, em uma área conhecida como **Vaza Barris** – daí o nome do bairro.

De roça e horta a centro comercial, educacional e cultural – assim define-se atualmente o bairro dos Barris, que a partir dos anos de 1970 começou a sofrer as transformações que resultaram na presente configuração.

Dentre os equipamentos públicos de destaque do bairro está a **Biblioteca Pública do Estado da Bahia**, mais conhecida como **Biblioteca Central dos Barris**, que desde 1970 constitui-se em grande referência para a Cidade.

O Bairro conta ainda com o **Shopping Piedade** e o **Center Lapa**, construídos respectivamente em 1985 e 1996 e abriga a principal estação de transbordo de Salvador – a **Estação da Lapa**, construída na década de 1980. Essa é uma das áreas mais dinâmicas do centro de Salvador.

A **Delegacia de Proteção ao Idoso**, o **Complexo Policial dos**



Rua General Labatut

Barris, onde concentra-se a Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes, a Delegacia de Homicídios e 1ª Delegacia, a sede do **Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS da Bahia (GAPA)** e a **Associação Baiana de Cegos**, compõem o conjunto de instituições de apoio ao cidadão, também sediadas no bairro. A localização da Associação Baiana de Cegos, no bairro, estimulou a adaptação de algumas das suas ruas, com a implantação de pistas táteis nos passeios públicos.

Dentre as instituições de ensino dos Barris destacam-se o **Instituto Nossa Senhora do Salete**, com mais de 140 anos – uma das primeiras edificações do local e a **Faculdade Visconde de Cairu**, instalada nos Barris desde 1905.

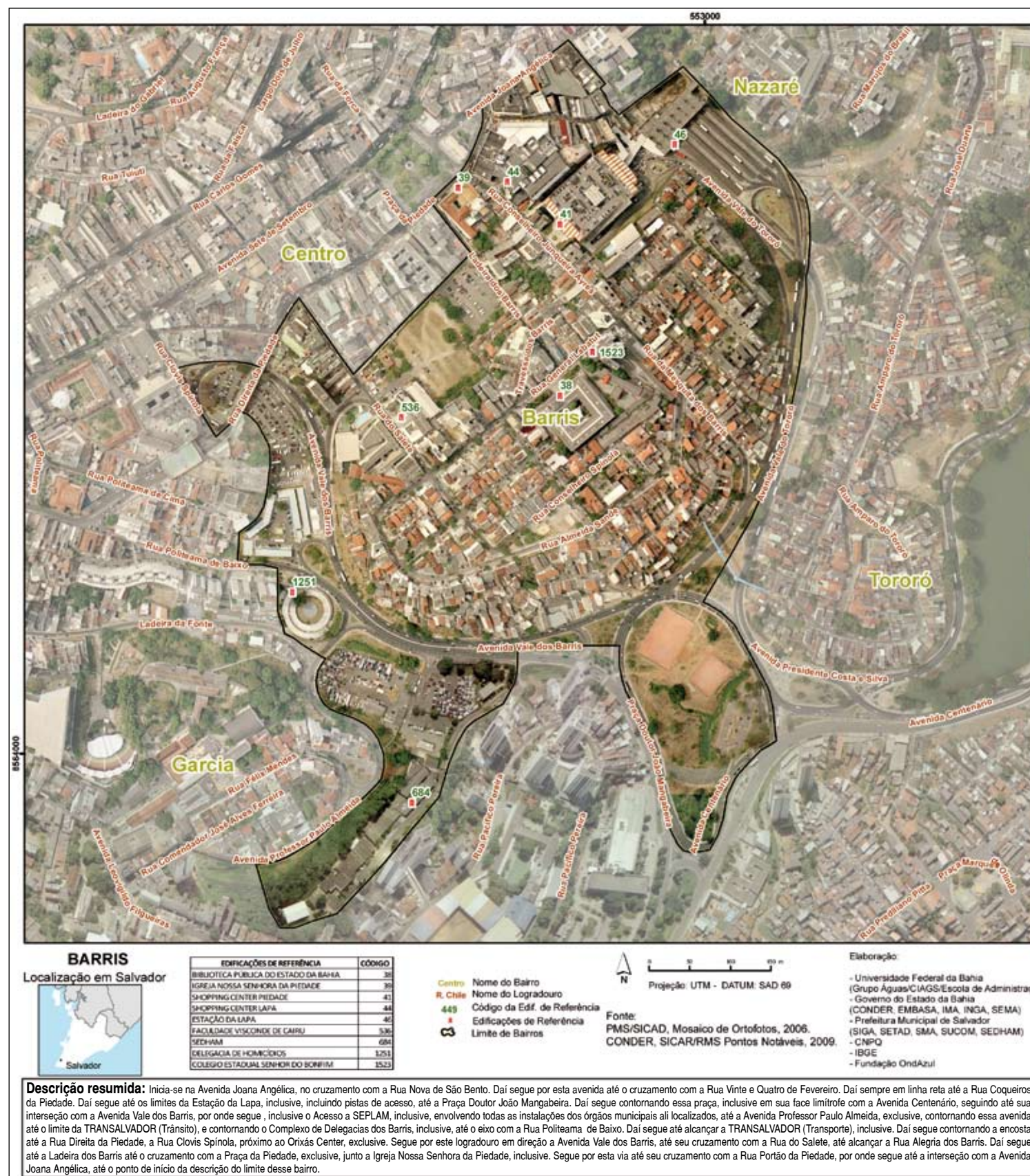
Segundo Edilberto Souza Freitas, vice-presidente da **Associação de Moradores dos Barris** e presidente da **Associação de Moradores do Vale dos Barris**, a festa que hoje mobiliza a comunidade local é a Lavagem do bairro e o **Bloco “As Quengas”**. “Em 2009 foi realizada a IV Lavagem. Já o bloco, saiu sexta e segunda-feira de carnaval, com homens vestidos de mulher e mulheres vestidas de homem”.

Compõe ainda o cenário deste antigo bairro a **Fonte Coqueiro**, construída em 1771, chamada de **Fonte do Caminho Velho** ou **Fonte da Vila Velha**, por situar-se à margem do caminho que conduzia ao núcleo criado por Diogo Álvares Correia. Depois de abandonada, ficou conhecida como **Fonte do Coqueiro da Piedade** e em 1987 foi soterrada para a construção da Estação da Lapa.

O bairro dos Barris possui uma população de 6.969 habitantes, o que corresponde a 0,29% da população de Salvador, concentra 0,35% dos domicílios da cidade, estando 26,65% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 41,16% dos chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.



Edilberto Freitas



● GARCIA

Localizado em uma área central da cidade, o bairro do **Garcia** teve origem na antiga **Fazenda Garcia** cujo dono, Garcia D'Ávila, foi proprietário da **Casa da Torre** – um dos maiores latifúndios das Américas.

Segundo Maria Auxiliadora Gomes Barroso, professora aposentada e ex-diretora da **Associação de Moradores e Amigos do Garcia**, depois de pertencerem a Garcia D'Ávila essas terras passaram às “mãos” da família Martins Catharino. Assim, somente em 1960, as antigas terras de Garcia D'Ávila foram convertidas no bairro da Fazenda Garcia.

Atualmente, o bairro tem entre os seus grandes equipamentos urbanos, o **Teatro Castro Alves** e três dos mais tradicionais colégios de Salvador - o **Colégio Antônio Vieira**, o **Colégio do Santíssimo Sacramento (Sacramentinas)** e o **Colégio Dois de Julho**, onde, no século XIX, ficava a sede da fazenda.

Uma tradição no Garcia é o carnaval e a marca desta festa no bairro é o **Bloco Mudança do Garcia** cuja principal característica é a sua irreverência e crítica política. Segundo Auxiliadora Barroso, o



Maria Auxiliadora e Noélia Barroso

Mudança do Garcia foi criado em 1946 por um grupo de músicos da Polícia Militar, sendo que na época da criação chamava-se “**Faxina do Garcia**”, porque as alegorias que utilizavam faziam referências à higiene. O nome “Mudança do Garcia” veio em 1960, por sugestão do prefeito Heitor Dias, devido às mudanças feitas no bairro visando a melhoria de sua infraestrutura.

Para Noélia Barroso, proprietária de um famoso restaurante do bairro, a culinária no Garcia também é um traço marcante na história do local. Os moradores – que ela define como fiéis, solidários e leais aos seus amigos e por isso não se imagina vivendo em outro lugar – têm uma relação muito forte com o tipo de comida que o seu restaurante oferece: bastante condimentada!

O **Beco dos Artistas** também é uma forte marca deste bairro. No local, nas décadas de 1970 e 1980, havia uma intensa concentração de artistas e estudantes, que fizeram do Beco um símbolo de protesto e resistência contra a Ditadura Militar.

O Garcia possui uma população de 12.653 habitantes, o que corresponde a 0,52% da população de Salvador, concentra 0,56% dos domicílios da cidade, estando 17,28% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 34,92% dos chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.



COINF / SEDHAM / PMS, 2006





Foto: Elba Veiga

Solar Boa Vista

BOA VISTA DE BROTAS

O nome de **Boa Vista de Brotas** tem origem em uma antiga fazenda existente na área – Fazenda da Boa Vista, de propriedade de Machado da Boa Vista.

O **Solar Boa Vista**, um casarão colonial tombado, que desde a década de noventa abriga a **Secretaria Municipal de Educação, Esporte, Lazer e Cultura**, pertenceu no século XIX à família do poeta Castro Alves, o qual até os 11 anos de idade aí residiu. Da torre deste casarão, era possível avistar as águas da Baía de Todos os Santos, inclusive a chegada dos Navios Negreiros. Em um desses momentos, o poeta Castro Alves escreveu o poema **Navio Negroiro**.

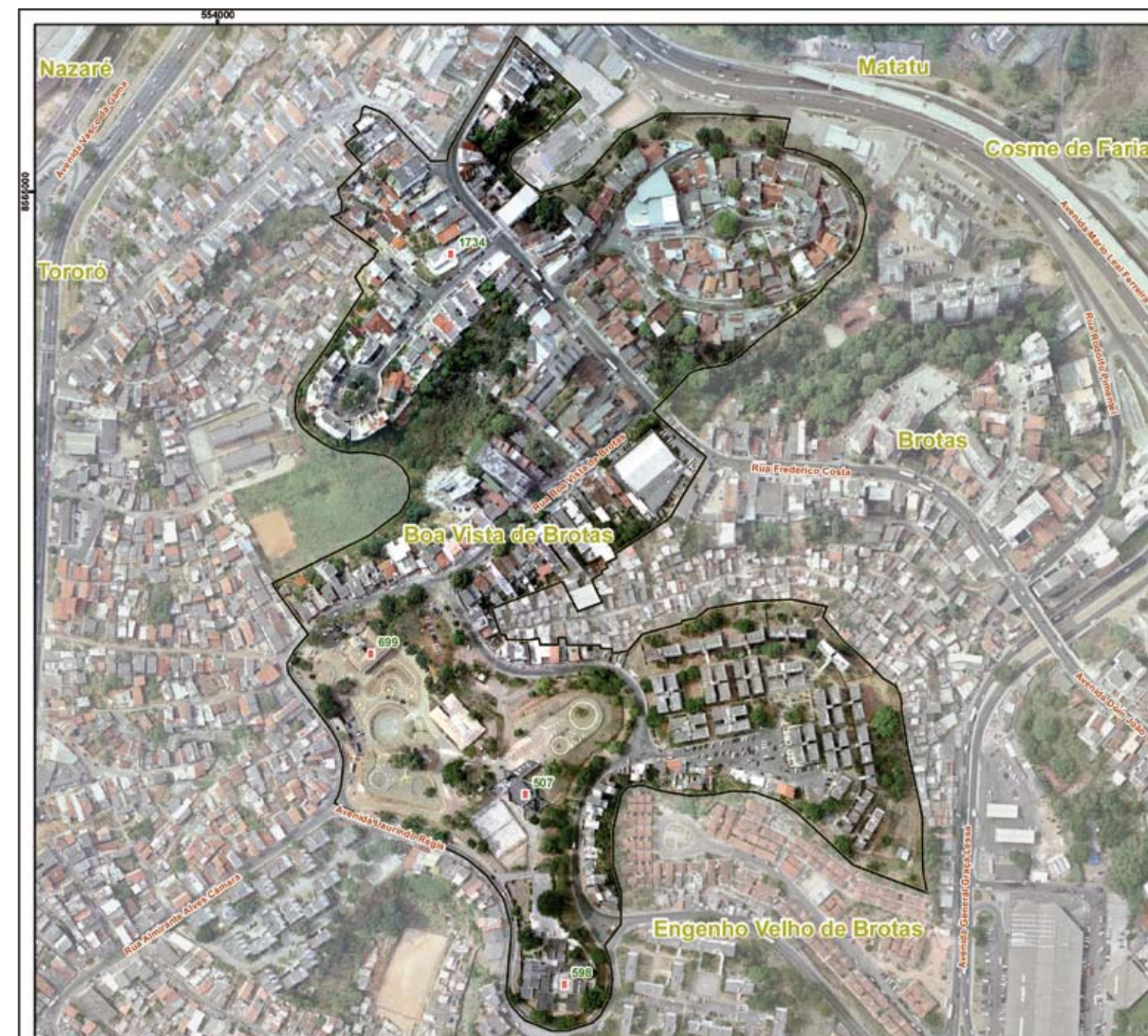
Já no século XX, funcionou no Solar, durante décadas, o **Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira**. No período de 1983 a 1985 foi sede da Prefeitura Municipal de Salvador. Nesta administração, foi criado o **Parque Solar Boa Vista**, que abriga um Cine-Teatro com o mesmo nome, onde são realizados shows musicais, peças teatrais, palestras e diversos cursos e oficinas para a comunidade, como capoeira, canto, dança, corte e costura e artesanato. O Parque possui diversas árvores centenárias de espécies diversificadas, um anfite-

atro e duas quadras poliesportivas e os prédios do Centro de Saúde Mental Professor Aristides Novis, entre outros equipamentos.

Atualmente, o Teatro Solar Boa Vista vem se transformando em referência da cultura popular de Salvador, sendo um dos Pontos de Cultura do Ministério da Cultura.

Segundo André Luis Gaspar da Silva, morador há 15 anos do bairro, Boa Vista de Brotas é um local bom de morar por ser próximo do Centro e ter muitos serviços, tanto no próprio bairro, como nas imediações. Entretanto, ele reclama de problemas relativos à infraestrutura urbana, como deficiências nos calçamentos, falta de arborização e falta de manutenção da área do Parque Solar Boa Vista. Outras questões por ele mencionadas referem-se aos frequentes engarrafamentos, muitas vezes provocados pelo crescimento da atividade comercial – o bairro tem perdido progressivamente seu caráter residencial.

Boa Vista de Brotas possui uma população de 3.317 habitantes, o que corresponde a 0,14% da população de Salvador; concentra 0,15% dos domicílios da cidade, estando 18,9% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 33,44% dos seus chefes de família têm entre 11 a 14 anos de estudo.



BOA VISTA DE BROTAS
Localização em Salvador

EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
CIN. TEATRO SOLAR BOA VISTA	507
CS MENTAL ARISTIDES NOVIS	598
SMEC (BROTAS)	699
ESC. VISC. DE CAIRU	1734

Centro Nome do Bairro
 R. C/le Nome do Logradouro
 449 Código da Edif. de Referência
 CS Edificações de Referência
 CS Limite de Bairros

Fonte:
 PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
 CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
 - Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - CNPO
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Projeção: UTM - DATUM SAD 69

Descrição resumida:
 Inicia-se no cruzamento entre Avenida Laurindo Régis e a Rua Almirante Alves Câmara, por onde segue até o cruzamento com a Travessa do Trovador, por onde segue pela encosta, até alcançar a o fundo dos lotes com frente para a Rua Monte Belo de Baixo, por onde segue até a Rua Jornalista Archimedes Gonzaga. Segue nesta via até alcançar o fundo dos lotes com frente para a Ladeira do Pepino, por onde segue até alcançar a Rua Frederico Costa, por onde segue até a Avenida Barletta, por onde segue contornando o muro da CODESAL, exclusive, por onde segue pela encosta até a Rua Medeiros Neto. Segue até alcançar a Rua Frederico Costa, por onde segue até a 2ª Travessa Paraíso, por onde segue contornando o fundo dos lotes com frente para a 1ª Travessa Paraíso e para a Vila Paraíso. Segue pelo fundo dos lotes com frente para a Avenida Laurindo Régis, de onde segue contornando o Condomínio João Batista Caribe, inclusive, e a Comunidade Yolanda Pires, exclusive, até a Rua Professor Aloisio de Carvalho Filho. Deste ponto segue em direção a Avenida Laurindo Régis, por onde segue até o ponto de início da descrição deste bairro.

● ENGENHO VELHO DE BROTAS

O local que em tempos coloniais fora um engenho de cana-de-açúcar, hoje é considerado por Ivo Jorge Marques Vieira, presidente do **Conselho de Entidades do Engenho Velho de Brotas**, “o bairro da música, da dança e das artes, onde existe uma população negra muito forte e peculiar em seu estilo de viver. Um bairro gostoso de morar”.

Segundo Ivo Vieira, o bairro do **Engenho Velho de Brotas** teve origem na construção de casas de escravos em volta de uma fazenda no século XIX. Com o tempo, outras famílias foram chegando e o espaço foi ficando cada vez mais ocupado, principalmente pela população negra. Ainda hoje existem remanescentes quilombolas no local e muitos terreiros de candomblé. Todavia, as ocupações que delinearam as ruas assimétricas e o terreno irregular do bairro ocorreram apenas em meados do século XX.

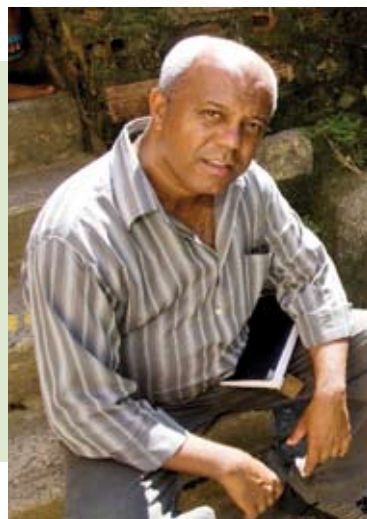
Sobre o nome do bairro, Vieira conta: “como aqui foi um engenho, quando as pessoas queriam se deslocar para outra parte da cidade – o Centro – falavam ‘vamos por aqui, a gente cruza o engenho velho’. E como antes pertencia ao bairro de Brotas, ficou Engenho Velho de Brotas, e assim o nome foi se popularizando...”.

Para Vieira, as pessoas que lutam para melhorar o bairro são o seu maior patrimônio. Os moradores do bairro mobilizam-se durante a **Festa de Santa Luzia**, o **Xorodó** (uma festa do povo de santo em que flores são levadas ao Dique do Tororó), o **São João** e a **Semana Santa**. Existem fontes no bairro que estão em completo estado de abandono, a exemplo da Fonte da Bica.

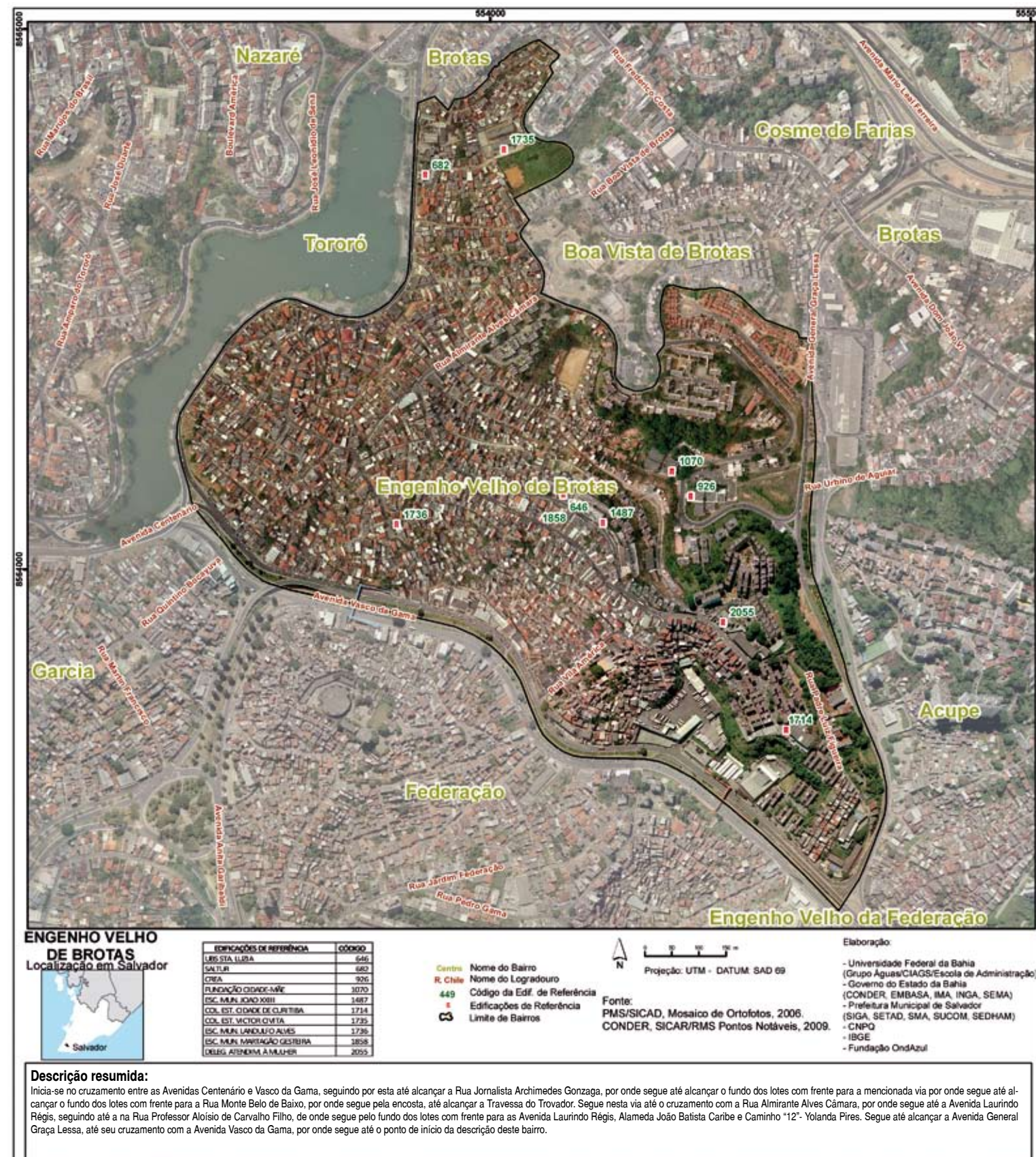


Entre os principais equipamentos públicos do bairro estão: a **Delegacia de Atendimento à Mulher - DEAM**; o **Colégio Estadual Victor Civita**, a **Escola Municipal João XXIII**, o **Colégio Estadual Leda Jesuino dos Santos** e o **Colégio Estadual Cidade de Curitiba**.

O Engenho Velho de Brotas possui uma população de 25.963 habitantes, o que corresponde a 1,06% da população de Salvador; concentra 1,08% dos domicílios da cidade, estando 19,54% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 35,09% dos seus chefes de família têm entre 8 a 10 anos de estudo.



Ivo Marques



FEDERAÇÃO

Em fins do século XIX, quando o bairro da **Federação** ainda era uma área de grandes fazendas e o fluxo de pessoas se estendia apenas ao **Cemitério do Campo Santo**, foi construída uma estrada partindo de onde hoje se localiza a **Escola Politécnica da UFBA**, até o viaduto da Federação. Como o caminho foi aberto em tempos de proclamação da República Federativa do Brasil, a nova passagem, foi chamada de **Estrada da Federação**, dando origem assim, ao nome do bairro.

A tranquilidade de um lugar que *“antigamente não morava tanta gente, porque aqui era lama pura”*, já não existe mais, afirma a representante da **Associação de Moradores da Rua Ferreira Santos**, Therezinha Lima. Entretanto, o *“comércio discreto”* nas palavras da moradora Lígia Aguiar, contribui para que o bairro permaneça essencialmente residencial e ainda guarde importantes referências históricas e culturais como o **Cemitério do Campo Santo** fundado em 1836, a **Igreja de São Lázaro** edificada na primeira metade do século XVIII e o prédio onde atualmente funciona a **Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB)**, que no século XVIII foi um **Lazareto**.

Na Federação existem muitos Terreiros de Candomblé, dentre os quais, o **Terreiro do Gantois**, que tem uma história secular. Fundado em meados do século XIX, no local onde existia uma fazenda que deu origem ao nome do candomblé. Segundo o historiador



Fundação Gregório de Matos

Rua Caetano Moura

Cid Teixeira, a fazenda pertencia a um francês: *“Gantois foi negreiro, um dos principais ‘importadores de escravos’ após a supressão oficial do tráfico”*.

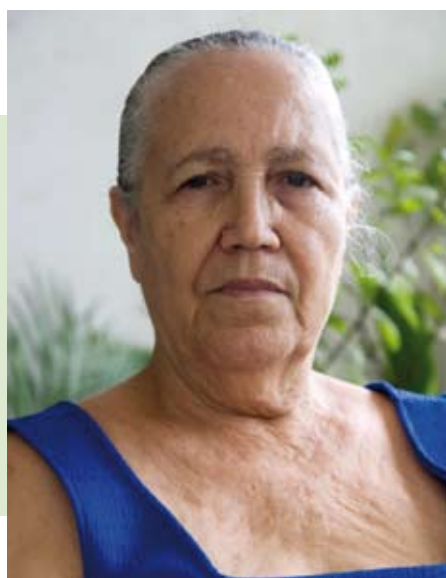
Na Federação existe a **Fonte do Terreiro Ilê Axé Oxumaré**, excelente para banho, mas inadequada para consumo humano e a **Fonte do Terreiro Ilê Iya Omi Axé** nas mesmas condições da fonte anterior.

O bairro abriga prédios de grande valor histórico como a **Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas** no qual, em passado não muito distante, funcionou o **Noviciato da Ordem das Ursulinas**. A **Escola Politécnica**, antiga chácara de Odorico Dórea, foi um dos principais fornecedores de leite da cidade.

Composto pelas localidades de **São Lázaro**, **Alto do Sobradinho** e **Alto da Bola** e pelo **Conjunto Habitacional Parque São Braz** e luxuosos edifícios localizados na **Rua Aristides Novis**, a Federação é também conhecida pela presença de muitas emissoras de rádio e televisão de Salvador.

Geralmente, no último domingo do mês de janeiro, acontece na comunidade de São Lázaro a festa em louvor a este santo. Nesta ocasião os católicos rezam uma missa e saem em procissão pelas ruas do bairro. Já o povo de santo homenageia Omolu com a lavagem das escadarias da Igreja, velas acesas e banho de flor (pipoca).

A Federação possui uma população de 38.151 habitantes, o que corresponde a 1,56% da população de Salvador, concentra 1,72% dos domicílios da cidade, estando 18,19% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 32,30% dos chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.



Therezinha Lima



FEDERAÇÃO

Localização em Salvador



DESCRIÇÃO DA REFERÊNCIA	CODIGO
TERREIRO DO GANTOIS	449
TERREIRO DO GANTOIS	449
TERREIRO DO GANTOIS	449
TERREIRO DO GANTOIS	449
TERREIRO DO GANTOIS	449
TERREIRO DO GANTOIS	449
TERREIRO DO GANTOIS	449
TERREIRO DO GANTOIS	449
TERREIRO DO GANTOIS	449
TERREIRO DO GANTOIS	449

- Nome do Bairro
- Nome do Logradouro
- Código da Edif. de Referência
- Edificações de Referência
- Limite de Bairros

Projeção: UTM - DATUM: SAD 69

Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006. CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
 - Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CNAPS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Descrição resumida: Inicia-se na Avenida Reitor Miguel Calmon, até alcançar Praça Lord Chochrane, seguindo pela Avenida Anita Garibaldi, até o seu cruzamento com a Vasco da Gama, até alcançar a Rua Sérgio de Carvalho. Segue até o cruzamento entre a Travessa Helenita Santana e a Avenida Altair, por onde segue até alcançar a Rua Henriqueta Martins Catarino, até seu cruzamento com a Avenida Cardeal da Silva, por onde segue até alcançar o fundo dos lotes com frente para a Travessa Assis e a Rua Ibitupá, até alcançar a Rua Deputado Newton Moura Costa. Segue nesta até a Rua Cardoso de Oliveira, por onde segue até alcançar o fundo dos lotes com frente para Rua Alice Silveira, até alcançar a Rua Alice Silveira, seguindo pela encosta até o muro dos lotes da Rua Pedra da Marca, até a Rua Santa Isabela, até seu cruzamento com a Avenida Anita Garibaldi, por onde segue até o cruzamento da Rua Barão de Jeremoabo com a Rua Caetano Moura, por onde segue até a Rua Padre Camilo Torred e Rua Professos Aristides Novis. Segue pela encosta até alcançar a via Alto de São Lázaro, por onde segue até seu cruzamento com a Rua Doutor Helvécio Carneiro Ribeiro. Segue nesta via até a Ladeira de Xanopá, por onde segue até alcançar a Avenida Ozeânica, seguindo pela encosta até a Travessa Eliana de Azevedo. Segue margeando o fundo dos lotes com frente para a referida travessa e a Vila Eliana de Azevedo, Rua Mestre Pastinha, por onde segue até a Rua Caetano Moura, até seu cruzamento com a Rua Teixeira Mendes, por onde segue contornando o muro do Cemitério Campo Santo, exclusive, até a Avenida Centenário, por onde segue até o ponto de início da descrição deste bairro.

● ACUPE

Segundo Adriano Pereira da Cruz, presidente da **Organização Coletiva de Melhoramento da Avenida Caetano e Adjacências - OCMACA**, o bairro **Acupe** surgiu como resultado da ocupação da fazenda do senhor Tertuliano. Ele afirma que primeiro se formaram pequenas aglomerações e depois as terras foram loteadas.

Sobre o nome do bairro, Pereira da Cruz diz que Tertuliano era proprietário de outras terras, no município de **Santo Amaro**, onde ele tinha uma fazenda chamada Acupe e por isso então, batizou essas terras em Salvador com o mesmo nome, que na língua tupi significa *“lugar quente ou no calor”*, conforme Luiz Eduardo Dórea, autor do livro *“História de Salvador nos nomes das suas ruas”*.

Dentre as curiosidades do Acupe, o presidente da OCMACA cita o que ele chama de *prata da casa*: são os artistas, jogadores de futebol e personalidades que moraram no bairro, quando ainda não eram famosos, como músicos do grupo Tribahia, Timbalada e da Banda Vixe Mainha.

O bairro tem como uma de suas principais referências, na opinião de Adriano da Cruz, a praça onde existe o módulo policial, que ficou amplamente conhecida pela ornamentação feita durante a Copa do Mundo de Futebol em 2006. Essa praça, desde então, é palco da **Feira de Saúde e Cidadania**, um evento que mobiliza a comunidade por seus projetos sociais e que já se tornou marcante, pois é justamente quando se comemora o aniversário da própria Associação.

O Acupe possui uma população de 11.304 habitantes, o que corresponde a 0,46% da população de Salvador; concentra 0,48% dos domicílios da cidade, estando 20,99% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 37,05% dos seus chefes de família têm entre 11 a 14 anos de estudo.

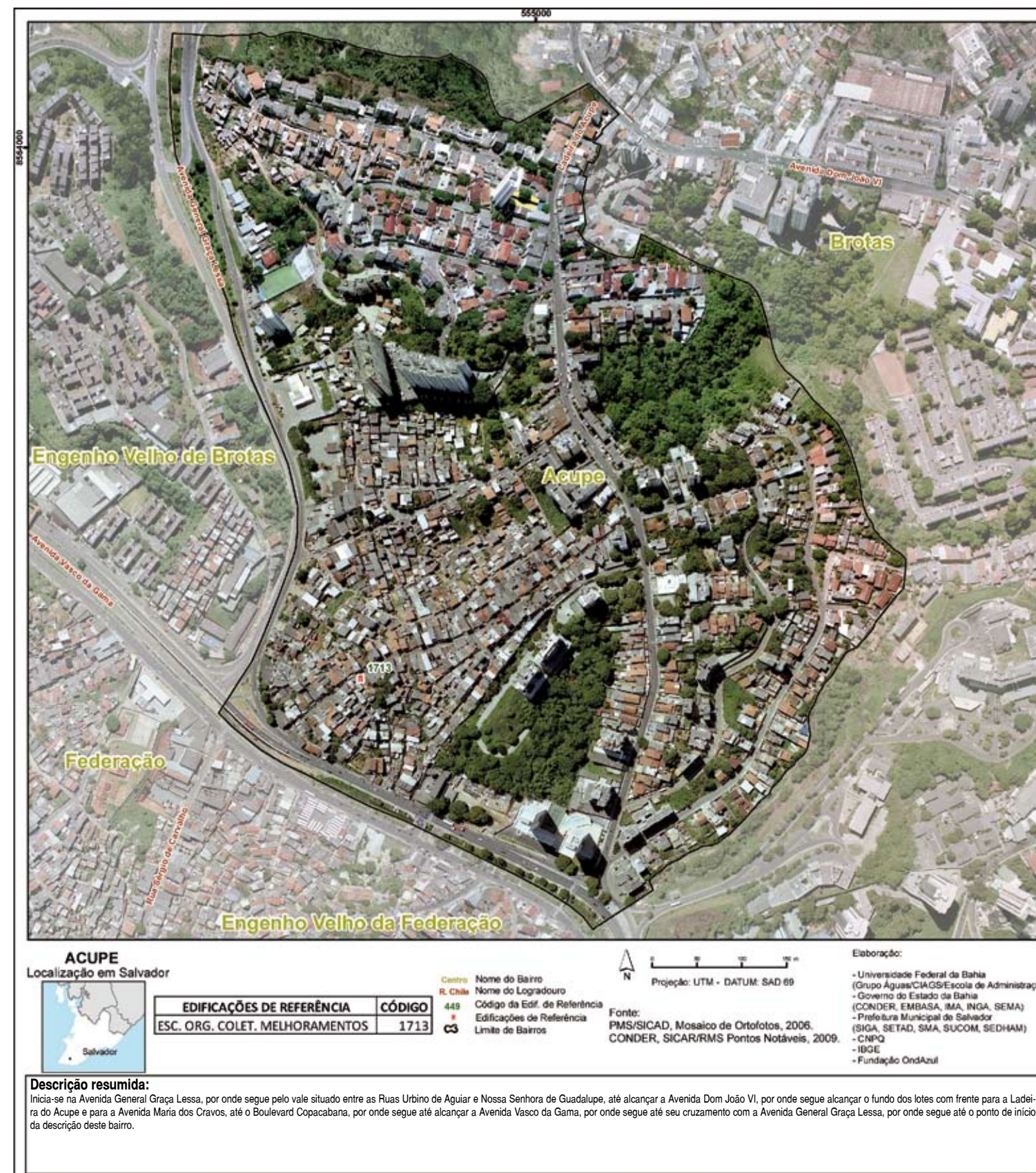


Adriano da Cruz

Início da Ladeira do Acupe



Ortofotos SICAD / PMS - 2006





Rua das Palmeiras - 1977

Fundação Gregório de Matos

● ENGENHO VELHO DA FEDERAÇÃO

O bairro do **Engenho Velho da Federação**, que até o século XIX era um engenho de cana de açúcar e por isso leva esse nome até hoje, para Edmilson Santos, líder comunitário do bairro, o lugar das três nações do candomblé: “*aqui nós somos angola, keto e jeje*”. Talvez por esta razão, seja o único bairro de Salvador a homenagear uma mulher negra, líder espiritual do terreiro Jeje: **Mãe Runhó**. No Largo do Bogum está fincado o seu busto.

Segundo Edmilson Santos, no final do século XIX a Companhia Kelsing comprou as terras do engenho e depois loteou-as entre as famílias da aristocracia baiana que aos poucos foram abandonando o local, enquanto uma população pobre ocupava a área. À época, não existia na área asfalto, água encanada, luz elétrica e, no geral, as casas construídas eram de taipa.



Edmilson Sales

Vivendo atualmente uma realidade bastante diferente de outrora, apesar de ainda carecer de serviços básicos, em 2005 o bairro foi reconhecido pelo governo federal como um **quilombo urbano**. O conceito de qui-

lombo urbano foi definido por decreto federal, como “*uma localidade que tem história de resistência da herança afro-brasileira e um sentido forte de territorialidade e de comunidade*”.

Embora o bairro esteja marcado, segundo Edmilson Santos, pelas religiões de matriz africana, entre as manifestações religiosas do local está a **Procissão de São Lázaro**, evento que ainda hoje mobiliza a região. Ele conta que o padroeiro do bairro é São Lázaro e que a procissão tem mais de 70 anos. “*Surgiu com a promessa de uma senhora, pois o Engenho Velho da Federação foi vitimado por uma grande epidemia de varíola e essa senhora fez uma promessa de que se a situação se resolvesse, iria fazer uma procissão com o santo até a Estrada de São Lázaro. Aconteceu a cura e ela cumpriu a promessa*”.

O carnaval é também uma data especial para o Engenho Velho da Federação. Edmilson Sales Santos faz questão de registrar que o único bloco do bairro no carnaval é o **Afro Bogum**. Ele diz que “*já houve muito outros, mas o único que resistiu foi esse*”.

Entre os principais equipamentos públicos deste bairro estão a **Escola Municipal Engenho Velho da Federação**, a **Escola Municipal Padre Jose de Anchieta** e o **Colégio Estadual Henriqueta Martins Catharino**. Neste bairro encontra-se a **Fonte do Terreiro Ilê Axé Iyá Nassô Oká**.

O Engenho Velho da Federação possui uma população de 23.846 habitantes, o que corresponde a 0,98% da população de Salvador, concentra 1% dos domicílios da cidade, estando 24,57% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 29,54% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos.



ENGENHO VELHO DA FEDERAÇÃO

Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
TERM. CANDOMBLÉ CASA BRANCA	890
COL. EST. HENRIQUETA MARTINS CATHARINO	1378
ESC. MUN. PE. JOSE DE ANCHIETA	1379
ESC. BATIST. VASCO DA GAMA	1397
ESC. MUN. IACY VAZ FAGUNDES	1398
ESC. MUN. ENG. VELHO DA FEDERAÇÃO	1718

Centro Nome do Bairro
 R. Chile Nome do Logradouro
 449 Código da Edif. de Referência
 Edificações de Referência
 CS Limite de Bairros

Projeção: UTM - DATUM: SAD 89
 Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
 CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
 - Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - CNPO
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Descrição resumida:
 Inicia-se no cruzamento entre a Avenida Cardeal da Silva e a Rua Henriqueta Martins Catarino, por onde segue até a interseção com a Avenida Altair. Segue por esta até o cruzamento com a Travessa Helenita Miranda, por onde segue até a Rua Sérgio de Carvalho, até alcançar a Avenida Vasco da Gama. Segue por esta via até alcançar a Rua São João. Segue nesta via até alcançar o fundo dos lotes com frente para a Rua Padre Raimundo Machado e para a Rua Deputado Newton Moura Costa até alcançar a Rua Deputado Newton Moura Costa, por onde segue até alcançar a 2ª Travessa Tupã. Deste ponto segue pelo fundo dos lotes com frente para a Rua Ibitupá e para a Travessa Assis, até a Avenida Cardeal da Silva, por onde segue até o ponto de início da descrição do limite deste bairro.



Rua Edith Mendes da Gama e Abreu

Foto: Elba Veiga

ITAIGARA

Na década de 1960 a **Fazenda Pituba** pertencia a Joventino Silva e se espraiava da Orla Atlântica à Rotula do Abacaxi. Como resultado de seu desmembramento, surgiram novos bairros, a exemplo da **Pituba** e do **Itaigara**.

“*Canoa de pedra ou de metal*” é o significado da palavra Itaigara na língua tupi-guarani. Até o final dos anos setenta, segundo Con-



Dieter Kuehnitzsch

suelo Pondé de Sena, presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, essa região era uma imensa área verde, que contrastava, por exemplo, com o bairro da Pituba que, neste tempo, já se consolidava como bairro.

Dessa imensa área verde, pouco restou. Atualmente, os edifícios dominam a paisagem do bairro, que teve seu crescimento urbano impulsionado pela construção do **Shopping Itaigara** em 1980, considerado por Dieter Kuehnitzsch, presidente da Associação de Moradores do Itaigara, como uma referência no bairro.

Outros empreendimentos comerciais e de serviços nos arredores, como o **Boulevard 161**, o **Empório Itaigara** e o **Max Center**, também contribuíram para o desenvolvimento do bairro que hoje em dia tem como um dos seus principais problemas o intenso fluxo de veículos.

Localizam-se no Itaigara a **Praça Coronel Waldir Aguiar**, a **Praça Alfred Nobel** e a **Praça Dom Timóteo**.

O Itaigara possui uma população de 12.316 habitantes, o que corresponde a 0,50% da população de Salvador, concentra 0,49% dos domicílios da cidade, estando 53,36% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de mais de 20 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 65,53% dos chefes de família têm 15 anos ou mais de estudos.

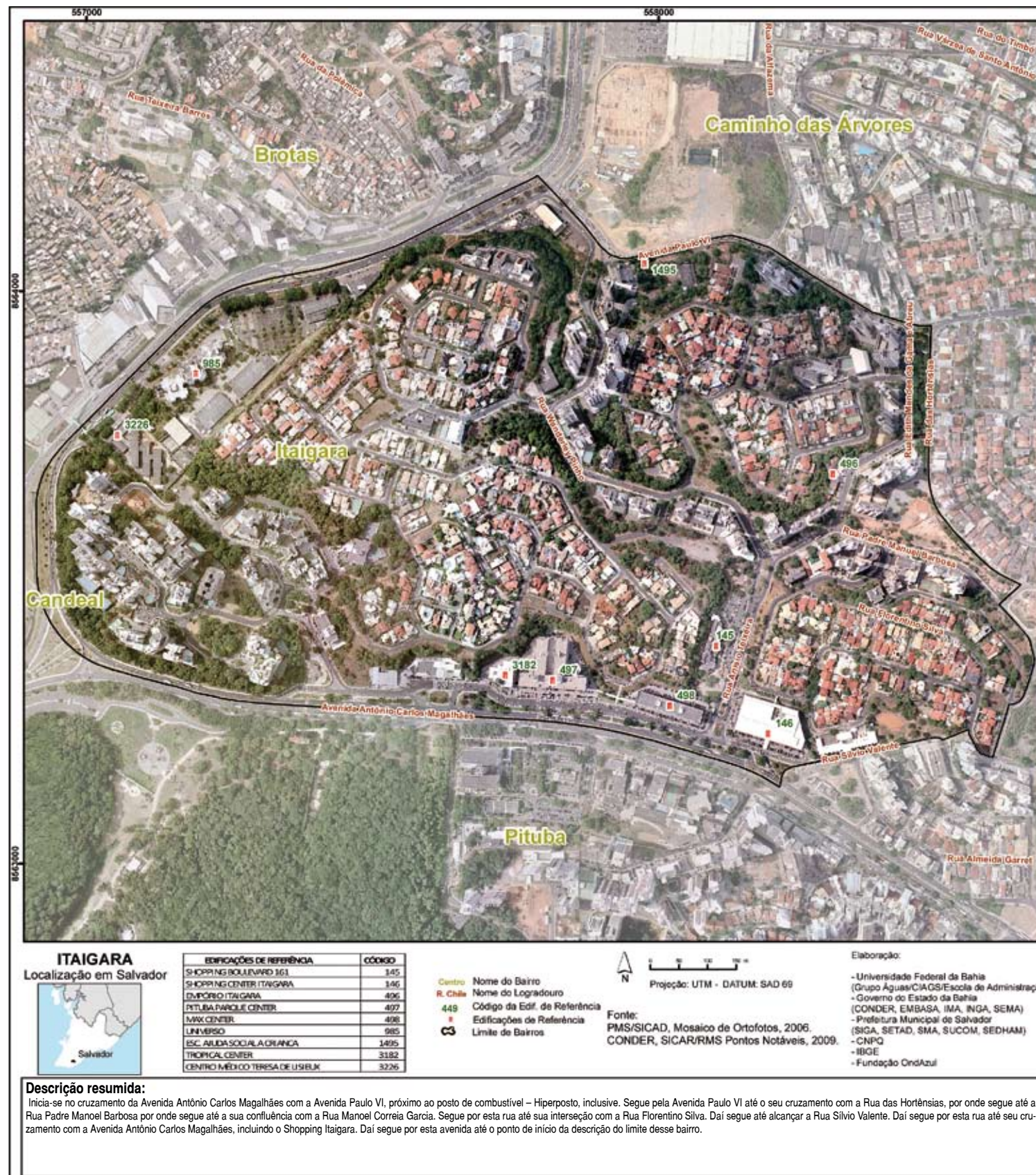




Foto: Elba Veiga

Candeal Gueto Square

● CANDEAL

O bairro do **Candeal** é dividido em duas partes: o Candeal Grande, também conhecido como Cidade Jardim, cuja origem remete à antiga **Chácara Santa Maria do Candeal** e o Candeal Pequeno, cuja origem remonta à senzala da **Fazenda Quinta do Candeal** – após a alforria dos escravos, muitos escravos ganharam o direito de continuar no lugar.

No Candeal Pequeno são conhecidas as intervenções de Carlinhos Brown. Vale registrar a **Escola de Música Pracatum** – escola profissionalizante de música – e o **Projeto Tá Rebocado**, que visa à reurbanização da área, com pintura e reforma de casas e ruas. Até pouco tempo atrás, acontecia no local o ensaio da Timbalada no Candeal Gueto Square. Em decorrência disto, o Candeal Pequeno tornou-se conhecido na cidade como um grande pólo cultural.

Os moradores lembram como o lugar era enlameado e cheio de barracos, a luz elétrica chegou em 1970 e apenas em 1995, as ruas foram pavi-

mentadas. A água encanada demorou de chegar e as pessoas, para suprirem esta necessidade buscavam água na Fonte do Dr. Júlio.

Este equipamento existe até hoje, sendo conhecido, porém, como **Fonte do Gueto** – em seu entorno, existe uma elevada concentração populacional. Essa fonte serviu de inspiração para a música da Timbalada “Água Mineral” e é muito utilizada para lavar as roupas e carros, limpeza de casas e ainda faz parte do lazer da comunidade, onde as crianças se divertem banhando-se na fonte. Neste bairro localiza-se ainda, a **Fonte do Terreiro Mutuicara**, que antes do abastecimento da EMBASA, era utilizada para consumo humano e que atualmente serve para atividades domésticas e rituais religiosos.

O Candeal possui uma população de 12.182 habitantes, o que corresponde a 0,50% da população de Salvador; concentra 0,53% dos domicílios da cidade, estando 29,99% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de mais de 20 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 41,21% dos seus chefes de família têm mais de 15 anos de estudo.



CANDEAL
Localização em Salvador

EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
CENTRO EDUC. PROFISS. PRACATUM	2798
UF CANDEAL	1728

Centro Nome do Bairro
R. Chão Nome do Logradouro
449 Código da Edif. de Referência
CS Edificações de Referência
CS Limite de Bairros

Fonte:
 PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
 CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
 - Universidade Federal de Bahia (Grupo Água/CIA/CS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - CNPO
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Descrição resumida:
 Inicia-se na Avenida Juracy Magalhães Junior, por onde segue até o Hospital Aliança, por onde segue em direção ao vale situado no fundo dos lotes da Rua Dinah Silveira de Queirós, por onde segue até a Rua Santo Heládio, por onde segue até alcançar a 2ª Travessa Waldemar Falcão. Segue nesta via até a 1ª Travessa Waldemar Falcão, por onde segue até encontrar o fundo dos imóveis com frente para a Rua Waldemar Falcão, seguindo até a Alameda Bons Ares. Segue nesta via até a Praça Frei Hildebrando Kruthanp, por onde segue até seu cruzamento com a Rua Paulo Afonso, por onde segue até alcançar o muro da Casa de Retiro São Francisco, exclusive, por onde segue até a Rua Monsenhor Antonio Rosa, até alcançar a Travessa Candeal, por onde segue até alcançar o fundo dos lotes com frente para as Ruas Vinte de Julho, Fonte do Governo e Pedro Alcântara, por onde segue pela encosta até alcançar a Rua José Pedreira. Segue nesta via até o cruzamento da Rua Icapuí com a Rua Alexandrina Ramalho, por onde segue até a Ladeira Cruz da Redenção. Segue nesta via até seu cruzamento com a Avenida Antônio Carlos Magalhães, por onde segue até o cruzamento com a avenida encontra a Avenida Juracy Magalhães Junior, por onde segue até o ponto de início da descrição deste bairro.



Largo do Samba Elite, 2009

Foto: Aline Farías

SANTA CRUZ

O bairro da **Santa Cruz** surgiu a partir do loteamento de uma grande fazenda. À época de sua ocupação, era formado por casas de tampa – nessa época não existia água encanada, nem luz elétrica.

Nesse período, as pessoas que começaram a habitar o local haviam arrendado os terrenos. Nádia Fiúza, presidente da **Associação de Mulheres da Santa Cruz**, conta que: “*havia um senhor que vendia terrenos aqui, inclusive, compramos o terreno onde moramos na mão dele. Depois, descobrimos que os terrenos que ele vendia não lhe pertenciam. Quem comprou na mão do verdadeiro dono se deu bem, quem não comprou, teve que pagar de novo.*”

O bairro da Santa Cruz tem uma forte presença de Terreiros de Candomblés e Igrejas Protestantes.

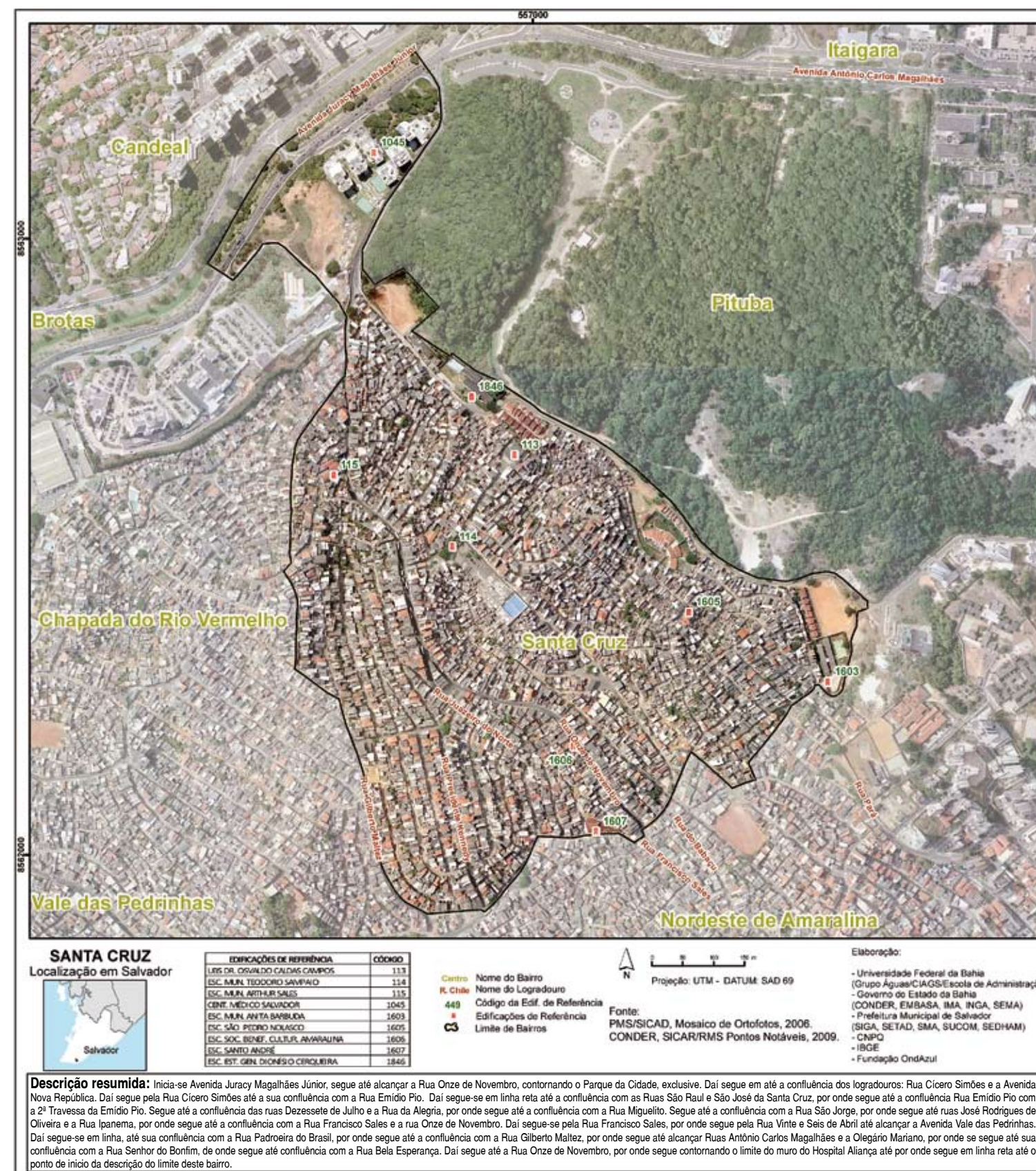
Outrora este bairro foi palco de diversos grupos de samba, como o **Samba Elite** e o **Samba Santa** que, durante o período junino, dis-

putavam, com grupos de samba de outros bairros e localidades, fazendo a alegria do povo. “*Era muito bom*” afirma Fiúza. “*Integrantes do Samba Santa, organizavam tudo. Hoje ele faz algumas coisas, mas não aqui, a violência não deixa.*”

Os grupos de samba em Santa Cruz marcaram tanto esta comunidade, que os largos onde ocorriam os ensaios ficaram conhecidos como o **Largo do Samba Elite** e o **Largo do Samba Santa** – considerados por Nádia Fiúza os símbolos do bairro.

Entre os principais equipamentos públicos do bairro estão a **Escola Municipal União Santa Cruz**, a **Escola Municipal Artur Sales** e a **Escola Estadual Dionísio Cerqueira**.

A Santa Cruz possui uma população de 25.674 habitantes, o que corresponde a 1,05% da população de Salvador, concentra 0,99% dos domicílios da cidade, estando 31,19% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 34,75% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos.



● CHAPADA DO RIO VERMELHO

Segundo Gil Sacramento, representante do **Instituto de Ação Comunitária da Região do Nordeste de Amaralina/RNA**, a atual configuração do bairro da **Chapada do Rio Vermelho**, outrora terreno de grandes fazendas, é fruto do crescimento desordenado de moradias e do comércio que se instalou no local.

Gil Sacramento afirma que a geografia local, as rochas e as lajeiras que cercam a Chapada do Rio Vermelho deram ao bairro este batismo. *“Achamos que o único lugar que poderia ser considerado como uma chapada era ali, onde existia o alto e o baixo”*.

Há 15 anos, religiosos italianos desenvolvem projetos sociais na Chapada do Rio Vermelho. Gil Sacramento diz que *“eles enxergaram a comunidade como um bairro próspero”* por isso então, construíram o **Centro Cristo e Vida**, que hoje possui uma escola conveniada com a prefeitura.

Na rua onde foi construída esta escola, em passado recente, havia apenas uma vala e casas de madeira. A partir da organização



Gil Sacramento

comunitária em parceria com a **Paróquia Santo André** e a **Paróquia Cristo Redentor**, os moradores organizaram mutirões e deram nova feição ao local.

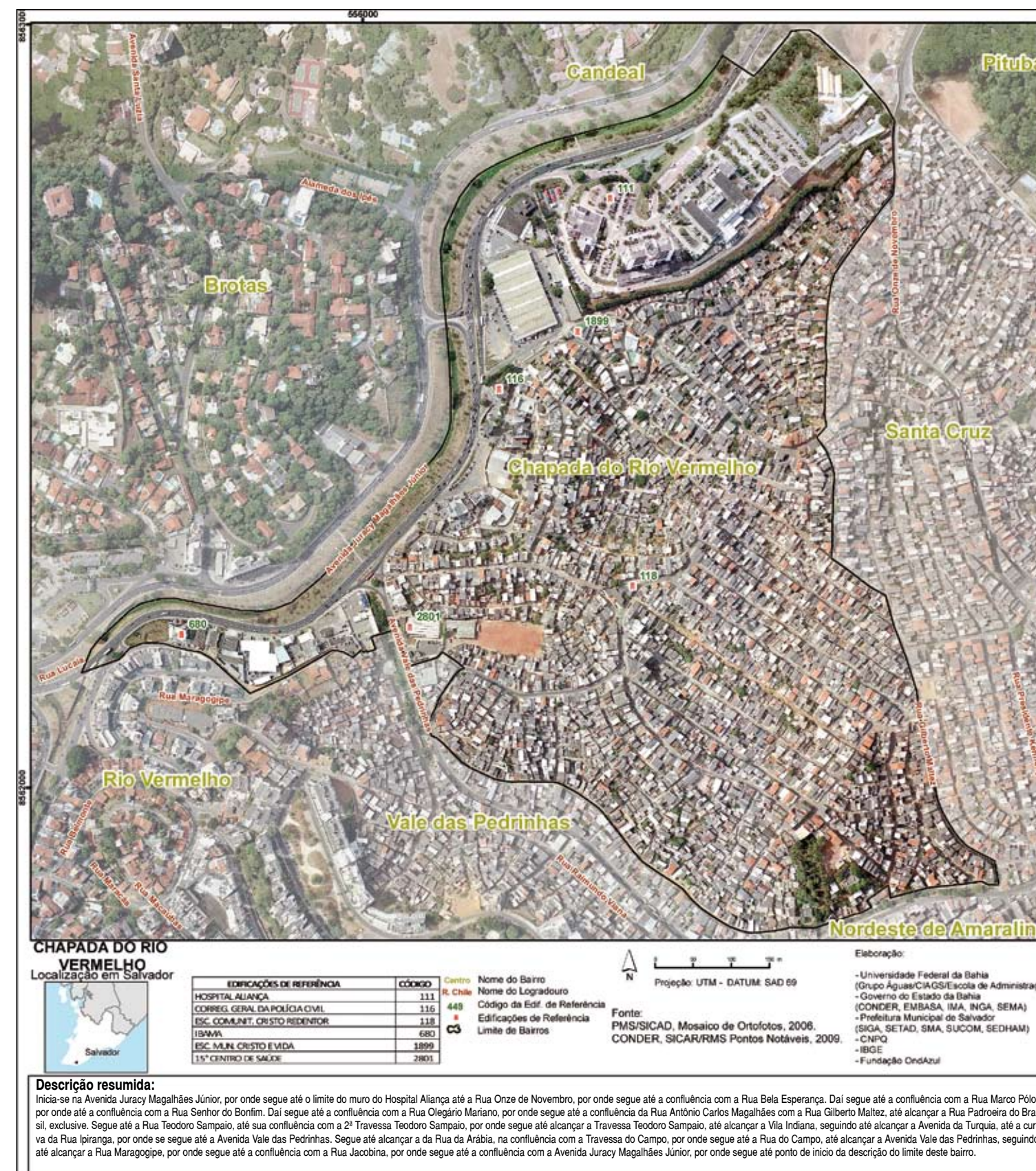
Dentre os registros dos moradores da Chapada está o **Projeto Cultura dos Sambas Juninos**, que envolvia não apenas os moradores da Chapada, mas de toda a região do seu entorno. *“Havia o Samba Elite e o Samba Crioulo Doido. No dia de São João, os blocos saíam em cortejo pelas ruas e, no fim do dia, seguiam para concorrer com outros grupos no Engenho Velho de Brotas. Muitos artistas vinham aqui, antes da violência assolar. Há 10 anos o projeto acabou”*.

Neste bairro, os equipamentos a serviço da comunidade são o **15º Centro de Saúde**, a **Escola Comunitária Cristo Redentor** e o que o líder comunitário considera o símbolo do local: a **CEASA**.

A Chapada do Rio Vermelho possui uma população de 24.574 habitantes, o que corresponde a 1,01% da população de Salvador, concentrando 0,95% dos domicílios da cidade, estando 26,94% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 33,15% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos.



Centro de Abastecimento do Rio Vermelho



NORDESTE DE AMARALINA

Na segunda metade do século XIX, as terras que correspondem aos bairros **Chapada do Rio Vermelho**, **Santa Cruz**, **Vale das Pedrinhas**, o **Nordeste de Amaralina** e as localidades **Areal**, **Boqueirão** e **Nova República** eram grandes fazendas que mais tarde foram loteadas.

Assim, parte da ocupação dessa área começou por pessoas que vieram do interior para trabalhar nestas fazendas e depois se converteram em empregadas domésticas, lavadeiras e caseiros, que por trabalharem nas casas de veraneio construídas em meados do século XX nas imediações da **Praia de Amaralina**, terminaram por fixar-se nas redondezas. A outra parte foi ocupada, segundo Almir Odun Ará, funcionário do **Centro Social Urbano do Nordeste de Amaralina**, por pescadores que foram se estabelecendo no local.

Segundo Almir Odun Ará, o Nordeste de Amaralina fazia parte da fazenda da família Amaral (atual bairro **Amaralina**) e seu nome, está relacionado à posição geográfica que ocupa. Ele afirma que primeiro surgiu Amaralina, e só depois, começou o povoamento mais intenso do Nordeste de Amaralina. No entanto, há quem afirme que o topônimo Nordeste de Amaralina é uma referência à região Nordeste do Brasil devido à concentração de pobreza.

Casas de taipa, sem energia elétrica e água encanada e uma espaçada população, deram origem ao bairro que hoje é visto como uma “ilha popular” entre vários bairros considerados como de alta renda. O comércio forte e variado é uma das principais fontes de renda dos habitantes do Nordeste de Amaralina.



Almir Odun Ará



Escola Municipal Anita Barbuda

Para Almir Odun Ará a maior referência do bairro é a cultura e o poder de reação dos moradores. Além das associações de moradores e conselhos comunitários, existem mais quatro entidades atuantes na defesa da comunidade: a **Sociedade União e Defesa dos Moradores do Nordeste de Amaralina**, a **Sociedade Primeiro de Maio**, a **Sociedade Protetora dos Posseiros de Ubaranas** e a **Sociedade Cultural do Bairro de Amaralina**. Neste bairro, Mestre Bimba, criador da capoeira regional viveu parte de sua vida e manteve a sua academia.

Atualmente, não há nenhuma festa que mobilize a população local, mas Odun Ará lembra que em passado recente, dentre várias festas, duas agitavam muito o bairro: a festa dos pescadores, quando “*dávamos os presentes antes, primeiro na Pituba, depois a gente e, enfim, o 02 de fevereiro. Na festa fazia-se um caruru, recolhia-se o dinheiro, comprava as flores, os atabaques...*” e a outra festa era o samba junino, “*que era muito mais que um espaço de lazer, era espaço de resistência da população negra*”.

Entre os principais equipamentos públicos do bairro estão a **28ª Circunscrição Policial – Delegacia**, a **Escola Polivalente de Amaralina**, o **Colégio Estadual Professor Carlos Santana**, situado no famoso **Beco da Cultura** e o **Centro Social Urbano**.

O Nordeste de Amaralina possui uma população de 24.041 habitantes, o que corresponde a 0,98% da população de Salvador, concentra 0,96% dos domicílios da cidade, estando 18,55% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1/2 a 1 salário mínimo. No que se refere à escolaridade, constata-se que 32,61% dos chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.





Praça Ana Sironi – 2009

Foto: Aline Farias

VALE DAS PEDRINHAS

Fruto de sucessivas ocupações espontâneas, o bairro do **Vale das Pedrinhas**, com suas ruas estreitas, becos, vielas e escadarias, segundo Paulo Lé, presidente do Conselho de Segurança desta região, foi formado pela população rural que, nas décadas de cinquenta e sessenta, se deslocaram para a capital em busca de melhores condições de vida.

“Essa gente foi se infiltrando por todo esse matagal. Onde hoje é o Vale das Pedrinhas era o fundo de uma das fazendas. Quando os donos perceberam que havia um povoado no entorno das terras da fazenda, era tarde, tudo estava ocupado”, diz Paulo Lé.

Há quem diga que o batismo deste logradouro deriva de uma antiga pedreira que fornecia matéria-prima para as habitações mais próximas. Entretanto, Lé afirma que o nome do bairro remonta ao tempo em que “o ‘Rio das Tripas’ era limpo e se ouvia o toque das pedras batendo uma na outra, daí o nome Vale das Pedrinhas”.

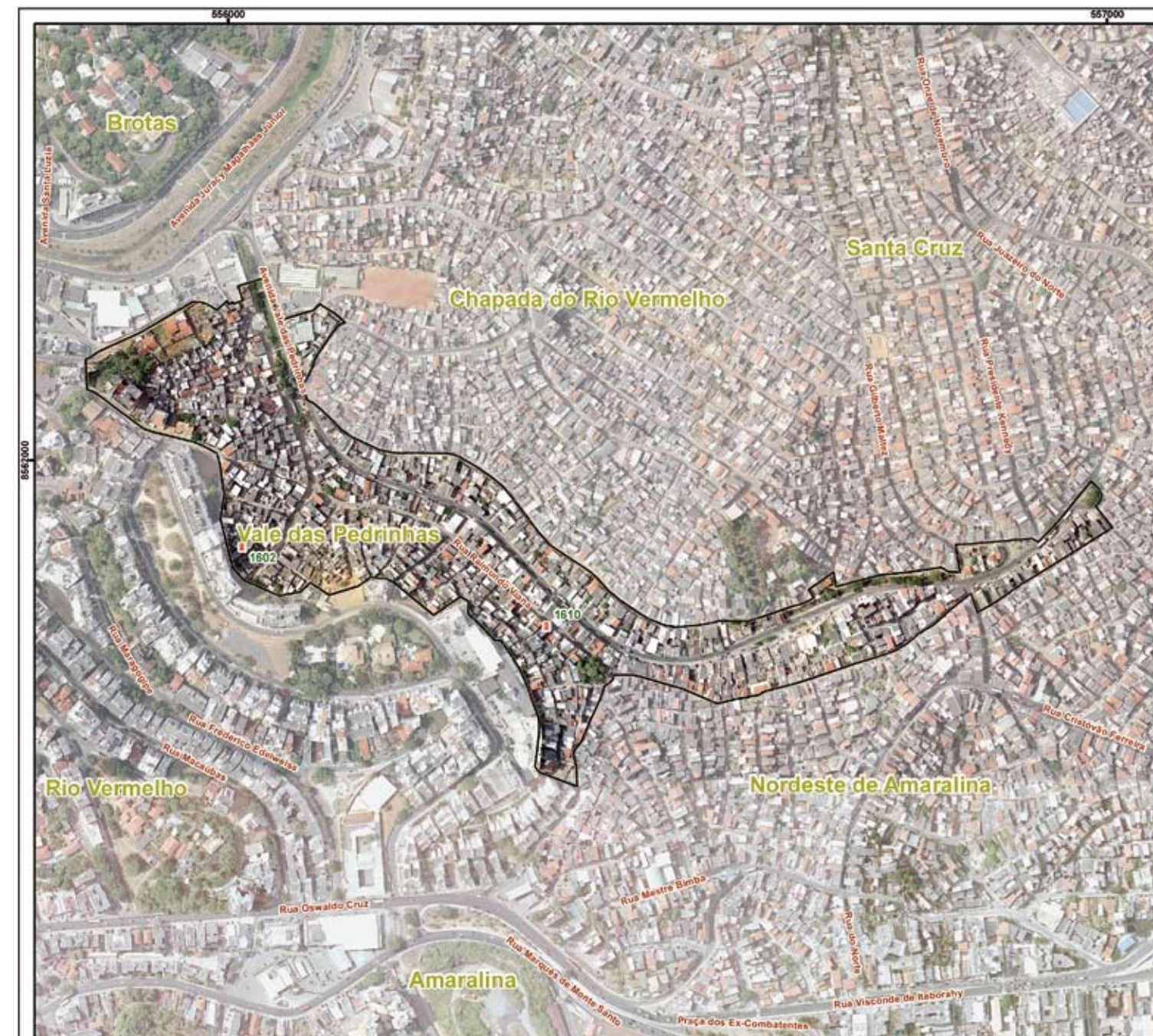
Uma das referências no Vale das Pedrinhas é a italiana Anna

Sirone – uma assistente social que na década de setenta ajudou a construir a **Igreja de Santo André** e todas as outras do bairro, auxiliou na instalação do posto de saúde do Nordeste de Amaralina e no asfaltamento de toda a região. A principal praça do Vale das Pedrinhas leva o seu nome.

Paulo Lé diz que hoje em quase todas as ruas existem festividades no Dia das Crianças e que a comunidade vem resgatando as músicas juninas que outrora fizeram muito sucesso em toda a região do entorno do Vale das Pedrinhas. Ele lembra que na década de oitenta muitas músicas que marcaram a cidade, saíram do bairro, como por exemplo, “Revoluções” do grupo **Unidos do Capim**.

Entre os principais equipamentos públicos estão o **Centro Social Neuzi Nery**, a **Escola Municipal Gabriela Sá Pereira** e a **Praça Ana Sironi**.

O Vale das Pedrinhas possui uma população de 3.115 habitantes, o que corresponde a 0,13% da população de Salvador, concentra 0,12% dos domicílios da cidade, estando 26,36% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 33,12% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos.



VALE DAS PEDRINHAS

Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
CENT. SOC. NEUZI NERY	1602
ESC. MUN. GABRIELA SÁ PEREIRA	1610

Centro	Nome do Bairro
R. Chile	449
CS	Edificações de Referência
	Limite de Bairros

Projeção: UTM - DATUM: SAD 69
 Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
 CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
 - Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIA-GS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - CNPO
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia na Rua Ipirá, seguindo até a Rua Maragogipe por onde segue até a Avenida Vale das Pedrinhas, até sua interseção com a Rua do Campo. Daí segue até a Travessa do Campo, até sua interseção com a Rua da Arábica, até alcançar a Avenida Vale das Pedrinhas, por onde segue até a Rua Ipiranga. Daí segue até alcançar a Avenida da Turquia, por onde segue até a Vila Indiana, por onde segue até a confluência da Travessa Teodoro Sampaio com a 2ª Travessa Teodoro Sampaio, seguindo por esta até a Rua Teodoro Sampaio. Daí segue até a Rua Gilberto Maltez, até alcançar a Rua Padroeira do Brasil por onde segue até cruzamento com a Avenida Vale das Pedrinhas. Daí segue até a Rua Antenor Costa Nuno, seguindo até a Rua Padre José Henrique, até alcançar a Rua Gilberto Maltez, até alcançar a Rua José Inácio do Amaral. Segue até a Rua 5 de Novembro, até sua interseção com a Rua Professora Natália Vinhais, seguindo até alcançar o fundo dos imóveis com frente para as ruas Theodomiro Baptista e Francisco Rosa, até alcançar a 2ª Travessa Temístocles por onde segue até sua interseção com a Rua Professora Nilzete, até alcançar a Rua Ipirá, por onde segue até o ponto de início da descrição do limite desse bairro.



Fundação Gregório de Matos

Rua da Paciência

● RIO VERMELHO

A história do bairro do **Rio Vermelho** é anterior à fundação da cidade de Salvador. Segundo o historiador Luiz Henrique Dias Tavares, reporta-se à primeira década do século XVI.

O Rio Vermelho no século XVII era uma colônia de pescadores, que foi sendo mais povoada à medida que alguns moradores do Centro da Cidade migraram para essa região, mais precisamente para o Morro do Conselho, fugindo das **Invasões Holandesas** de 1624.

No século XIX já haviam nesta área três núcleos de povoamento definidos: **Paciência**, **Mariquita** e **Santana**. Todavia, a expansão deste bairro só ocorreu no século seguinte, no governo de J.J. Seabra. Em 1923, foi inaugurada a **Avenida Oceânica**, quando os primeiros carros começaram a circular pelo bairro, que naquele momento adquiria novos contornos.

Neste mesmo período, tornou-se costume das famílias ricas da “cidade da Bahia” ir ao Rio Vermelho, em especial à **Praia da Paciência**, passar o verão. A partir da década de sessenta, linhas de ônibus iniciaram a circulação pelo bairro. Segundo **Arilda Maria Cardoso Souza**, arquiteta-paisagista, antigamente o bairro era dividido pelo Rio Camarajipe em duas partes: “as pessoas que moravam de um lado, não conheciam e praticamente não se comunicavam com as do outro. A ponte foi construída bem depois; antes as pessoas atravessavam de barco”.

Devido às intervenções urbanas e às obras do Sistema de Esgotamento Sanitário, o Rio Camarajipe foi desviado desde a década de setenta. Nos anos noventa, foi construído um interceptor de águas e esgotos subterrâneo, que conduziu suas águas diretamente para o Emissário Submarino que margeia a antiga foz e adentra 2,5 km no mar. Nesse bairro localiza-se a foz do rio Lucaia.

Na história deste antigo bairro, a **Igreja de Nossa Senhora de**

Santana é um ponto de referência. Localizada próxima à colônia de pescadores, foi construída sob as ruínas de uma velha Fortaleza, que começou a ser edificada em 1710 e jamais foi acabada.

Sobre o nome do bairro, Edelweiss afirma: “o Rio Vermelho não era denominado Camurujipe pelos índios, mas Camarajipe (...); Camará ou Camará é uma flor vistosa, de matizes amarelo-vermelhos, que deram o nome português ao Camaraj dos índios por atapetarem as suas margens”. O Rio Vermelho foi assim denominado pelos colonizadores em função da imagem que o Rio Camarajipe produzia: um tapete vermelho, um rio vermelho!

O bairro que já foi aldeia indígena, vila de pescadores e local de veraneio das famílias mais abastadas de Salvador hoje é área caracterizada como uma zona de concentração comercial e de serviços, sendo um ponto de encontro dos que vivem com intensidade a *noite* em Salvador. No dia 02 de fevereiro acontece no Rio Vermelho a tradicional e popular **Festa de Iemanjá**, que **Arilda Cardoso** considera como uma marca do bairro.

Segundo Eurílio de Menezes, pescador da colônia do Rio Vermelho, a Festa de Iemanjá data do ano de 1923 quando, por sugestão de uma senhora, os pescadores resolveram presentear a Mãe D’Água, com o objetivo de melhorar a vida que estava difícil por demais.

Entre os principais equipamentos públicos do bairro, estão a **Escola Municipal Euricles de Matos**, o **Colégio Estadual Manoel Devoto**, a **7ª Circunscrição Policial - Delegacia** e a **Biblioteca Juracy Magalhães**.

O Rio Vermelho possui uma população de 20.761 habitantes, o que corresponde a 0,85% da população de Salvador, concentra 0,95% dos domicílios da cidade, estando 21,74% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 35,77% dos chefes de família têm mais de 15 anos de estudo.



RIO VERMELHO



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
SES RIO VERMELHO	2
COL. EST. MANOEL DEVOTO	100
POSTAL BARRIL HORTA	102
EMBAUSA (EST. EST. DA BARRIL)	127
BIBL. JURACY MAGALHÃES JR.	531
MERCADO DO RIO VERMELHO	938
IBRABRITO	970
COL. EST. EURICLES DE MENEZES	1138
HORLUBES	2557
7ª CP - DELEGACIA	2658

- Centro Nome do Bairro
- CL Nome do Logradouro
- 449 Código da Edif. de Referência
- Edificações de Referência
- CS Limite de Bairros

Projeção: UTM - DATUM: SAD 69
 Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
 CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
 - Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBAUSA, IMA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - CNPQ
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se na Avenida Garibaldi, por onde segue até a Rua Pedra da Marca, por onde segue pela encosta, até alcançar a Rua Alice Silveira, por onde segue até Rua Cardoso de Oliveira, por onde segue até a Rua São João, até alcançar a Ladeira Cangira. Segue nesta até alcançar a Avenida Vasco da Gama, por onde segue pela encosta até a Rua das Flores, por onde segue até a Rua Waldemar Falcão, por onde segue. Segue nesta via até Avenida Waldemar Falcão, por onde segue até a Rua Estácio Gonzaga. Segue pela encosta até encontrar a Rua Doutor Barachisio Lisboa, até alcançar a Rua Desembargador Plínio Gerreiro, até alcançar a Avenida Juracy Magalhães Junior, por onde segue até a Rua Jacobina, seguindo até a Rua Ipirá. Segue nesta via até cruzamento com a 2ª Travessa Temístocles, seguindo até alcançar a Rua General Anibal. Segue nesta até a Rua Desdémonas, por onde segue até a Rua Professora Natália Vinhais, por onde segue até alcançar a linha de costa, seguindo até a Avenida Oceânica, por onde segue até o cruzamento com a Vila Matos. Segue por esta até a Travessa Leopoldino Tantú, até alcançar a Rua Manoel Rangel, por onde segue até a Travessa do Corte Grande. Segue por esta até Rua do Corte Grande, por onde segue até ponto de início da descrição do limite desse bairro.

Bacia Hidrográfica do Rio Camarajipe

O Rio Camarajipe tem o seu nome associado à existência, em suas margens, de uma planta chamada Camará, *Lantana camara*, *Lantana aculeata* ou ainda *Lantana brasiliensis*, arbusto de folhas aromáticas e frutos vermelhos, que eram abundantes nas imediações desse Rio.

Localizada no miolo da cidade de Salvador, a Bacia do Rio Camarajipe possui uma área de 35,877km² (o que corresponde a 11,62% do território municipal de Salvador), sendo a terceira maior bacia em extensão do Município. Encontra-se limitada ao Norte pela Bacia do Cobre, à Leste pela Bacia Pedras/Pituaçu, à Oeste pela Península de Itapagipe e ao Sul pela Bacia do Lucaia. Com uma população de 668.871 habitantes, que corresponde a 27,3% da população de Salvador e densidade populacional de 18.643,37hab./km² (IBGE, 2000), é a mais populosa bacia do Município, embora apresente um ritmo de crescimento relativamente pequeno, em virtude da consolidação do seu processo de ocupação. Possui 180.074 unidades habitacionais, que correspondem a 27,3% dos domicílios de Salvador.

A Bacia do Camarajipe é ocupada por uma população situada, predominantemente, nas menores faixas de renda. Seus chefes de família encontram-se distribuídos da seguinte maneira: 30,64% recebem até 1 SM mensal, 30,11% estão na faixa de mais de 1 até 3 SM e apenas 3,89% recebem mais de 20 SM. Os índices de escolaridade dos chefes de família dessa bacia revelam o seguinte quadro: 6,61% não têm instrução, 25,97% possuem de 4 a 7 anos de estudo, 30,34% possuem de 11 a 14 anos e apenas 9,38% possuem mais de 15 anos de estudo (IBGE, 2000).

Suas nascentes encontram-se próximas a Pirajá, nos bairros de Marechal Rondon, Boa Vista de São Caetano, Calabetão e Mata Escura, áreas carentes de infraestrutura urbana, com fortes desigualdades socioespaciais, sobretudo as ocupações situadas nas baixadas, em Áreas de Preservação Permanente (APP), sujeitas a inundações. O Camarajipe percorre, aproximadamente, 14km até sua foz, por um leito sinuoso que passa nas imediações dos bairros de Pero Vaz, IAPI, Caixa d'Água, Pau Miúdo e Saramandaia, bairros com maior grau de consolidação, porém, com um tecido social semelhante aos bairros onde se localizam as nascentes. Entretanto,

em vários trechos, o seu leito foi retificado, perdendo a sinuosidade natural que o caracterizava.

O “caminho natural” do Camarajipe desembocava no Largo da Mariquita, no bairro do Rio Vermelho, tendo como seu último afluente o Rio Lucaia, proveniente do Dique do Tororó, pela Av. Vasco da Gama, que o margeia. No entanto, na década de 1970, o extinto Departamento Nacional de Obras de Saneamento-DNOS, desviou o curso do Rio em razão de constantes enchentes nas zonas mais baixas do Rio Vermelho. Na região próxima de um centro comercial (Shopping Iguatemi), aproveitou-se o vale do Rio Pernambuco para fazer a alteração. Por meio de dragagem e rebaixamento do substrato do vale, a foz do Rio Camarajipe foi modificada para a região situada hoje entre a Praça Jardim dos Namorados e a Praia de Jardim de Alah, ambos no bairro do Costa Azul. Nesta área, o Rio encontra-se retificado, com sua calha revestida por argamassa armada exceto seu leito, chegando a alcançar 20m de largura nas imediações do referido *shopping center*.

Ao longo do seu trajeto, fica evidente o grande comprometimento da qualidade das suas águas provocado por décadas de lançamento de esgotos sanitários *in natura*, além da presença de diversos outros processos antrópicos, da ausência de controle e gestão dos recursos hídricos em grande parte da bacia, tanto em seu leito, quanto em suas margens. Embora nos últimos 15 anos tenham sido implantados cerca de 1.380km de rede coletora e executadas 142.000 ligações intradomiciliares de esgoto, atendendo a, aproximadamente, 259.000 domicílios, há regiões da bacia que necessitam de intervenções integradas do Poder Público Municipal e do Estadual, como por exemplo, implantação de macro e microdrenagem, definição viária, contenção de encostas, desapropriação de áreas para ordenamento do uso do solo, visando possibilitar a implantação de sistema de esgotamento sanitário e, conseqüentemente, eliminar as fontes de poluição difusas de origem doméstica, com melhoria da qualidade da água do rio.

O desmatamento em suas nascentes e margens e conseqüente assoreamento, aliados ao uso inadequado do solo, a impermeabilização, o acúmulo de resíduos sólidos, entupimento de bueiros (impedindo a passagem da água de chuva) e erosão advinda de exploração de pedreiras, dentre outros, vêm provocando danos sociais,

ambientais e culturais, contribuindo para a sua degradação.

Em grave e similar situação encontra-se o Rio das Tripas, um dos principais afluentes do Rio Camarajipe, que nasce na Barroquinha, no bairro do Centro Histórico, e segue em grande parte do seu curso em galerias subterrâneas, recebendo, a partir dessa área, contribuições da Ladeira do Funil, do Largo das Sete Portas, da Av. Barros Reis, dos bairros da Cidade Nova, Matatu, Vila Laura e de outras áreas adjacentes, até encontrar o Rio Camarajipe na altura da Rótula do Abacaxi. O nome desse rio se deve ao fato de sua nascente ficar próxima ao primeiro matadouro da cidade, que lançava no curso d'água seus restos. Outro afluente do Camarajipe, o Rio Campinas (também chamado Bonocô), encontra-se todo canalizado.

O Rio Camarajipe caracteriza-se pela sua utilização como corpo d'água receptor de esgotos sanitários de grande parcela das habitações populares situadas na área de abrangência de sua bacia hidrográfica. Na última década foi instalada uma unidade de Captação em Tempo Seco (barramento do rio), localizada na Av. Antônio Carlos Magalhães, altura da Estação de Transbordo Iguatemi, para desvio do seu curso no período de estiagem – vazão de tempo seco – para o interceptor do Baixo Camarajipe, onde as águas são conduzidas para a Estação de Condicionamento Prévio, no Rio Vermelho, do Sistema de Esgotamento Sanitário de Salvador. Nessa estação, os materiais grosseiros são retirados por meio de gradeamento, o material arenoso é separado nos desarenadores e os finos (até 2mm de diâmetro) são retirados por meio de peneiras rotativas, sendo, em seguida, o esgoto condicionado lançado ao mar, por meio de emissário submarino. Hoje, a maior parte de seu trajeto é por meio de galerias subterrâneas e nos trechos que ainda corre a céu aberto, exala um constante mau cheiro. Da unidade de captação até a sua atual foz, no Costa Azul, o Rio tem sua vazão bastante reduzida, ficando apenas com a vazão de base/recarga do lençol freático, sem contribuições de esgoto, voltando as suas águas a escoarem em períodos de chuvas intensas.

O Rio Camarajipe foi um dos principais mananciais de abastecimento da cidade, do final do século XIX até meados do sécu-

lo XX, com as represas de Boa Vista (ou do Ladrão), Lobato/Campinas de Pirajá (ou de Campinas), do Prata e da Mata Escura. Ao longo do tempo, com o lançamento de esgotos sanitários e resíduos tóxicos (urbanos e de serviços de saúde) *in natura*, a qualidade de suas águas ficou comprometida, diminuindo sua transparência e qualidade, provocando a mortandade da fauna e flora. Na década de 1980, foram desativadas para fins de abastecimento público de água, as represas do Prata e da Mata Escura, em virtude da alteração da qualidade de suas águas devido ao recebimento de esgotos sanitários e efluentes industriais. Vale ressaltar que nas imediações da represa do Prata ainda existe uma mancha quase contínua de remanescentes de florestas em estágio médio e avançado de regeneração, com área de, aproximadamente, 84ha.

Também na área dessa bacia, está localizada parte do Dique do Campinas (para alguns, Dique do Cabrito). Esse manancial possui, aproximadamente, 74.000m², circundado pelos bairros de Marechal Rondon, Alto do Cabrito, Boa Vista de São Caetano, Lobato e Campinas de Pirajá, constituindo-se em um ecossistema que possui uma particularidade: a sua contribuição para a formação de duas bacias independentes – do Rio Camarajipe e do Rio do Cobre.

Segundo relatos de residentes mais antigos da região e da cidade, nas águas do Rio Camarajipe havia peixes e crustáceos (pitús) até o início do século XX. Hoje, em péssimo estado de conservação, seu ecossistema encontra-se totalmente degradado, sobretudo em seu trecho final. Observa-se a olho nu, que a qualidade de suas águas é ruim, com baixa transparência, odores desagradáveis, presença de lodo escuro e resíduos sólidos flutuantes.

Além das águas do Rio Camarajipe, de seus afluentes, diques e represas, essa bacia possui várias fontes, dentre elas a Fonte das Pedreiras, na Cidade Nova; a Fonte do Queimado na Lapinha e, no Barbalho, a Fonte dos Perdões ou do Santo Antônio e a Fonte do Baluarte; a Fonte da Estica, na Liberdade; a Fonte da Bica, em São Caetano e a Fonte Conjunto Bahia, no bairro de Santa Mônica.

O quadro 01 apresenta as observações do Protocolo de Avaliação Rápida - PAR nas 11 estações estabelecidas para coleta de amostras de água na Bacia do Rio Camarajipe.

Quadro 01. Observações do PAR nas estações de coleta de amostras de água da Bacia do Rio Camarajipe

Parâmetros	CAM 01	CAM 02	CAM 03	CAM 04	CAM 05	CAM 06	CAM 07	CAM 08	CAM 09	CAM 10	CAM 11
Tipo de ocupação das margens	Áreas desmatadas Residencial	Residencial	Residencial	Áreas desmatadas	Comercial/ Administrativo Industrial	Comercial/ Administrativo	Comercial/ Administrativo	Comercial/ Administrativo	Comercial/ Administrativo Residencial	Comercial/ Administrativo Residencial	Comercial/ Administrativo Residencial
Estado do leito do rio	Assoreado	Assoreado	Assoreado	Assoreado	Revestido	Revestido	Revestido	Revestido	Revestido	Revestido	Revestido
Mata ciliar	Ausente (solo descoberto)	Dominância de gramíneas	Dominância de gramíneas	Dominância de gramíneas	Dominância de gramíneas	Dominância de gramíneas	Pavimentado	Pavimentado	Pavimentado	Pavimentado	Pavimentado
Plantas aquáticas	Macrófitas grandes concentradas	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Macrófitas grandes concentradas	Ausente	Perifiton abundante e biofilme	Perifiton abundante e biofilme
Odor da água	Nenhum	Leve	Médio	Leve	Leve	Médio	Forte (esgotos)	Forte (esgotos)	Médio	Médio	Forte (esgotos)
Oleosidade da água	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Pequenas manchas	"Marcas" em linhas (arco íris)	"Marcas" em linhas (arco íris)	"Marcas" em linhas (arco íris)	"Marcas" em linhas (arco íris)
Transparência da água	Muito escura	Opaca ou colorida	Opaca ou colorida	Muito escura	Muito escura	Muito escura	Opaca colorida	Muito escura	Opaca colorida	Muito escura	Muito escura
Tipo de fundo	Marcas de antropização (entulho)	Lixo	Lixo	Lama/Areia	Não visualizado	Lixo	Cimento/ Canalizado Lixo	Lixo	Lixo	Lixo	Lixo
Fluxo de águas	Sem fluxo	Lâmina d'água em 75%do leito	Formação de pequenas "ilhas"	Lâmina d'água em 75%do leito	Fluxo igual em toda a largura	Fluxo igual em toda a largura	Formação de pequenas "ilhas"	Formação de pequenas "ilhas"	Lâmina d'água em 75%do leito	Lâmina d'água em 75%do leito	Lâmina d'água em 75%do leito

Obs.: Perifiton são organismos que vivem aderidos a vegetais ou a outros substratos suspensos; Macrófitas aquáticas são plantas herbáceas que crescem na água, em solos cobertos por água ou em solos saturados com água.

QUALIDADE DAS ÁGUAS

A análise da qualidade das águas na Bacia do Rio Camarajipe foi realizada em 11 (onze) estações ao longo da Bacia, conforme coordenadas apresentadas no quadro 02 e figura 01.

Quadro 02. Coordenadas das estações de coleta de amostras de água da Bacia do Rio dos Seixos – Salvador, 2009

Estação	Coordenada X	Coordenada Y	Referência
CAM 01	557227,3922	8572588,393	Rua Oscar Duque de Almeida (Alto do Cabrito) – Dique de Campinas
CAM 02	557394,6373	8570451,657	Rua Milton Moura Costa, bairro da Baixa do Camarajipe
CAM 03	557411,3699	8568976,844	Rua Direta do Bom Juá, Jaqueira do Carneiro
CAM 04	556991,0646	8568113,576	Rua Martiniano Bonfim/Baixinha de Sto. Antônio (Bairro Reis)
CAM 05	556601,2091	8566215,354	Rua dos Rodoviários, Rótula do Abacaxi
CAM 06	556946,1162	8565344,121	Av. ACM (entre o Detran e Tratocar)
CAM 07	557878,4892	8565111,827	Av. ACM (CTS EMBASA)
CAM 08	559110,7922	8565112,125	Av. Tancredo Neves, em frente ao Salvador Shopping
CAM 09	559775,4199	8563018,211	Av. Professor Magalhães Neto em frente Colégio Thales de Azevedo
CAM 10	555101,4265	8565112,125	Av. Glauber Rocha, Estrada da Rainha, ao lado do Rei das Miudezas, Baixa de Quintas
CAM 11	554713,7823	8566292,459	Rua Cônego Pereira, Av. Sete Portas, em frente Posto Shell-SMA

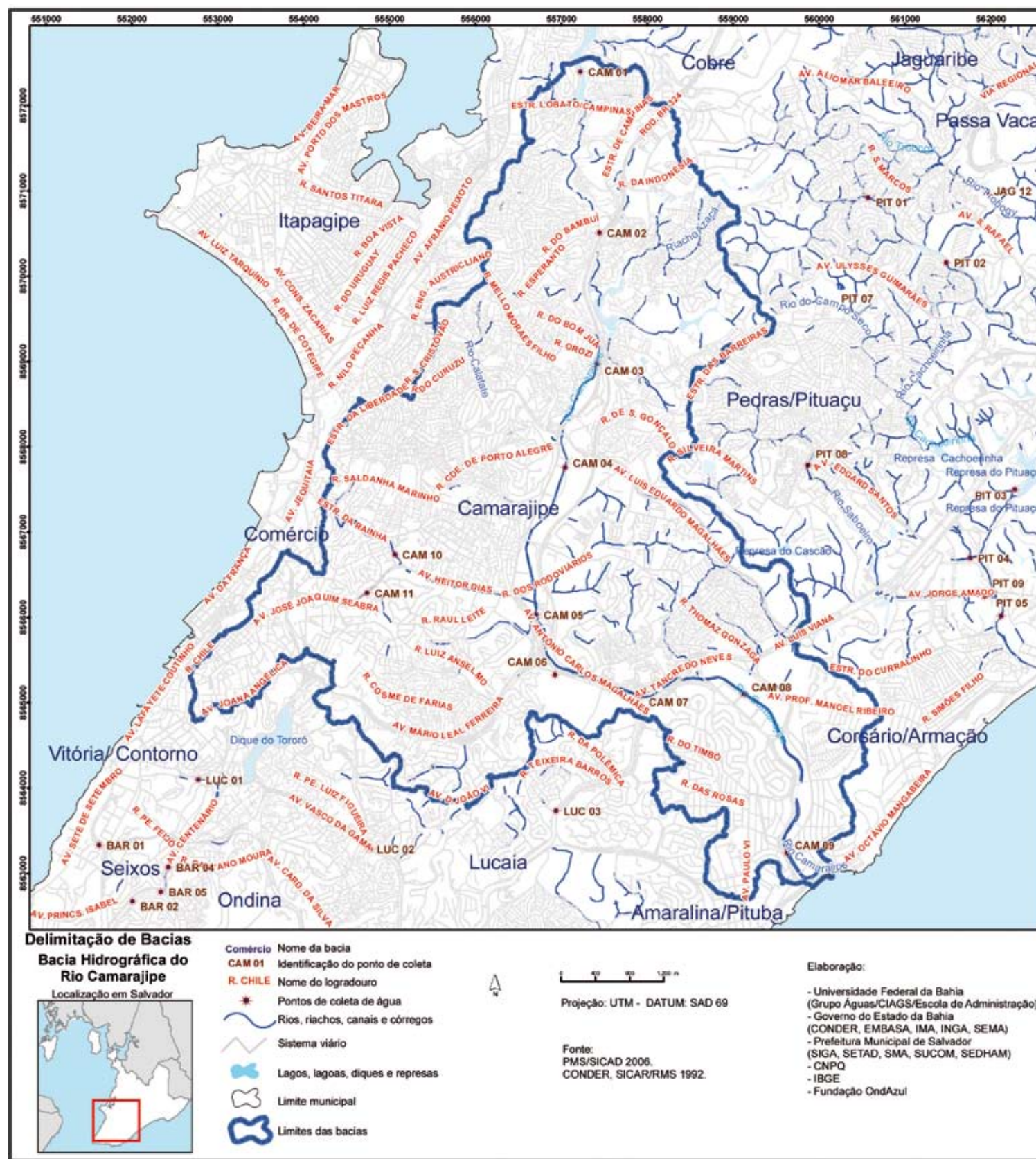


Figura 01. Bacia do Rio Camarajipe e localização das estações de coleta de amostras de água

A poluição e mesmo a contaminação dos rios por esgotos urbanos e drenagem de águas pluviais pode conduzir para o aporte de elevadas quantidades de microrganismos patogênicos, acarretando impactos ambientais e problemas à saúde pública. Dentre esses organismos, as bactérias do tipo Coliformes Termotolerantes são indicadoras da presença de esgotos e, conseqüentemente, da possível presença de patógenos nas águas, sendo bastante utilizada em monitorização de qualidade de águas.

As concentrações de Coliformes Termotolerantes obtidas nas três campanhas, foram elevadas, indicando violação desse parâmetro, principalmente, comparando os valores estabelecidos pela Resolução CONAMA n. 357/05 para águas doces classe 2, o que indica poluição por esgotos domésticos.

A maior concentração de Coliformes Termotolerantes foi obtida na campanha piloto, na estação CAM07. Neste ponto, o rio é desviado, por meio de Captação em Tempo Seco, e conduzido para a Estação de Condicionamento Prévio do Sistema de Esgotamento Sanitário de Salvador.

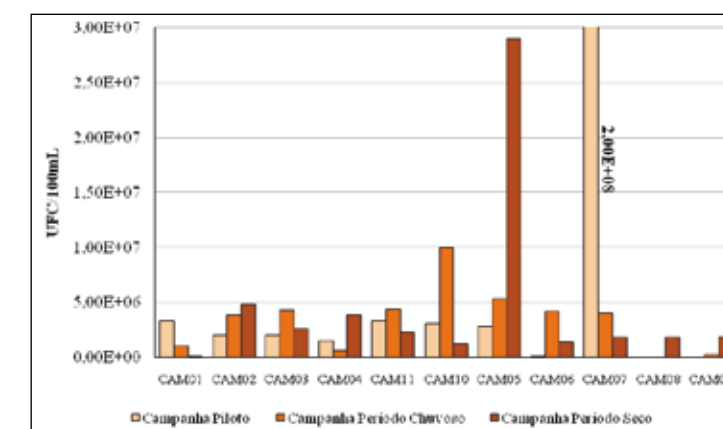


Figura 02. Coliformes Termotolerantes na Bacia do Rio Camarajipe

Apesar dos picos observados na CAM07 – campanha piloto e na CAM05 – campanha de período seco, o indicador Coliformes Termotolerantes apresentou um padrão de concentração similar nas três campanhas. Pode-se inferir que o lançamento de esgotos no leito do rio é constante, independente da ocorrência de chuvas.

A Resolução CONAMA n. 357/05 tem como padrão de oxigênio dissolvido (OD) em águas continentais da Classe 2, valores não inferiores a 5,0mg/L. Exceto concentrações obtidas na CAM01 e CAM08, todas as outras estações estiveram fora dos padrões estabelecidos pela referida Resolução. Esse fator caracteriza águas pouco oxige-

nadas, provavelmente pela ação bacteriana, que consome o oxigênio para processar o elevado teor de matéria orgânica das águas.

As altas concentrações de OD, obtidas na campanha piloto na estação CAM08, provavelmente, estão relacionadas à influência marinha, devido a sua proximidade da foz.

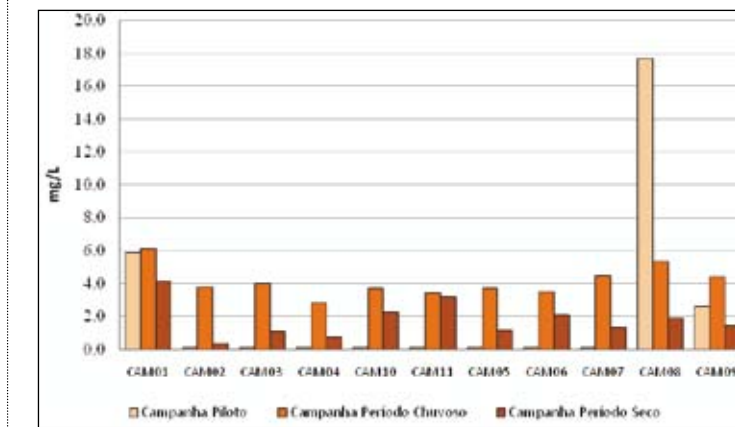


Figura 03. OD na Bacia do Rio Camarajipe

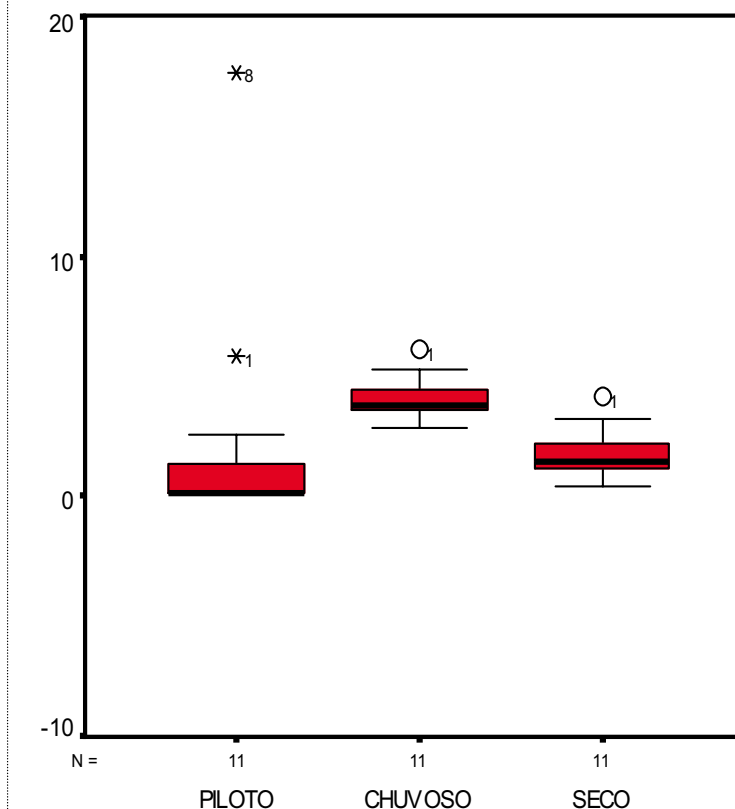


Figura 04. Comparação das Concentrações de OD na Bacia do Rio Camarajipe nas 3 Campanhas

Comparando as três campanhas, a de período chuvoso apresentou as maiores concentrações de OD, apesar dos picos registrados na Campanha Piloto, como pode ser observado na figura 03. A campanha piloto, por sua vez, apresentou muitos valores abaixo do limite de detecção do método (LDM).

Essa característica é esperada, uma vez que a ocorrência das chuvas aumenta a contribuição de águas de drenagem (ricas em OD) e dos afluentes, além de diluir a carga orgânica do rio.

Ao observar as campanhas de forma comparativa, nota-se concentrações médias maiores na campanha de período chuvoso, as de período chuvoso com valores médios intermediários e as da campanha piloto com os menores valores (Figura 04).

Assim, o período chuvoso parece favorecer o crescimento microbológico, com a oxigenação das águas e o enriquecimento de matéria orgânica pela drenagem. Todavia, comparando apenas os valores das campanhas, nota-se que a diferença entre as concentrações médias das campanhas piloto e período seco não é tão significativa.

A demanda bioquímica de oxigênio (DBO) é a quantidade de oxigênio necessária para oxidar a matéria orgânica por decomposição microbiana biodegradável, constituindo-se em um indicador indireto da carga orgânica de um determinado efluente. A DBO apresentou concentrações muito altas, principalmente, na campanha piloto. A Resolução CONAMA n. 357/05 estabelece o máximo de 5,0mg/L, sendo este excedido em todas as estações, em pelo menos uma campanha, exceto na CAM08 e CAM09. Essas altas concentrações ratificam a intensa atividade microbiana nas águas do Rio Camarajipe, com pouca oxigenação, como relatado anteriormente (Figura 05).

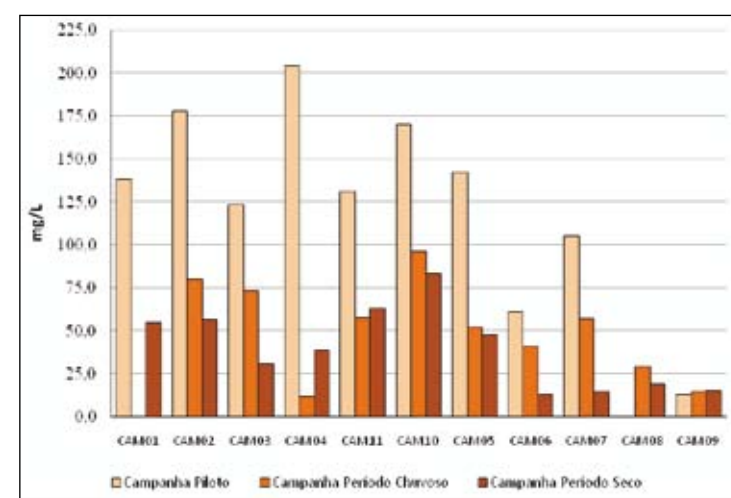


Figura 05. DBO na Bacia do Rio Camarajipe

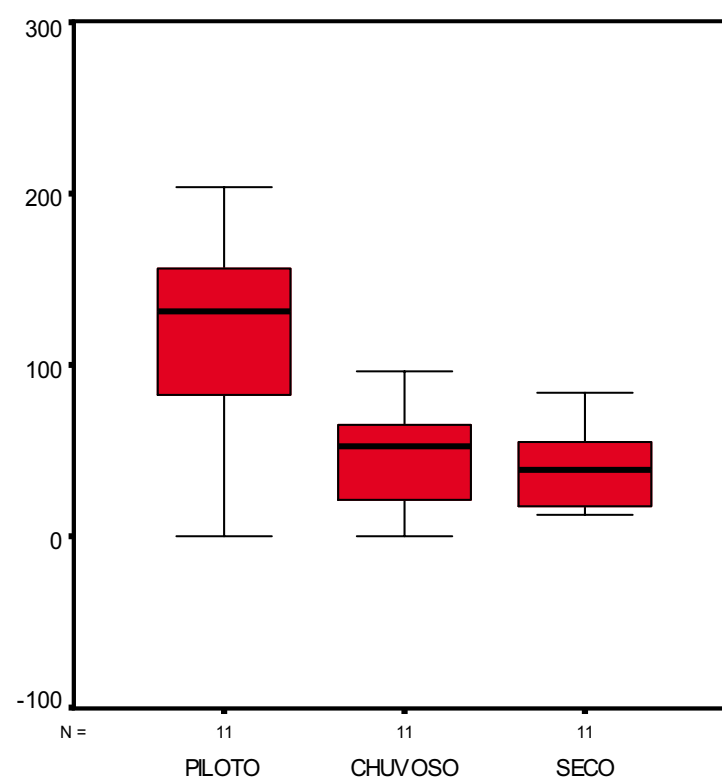


Figura 06. Comparação das Concentrações de DBO na Bacia do Rio Camarajipe nas 3 Campanhas

Ao observar as campanhas de forma comparativa, nota-se uma tendência de diminuição da concentração dos parâmetros avaliados. A campanha piloto apresentando concentrações mais altas, o período chuvoso com valores intermediários e o período seco com os menores valores, com pequena diferença entre as duas últimas (Figura 06).

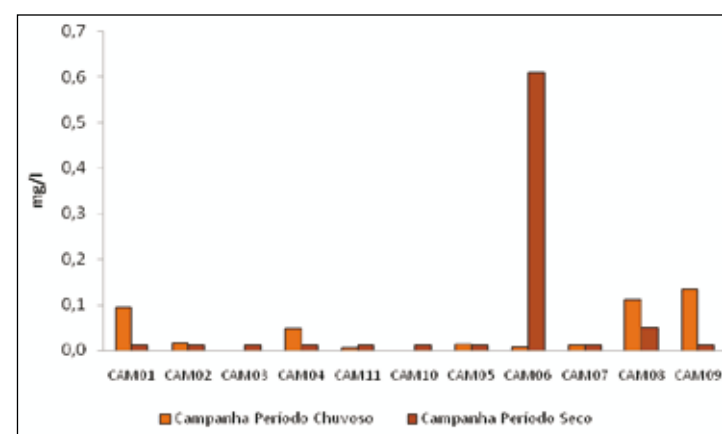


Figura 07. Nitrogênio Total na Bacia do Rio Camarajipe

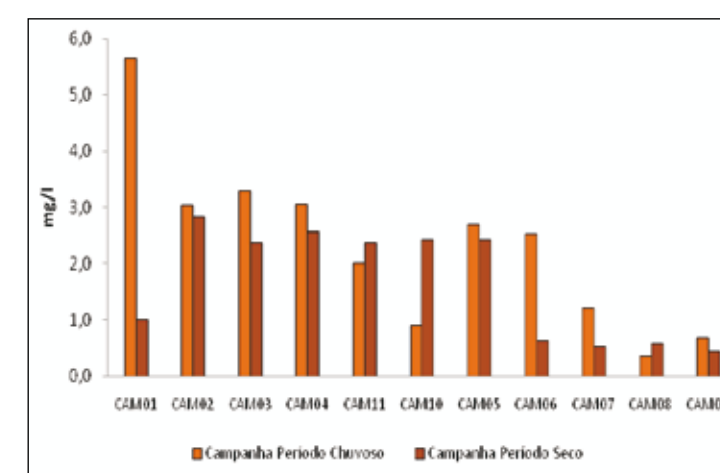


Figura 08. Fósforo Total na Bacia do Rio Camarajipe

As figuras 07 e 08 mostram as concentrações de Nitrogênio Total e Fósforo Total maiores na campanha de período chuvoso que na de período seco, na maioria das estações, sendo as concentrações de Nitrogênio Total maiores nas estações CAM01, CAM04, CAM08 e CAM09 na campanha de período chuvoso e nas estações CAM06 e CAM08 na campanha de período seco. As concentrações de Fósforo Total são maiores nas estações CAM1, CAM2, CAM3, CAM4, CAM11, CAM10, CAM5, CAM6 e CAM7 nas campanhas tanto de período chuvoso como seco, ou seja, no trecho que recebe maior contribuição de esgotos sanitários e as concentrações menores nas estações CAM8 e CAM9, próximo à atual foz do rio.

A Bacia do Rio Camarajipe, apresentou como fonte principal de poluição e maior fator de deterioração, os esgotos domésticos dos bairros que a circundam, sendo a Bacia mais antropizada e com maior densidade demográfica do município de Salvador. Alguns fatos chamaram a atenção e devem ser citados:

O ponto CAM02, localizado no bairro de São Caetano, apesar de não ter sido observado, pode ter como fonte de contaminação, óleos e graxas das garagens e oficinas localizadas no seu entorno. Estes estabelecimentos podem ser fontes poluentes também dos pontos à jusante do mesmo.

A jusante do CAM04, localizado no Largo do Retiro, observou-se uma pequena empresa de engarrafamento de refrigerantes, com o uso de garrafas PET. O funcionamento desta, sem as devidas adequações relacionadas ao descarte do efluente, pode aumentar a temperatura do mesmo, influenciando assim na quantidade de oxigênio dissolvido na água, além de óleos e graxas do maquinário que eventualmente podem poluir o rio.

O CAM11, no afluente Rio das Tripas, próximo à antiga Estação Rodoviária, serve como destino final para os restos alimentares provenientes da feira livre presente naquele local, além de esgotos domésticos e urbanos, possivelmente, tóxicos (comerciais e industriais). Outro fator que vale ser ressaltado é a proximidade do Rio com vias expressas como a BR324, Av. San Martin, Av. Barros Reis, Av. Heitor Dias, Av. Tancredo Neves, entre outras que, pela ação da queima de combustíveis fósseis pelos automóveis (fontes móveis) e emissão por vazamentos ou escapes, pode ser uma fonte de poluição ou de contaminação por Hidrocarbonetos Policíclicos Aromáticos - PAHs (produtos primários de processos de combustão incompleta) que, mesmo sendo poluentes atmosféricos, podem ser carregados das vias públicas para o Rio por meio das águas pluviais.

Do ponto de vista geral, o Rio Camarajipe tem como principais fontes poluidoras, os esgotos domésticos que afluem para o seu leito principal de forma não controlada, os contaminantes arrastados pelas águas de drenagem, o uso inadequado de seus tributários como destino final para os resíduos sólidos, esgotos sanitários e industriais e entulhos (tóxicos e/ou inertes).

O Índice de Qualidade das Águas - IQA do Rio Camarajipe se apresenta na categoria Péssimo nas estações CAM02, CAM03, CAM04, CAM10, CAM05 no Período Seco e nas estações CAM03 e CAM10 no Período Chuvoso, e na categoria Ruim nas demais estações, tanto no Período Seco como no Período Chuvoso, como mostra a figura 09, configurando-se como o IQA mais baixo dos rios do município de Salvador.

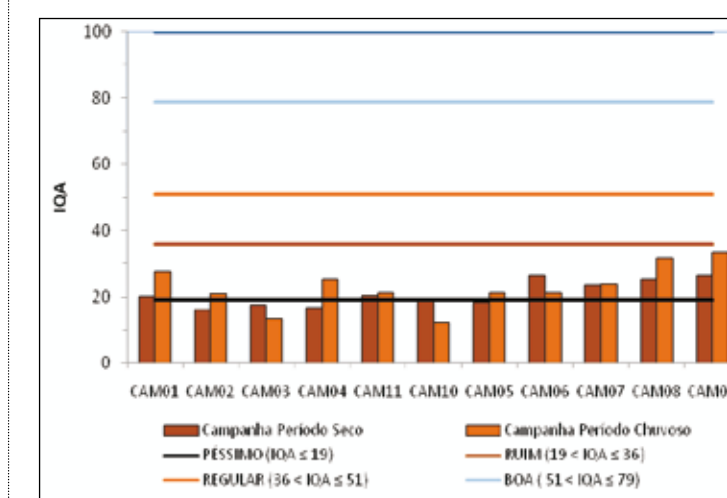


Figura 09. IQA nas estações da Bacia do Rio Camarajipe

Visando conhecer a vazão do Rio Camarajipe, realizou-se também a medição de descarga líquida em uma estação (CAM 04), situada no Largo do Retiro, coordenadas geográficas Latitude 38° 28' 28,43" e Longitude 12° 57' 06", em 14/08/2008 (Período Chuvoso), que apresentou como resultado da primeira medição $Q_1=1,118\text{m}^3/\text{s}$ e $Q_2=0,993\text{m}^3/\text{s}$, com uma vazão média, $Q_m=1,056\text{m}^3/\text{s}$.

No momento de realização da medição de vazão foi coletada

amostra de água para análise de qualidade, o que permitiu o cálculo da carga no Rio (estação CAM04), apresentada na tabela 01, para os parâmetros DBO₅, Nitrogênio Total e Fósforo Total.

Vale ressaltar que os valores de carga da tabela 01 são indicativos apenas de uma data e somente ilustrativos, considerando-se a necessidade de se analisar resultados qualitativos e quantitativos de uma série histórica, para uma representatividade da realidade da Bacia.

Tabela 01. Resultados das medições de vazão e das cargas de DBO₅, Nitrogênio Total e Fósforo Total.

Estação	Vazão Média m ³ /s	DBO ₅ mg/L	DBO ₅ t/dia	Nitrogênio Total mg/L N	Nitrogênio Total t/dia	Fósforo Total mg/L P	Fósforo Total t/dia
CAM 04	1,056	11,6	1,06	15,9	1,45	3,06	0,28



Foz do Rio Camarajipe (Costa Azul/Pituba)

ALTO DO CABRITO

O bairro **Alto do Cabrito** está localizado no Subúrbio Ferroviário e nele encontra-se uma das nascentes do **Rio Camarajipe**. Em 1950, foram instaladas nessa região diversas indústrias que necessitavam de abastecimento de água, o que levou ao represamento do Rio Camarajipe, sendo construído, então, o **Dique de Campinas**. A história deste bairro está diretamente relacionada à construção desse dique.

Documentos cartográficos da cidade registram que nesse dique estão localizadas as nascentes do Riacho Pirajá e Riacho Menino Deus, que atravessavam os bairros de Marechal Rondon, Campinas de Pirajá e Pirajá.

O dique é um manancial com aproximadamente 74.000 m², circundado por Marechal Rondon, Alto do Cabrito e Pirajá.

Localizado em um divisor de águas ao Norte da Cidade do Salvador, esse corpo d'água constitui-se em um ecossistema ímpar uma

vez que contribui para a formação das bacias do **Rio Camarajipe** e do **Rio do Cobre**.

Devido ao lançamento de efluentes de esgotos domésticos e industriais, o dique encontra-se, atualmente, com um alto índice de degradação ambiental, estando em curso na área a implantação de um projeto de reurbanização.

Os sucessivos movimentos de ocupação espontânea da área do entorno do dique resultaram na formação deste bairro, que antes se chamava Getúlio Vargas. Segundo Luiz Eduardo Dórea, o atual batismo é remanescente dos tempos coloniais quando existiu no local um engenho com o mesmo nome.

As primeiras famílias que se instalaram no local viviam das hortas que cultivavam ao redor do Dique. O crescimento do bairro não foi acompanhado de obras de saneamento básico e esgotamento sanitário, o que contribuiu para a degradação das águas.

A festa popular que mais chama a atenção e mobiliza os moradores do Alto do Cabrito é a de **São Pedro** na **Rua Coronel Fabriciano Conceição**.

Seus principais equipamentos são: o Posto de Saúde, uma Companhia da Polícia Militar, a **Capela Nossa Senhora Auxiliadora**, a **AMACA Associação de Moradores do Alto do Cabrito** e a **Escola Padre Norberto**. O grupo de teatro "É ao Quadrado" é responsável por estimular e desenvolver atividades artísticas para jovens do bairro.

O Alto do Cabrito possui uma população de 15.997 habitantes, o que corresponde a 0,65% da população de Salvador. Concentra 0,61% dos domicílios da cidade, estando 24,54% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, 38,51% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudo.



Dique de Campinas – Fonte: Ortofoto SICAD / PMS, 2006.



● MARECHAL RONDON

O bairro de **Marechal Rondon** faz limite ao Norte com o bairro de PO bairro de Marechal Rondon faz limite com os bairros de Pirajá, Alto do Cabrito, Campinas de Pirajá e com o Lobato. Sua principal via de acesso é a **Rua Vicente Celestino** onde se concentram casas comerciais, bares, unidades de saúde, escolas e casas religiosas.

Em meados dos anos sessenta, uma inundação na parte baixa do bairro do **Retiro** levou algumas famílias a procurarem um ponto mais alto para morar, surgindo assim o bairro de Marechal Rondon com casas de taipa e iluminação de candeeiro.

Nesse tempo, o local era conhecido como **Loteamento Nova Campinas** e a área ainda estava coberta por mata fechada e, segundo Manoel Ramos da Cruz, morador do bairro há 33 anos, as pessoas costumavam pegar água para beber e lavar roupa na **Fonte da**



Manoel Ramos da Cruz

Bica. Uma das nascentes do rio Camarajipe encontra-se nos limites desse bairro.

Hoje, o bairro conta com o Dique de Campinas como área de lazer.

Com a desapropriação de casas para construção do **Acesso Norte**, o local tornou-se mais povoado e mais tarde, conforme Ramos, passou a ser chamado de **Alto da Cebola** e depois de **Alto de São Jorge**. O atual nome só veio a se definir em 1972, como uma homenagem ao **Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon**.

Dentre as curiosidades do bairro, Manoel Ramos da Cruz cita a "MARECHAL.COM", um espaço cultural, onde, em outros tempos, funcionava a fábrica da cocada Baianinha (gulo-seima conhecida por todos os baianos).

Entre seus principais equipamentos públicos estão: o **Posto de Saúde Marechal Rondon**, o **Colégio Estadual Germano Machado Neto** e a **Paróquia São Lucas Evangelista**.

Marechal Rondon possui uma população de 19.262 habitantes, o que corresponde a 0,79% da população de Salvador. Concentra 0,75% dos domicílios da cidade, estando 24,10% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, 34,34% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos.



Escola Comunitaria Regina Stukenborg



MARECHAL RONDON

Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
ESC. EST. PROF. GERMANO MACHADO NETO	1672
ESC. MARECHAL RONDON	1673
ESC. MUN. COMUNIT. REGINA STUKENBORG	1504
CENTRO DE SAÚDE MARECHAL RONDON	2800
QUINÇA MARECHAL RONDON	2813
PARÓQUIA SÃO LUCAS EVANGELISTA	2914

- Centro Nome do Bairro
- R. Chão Nome do Logradouro
- 449 Código da Edif. de Referência
- C3 Edificações de Referência
- Limite de Barrios

Projeção: UTM - DATUM: SAD 89

Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006. CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

- Elaboração:
- Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBA, MA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - CNPQ
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se na 2ª Travessa Maria Lígia, por onde segue até o cruzamento com a Rua Represa de Pirajá. Segue por esta via, contornando o Condomínio Parque Campinas (exclusive). Segue em direção a Rua Lígia Maria até alcançá-la, por onde segue pela encosta. Segue até alcançar o fundo dos lotes com frente para a Rua Lirio dos Vales (inclusive), até a Estrada Campinas de Pirajá. Segue nesta via até o cruzamento com a Estrada Lobato/Campinas, por onde segue. Deste ponto segue até o Dique do Cabrito, até alcançar a 2ª Travessa Lígia Maria. Deste ponto segue em linha reta para o ponto de início da descrição deste bairro.

CAMPINAS DE PIRAJÁ

“Quando aqui chegamos, não tinha água encanada, nem luz elétrica. Hoje, o bairro de **Campinas de Pirajá** tem vida própria, comércio próprio e a maioria das ruas é asfaltada”, afirma Manoel Ramos da Cruz, representante da Associação de Moradores de Campinas de Pirajá – AMCP.

O local começou a ser povoado nas cercanias do antigo posto da Polícia Rodoviária Federal. Cruz conta que, antes da construção da rodovia BR – 324, a **Estrada Velha de Campinas** era o único acesso daquela região que ligava Salvador ao interior da Bahia, assim, a instalação desse posto atraiu pessoas ao seu redor.

José Lins de Araújo, presidente e fundador da Associação de Moradores de Campinas de Pirajá, afirma que grande parte deste bairro começou a se desenvolver a partir das ações dele. “Em 1983, isso

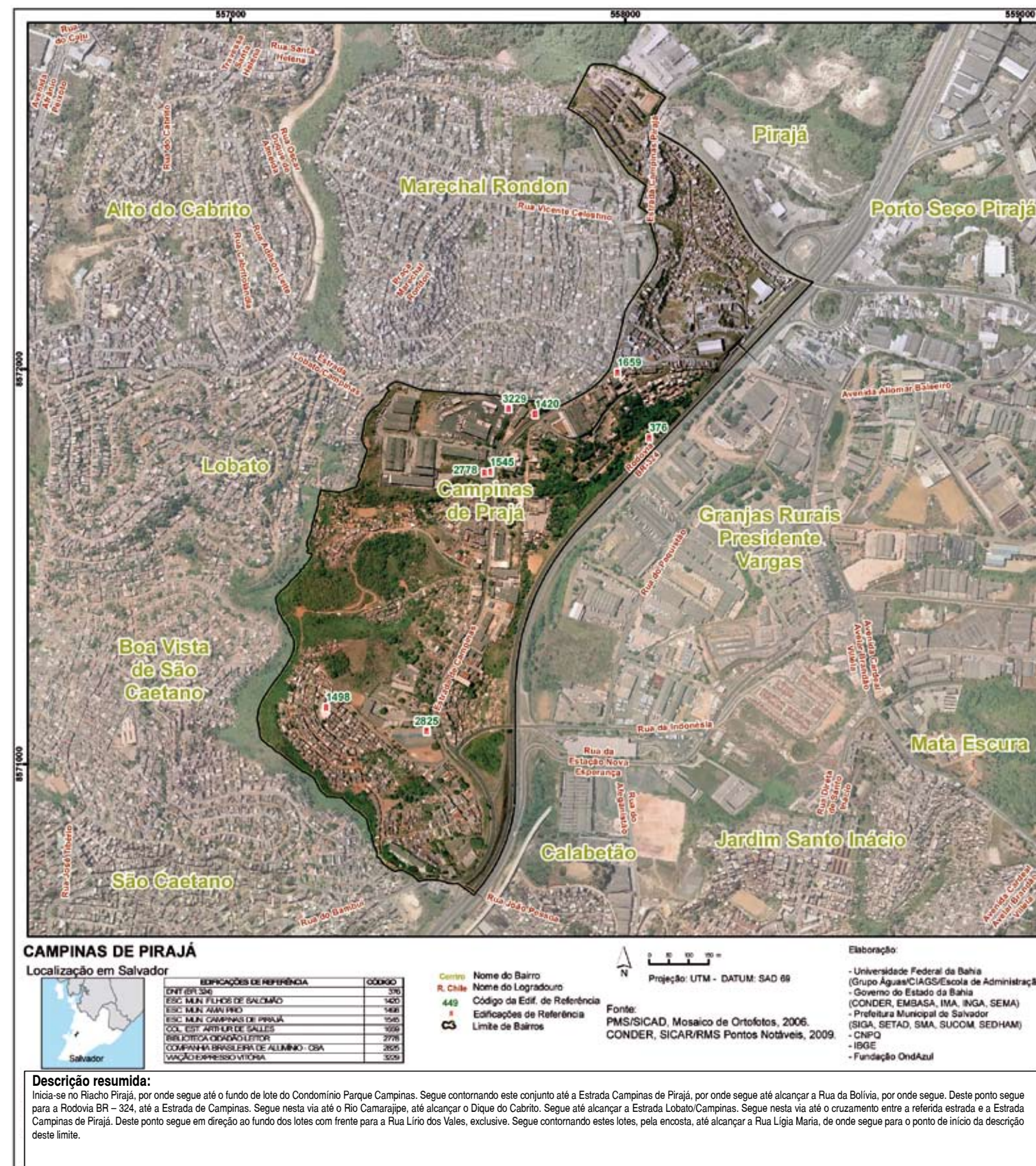
aqui tudo era lama. Primeiro criamos a Associação de Moradores, depois legalizamos e construímos a sede. Começamos a reivindicar das autoridades, aquilo que o povo precisava”.

Foi assim que a comunidade conseguiu a construção da **Escola Municipal Campinas de Pirajá**, a construção de um quilometro de canal, pavimentação e drenagem de algumas ruas e reforma de diversas escadarias. O presidente diz ainda que o **Largo de Campinas** é o maior símbolo do bairro, cujos principais equipamentos públicos são: **Colégio Estadual Arthur de Salles, Escola Municipal Amai Pro, Escola Municipal Filhos de Salomão** e a **Biblioteca Cidadão Leitor**.

Campinas de Pirajá possui uma população de 10.376 habitantes, o que corresponde a 0,42% da população de Salvador, concentra 0,42% dos domicílios da cidade, estando 26,63% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, 37% dos seus chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos.



Largo de Campinas – 2009



BOA VISTA DE SÃO CAETANO

Segundo Samuel Nonato, líder comunitário, o bairro da **Boa Vista de São Caetano** surgiu em áreas de fazendas pertencentes a famílias abastadas de Salvador: “Tínhamos a fazenda de madame Júlia, de Jovino de Azevedo, uma área da família Martins Catarino e uma área de Renato Schindler”.

O bairro, formado principalmente por pessoas vindas do interior, atualmente está bastante populoso. Segundo Samuel Nonato, a população da Boa Vista de São Caetano, hoje, como ontem, sofre com a falta de equipamentos públicos no bairro: não tem posto de saúde nem escola de nível médio, tem apenas a **Escola Helena Magalhães** e a **Escola Municipal Dr. Carlos Batalha**, de nível fundamental.

No bairro existe, ainda hoje, um córrego bastante poluído, que outrora fez parte do **Dique do Camarajipe** e do **Dique do Ladrão**. Segundo os mais antigos, esses diques eram lugares de lazer e subsistência e em suas águas límpidas era comum a navegação de pe-



Samuel Nonato

quenos barcos. Com o tempo, parte significativa desses diques foi aterrada.

Sobre a origem do nome Boa Vista de São Caetano, Nonato afirma que, segundo conta a tradição: “A Boa Vista é feita de morro, tem a parte baixa e a parte alta e deste lugar, você vê com grande beleza a Orla Suburbana, o outro lado da Ribeira... há uma boa visão da área, acredito que o nome vem daí”.

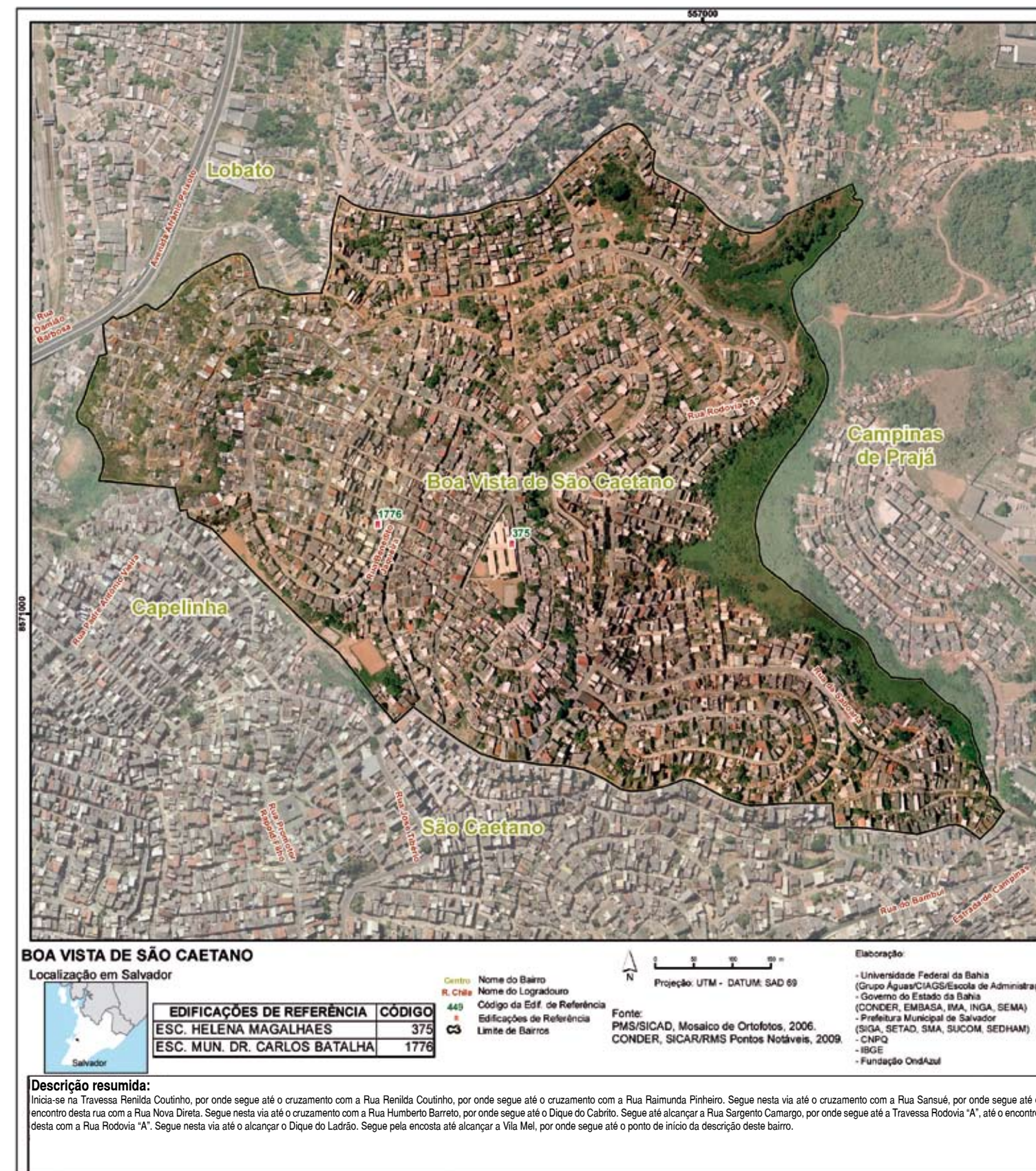
Na história deste bairro, a **Lavagem da Boa Vista** é uma festa tradicional e muito importante para a comunidade, uma vez que gera renda para suas famílias. Todo ano, as manifestações culturais do Candomblé e das igrejas evangélicas dão o “clima” do que é a festa há 15 anos.

A Boa Vista de São Caetano possui uma população de 14.630 habitantes, o que corresponde a 0,60% da população de Salvador. Concentra 0,55% dos domicílios da cidade, estando 25,32% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, 36,43% destes chefes de família têm entre 4 e 7 anos de estudos.



Escola Estadual Helena Magalhães

COINF/ SEDHAM/ PMS, 2006





Vista do bairro de São Caetano, década de 70

● SÃO CAETANO

O bairro de **São Caetano** teve sua origem em duas fazendas: a **Boa Esperança** e a **Cruzeiro do Sul**. Segundo Lauriano Barbosa, líder comunitário, o bairro surgiu quando a fazenda Boa Esperança “foi comprada em 1936 pelo Cônsul Renato Schindler que manteve no local todos os habitantes que lá residiam. Com o passar dos anos, com o objetivo de desenvolver a área, Schindler aceitou a proposta de instalação de outras firmas no bairro. Foi assim que as pessoas foram adquirindo os lotes restantes e construindo prédios e casas populares”.

Por suas esquinas e vielas, diz-se que o batismo do bairro é por causa da abundância de uma fruta chamada Melão de São Caetano, muito comum na época em que o local não passava de uma fazenda “ela é cheia de caroços vermelhos e muitas ramas e serve até para remédio” afirma Lauriano Barbosa.



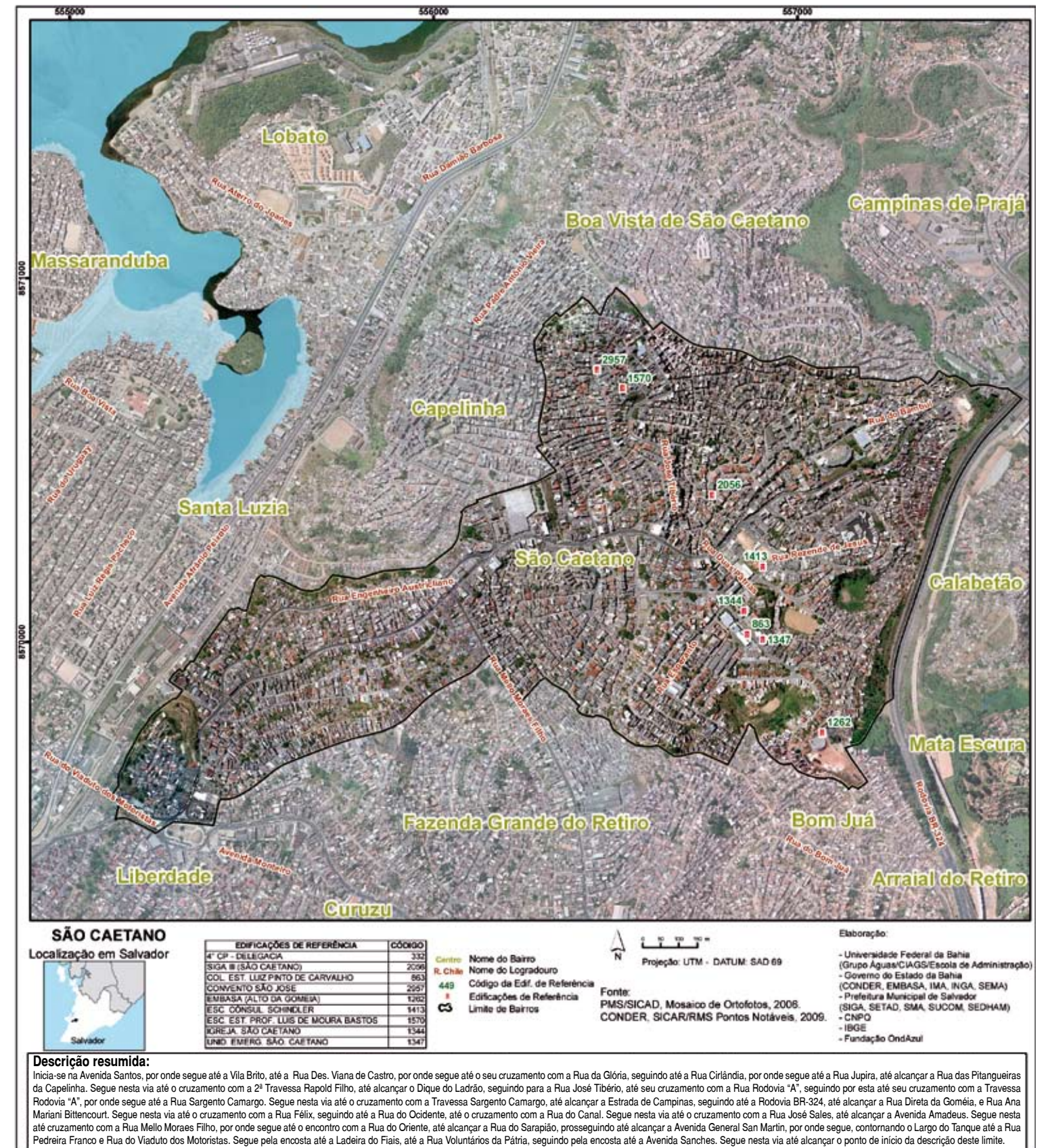
Lauriano Barbosa

O bairro abriga ainda muitas localidades; a **Goméia**, por exemplo, surgiu no entorno do antigo candomblé de Joãozinho da Goméia e, segundo os próprios moradores, com a morte do *babalaô*, em 1971, tornou-se um “lugar abandonado”. Existe ainda uma localidade conhecida como **Formiga**. Embora a população não saiba ao certo o porquê do nome, reconhece que a área parece um “formigueiro humano”, de tão populosa. A **Vila de Tiradentes** surgiu há 80 anos e somente em 2004 foi pavimentada para alegria dos seus moradores que, no ano seguinte, comemoraram o acontecimento, no dia de Tiradentes, com um bolo de 21 metros.

Os principais acessos do bairro são a Avenida Nestor Duarte e a Estrada de Campinas. Laurindo Barbosa afirma que existem duas importantes referências que marcam a história de São Caetano. Uma é a **Rua Direta de São Caetano**, tida como referência do local, por ter sido o único acesso para entrar e sair de Salvador, quando ainda não existia a BR 324, e a outra é a festa do padroeiro – São Caetano – no mês de agosto, período em que, reza-se o tríduo em louvor ao santo.

Dentre os principais equipamentos públicos do bairro estão a **EMBASA**, a **4ª Circunscrição Policial**, a **Escola Estadual Professor Luis de Moura Bastos** e a **Igreja de São Caetano**. Compõe ainda o cenário deste bairro a **Fonte da Bica**, recentemente urbanizada, que é basicamente utilizada pelos moradores da região para lavagem de roupas, de carros, para abastecimento e para banhos no local.

São Caetano possui uma população de 43.811 habitantes, o que corresponde a 1,79% da população de Salvador; concentra 1,73% dos domicílios da cidade, estando 23,03% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 31% dos seus chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudo.



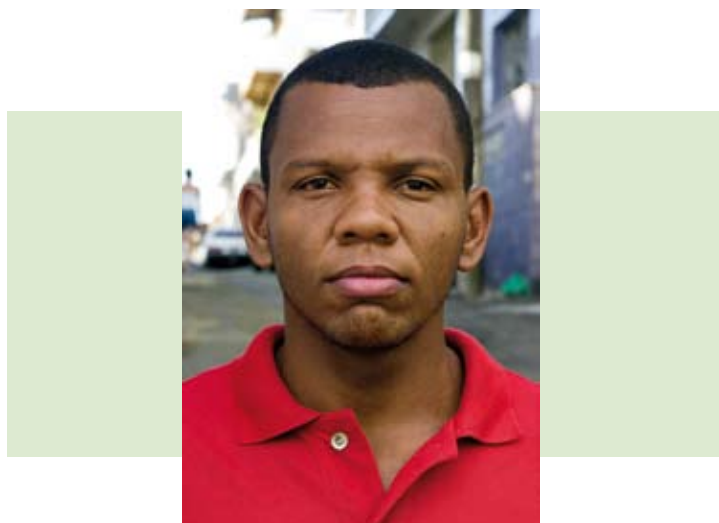
● CAPELINHA

Grande parte do bairro da **Capelinha** está encravada na falha geológica da cidade, que tem início no **Elevador Lacerda** e perpassa o bairro do **Lobato**. Onde hoje está situado o bairro, existia, até meados do século XX, o **Dique do Ladrão**, que fornecia água para as docas da Bahia. Com a desativação do Dique, foi aberto um loteamento que deu início ao povoamento do local. Segundo Jair Ferreira, líder comunitário da Capelinha, no começo o lugar era um brejo e tudo era mato. A ocupação foi construída sobre área alagadiça, que foi gradativamente sendo aterrada.

Hoje, Jair Ferreira considera a Capelinha como um bairro pequeno, calmo e esquecido há 40 anos pelo poder público, que deixou até mesmo de apoiar o carnaval local. Ele diz que *“era a única festividade na qual os comerciantes tinham a oportunidade de ter lucro, mas isso acabou.”*

A origem do nome do bairro está associada a uma pequena igreja que há muito tempo já existia no lugar. Jair Ferreira conta que um padre muito conhecido na comunidade chamava de “capelinha” essa igreja, daí, então, o nome “pegou”, passando a designar todo o lugar. *“Essa capela ainda existe, é a Igreja de São Nicolau”*, diz Ferreira.

Para Jair Ferreira, o **picolé da Capelinha** que, ao longo do tempo, ficou conhecido em todo o Brasil, é originário do bairro.



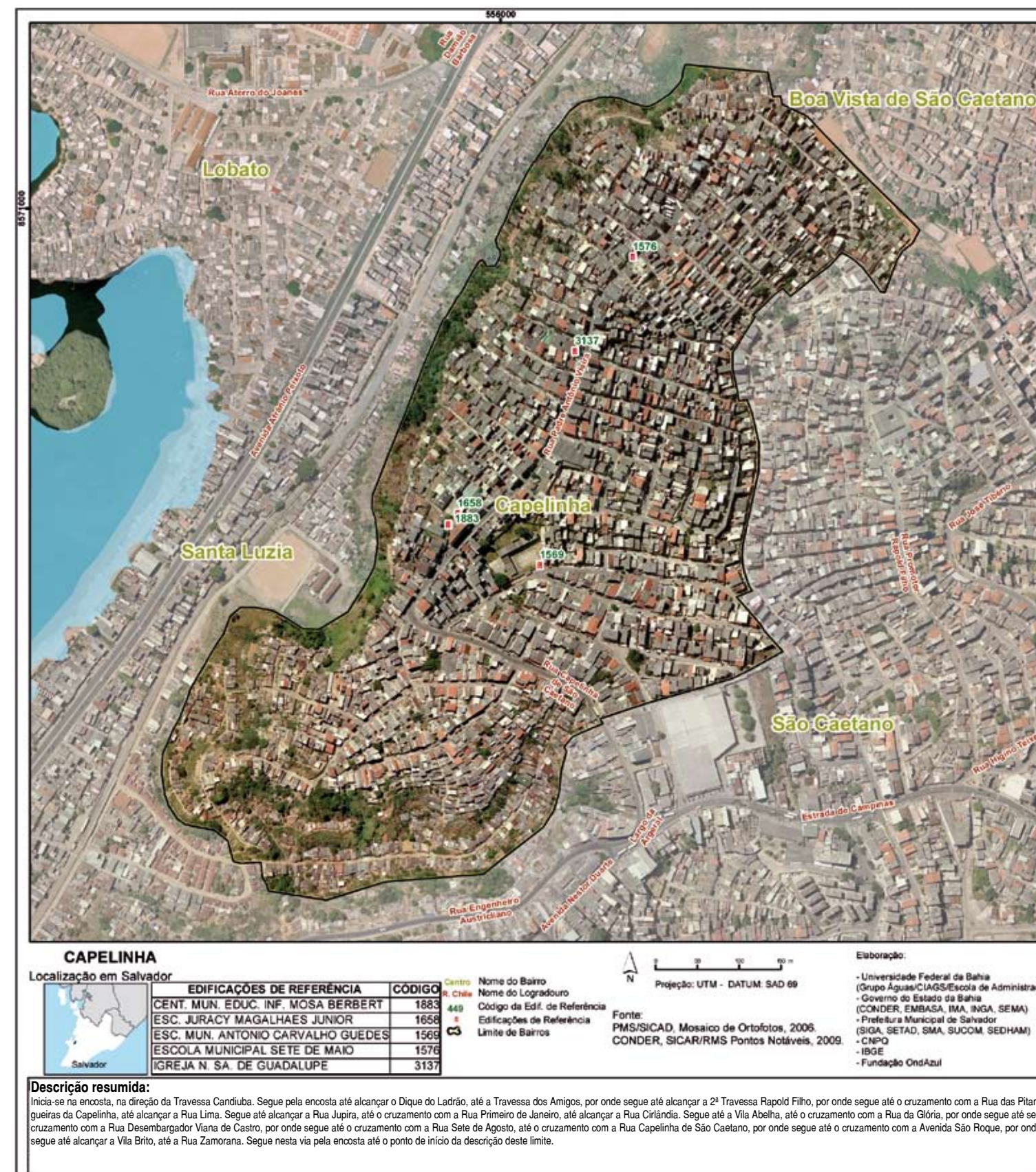
Jair Ferreira

Entre os principais equipamentos do bairro estão a **Escola Municipal Sete de Maio**, a **Escola Estadual Juracy Magalhães Junior**, a **Igreja Nossa Senhora de Guadalupe**, a **Sociedade Beneficente Recreativa da Capelinha** e a **Sorveteria da Capelinha**.

A Capelinha possui uma população de 17.215 habitantes, o que corresponde a 0,70% da população de Salvador, tem 0,67% dos domicílios, estando 23,33% da sua população situada na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos e 31,51% dos seus chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos.



Escola Municipal Antonio Carvalho Guedes





Unidade Básica de Saúde do Bairro do Calabetão

COINF / SEDHAM / PMS, 2006

CALABETÃO

A área que corresponde hoje ao bairro do **Calabetão**, na década de oitenta, era apenas uma pequena comunidade às margens da Rodovia BR – 324, próxima à **Jaqueira do Carneiro**. No entanto, sua formação remonta aos anos sessenta, com a ocupação da fazenda de Teodoro Ferreira da Cruz.

Joselita Capinam, vice-presidente do **Clube das Mães do Calabetão**, conta que nesse tempo as casas eram de palha, não havia água encanada, nem luz elétrica, sequer havia obras de infraestrutura. O bairro que ainda se formava, sobrevivia das águas do **Rio Azacá** - um filete d'água que hoje está muito poluído. O bairro é margeado pelo Rio Camarujipe.



Joselita Capinam – Zelita

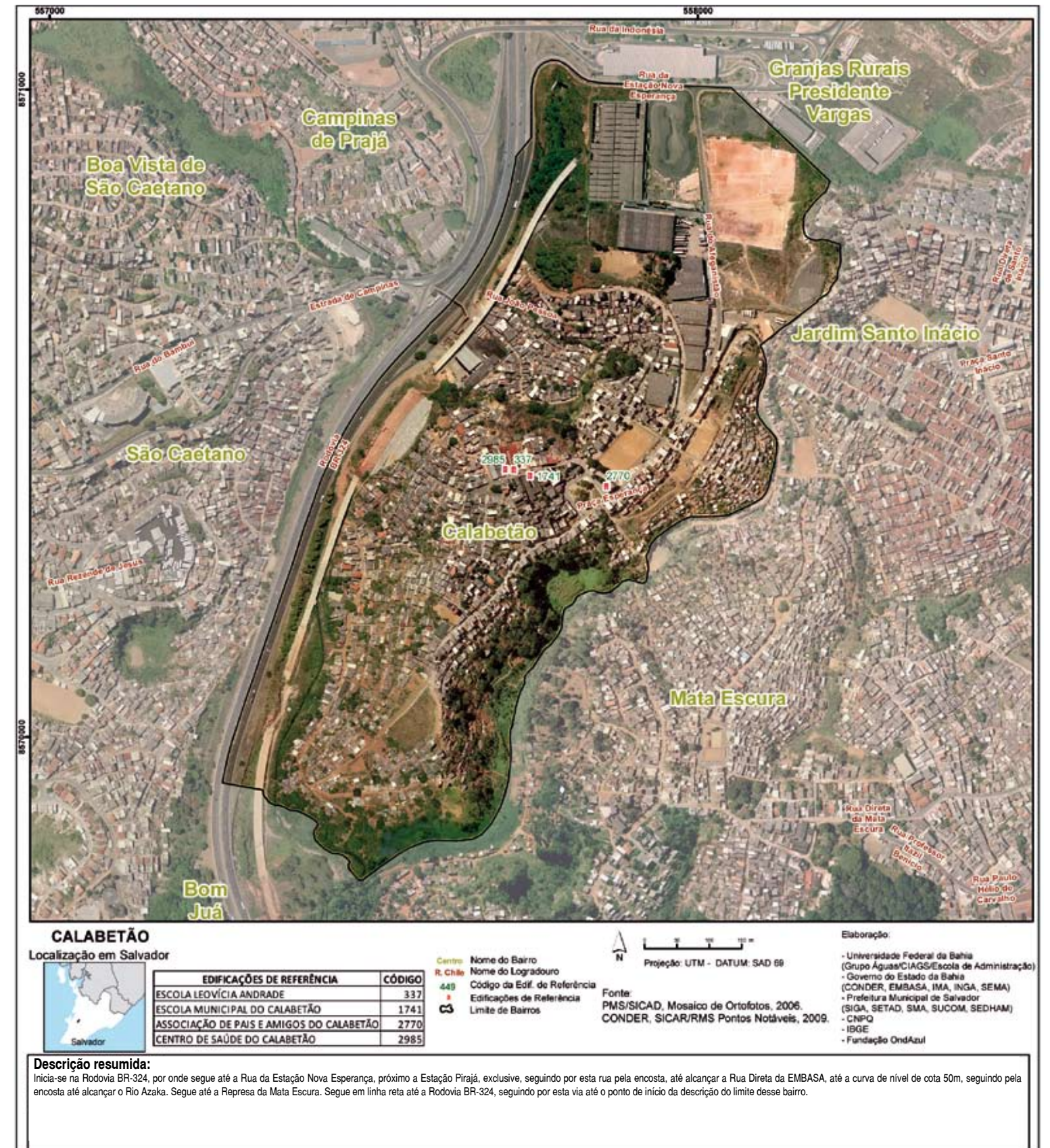
Segundo Joselita Capinam, foi com muita luta e união da comunidade que a incipiente localidade se transformou em bairro, pois o proprietário das terras não tinha interesse na consolidação da ocupação.

Sobre a origem do nome do bairro, duas histórias são contadas: a primeira delas está associada ao candomblé da lalorixá Maria Calabetan, uma das pessoas que participou da fundação do lugar. Dessa forma, Calabetão seria uma corruptela de Calabetan. A outra história conta que o bairro tem esse batismo desde 1964, quando "aqui existia uma fazenda chamada Kalabetan, com k. Naquele tempo, as pessoas não sabiam escrever direito, e quando escreviam e falavam, pronunciavam Calabetão".

Segundo os moradores, a **Escola Leovícia Andrade**, a **Igreja São Paulo** e a **Escola Municipal do Calabetão** são equipamentos importantes na vida do bairro. Além dos equipamentos já citados, a **Associação de Pais e Amigos**, a **Escola Municipal do Calabetão** e o **Clube das Mães do Calabetão** também compõem o cenário deste bairro.

Uma das festas mais importantes do Calabetão era a do dia das mães. Nesse momento, toda a comunidade se mobilizava, mas há 15 anos, segundo Joselita Capinam, a festa não acontece mais, devido à violência na região.

O Calabetão possui uma população de 10.161 habitantes, o que corresponde a 0,42% da população de Salvador. Concentra 0,41% dos domicílios da cidade, estando 26,56% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 34,72% dos seus chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos



● JARDIM SANTO INÁCIO

Segundo Ailton Melo, voluntário do **Clube das Mães de Santo Inácio**, o bairro **Jardim Santo Inácio** resultou do financiamento de um conjunto habitacional da Caixa Econômica Federal – CEF no início dos anos 1980. Com as sucessivas ocupações espontâneas, o projeto original ganhou nova feição.

Eliene Santos, presidente do **Clube das Mães de Santo Inácio**, conta que antes da intervenção da Caixa Econômica Federal a região era uma grande mata, “o projeto da CEF construiu as primeiras casas e alamedas que faziam ligação com a Mata Escura”.

Neste bairro, a comunidade costuma se mobilizar em torno de ações sociais. Nessas oportunidades, diversos órgãos municipais e estaduais, como o DETRAN e a Superintendência da Mulher, são convidados e vão a Santo Inácio a fim de levar mais informações à população sobre os serviços disponíveis.

O bairro Jardim Santo Inácio é margeado pelo Rio Azaca, afluente do Camarujipe.

Entre os principais equipamentos públicos deste bairro estão o **Colégio Estadual Célia Mata Pires** e o **Clube de Mães de Santo Inácio**, esta última, uma instituição filantrópica, cujo objetivo é oferecer à população local diversos cursos, dentre eles, o de alfabetização de adultos.

Para Eliene Santos, o símbolo de Santo Inácio é a Águia. “Por que a águia? As mulheres aqui têm baixa auto-estima. Precisamos alimentar o sonho dessas mulheres, para que sejam realizados e renovados. E a águia é uma ave que voa alto. Assim, é preciso despertar para elas voarem alto e longe”.

Jardim Santo Inácio possui uma população de 6.046 habitantes, o que corresponde a 0,25% da população de Salvador; concentra 0,25% dos domicílios da cidade, estando 23,60% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 30,17% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudo.



Escola Estadual Célia Mata Pires



JARDIM SANTO INÁCIO

Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
COLEGIO ESTADUAL 29 DE MARÇO	1738
ESCOLA ESTADUAL CÉLIA MATA PIRES	1742
UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE STO. INÁCIO	2314

- Nome do Bairro
- R. Chão Nome do Logradouro
- 449 Código da Edif. de Referência
- Edificações de Referência
- CS Limite de Bairros

Projeção: UTM - DATUM: SAD 69

Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006. CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:

- Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
- CNPQ
- IBGE
- Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se na Avenida Cardeal Avelar Brandão Villela, por onde segue até o cruzamento entre a referida Avenida e a Avenida Embassy, por onde segue até a Rua do Jenipapeiro. Segue esta via até o Rio Azaca, por onde segue até a 1ª Travessa da EMBASA, de onde segue até a Rua Direta da EMBASA, por onde segue até alcançar o ponto de início da descrição do limite desse bairro.

● MATA ESCURA

Nas primeiras décadas do século XX, o bairro da **Mata Escura** tinha apenas algumas poucas casas de taipa, era uma densa floresta que, à noite, junto com a parca iluminação, gerava uma imensa escuridão no “meio do verde”. Segundo moradores mais antigos do bairro, por isso o bairro ficou com o nome de Mata Escura. Eles ainda afirmam que na mata fechada, nenhum capitão do mato encontrava os negros que fugiam e faziam deste local um novo abrigo

A urbanização da área, no entanto, só aconteceu depois de um longo processo de ocupações espontâneas, principalmente após a inauguração, nos anos 1950, do maior complexo penitenciário da Bahia, a **Penitenciária Lemos de Brito**. Segundo Maria de São Pedro Gomes da Encarnação, moradora do bairro há 83 anos, inicialmente, as famílias que se estabeleciam no bairro pagavam anualmente o foro ou laudêmio, pela aquisição do terreno, àqueles que um dia foram os donos de toda a área, Maximiniano da Encarnação e Manoel Muniz. Com a morte de Maximiniano e a rápida ocupação do bairro, essas taxas deixaram de ser cobradas.

Para Danica Silvana Teles Santos, educadora da Associação das Comunidades Paroquiais de Mata Escura e Calabetão - ACOPAMEC, o **Terreiro Bate Folha**, de nação angola é uma forte marca do bairro. Fundado oficialmente em 1916, foi reconhecido em 1993 pela Prefeitura Municipal de Salvador como de utilidade pública. Pelo Ministério da Cultura, foi reconhecido como um Território Cultural Afro-Brasileiro, sendo hoje tombado como patrimônio histórico do Brasil pelo IPHAN.

Da exuberante e densa natureza do local restou apenas a vegetação do Terreiro do Bate Folha, a **Lagoa do Prata** e a **Lagoa do Urubu**, nas proximidades da **BRASILGAS**, já bastante assoreadas.

No final do século XIX, as águas do **Rio Camarajipe** foram represadas e foram construídas, neste bairro, a **Represa da Mata Escura** e a **Represa do Prata**, para abastecimento público da cidade. Projetadas pelo engenheiro baiano Theodoro Sampaio, foram desativadas em 1987, devido à baixa vazão e pela poluição provocada pelo lançamento de esgotos sanitários e resíduos sólidos.

Na área dessas represas, existe uma das últimas reservas naturais da cidade, concentrando a maior densidade de vegetação nativa remanescente de Mata Atlântica.

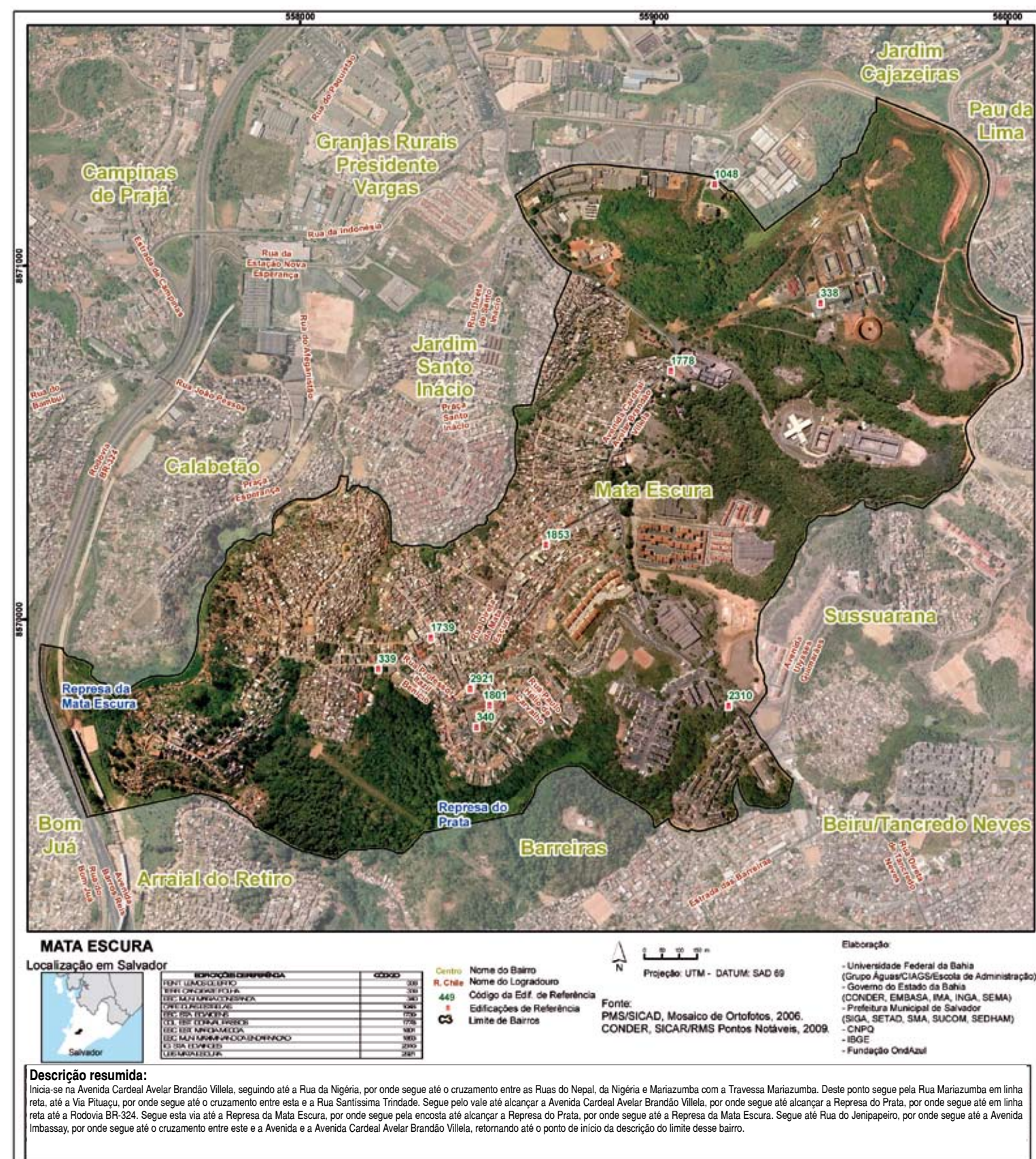
Em 2006, os moradores desta área começaram a contar com a **Bi-**

blioteca Comunitária Lélia Gonzáles, um espaço cultural envolvido com o resgate da cultura negra em Salvador. No ano seguinte, foi criado o **Projeto Convivência Arte e Criação**, coordenado pelo sociólogo Gey Espinheira, tendo sido recentemente inaugurado o **Teatro Artesão da Paz**, com o objetivo de profissionalizar e inserir no mercado de trabalho jovens em situação de risco.

Mata Escura possui uma população de 23.694 habitantes, o que corresponde a 0,97% da população de Salvador; concentra 1,15% dos domicílios da cidade, estando 21,70% dos seus chefes de família sem rendimento. No que se refere à escolaridade, constata-se que 29,85% dos seus chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudo.



Represa da Mata Escura



● BOM JUÁ

Encravado em uma encosta na Rodovia BR – 324, o bairro do **Bom Juá**, que faz limite com Fazenda Grande do Retiro e São Caetano, surgiu a partir de ocupações espontâneas na década de quarenta, quando parte da **Rua Direta** e adjacências eram utilizadas como horta. A intensificação da ocupação data dos anos 50 e 60, embora, há 25 anos, ainda existisse muito mato.

Segundo Cláudio Primo, líder comunitário do bairro, “na rua principal existia esgoto a céu aberto e lama, quando chovia, alagava tudo, só víamos os telhados das casas e a vegetação mais alta. As residências eram distantes uma das outras e a maioria das casas era de taipa”. No início da ocupação, Bom Juá era servido por muitas fontes. Destas, apenas uma ainda existe: a **Fonte da Bica**.

Segundo relato dos moradores, além de muito utilizada para banhos e lavagem de roupas, a fonte serve para o consumo da população. No bairro, existia também o **Dique do Bom Juá**. O **Rio Camarajipe** e um dos seus afluentes passa pelo bairro, seguindo em direção ao final de linha, na localidade do Marotinho, estando hoje canalizado (obra realizada no começo da década de 80) e convertido em um canal de esgoto.

Primo afirma que o nome do bairro remonta ao tempo em que Bom Juá era uma mata fechada com muitas árvores frutíferas. “Entre essas árvores, havia o juazeiro, cujas folhas são usadas para limpar os dentes. Havia, porém, uma específica, que ficava mais ou menos no final de linha, que era ‘boa de quantidade’. E quando as pessoas se encontravam no caminho, perguntavam ‘vai aonde?’ alguns falavam ‘vou ao bom juá’. E assim ficou denominada toda essa região”.

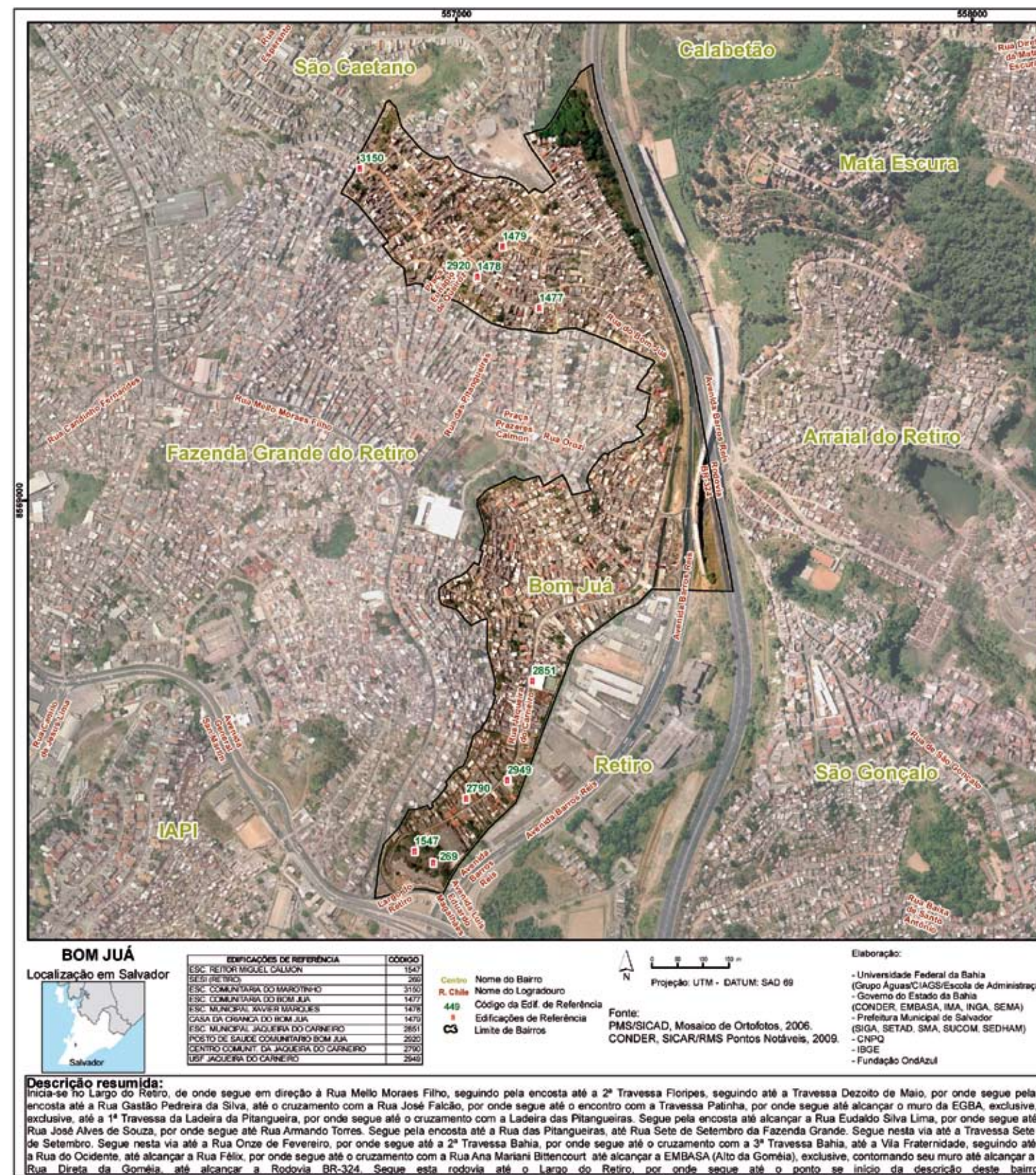
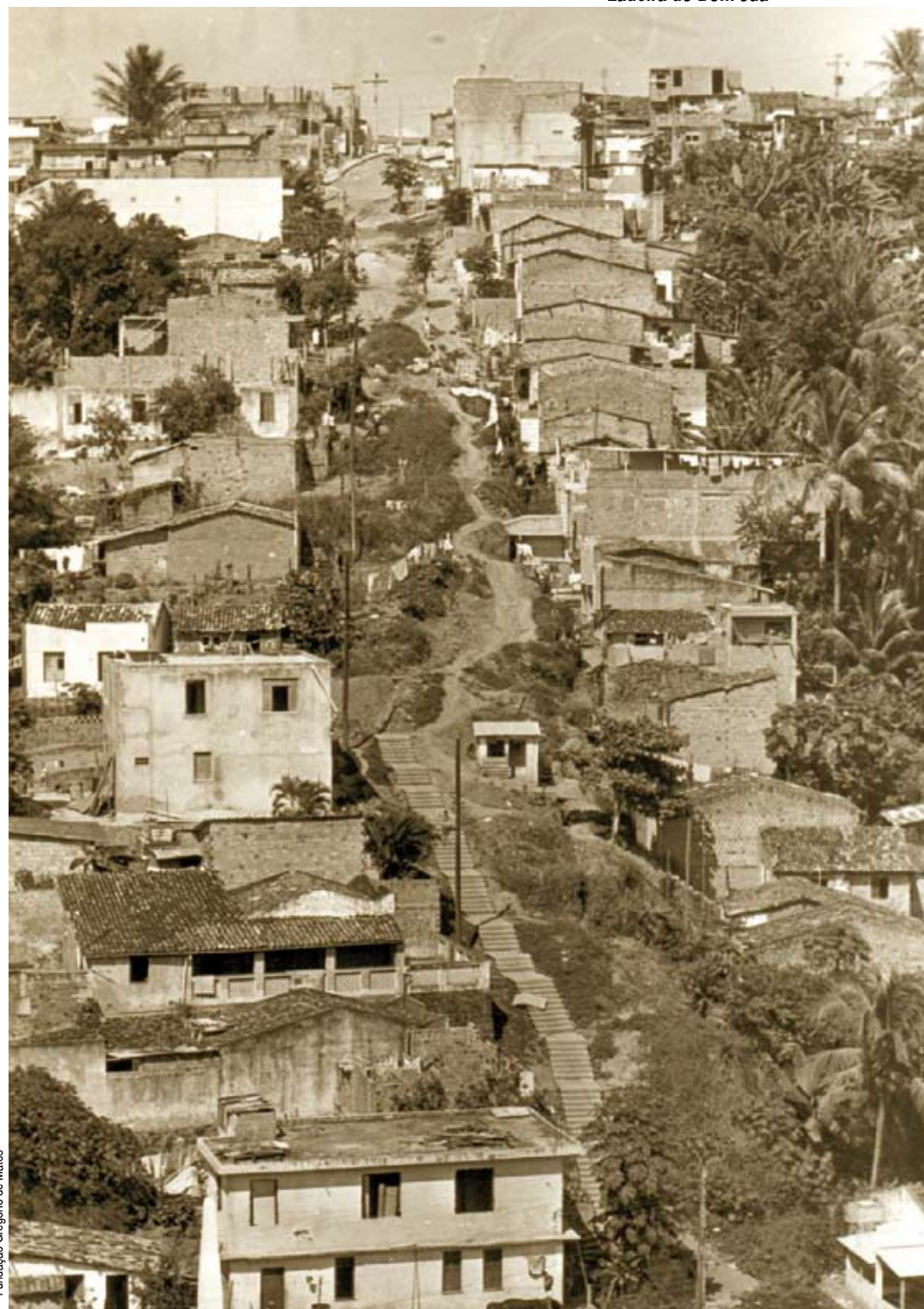
O **Dia Nacional de Luta das Associações de Moradores** é comemorado todo ano em 30 de outubro, com festa, desfile na rua e show na Praça Eunápio de Queiroz.

Entre os principais equipamentos públicos do bairro estão o **posto médico**, a **Escola Municipal Xavier Marques**, a **Escola Casa da Criança**, a **Escola**

Pública do Bom Juá, o **Posto de Saúde Comunitário** e a **Biblioteca Comunitária**.

Bom Juá possui uma população de 9.408 mil habitantes, o que corresponde a 0,39% da população de Salvador; concentra 0,37% dos domicílios da cidade, estando 25,14% dos seus chefes de família situados na faixa de sem rendimento. No que se refere à escolaridade, constata-se que 34,96% dos seus chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudo

Ladeira do Bom Juá





Rua Mello Moraes Filho

Fundação Gregório de Matos

● FAZENDA GRANDE DO RETIRO

O bairro **Fazenda Grande do Retiro** surgiu do adensamento de ocupações que cresceram em encostas até atingir o topo do morro, ao longo da rodovia BR – 324. O bairro é composto pelas localidades de **Pitangueiras, Alto do Peru, Fonte do Capim, Vila Natal, Nó de Pau, Calafate e Fonte da Bica.**

Segundo Marivaldo Oliveira, ex-presidente da Associação de Moradores, em meados do século XX, a fazenda, cujo nome era **Fazenda Grande do Retiro**, transformou-se em várias chácaras apropriadas por posseiros. *“Daí foram construindo, loteando, até virar bairro”.*

O único rio que existia na região é hoje um canal de esgoto. Antigamente, havia no bairro o **Dique do Calafate** e o **Tanque do Meio**, hoje aterrados e convertidos em canal de esgoto que segue em direção à localidade do Marotinho. A fonte na pedra da Fazenda Grande do Retiro foi soterrada.

A sede da **EGBA – Empresa Gráfica da Bahia**, instalada no local desde 1972, é um ponto de referência do bairro. Este bairro é fortemente marcado por uma história de luta e resistência. Dois fatos marcaram especialmente sua história: o primeiro foi a **Festa do Lixo** e o segundo, uma manifestação da comunidade contra a instalação, no bairro, de uma agência do BANEb.

Marivaldo Oliveira conta que a Festa do Lixo surgiu em 1975, a partir de um protesto realizado pelos moradores da Fazenda Grande

do Retiro contra a falta de coleta de lixo. Depois de inúmeros apelos feitos às autoridades para a retirada dos dejetos que vinham se acumulando há semanas, a comunidade organizou um mutirão que percorreu as ruas do bairro, retirando o lixo para, em seguida, depositá-lo em frente à EGbA. *“De imediato vieram cinco caminhões para fazer a coleta e, desta data em diante, passamos a comemorar a retirada desse lixo todo dia 02 de julho”.* Segundo Oliveira, a festa durou até a década de 1990 quando, por determinação política, o evento foi dispersado com ataques violentos de policiais à população.

O segundo fato ocorreu nos anos oitenta, quando da inauguração de uma agência do BANEb. A comunidade que, naquele momento, reivindicava um centro de saúde, se aglomerou no Largo da Fazenda Grande e começou a vaiar toda a comitiva presente na inauguração. A polícia mais uma vez reprimiu os moradores que protestavam contra a instalação do banco.

Atualmente, este bairro tem entre seus principais equipamentos a **Associação Beneficente Educativa Recreativa Unidos da Fazenda Grande**, a **Escola de 1º Grau Natália Vinhas**, o **Colégio Estadual Zilma Gomes Parente de Barros** e a **Igreja São Pedro e São Paulo.**

Fazenda Grande do Retiro possui uma população de 57.752 habitantes, o que corresponde a 2,36% da população de Salvador; concentra 3,02% dos domicílios da cidade, estando 23,95% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 32,90% dos seus chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudo.



FAZENDA GRANDE DO RETIRO

Localização em Salvador

NEPOCONCINSENCIA	00000
001	300
002	300
003	300
004	300
005	300
006	300
007	300
008	300
009	300
010	300
011	300
012	300
013	300
014	300
015	300
016	300
017	300
018	300
019	300
020	300

Projção: UTM - DATUM: SAD 69

Elaboração:

- Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCCOM, SEDHAM)
- CNPQ
- IBGE
- Fundação OndAzuil

Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006. CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Descrição resumida:
Inicia-se na Rua do Sarapião, por onde segue até a Rua do Oriente, até o cruzamento com a Rua Mello Moraes Filho. Segue pela Avenida Amadeus até a Vila Antônio Costa, por onde segue até Vila Augusta, seguindo até a Vila José Sales. Segue por esta até a Rua José Sales, por onde segue até o cruzamento com a Rua do Canal. Segue nesta rua até a Vila Fraternidade. Segue nesta via até o cruzamento com a 2ª Travessa Bahia. Segue por esta até o cruzamento com a Rua Onze de Fevereiro. Segue nesta via até a Travessa Sete de Setembro, até alcançar a Rua Sete de Setembro de Fazenda Grande. Segue nesta via até a 4ª Travessa das Pitangueiras. Segue nesta via, pela encosta, até alcançar a Ladeira das Pitangueiras, até seu cruzamento com a 1ª Travessa da Ladeira das Pitangueiras. Segue por esta via, até alcançar o muro da EGbA, inclusive, até o Travessa Patinha, por onde segue até a Rua José Falcão. Segue nesta via até o cruzamento com a Rua Gastão Pedreira da Silva. Segue pela encosta até a Travessa Dezoito de Maio, por onde segue até o cruzamento com a 2ª Travessa Floripes. Deste ponto segue pela encosta até alcançar a Rua Mello Moraes Filho, prosseguindo até o Largo do Retiro, de onde segue para Avenida General San Martín, por onde segue até a Ladeira do Sarapião, por onde segue até o ponto de início da descrição deste bairro.

● ARRAIAL DO RETIRO

O bairro do **Arraial do Retiro** localiza-se nas margens da Rodovia BR 324. A história deste bairro pode ser dividida em dois momentos: antes e depois do ano de 1995. Até então, o Arraial era apenas uma pequena ocupação espontânea. No referido ano, um deslizamento de terra matou trinta e uma pessoas no local e deixou inúmeras famílias desabrigadas, o que forçou os órgãos públicos a intervir no local. Antonio de Jesus, vice-presidente da **Associação de Moradores do Arraial do Retiro**, conta: “com o tempo *apareceu a URBIS e construiu 321 casas, daí então o bairro cresceu*”.

Ali existe um córrego, hoje canal de esgoto, que sai da Lagoa da Vovó (em São Gonçalo) em direção ao rio Camarajipe – a calha atravessa parte do bairro, próximo ao limite com Bom Juá, na Rodovia BR 324.



Antonio de Jesus

Encontra-se localizada no bairro parte da Represa da Mata Escura e áreas remanescentes de pedreiras, que acumulam água, sendo que uma delas forma uma lagoa, utilizada como área de lazer do bairro, situada no final da Rua Soares Filho. Essa Lagoa, caso fosse bem tratada, poderia realmente se transformar em espaço de lazer, segundo moradores do bairro. De acordo com Antonio de Jesus, vice-presidente da Associação de Moradores, quando ele chegou ao bairro no final da década de setenta, “*era uma invasão braba mesmo. Alagava tudo, quando chovia, no inverno, a gente não dormia com medo de ter uma enchente*”. O bairro começou a se desenvolver há pouco tempo e logo depois estagnou, afirma Antonio de Jesus. Não tem nem fábrica, nem artesanato e o comércio é fraco, o que dificulta o desenvolvimento do local.

O bairro conta com a **Escola Municipal Educador Paulo Freire** e a **Igreja de Santa Clara** e no dia 12 de agosto os moradores se mobilizam em torno da **Festa de Santa Clara**.

Arraial do Retiro possui uma população de 7.400 habitantes, o que corresponde a 0,30% da população de Salvador; concentra 0,28% dos domicílios da cidade, estando 20,71% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 28,82% dos seus chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudo.

Vista aérea do bairro e entorno



Ortofotos SICAD / PMS - 2006





Foto: Elba Veiga

Avenida Estradas das Barreiras

● BARREIRAS

Localizado no “miolo” de Salvador, o bairro **Barreiras** expandiu-se a partir da década de setenta, quando as chácaras desta região cederam espaço para a construção de conjuntos habitacionais. Antes disso, conforme Anataldo da Cruz, presidente do **Conselho de Moradores das Barreiras – COMOBA** - este bairro “parecia uma roça, era uma casa aqui, outra bem distante, não tinha água encanada, luz elétrica e asfalto; à noite, tínhamos que andar com lanterna para não pisar em cobra, pois tinha muito desses animais nesta área por causa do horto”.

Existe em Barreiras o horto florestal, que para Anataldo da Cruz está entre os símbolos do bairro, “tem até um projeto para transformá-lo em parque ecológico”, nele, há também uma fonte natural muito utilizada pelo Terreiro **Ibá Oji Tundê** em suas cerimônias e pelos moradores da região.

O presidente do Conselho ainda conta que existem vários mo-

mentos que mobilizam a comunidade, por exemplo, o **Dia das Crianças**, quando se distribui brinquedos e lanches; o **Aniversário da Igreja Católica Volta do Senhor** e o **Forró Elo**. Todavia, “a grande coqueluche do bairro, é o nosso **Campeonato de Futebol**, que mobiliza muita gente e já virou tradição. Muitos moradores assistem aos jogos. Há mais de quinze anos esse campeonato é disputado”.

Entre os principais equipamentos públicos das Barreiras estão: a **Escola Estadual Maria Bernadete Brandão**, o **Colégio Municipal Anfrisia Santiago**, a **Escola Municipal Cabula I**, o **Colégio Municipal Nossa Senhora do Resgate** e o **Centro de Triagem de Animais Silvestres do IBAMA**.

Barreiras possui uma população de 18.305 habitantes, o que corresponde a 0,75% da população de Salvador; concentra 0,73% dos domicílios da cidade, estando 21,30% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 29,40% dos chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.

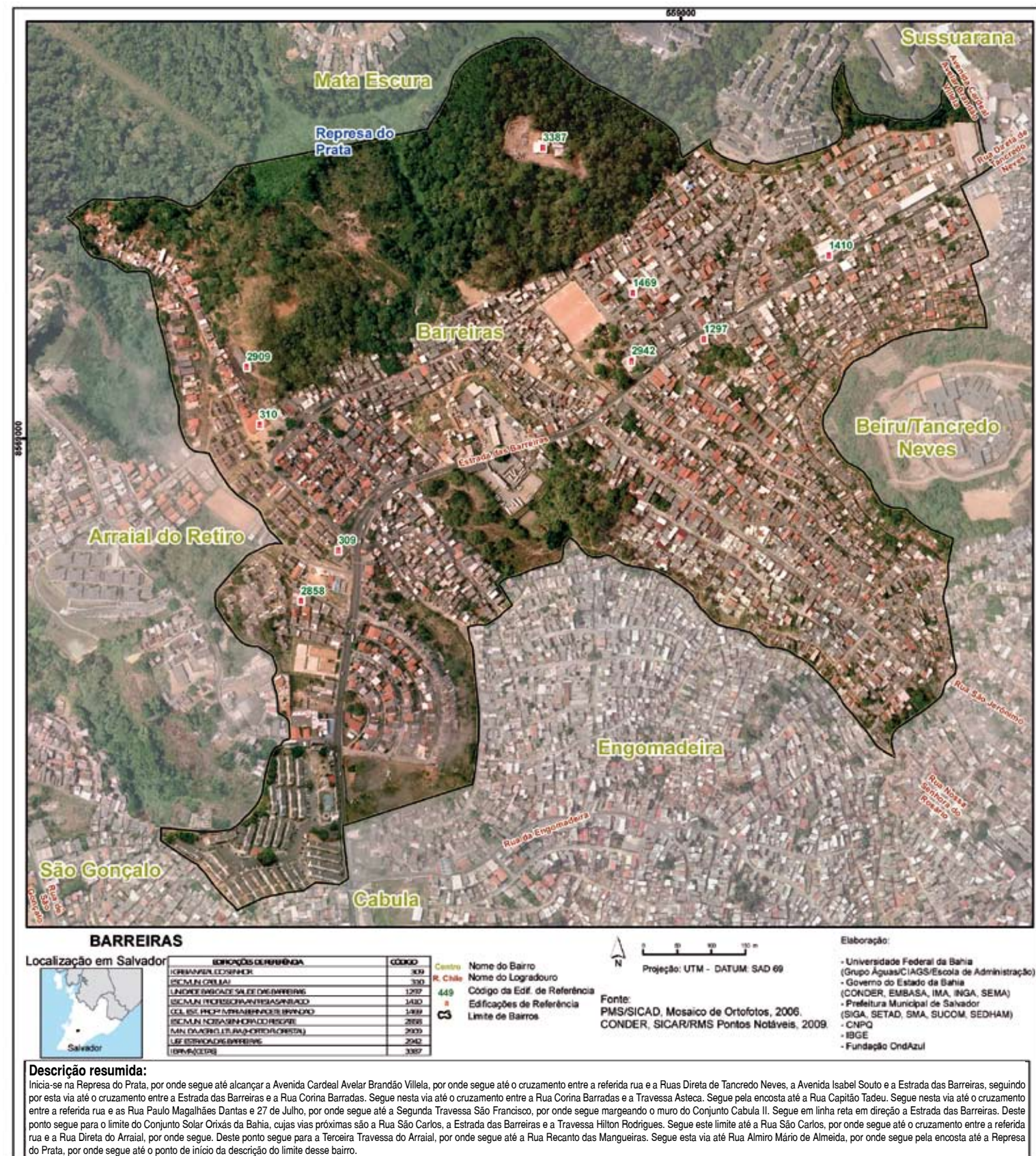




Foto: Elba Veiga

Av. Barros Reis

● RETIRO

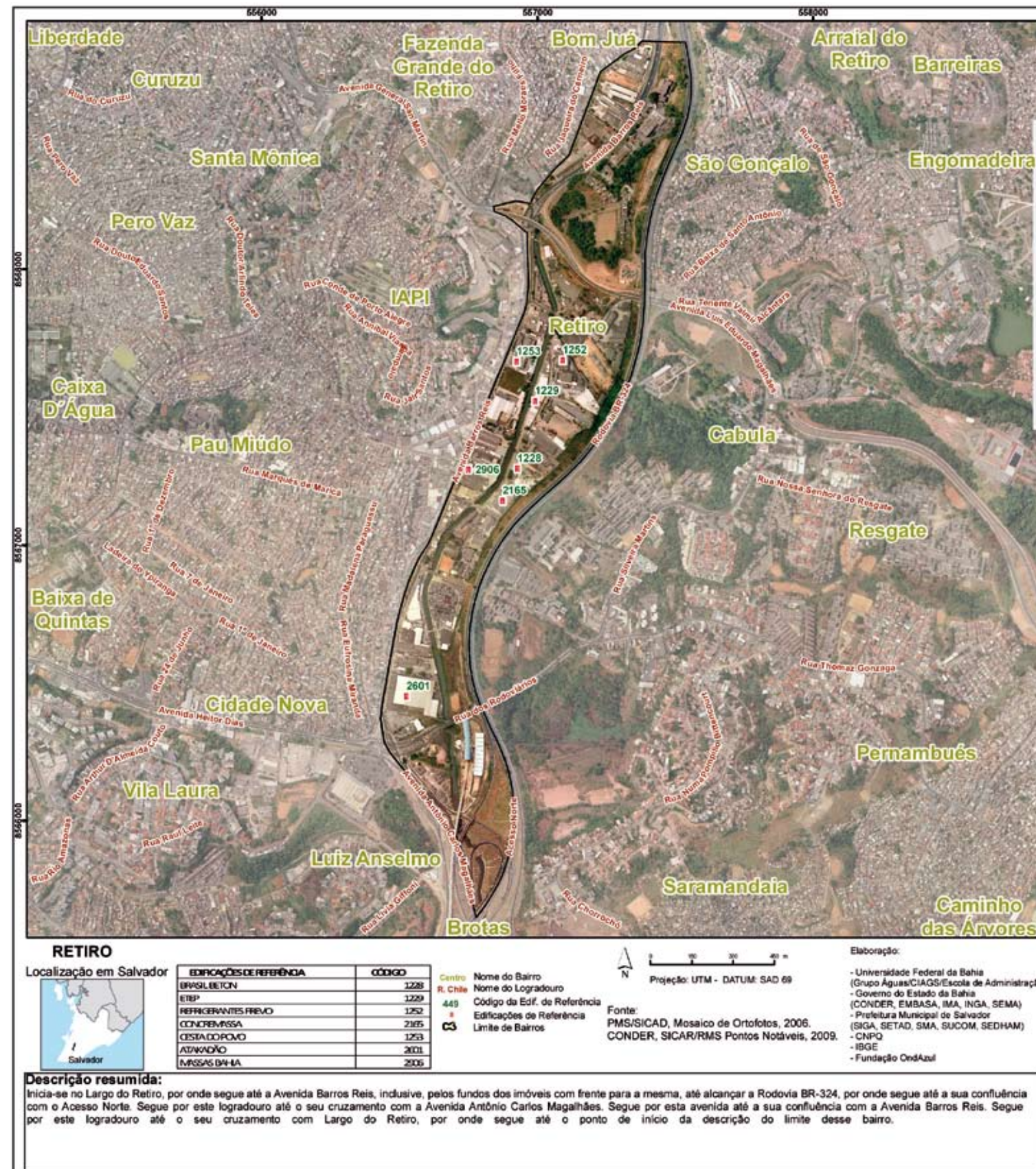
Segundo antigos moradores do bairro **Retiro**, este local era uma fazenda onde freiras costumavam fazer seu retiro espiritual, por isso, inclusive, leva esse batismo.

Nesse período, Alberto de Jesus, vice-presidente da Associação Beneficente Santa Rita Durão (desativada), conta que só existia uma pista de sentido único. O Retiro está entre os bairros da calha principal do **Rio Camarajipe**; neste bairro, existe também um cur-

so d'água, antes conhecido como **Beira Rio**, que hoje é apenas um esgoto a céu aberto.

Para Alberto de Jesus, o bairro se desenvolveu pouco, uma vez que lhe falta um comércio melhor estruturado.

O Retiro possui uma população de 1.298 habitantes, o que corresponde a 0,05% da população de Salvador; concentra 0,05% dos domicílios da cidade, estando 32,33% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 0,5 a 1 salário mínimo. No que refere à escolaridade, constata-se que 41,39% dos seus chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudo.





Rua Conde de Porto Alegre

Fundação Gregório de Matos

● IAPI

O bairro do **IAPI** surgiu no entorno de um dos primeiros conjuntos habitacionais do Brasil e o maior da cidade do Salvador - o **Conjunto IAPI**. Construído pelo **Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários**, em 1951, suas iniciais formaram a sigla que deu nome ao bairro.

Antes disso, segundo Orlando Cardoso, o local era chamado de **Areia da Cruz do Cosme**. Os moradores do IAPI costumavam se deslocar, utilizando o bonde que passava na **Baixa de Quintas**.

A diversidade do processo de ocupação, segundo o líder comunitário da **Vila Antonio Balbino**, Nelson Santos, reflete-se na multiplicidade do perfil dos moradores deste local. O Rio Camarajipe passa próximo do limite do bairro.

Na década de oitenta, o IAPI foi considerado um bairro de contrastes, por nele existirem pobres e ricos, cuja oposição era especialmente percebida no confronto entre o condomínio **Jardim**

Eldorado e as ocupações como **Nova Divinéia** e **Bem Amado**.

De qualquer modo, o IAPI pode ser caracterizado como um bairro densamente povoado, marcado pela existência de um vigoroso comércio, ao longo da sua rua principal, a **Avenida Conde de Porto Alegre**.

O bairro é margeado por um córrego no limite com Pau Miúdo e pelo Rio Calafate, que hoje está canalizado e o seu curso segue sob a Av. San Martin.

Entre os principais equipamentos deste bairro estão o **Colégio Estadual Helena Celestino Magalhães**, os **Cofres Luso-Brasileiro**, a **Igreja São Paulo**, o **Esporte Clube Tejo** e o **Hospital Psiquiátrico Mario Leal Ferreira**, considerado, por Nelson Santos, como uma referência no bairro.

O bairro do IAPI possui uma população de 22.025 habitantes, o que corresponde a 0,90% da população de Salvador; concentra 0,89% dos domicílios da cidade, estando 20,61% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, 29,74% dos seus chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.





COINF / SEDHAM / PMS, 2006

● SANTA MÔNICA

O bairro de **Santa Mônica** surgiu do loteamento do laranjal de “Dr. Jair” e de ocupações espontâneas na década de setenta, nas encostas e vales do terreno, quando no local só existia o **Sanatório Santa Mônica**. Segundo Maria Dionísia de Assis, antiga moradora do bairro, na época da sua formação não havia infra-estrutura nenhuma e o nome do bairro era “**Baixa da Santa Mônica**”; posteriormente, ficou conhecido como “**Rua da Santa Mônica**” e mais adiante “**Baixa Fria da Santa Mônica**”.

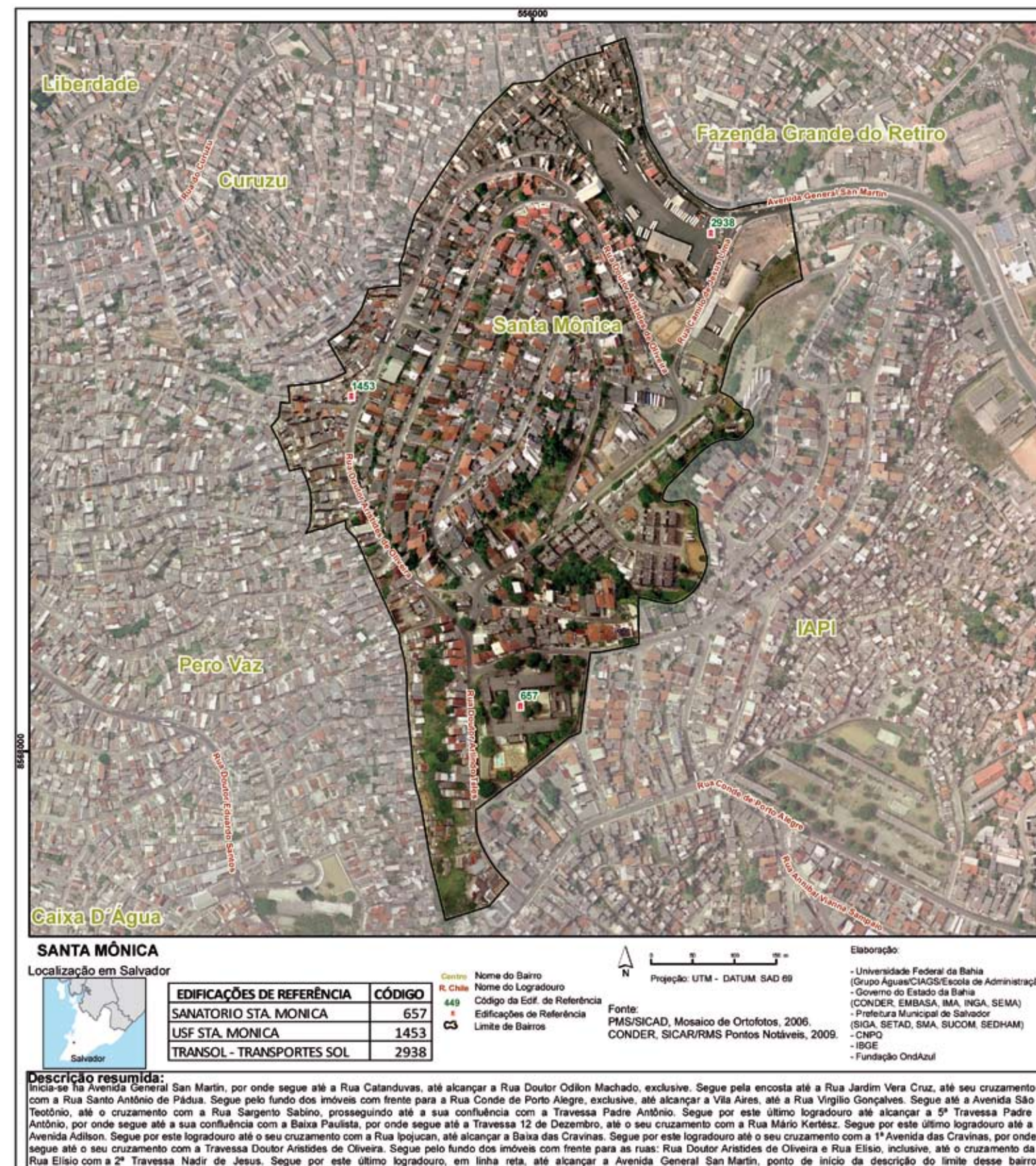
Três histórias circulam entre os novos e os antigos moradores sobre a origem do nome do bairro; Raimundo Bonfim, por exemplo, explica que no **IAPI** existiam o **Jardim Vera Cruz** e o **Jardim Eldorado**, sendo então construído o **Jardim Santa Mônica**; assim, estes nomes seriam uma homenagem às três cidades dos Estados Unidos, chamadas **Vera Cruz**, **Eldorado** e **Santa Mônica**. Já, Dionísia de Assis, moradora antiga, afirma que “o bairro se chama *Santa Mônica* por conta da existência de uma Igreja Católica no local com o nome de *Santa Mônica*”. Por fim, fala-se ainda que esse batismo pos-

sa ter sido em decorrência do já citado sanatório que tem o mesmo nome.

Segundo Joselita dos Reis Lacerda, líder comunitária do local, nos dias de hoje não existe nenhuma festa que mobilize a comunidade. Antigamente, “*eu era madrinha de um grupo chamado Leva. Fazíamos festa na rua e entrávamos nas casas, comíamos e bebíamos... hoje já não existe mais esse elo de amizade. De vez em quando, organizam a Primavera*”. Raimundo Bonfim ressalta que “*agora há somente as rodas de capoeira de mestre Olavo. Todo ano, há uma concentração muito forte de turistas, temos visitas de holandeses, franceses, argentinos... para jogar capoeira. Eles se formam aqui e todo ano eles voltam para fazer reciclagem*”.

Existe, em Santa Mônica, a **Fonte Conjunto Bahia**. Os moradores do local costumam engarrifar suas águas, que são consumidas como água mineral.

O bairro de Santa Mônica possui uma população de 6.206 habitantes, o que corresponde a 0,25% da população de Salvador; concentra 0,25% dos domicílios da cidade, estando 23,94% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, 39,19% dos seus chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.



PERO VAZ

Até meados da década de 1960, quando o bonde foi extinto, o bairro do **Pero Vaz** era conhecido como **Corta-Braço** e, até então, não passava de uma rua do bairro da **Liberdade**. Somente nos anos 70 é que o Pero Vaz ganhou a feição de bairro.

Evaldo Souza, ex-diretor da Associação de Moradores, afirma que alguns historiadores relacionam o primeiro nome do bairro a uma briga na qual “um cidadão cortou o braço do outro”. Entretanto, durante muito tempo, os mais velhos no bairro diziam que o antigo nome era por causa de um malandro que roubava bolsas e outros pertences dos transeuntes e, perversamente, cortava o braço de quem passava sentado no bonde.

O atual batismo é uma homenagem a Pero Vaz de Caminha, o escrivão da esquadra de Pedro Álvares Cabral, quando da chegada ao Brasil.

Na história deste bairro, a resistência é uma forte marca, uma vez que o fato do Pero Vaz ter se expandido em terras particulares, levou os moradores mais antigos a lutar para permanecer no local. Quando ainda se chamava Corta-Braço, a população da época resistiu à polícia, que queria desalojá-los do terreno ocupado.

Segundo Marcionílio Adorno, um dos primeiros ativistas da **Associação Benficiente, Recreativa e Protetora do Pero Vaz**, a situação com a polícia só foi resolvida com a interferência do então governador Otávio Mangabeira, que indenizou ao proprietário do terreno e assim regularizou os lotes. Adorno fala ainda de outro interessante momento da história do bairro: “a Associação do Pero Vaz não nasceu com propósitos tão comunitários, (...) ela foi



Evaldo Souza

fundada para que os homens pudessem jogar dominó com tranqüilidade. É que o jogo era feito nas portas das casas e caso a polícia aparecesse, levava as pedras, o tabuleiro e os jogadores. Entretanto, com o tempo a Associação se transformou em um instrumento de luta por novas condições de vida e moradia. Essa entidade foi responsável, por exemplo, pela instalação da **Escola Manoel Quirino** – que em 1966 passou a chamar-se **Escola Municipal Barão de Rio Branco**.

Atualmente, duas localidades se destacam no Pero Vaz: a **Avenida Peixe**, que já foi um grande dique no qual se pescava todo tipo de peixe e, hoje, segundo Joselita dos Santos, moradora do bairro, do grande manancial de água só restou um estreito canal cheio de detritos, devido aos constantes aterros e à **Travessa das Ostras** que, no passado, foi o local onde os vendedores de mariscos, principalmente ostras, comercializavam suas mercadorias. Nas imediações deste bairro passa o leito do **Rio Camarajipe**.

Entre os principais equipamentos públicos do Pero Vaz estão a **Escola Municipal Pero Vaz Velho**, a **Escola Municipal Nossa Senhora da Boa Fé** e as **Escolas Classe I e Classe II do Centro Educacional Carneiro Ribeiro**.

O Pero Vaz possui uma população de 26.557 habitantes, o que corresponde a 1,09% da população de Salvador; concentra 1,04% dos domicílios da cidade, estando 24,38% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere a escolaridade, 32,31% dos seus chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos.



PERO VAZ
Localização em Salvador

EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
CIQR- ESCOLA CLASSE II	295
ESC. MUN. BR. DO RIO BRANCO	3062
ESC. BENEF. CLET. VINTE TRES DE JUNHO	3077
COL. EST. ÁLVARO AUGUSTO DA SILVA	1706
ESC. MUN. PERO VAZ VELHO	1707
ESC. MUN. N. SRA. DA BOA FÉ	1708
CIQR- ESCOLA CLASSE I	1785

Centro Nome do Bairro
 R. Chile Nome do Logradouro
 449 Código da Edif. de Referência
 Edificações de Referência
 CS Limite de Bairros

Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
 CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
 - Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBAISA, INEA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - CNPQ
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Descrição resumida:
Inicia-se no cruzamento da Avenida Peixe com a Baixa do Céu, por onde segue até sua confluência com a Rua Professor Wilson Lopes. Segue até o seu cruzamento com a Ladeira do Céu. Daí segue por este logradouro até o seu cruzamento com a Rua Pero Vaz, por onde segue em linha reta até a Rua Mário Kertész. Segue por este logradouro até o seu cruzamento com a Travessa 12 de Dezembro. Desse ponto segue em linha reta até a Baixa Paulista, por onde segue até sua interseção com a 5ª Travessa Padre Antônio. Desse ponto segue em linha reta até a Travessa Padre Antônio por onde segue até o ponto localizado na sua interseção com a Rua Sargento Sabino. Segue por este logradouro até o seu cruzamento com a Avenida São Teotônio, por onde segue até a Travessa Lima. Segue por este logradouro até a Rua Doutor Aristides de Oliveira, exclusive, até a Rua Virgílio Gonçalves. Segue até a Vila Aires. Segue até o ponto situado nos limites do Colégio Estadual Álvaro Augusto da Silva, inclusive. Daí segue até a Rua Conde de Porto Alegre, por onde segue até o seu cruzamento com a Rua Doutor Eduardo Santos. Segue em linha reta até a Rua das Ostras, por onde segue até o seu cruzamento com a Rua Guarimã, por onde segue até seu cruzamento com a Rua Juazeiro. Segue por este logradouro até a sua interseção com a Avenida Peixe, por onde segue até o ponto de início da descrição do limite desse bairro.



COINF / SEDHAM / PMS, 2006



Fundação Gregório de Matos

Rua do Curuzu

● CURUZU

O bairro do **Curuzu** nasceu da expansão do **bairro da Liberdade**. Em um passado distante, foi uma fazenda de criação de gado. Segundo Carlos Cruz da Conceição (Piloto), antes de se chamar Curuzu, o bairro era conhecido como **Alto do Bonfim**.

A sua atual denominação, segundo os mais velhos, resulta do fato de um índio chamado Curuzu ter morado na área.

O Curuzu também é conhecido como “o mais negro de todos os bairros negros de Salvador”. Nele, estão às sedes do **Movimento Negro Unificado** e dos blocos afro **Muzenza** e **Ilê Aiyê**.

Fundado em 1974, o Ilê Aiyê nasceu das mãos de jovens negros do próprio bairro que, em plena ditadura militar, ousaram reivindicar

igualdade de direitos para o povo negro. Três escolas trabalham em prol do resgate da auto-estima da população negra, são elas: **Escola Mãe Hilda**, **Escola de Percussão Band'Erê** e a **Escola Profissionalizante**.

A matriarca do bloco Ilê Aiyê, Mãe Hilda Jitolu, vivenciou todas as transformações pelas quais o bairro passou. Quando chegou ao local, em 1930, o Curuzu era muito menor, as ladeiras eram estreitas e não havia luz elétrica; o mato tomava conta do bairro. “Isso aqui tinha a aparência de quilombo, desses que você só ouviu falar. (...) Todos os moradores eram negros, alguns eram escravos libertos, muitos eram africanos mesmo - mas a maioria era de filhos deles, os filhos da escravidão”. Existia, no Curuzu, um dique que foi aterrado; como não havia água encanada, as pessoas iam buscar água nas diversas fontes existentes no local; a mais famosa delas era a **Fonte dos Frades**, que hoje em dia não existe mais...

O Curuzu foi considerado pelo Ministério da Cultura como território nacional da cultura afro-brasileira. O bairro conta hoje com o Projeto **Corredor Cultural**, parceria da Prefeitura Municipal do Salvador com a Faculdade de Turismo Olga Mettig, que tem como objetivo potencializar as atividades turísticas do local e estimular a geração de emprego e de renda para os moradores.

O bairro possui uma população de 17.239 habitantes, o que corresponde a 0,71% da população de Salvador; concentra 0,70% dos domicílios da cidade, estando 24,12% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere a escolaridade, 27,93% dos seus chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.



Antonio Carlos Cruz – Piloto





Fundação Gregório de Matos

Rua Lima e Silva

LIBERDADE

Em 02 de Julho de 1823, as tropas que lutaram na Bahia pela **Independência do Brasil** entraram vitoriosas pela então **Estrada das Boiadas**, por isso, hoje, um dos lugares que margeiam essa estrada faz referência a esse passado: o bairro da **Liberdade**.

Vários equipamentos compõem o cenário deste bairro. O **Plano Inclinado da Liberdade**, inaugurado em 1981, é um equipamento referência não só do bairro, mas da cidade, uma vez que foi concebido para facilitar o cotidiano dos habitantes de Salvador, que subiam e desciam suas inúmeras ladeiras. A **Escola Duque de Caxias**, inaugurada em 1938, é considerada por Nilza Barbosa como o símbolo do bairro. A **Escola Municipal Abrigo Filhos do Povo** e a **Feira do**

Japão, situadas em uma das transversais da Estrada da Liberdade, são pontos tradicionais da Liberdade. “É uma feira espetacular, onde todo mundo se encontra”, diz Nilza Barbosa. Nas “esquinas” do bairro, costuma-se dizer que esse nome é por causa do seu funcionamento irregular, sem um horário específico, fazendo jus à diferença de horário entre Brasil e Japão.

Fazem parte ainda da configuração urbana da **Liberdade**, a **Estrada da Liberdade** – a principal rua do bairro – e as localidades: **Bairro Guarani**, um dos últimos espaços daquela região a ser ocupado, além de **Seiuro, São Lourenço, Alegria, Estica e São Cristovão**.

Nesta última localidade, existe a **Fonte do Estica** que, segundo Barbosa, outrora abasteceu toda a comunidade da região e hoje se encontra abandonada, cercada por lixo, sendo utilizada principalmente para lavagem de carros. Nilza Barbosa lembra que “as pessoas penavam para acordar cedo e pegar água nessa fonte”.

Entre as lembranças do bairro estão os grupos culturais que se formaram antes do **Ilê Aiyê**, como o “**Olorum Baba Mi**” e a “**Turma Elegante**”. As segundas-feiras de carnaval também são lembradas, pois nesse dia o bairro recebia as visitas dos **Filhos de Gandhi**, dos **Cavaleiros de Bagdá**, dos **Filhos da Resistência**, do **Vai Levando** e do **Trio Elétrico Saborosa**. Nilza Barbosa lembra ainda as **festas de Cosme e Damião**, os santos padroeiros do bairro, e a festa de **Santo Expedito**.

A Liberdade possui uma população de 43.457 habitantes, o que corresponde a 1,78% da população de Salvador; concentra 1,71% dos domicílios da cidade, estando 20,45% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 28,40% dos seus chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudo.



Nilza Barbosa



LIBERDADE

Localização em Salvador

EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
CEL. EST. CULELE DE CASAS	205
LIB. PROF. BEZERRA LOPES	625
PLANO INCLINADO LIBERDADE	728
IG. SÃO CRISTÓVÃO	881
CLUBE LIBERDADE	907
ESC. EST. NERES VINGER	928
ESC. ABRIGO FILHOS DO POVO	1852
SAC LIBERDADE	2530
SHOPPING LIBERDADE	2531
UNID. ATENDIM. COONE (LIBERDADE)	2609

Centro Nome do Bairro
 R. Chile Nome do Logradouro
 449 Código da Edif. de Referência
 CS Edificações de Referência
 CS Limite de Bairros

Projeção: UTM - DATUM: SAD 69

Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006. CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
 - Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - CNPO
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Descrição resumida:
 Inicia-se na encosta, próximo ao Shopping Liberdade, inclusive. Segue pela encosta até a Travessa Cabo Bartholomeu, segue até o cruzamento com a Rua Barão da Vila da Barra de Baixo. Segue até a Vila Vicente. Segue pela encosta até a Rua Pedreira Franco, seguindo até o Largo do Tanque, o qual contorna até a sua interseção com a Avenida General San Martín. Daí segue até o cruzamento com a Avenida Unidos, até alcançar a Rua Cyrilo Gonçalves de Oliveira, por onde segue até a Avenida Jerusalém, até alcançar a Rua do Curuzu, por onde segue até a Rua Adelino Santos, até sua confluência com a Rua Tenente Mário Alves, até alcançar a Rua Pero Vaz, até o seu cruzamento com a Ladeira do Céu. Segue por essa ladeira até o seu cruzamento com a Rua Professor Wilson Lopes, até a Rua Euzébio de Queiroz, até a 1ª Travessa do Queimado. Segue por este logradouro até o seu cruzamento com a Rua do Queimado, por onde segue até o seu cruzamento com a 2ª Travessa do Ouro. Segue até a sua interseção com a Rua Coronel Manoel Duarte de Oliveira, por onde segue até a sua confluência com a 1ª Travessa do Ouro, até a Rua Gonçalves Ledo, até o seu cruzamento com a Estrada da Liberdade. Desse ponto segue em linha reta até ponto de início da descrição do limite desse bairro.



Escola Municipal Murilo Celestino Costa

COINF / SEDHAM / PMS, 2006

● SÃO GONÇALO

Entre o bairro do **Cabula** e a **rodovia BR 324**, surgiu, nos anos cinquenta, a partir de sucessivas ocupações espontâneas, o bairro de **São Gonçalo**. Segundo moradores, este bairro é formado por pessoas oriundas do **Recôncavo Baiano** e da **Região Metropolitana de Salvador**. São Gonçalo acompanha a topografia acidentada que margeia a BR 324, o que provoca deslizamentos de terra e alagamentos na parte baixa deste local.

Segundo Marcos Nogueira, líder comunitário, São Gonçalo cresceu em torno do **Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá**, símbolo do local des-

de o início do século XX. O bairro é formado por trabalhadores, parte deles ocupada no mercado formal e os demais, como ambulantes.

Sob o comando da lalorixá Maria Stela de Azevedo, mais conhecida como Mãe Stela de Oxóssi, o **Opô Afonjá**, da nação ketu, foi fundado em 1910 por Mãe Aninha, fruto da divisão do Terreiro da **Casa Branca** no **Engenho Velho da Federação**.

Segundo Mãe Stela, esse terreiro é uma “pequena cidade”, pois não é um Axé apenas de culto a orixás. No local, existem projetos de educação, de higiene, possuindo inclusive museu e biblioteca. Atualmente, abriga em suas terras a **Escola Municipal Eugenia Ana dos Santos**.

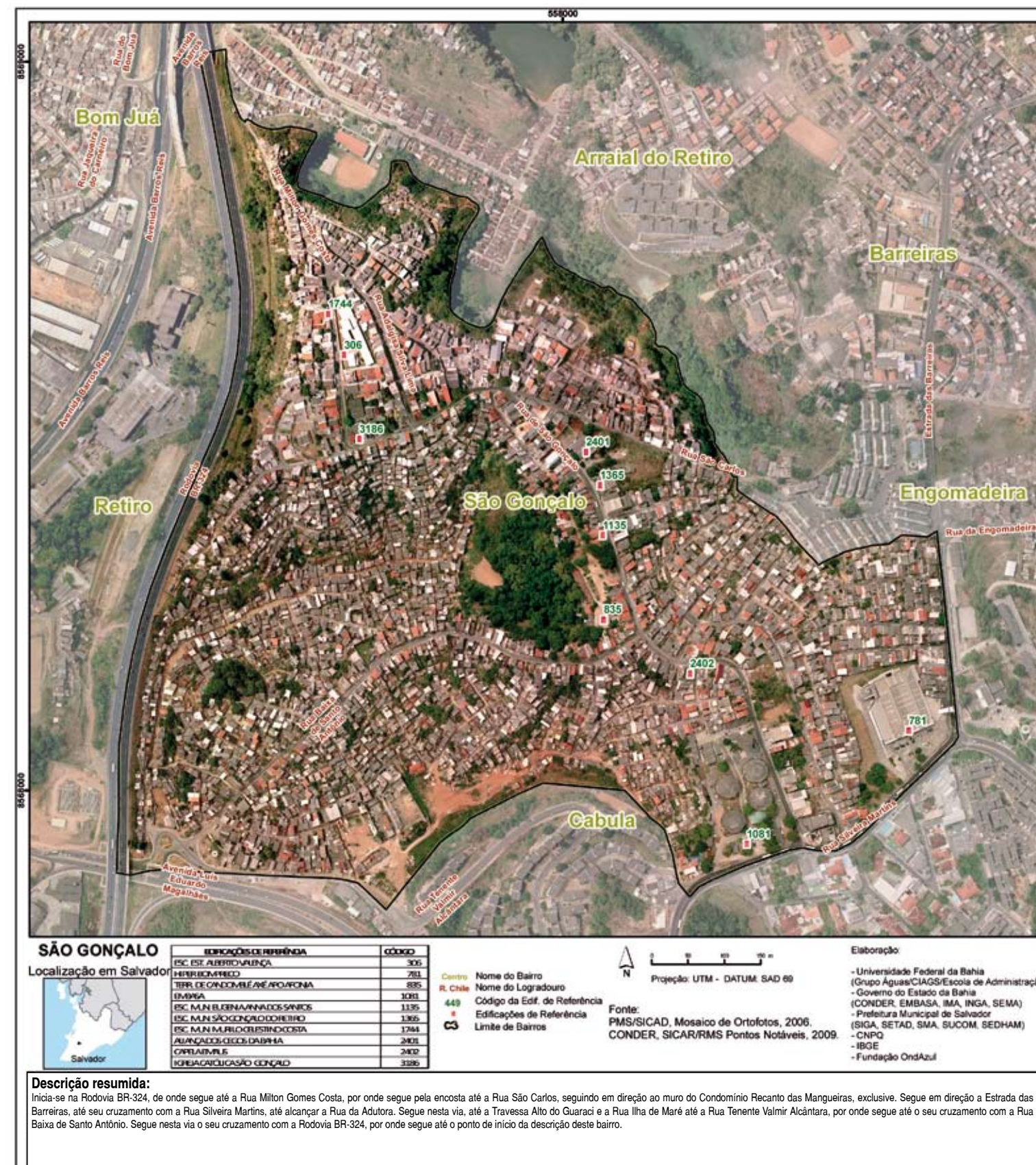
Para Nogueira, “esse terreiro é a grande referência não só para Salvador, como para Bahia e para o Brasil”. Segundo esse líder comunitário, apesar do nome do bairro ser uma homenagem ao santo **São Gonçalo** (padroeiro do local), a festa mais tradicional é a **Festa de Santo Antônio**. Neste bairro, está localizada a sede da **Aliança dos Cegos da Bahia**.

Entre as curiosidades do bairro, Marcos Nogueira destaca o celeiro de artistas que vivem ali. Nogueira diz ainda que existe muita água subterrânea na região, “no final do terreiro havia uma nascente que, com a construção das casas, foi fechada”.

São Gonçalo possui uma população de 17.434 habitantes, o que corresponde a 0,71% da população de Salvador; concentra 0,68% dos domicílios da cidade, estando 25,63% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 34,93% dos seus chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudo.



Marcos Nogueira



PAU MIÚDO

Outrora uma área rural, o bairro do **Pau Miúdo** é hoje formado pela sua rua principal – **Marquês de Maricá** – e algumas ruas que se interligam. Segundo Laudelino Conceição, ex-presidente da **Associação Benficiente e Recreativa XII de Outubro**, alguns historiadores sugerem a seguinte hipótese sobre o nome do bairro: “por volta dos anos vinte do século passado, onde hoje está assentado o bairro de Cidade Nova, existia uma localidade chamada de Cidade de Palha, pelo fato das moradias serem de palha. Com o passar do tempo, os moradores, começaram a substituir as casas de palha por casas de barro, que eram armadas com pedaços de paus miúdos. As pessoas durante o dia, subiam e desciam a ladeira de Quintas com destino ao local onde existia a madeira e, ao serem perguntadas de onde vinham, com um feixe de paus miúdos na cabeça, davam a seguinte resposta: venho do pau miúdo”.

Segundo, Osmário dos Santos, líder comunitário, a expansão do bairro se deu depois da desapropriação de dois candomblés. Com o fim do candomblé de Seu Irineu, foi construído o **Colégio Marquês de Maricá** e com a desapropriação do candomblé do “Mata Carneiro” construiu-se a **Escola Classe III**. Deste último terreiro, restou uma história até hoje contada e comentada nas ruas e esquinas do bairro: diz-se que o dono desse candomblé era muito rico e como naquela época não existia facilidade para guardar dinheiro em banco,



Escola Municipal do Pau Miúdo

COINF / SEDHAM PMS, 2006

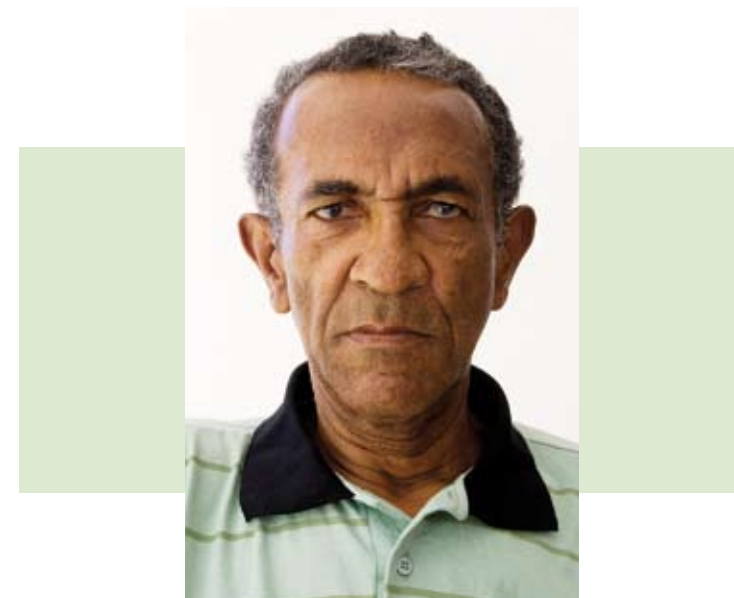
ele escondeu um pote de dinheiro em algum lugar da Escola Classe III, que até hoje não foi encontrado. “A própria família de ‘Mata Carneiro’ tentou encontrar esse pote e nada”.

Osmário dos Santos lembra ainda que o lugar já foi “*polo das quadrilhas juninas*”. Dentre as curiosidades do bairro, Santos cita a presença de Otávio Mangabeira, a convite de alguns moradores. Quando não tinha água encanada na região, a população ia buscar água na fonte próxima à pedreira. Assim, como forma de reivindicar água para o Pau Miúdo, o então governador foi convidado para ir até o bairro e, junto à comunidade, descer a ribanceira. “*Ele veio!*” afirmou Santos e, dias depois, começou a construção de um chafariz que hoje não existe mais.

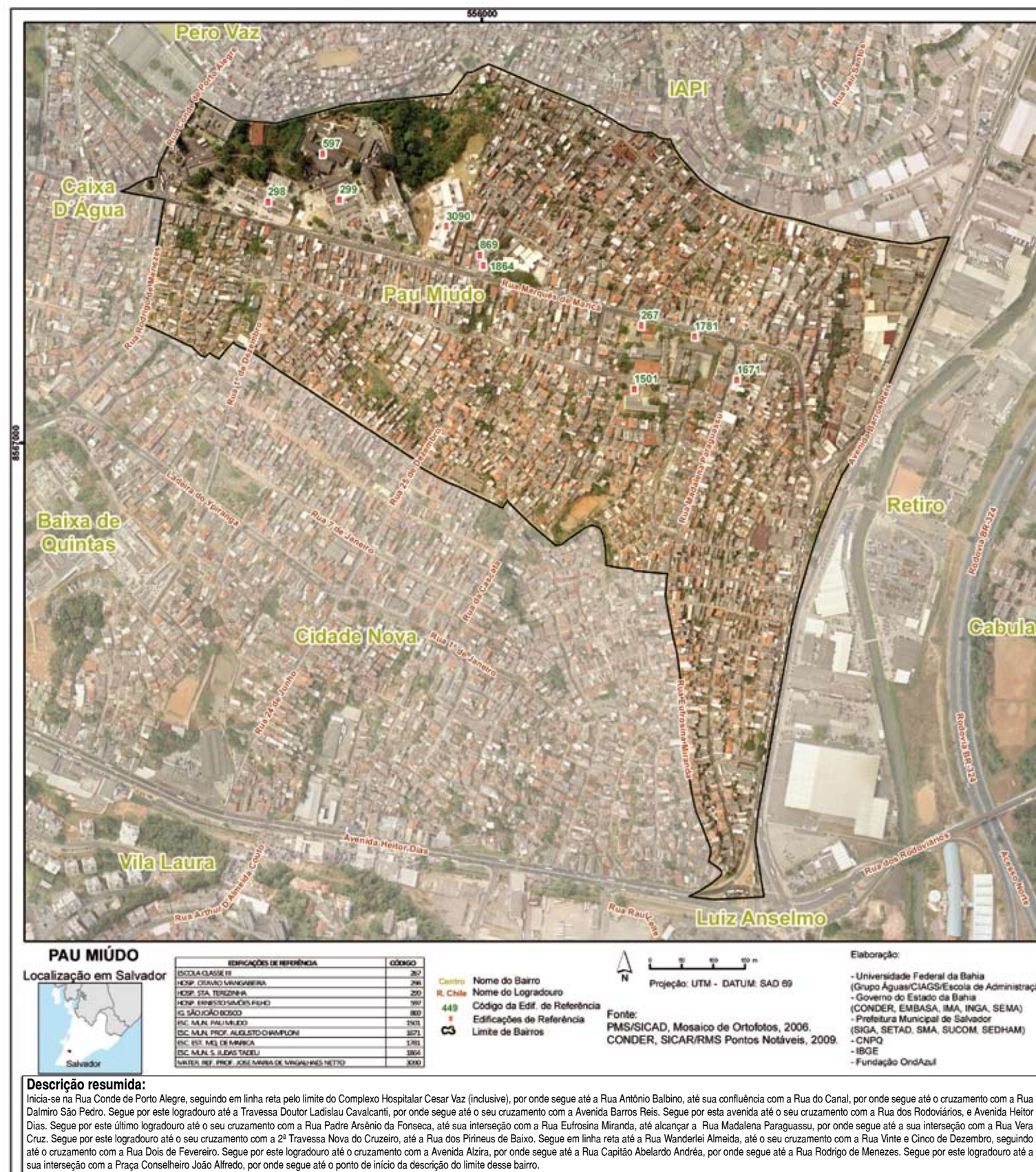
Hoje, o rio Camarujipe, que margeia o bairro na parte baixa, na altura da Avenida Barros Reis, está poluído. Antes havia uma queda d’água e a Embasa utilizava essa água para o abastecimento do bairro. Hoje, a população reivindica a melhoria do abastecimento no local.

Entre as atividades sociais mais importantes do bairro estão a Festa de Natal e a passeata do Dia da Consciência Negra. Além das já citadas escolas, servem a comunidade os seguintes equipamentos públicos: **Hospital Otávio Mangabeira**, a **Maternidade de Referência Professor José Maria de Magalhães Neto** e o **Posto de Saúde Maria da Conceição Imbassahy**.

O Pau Miúdo possui uma população de 21.071 habitantes, o que corresponde a 0,86% da população de Salvador; concentra 0,85% dos domicílios da cidade, estando 22,75% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, 34,46% dos seus chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.



Osmário dos Santos





COINF / SEDHAM PMS, 2006

• LUIZ ANSELMO

Em uma área antes composta por chácaras e roças, sendo a principal delas a fazenda Ferraro, surgiu o bairro de **Luiz Anselmo**. Segundo Neumário Almeida Santos, coordenador do **Centro Social Urbano de Luiz Anselmo**, este bairro foi também uma região quilombola, onde até hoje é comum a extração de um fruto africano chamado **abricó**.



Neumário Almeida Santos

Quando demarcada, a rua principal tornou-se uma das vias do bairro, porém, devido à ocupação espontânea das suas encostas, o local foi ganhando características de bairro tipicamente residencial. Seu nome é uma homenagem a Luiz Anselmo, um homem negro, professor de medicina, que lutou contra a escravidão.

No lugar, dois importantes equipamentos se destacam: o **Terreiro Maroiá Láji**, conhecido como casa de mãe Olga de Alaketo, tombado pelo IPHAN, em 2005, como patrimônio histórico nacional, e uma estação da **CHESF**, distribuidora de energia para bairros de Salvador.

A mata virgem do entorno da Vila Militar é um patrimônio do bairro, que traz prazer em viver nesse lugar, diz Neumário Santos. Essa mata está em processo de extinção provocada por novas construções. Santos tem como uma das suas lembranças mais fortes o grupo de samba de roda **Barro Vermelho**, que disputava com outros grupos a melhor *performance* em época de São João.

Neste bairro correm o Rio Camarajipe e o canal do Alaketo, que segundo Almeida Santos, hoje estão degradados, “*mas tem uma nascente que se for tratada pode ser recuperada*”.

Luiz Anselmo possui uma população de 10.486 habitantes, o que corresponde a 0,43% da população de Salvador; concentra 0,43% dos domicílios da cidade, estando 18,45% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 29,94% dos seus chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudo.



LUIZ ANSELMO

Localização em Salvador

EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CODIGO
ESTRUTURA DE REFERÊNCIA	779
EDIFÍCIO DE REFERÊNCIA	1765
EDIFÍCIO DE REFERÊNCIA	1766
EDIFÍCIO DE REFERÊNCIA	1765
EDIFÍCIO DE REFERÊNCIA	2625
EDIFÍCIO DE REFERÊNCIA	2477
EDIFÍCIO DE REFERÊNCIA	2625

Projção: UTM - DATUM: SAD 89

Elaboração:

- Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBAISA, IMA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
- CNPQ
- IBGE
- Fundação OndAzul

Descrição resumida:
 Inicia-se no cruzamento da Rua Luiz Anselmo com a Rua Rio Amazonas, até encontrar a Rua Armando Tavares, seguindo até a Travessa São Luiz. Segue por este logradouro, até seu cruzamento com a Rua Armando Tavares, até alcançar a Avenida Churupita, seguindo até alcançar a Rua Professor João Andréa. Segue por este logradouro até alcançar a Travessa Santa Maria, até alcançar a Rua Luis Negreiro. Segue por este logradouro até alcançar a Rua Raul Leite, por onde segue até a Avenida Heitor Dias. Segue por este logradouro até seu cruzamento com a Avenida Antônio Carlos Magalhães, seguindo até o Acesso Norte, por onde segue até seu cruzamento com a Avenida Mário Leal Ferreira, até alcançar a Rua Edson Saldanha, até seu cruzamento com a Rua Metropolitana, por onde segue até alcançar a Rua São Benedito, seguindo até a Rua Pedro Veloso Gordilho, até alcançar a Rua Átila Amaral. Segue por esta rua até a Rua Professor Fernando Tude de Souza, por onde segue contornando os fundos dos lotes dos imóveis com frente para Rua São Geraldo, até encontrar os fundos dos lotes dos imóveis com frente para Rua Luiz Anselmo, até alcançar o muro do Posto de Combustível, com frente para a Rua Rio Amazonas, por onde segue até alcançar a Rua Luiz Anselmo, por onde segue até o ponto de início da descrição deste bairro.

● CIDADE NOVA

Originalmente chamado de **Cidade de Palha**, por causa do material utilizado nas construções do bairro, **Cidade Nova** ainda preserva as características do início do século XX, quando se formou: residencial, pequeno e com construções horizontais. Alguns dos seus moradores e transeuntes o identificam como “*um verdadeiro labirinto de ruas e ladeiras que se entrecortam*”.

O atual nome do bairro, segundo Gilberto Nascimento, presidente da **Associação Beneficente da Cidade Nova**, surgiu quando os imóveis do local passaram a ser construídos com tijolos e telhas e o loteamento tornou-se um bairro.

Na história da Cidade Nova, a cerimônia a “**Santo Antonio dos Homens**” marca um importante momento para a comunidade local. Francisco Rios, morador antigo do bairro, conta que a primeira celebração ocorreu em 1970, quando uma enxurrada derrubou várias casas e, na tentativa de salvar o que fosse possível, cinco amigos encontraram uma imagem de Santo Antônio, que logo foi restaurada e, a partir de então, a reza passou a acontecer durante três noites na **Rua 25 de Dezembro**. Atualmente, a reza ocorre na **Rua Trazibulo Ferraz** entre os dias 11 e 13 de junho. Rios diz que, até hoje, a organização de toda a cerimônia permanece como antigamente – os homens ficam na linha de frente e as mu-



Gilberto Nascimento



Escola Municipal da Cidade Nova

heres apenas assistem. Depois da parte religiosa, o licor e as comidas típicas da época fazem a festa. Outro evento que mobiliza o bairro é a Caminhada da Paz, na primeira sexta-feira de cada ano. Às 4 horas da madrugada, um grupo sai pelas ruas da Cidade Nova até o bairro do Bonfim e na volta é recebido com samba e feijoada no meio da rua.

Nas lembranças dos antigos moradores da Cidade Nova, estão o **Carnaval**, no qual desfilava o **bloco Chuck**, a **Queima de Judas**, no sábado de Aleluia, o **São João**, considerado o melhor da cidade, e a **Festa da Primavera**, que elegia todo ano a dona da coroa.

Para Nascimento, o extinto **Cine Mercúrio**, o antigo serviço de autofalante, feito por Silvio Mendes (radialista e locutor esportivo) e a atual fábrica de santos de gesso são a marca do bairro. Registra-se ainda como importante referência no bairro a **Rua 24 de Junho**, mais conhecida como **Ladeira de São João**.

Entre os principais equipamentos públicos locais estão a **Igreja São Judas Tadeu**, a **Escola Visconde do Rio Branco**, **Princesa Isabel** e a **Igreja Senhor da Paz**. Compõe ainda o cenário do bairro a **Fonte das Pedreiras**, utilizada com frequência pela população, para banhos, para lavar roupas e carros, para uso doméstico e lazer das crianças.

A Cidade Nova possui uma população de 17.822 habitantes, o que corresponde a 0,73% da população de Salvador; concentra 0,72% dos domicílios da cidade, estando 21,34% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, 32,87% dos seus chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.



CIDADE NOVA

Localização em Salvador



IDRONEÇÃO	CERREFINÇA	CÓDIGO	Centro	Nome do Bairro
IG SÃO JUDAS TADEU		288	449	Nome do Logradouro
ESC. C. DE B. ANTONIO DE CARVALHO		357	*	Código da Edif. de Referência
ESC. VIC. CONDOMINIO		343	CS	Edificações de Referência
IG. EST. PRINCESA ISABEL		288		Limite de Barros
IG. SENHOR DA PAZ		308		

Projeção: UTM - DATUM: SAD 69
 Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
 CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
 - Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - CNPQ
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se no cruzamento da Rua Rodrigo de Menezes com a Rua Capitão Abelardo Andréa, até o seu cruzamento com a Rua Osório Villas Boas e com a Travessa Osório Villas Boas. Segue por este último logradouro até o seu cruzamento com a Avenida Alzira, por onde segue até o seu cruzamento com a Rua Primeiro de Dezembro e com a Rua Dois de Fevereiro, seguindo até o cruzamento com a Rua Vinte e Cinco de Dezembro, por onde segue até o seu cruzamento com a Rua Wanderlei Almeida. Segue por este logradouro até a Rua dos Pirineus de Baixo, seguindo pela encosta, seguindo até a 2ª Travessa Nova do Cruzeiro, até a Rua Madalena Paraguassu. Segue por este logradouro até a sua confluência com a Rua Eufrosina Miranda até o seu cruzamento com a Rua Padre Arsênio da Fonseca, seguindo até o cruzamento com a Avenida Serrão, por onde segue contornando os limites do Cemitério de Quinta dos Lázaros e do Cemitério da Ordem Terceira de São Francisco até a Rua das Almas. Segue por este logradouro até o seu cruzamento com a Rua da União, por onde segue até seu cruzamento com a Ladeira Quintas dos Lázaros. Segue por este logradouro até o seu cruzamento com a Rua Quintas dos Lázaros, por onde segue até a sua confluência com a Rua Rodrigo de Menezes, retornando ao ponto de início da descrição do limite desse bairro.



Rua Raul Leite, final da década de 70

Fundação Gregório de Matos

VILA LAURA

O bairro de **Vila Laura** nasceu do loteamento de uma antiga fazenda e durante muito tempo foi considerado um prolongamento do bairro do **Matatu**. Espalhado sobre colinas, seu nome, segundo José Sebastião de Almeida (Sebá), presidente da Associação de Moradores, está relacionado à história da antiga fazenda de Frederico Costa, que tinha três filhas chamadas Laura Costa, Maria Laura e Laura Silva e, por isso, batizou a fazenda com o nome de Laura Catarina. Já, Anna Maria Santos Portela, neta de Frederico Costa, afirma



José Sebastião de Almeida

que o nome do bairro é uma homenagem a sua avó Laura, esposa de Frederico Costa.

Com o desenvolvimento urbano, as plantações de laranjeiras e cajazeiras, assim como toda a área de criação de gado, foram destruídas para dar lugar a grandes construções e, onde antes era a sede da fazenda, foi construído um pequeno shopping.

Atualmente, a vida festiva e cultural da Vila Laura é bastante intensa. José de Almeida diz que o São João antecipado; o Natal Solidário; a Queima de Judas e o Pau de Sebo, na semana da Páscoa, são tradições do bairro.

Existe um projeto em parceria com a UFBA chamado de “**Lazer Cidadão**”, no qual estudantes de Educação Física e Pedagogia comparecem aos sábados, exercendo atividades de lazer com os moradores do bairro.

Entre os principais equipamentos do bairro, o **Colégio Frederico Costa**, a **Igreja Nossa Senhora da Saúde** e o **Shopping Vila Laura** se destacam.

Segundo Almeida, existia no bairro um riacho denominado Santo Antonio, que fazia divisa entre a Vila Laura e o bairro de Luiz Anselmo, atualmente transformado num esgoto.

Vila Laura possui uma população de 10.236 habitantes, o que corresponde a 0,42% da população de Salvador; concentra 0,45% dos domicílios da cidade, estando 33,50% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 51,88% dos seus chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudo.

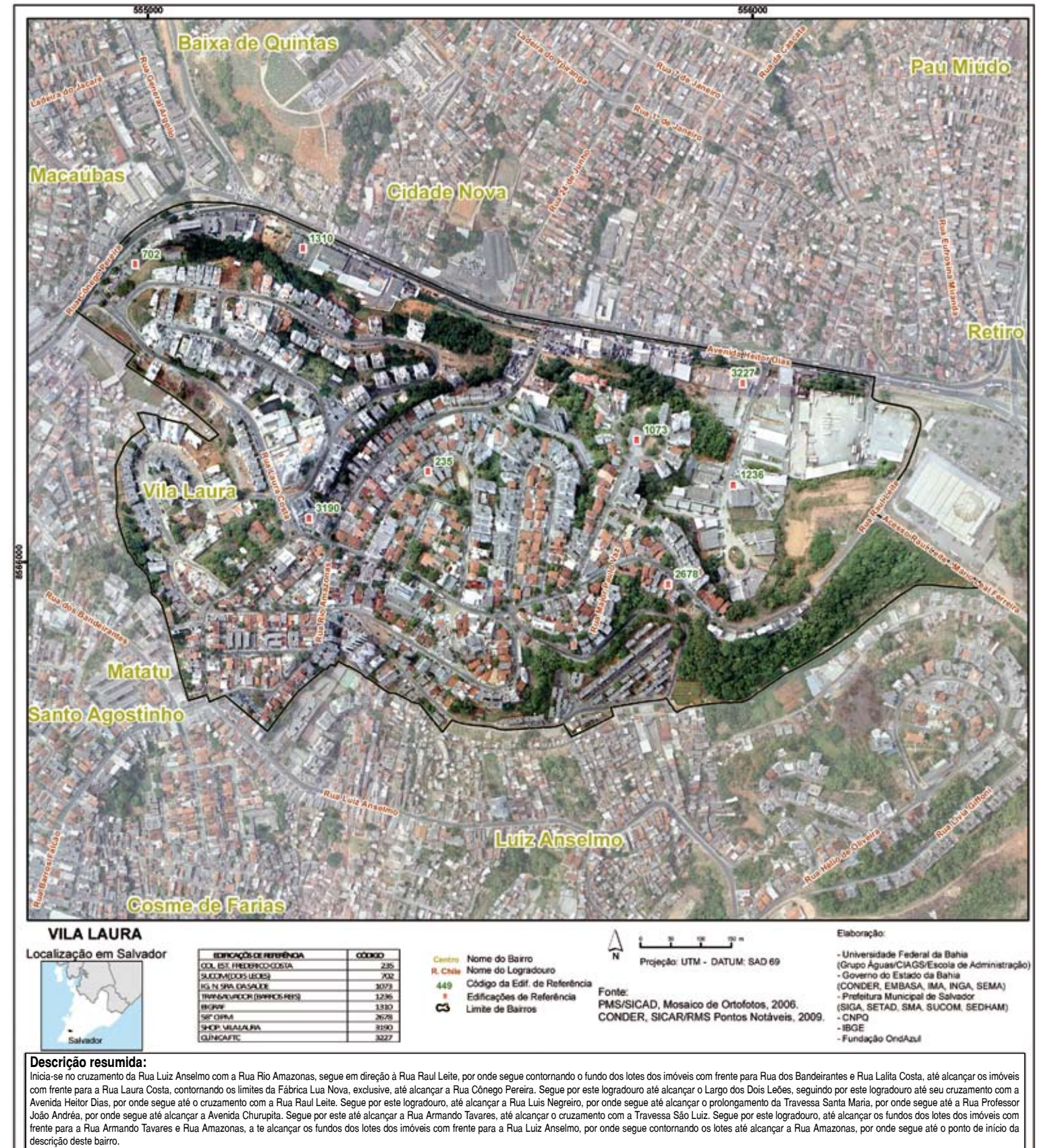




Foto: Aline Farias

Arquivo Público - 2009

● BAIXA DE QUINTAS

No local onde é hoje o bairro **Baixa de Quintas**, existia uma imponente casa de repouso, a **Casa de Campo do Colégio da Bahia**, que fora construída pelos jesuítas portugueses, no século XVI. Naquela época, o casarão, no qual funciona atualmente o Arquivo Público, chamava-se **Quinta do Tanque**, devido à existência de uma represa dentro dos seus domínios - este local também foi morada de Antônio Vieira por 17 anos.

Segundo Luiz Eduardo Dórea, autor do livro “Histórias de Salvador nome das ruas”, após a expulsão dos jesuítas do Brasil, em 1787, esse casarão tornou-se um leprosário. Assim, o nome **Quinta dos Lázaros** estaria relacionado à fundação do primeiro leprosário da Bahia: o **Hospital São Cristóvão dos Lázaros**.

Quando essa colônia de internação dos doentes foi transferida, o local ficou abandonado e a área pertencente à Quinta do Tanque começou a ser ocupada, dando início ao bairro Baixa de Quintas.

Conforme Dórea, “a forma correta desse topônimo é *Baixa das Quintas*, ao contrário do que se usa no cotidiano – *Baixa de Quintas*”, uma vez que, outrora, toda a área era conhecida como **Quinta dos Padres**, pois compreendia a Quinta do Tanque e a Quinta de São Cristóvão, daí então o nome de Baixa das Quintas.

O bairro é também conhecido pela existência do **Cemitério da Quinta dos Lázaros**, que data de 1785, inicialmente construído para

abrigar os restos mortais dos leprosos. Em 1911, o Governo do Estado transformou-o em cemitério público, onde se encontram os corpos de Lampião, Maria Bonita e Cosme de Farias. Existe ainda no bairro a **Igreja da Quinta dos Lázaros**, fundada em 1885, hoje tombada pelo **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**.

O bairro é cortado pelo rio das Tripas, que atualmente é um esgoto a céu aberto. Havia também uma lagoa, que foi aterrada para a construção da Av. Glauber Rocha.

Além dos marcos históricos citados, este bairro tem entre seus principais equipamentos a **Maternidade Tsylla Balbino** e o **Ginásio Antônio Calmon**. O bairro abriga ainda o **Arquivo Público da Bahia**, considerado como patrimônio histórico e arquitetônico de Salvador.

Segundo Roberto Santos, líder comunitário e representante dos moradores do **Alto do Céu**, o dia 12 de outubro é marcante para todo o bairro. Neste dia, uma grande festa é realizada em homenagem às crianças e a Nossa Senhora Aparecida, padroeira do bairro, com a distribuição de brinquedos e muitas brincadeiras durante todo o dia.

A Baixa de Quintas possui uma população de 2.738 habitantes, o que corresponde a 0,11% da população de Salvador; concentra 0,11% dos domicílios da cidade, estando 22,85% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere a escolaridade, constata-se que 31,22% dos chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudo.





Fundação Gregório de Matos

Queimadinho – Século XIX

● CAIXA D'ÁGUA

Uma antiga fazenda chamada **Santo Antonio do Queimado** que, após a instalação de um reservatório de água, mesmo com muito mato e poucas casas, passou a ser considerada como o bairro da **Caixa D'Água**. Assim pode ser resumida a história deste bairro.

Esse reservatório substituiu duas caixas de água que abasteciam, além do próprio bairro, os locais circunvizinhos, desde meados do século XIX. Foi o primeiro reservatório de alvenaria construído e a primeira companhia de água canalizada do país. Esse fato se transfor-

mu em um referencial tão forte para a comunidade local que, além de atrair novas pessoas para a área e encher de orgulho sua população, acabou dando nome ao bairro.

A Caixa D'Água é um lugar cuja geografia é marcada por becos e travessas, tendo como ponto central a **Rua Saldanha Marinho**, onde se concentra todo o comércio e de onde partem as diversas bifurcações que levam aos bairros adjacentes.

Na história da Caixa D'Água, vale ainda ressaltar um grande símbolo da educação pública: a **Escola Parque**, concebida por Anísio Teixeira e tombada pelo Instituto do Patrimônio Artístico Cultural da Bahia – IPAC, fundada em 1950, pelo então governador Otávio Mangabeira, sendo a primeira escola com período integral no país.

Segundo Manuel Natividade Passos, presidente da **Associação Beneficente do Bairro da Caixa D'Água**, o Dia das Mães, o Dia dos Pais e o Dia das Crianças são momentos de grande mobilização no bairro.

Entre os principais equipamentos públicos do bairro, além do **Centro Educacional Carneiro Ribeiro (Escola Parque)**, estão o **Hospital Geral Ana Nery** e o **Centro de Memória da Água**.

A Caixa D'Água possui uma população de 23.803 habitantes, o que corresponde a 0,97% da população de Salvador; concentra 0,98% dos domicílios da cidade, estando 18,39% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 37,37% dos seus chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.



Manuel Natividade – Natinho





Foto: Elba Veiga

Ladeira dos Galés

● MATATU

Segundo Florivaldo Souza Ribeiro, presidente da Associação 8 de Setembro, o bairro do Matatu começou a se formar a partir da região que hoje corresponde ao bairro de Luiz Anselmo. Ele conta que “as terras pertenciam a Lalita Costa, mas acabaram loteadas por um cidadão chamado Chiquinho Elói”. Dessa forma, o local começou a ser ocupado e a se desenvolver.

Atualmente, Ubiratan de Jesus Souza, morador do bairro há 39



Ubiratan Souza - Bira

anos, considera o bairro como um local habitado por segmentos da classe média e da classe média alta, com um comércio que evoluiu significativamente.

A origem do nome “Matatu” desperta pelo menos três versões. Segundo o historiador Theodoro Sampaio, é uma palavra de origem tupi que significa “mata escura” ou “floresta negra”. Já, a professora Yeda Pessoa de Castro, afirma que Matatu é um africanismo de origem bantu, cujo significado é “lugar deserto”. E, para Mauro Carreira, este vocábulo tem origem indígena e seu significado é “onde o terreno cai a pique”.

Entre os principais equipamentos públicos do bairro estão: a **Escola Estadual Brigadeiro Eduardo Gomes**, a **Igreja de Santa Rita de Cássia**, a **Igreja de Santa Tereza D’Ávila** e a **Fonte Nova**, que segundo Azevedo (1969), apesar de sua água ser “grossa” e “pesada”, servia para beber; hoje, seu principal uso é para lavagem de carros, de roupas e para banhos, além de os moradores do entorno utilizarem-na, quando há falta de água encanada.

Matatu possui uma população de 11.520 habitantes, o que corresponde a 0,47% da população de Salvador; concentra 0,49% dos domicílios da cidade, estando 23,04% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 42,37% dos seus chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudo.

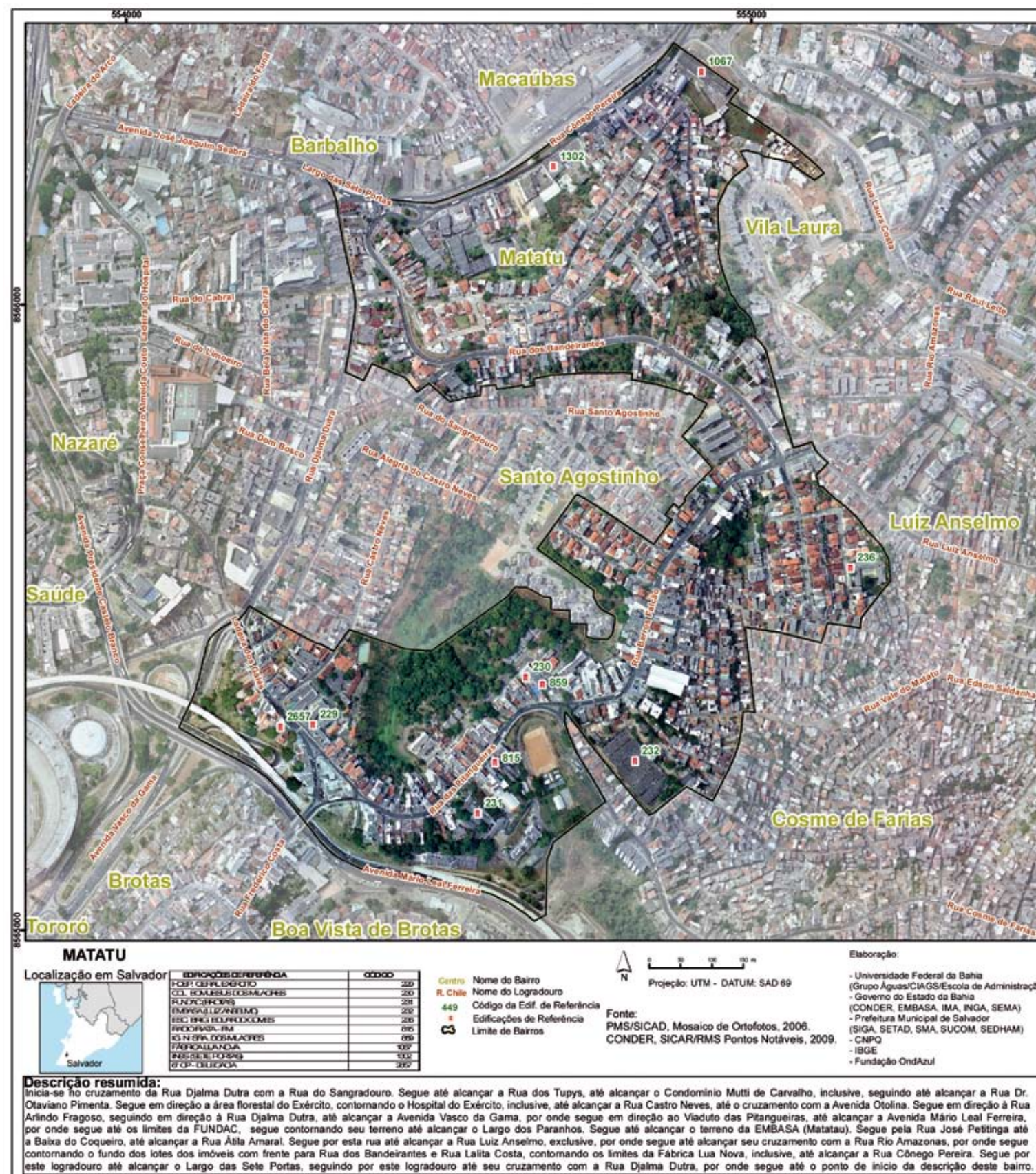




Foto: Eiba Neiga

Rua Alegria do Castro Neves

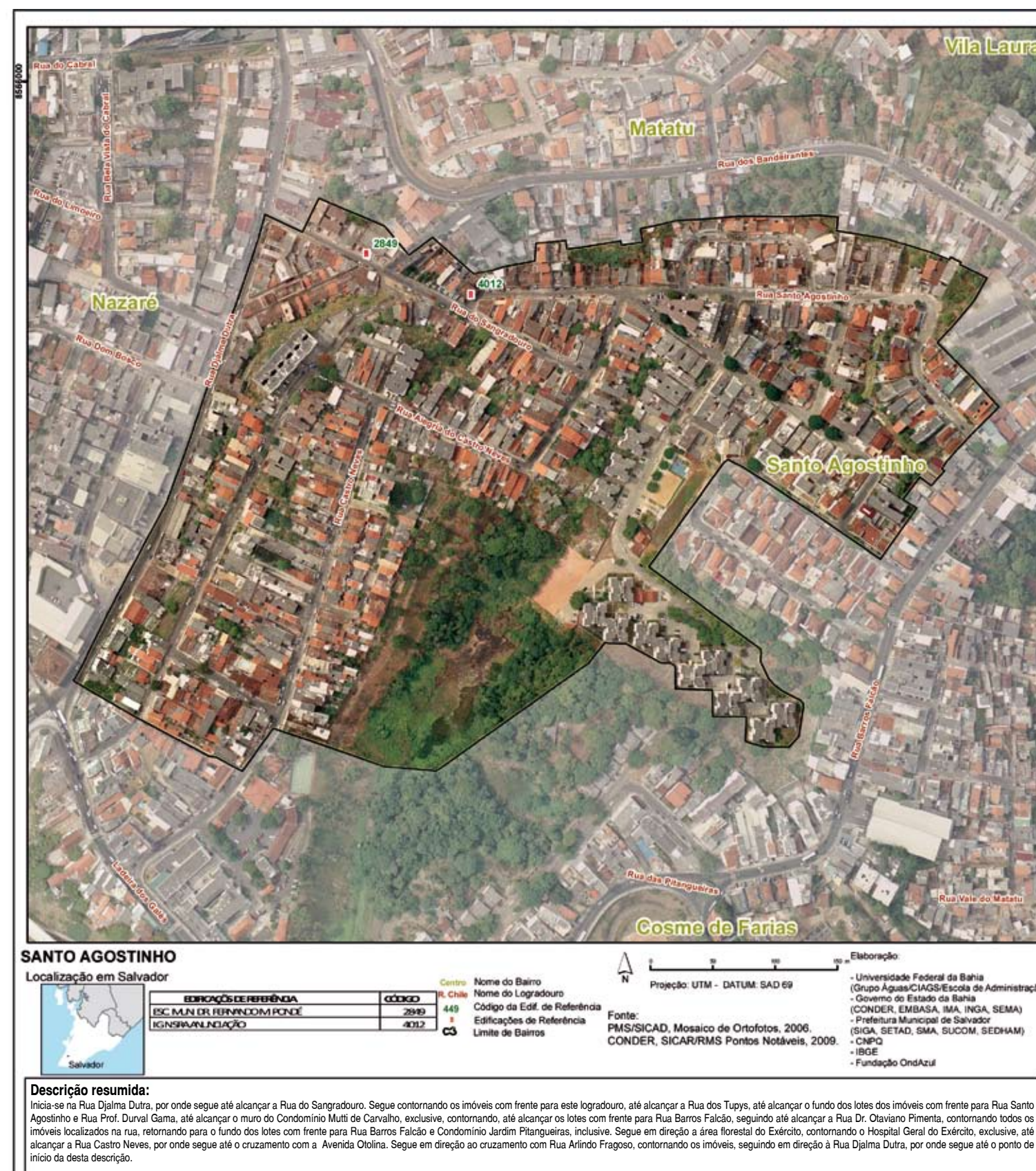
● SANTO AGOSTINHO

O bairro de **Santo Agostinho** já foi conhecido como **Sangradouro**. Posteriormente, o local foi batizado como **Beco do Bigode**, em referência a um barbeiro dono de um grande bigode, considerado pelos moradores como uma figura histórica do local. Somente após a pavimentação da rua principal, é que o lugar passou a chamar-se Santo Agostinho. Até hoje, existe a Rua do Sangradouro, que é uma das principais no bairro.

Predominantemente residencial e marcado por construções de até três andares, no passado, Santo Agostinho era uma área de

roça. Hoje, ele abriga a **Igreja Nossa Senhora da Anunciação**, a **Escola Municipal Fernando Montanha Pondé** e o **Núcleo de Atendimento a Crianças com Paralisia Cerebral**, uma entidade sem fins lucrativos, com o propósito de oferecer atendimento especializado e gratuito às crianças carentes com paralisia cerebral e às suas famílias.

Santo Agostinho possui uma população de 4.682 habitantes, o que corresponde a 0,19% da população de Salvador; concentra 0,20% dos domicílios da cidade, estando 29,88% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 49,30% dos seus chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudo.



● MACAÚBAS

O bairro de **Macaúbas** já foi uma área de moradia de barões e fidalgos. Seu nome inclusive é uma homenagem ao barão de Macaúbas, uma das personalidades baianas do século XIX, que morou na rua hoje batizada com seu nome. A palavra é de origem tupi e, segundo Mauro Carreira, autor de trabalho sobre a Bahia de Todos os Nomes, Macaúbas é definida como “*palmeira de fruto comestível e aroma agradável*”. Conforme Consuelo Ponde de Sena, reportando-se a Teodoro Sampaio traduz Macauba, por macaiba, corruptela de maká +yba, ou seja, árvore se makaba, desde quando macá, bacaba, bacá é o fruto da palmeira + yba = pé. O plural de macauba, com s final, denuncia influência da língua portuguesa. Portanto Macaíba, Macauba significam árvore da macaba. Existem formas alteradas: macauba, macayuba, bocayuba”.

A geografia do bairro espelha também a sua divisão social, pois, segundo Joalice Ferreira Lopo, presidente da **Associação de Moradores de Macaúbas**, o local é dividido em duas partes: “*a mais alta, onde residem os moradores situados em faixa de renda mais*

elevada, e a parte baixa, onde vivem os moradores de menor poder aquisitivo, sendo que esta é dividida em duas. Uma chama-se ‘Matança’, pois dizem os mais antigos, matava-se boi nessa área. No entanto, o nome oficial do local é Rua Felisberto Caldeira. A outra, já teve o nome de Alto da Esperança.

Para Lopo, morar em Macaúbas é um privilégio, pois existem centros de saúde, não há dificuldade de transporte, o comércio atende aos moradores e é um bairro central.

A presidente da Associação dos Moradores de Macaúbas faz ainda um “diagnóstico” interessante sobre o perfil dos seus residentes: “*os moradores de Macaúbas têm orgulho por morarem em um bairro sem grandes dificuldades*”.

Joalice Ferreira Lopo diz ainda que no bairro existe um brejo onde foi feita uma horta, cujos produtos são comercializados no próprio local, além do Minadouro do Pedreira.

Macaúbas possui uma população de 7.625 habitantes, o que corresponde a 0,31% da população de Salvador; concentra 0,31% dos domicílios da cidade, estando 19,70% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, 33,11% dos seus chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.



Vista aérea do Final de Linha da Rua Barão de Macaúbas



● BARBALHO

O **Barbalho** está localizado em terras que pertenceram a **Luiz Barbalho Bezerra**, de onde vem o seu nome de batismo. O bairro guarda, no passado das suas ruas, um grande número de batalhas em prol da independência do país. Não é por acaso que o Barbalho está inserido no circuito cívico das festas do **Dois de Julho**. Na história deste bairro, um monumento marca presença: o **Forte do Barbalho**. Considerado o marco zero, foi construído em 1638 e se constituiu em um dos principais baluartes na Bahia para expulsão dos holandeses.

Esse Forte já foi cadeia pública, enfermaria para coléricos, centro de isolamento para leprosos e ainda serviu de prisão para presos políticos nos anos 1970, do século passado. Segundo José Carlos Zanetti, ex-presos político, esse local “era o principal centro de tortura da Bahia. No Forte do Barbalho, funcionavam as atividades do Quartel e à noite funcionavam as salas de tortura”.

Além do Forte, as fontes públicas também são importantes monumentos que fazem parte da história do Barbalho. Encontram-se



José Carlos Zanetti

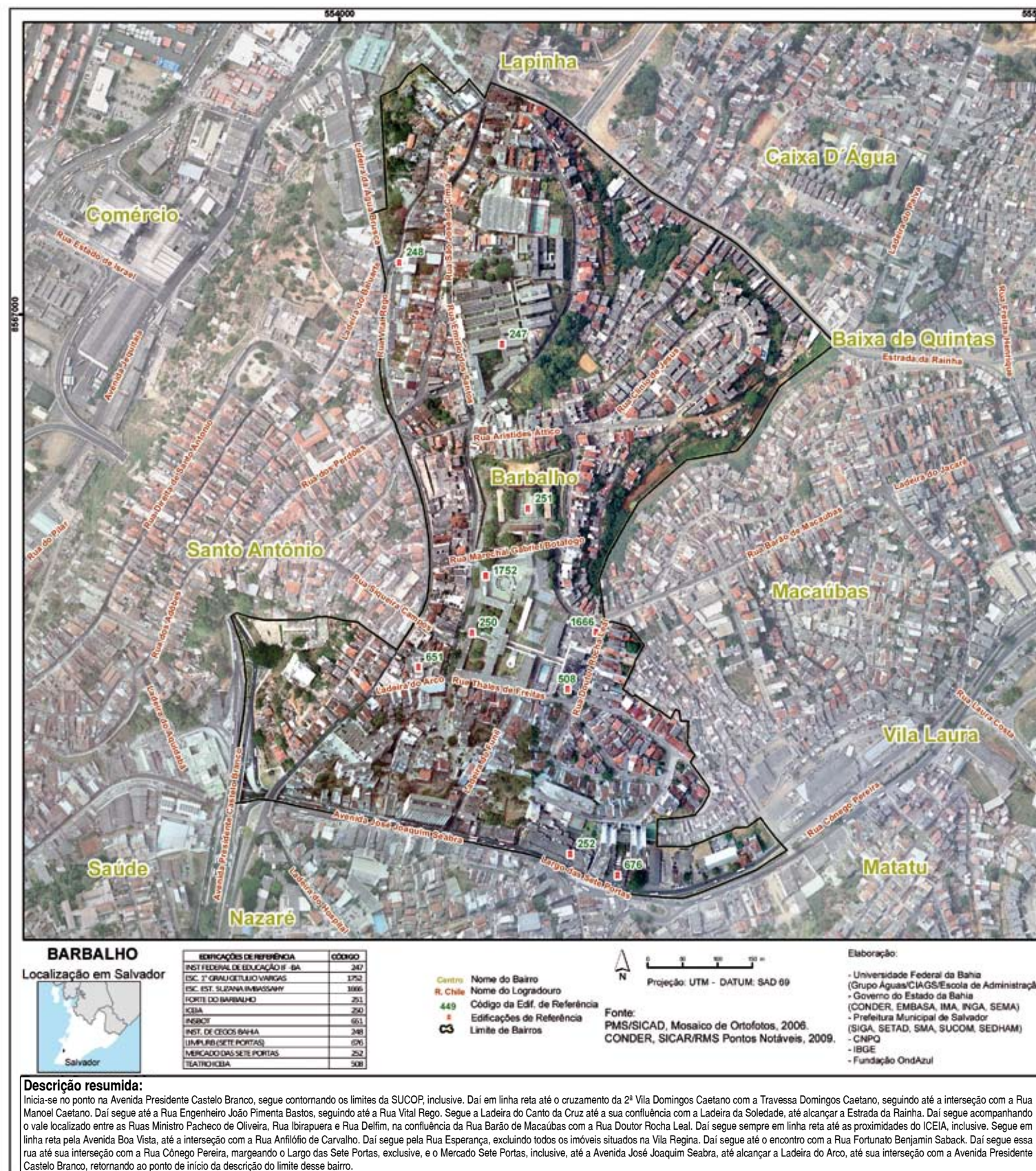
neste bairro a **Fonte dos Perdões**, reedificada em 1889, estando convertida hoje em poço de água – ela está em condições precárias, sem nenhum tipo de uso.

Entre os anos 40 e 60 do século XX, o Barbalho viveu um período de modernização arquitetônica e de agitação cultural. A modernização se fez presente com a introdução de um novo perfil de construção (casas de mais de um pavimento) e com a chegada de segmentos da classe média para morar no bairro. A construção da Escola Normal, hoje o **Instituto Central de Educação Isaias Alves – ICEIA**, em 1936, e a inauguração do seu teatro em 1939, (na época, o maior e melhor teatro de Salvador) transformaram essa região em um ponto de atração em Salvador. Hoje, o Barbalho tornou-se um polo educacional da rede pública, com importantes instituições como o **Instituto Federal de Educação Tecnológica da Bahia – IFBA**; o **Instituto Central de Educação Isaias Alves – ICEIA**, a **Escola de 1º Grau Getúlio Vargas** e o **Colégio Estadual Professora Suzana Imbassahy**.

O Barbalho possui uma população de 9.367 habitantes, o que corresponde a 0,39% da população de Salvador; concentra 0,41% dos domicílios da cidade, estando 26,52% dos seus chefes de família na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 44,07% dos chefes de família têm entre 11 e 14 anos de estudo.



Colegio ICEIA



LAPINHA

Ruas largas, vielas estreitas, casarões antigos, novos estabelecimentos comerciais... Assim é o bairro da **Lapinha**. No **Largo da Lapinha** estão a **Igreja da Lapinha**, fundada em 1771, onde se pratica a devoção a **Nossa Senhora da Lapa**, o **Pavilhão do 2 de Julho**, construído em 1918, onde se guarda o carro da cabocla e do caboclo e o **busto do general Labatut**, militar francês que se juntou aos soldados baianos na luta pela **Independência da Bahia**.

Diz-se que o nome do bairro está associado à tradição religiosa local, pois quando da fundação da Igreja se armava lapinhas (presépios) para comemorar o **Natal** e o **Dia de Reis**, daí então, surgiu o nome do Largo e depois o do bairro.

Segundo Glória Melo, professora e membro da Paróquia da Igreja da Lapinha, o bairro existe desde a construção da Igreja e é fruto do desmembramento do bairro do **Santo Antonio**. Glória afirma também que uma das marcas do bairro é a preservação de muitas das suas antigas tradições como o **Terno de Reis** e o **Desfile do 2 de Julho**.

O ex-pároco do local, José Souza Pinto, afirma que a tradição de comemoração do Dia de Reis é anterior à fundação da igreja, pois



Glória Melo

a Lapinha era referência para a vinda de ternos e ranchos de reis - grupos que dedicavam cânticos ao Menino Jesus e saudavam os Reis Magos. Atualmente, o Dia de Reis faz parte do calendário de festas populares da Bahia.

Para muitos moradores, dentre as mudanças mais significativas do bairro, está o fato de a Lapinha ter se tornado um local de passagem, ao invés de destino final, como era antes. Além disso, o bairro vem perdendo suas características residenciais para dar lugar a um intenso comércio. Entre seus principais equipamentos estão a **2º CP - Delegacia de Polícia**, a **Organização do Auxílio Fraternal – OAF**, **Escola Técnica Estadual Luiz Navarro de Brito**, o **Colégio Estadual Carneiro Ribeiro Filho** e o **Convento da Lapinha**.

Compõe também o cenário histórico da Lapinha a **Fonte do Queimado**, construída em 1801. Nessa época, conforme Azevedo (1969) e Vilhena (1969), a Fonte do Queimado tinha excelente água para beber e era uma importante fonte de abastecimento daqueles que moravam no seu entorno. Hoje ela é tombada pelo Instituto do Patrimônio Artístico Cultural da Bahia – IPAC e é muito freqüentada pelos moradores do bairro.

A Lapinha possui uma população de 4.951 habitantes, o que corresponde a 0,20% da população de Salvador; concentra 0,22% dos domicílios da cidade, estando 24,25% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, 43,15% dos seus chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.



Corredor da Lapinha

Fundação Gregório de Matos



SAÚDE

O bairro da **Saúde** nasceu em uma das cumeadas mais altas da Cidade da Bahia, no século XVII, quando da presença dos holandeses em Salvador. Foi o primeiro bairro a se desenvolver na direção oposta à Baía de Todos os Santos. Seu nome de batismo é em louvor à santa padroeira dessa área - **Nossa Senhora da Saúde e Glória**.

Inaugurada em 1724, segundo Manoel Pereira Passos, a **Igreja da Saúde e Glória** tornou-se o marco zero do bairro, que até hoje é marcado por esse monumento e por ruas de traçados bastante irregulares. No século XIX, a Saúde tornou-se o lugar de morada da elite econômica e intelectual da cidade. A partir dos anos 70, do século passado, quando a cidade começou a se expandir para a Orla Atlântica, o perfil de ocupação do bairro começou a mudar.

Estão localizados na Saúde o **Asilo Santa Isabel**, construído em 1848, a **Casa da Providência**, que embora tenha sido fundada em 1855, foi transferida para a Saúde em 1866, equipamentos esses tombados pelo Instituto do Patrimônio Artístico Cultural da Bahia – IPAC, e a casa em que morou Ernesto Simões, onde hoje funciona o **Coro de Câmara Barroco da Bahia**.

Neste bairro, muitas das casas ainda existentes foram construí-



Irakitan Santana

das no século XIX, sendo várias tombadas pelo IPAC. Estão localizadas no bairro as casas onde moraram Gilberto Gil e Batatinha.

Para Irakitan Santana, músico e morador do bairro há cerca de 20 anos, a Saúde tem uma história muito interessante em relação ao nome das suas ruas que, em geral, são oriundos de mitos criados por antigos moradores. O **Beco da Agonia**, por exemplo, era local onde os escravos eram castigados; a **Rua do Godinho** refere-se a um fazendeiro da região; a **Rua do Alvo** era a rua onde se guardava os armamentos militares; a **Rua Jogo do Carneiro** abrigava um rebanho desses animais; o **Largo da Glória** é em homenagem ao próprio bairro.

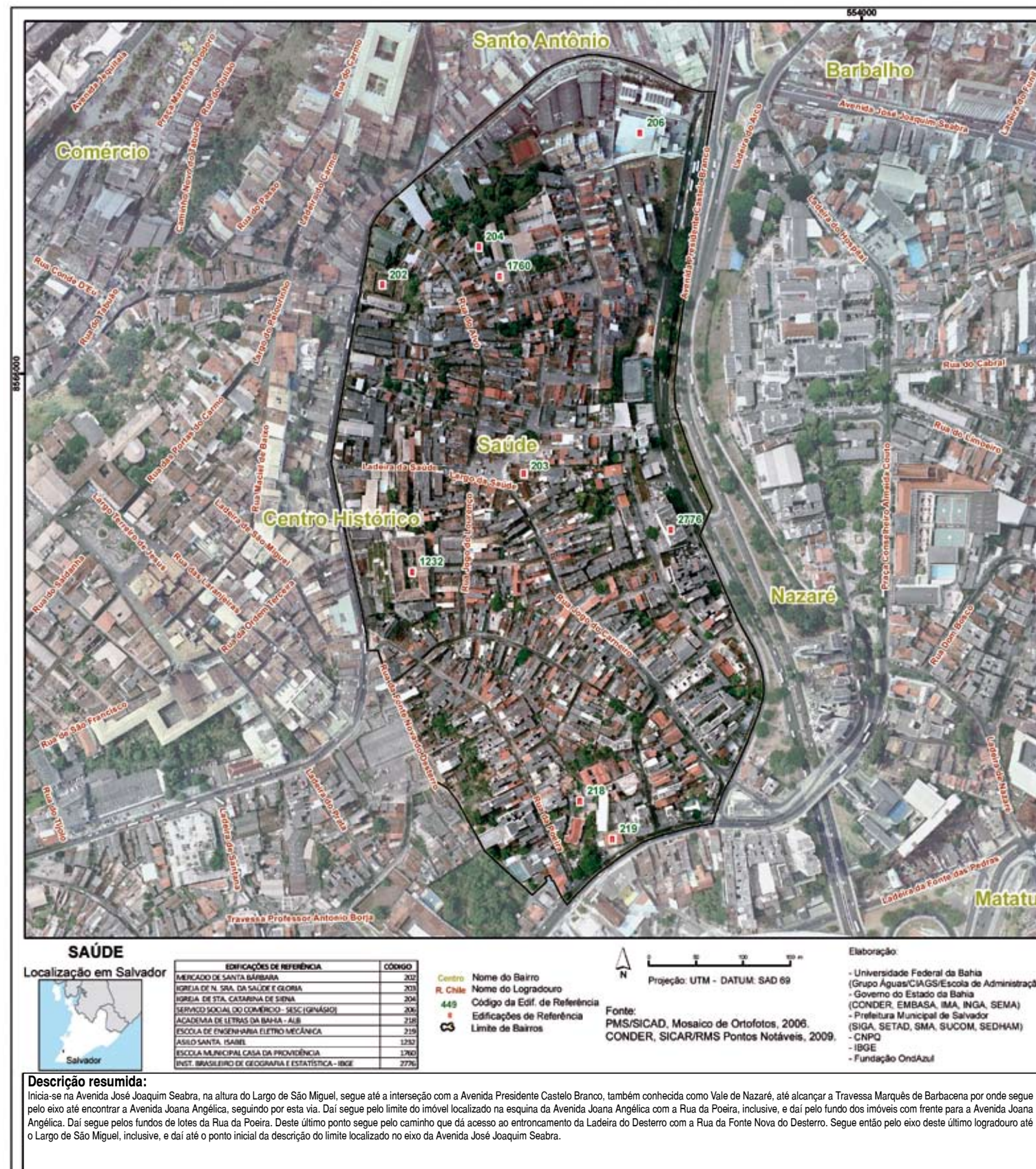
Santana afirma que este ainda é um bairro de artistas, porém, com o passar dos anos, o perfil dos seus moradores tem mudado. Para ele, o bairro está no coração de Salvador e, por isso, é muito bom de se morar. Segundo depoimento dele, no bairro existia uma das nascentes do **rio das Tripas** (também conhecido como **rio da Barroquinha**), que foi soterrada pela urbanização.

A Saúde possui uma população de 5745 habitantes, o que corresponde a 0,24% da população de Salvador; concentra 0,29% dos domicílios da cidade, estando 23,22% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, 40,26% dos seus chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.



Casa Barroco da Bahia

Foto: Danilo Bandeira



● SANTO ANTÔNIO

O **Santo Antonio** é um dos bairros mais antigos de Salvador. Seu primeiro registro remonta ao século XVII e o seu nome de batismo é uma homenagem a Santo Antônio.

Este é um bairro com um vasto legado histórico, pois nele estão localizados igrejas e monumentos seculares, como a **Igreja de Santo Antônio Além do Carmo** (construída primeiro como capela, em 1594, e reconstruída em 1813), e o **Forte** de mesmo nome – uma construção erguida na segunda metade do século XVII, para proteger o acesso norte da cidade, que atualmente é tombada pelo Instituto do Patrimônio Artístico Cultural da Bahia – IPAC. Para o Padre Pithon, ex-pároco da Igreja, esses dois monumentos são marcas do bairro.

Na Igreja de Santo Antônio acontecem duas festas tradicionais, que mobilizam todo o bairro: a **Festa de Pentecoste**, quando se celebra a festa do Espírito Santo e ocorre a libertação de presos em vias de ganhar a liberdade, e a **Festa de Santo Antônio Além do Carmo**, que



Fundação Gregório de Mafros

abre o calendário de festas juninas na Bahia, a partir de primeiro de junho, quando começam as trezenas em homenagem ao Santo. No dia treze de junho, encerra-se esse ciclo de orações com uma procissão pelas ruas do bairro. No largo, em frente à igreja, são montadas barracas, onde os festejos acontecem, com música e venda de comidas típicas. Há no Bairro a **Fonte do Baluarte**, bastante antiga, atualmente tombada pelo Instituto do Patrimônio Artístico Cultural da Bahia.

O **Forte de Santo Antônio Além do Carmo** já serviu como casa de Detenção e abrigou o **Centro de Cultura Popular**. Hoje, o Forte é sede dos grupos de capoeira do mestre João Pequeno, que lá chegou em 1982 e do Grupo de Capoeira Angola Pelourinho, organizado pelo Mestre Moraes, que chama atenção para a relação um pouco difícil entre os moradores e os capoeiristas, quando estes lá chegaram.

Existem ainda outros monumentos muito importantes para a história do bairro e de Salvador como a **Igreja** e o **Convento do Carmo** que, em 1823, durante as lutas pela Independência, foi ocupado pelas tropas portuguesas. Vale ainda registrar a existência do Plano Inclinado do Pilar e a Cruz do Pascoal.

Santo Antonio possui uma população de 3.791 habitantes, o que corresponde a 0,16% da população de Salvador; concentra 0,16% dos domicílios da cidade, estando 20,04% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, 42,28 % dos seus chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudo.



Foto: Elba Veiga

Forte de Santo Antônio, 2009



CENTRO HISTÓRICO

O bairro do **Centro Histórico** de Salvador abrange o primeiro núcleo da cidade, quando esta ainda era limitada pelas Portas de **Santa Luzia** ao Sul (onde hoje é a **Praça Castro Alves**) e as portas de **Santa Catarina** ao Norte (no **Largo do Pelourinho**).

Quando a feira da cidade foi transferida para a Porta de Santa Catarina, o Pelourinho, “*símbolo formal do poder obrigatório em todas as vilas e cidades*”, foi junto. De acordo com Cid Teixeira, “*aquele poste com argolas onde o almoçatê – autoridade da maior importância – expunha ao escárnio público aqueles que negociavam com improbidade na feira que ali se realizava*”, esteve tanto tempo no Largo das Portas do Carmo, que transmitiu seu nome ao logradouro: Largo do Pelourinho.

Segundo o presidente da **Associação dos Comerciantes do Centro Histórico** e do **Projeto Cultural Cantina da Lua**, Clarindo Silva, até a década de quarenta, o Pelourinho era o grande centro social, político e econômico da cidade. A partir de então, as famílias tradicionais do Centro Histórico começaram a migrar para locais como Graça, Vitória e Barra. No início dos anos setenta, com a saída de atividades comerciais, serviços e de instituições do local, essa região sofreu um esvaziamento ainda maior.

Hoje, entre as principais referências do Centro Histórico estão a **Praça Municipal**, de 1549, e a **Câmara**, também datada de 1549, sendo sua construção primeira de taipa e palha. Somente em 1551, uma nova edificação de pedra, cal e barro foi erguida e ocupada na parte inferior pela cadeia e pelo açougue. A atual estrutura arquitetônica data de 1696.



Clarindo Silva



Fundação Gregório de Matos

Pelourinho

A **Igreja e o Convento de São Francisco** foram fundados em 1587, a **Igreja e Santa Casa da Misericórdia** tiveram sua construção iniciada no século XVII. A **Catedral Basílica** também data do século XVII e a **Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos**, cuja construção teve início em 1704, congrega a **Irmandade dos Homens Pretos** (que data do fim do século XVII). O **Elevador Lacerda** foi construído em 1874 e o **Palácio Rio Branco**, inaugurado em 1919.

A Rua Chile, outrora chamada de Rua Direita do Palácio, recebeu o atual batismo em 1902. Essa rua já foi o símbolo da riqueza e elegância baiana, até o começo do século XX.

O Centro Histórico foi tombado como **Patrimônio Histórico da Humanidade** em 1985, o que deu visibilidade à área. Em 1991, foi feita a reforma do **Pelourinho**, projeto eivado de polêmica, sobretudo por excluir antigos e históricos moradores, para ceder espaço à iniciativa privada. Para Clarindo Silva, dentre as curiosidades do **Centro Histórico**, estão os “tipos” que desfilaram por lá como Cuíca de Santo Amaro e Cosme de Farias. Hoje se vê Jaime Figura, Bule-Bule e Riachão.

Localizam-se ainda neste bairro a **Fonte Redenção do Pelourinho**, considerada de grande valor histórico, cuja origem remonta ao século XVIII e há referências de que foi utilizada até a década de 1930. A outra fonte, a **Fonte do Pereira**, segundo Gabriel Soares, foi descoberta por um dos tripulantes das naus de Tomé de Souza, sendo atualmente utilizada para banho e lavagem de roupas, pelos moradores do seu entorno.

O Centro Histórico possui uma população de 2.573 habitantes, o que corresponde a 0,11% da população de Salvador; concentra 0,12% dos domicílios da cidade, estando 22,04% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 26,21 dos seus chefes de família têm entre 4 e 7 anos de estudo.



CENTRO HISTÓRICO

Localização em Salvador

EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
CATEDRAL BASÍLICA DO SALVADOR	193
CÂMARA MUNICIPAL DO SALVADOR	197
IPHAN	201
SENAC	314
SPAC	318
PREFEITURA MUNICIPAL DO SALVADOR	678
ELEVADOR LACERDA	726
PLANO INCLINADO GONÇALVES	729
IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO	847
IBF BNF	265

Descrição resumida:

Inicia-se na confluência da Praça Castro Alves (inclusive), Rua Carlos Gomes, Avenida Sete de Setembro, Ladeira da Barroquinha e Ladeira da Montanha. Desce essa ladeira até a Ladeira da Misericórdia, por onde segue em linha reta cortando transversalmente o Plano Inclinado Gonçalves. Daí em linha reta até encontrar o final do Beco do Frazão. Daí segue até a interseção com a Rua do Tabuão. Daí segue até o final dessa rua e daí sempre em linha reta. Daí segue pela escarpa nos fundos de lotes da Rua do Passo. Daí segue em linha reta até Rua do Passo. Segue por esse logradouro até a interseção com a Ladeira do Carmo. Desce essa ladeira até a interseção com a Ladeira Ramos de Queiroz. Daí desce essa ladeira até a interseção com a Avenida José Joaquim Seabra. Daí segue essa avenida e contorna o Largo da Barroquinha, inclusive, até a Ladeira da Barroquinha. Daí sobre essa ladeira até o ponto de início da descrição do limite desse bairro.

- Centro Nome do Bairro
- R. Chile Nome do Logradouro
- 449 Código da Edif. de Referência
- Edificações de Referência
- CS Limite de Bairros

Projeção: UTM - DATUM: SAD 68

Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006. CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:

- Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
- CNPO
- IBGE
- Fundação OnSulZul

● COSME DE FARIAS

Da fazenda **Quintas das Beatas** ao bairro **Cosme de Farias**. Muitos dos seus moradores costumam relatar que, após a morte das freiras, proprietárias da fazenda, as terras foram incorporadas ao patrimônio da Igreja Católica, em 1951.

Segundo Arnold Lobo, um dos primeiros moradores do local, o surgimento do bairro data da década de sessenta, com a ocupação das encostas e baixadas que margeavam a sua rua principal.

Seu atual batismo é uma homenagem ao **Major Cosme de Farias**, muito conhecido como “advogado dos pobres”, pois, apesar de ter sua formação em jornalismo, atuava defendendo o povo mais humilde que o procurava pedindo ajuda. Em sua constante luta pelos menos favorecidos, criou a **Liga Contra o Analfabetismo**; foi vereador da cidade e deputado estadual.

A presença de Cosme de Farias foi tão significativa no bairro, que hoje a casa onde ele morou, juntamente com o prédio onde funcionam as **Obras Assistenciais Franciscanas** e a praça que leva o seu nome e abriga o seu busto, tornaram-se referências locais. Isaltino de Oliveira, assistente social do **Centro de Saúde Cardeal da Silva**, afirma ainda que a **Praça Cosme de Farias** é um lugar que caracteriza bem o bairro, pois lá “é onde as pessoas se movimentam, se



Marco Antonio Almeida Sampaio, Isaltino de Oliveira e Antonio Marcos Almeida Sampaio

encontram para conversar, as crianças brincam na gangorra... tem a igreja de um lado, a escola do outro, tem mercadinho e bar. Na praça acontece todo ano a Feira de Saúde dos Terreiros de candomblés e à noite costuma-se fazer a reza do Santo Antônio”.

A fonte que existia no bairro foi destruída. Alguns dizem que foi encontrada uma imagem de Santo Antônio na fonte e, por isso, foi construída a igreja no local, aterrando a fonte. Os moradores se queixam do intenso desmatamento do bairro.

Dentre as lembranças mais fortes do bairro para os gêmeos Marco Antônio Almeida Sampaio e Antonio Marcos Almeida Sampaio, integrantes do **Conselho de Moradores do Alto do Cruzeiro**, está

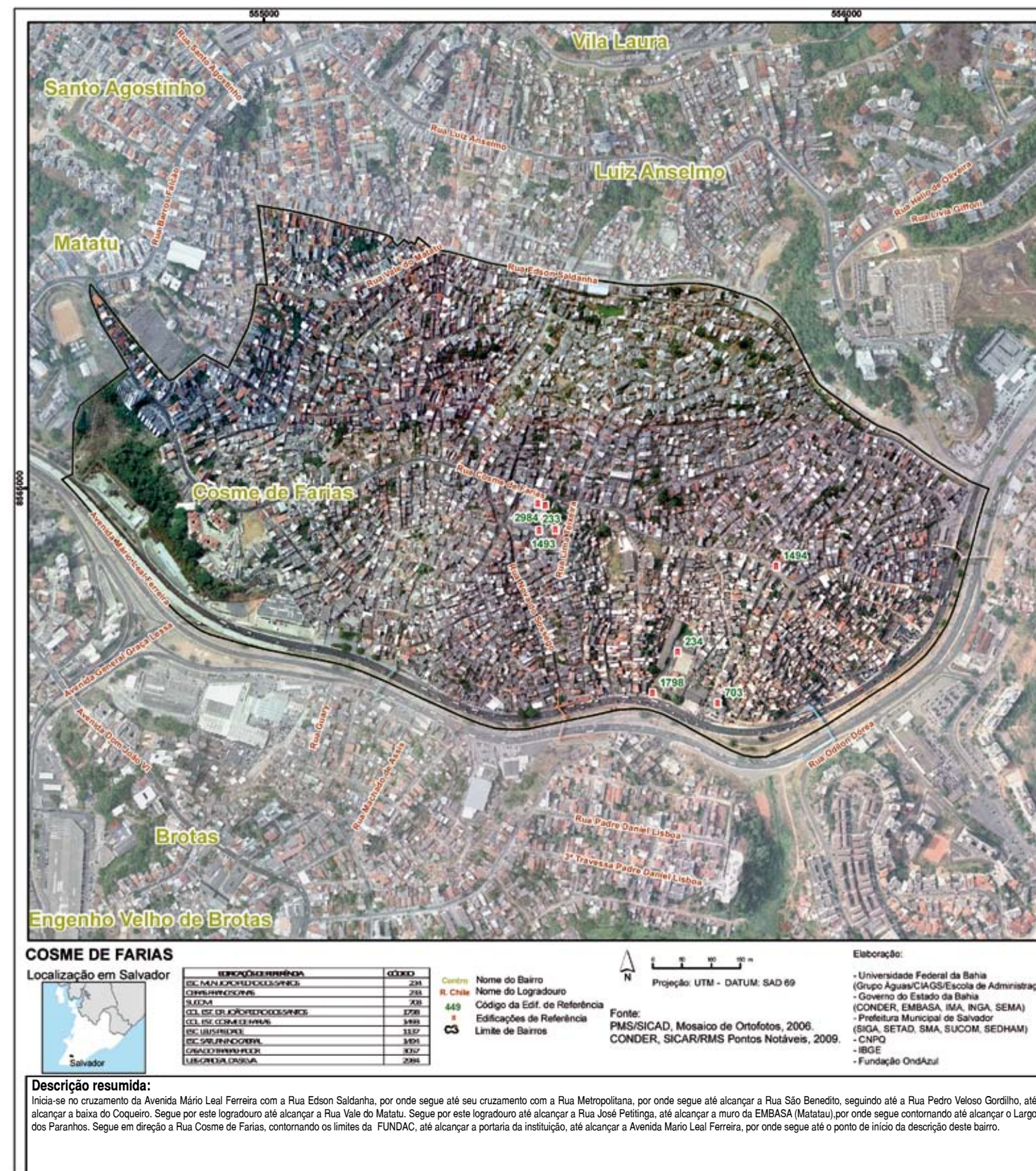
o antigo carnaval de Cosme de Farias que foi retirado por administrações municipais anteriores. A festa mobilizava a maioria dos moradores, gerava renda e ainda tinha um baile de máscaras, que relembra os antigos carnavais. Vários blocos carnavalescos saíram do local, como o **Tempero de Negro** e o **Alafim**, um bloco afro “fortíssimo em Cosme de Farias”.

Atualmente, fazem parte do bairro as localidades do **Alto do Cruzeiro**, **Campo Velho**, **Alto de Formoso**, **Baixa da Paz**, **Baixa do Sossego**, **Baixa do Silva** e a **Baixa do Tubo**, que leva esse nome devido aos enormes tubos de água e esgoto que atravessam o local.

Cosme de Farias possui uma população de 37.226 habitantes, o que corresponde a 1,52% da população de Salvador; concentra 1,46% dos domicílios da cidade, estando 24,68% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de meio a 1 salário mínimo. No que se refere à escolaridade, constata-se que 39,02% dos seus chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudo.



Córrego das Beatas





Avenida D. João VI

● BROTAS

Brotas nasceu de uma fazenda pertencente à família Saldanha, há pouco mais de dois séculos. Entretanto, estudos de Maria Hilda Baqueiro Paraíso sugerem que, neste bairro, ainda no século XVI, existiu a **Aldeia São Paulo**, criada pelo então governador-geral, Mem de Sá. Com o tempo, a aldeia desapareceu e a região foi elevada à condição de freguesia, sob a invocação de **Nossa Senhora das Grotas**. Inclusive, o nome do bairro, conforme Luiz Eduardo Dórea, vem da corruptela popular de *grotas*, e passou a ser conhecido como *brotas*.

Brotas é um bairro da grande concentração residencial e é “dono” de um intenso e diversificado comércio, situado ao longo da **Avenida D. João VI**, que em nada mais faz lembrar o bairro da década de 40, quando era o local ideal para a cura da tuberculose, pelo seu clima saudável.

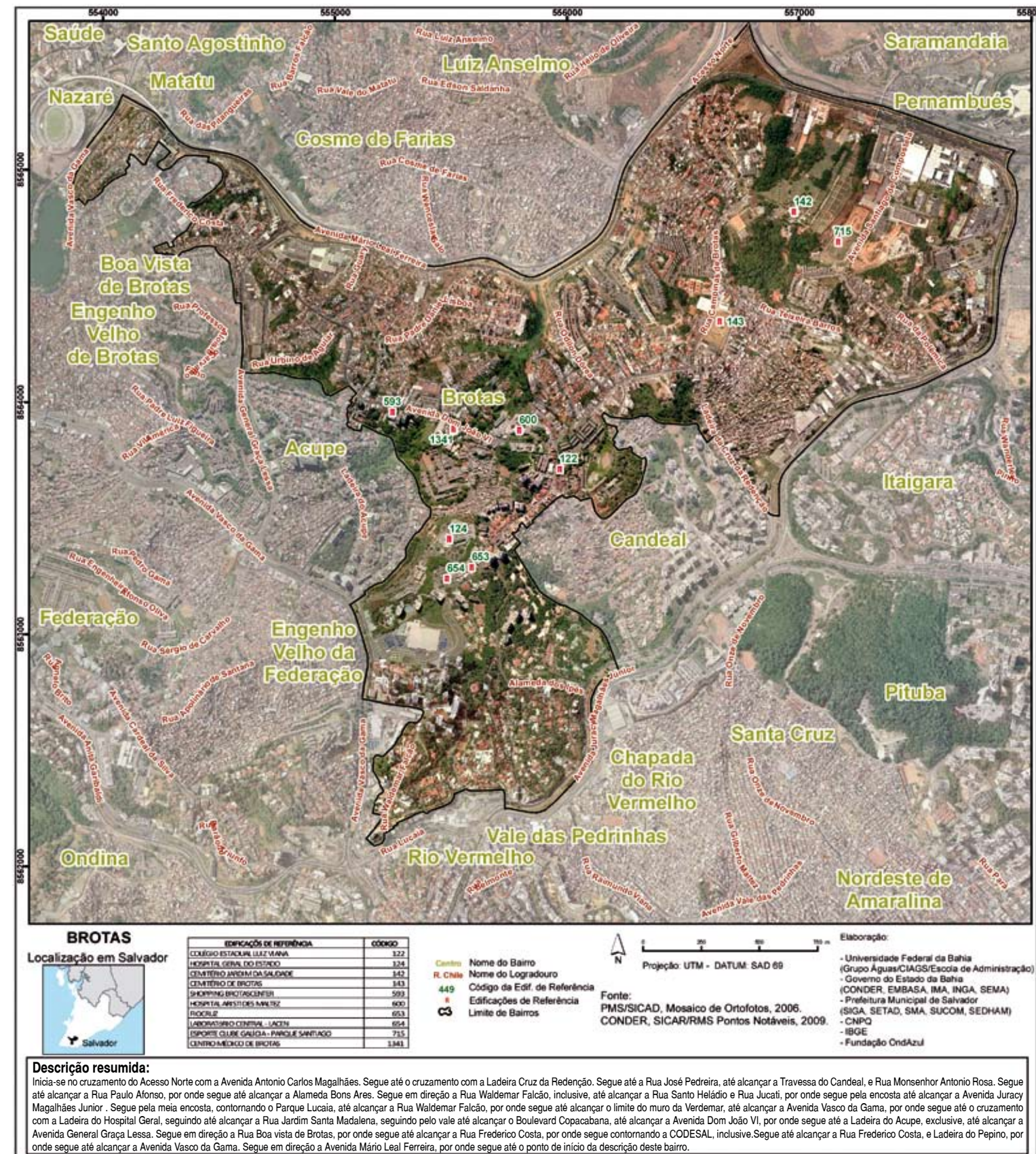
Para Nadson Oliveira, presidente da **ONG Coletivo Viva Brotas**, este bairro é “o retrato da sociedade brasileira, da perversa desigualdade social brasileira...”, pois, se de um lado os luxuosos edifícios do **Horto Florestal** ostentam a riqueza do bairro, as casas simples das

ocupações espontâneas da **Polêmica** e do **Alto do Saldanha** mostram que em Brotas também existem contrastes.

Para Oliveira, não existe um perfil único para definir o morador de Brotas: “são dois tipos com quem você convive, o elitizado, da classe média, que vai para escola e no final de semana sai com seu carro para passear, e o morador trabalhador, pobre, assalariado, que faz ‘bico’ para sustentar a família”, por isso, então, não há um evento que mobilize todo o bairro; o que existe agora são comemorações restritas às suas respectivas localidades.

Entre os principais equipamentos do bairro estão o **Hospital Aristides Maltez**, o **Hospital Evangélico**, o **Instituto Guanabara** e os **Colégios Estaduais Luiz Viana e Góes Calmon**. Existe a **Fonte do Davi**, situada em área particular e pouco conhecida na redondeza, e a **Fonte do Terreiro Ilê Oyá Tununjá**, utilizada para usos domésticos, consumo e rituais religiosos.

Brotas possui uma população de 63.439 habitantes, o que corresponde a 2,60% da população de Salvador; concentra 2,77% dos domicílios da cidade, estando 21,82% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 39,17% dos seus chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudo.





● PERNAMBUEÉS

Originalmente o bairro de **Pernambúés** surgiu de uma fazenda, na qual os moradores sobreviviam vendendo frutas no **Pelourinho**, na **Feira das Sete Portas** e na **Feira dos Sete (Água de Meninos)**. Com a implantação do **shopping Iguatemi**, a construção da nova **Estação Rodoviária** e a consequente mudança nos vetores de expansão da cidade, o bairro se expandiu e se consolidou.

Com o tempo, a ocupação desordenada do local foi urbanizada e hoje abriga as localidades da **Baixa do Manu**, **Baixa da Horta** e **Baixa da Guiné**. Sua rua principal, **Thomaz Gonzaga**, tem o nome de um dos personagens e poetas que atuaram na **Inconfidência Mineira**.

Sobre o nome Pernambuco, algumas versões circulam no bairro. Segundo Luiza Pinto do Nascimento, coordenadora do Terno de Reis Rosa Menina, o nome está associado a “brejo”, em alusão às pequenas lagoas ali existentes. Conforme Valdeluce Nascimento, integrante do **Clube das Mães da Comunidade em Ação de Pernambuco**, dizem que o bairro antigamente era passagem para grandes fazendeiros que se deslocavam com boiadas, passando assim a chamá-lo de “Pés de boi”, o que teria dado origem ao nome de Pernambuco. Luiza Nascimento lembra também que há quem diga que Pernambuco significa “*Perna de Boi em idioma africano*”.

Este bairro tem um grande patrimônio: o **Terno de Reis Rosa Menina**, um dos mais antigos de Salvador, fundado por Silvano Francisco do Nascimento, em 1945, e motivo de orgulho dos seus morado-

res. Segundo Frederico Luz, membro do CENPA (Coordenação Especial do Núcleo de Proteção a AIDS), atualmente não há uma única festa que mobilize toda a comunidade; o que existe são manifestações isoladas, estando as festas de maior expressão apenas nas lembranças dos moradores mais antigos, como Paulo Roberto, que não esquece o antigo carnaval do final de linha.

Atualmente, existem no bairro importantes instituições que atuam no cotidiano dos seus moradores: a **Associação Beneficente 10 de Julho**; a **Associação de Moradores da Avenida São Paulo**; a **Associação 1º de Maio**; a **Coordenação Especial do Núcleo de Proteção a AIDS – CENPA**; o **Clube das Mães** e a **Comissão Unida de Pernambuco**.

Em Pernambuco existiam muitas fontes, hoje aterradas: “*Nós íamos até as fontes buscar água, quando faltava, elas estavam localizadas em propriedades particulares. Geralmente, as pessoas não vendiam essa água. Era um ato comunitário*”, conta Frederico Luz. No bairro, hoje, existem três córregos, todos poluídos.

Entre os principais equipamentos públicos do bairro estão o **Centro Social Urbano**, a **Escola Municipal Hildete Bahia de Souza** e o **Colégio Estadual Ministro Aliomar Baleeiro**.

Pernambúés possui uma população de 58.542 habitantes, o que corresponde a 2,40% da população de Salvador; concentra 2,42% dos domicílios da cidade, estando 24,17% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 30% dos seus chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudo.



● SARAMANDAIA

Em meados da década de 1970, uma notícia ecoava pela cidade de Salvador: “há um fazendão sendo ocupado atrás da rodoviária!”. Tratava-se do que é hoje o bairro da **Saramandaia**. O lugar era o **Fazendão Pompilho** e, segundo Marisa Miranda, uma das primeiras moradoras do local, “só havia mato, bananeiras, ai-pim, batata-doce, muita formiga e sucuri”. Na época, a iluminação era na base do fitô. Antonio Carlos Alves de Araújo, líder comunitário do bairro, diz: “as casas eram daquele plástico preto... outras eram feitas com palha de nicori, de dendê. Casa de taipa era uma mansão naquela época”.

A ocupação espontânea começou a partir da construção do novo terminal, cujo nome é inspirado na fictícia cidade de Saramandaia, novela de Dias Gomes, levada ao ar em 1976.

Na história deste bairro, a garra, a luta e a determinação dos moradores são as maiores marcas. Araújo faz questão de ressaltar que, se não fosse isso, as pessoas não teriam permanecido no local, pois quando a ocupação foi se ampliando, a polícia começou a intervir, gerando grandes conflitos com os moradores.

Dentre as histórias de resistência, Marisa Miranda conta como conseguiu a primeira escola para o bairro: “acho que foi no final dos anos 70. A gente queria falar com o secretário da Educação. Chegamos cedo e diziam que ele não estava. Ficamos na porta do gabinete e nada... Mandamos comprar pão e pedimos água para o lanche.



Antonio Carlos Araújo



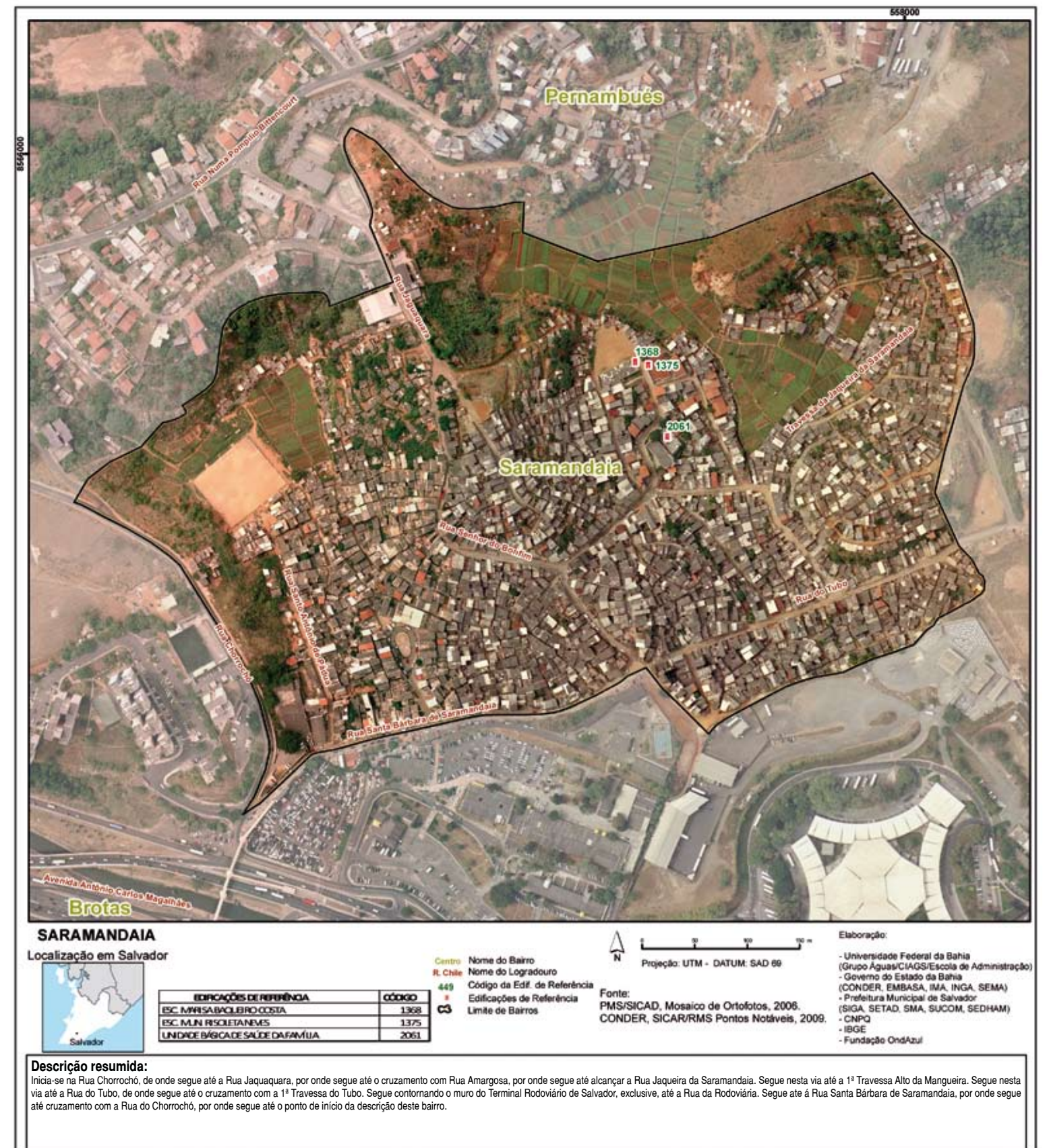
CONF / SEDHAM/ PMS, 2006

Depois de muitas negativas, o secretário saiu da sala e foi ao banheiro, a gente foi atrás e quando ele saiu não teve jeito, levou todo mundo para o gabinete e assim conseguimos a escola”.

Culturalmente, o bairro tem muita afinidade com o teatro, a dança, a capoeira e a percussão. Entre seus principais equipamentos estão a **Escola Marisa Baqueiro Costa**, a **Paróquia São Francisco de Assis**, a **Escola Municipal Risoleta Neves** e a **Fundação Cidade Mãe**.

Conforme Antônio de Araújo, existe no bairro o Lago da Saramandaia, “anteriormente era uma lagoa que foi aterrada para a construção do DETRAN, junto com ela, aterraram algumas nascentes que ali existiam. As hortas que existem aqui são regadas com águas que minam de pedras, de nascentes. Se não fossem as pessoas que cuidam das hortas, essas nascentes já teriam sido aterradas”.

Saramandaia possui uma população de 10.267 habitantes, o que corresponde a 0,42% da população de Salvador; concentra 0,39% dos domicílios da cidade, estando 30,03% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de meio a 1 salário mínimo. No que se refere à escolaridade, constata-se que 35,71% dos seus chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudo.





Final de Linha do Resgate

Foto: Tony Bilencaurt, 2009

● RESGATE

*“Ali era uma passagem,
Nela transitava mascate,
Onde mulher e criança
Roubavam fruta no disfarce,
Era o Beco do Francelino,
Hoje Nossa Senhora do Resgate”.*

Assim, Antonio Aderbal de Souza Gomes, autor do livro “Cabula: A História de um Bairro e sua População”, descreve o bairro do **Resgate**, outrora, **Beco do Francelino**.

Segundo Gomes, há 30 anos, nas terras que pertenceram à família Martins Catarino, não havia comércio. As lojas, farmácias e mercados, hoje tão presentes no local, só começaram a chegar depois que a região foi asfaltada.

Garibaldi Alves Gonzaga, morador do bairro há 44 anos, lembra: *“aqui era terrível, tinha uma cerca de arame farpado na frente e pouquíssimas casas; no inverno era muita lama, no verão muita poeira. Onde hoje é o fim de linha, era a Fazenda Coqueiro, no início do bairro, era a Fazenda Santo Antonio”.*

Nas lembranças de Luzia Cardoso, moradora do local há 30 anos, a casinha de palha de Seu Didi é uma forte lembrança: *“comprávamos verdura e pão no balaio, na casinha”.* Ela também lembra que nesse tempo os táxis nem entravam no Resgate.

Segundo Gonzaga, o nome do bairro está relacionado à **Igreja de Nossa Senhora do Resgate**, pois há muito tempo ele ouviu a seguinte história: *“quando os soldados do 19º Batalhão de Caçadores foram para uma guerra, passaram nessa igreja e pediram que Nossa Senhora resgatasse eles de lá. Hoje esta igreja tem o nome de Anunciação do Senhor e está localizada na Rua Silveira Martins”.*

Atualmente o Resgate tem, entre seus principais equipamentos, o **Colégio Estadual Adroaldo Ribeiro Costa**, o **Restaurante Tropical**, muito freqüentado por artistas baianos, e um pequeno shopping.

O Resgate possui uma população de 6.861 habitantes, o que corresponde a 0,28% da população de Salvador; concentra 0,30% dos domicílios da cidade, estando 33,48% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 55,79% dos seus chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudo.





Cruzamento da Rua do Timbó com a Alameda das Espatódeas

Foto: Elia Veiga

● CAMINHO DAS ÁRVORES

O bairro do **Caminho das Árvores** surgiu no período de construção do shopping Iguatemi. É dessa época a iniciativa de implantar um loteamento para segmentos de classe média alta em Salvador – o que consolidou a expansão da cidade em direção à **Avenida Luiz Viana Filho**.

O projeto inicial previa a implantação de um loteamento, com imóveis estritamente residenciais e unidomiliares. Atualmente, a **Alameda das Espatódias** concentra as atividades comerciais e

de prestação de serviço do bairro, atraindo compradores de toda a cidade.

Os moradores do bairro têm lutado contra a intensificação do uso comercial no bairro desde a década de 1990 – fato esse, a intensificação do comércio, que já se tornou parte do cotidiano dos antigos e novos moradores. Segundo Wolfgang Roddewig, presidente da **Associação dos Moradores do Caminho das Árvores**, os moradores tiveram uma grande vitória ao assegurar, no PDDU de 2008, a ratificação da lei que determina que o Caminho das Árvores deve ser unirresidencial e ter uma área restrita para a atividade comercial.

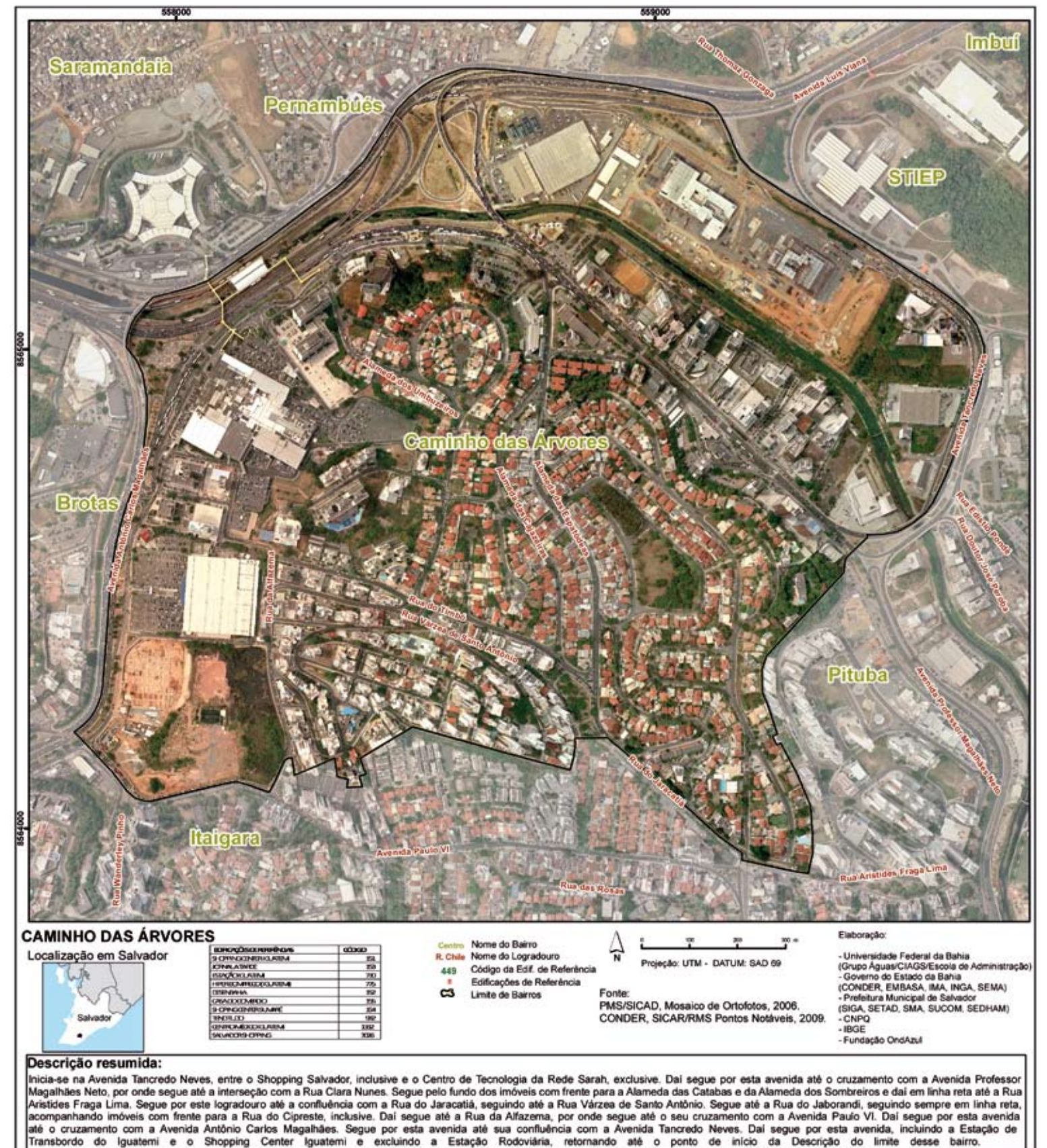
O presidente da Associação dos Moradores afirma ainda que o nome Caminho das Árvores está relacionado ao fato de que, quando Noberto Odebrecht idealizou este empreendimento, o local era uma fazenda bastante arborizada. É por isso, inclusive, que as 17 alamedas que compõem o bairro têm nomes de árvores: cajazeiras, umbuzeiros, eritrinas...

Entre os principais equipamentos do bairro estão o **Shopping Center Iguatemi**, o **Jornal A TARDE**, a **Casa do Comércio**, o **Salvador Trade Center** e a **Praça São Vicente**, recentemente reformada.

O Caminho das Árvores possui uma população de 10.065 habitantes, o que corresponde a 0,41% da população de Salvador; concentra 0,41% dos domicílios da cidade, estando 51,41% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de mais de 20 salários mínimos. No refere à escolaridade, constata-se que 54,40% dos seus chefes de família têm 15 anos de estudo ou mais.



Wolfgang Roddewig



STIEP

As primeiras casas, no bairro do STIEP, foram levantadas em 1968 para formar um conjunto residencial de trabalhadores das indústrias ligadas ao ramo petrolífero. Inicialmente, o local recebeu o nome de **Conjunto Residencial Vale do Camarujipe**; no entanto, como o terreno foi adquirido pelo **Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Extração de Petróleo**, prevaleceu a sigla da entidade: STIEP.

Segundo Miguel Francisco Marques, um dos fundadores do bairro e da Associação, o STIEP era uma fazenda de propriedade da família Duplat. Depois, passou a ser considerado como a fazendinha do **Esporte Clube Bahia**, que já teve no local sua sede e campo de treinamento.

José de Souza Filho, atual presidente da Associação dos Moradores do STIEP, afirma que entre os anos de 1968 e 1969, “*dava medo de entrar*” no bairro, pois só existia a via da **Avenida Otávio Mangabeira** e o terreno era todo de barro. Hoje, o bairro já está inserido no contexto urbano de Salvador e ainda consegue manter a tranquilidade e a qualidade dos tempos de outrora.

Seu desenvolvimento está relacionado à mudança do eixo econômico e social da cidade para o vetor norte. José Filho conta que,



Miguel Marques e José Filho



Ortofoto SICAD / PMS - 2006

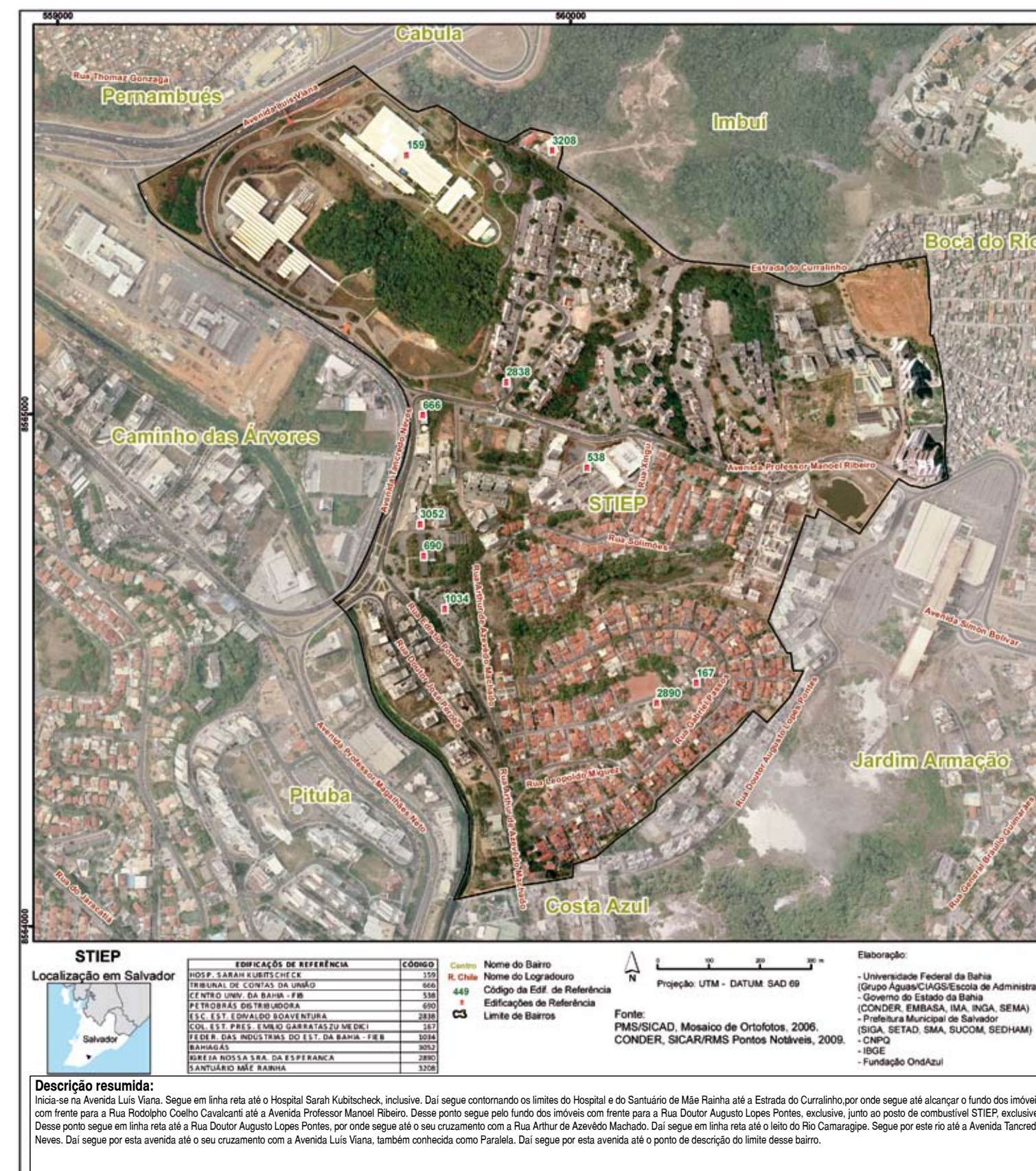
Lagoa dos Frades

por ter sido um bairro de sindicalistas, as reivindicações feitas ao poder público municipal eram constantemente retaliadas pelo então prefeito da época.

Da abundante natureza do STIEP no passado, restaram apenas dois mananciais naturais: a revitalizada **Lagoa dos Frades** e a degradada **Lagoa dos Pássaros**. Na década de setenta, a lagoa existente formava um ecossistema único, um grande espelho d'água, cercado por dunas. A região foi ocupada e a lagoa dividida em duas. Apenas a Lagoa dos Frades foi preservada e se constituiu como uma área de lazer e entretenimento desde 2001, quando os moradores do bairro acionaram o Ministério Público Estadual e conseguiram evitar a destruição total do ecossistema.

O STIEP caracteriza-se hoje pelo padrão do seu conjunto de edificações comerciais e residenciais e importantes equipamentos como a **sede da Federação das Indústrias da Bahia (FIEB)**, o **Tribunal de Contas**, o **Hospital Sara Kubitschek**, a **UNIFACS**, a **Escola Estadual Edvaldo Boaventura** e a **FIB – Faculdades Integradas da Bahia**.

O STIEP possui uma população de 11.875 habitantes, o que corresponde a 0,49% da população de Salvador; concentra 0,51% dos domicílios da cidade, estando 25,49% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 43,96% dos seus chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudo.





Foz do Rio Camarajipe no Costa Azul, 2009

Foto: Danilo Bandeira

COSTA AZUL

Em função da realização de obras de saneamento, o **Rio Camarajipe** foi desviado do seu curso original, desaguando atualmente no bairro **Costa Azul**. Por conta do comprometimento da qualidade das águas desse rio, a sua foz exala, em determinados períodos do ano, um forte odor.

Até a década de 1960, o bairro era composto por casas de veraneio, próximas a um areal onde hoje é a **Rua Monsenhor Gaspar Sadock**. Atualmente, o Costa Azul é dotado de importantes equipamentos para a vida cotidiana dos seus moradores, como o **Colégio Cândido Portinari**, restaurantes, pequenos shoppings, uma biblioteca pública e uma enorme área de lazer que se tornou o símbolo do bairro: o **Parque Costa Azul**. Neste bairro, há ainda o **Colégio Estadual Thales de Azevedo**, um importante equipamento público que atende moradores de vários bairros da cidade.

Antes da construção do Parque, o local abrigava o antigo **Clube Costa Azul**, que acabou por batizar o bairro. O senhor Vander-

val Lima, morador do local há quinze anos, afirma que era comum o uso do nome do Clube Costa Azul como referência para indicar o loteamento que surgiu da ampliação do Parque Nossa Senhora da Luz: *Costa Azul teria, então, cerca de 30 anos*”.

Segundo Dimas Genestreti, morador do bairro há 13 anos, o **Costa Azul** é sossegado e tem bom acesso. É um bairro predominantemente residencial; sobre a vida cultural, Dimas Genestreti e Vanderval Lima destacam dois eventos importantes: o forró que acontece em maio, realizado pela **Associação dos Moradores do Costa Azul (AMOCA)** e a extinta Lavagem do Bar de Jonas, que atraía quase todo o **Costa Azul**.

Na história do bairro, é interessante ressaltar a fundação da Paróquia com o nome **Santa Rosa de Lima**, a primeira santa do continente latino-americano.

O Costa Azul possui uma população de 16.123 habitantes, o que corresponde a 0,66% da população de Salvador; concentra 0,75% dos domicílios da cidade, e 22,93% dos seus chefes de família estão situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 42,95% dos seus chefes de família têm 15 ou mais anos de estudo.



Bacia Hidrográfica do Rio das Pedras (e Pituaçu)

Localizada integralmente no município de Salvador, a Bacia do Rio das Pedras que inclui a sub-bacia do Rio Pituaçu, possui uma área de 27,05km², o que corresponde a 8,76% do território municipal, sendo considerada a quarta maior bacia hidrográfica do Município, em termos de superfície. Encontra-se limitada ao Norte pela Bacia do Rio Passa Vaca, a Leste pela Bacia de Drenagem de Armação/Corsário, a Oeste pela Bacia do Cobre e ao Sul pela Bacia do Camarajipe. Com uma população de 275.781 habitantes e densidade populacional de 10.194,31hab./km² é a terceira Bacia mais populosa do Município. Possui 75.892 domicílios que correspondem a 11,49% do total de domicílios de Salvador (IBGE, 2000).

A situação socioeconômica dos moradores dessa bacia pode ser caracterizada a partir do rendimento dos chefes de família que se encontram nas seguintes faixas de renda mensal: 33,89%, recebem até 1 SM, enquanto que 31,98 % estão na faixa entre 1 e 3 SM e apenas 2,27% recebem mais de 20 SM. Os índices de escolaridade dos chefes de família desta Bacia estão distribuídos da seguinte maneira: 15,31 % possuem de 1 a 3 anos de estudo; 27,44 % têm entre 4 e 7 anos; 14,56% estão na faixa de 8 a 10 anos de estudo e 27,83% entre 11 e 14 anos de estudo (IBGE, 2000).

O Rio das Pedras é formado pelos Rios Cascão, Saboeiro e Cachoeirinha, pela margem direita e do Rio Pituaçu, pela margem esquerda. Originalmente, segundo registro de 1910 do Engenheiro Teodoro Sampaio, o Rio Pituaçu era o mais poderoso afluente do Rio das Pedras.

O Rio das Pedras possui um pequeno curso, pois como é formado pela confluência dos rios acima citados, somente é chamado de Rio das Pedras em seu curso final, com menos de três quilômetros de comprimento, durante sua passagem pelo bairro da Boca do Rio, onde deságua.

O Rio Cascão nasce nos grotões da área verde onde está localizado o Quartel do Batalhão de Caçadores – 19 BC, do Exército, no bairro do Cabula. As suas nascentes ainda se mantêm em boas condições, em função da preservação da mata, floresta ombrófila, com cobertura vegetal estimada em 248ha, em estágio médio e inicial de recuperação no entorno da referida unidade militar.

Ao longo do seu curso esse rio forma a Represa do Cascão, ainda no mesmo bairro. Em seguida ele é sobreposto (atravessado) pela Av. Luís Viana Filho, na altura do bairro do Imbuí, onde encontra o Rio Saboeiro. Em seu trecho inicial no Imbuí, o Rio Cascão está

sendo objeto de intervenção e terá como consequência o encapsulamento de seu leito e implantação de equipamentos.

O Rio Saboeiro tem suas nascentes em grotões da localidade CABULA VII, bairro Beiru/Tancredo Neves. Na travessia pelo bairro do Imbuí, esse rio foi retificado e está totalmente canalizado, sob leito de terra, passando por terrenos baldios, o que facilita o grande carregamento de resíduos sólidos e o constante assoreamento do seu leito. Este rio alterna trechos de alta poluição com trechos menos impactados.

O Rio Cachoeirinha nasce no bairro de Sussuarana, em colinas não superiores a 100m de altitude. Entre o CAB e o Cabula VI, esse rio foi barrado, formando a Represa da Cachoeirinha. Após a represa, o rio segue até encontrar o Rio das Pedras.

Já o Rio Pituaçu, cujo nome de origem indígena significa “camarão” é o maior e principal afluente da Bacia do Rio das Pedras, tem suas cabeceiras próximas ao divisor de drenagem da Bacia do Camarajipe, próximo à BR-324, atravessando, ao longo do seu curso de aproximadamente 9,4km, os bairros de Pau da Lima, Sussuarana, Nova Sussuarana, CAB e Pituaçu. Na área desta Bacia ainda estão os bairros de Porto Seco Pirajá, Granjas Rurais Presidente Vargas, Jardim Cajazeiras, Novo Horizonte, Beiru/Tancredo Neves, Engomadeira, Arenoso, Cabula VI, Doron, Narandiba, Cabula, Saboeiro, Imbuí e Boca do Rio. Existe uma fonte nessa Bacia, a Fonte Santo Antônio do Cabula, localizada na Av. Luís Eduardo Magalhães.

Essa bacia possui uma área de drenagem de, aproximadamente, 27km². A sua parte alta possui, em média, 170ha de florestas em estágio médio e inicial de regeneração. Na parte baixa, o Rio Pituaçu foi barrado em 1906, formando a Represa de Pituaçu, um lago com 200.000m² de espelho d'água, antigo manancial de abastecimento, localizado dentro do Parque Metropolitano de Pituaçu. Este Parque possui área de 440ha, com cobertura vegetal de remanescentes do ecossistema de floresta ombrófila, integrante do bioma Mata Atlântica, além de grande variedade de árvores frutíferas.

Os Rios das Pedras e Pituaçu, por sua vez, se encontram nas proximidades da Represa de Pituaçu, seguindo juntos com o nome de Rio das Pedras até a foz, na praia da Boca do Rio. Ao passar pela 2ª ponte da Av. Octávio Mangabeira, próxima à embocadura, com o largo canal de retificação do seu leito, o Rio das Pedras aparenta grande volume, sobretudo quando da maré cheia (com uma progressiva adução de água salgada que avança rio adentro).

Nessa bacia há um equilíbrio entre os usos residenciais, não residenciais (parte do DINURB e CAB), e áreas de preservação ambiental. Nas áreas residenciais existe grande densidade demográfica, além de ocupação desordenada de encostas e vales. Para análise dos parâmetros bacteriológicos e físico-químicos, a Bacia foi contem-

plada com nove pontos amostrais, sendo analisados não só os rios principais (Pituaçu e Pedras), mas também seus principais afluentes, dentre eles, o Rio Saboeiro.

O quadro 01 apresenta as observações do PAR nas estações de coleta de amostras de água da Bacia do Rio das Pedras e Pituaçu.

Quadro 01. Observações do PAR nas estações de coleta de amostras de água da Bacia do Rio das Pedras (e Pituaçu).

Parâmetros	PIT 01	PIT 02	PIT 03	PIT 04	PIT 05	PIT 06	PIT 07	PIT 08	PIT 09
Tipo de ocupação das margens	Residencial	Residencial	Vegetação natural	Comercial administrativo	Residencial	Residencial; Comercial; Administrativo	Vegetação natural	Residencial	Residencial
Estado do leito do rio	Assoreado	Assoreado	Barragem	Assoreado Revestido	Natural (curso livre)	Assoreado Revestido	Natural (curso livre)	Encapsulado	Revestido Assoreado
Mata ciliar	Ausente (solo descoberto) Pavimentado	Dominância de gramíneas	Vegetação nativa (árvores e arbustos)	Pavimentado	Dominância de gramíneas	Ausente (solo descoberto) Pavimentado	Vegetação nativa (árvores e arbustos)	Ausente (solo descoberto) Pavimentado	Dominância de gramíneas
Plantas aquáticas	Ausente	Perifiton abundante e biofilme	Macrófitas pequenas e musgos	Ausente	Ausente	Perifiton abundante e biofilme	Perifiton abundante e biofilme	Ausente	Macrófitas grandes concentradas
Odor da água	Médio	Médio	Nenhum	Leve	Forte (esgoto)	Médio	Leve	Forte (esgotos)	Médio
Oleosidade da água	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente
Transparência da água	Opaca ou colorida	Opaca ou colorida	Levemente escurecida	Turva	Opaca ou colorida	Muito escura	Muito escura	Muito escura	Muito escura
Tipo de fundo	Lixo	Lixo	Não visualizado	Areia/Lama	Marcas de antropização (entulho) Lixo	Marcas de antropização (entulho) Lixo	Lama/Areia Lixo	Marcas de antropização (entulho) Lixo	Não visualizado Lixo
Fluxo de águas	Lâmina d'água em 75% do leito	Lâmina d'água em 75% do leito	Barragem	Maior parte do substrato exposto	Fluxo igual em toda a largura	Lâmina d'água em 75% do leito	Fluxo igual em toda a largura	Fluxo igual em toda a largura	Lâmina d'água em 75% do leito

Obs.: Perifiton são organismos que vivem aderidos a vegetais ou a outros substratos suspensos; Macrófitas aquáticas são plantas herbáceas que crescem na água, em solos cobertos por água ou em solos saturados com água.

Quadro 02. Coordenadas das estações de coleta de amostras de água da Bacia do Rio das Pedras (e Pituaçu) – Salvador, 2009

QUALIDADE DAS ÁGUAS

A análise da qualidade das águas na Bacia do Rio das Pedras (e Pituaçu) foi realizada em 09 (nove) estações ao longo da Bacia, conforme coordenadas apresentadas no quadro 02 e figura 01.

Estação	Coordenada X	Coordenada Y	Referência
PIT 01	560573,0987	8570925,988	Via Pituaçu (Sussuarana), ponte de ferro, próximo ao trevo.
PIT 02	561482,9807	8570166,688	Via Pituaçu (Nova Sussuarana), Beira Rio próximo ao campo de futebol.
PIT 03	562280,0642	8567504,631	Acesso pela Rua da Bolandeira, Pituaçu (Barragem).
PIT 04	561759,8981	8566698,828	Imbuí (encapsulada antes da coleta de amostra do período chuvoso)
PIT 05	562121,4927	8566020,74	Boca do Rio
PIT 06	562604,8245	8565397,384	Boca do Rio
PIT 07	560171,4337	8569671,848	Beiru/Tancredo Neves
PIT 08	559871,8323	8567786,296	Narandiba
PIT 09	561928,4542	8566251,571	Imbuí



Figura 01. Bacia do Rio das Pedras (e Pituaçu) e localização das estações de coleta de amostras de água

A figura 02 apresenta os resultados de Coliforme Termotolerantes com os maiores valores nas estações PIT08 e PIT06 na campanha piloto e com valores acima do estabelecido pela Resolução n. CONAMA 357/05 para águas doces classe 2 nas estações PIT01, PIT02, PIT07, PIT08, PIT09, PIT05 e PIT06 na campanha de período seco. A estação PIT03, que apresentou os menores valores nas campanhas, está localizada na represa de Pituauçu.

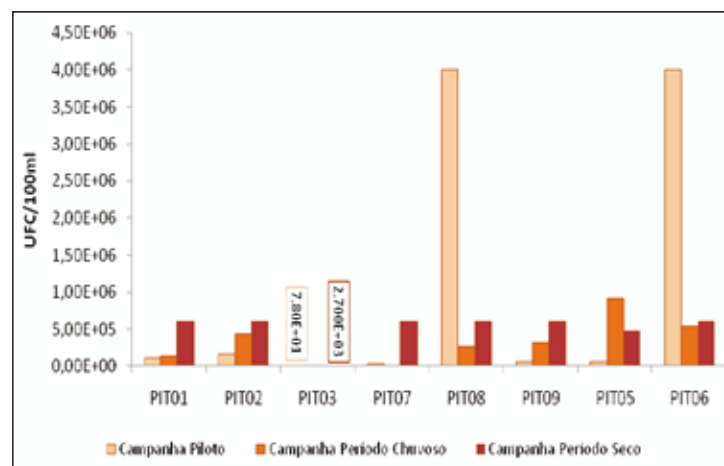


Figura 02. Coliformes Termotolerantes na Bacia do Rio das Pedras (e Pituauçu)

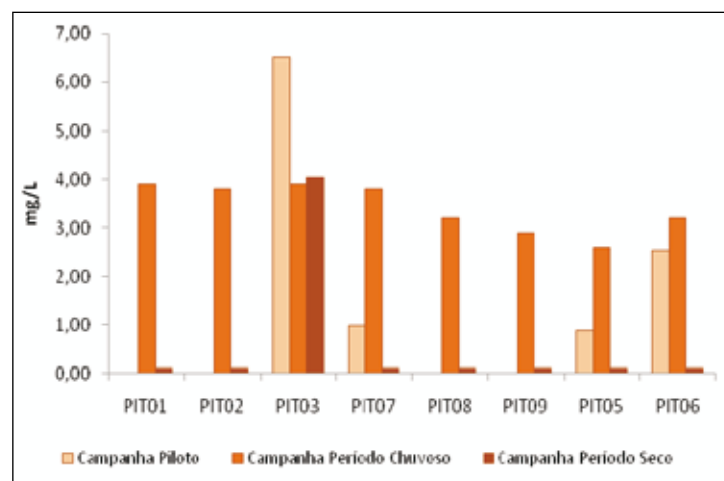


Figura 03. OD na Bacia do Rio das Pedras (e Pituauçu)

A figura 03 mostra a concentração de OD menor que 5,0mg/L em praticamente todas as estações, violando ao estabelecido na Resolução CONAMA n. 357/05 para águas doces classe 2, em exceto na estação PIT03 na campanha piloto.

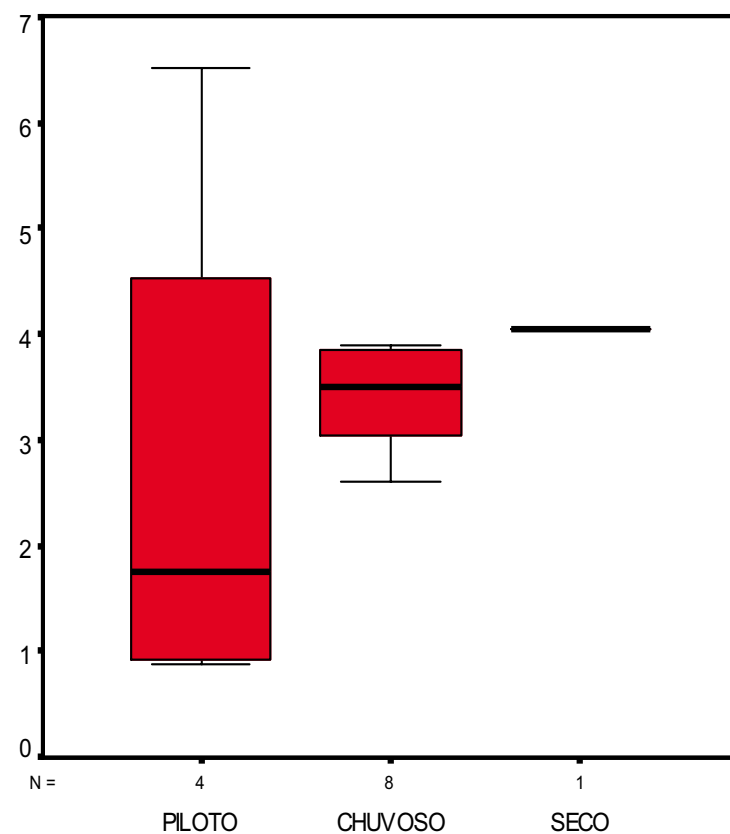


Figura 04. Comparação das Concentrações de OD (mg/L) na Bacia do Rio das Pedras (e Pituauçu) nas 3 Campanhas

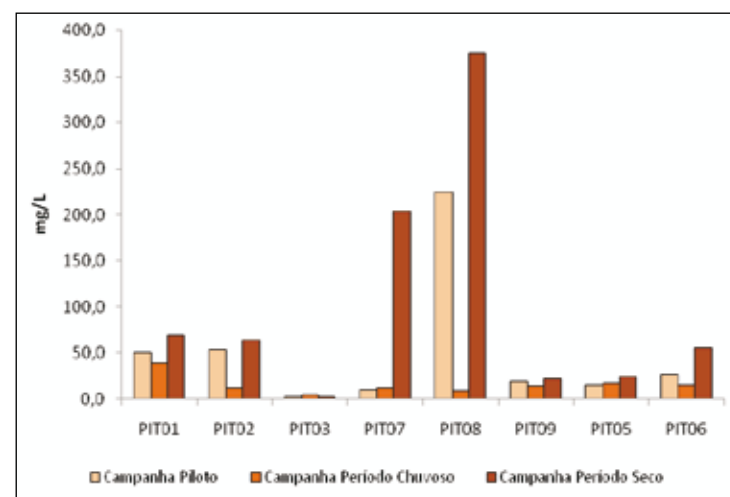


Figura 05. DBO na Bacia do Rio das Pedras (e Pituauçu)

Na campanha do período seco, conforme mostram as figuras 05 e 06, as concentrações de DBO ultrapassam 5mg/L, valor estabelecido pela Resolução CONAMA n. 357/05, para águas doces classe 2, em

praticamente todas as estações, com valores elevados nas estações PIT08, PIT07, PIT01, PIT02 e PIT06.

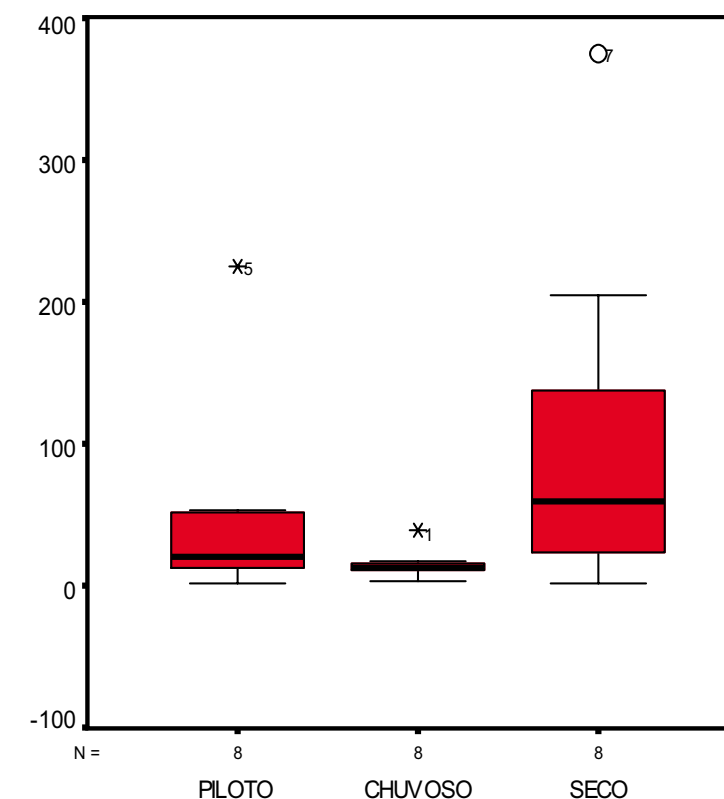


Figura 06. Comparação das Concentrações de DBO (mg/L) na Bacia do Rio das Pedras (e Pituauçu) nas 3 Campanhas

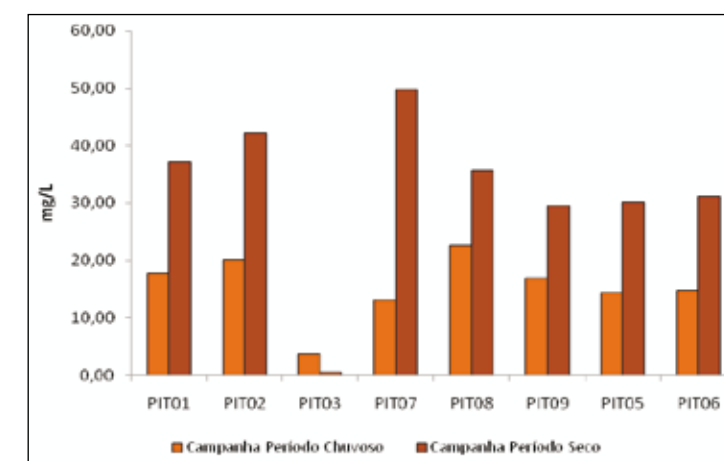


Figura 07. Nitrogênio Total na Bacia do Rio das Pedras (e Pituauçu)

Das estações monitorizadas no período chuvoso e no período seco, as maiores concentrações de Nitrogênio Total ocorreram nas estações PIT01, PIT02, PIT07 e PIT08, conforme mostra a figura 07.

A figura 08 mostra o comportamento das concentrações de Fósforo Total nas estações de coleta de amostras de água no período chuvoso e no período seco, que ultrapassam 0,1mg/L, valor estabelecido na Resolução CONAMA n. 357/05 para águas doces classe 2, exceto na estação PIT03, sendo que as menores concentrações ocorrem no período chuvoso, devido ao aporte de água das chuvas.

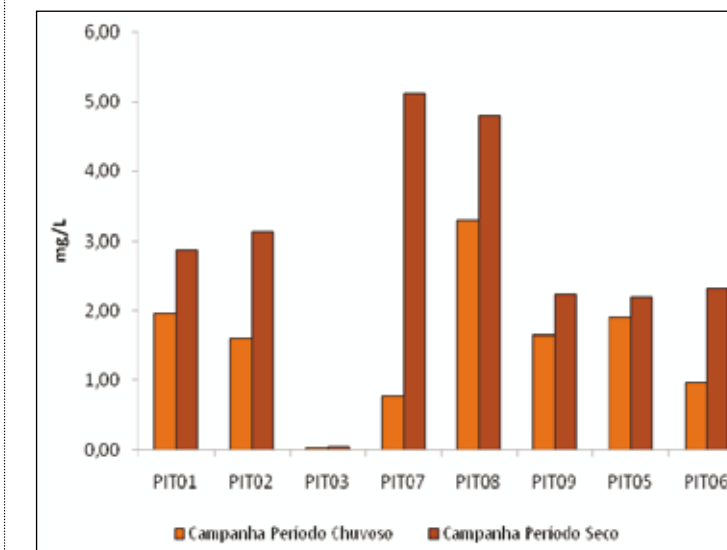


Figura 08. Fósforo Total na Bacia do Rio das Pedras (e Pituauçu)

Segundo o Índice de Qualidade das Águas - IQA, das estações monitorizadas nos Rios das Pedras (e Pituauçu), as estações PIT01, PIT02, PIT07, PIT08, PIT09, PIT05 e PIT06 são classificadas na categoria Péssimo para a campanha de período seco e na categoria Ruim na campanha de período chuvoso. Já na estação PIT03, a classificação se mantém na categoria Boa, tanto na campanha de período seco como na de período chuvoso, como mostra a figura 09.

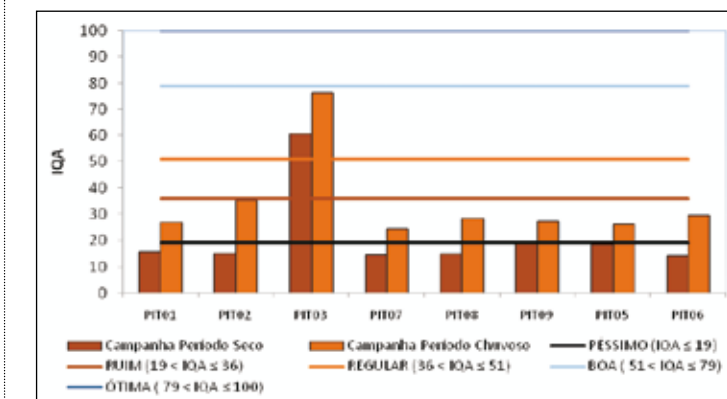


Figura 09. IQA nas estações da Bacia do Rio das Pedras (e Pituauçu)

Os bairros inseridos nessa Bacia são atendidos pelo Sistema de Esgotamento Sanitário de Salvador. Existem ligações clandestinas de esgoto à rede pluvial, em função de dificuldades topográficas, resistência por parte de cidadãos em conectar seus imóveis à rede coletora de esgotamento sanitário, ocupação desordenada, com a existência de imóveis sobre galerias e canais de drenagem (como, por exemplo, a ocupação do canteiro central da Av. Edgard Santos), em fundos de vale e encostas gerando dificuldades de implantação da rede coletora de esgoto, além de reformas e ampliações de imóveis sem a devida regularização junto à Prefeitura Municipal.

Visando conhecer a vazão do Rio das Pedras, realizou-se também a medição de descarga líquida em uma estação (PIT 05), situada na Rua da Mangabeira, Imbuí, coordenadas geográficas Latitude 38° 25' 37,9" e Longitude 12° 58' 14,83", em 14/08/2008 (Tempo Chuvoso), que apresentou como resultado da primeira medição $Q_1=0,506\text{m}^3/\text{s}$ e $Q_2=0,464\text{m}^3/\text{s}$, com uma vazão média, $Q_m=0,485\text{m}^3/\text{s}$.

No momento de realização da medição de vazão foi coletada amostra de água para análise de qualidade, o que permitiu o cálculo da carga no Rio (estação PIT05), apresentada na tabela 01, para os parâmetros DBO₅, Nitrogênio Total e Fósforo Total.

Tabela 01. Resultados das medições de vazão e das cargas de DBO₅, Nitrogênio Total e Fósforo Total

Estação	Vazão Média m ³ /s	DBO ₅ mg/L	DBO ₅ t/dia	Nitrogênio Total mg/L N	Nitrogênio Total t/dia	Fósforo Total mg/L P	Fósforo Total t/dia
PIT 05	0,506	17,3	8,75	14,3	0,62	1,9	0,08

Atualmente estão sendo executadas obras de extensão de rede coletora de esgotamento sanitário e ligações intradomiciliares nos bairros inseridos nessa bacia, objetivando a melhoria da qualidade ambiental.

Vale ressaltar que esses valores de carga são indicativos apenas de uma data e somente ilustrativos, considerando-se a necessidade de se analisar resultados qualitativos e quantitativos de uma série histórica, para uma representatividade da realidade da Bacia.



Vale do Rio Cachoeirinha

Foto: Adriano Negrinhos, 2008

PORTO SECO PIRAJÁ

Porto Seco Pirajá é um bairro tipicamente industrial, situado às margens da Rodovia BR-324, destinado, segundo o Decreto 5.105 de março de 1977, a atividades comerciais, industriais e de serviços. O projeto de construção de uma área tipicamente industrial partiu da necessidade de retirar-se do centro da cidade o movimento de carga e descarga das pequenas e médias empresas.

Construído nas terras da antiga Fazenda Pirajá, durante a sua execução, os trabalhadores recrutados para levantar este empreen-

dimento foram do local e, até hoje, grande parte das pessoas que trabalha na área mora em suas imediações. Nele localizam-se grandes empresas como **Tec Mar Transportes**, **VEDACIT**, **M Dias Branco**, **White Martins**, **Sama Auto Peças** e a **San Remy Transportes e Logística**.

Porto Seco Pirajá tem aproximadamente uma população de 1.550 habitantes, o que corresponde a 0,06% da população de Salvador, concentra 0,06% dos domicílios da cidade, estando 26,91% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, 36,37% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos.



Área Industrial de Porto Seco de Pirajá



PORTO SECO PIRAJÁ

Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
COELBA (PIRAJÁ)	413
INDEXSA	1056
VEDACIT	1057
BUTANO	2168
WAL MART (CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO)	3082
CLÍNICA SÃO BERNARDO	3193

Centro
R. Chão
Nome do Bairro
Nome do Logradouro
Código da Edif. de Referência
Edificações de Referência
CS
Limite de Bairros

Projeção: UTM - DATUM SAD 69

Fonte:
PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
- Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
- CNPO
- IBGE
- Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se na Rodovia BR-324. Desse ponto segue pelos limites do Centro de Distribuição do Wal Mart, inclusive, até a Rua dos Franciscanos. Segue até a sua interseção com a Rua dos Cursilhistas, até sua confluência com a Rua Genaro de Carvalho. Segue até o seu cruzamento com a Avenida Aliomar Baleeiro, por onde segue até o seu cruzamento com a Rua da Bolívia. Segue por este logradouro até o seu cruzamento com a Rodovia BR-324, por onde segue até o ponto de início da descrição do limite desse bairro.



Foto: Tony Bittercourt, 2009

Rua da Indonésia

● GRANJAS RURAIS PRESIDENTE VARGAS

Granjas Rurais Presidente Vargas é um bairro predominantemente industrial que surgiu no início da década de 1950. Constituiu-se no primeiro empreendimento imobiliário projetado para ocupação industrial e serviços conexos.

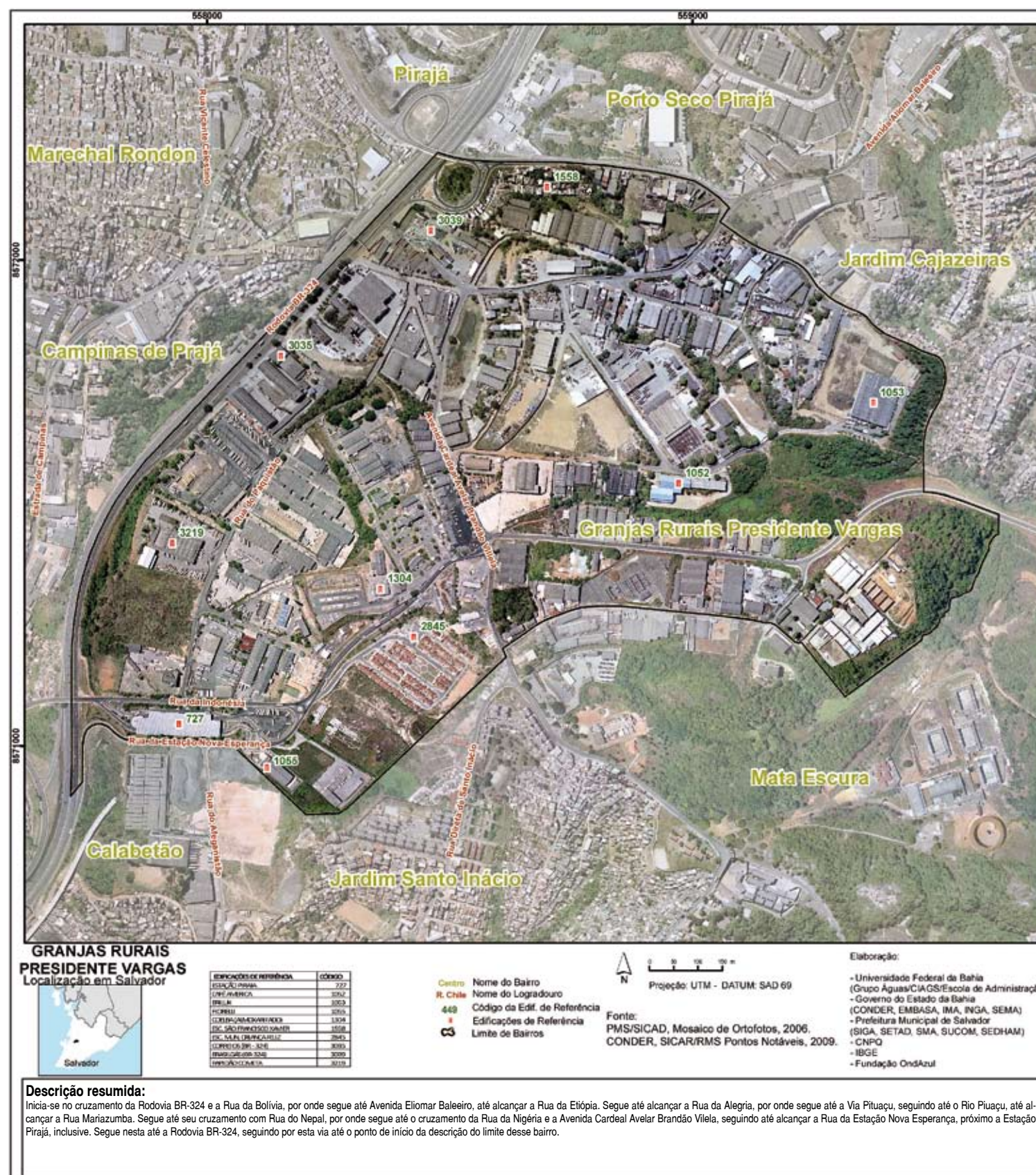
Este loteamento contribuiu para a ocupação da Rodovia BR-324 e seu entorno com aglomerados espontâneos e planejados. Nele localiza-se uma das nascentes do **Rio Pituauçu**.

Segundo Jorge Campelo Leão, morador do bairro há sete anos, a configuração do local pouco mudou, continua um lugar sem escolas e Associação de Moradores, o transporte é distante e tem um comércio deficiente; aos domingos, são os moradores que organizam um mutirão e limpam as ruas do lugar. Por outro lado, ele avalia que Granjas Rurais é um bairro calmo, sem violência e com uma

forte convivência familiar, “tem muita gente aqui que é da mesma família”, diz Leão.

Apesar de ser um lugar marcado por indústrias como, **Moinho de Sergipe** e **Gitirana Guindastes**, Jorge Leão afirma que os moradores locais não trabalham nas empresas do bairro e que a relação estabelecida com elas é bastante difícil. “*Há pouco tempo uma empresa de minério perfurou um minadouro, algo assim, e esburacou a rua. Levamos a situação até a empresa e eles disseram que não tinham nada haver com isso, fomos à prefeitura e lá disseram que era responsabilidade da empresa, ficamos muito tempo com a rua desse jeito*”.

Granjas Rurais Presidente Vargas possui uma população de 947 habitantes, o que corresponde a 0,04% da população de Salvador, concentra 0,04% dos domicílios da cidade, estando 29,10% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 30,33% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos.



● JARDIM CAJAZEIRAS

Segundo Maria Rivaneide de Araújo, coordenadora da **Creche Comunitária Menino do Dedo Verde** e representante da **Irmandade Religiosa Medianeiras da Paz**, o bairro **Jardim Cajazeiras** na década de 1960, “compreendia três fazendas e uma área do Estado”.

Ao longo do tempo, ocupações espontâneas provocaram neste local uma série de conflitos entre os membros da Polícia Militar e moradores que então se firmavam na área. José Dias de Sales, presidente da **Associação de Moradores de Jardim Cajazeiras - AMOJAC**, conta: “havia um policial que administrava essa área da PM. Alguém construía, ele mandava derrubar. Trazia gente da Prefeitura para derrubar casas já prontas. Foi um sufoco danado, até a coisa acontecer, muita gente sofreu. Somente quando a PM começou a construir casas aqui para cabos e soldados, foi que o povão que já estava aqui se acomodou”.

Neste tempo, Jardim Cajazeiras não tinha água encanada, luz elétrica e transporte público, “tudo isso foi conseguido com muita luta da comunidade”, afirma José Sales. Desse modo, não é um acaso, a existência neste bairro de diferentes organizações sociais, assim como de líderes comunitários com distintos perfis. Já atuaram no bairro: o **Núcleo de Direitos Humanos**; as **Irmãs Campostrini** e os **Padres Combonianos**, que ao lado da comunidade construíram a igreja local. Hoje estão presentes: a Associação de Moradores de Jardim Cajazeiras e a Irmandade Religiosa Medianeiras da Paz, cuja principal ação é voltada para crianças e adolescentes – objetivando afastá-las do caminho das drogas e da violência.

Para Sales, a grande cajazeira que dá nome ao bairro é a referência dessa comunidade, que se vê mobilizada no domingo de carnaval quando um grupo chamado As Inocentes (homens vestidos de mulher) faz brincadeiras pelas ruas afora. Destaca-se neste bairro o **Colégio Estadual Deputado Rogério Rego**.

Segundo Araújo, corria no bairro “um rio que com o passar dos anos foi secando e não pode ser

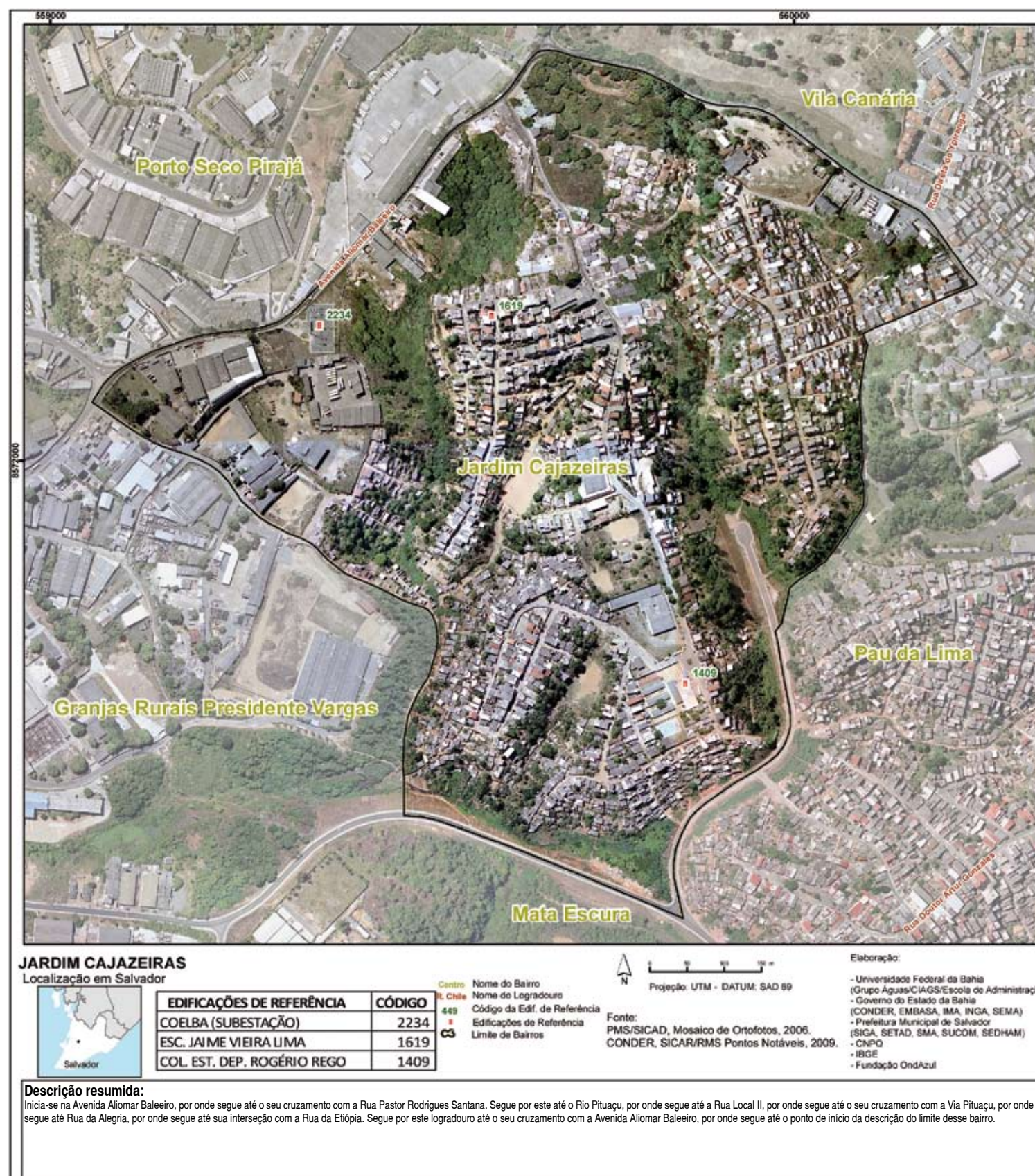
considerado mais, um rio. Virou um terreno encharcado, um charco. Se cavar, com certeza encontra água”.

Jardim Cajazeiras possui uma população de 8.601 habitantes, o que corresponde a 0,35% da população de Salvador, concentra 0,33% dos domicílios da cidade, estando 26,62% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 36,68% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos.



Foto: Danilo Bandeira

Rua Luciano Gomes



● PAU DA LIMA

Diz-se que na década de 1930, na região que deu origem ao bairro **Pau da Lima**, existiam apenas cinco casas de taipa, “*uma aqui, outra ali, outra bem distante...*”. Seu povoamento ocorreu quando os lotes da Fazenda Pau da Lima foram arrendados e novas famílias começaram a habitar o local. O crescimento do bairro está associado à consolidação da ocupação do centro geográfico de Salvador, através da expansão de ocupações espontâneas.

Pau da Lima começou a formar-se nos anos cinquenta e, segundo Gilberto Fonseca, presidente do **Conselho Fiscal da Associação dos Moradores de Pau da Lima – AMPLI**, o nome do bairro foi dado por um grupo de moradores, que residia no local neste tempo, e se deve à existência de pés de lima na região. Há ainda outra versão que associa o nome do bairro ao nome da fazenda que lhe deu origem.

Hoje localizado no “miolo” de Salvador, Pau da Lima é cortado pelo **Rio Pituacu** e tem entre seus principais equipamentos públicos o **Colégio Estadual Maria Amélia**, o **Colégio Estadual Sociedade Fraternal**, o **Colégio Alvorada**, a **Unidade Odontológica Municipal**, a **10ª Delegacia de Polícia** e o **Balcão de Justiça e Cidadania**.

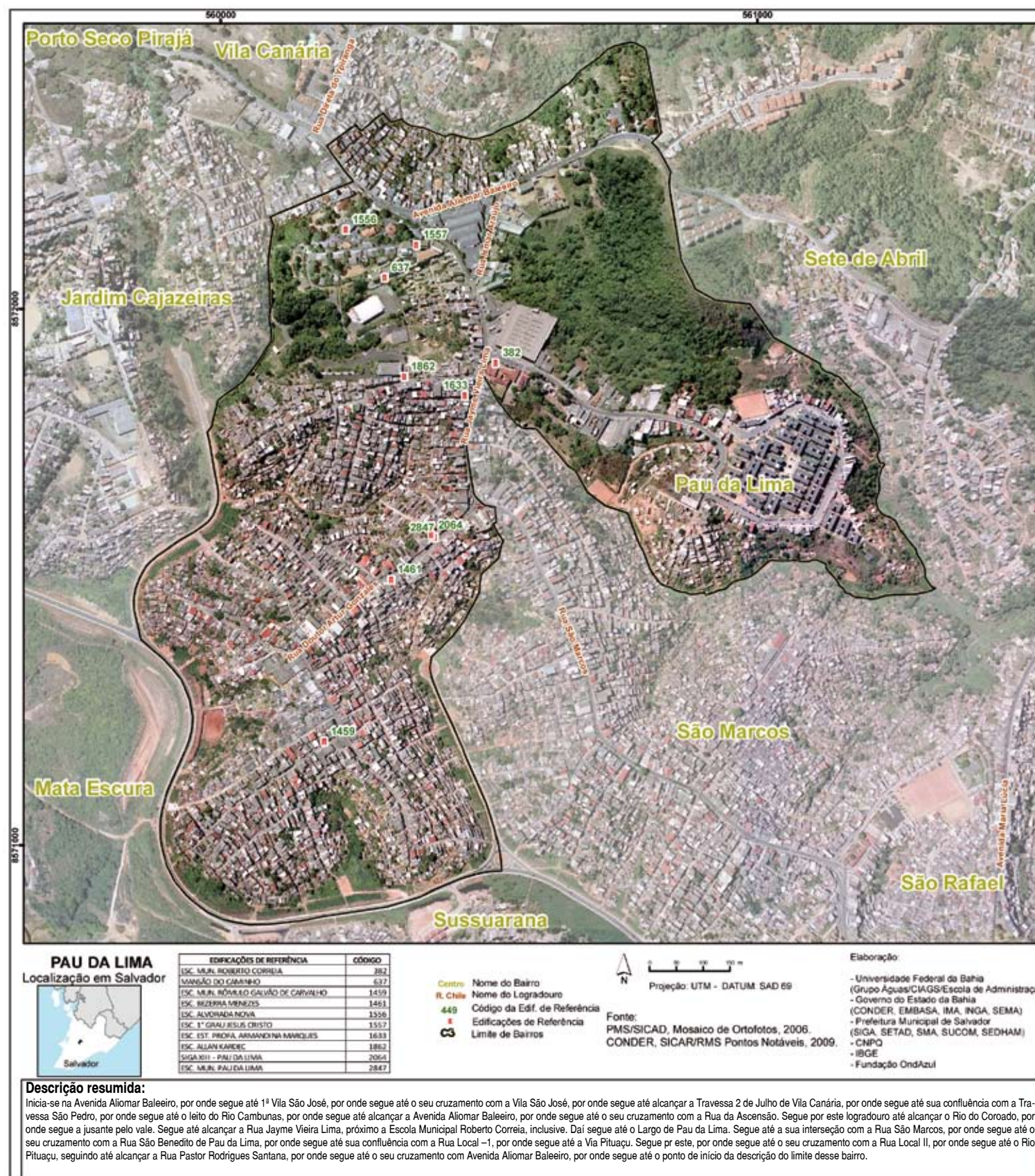
Para Fonseca, as principais referências do bairro são o **Centro Espírita Mansão do Caminho**, uma instituição muito presente na vida cotidiana da comunidade, que “*ajuda muito nossas mães*” e a **Igreja Nossa Senhora Auxiliadora**, na qual, todo ano se organiza a **Festa de Nossa Senhora Auxiliadora**. Outro evento importante é a **Passeata da Consciência Negra**, que mobiliza todo o bairro.

Pau Lima possui uma população de 23.616 habitantes, o que corresponde a 0,97% da população de Salvador; concentra 0,94% dos domicílios da cidade, estando 20,87% dos seus chefes de família sem rendimento. No que se refere à escolaridade, constata-se que 34,20% dos seus chefes de família têm entre 4 a 7 anos de estudo.



Foto: Danilo Bandeira

Igreja Nossa Senhora Auxiliadora



● SUSSUARANA

Conforme Luiz Eduardo Dórea, autor do livro “*História de Salvador nos nomes das suas ruas*”, nas matas nas quais surgiram o bairro de **Sussuarana**, eram numerosos os exemplares de suçuarana, também conhecido, segundo Edelweiss, como jaguaruna, leão-baixo, onça-parda e onça-vermelha. O nome do bairro seria, assim, uma referência a este animal.

Da imensa vegetação que um dia fora abrigo da suçuarana pouco restou. Entretanto, Raimundo José Silva Santos, líder comunitário de Sussuarana, ainda lembra do tempo em que o bairro era composto por “*chácaras e fazendas de gado com muitos pés de caju e jenipapo. Onde é hoje o Conjunto Habitacional Sussuarana, chamávamos de ‘roça do velho’ lá havia cobras e muitos animais peçonhentos*”.

O líder comunitário conta que as fazendas começaram a ser desmembradas nas décadas de quarenta e cinquenta. Todavia, esta área começou a ser mais densamente povoada com as ocupações espontâneas posteriores do **Loteamento Jardim Guimar**. Neste tempo, “*a maioria das casas era de taipa, não tinha luz elétrica e nem água*

encanada, comprávamos água no burrinho, até surgir o chafariz de seu Martins”.

Em Sussuarana está uma das nascentes do **Rio Pituáçu** e a nascente do **Rio Cachoeirinha**, o que faz Santos lembrar dos cursos d’água que corriam no local: “*nossas mães lavavam roupas nos rios e não poluíam, pois as águas eram muito fortes e renováveis. Hoje é uma rede de esgoto, há manilhas no rio. A gente ouvia o som das águas. Hoje, o Rio Pituáçu, nosso rio, virou um esgoto*”.

Segundo Santos, neste bairro existem diferentes movimentos culturais que organizam eventos isoladamente. “*Em 2008, criamos o Dia do Abraço ao Posto de Saúde, pois, abraçando este equipamento, abraçamos todo o bairro*”. Dentre os principais equipamentos do bairro estão: a **Creche Cecy Andrade**, a **Escola Municipal Maximiano da Encarnação** e o **Colégio Estadual Daniel Comboni**,

Sussuarana possui uma população de 23.423 habitantes, o que corresponde a 0,96% da população de Salvador, concentra 0,92% dos domicílios da cidade, estando 25,03% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 33,02% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos.



Vale do Rio Pituáçu, 2009



NOVO HORIZONTE

“Quando cheguei com minha família, o bairro **Novo Horizonte** ainda fazia parte de **Sussuarana**. Com a chegada de mais pessoas, nos organizamos através de uma associação de moradores, e a partir de então começamos nos mobilizar em busca de melhorias”, diz José Silvano Gonçalves dos Santos, presidente do **Conselho de Moradores do Novo Horizonte**.

Segundo o presidente do Conselho, há 11 anos foi feito um plebiscito entre os moradores do local para escolher o nome do novo bairro que ora se formava. Na oportunidade, três nomes foram apresentados: **Novo Horizonte**, **Bairro Guará** e **Sol Nascente**. Novo Horizonte foi o mais votado e escolhido para batizar o novo bairro.

Definida a identidade do bairro, o próximo passo, segundo Santos, foi a busca de melhorias para o local: “passamos a verificar as carências, começamos a ir em busca dos serviços públicos básicos: transporte, escola, posto de saúde... Fizemos manifestações,

ofícios, entramos em contato com secretarias e conseguimos algumas coisas...” entre elas, a única escola do local, a **Escola Municipal Novo Horizonte**.

Os nomes das ruas de Novo Horizonte, segundo José Silvano, estão diretamente relacionados à realidade do local. Ele conta que em uma determinada rua tinha um rapaz com o apelido de Jacaré, daí o nome **Rua do Jacaré**, em outra, prestou-se homenagem a uma garota deficiente física, assim a rua passou a chamar-se **Rua Estela**. Tem ainda a **Rua Guará**, pois imaginava-se que existia um guará neste local, muitas outras ruas também levam o nome dos primeiros moradores.

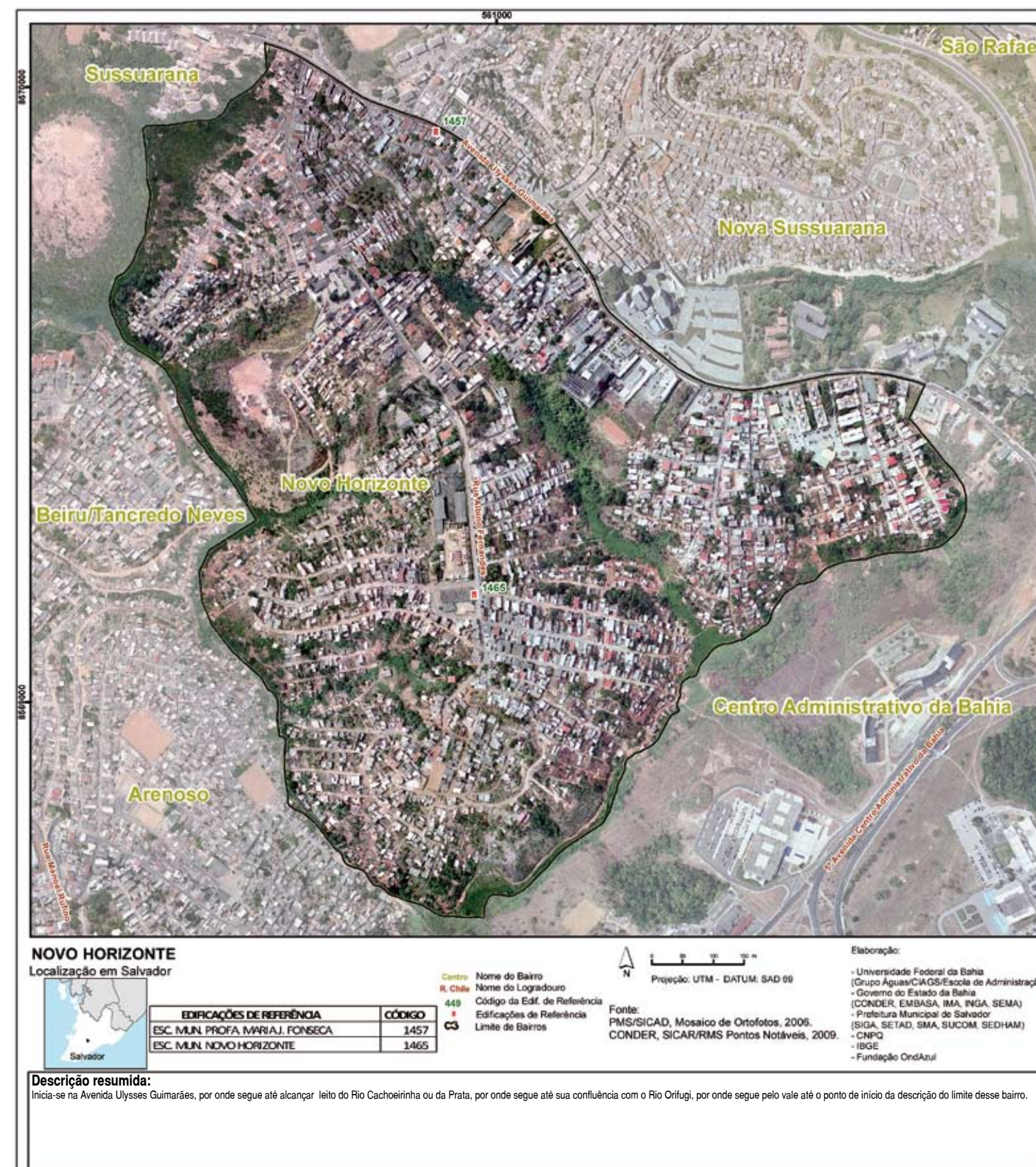
Neste período, ele conta que a comunidade foi descobrindo a história da região. A primeira moradora do local, Dona Julieta, e o Sr. Antônio, conhecido como “Capoeira”, costumavam falar sobre antigas referências do local. Ela falava muito do **Rio da Prata**, que divide Novo Horizonte do bairro Arenoso e do **Rio Orifugi**, limite entre o **Centro Administrativo da Bahia** - CAB e o Novo Horizonte, no vale situado atrás do **Tribunal de Justiça** e da antiga Secretaria de Educação.

Para Dona Julieta, o Rio da Prata tem esse nome porque a água era bastante cristalina e diziam que nele tinha muita prata. Já o Rio Orifugi, nome dado pelos moradores mais velhos, através de suas nascentes, formava-se uma fonte que a comunidade costumava chamar de bica. Muito degradada atualmente, esta bica já foi um importante espaço de lazer para a comunidade “nos finais de semana, famílias inteiras iam para lá fazer piquenique e se banhar”, a prova disso, é que é muito comum que diversos moradores tenham diferentes histórias a contar sobre esta bica.

Novo Horizonte é formado por uma população de 6.520 habitantes, o que corresponde a 0,27% da população de Salvador, concentra 0,26% dos domicílios da cidade, estando 27,10% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 37,12% dos seus chefes de família têm até 4 a 7 anos de estudos.



COINF / SEDHAM / PMS, 2006



NOVA SUSSUARANA

Segundo Aloísio Ferreira Dias, fundador e diretor da **Escola Comunitária Santa Izabel** e da **Associação e Creche Santa Izabel**, o bairro de **Nova Sussuarana** é a segunda etapa do bairro de **Sussuarana**. Ele conta que o local começou a ser povoado quando os desabrigados de uma grande ocupação incendiada foram levados para essa área.

Em suas antigas lembranças, quando Nova Sussuarana foi formada, quase não havia moradores; não tinha energia elétrica, linha de ônibus regular e água encanada, a comunidade utilizava a água do minadouro conhecido como “olho d’água”. As ruas

não eram asfaltadas e só existia uma escola, a **Escola Ruth Pacheco**.

Atualmente, entre os principais equipamentos do bairro estão, além da Escola Ruth Pacheco, a **Escola Municipal Jesus de Nazaré**, a **Escola Comunitária Santa Izabel**, a **Escola Moderna Santa Izabel**, também comunitária e o **Fórum Teixeira de Freitas**.

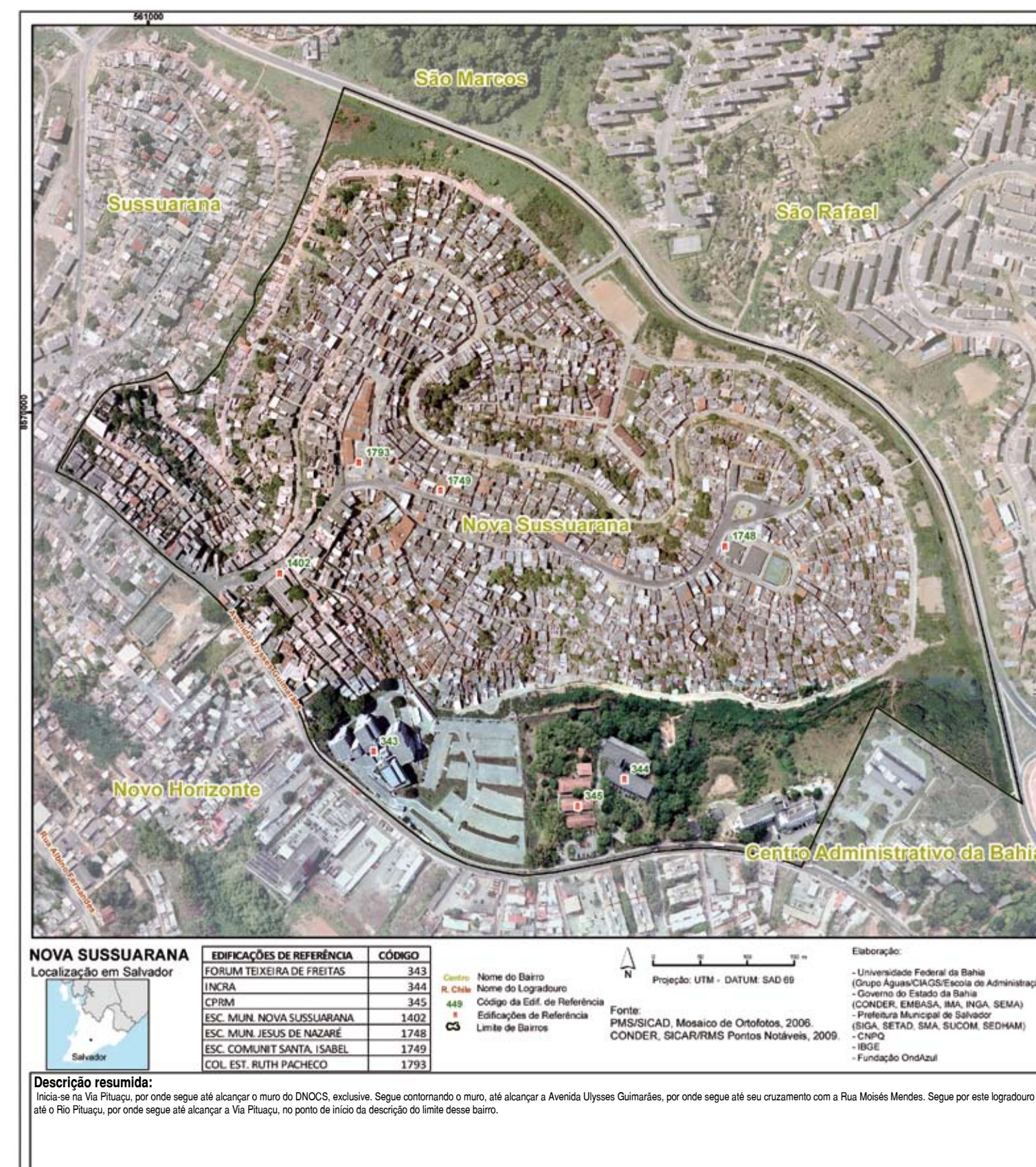
O **Rio Pituáçu** passa nas imediações deste bairro durante o seu curso em direção à represa de mesmo nome.

Nova Sussuarana possui uma população de 11.015 habitantes, o que corresponde a 0,45% da população de Salvador, concentra 0,39% dos domicílios da cidade, estando 31,07% dos chefes de família sem rendimentos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 36,48% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos.



Foto: Ebra Veiga

Vale do Rio Pituáçu, 2009



● CENTRO ADMINISTRATIVO

O **Centro Administrativo da Bahia - CAB** é um bairro de uso predominantemente institucional, onde se localiza a maior parte das secretarias e órgãos de Governo do Estado da Bahia, como a Assembleia Legislativa e o Tribunal de Justiça. Em suas imediações passa o **Rio Pituáçu**.

O CAB foi inaugurado em 1973, em uma área cuja maioria das terras pertencia a Adilson Ataíde da Fonseca. Segundo Ivan Barbosa, engenheiro civil, coordenador de fiscalização e supervisor geral das obras de edificação do CAB, a implantação do Centro Administrativo na **Avenida Luiz Viana Filho**, mais conhecida como **Avenida Paralela** justificou-se na década de setenta, porque o **Centro da Cidade** dava sinais de fadiga.

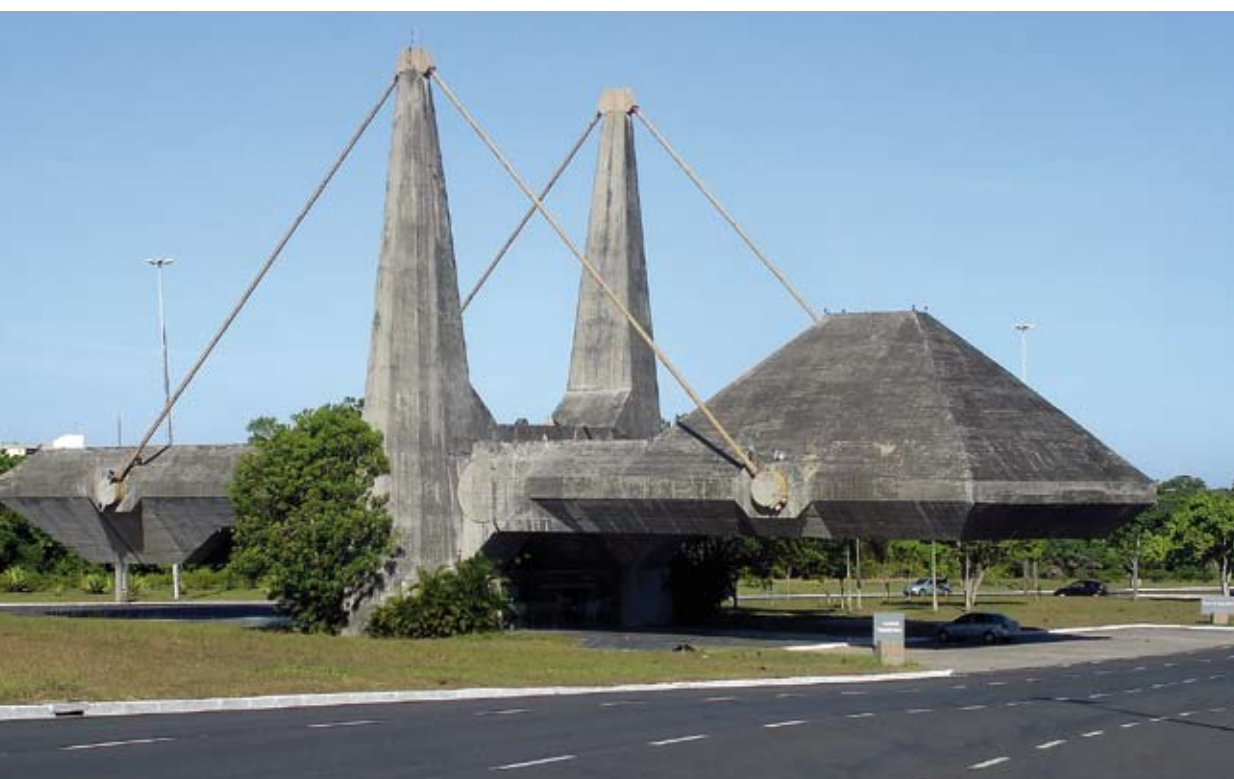
A expansão em direção ao “Miolo” de Salvador era o movimento natural. A Paralela, com apenas uma pista, colocava a possibilidade de polarização e crescimento da cidade em direção ao Norte. Barbosa avalia que o CAB teve uma participação muito importante no desenvolvimento da cidade, uma vez que após a sua implantação apareceu o **Shopping Iguatemi** e bairros como o Caminho das Árvores.



Ivan Barbosa

Hoje o CAB está situado em área com grande concentração de bairros ocupados pela população situada nas menores faixas de renda, entremeada por usos e ocupações de padrão de renda elevada. Para Ivan Barbosa, “o *Centro Administrativo da Bahia* foi um projeto importante, que cumpriu seu papel, mas que precisa passar por uma repaginação, uma vez que estão postas novas demandas dos usuários como também dos bairros do seu entorno. É preciso um reestudo do ponto de vista urbano, principalmente quanto à acessibilidade ao CAB. Hoje, a Paralela já passa por sérios problemas no tráfego e corre-se o risco de criar situações de estrangulamento semelhantes ao existentes no antigo Centro na década de setenta.”

O Centro Administrativo possui uma população de 1.575 habitantes, o que corresponde a 0,06% da população de Salvador, concentra 0,07% dos domicílios da cidade, estando 20,31% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de meio a 1 salário mínimo. No que se refere à escolaridade, constata-se que 28,92% dos chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.



Edifício Balança – CAB

Foto: Tony Bittencourt, 2009





Escola Estadual Zumbi dos Palmares

BEIRU/TANCREDO NEVES

Segundo o Pai Pequeno do **Terreiro São Roque**, Edson Araújo Lage, o bairro **Beiru/Tancredo Neves** está situado nas terras do fora no século XIX a **Fazenda Campo Seco**. O pai pequeno explica que uma área desta fazenda chamada de **Capoeirão**, teria sido doada em 1845, pela família Silva Garcia a um ex-escravo, de origem iorubá, Gbeiru que a partir de então, tornou-se o responsável pela administração de toda a terra.

O sucesso de sua administração fez do lugar um quilombo, onde negros libertos e fugidos eram abrigados. Com a morte do ex-escravo (Araújo Lage estima que tenha sido no final do século XIX), a área que ele dominava tornou-se a **Fazenda Beiru**. A atual configuração do bairro só começou a delinear-se na década de vinte, quando parte dessas terras foram adquiridas por José Evangelista de Souza que arrendou-as, dividindo em vários lotes. A partir daí, toda a região ficou conhecida como Beiru.

A mudança do nome para Tancredo Neves ocorreu após um plebiscito em 1985, ocasião em que o presidente da República, Tancredo Neves, morreu. Conforme Dionísio Juvenal, à época presidente do **Conselho de Moradores do Beiru**, entre os motivos que levaram a população local a rebatizar o bairro, a analogia feita entre o

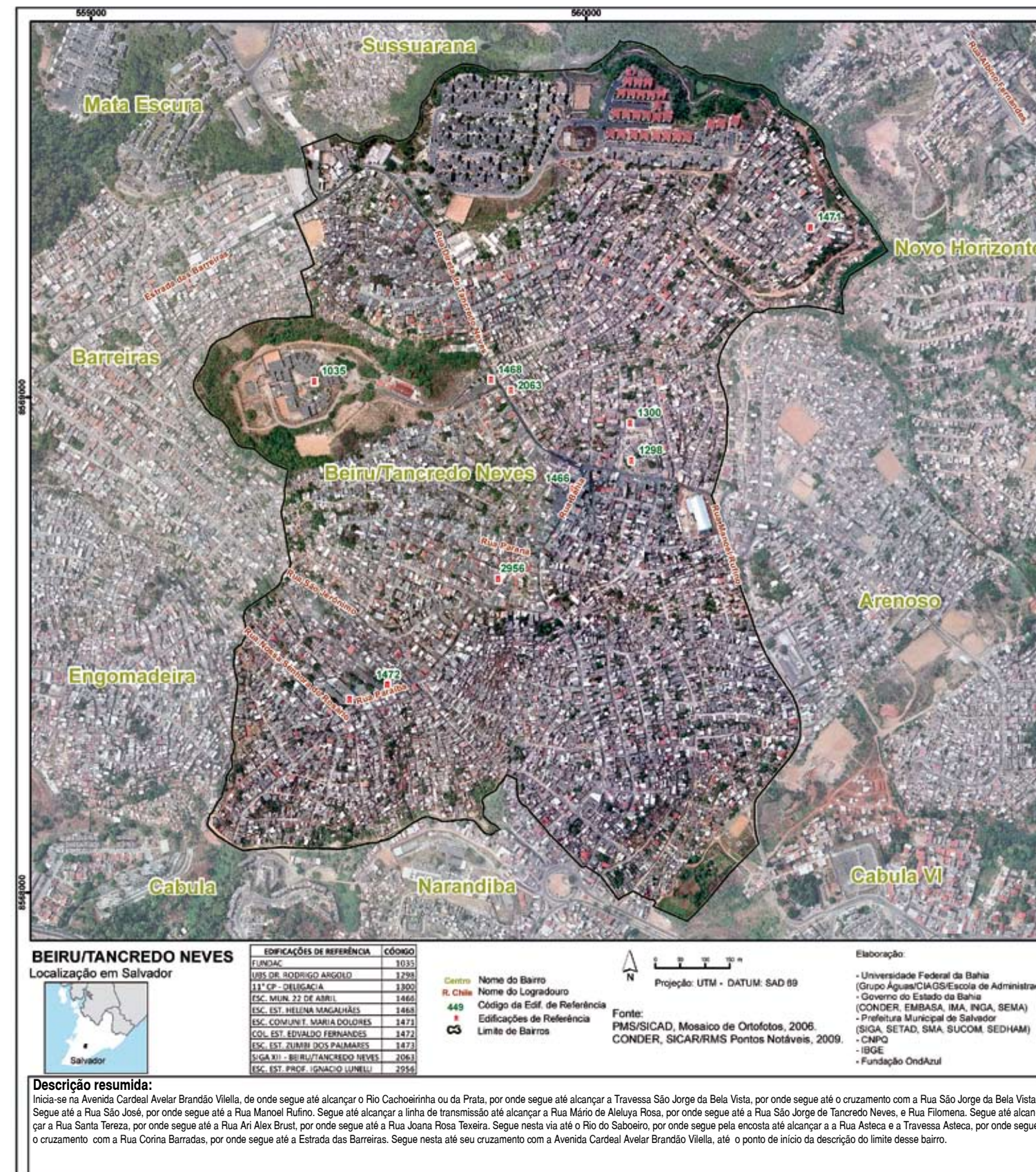
nome Beiru, a violência da região e as possibilidades de rimas “imorais” que a terminação da palavra sugería.

Porém, em 2005, o **Fórum Comunitário em Defesa do Beiru** lançou uma campanha reivindicando a mudança do nome do bairro para o que foi outrora Beiru.

Segundo Ari Alves, presidente da **Associação Ari Alves**, o momento em que todo o bairro se mobiliza é no último sábado de setembro, quando a **Escola Nova Infância** faz uma apresentação de personagens históricos brasileiros como, por exemplo, José Bonifácio e D. Pedro I. “É uma representação que costuma reunir cerca de dez mil pessoas no bairro. Outras 1.600 pessoas participam entre bandas e alunos, ocorrem desfiles de bandas marciais e grupos de fanfarra”, diz Alves.

Para Ari Alves, a memória do negro Beiru está entre as referências do bairro que tem entre seus principais equipamentos públicos, a **11ª Delegacia de Polícia**, o **Colégio Estadual Edvaldo Fernandes**, a **Escola Estadual Zumbi dos Palmares**, e o **Colégio Estadual Luís Eduardo Magalhães**.

Beiru/Tancredo Neves possui uma população de 45.279 habitantes, o que corresponde a 1,85% da população de Salvador, concentra 1,81% dos domicílios da cidade, estando 24,44% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 33,07% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos.



● ENGOMADEIRA

Moradores mais antigos do bairro da **Engomadeira**, como Antonieta da Conceição Souza Santos, presidente do **Conselho de Moradores da Engomadeira (COMOBE)**, costumam afirmar que a ação feminina foi decisiva na formação do bairro, já que para eles foram as lavadeiras e engomadeiras da região que renderam ao lugar o atual batismo.

Antonieta da Conceição conta que havia um grupo de mulheres que lavavam e engomavam as roupas dos soldados do **Quartel do 19º Batalhão de Caçadores** e por isso receberam o título de melhores lavadeiras e engomadeiras da região. Quando a Prefeitura Municipal de Salvador implantou os serviços de água e luz, os moradores começaram a chamar o bairro de Engomadeira. Entretanto, uma nova geração sugere outra explicação para o nome do bairro. “Engomadeira” teria origem na palavra de origem bantu “ngoma”, que significa tambor no candomblé de Angola.

O acelerado crescimento urbano do bairro desenhou ao longo do

tempo uma paisagem que hoje não lembra em nada o que foi o local até meados do século XIX, quando era formado por fazendas de coronéis e chácaras onde se praticava a agricultura de subsistência.

Antonieta da Conceição Santos diz que quando chegou ao bairro na década de 1970, ainda encontrou um pouco deste cenário, “*tinha um chafariz no final de linha onde as pessoas pegavam água e aqui era forrado de mangueiras, jaqueiras, todo tipo de fruta. Lembro-me que alcancei na fronteira com Tancredo Neves, uma casa de farinha - desativada é claro*”.

As grandes festas do bairro encontram-se apenas na lembrança de seus moradores. Antonieta Santos relata: “*havia um evento da Prefeitura chamado ‘Boca de Brasa’, que acontecia em vários outros bairros também, tinha um concurso de novos talentos, no qual as meninas imitavam seus ídolos, declamavam poesias e idosos faziam quadrilha. O melhor da noite era escolhido e depois disputava com as indicadas de outros bairros, era muito legal... Mas acabou há muitos anos. A Fundação Gregório de Matos realizou em parceria com os moradores há dois anos, uma feira comunitária; a Prefeitura armava barracas padronizadas e a comunidade apresentava o que tinha de bom,*

foi um trabalho maravilhoso... Aqui também já houve o carnaval da Engomadeira, realizado por um vereador, quem não ia para o Centro brincava assim mesmo”.

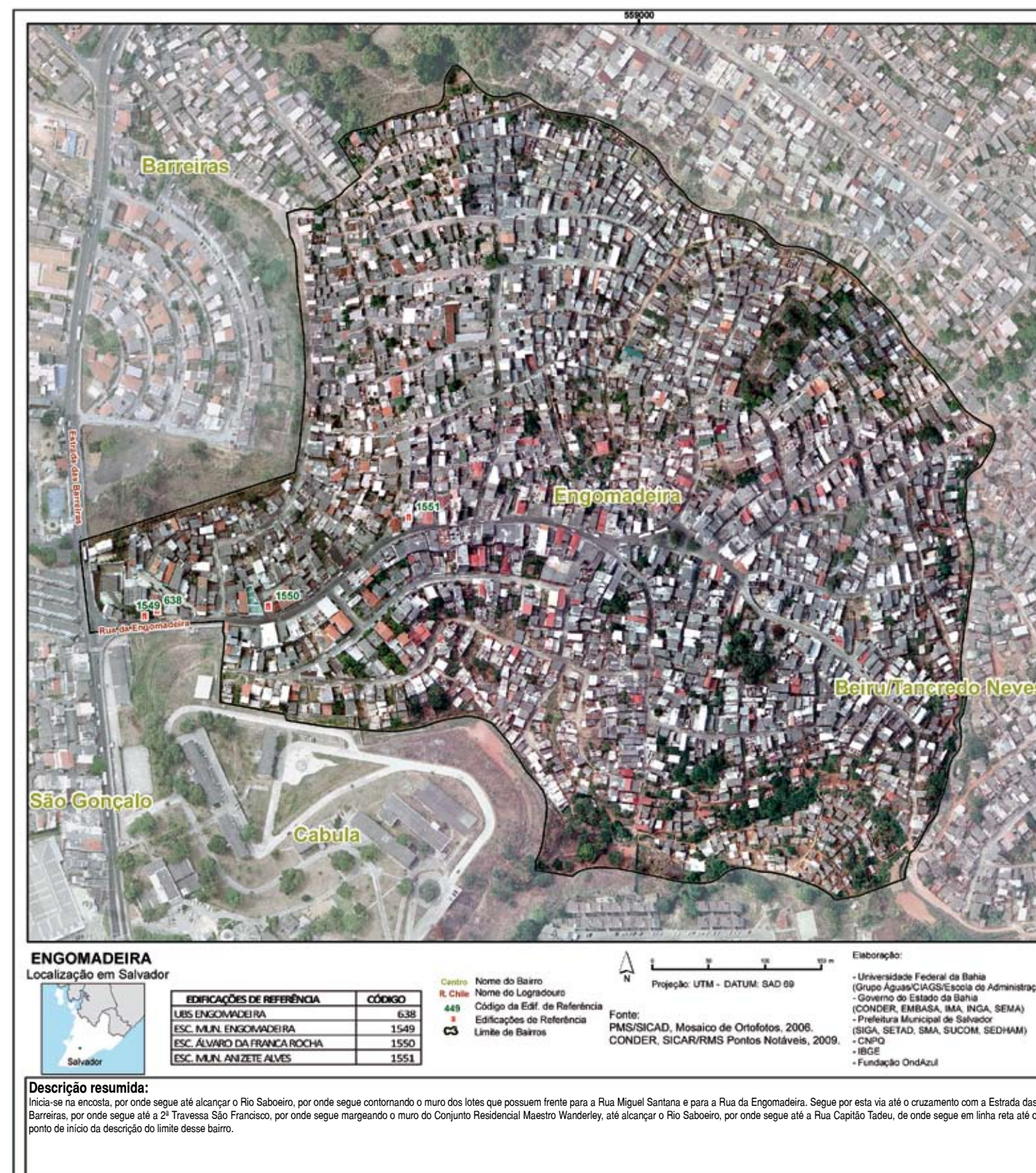
Entre os principais equipamentos públicos deste bairro estão a **Escola Municipal Álvaro Franco da Rocha**, a **Escola Municipal Nizete Alves** e a **Escola Municipal da Engomadeira**.

No vale situado entre o bairro de Engomadeira e Beiru/Tancredo Neves corre o **Rio Saboeiro**, onde há uma cachoeirinha. Atualmente, o rio recebe uma carga considerável de esgotos domésticos da região.

A Engomadeira possui uma população de 10.841 habitantes, o que corresponde a 0,44% da população de Salvador, concentra 0,42% dos domicílios da cidade, estando 26,05% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 34,23% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos.



Escola Municipal da Engomadeira



● ARENOSO

Conforme José Ney de Brito Santos, líder comunitário e diretor da **Escola Luz e Vida**, o bairro do **Arenoso** tem origem em uma fazenda chamada 'Flor do Beirú'. "Segundo contam, os tataranetos do antigo proprietário da fazenda estavam em débito com o governo do Estado, que na época exigiu o pagamento da dívida. O governo determinou que caso não fosse efetuado o pagamento, tomaria as terras e doaria à população, e assim foi feito". Entretanto, há quem afirme que este bairro surgiu do desmembramento de **Beiru/Tancredo Neves**.

José Ney de Brito Santos explica que o bairro tem esse nome porque no local tinha muito arenoso; era tão grande a quantidade que "para construir não comprávamos nem arenoso nem areia lavada. Quando chovia, escorria lá de cima areia lavada. Depois da pavimentação das ruas, não existe mais essa areia".

No Arenoso não existe nenhuma festa característica do bairro,

no entanto, nas datas **2 de Julho** e **7 de Setembro**, e na **Semana da Primavera**, as escolas públicas de Arenoso desfilam no bairro de Beiru/Tancredo Neves.

Para o líder comunitário, a **Escola Luz e Vida** é uma grande referência do bairro. Ao lado da **Escola Municipal Sergio Carneiro**, da **Escola Estadual Luiz Eduardo Magalhães** e da **Escola Municipal do Arenoso**, compõe os principais equipamentos públicos de Arenoso.

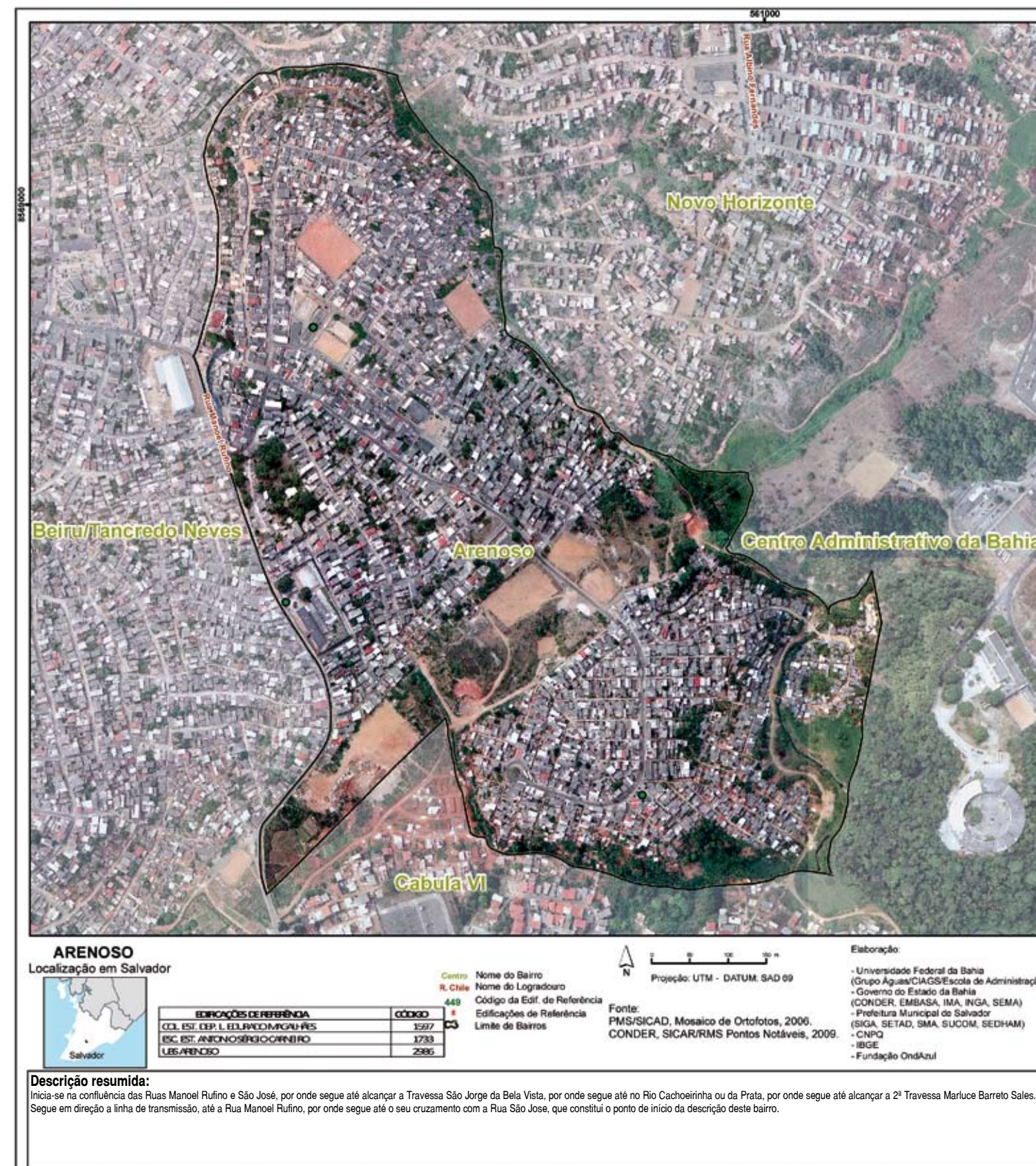
Para Santos, a degradação ambiental das águas em Arenoso ocorreu devido ao aumento da população. "Jogaram os esgotos para os rios e mataram-nos". Nas áreas mais baixas do bairro, em pontos alagadiços, corre o **rio Suvaco das Cobras**.

Arenoso possui uma população de 11.976 habitantes, o que corresponde a 0,49% da população de Salvador, concentra 0,45% dos domicílios da cidade, estando 30,74% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de meio a 1 salário mínimo. No que se refere à escolaridade, constata-se que 38,23% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos.



Foto: Danilo Bandeira

Transversal da Rua Reinaldo Praxedes, 2009



● CABULA VI

Segundo Paulo José de Machado Ramalho, presidente da **Associação Desportiva Cultural e Social do Cabula VI**, o bairro do **Cabula VI** já foi parte de um quilombo, cujas terras, anos mais tarde, se tornaram propriedade da família de José Camilo dos Santos. O bairro teve início a partir de um conjunto habitacional, em 1980, construído pelo Governo do Estado (que se chamava **Conjunto Residencial Deputado Estadual Teodulo de Albuquerque**).

Embora o bairro seja dotado de um dinâmico comércio, a infraestrutura urbana é considerada insuficiente pelos moradores. Atualmente, não há nenhuma festa que mobilize os moradores do Cabula VI, no entanto, Machado Ramalho recorda que era comum comemorar a fundação do bairro.

Conforme Ramalho, neste bairro existia muita água, “a **represa da Cachoeirinha** aqui no Cabula VI, já abasteceu Salvador há mais de 40 anos e hoje é uma represa poluída”; o **Rio Bitifilim** há 28 anos era cristalino, hoje “é esgoto puro”.

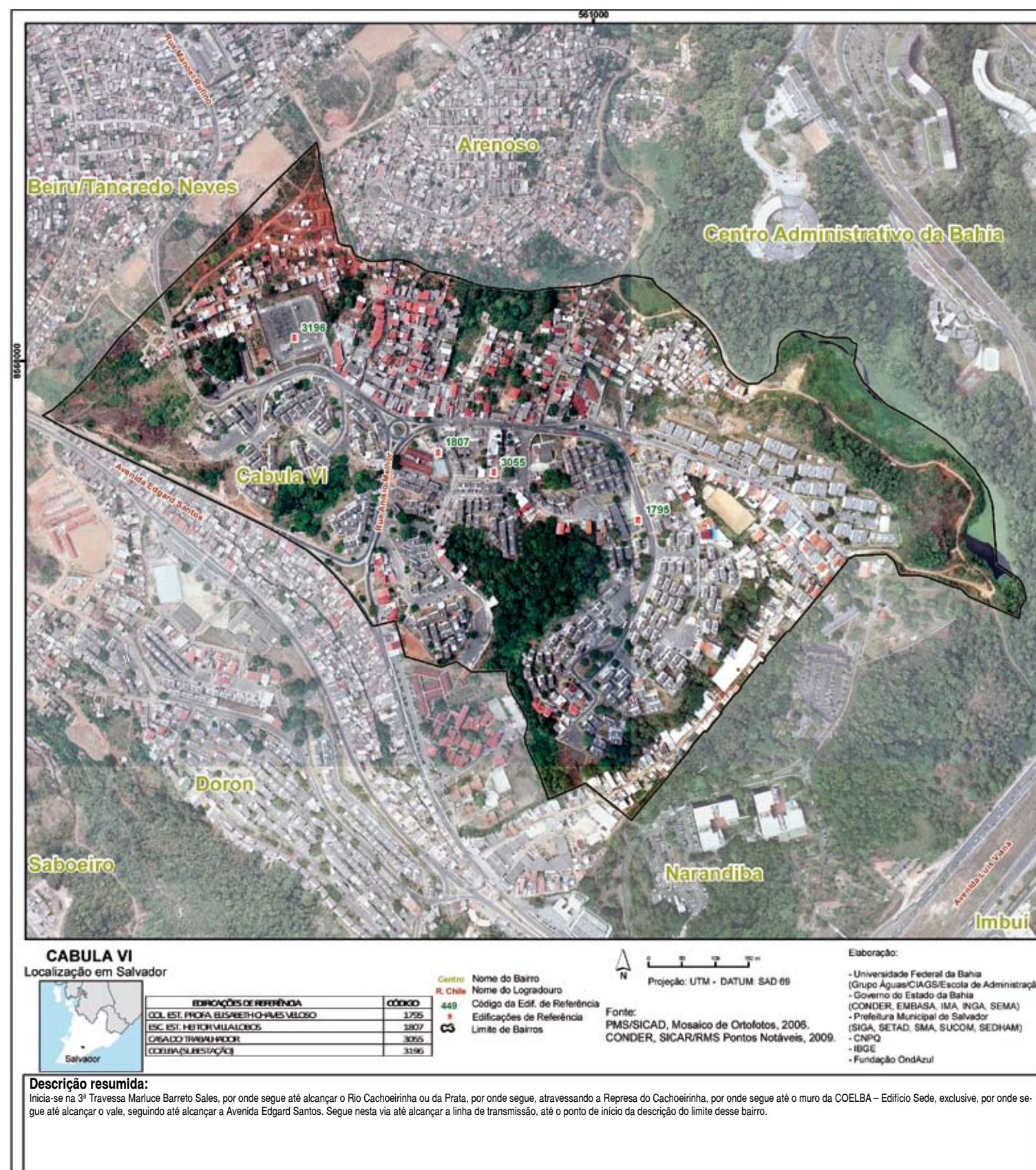
O Cabula VI tem entre seus principais equipamentos a **Igreja Católica do Cabula VI**, a **Casa do Trabalhador**, a **Escola Estadual Heitor Villa Lobos**, a **Escola Estadual Elizabete Chaves Velloso** e a **Praça das Mangueiras**, que para Paulo José de Machado Ramalho é uma referência no local.

O Cabula VI possui uma população de 7.180 habitantes, o que corresponde a 0,29% da população de Salvador, concentra 0,33% dos domicílios da cidade, estando 30,45% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 56,78% dos chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.



Vista do Cabula, 2009

Foto: Adriano Negrinos



● DORON

O bairro do **Doron** teve origem com a construção de um conjunto residencial, na década de 1980, pela antiga URBIS. Devido à intensificação da ocupação, novos pontos comerciais e de prestação de serviços que foram surgindo para suprir as necessidades da população. Com a as linhas próprias de ônibus, o local foi ganhando autonomia e modificando a sua configuração inicial.

“Por volta de 1982, o Doron era visto como um conjunto de prédios baixos. Cercados de árvores por todos os lados, mais parecia uma cidadezinha do interior, com casas, umas sobre as outras. Nas cercanias, algumas poucas barracas improvisadas abasteciam os moradores e transeuntes”, ressalta Ailton Ferreira.

O batismo do bairro é uma referência ao nome da construtora responsável pelas obras do conjunto, a **Construtora Doron**. Foi esta empresa que dividiu o conjunto em Doron A e Doron B. Neste bairro destacam-se a **Igreja Nossa Senhora da Assunção** e a **Escola Municipal Deputado Gersino Coelho**.

Doron possui uma população de 6.008 habitantes, o que corresponde a 0,25% da população de Salvador, concentra 0,27% dos domicílios da cidade, estando 21,35% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 45,46% dos chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudo.



Igreja de Nossa Senhora Assunção

Foto: Danilo Bandeira



Unidade Básica de Saúde do Doron

COINF / SEDHAM / PMS, 2006



DORON
Localização em Salvador

Projecção: UTM - DATUM SAD 69

Elaboração:
- Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
- CNPO
- IBGE
- Fundação OndAzul

EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
ESC. MUN. DEP. GERSINO COELHO	1531
UBS DORON	2975

Fonte:
PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Descrição resumida:
Inicia-se na Rua Ana Lúcia Torres, por onde segue até Rua Mercado da Carne. Segue nesta via até Avenida Edgard Santos, no ponto onde se situa a Escola Municipal Deputado Gersino Coelho, inclusive. Segue nesta via até alcançar o Centro Comercial Bosque da Lagoa, por onde segue contornando até alcançar Lagoa do Paraíso/Doron, seguindo em direção ao Rio do Saboeiro, por onde segue em direção ao ponto de início da descrição deste bairro.

● NARANDIBA

Primeiro foi um rio, depois uma represa, em seguida uma horta, daí veio o aterro e logo depois pequenas casas, igreja, construções mais arrojadas, comércio... Dessa maneira o bairro de **Narandiba** surgiu e cresceu e hoje, onde era brejo, coexistem ruas apertadas com casas pequenas e bastante simples.

Os mais antigos na comunidade costumam contar que neste lugar tinha um rio que foi represado e tempos depois aterrado, devido ao afogamento de duas crianças que brincavam no local. Os moradores dizem que mesmo com o aterramento do rio os terrenos ficaram férteis, o que dá condições à comunidade de plantar hortaliças no local.

No final dos anos de 1970, a ocupação dessa área ganhou nova dimensão com a iniciativa do governador Roberto Santos, de criar “uma nova cidade” para famílias de trabalhadores situados nas menores faixas de renda lado da **Avenida Luiz Viana Filho**.

Com as seguidas ocupações espontâneas no final da década de 1980, os moradores decidiram lotear a área pertencente ao **Hospital Roberto Santos**, gerando uma série de conflitos com a Prefeitura-



Foto: Eliza Veiga

Rio Saboeiro, 2009

ra Municipal de Salvador. Algumas casas chegaram a ser derrubadas, mas a resistência da comunidade e um acordo com a diretoria deste hospital tornou a ocupação vitoriosa.

Conforme Consuelo Pondé de Sena, Narandiba é um termo híbrido, formado por elemento de línguas diversas. Como os índios tupi não pronunciavam o fonema L, chamavam a laranja de narã. Narã, como assinala Teodoro Sampaio, é uma adaptação da palavra laranja. O final diba é o mesmo tyba, significa muitos, em grande quantidade, logo laranjal, ou seja, lugar de muitos pés de laranja.

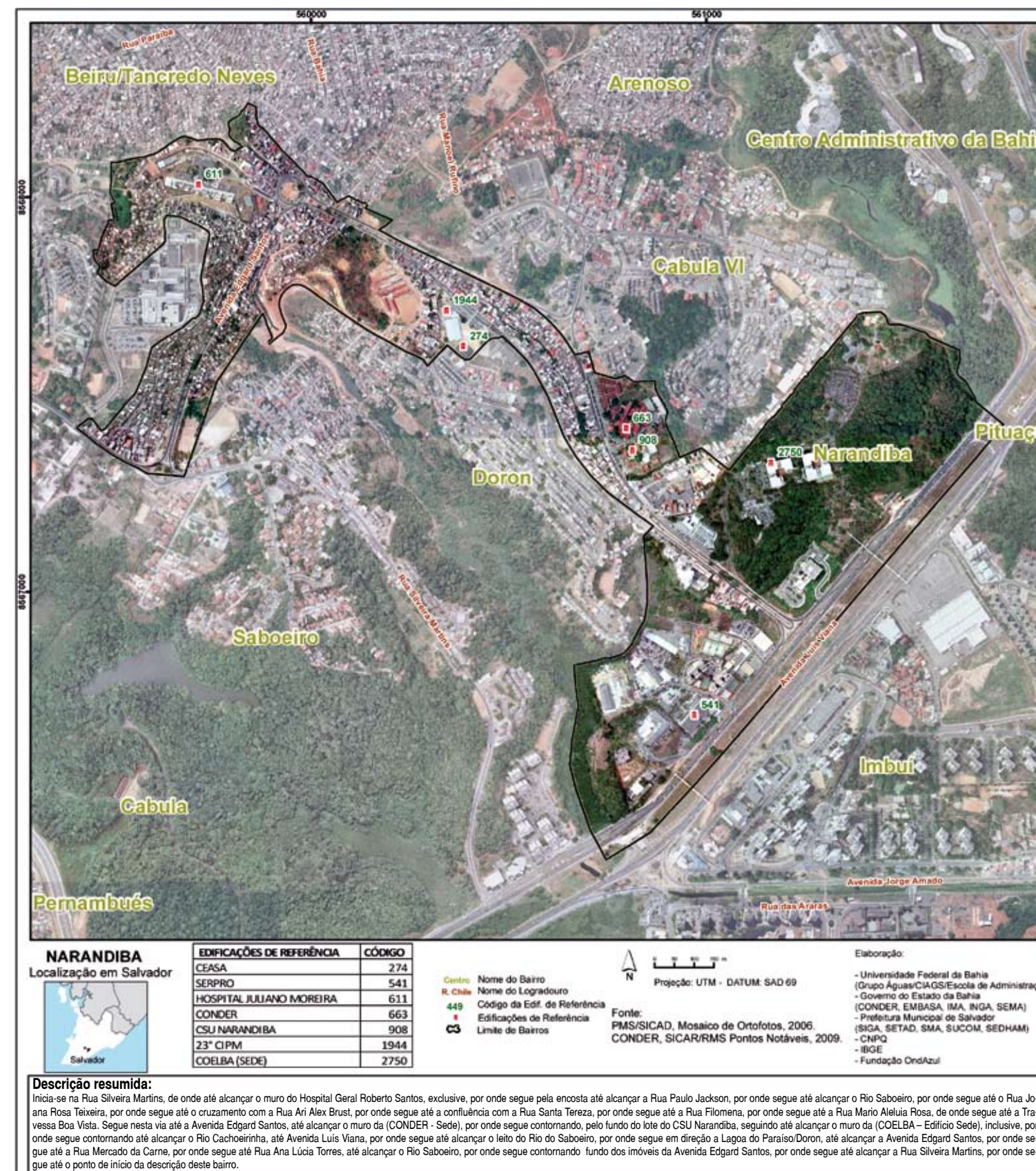
Entre os principais equipamentos públicos do bairro estão o **Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira**, transferido para o atual local, em 1982; a sede da **CONDER**; e o **Centro Social Urbano (CSU)**.

Narandiba possui uma população de 13.757 habitantes, o que corresponde a 0,56% da população de Salvador, concentra 0,58% dos domicílios da cidade, estando 26,23% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 30,28% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos.



Foto: Danilo Bandeira

Hospital Juliano Moreira



CABULA

As terras que hoje compreendem o bairro do **Cabula** foram doadas ainda no século XVI a Antonio de Ataíde, o conde Castanheira. Mais tarde, a área localizada para além do tecido urbanizado da cidade, foi arrendada ao senhor Natal Cascão, que então construiu a **Capela de Nossa Senhora do Resgate**, atualmente conhecida por **Igreja de Assunção**. Nos arredores desta igreja formou-se um pequeno povoado.

Segundo José Tarcísio Vasconcelos, presidente da **Associação de Moradores do Parque Residencial Planalto**, a atual configuração do bairro começou a desenhar-se no início da década de 1970, quando começaram a ser erguidos os primeiros conjuntos habitacionais, pois até os anos de 1940, todo o bairro era formado por chácaras e fazendas cuja principal produção era de laranjas.

Com o tempo, esse laranjal foi destruído e as antigas fazendas vendidas e divididas em lotes menores. Vasconcelos assim comenta: *“foi a construtora que eu trabalhava na época que começou a desmatar e a construir os conjuntos que hoje integram o bairro, pois até a Avenida Paralela era só mato”*.

Segundo o etnólogo e professor Valdeir Rego, o nome deste bairro é de origem africana. Ele afirma que *“o termo Cabula vem do quincongo Kabula, que além de ser verbo, é nome próprio, personativo feminino e também o nome de um ritmo religioso muito tocado, cantado e dançado, daí o bairro tomar o nome do ritmo frequente naquela área, sendo suas matas utilizadas pelos sacerdotes quincongos”*.

Na história deste bairro, a instalação e a perma-

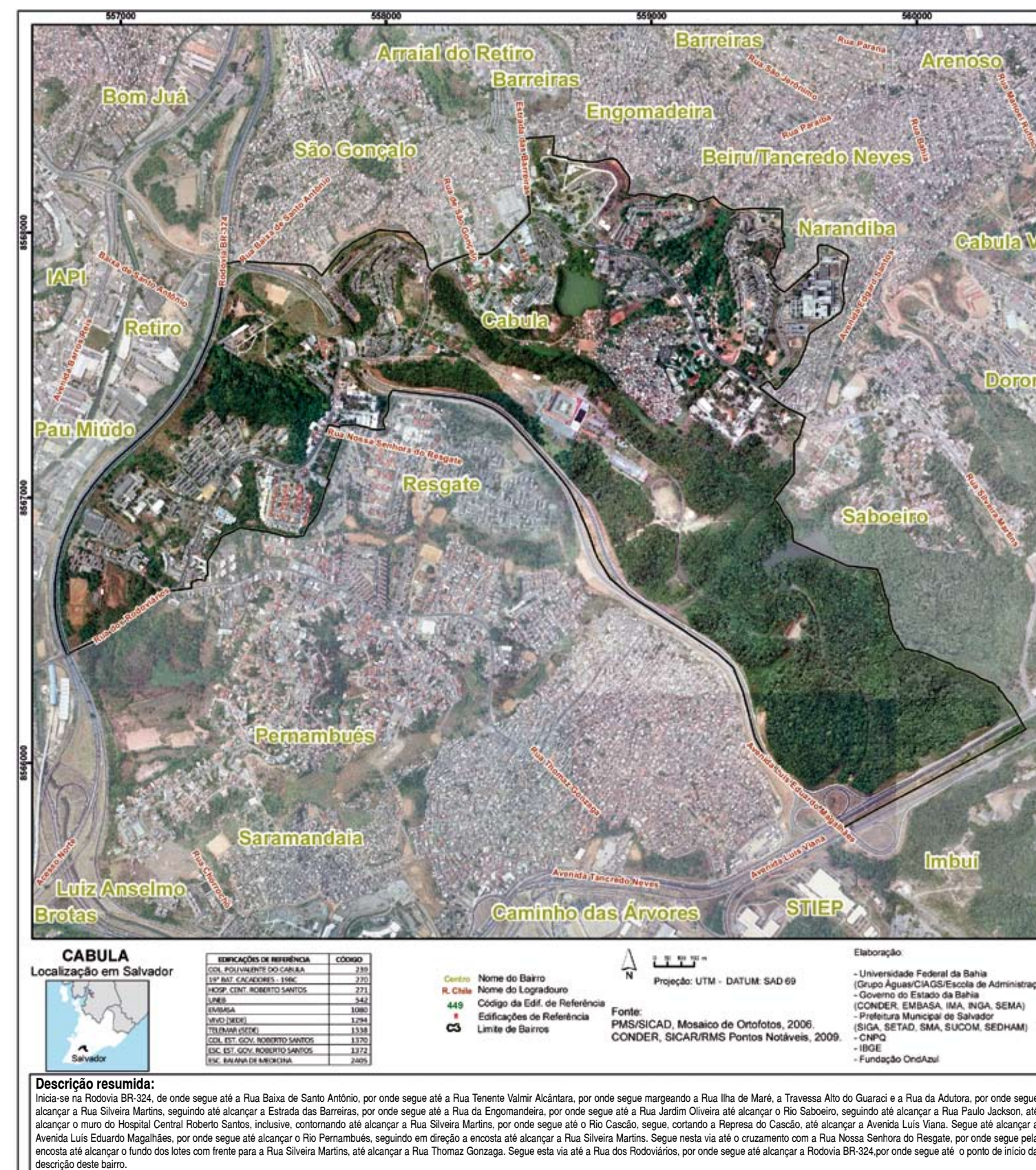
nência do **Quartel do 19º Batalhão de Caçadores** foi de fundamental importância para o desenvolvimento do bairro, uma vez que foi o Quartel que estimulou a ligação do Cabula com outros lugares. Na área do Quartel existe uma lagoa, que segundo José Tarcísio Vasconcelos, é preservada pelos militares; é a nascente do **Rio Cascão**.

Neste bairro estão abrigados um dos maiores hospitais públicos da cidade, o **Hospital Central Roberto Santos** e algumas escolas estaduais como o **Colégio Polivalente do Cabula**, o **Colégio Estadual Governador Roberto Santos** e a **Escola Estadual Visconde de Itaparica**. No Cabula encontra-se a **Fonte Santo Antônio do Cabula**, comumente utilizada para abastecimento doméstico, principalmente para beber.

O Cabula possui uma população de 23.096 habitantes, o que corresponde a 0,95% da população de Salvador, concentra 1% dos domicílios da cidade, estando 29,04% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 49,56% dos chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.



Campus da UNEB, Lagoa da Pedreira e entorno





Igreja da Santíssima Trindade, 2009

Foto: Danilo Bandeira

● SABOEIRO

Situado no “Miolo” de Salvador, o bairro do **Saboeiro**, segundo a Dona Hilda Santos Oliveira, moradora a 76 anos do local, até meados do século XX era composto por diversas roças e uma exuberante natureza com muitas lagoas. “Meu pai tinha terras aqui, existia a roça 40, que pertencia a Alemão, tinha a do Coronel Quinquin, dos pais de Cristóvão Ferreira...”.

A urbanização do bairro começou “quando a **CHESF** chegou aqui em 1954 e acabou com todo meio de vida que tínhamos. Essa Companhia destruiu alguns hectares além do permitido e não nos ressarciu, por isso, começamos a lotear pedaços de terra e a viver disso. Depois outros proprietários venderam mais terrenos e assim, as pessoas foram chegando, construindo casas e dando início ao povoamento do Saboeiro. Antes disso, havia apenas os antigos donos e seus afilhados” afirma Oliveira.

Nesta época, ainda existia no local a **Represa do Saboeiro**, cujas águas iam para a central de tratamento da EMBASA na Bolandeira para serem tratadas e abastecer a cidade. Conforme Hilda Oliveira, a represa deixou de ter essa função e as pessoas passaram a utilizá-la para tomar banho e lavar roupas. Com o decorrer do tempo, o entorno da represa foi sendo ocupado e aterrado, a ponto de virar esgoto.

Há quem afirme que o nome do bairro é devido à existência de uma fábrica de sabão no local. Oliveira discorda dessa versão e insiste que nunca houve fábrica na região do Saboeiro. Ela explica que este topônimo existe desde o século XIX em razão da presença de gias nas inúmeras lagoas da região. Elas escondiam seus ovos com uma camada grande de espuma que elas próprias produziam. Assim, quando as pessoas seguiam na direção destas lagoas costumavam dizer “vou no Saboeiro”.

Atualmente não há mais nenhuma festa que mobilize a comunidade do Saboeiro, porém, Dona Hilda Oliveira afirma que há mais ou menos 50 anos, na Semana Santa, havia queima de Judas e corrida de saco, corrida com ovo na colher. No São João as pessoas armavam fogueiras, iam à casa do outro tomar licor e no Natal se organizava uma grande festa, com um rapaz carregando a cruz e sendo acompanhado por uma procissão. Entre os principais equipamentos do bairro está: o **Colégio Estadual Otávio Mangabeira**.

Saboeiro possui uma população de 6.054 habitantes, o que corresponde a 0,25% da população de Salvador, concentra 0,28% dos domicílios da cidade, estando 22,83% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 42,44% dos chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.



SABOEIRO
Localização em Salvador

EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
ESC. EST. GOV. OTAVIO MANGABEIRA	272
11° CENTRO DE SAÚDE	273
COLÉGIO PARQUE	966
COL. EST. GOV. OTAVIO MANGABEIRA	1382
SEDE DO DISTRITO SANITÁRIO	2991

Centro Nome do Bairro
 R. Chile Nome do Logradouro
 449 Código da Edif. de Referência
 Edificações de Referência
 CS Limite de Bairros

Fonte:
 PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
 CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
 - Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - CNPO
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Projeção: UTM - DATUM: SAD 69

Descrição resumida:
 Inicia-se na Rua Silveira Martins, por onde segue até alcançar o fundo dos lotes com frente para a Avenida Edgard Santos até o Rio Saboeiro. Segue este curso d'água até alcançar a Avenida Luís Viana, por onde segue até alcançar o Rio do Cascão. Segue este rio, cortando a Represa do Cascão, até alcançar o fundo dos lotes da Alameda Zulmira Ferreira, por onde segue até o ponto de início da descrição deste bairro.



Imbuí – 1980

Fundação Gregório de Matos

● IMBUÍ

Às margens da **Avenida Luiz Viana Filho**, em meio a dunas, lagoas e aos Rios **Pedras, Saboeiro e Cascão** surgiu em 1978 o bairro do **Imbuí**, um lugar planejado por construtoras, cuja paisagem verticalizada não lembra em nada as características do lugar 30 anos atrás.

Neste período, Paulo Rogério Pinto de Oliveira, um dos primeiros moradores do bairro, lembra que o local era ocupado principalmente por trabalhadores do Pólo Petroquímico de Camaçari, “o pão era comprado em uma Kombi que passava todos os dias, e os taxistas só entravam aqui se a gente pagasse a viagem de volta”.

O nome Imbuí, que para alguns significa “pequena fruta agreste, redonda e roxa” e para outros, “rio das cobras”, está relacionado, segundo Paulo Rogério, ao fato de ter existido nesta região uma fazenda chamada Imbuí. Em função da proximidade com esta fazenda, a construtora responsável pelas obras, deu este nome ao lugar que estava sendo projetado. Segundo Consuelo Ponde de Sena, este vocábulo comporta duas acepções: Ymbuí = de imbú - umbú - fruta + y (i) água, rio, logo rio dos umbus, podendo proceder de mboy - y = rio das cobras ou água da cobra.

Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, é também a padroeira do Imbuí. Todo ano no dia 12 de outubro, já se tornou tradição uma alvorada às 05 horas da manhã, com quermesse ao longo do dia e procissão – trata-se de uma festa tipicamente católica.

O bairro tem entre seus principais equipamentos públicos, a **Es-**

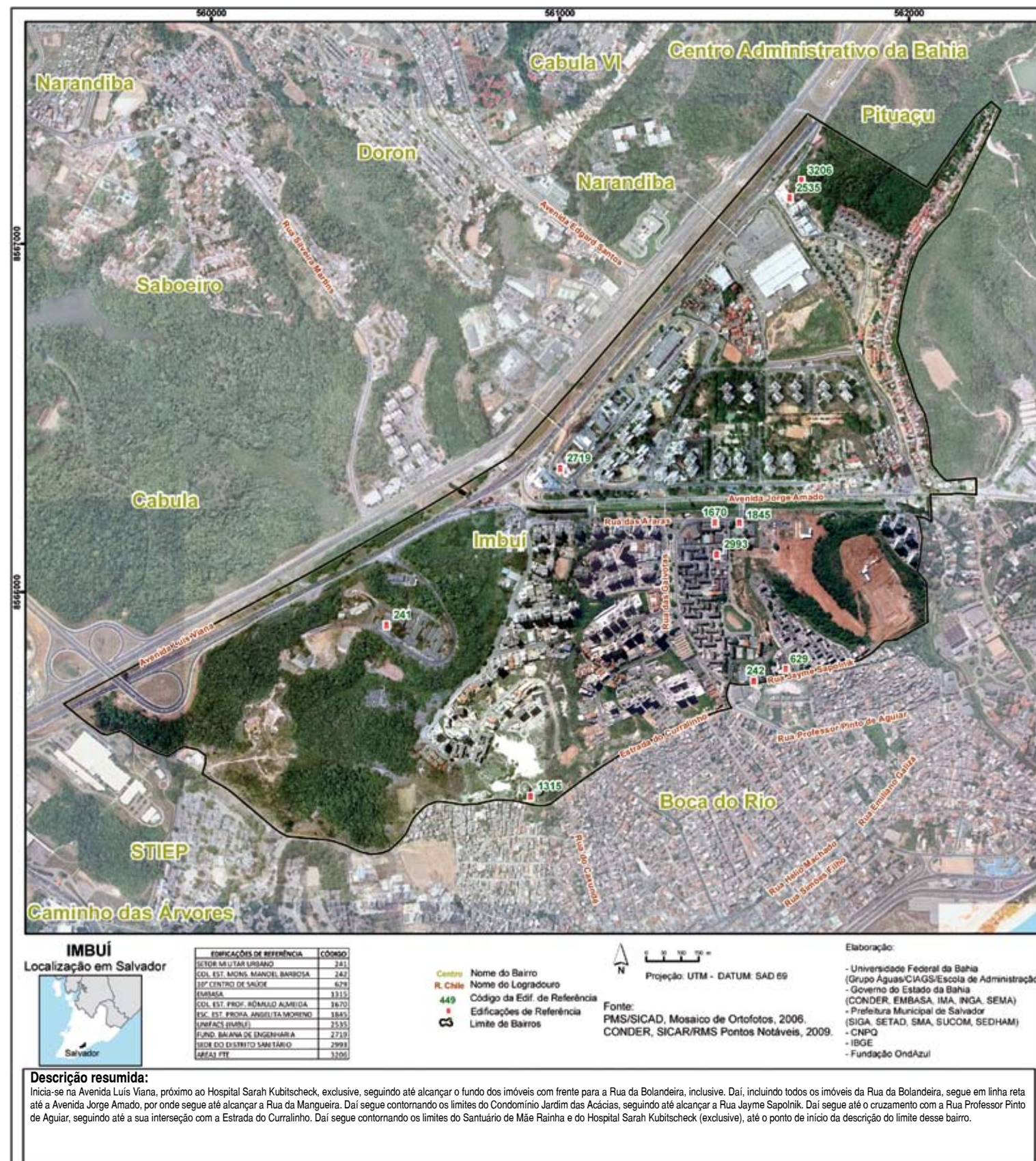
cola Estadual Rômulo Almeida, a Praça Nossa Senhora Aparecida e o Posto de Saúde.

Uma marca significativa do Imbuí para Paulo Rogério é o uso, principalmente pelos adolescentes e jovens, do *playground* dos edifícios como espaço de comunicação e interação, o que é qualificado como um comportamento conhecido como “*cultura do playground*”.

Hoje em dia, duas questões estão no centro das atenções dos moradores do Imbuí: o projeto de urbanização do canal por onde passa o Rio Cascão e a possibilidade de relocação das barracas, que funcionam como “barzinhos” ao longo da **Rua Alberto Fiúza**. No momento da formação do bairro, essas barracas serviam como o único local de alimentação dos operários. Hoje, servem como ponto de lazer para os moradores do bairro e da redondeza e estão sendo objeto de polêmica, uma vez que foram construídas sobre uma rota de adutoras da EMBASA.

Na história do Imbuí, uma peculiaridade não pode deixar de ser citada: em 2003 um grupo de moradores criou um portal comunitário, o primeiro da Bahia, segundo Paulo Rogério. Assim, um novo conceito de mídia digital foi elaborado e o jornalismo parte da comunidade que informa sobre arte, cinema, serviços, os problemas e as notícias do bairro, da cidade e até do país.

O Imbuí possui uma população de 22.331 habitantes, o que corresponde a 0,91% da população de Salvador, concentra 0,97% dos domicílios da cidade, estando 25,85% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 46,06% dos chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.



● PITUAÇU

No início da década de 1970, centenas de casas de taipa foram erguidas às margens do **Rio Pituauçu**. Eram homens e mulheres que, em busca de moradias, fixaram-se neste local, ainda cercado por grandes dunas, animais selvagens e uma exuberante Mata Atlântica.

Dessa forma, foram dados os primeiros passos para o que hoje é o bairro de **Pituauçu**. Entretanto, há quem diga que não foi unicamente a necessidade de ter uma moradia que levou muitas pessoas a construir casas neste local, diversas famílias ergueram casas neste bairro apenas para veranear.

Edílson de Azevedo Lima, presidente da **Associação Comunitária do Bem-Estar e Lazer**, conta: *“Eu vi tudo isso se transformar... Aqui não tinham água encanada, luz elétrica, telefone e hoje está tudo urbanizado”*. Atualmente, o bairro é composto pelas localidades: **Alto do São João, Golfo Pérsico, Irmã Dulce, Selva e Bananal**.

Diz-se que este bairro fez parte da Fazenda Piaçabeira, conhecida também como Três Amores, e que os herdeiros desta fazenda, com o passar dos anos, venderam as terras a pescadores, fazendo destes os primeiros moradores do local. Segundo moradores, o nome do bairro tem origem tupi e significa “pitu grande”, o que é confirmado por Consuelo Ponde de Sena, segundo a qual, Pitú é corruptela de Py - tú - a pele ou casca escura. É o camarão cascudo da água doce. Antigamente dizia-se poty e potuassú.

Localizado na **Orla Atlântica de Salvador**, neste bairro encontra-se a foz do **Rio Pituauçu**. Entre os principais equipamentos deste bairro estão o **Centro Municipal de Educação Infantil José Maria Magalhães Neto**, a **Escola Estadual Piratini**, um campus da **Universidade Católica do Salvador**, o **Centro de Tradições Gaúchas**, cujo terreno abrigava uma lagoa, fruto de um minadouro e que atualmente encontra-se degradada.

O **Parque Metropolitano de Pituauçu**, um projeto do governo Roberto Santos, de 1978, surgiu como resultado da iniciativa de preservação ambiental. O projeto do Parque contemplava um Horto Professor Alexandre Leal, um Museu de Ciência e Tecnologia, ciclovia e um complexo esportivo, incluindo o **Estádio de Pituauçu**, recentemente reinaugurado.

Hoje em dia, o Parque tem cerca de 400 hectares de extensão e desde 1995 (data da nova inauguração), se constituiu em importante área de lazer, não só para os moradores locais, mas para os habitantes da cidade em geral. Em seu espaço, encontram-se ciclovia, servi-

ços de bares, parques infantis e uma imensa e bela lagoa, a **Lagoa de Pituauçu**, muito utilizada pelos soteropolitanos para o lazer.

Pituauçu possui uma população de 10.912 habitantes, o que corresponde a 0,45% da população de Salvador, concentra 0,44% dos domicílios da cidade, estando 23,27% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 27,64% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos.



Foto: Danilo Bandeira
Parque de Pituauçu





Foz do Rio das Pedras

Foto: Danilo Bandeira

BOCA DO RIO

Em um passado distante, a área que compreende hoje o bairro da **Boca do Rio** era formada por dunas e lagoas, e na **Praia de Armação**, antiga **Praia do Chega Nego**, atracavam os navios negreiros vindos da África carregados de homens e mulheres que eram deixados na **Casa de Pedra** (uma senzala), até serem negociados.

Há quem afirme que as primeiras casas foram construídas nos anos 1940, nas imediações da **Sede de Praia do Esporte Clube Bahia**, na **Rua do Caxundé** e no **Alto do São Francisco**. Segundo Holário Alves Calixto, antigo morador da Boca do Rio, nesta época, os habitantes moravam em casas de taipa com telhado de palha. O bairro já foi uma antiga vila de pescadores e o lugar preferido de artistas, jornalistas e intelectuais baianos na década de 1970. Segundo Luiz Eduardo Dórea, autor do livro *História de Salvador nos nomes das suas ruas*, o bairro tem seu nome relacionado, à existência da foz do **Rio das Pedras** que lança suas águas na praia do bairro.

As atuais características da Boca do Rio têm origem na década de 1960, quando antigos moradores das localidades **“Bico de Ferro”** e **“Alto de Ondina”** foram transferidos para este bairro, por conta de uma intervenção da prefeitura naquela área. Neste período, houve

um significativo aumento populacional e a formação de um aglomerado de casas *“a tijolo nu”*, algumas ruas foram calçadas e o bairro recebeu linha de ônibus.

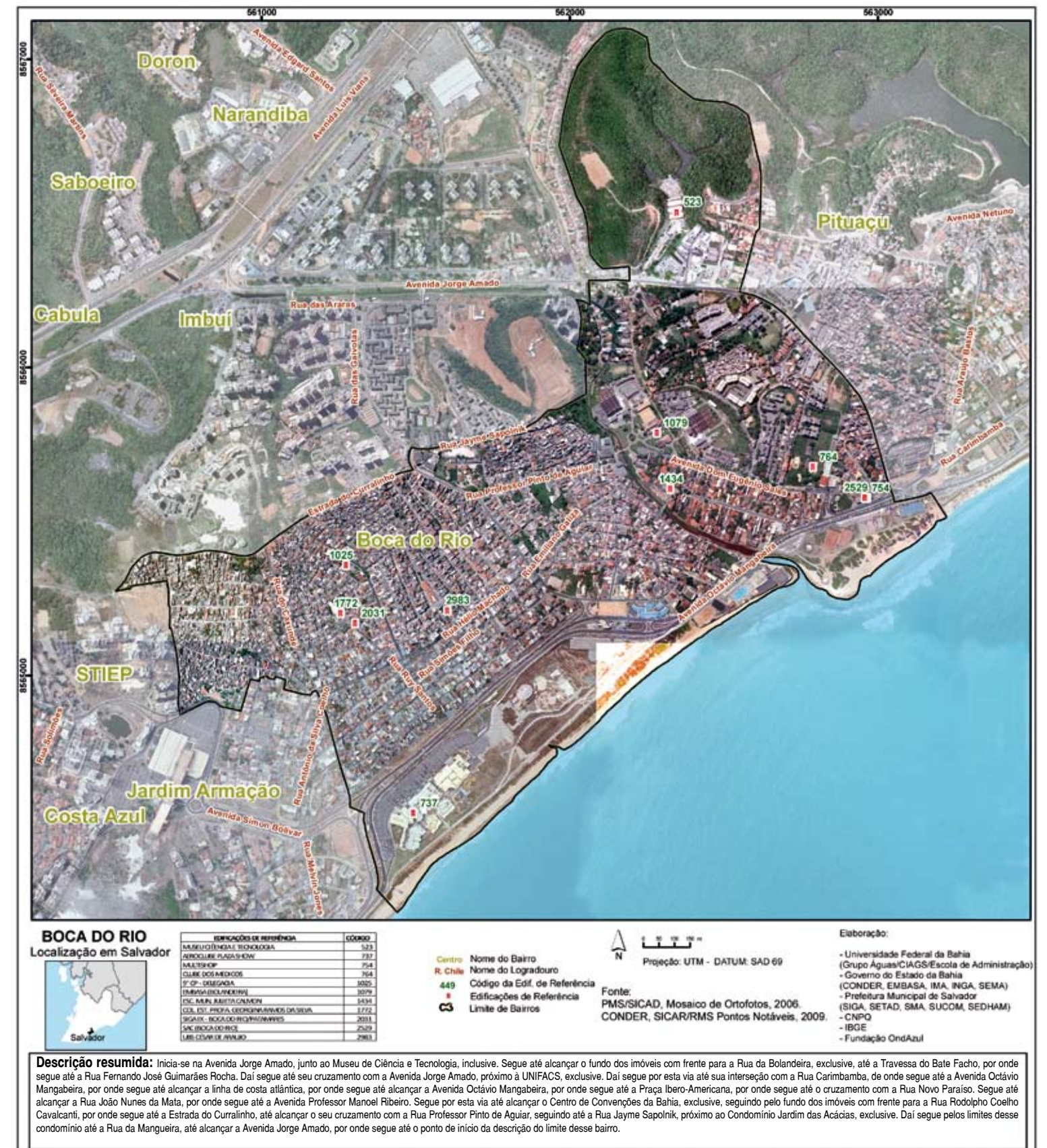
Assim, é importante observar que apesar das mudanças ao longo do tempo, a Boca do Rio mantém muitas características do passado, como por exemplo, as áreas de ocupação espontânea não verticalizada.

O bairro é marcado por contrastes, uma vez que moradias simples contrastam com os luxuosos restaurantes que se instalaram no local.

Para Patrício Bastos, membro associado da **Colônia de Pescadores da Boca do Rio** e Lourdes Silva, aposentada, atualmente, não existem condições dos moradores da Boca do Rio utilizarem as águas que correm no bairro, uma vez que estão poluídas. Ele afirma que outrora, os moradores utilizavam a **Lagoa dos Frades**.

Entre os principais equipamentos do bairro estão a **“Praça da Mãe Preta”**, a **Igreja de São Francisco** e o **Instituto Municipal de Educação Prof. José Arapiraca – IMEJA**.

A Boca do Rio possui uma população de 39.430 habitantes, o que corresponde a 1,61% da população de Salvador, concentra 1,62% dos domicílios da cidade, estando 24,23% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 28,91% dos chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.



Bacia Hidrográfica do Rio Passa Vaca

Localizada integralmente na cidade de Salvador, a Bacia do Rio Passa Vaca possui uma área de 3,72km², o que corresponde a 1,20% da área do município. Encontra-se limitada ao Norte e a Oeste pela Bacia de Jaguaribe e ao Sul pela Bacia Hidrográfica do Pedras/Pituaçu e pela Bacia de Drenagem de Armação/Corsário. Com uma população de 9.770 habitantes e densidade populacional de 2.627,74hab./km², possui 2.887 domicílios, o que corresponde a 0,44% dos domicílios de Salvador (IBGE, 2000).

Até então, o Rio Passa Vaca era considerado um afluente do Rio Jaguaribe. O III Fórum de Discussão do Projeto *Qualidade das Águas e da Vida Urbana de Salvador* decidiu separar a Bacia do Rio Passa Vaca da Bacia do Rio Jaguaribe, partindo do princípio que os principais rios só estão unidos nas imediações da foz, concluindo-se, portanto, que configuram duas unidades distintas.

O Rio Passa Vaca nasce no bairro de São Rafael, é sobreposto pela Av. Paralela, atravessando depois, todo o bairro de Patamares e lá desaguardo no mesmo estuário que o Rio Jaguaribe. O território da Bacia é ocupado por uma população cuja renda mensal dos chefes de família encontra-se distribuída da seguinte forma: 11,51% estão na faixa de até 1 SM; 14,78 % estão entre mais de 1 até 3 SM; 14,18 % estão na faixa entre 3 a 5 SM, 26,85 % estão entre 5 a 10 SM, 12,21 % recebem de mais de 10 a 15 SM, 6,76 % entre 15 a 20 SM e 13,72% recebem mais de 20 SM. Em relação aos índices de escolaridade dos chefes de família, são os seguintes: 1,35% não apresentam nenhum ano de

instrução, 10,62 % estão na faixa de 8 a 10 anos de estudo, 51,24 % possuem de 11 a 14 anos de estudo e 24,22 % possuem mais de 15 anos de estudo (IBGE, 2000).

Na foz desse Rio localiza-se o manguezal do Passa Vaca, último remanescente de manguezal no meio urbano na Orla Atlântica de Salvador. É um Rio com importância para a vida marinha, pois serve de nascedouro e berçário de várias espécies. Apesar disso, o Rio Passa Vaca vem sendo degradado pelo lançamento de esgotos e resíduos sólidos de loteamentos e assentamentos irregulares, comprometendo, conseqüentemente, o manguezal e todos os ecossistemas a ele associados. Além da vegetação de mangue, no Loteamento Patamares e em parte da Av. Paralela que fica na área da Bacia, existe Floresta Ombrófila em estágio avançado, em área bastante expressiva.



Oriefoto SICAD / PMS - 2009

Na área do manguezal existe o Parque do Manguezal do Passa Vaca, uma APP – Área de Preservação Permanente – implantada por meio do Decreto n. 19.752, de 13/07/2009.

Antes do processo de ocupação da área dessa Bacia, o manguezal possuía expressiva vegetação, com uma variada fauna. Assim, sua sustentação era mantida pelo processo de circulação de energia e nutrientes, próprio deste ecossistema. Entretanto, a ação antrópica ao longo dos anos, oriunda da implantação de conjuntos habitacionais, condomínios e loteamentos na área de abrangência do manguezal, vem causando vários problemas ambientais, como a descaracterização do ecossistema, comprometendo a sua integridade físico-biótica e provocando o seu “estressamento ambiental”.

Nas águas do Rio Passa Vaca pode ser observada grande quantidade de “Baronezas” (*Eichornia crassipes*), indicando que existe um acelerado processo de eutrofização das suas águas. Na área de abrangência do manguezal, existem resíduos sólidos de diferentes tipos, espalhados indiscriminadamente e, na vegetação, existe a presença de parasitas que provocam o apodrecimento dos caules, elementos que associados, contribuem para a modificação do regime hidrológico e hídrico deste estuário.

O quadro 01 apresenta as observações do Protocolo de Avaliação Rápida - PAR na estação estabelecida para coleta de amostras de água na Bacia do Rio Passa Vaca.

Quadro 01. Observação do PAR na estação de coleta de amostras de água da Bacia do Rio Passa Vaca

Parâmetros	JAG 15
Tipo de ocupação das margens	Vegetação natural Residencial
Estado do leito do rio	Assoreado
Mata ciliar	Dominância de gramíneas Vegetação nativa parcial
Plantas aquáticas	Ausente
Odor da água	Nenhum
Oleosidade da água	Ausente
Transparência da água	Opaca ou colorida
Tipo de fundo	Lama/Areia Com deposição de lixo
Fluxo de águas	Maior parte do substrato exposto

QUALIDADE DA ÁGUA

A análise da qualidade das águas na Bacia de Passa Vaca foi realizada em apenas uma estação (JAG15) na Bacia, conforme coordenadas apresentadas no quadro 02 e mostrada na figura 01.

Quadro 02. Coordenadas da estação de coleta de amostra de água da Bacia de Passa Vaca - Salvador, 2009

Estação	Coordenada X	Coordenada Y	Referência
JAG 15	563432,4969	8569228,787	Patamares

Os resultados da análise dos parâmetros bacteriológicos e físico-químicos da Bacia do Rio Passa Vaca são aqueles obtidos das análises das amostras da estação JAG15. Os Coliformes Termotolerantes apresentaram resultados de $3,6 \times 10^6$ UFC/100ml na campanha piloto, 10UFC/100ml na campanha de período chuvoso e $1,6 \times 10^4$ UFC/100ml na campanha de período seco.

Em relação ao Oxigênio Dissolvido, nas campanhas de períodos chuvoso e seco os valores foram, respectivamente, 3,9mg/L e 2,6mg/L, abaixo do estabelecido pela Resolução CONAMA n. 357/05 para águas doces classe 2. Quanto à DBO₅ os resultados na estação foram de 212mg/L, não detectável e 2,3mg/L, nas campanhas piloto, período chuvoso e período seco, respectivamente.

No que diz respeito a Nitrogênio Total, os valores encontrados foram 3,2mg/L na campanha de período chuvoso e 8,3mg/L na campanha de período seco. Já em relação a Fósforo Total, os resultados foram de 0,096mg/L e de 0,326mg/l nas campanhas de períodos chuvoso e seco, respectivamente.

O Índice de Qualidade das Águas - IQA na Bacia do Rio Passa Vaca se apresentou na categoria Regular com valores de 40, 5 e 38,1 nas campanhas de período chuvoso e período seco, respectivamente, configurando-se, junto com as Bacias dos Rios do Cobre e Ipitanga, como de melhor IQA no município de Salvador.

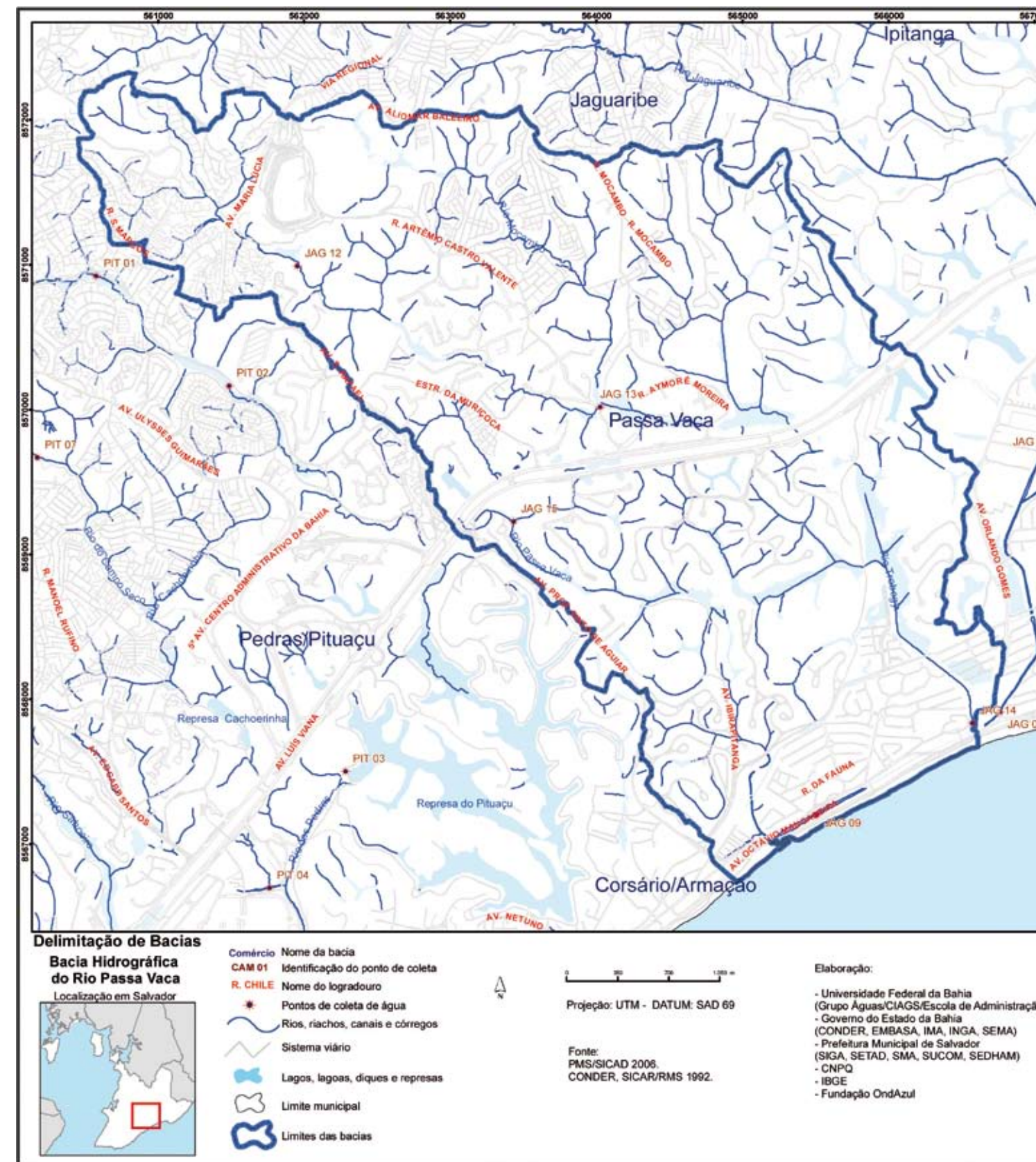


Figura 01. Bacia do Rio Passa Vaca e localização da estação de coleta de amostras de água



Hospital São Rafael

Foto: Danilo Bardenira

● SÃO RAFAEL

O bairro de **São Rafael** localiza-se no “Miolo” de Salvador e, segundo Ubiratan Nascimento, presidente da **Associação de Moradores do Recanto São Rafael**, surgiu do desmembramento do bairro de São Marcos. Nascimento conta que a Avenida São Rafael chamava-se São Marcos e que o atual nome deste logradouro, assim como de todo bairro, está relacionado à presença do **Hospital São Rafael**, instalado no local desde o início da década de 1990.

O presidente da Associação também lembra que acerca de quarenta anos, o bairro era isolado do Centro de Salvador; não tinha luz elétrica, não existia água encanada, havia apenas chafarizes e fontes nos quais pegava-se água para beber e tomar banho. Toda a região tinha muita jaca, umbu e caju. Não havia colégio e só um ônibus que saía de manhã e retornava à tarde para Pau da Lima, fazia o transporte dos moradores. “Quem perdesse esse ônibus na volta, tinha que dormir na rua, quem tinha carroça, cobrava centavos de réis naquela época, saía daqui 7 horas da manhã e chegava na cidade a tarde”.

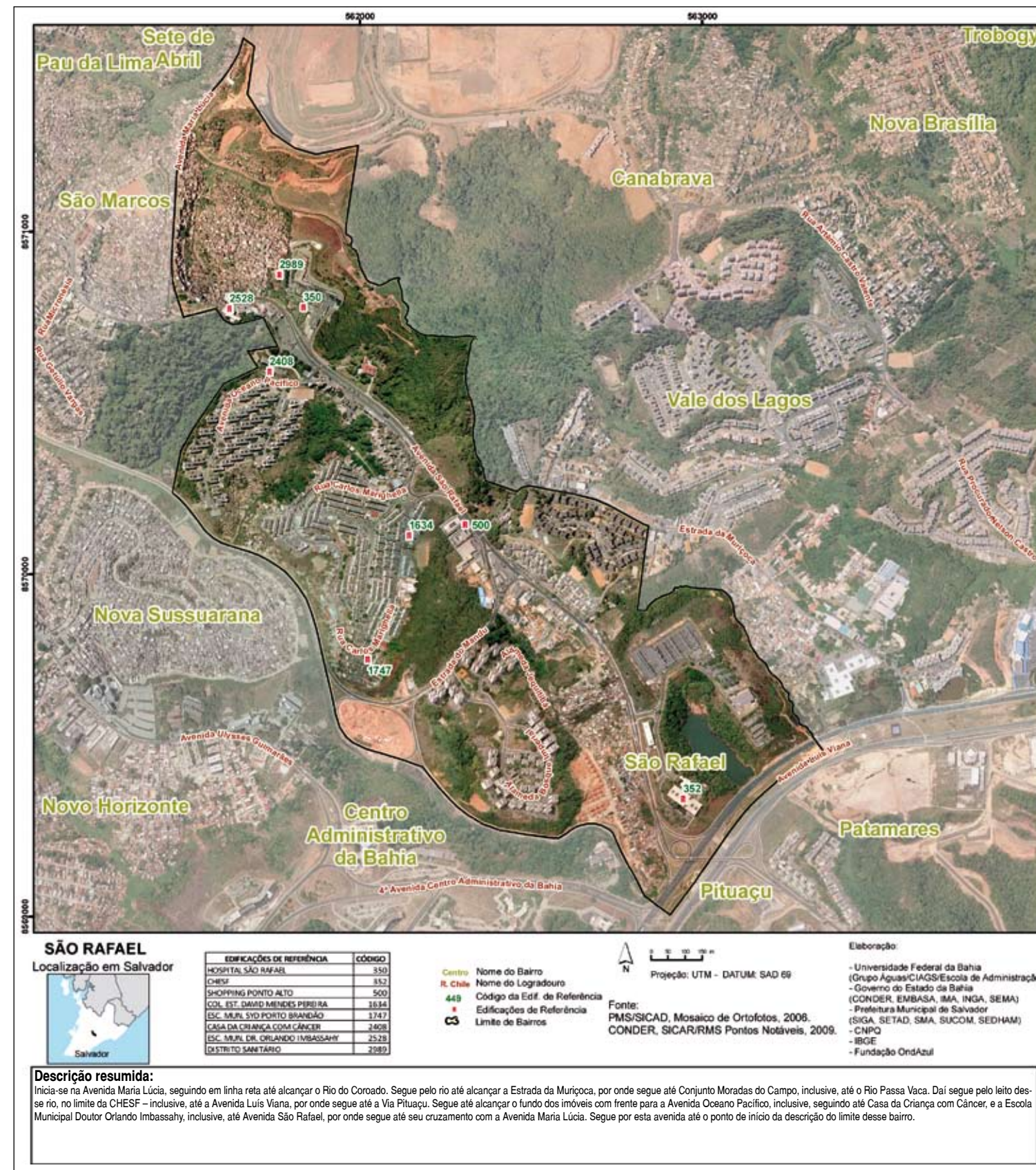
Cercado pela Mata Atlântica localiza-se no bairro uma das nascentes do **Rio Passa Vaca** e em sua área também passa o **Rio Pituauçu**. Atualmente é formado por grandes condomínios como **Colinas de Pituauçu** e **Bosque Imperial**.

Existe no bairro a **Escola Municipal Orlando Imbassahy**, o Co-

légio Estadual Professor David Mendes e a **Casa da Criança com Câncer**. O bairro possui um comércio bastante variado que atende as necessidades básicas da população local.

Entre as curiosidades do bairro, Nascimento relata duas histórias que permeiam o imaginário dos moradores de São Rafael: “tenho aqui um amigo que diziam que ele era lobisomem. Andava de roupa preta, desaparecia de dia, e só aparecia à noite. Perguntava ao povo por que eles tinham medo dele, e me respondiam que era porque ele vivava lobisomem. Provei que isso era mentira. Atocaiei meu amigo e o prendi durante quinze dias, inclusive em noite de lua cheia, percebi então que ele se vestia de preto, porque queria ser diferente dos outros. Falando em lobisomem, o povo também tem uma cisma comigo. O pessoal diz pra eu não visitá-los caso estejam internados, porque minha profissão causa medo, porque trabalho numa funerária aqui na comunidade, me chamam até de ‘papa defunto’. Quando uma pessoa fica doente, eu não vou visitar, pois tenho o costume de dar o cartão. E aí a pessoa se assusta, achando que estou dando o cartão pra comprar o caixão na minha mão”.

São Rafael possui uma população de 23.795 habitantes, o que corresponde a 0,97% da população de Salvador, concentra 1,10% dos domicílios da cidade, estando 29,11% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 52,95% dos chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.





Praia de Patamares

● PATAMARES

No início da década de 1970, jornais de Salvador noticiavam o projeto do que fora considerado o primeiro bairro integrado da América Latina: **Patamares**. Assim, a área correspondente às fazendas Jaguaripe e Biribeira, na Orla Atlântica da cidade de Salvador, foi projetada por grandes nomes, como Burle Marx e Maria Elisa Costa, para ser um espaço urbanizado, com muita área verde e edificações.

Segundo Eloy Lorenzo, colaborador da **Associação de Moradores do Loteamento Colina C**, Patamares foi construído no meio de uma floresta e sua urbanização só aconteceu a partir de 1976. *“No começo muitas pessoas ficaram com medo de se instalarem aqui, e por isso, o empreendimento não decolou como merecia, ficou quase metade do loteamento sem ser vendido”*.

Para Caroline Lorenzo, moradora do bairro, Patamares mudou muito: *“eu nasci aqui e convivia com diversos animais silvestres. Eu tinha visitas diárias de teiús, gambás, marsupiais, micos, tamanduás... e hoje a frequência deles no nosso cotidiano é bem menor. Sinto falta também de três lagoas gigantes, com areia ao redor, das dunas, que existiam por aqui, eu tomava muito banho nelas. O Rio Jaguaripe era totalmente limpo e o Rio Passa Vaca tinha uma largura enorme, hoje em dia, só existem resquícios dessa natureza”*.

Por isso, conforme Caroline Lorenzo há uma preocupação constante da comunidade em manter os corredores ecológicos que restam, realizando um trabalho no Rio Passa Vaca que desemboca em Patamares. *“A comunidade luta pela preservação e limpeza dessas águas”*.

Moradores mais antigos dizem que o nome do bairro está relacionado à existência de lindas colinas que, com alturas variadas, permitem a configuração de vários relevos, ou seja, vários patamares...

Patamares possui uma população de 4021 habitantes, o que corresponde a 0,16% da população de Salvador, concentra 0,16% dos domicílios da cidade, estando 24,90% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 47,99% dos chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.



Bacia Hidrográfica do Rio Jaguaribe

Localizada integralmente no município de Salvador, a Bacia do Rio Jaguaribe possui uma área de 52,76km², o que corresponde a 17,08% do território soteropolitano, sendo considerada a segunda maior Bacia do Município, em superfície. Encontra-se limitada ao Norte pela Bacia do Rio Ipitanga e pela Bacia de Drenagem de Stella Maris, a Leste pelo Oceano Atlântico, a Oeste pela Bacia do Cobre e ao Sul pelas Bacias do Pedras/Pituaçu e Passa Vaca. Com uma população de 348.591 habitantes e densidade populacional de 6.606,9hab/km² é a segunda Bacia mais populosa do Município. Possui 30.043 domicílios, que correspondem a 13,96% unidades habitacionais de Salvador (IBGE, 2000).

Com suas nascentes nos bairros de Águas Claras, Valéria e Castelo Branco, o Rio Jaguaribe, cujo nome de origem tupi, significa 'Rio das Onças', percorre uma distância de, aproximadamente, 15,2km, passando pelo Jardim Nova Esperança, Cajazeiras VIII, Nova Brasília, Trobogy, Mussurunga, Bairro da Paz e deságua em Piatã, na 3ª Ponte da Av. Octávio Mangabeira. Apresenta vários afluentes de grande vazão, entre eles os Rios Trobogy, Cambunas, Mocambo, Águas Claras, Cabo Verde, Coroadó, Leprosário, Córrego do Bispo, entre outros, que atravessam os bairros de Águas Claras, Cajazeiras II, IV, V, VI, VII e X, Castelo Branco, Sete de Abril, Canabrava, Novo Marotinho, Dom Avelar, São Marcos, Sete de Abril, Vale dos Lagos, Vila Canária e Alto do Coqueirinho.

Essa bacia, portanto, drena áreas urbanas densamente povoadas, grande parte com infraestrutura urbana precária (drenagem, pavimentação, habitação, coleta de lixo e esgotamento sanitário). Nessa área existem sistemas descentralizados de esgotamento sanitário que atendem a conjuntos habitacionais e, atualmente, estão sendo implantadas redes coletoras e estações elevatórias, para ampliação da cobertura de atendimento em esgotamento sanitário, cujo destino final será o Sistema de Disposição Oceânica do Jaguaribe, em construção.

Em relação à faixa de renda mensal, os chefes de família encontram-se distribuídas da seguinte maneira: 16,79% recebem até 1 SM; 33,77% estão entre 1 e 3 SM e 12,51% entre 3 e 5 SM. Os índices de

escolaridade mais significativos desses chefes de família são: 16,36% possuem de 1 a 3 anos de estudo; 29,83% encontram-se entre 4 e 7 anos; 17,29% estão na faixa de 8 a 10 anos e 24,42% possuem de 11 a 14 anos de estudo (IBGE, 2000).

A presença do antigo lixão e, posteriormente, aterro controlado de resíduos sólidos de Canabrava constitui-se em fator de risco para os mananciais superficiais e subterrâneos, com drenagem do lixiviado, especialmente para os Rios Trobogy e Mocambo. Nessa bacia existem importantes remanescentes de vegetação nativa, característicos do bioma Mata Atlântica, no entorno superior do Rio Jaguaribe, área entre a Av. Aliomar Baleeiro e a Av. Octávio Mangabeira. Na porção média da bacia, existem, aproximadamente, 641ha de Floresta Ombrófila, em estágios médios e iniciais de regeneração. Essa faixa de área verde serve, inclusive, como refúgio para muitas espécies animais. Além disso, parte de sua área abrange a APA do Abaeté, criada pelo Decreto Estadual n. 2.540/93. Existem duas fontes nesta bacia: a Fonte do Terreiro Onzo Nguzo Za Nkisi Dandalunda Ye Tempo, no Trobogy e a Fonte do Terreiro Ilê Omo Ketá Passu Detá, em São Marcos.

Observou-se que na maioria das estações amostradas, o Rio Jaguaribe e seus afluentes apresentam-se assoreados e com grande concentração de macrófitas, principalmente em sua foz, o que caracteriza uma carga muito alta de material orgânico, além da presença de resíduos sólidos em várias partes da sua extensão. As águas do Rio Jaguaribe influenciam diretamente a balneabilidade de algumas praias importantes de Salvador – Patamares, Jaguaribe e Piatã – muito frequentadas pela população local e por turistas, para lazer de contato primário. Apesar disso, dados da monitorização da qualidade das águas das praias realizadas pelo Instituto de Meio Ambiente-IMA indicam condições adequadas de balneabilidade.

O quadro 01 apresenta as observações do PAR nas 14 (quatorze) estações de coleta de amostras de água do Rio Jaguaribe e afluentes, onde se constata ser grave a situação em que se encontra a bacia, com diversos processos antrópicos, com pouco ou quase nenhum controle.

Quadro 01. Observações do PAR nas estações de coleta de amostras de água do Rio Jaguaribe e afluentes

Parâmetros	JAG 01	JAG 02	JAG 03	JAG 04	JAG 05	JAG 06	JAG 07	JAG 08	JAG 09	JAG 10	JAG 11	JAG 12	JAG 13	JAG 14
Tipo de ocupação das margens	Residencial	Residencial	Residencial	Residencial	Residencial	Comercial / Administrativo	Residencial	Comercial Administrativo	Comercial Administrativo	Comercial/ Administrativo	Residencial	Áreas desmatadas Residencial	Residencial	Comercial/ Administrativo
Estado do leito do rio	Assoreado	Assoreado	Assoreado	Assoreado	Assoreado	Revestido	Natural (curso livre)	Natural (curso livre)	Natural (curso livre)	Assoreamento	Assoreado	Assoreado	Revestido	Natural (curso livre)
Mata ciliar	Dominância de gramíneas	Vegetação Nativa parcial	Dominância de gramíneas	Dominância de gramíneas	Dominância de gramíneas	Dominância de gramíneas	Vegetação nativa parcial	Dominância de gramíneas Pavimentado	Dominância de gramíneas	Dominância de gramíneas Pavimentado	Dominância de gramíneas	Vegetação nativa parcial	Dominância de gramíneas	Dominância de gramíneas
Plantas aquáticas	Perifiton abundante e biofilme	Ausente	Ausente	Ausente	Macrófitas grandes concentradas	Perifiton abundante e biofilmes	Macrófitas grandes concentradas	Macrófitas grandes concentradas	Macrófitas grandes concentradas	Ausente	Perifiton abundante e biofilmes	Perifiton abundante e biofilmes	Ausente	Macrófitas grandes concentradas
Odor da água	Leve	Nenhum	Médio	Médio	Médio	Médio	Nenhum	Leve	Médio	Médio	Forte (esgotos)	Forte (esgotos)	Forte (esgotos)	Leve
Oleosidade da água	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente
Transparência da água	Turva	Turva	Opaca ou colorida	Muito escura	Opaca ou colorida	Muito escura	Turva	Turva	Turva	Opaca ou colorida	Opaca ou colorida	Muito escura	Opaca ou colorida	Turva
Tipo de fundo	Com deposição de lixo Lama / areia	Lama / areia	Lama / areia Com deposição de lixo	Com deposição de lixo	Com deposição de lixo	Com deposição de lixo Marcas de antropização (entulhos)	Com deposição de lixo	Com deposição de lixo	Lama/Areia	Com deposição de lixo	Com deposição de lixo	Com deposição de lixo	Com deposição de lixo	Com deposição de lixo
Fluxo de águas	Lâmina d'água apenas em remansos	Maior parte do substrato exposto	Lâmina d'água em mais de 75% do leito	Formação de pequenas "ilhas"	Formação de pequenas "ilhas"	Lâmina d'água apenas em remansos	Lâmina d'água em 75% do leito	Fluxo igual em toda a largura	Fluxo igual em toda a largura	Lâmina d'água em 75% do leito	Lâmina d'água em 75% do leito	Lâmina d'água em 75% do leito	Lâmina d'água em 75% do leito	Fluxo igual em toda a largura

Obs.: Perifiton são organismos que vivem aderidos a vegetais ou a outros substratos suspensos; Macrófitas aquáticas são plantas herbáceas que crescem na água, em solos cobertos por água ou em solos saturados com água.

Quadro 02. Coordenadas das estações de coleta de amostras de água da Bacia do Rio Jaguaribe – Salvador, 2009

Estação	Coordenada X	Coordenada Y	Referência
JAG 01	561783,3012	8576025,588	Águas Claras
JAG 02	563234,8595	8575552,243	Águas Claras
JAG 03	560824,1195	8573989,716	Águas Claras
JAG 04	563108,8133	8573345,342	Jardim Nova Esperança
JAG 05	563569,5618	8573042,018	Jardim Nova Esperança
JAG 06	567230,6126	8571084,81	Trobogy
JAG 07	567052,6321	8569694,103	Bairro da Paz
JAG 08	566763,0857	8567913,781	Piatã
JAG 09	565508,2326	8567205,187	Piatã
JAG 10	569720,8846	8571530,406	Mussurunga
JAG 11	568199,9493	8570097,906	Itapuã
JAG 12	561951,7886	8570995,96	São Rafael
JAG 13	564024,3198	8570021,125	Canabrava
JAG 14	566573,9892	8567837,2	Piatã

A análise da qualidade das águas na Bacia do Rio Jaguaribe foi realizada em 14 (onze) estações ao longo da Bacia, conforme coordenadas apresentadas no quadro 02 e figura 01.

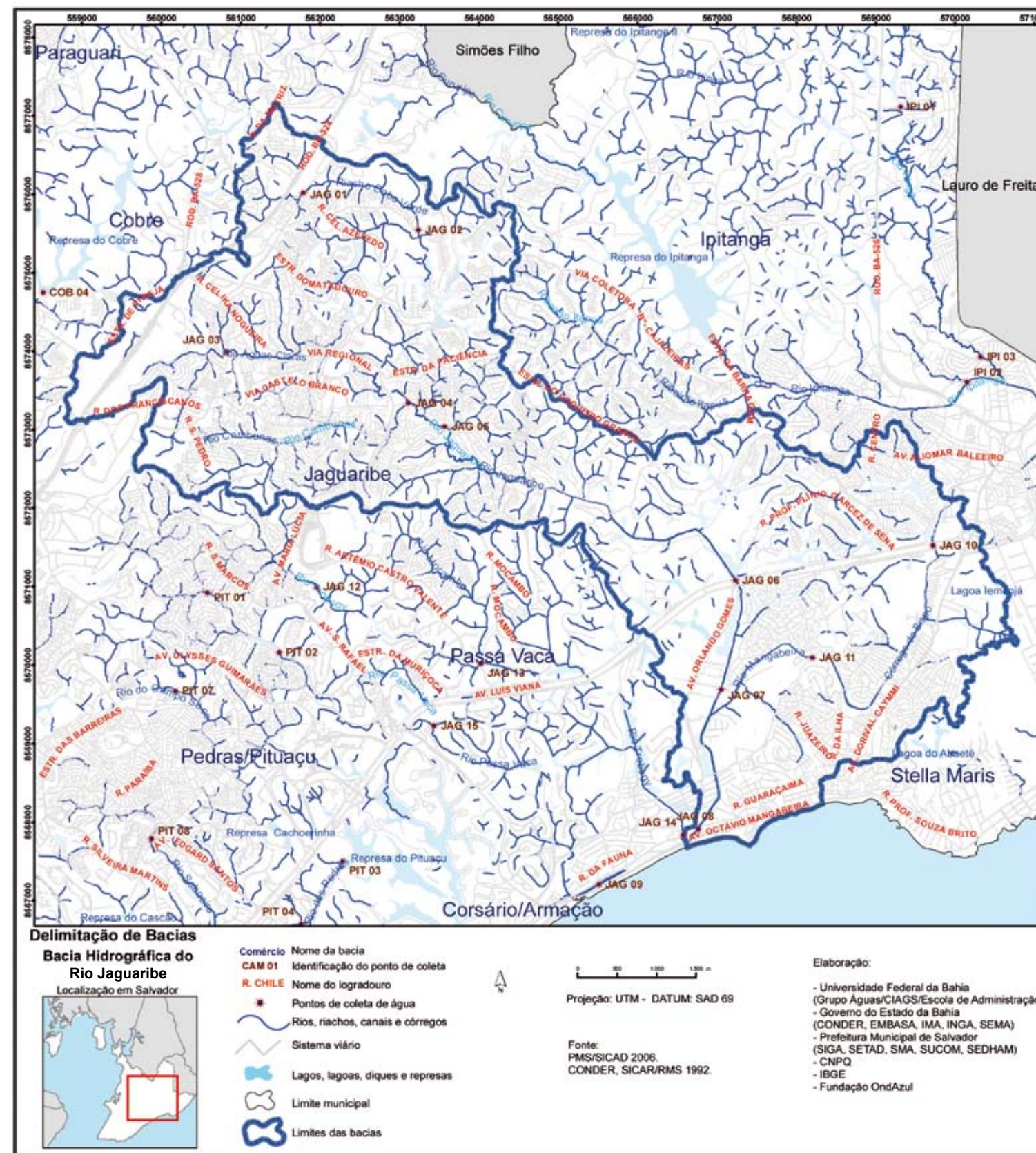


Figura 01. Bacia do Rio Jaguaribe e localização das estações de coleta de amostras de água

QUALIDADE DAS ÁGUAS

Os resultados das análises dos parâmetros bacteriológicos e físico-químicos dessa Bacia podem ser observados nas figuras 02 a 08.

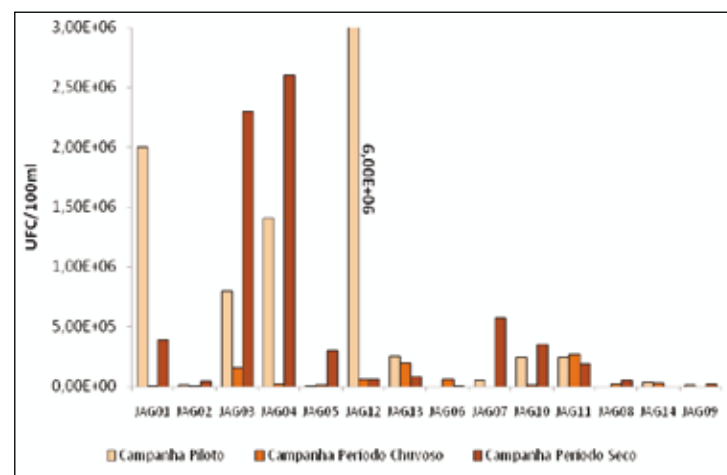


Figura 02. Coliformes Termotolerantes na Bacia do Rio Jaguaribe

A figura 02 mostra que as estações JAG012, JAG04, JAG03, JAG01, JAG07, JAG11, JAG10, JAG13 e JAG05 apresentaram valores de Coliformes Termotolerantes que violaram ao estabelecido na Resolução CONAMA n. 357/05 para águas doces classe 2.

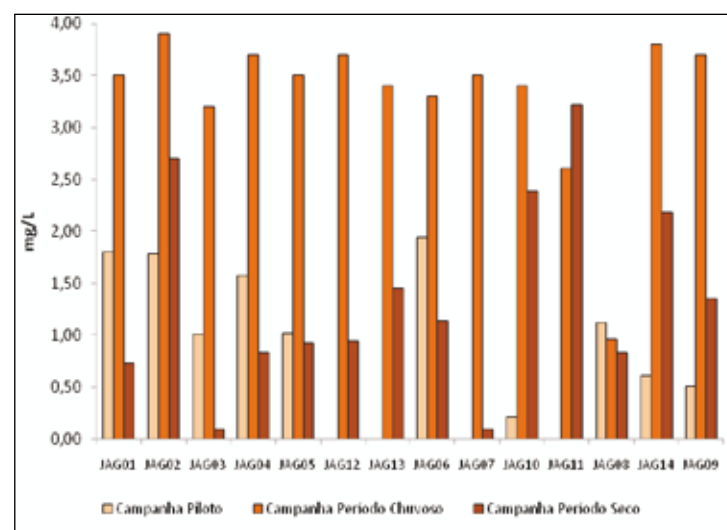


Figura 03. OD na Bacia do Rio Jaguaribe

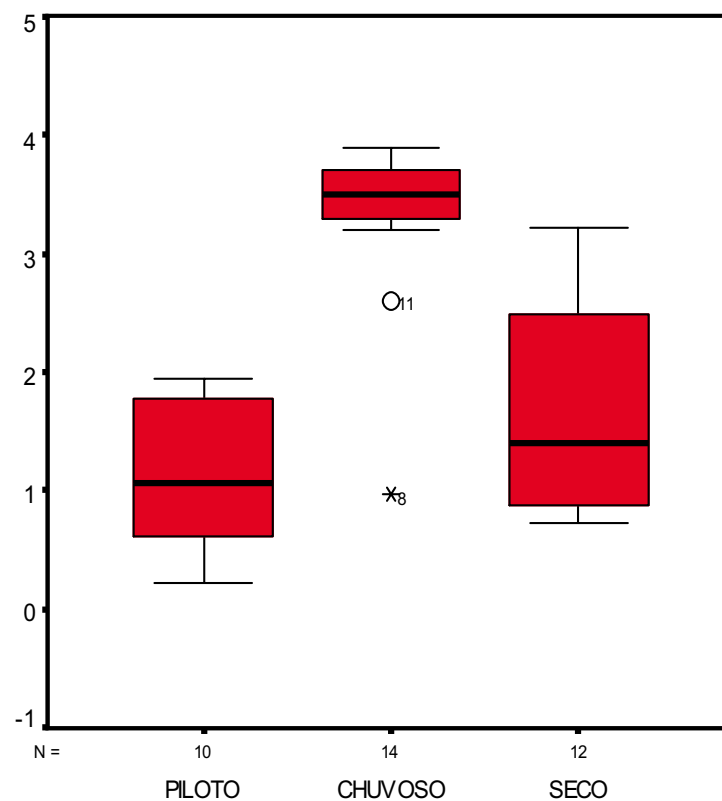


Figura 04. Comparação das Concentrações de OD (mg/L) na Bacia do Rio Jaguaribe nas 3 Campanhas

A concentração de OD é menor que 5mg/L estabelecida pela Resolução CONAMA n. 357/05 para águas doces classe 2 em todas as estações e em todas as campanhas conforme mostra a figura 03. A comparação de concentrações de OD mostra os menores valores na campanha piloto e na campanha de período seco, como pode ser visto na figura 04.

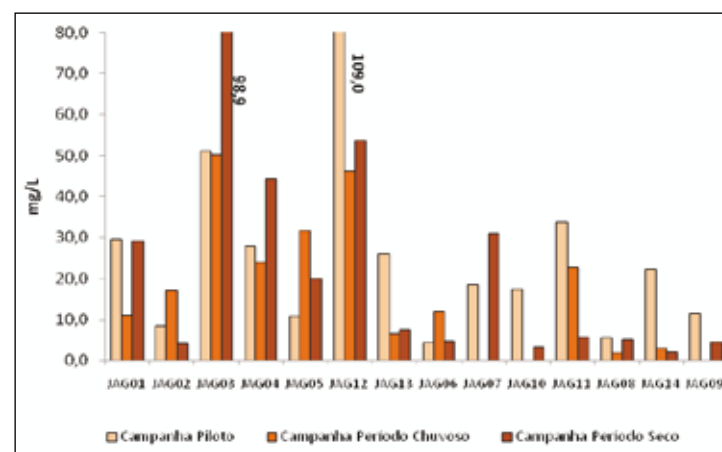


Figura 05. DBO na Bacia do Rio Jaguaribe

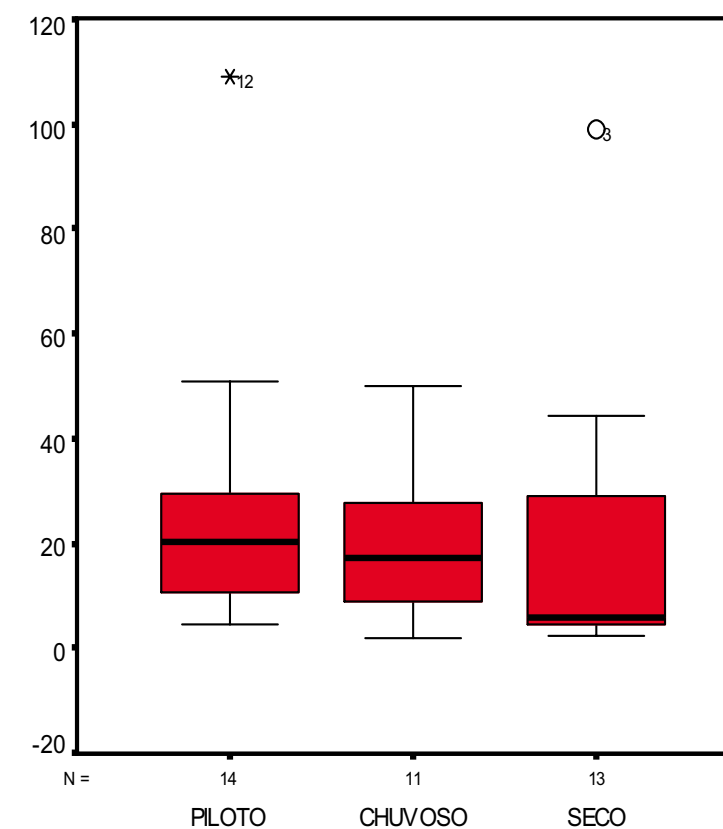


Figura 06. Comparação das Concentrações de DBO (mg/L) na Bacia do Rio Jaguaribe nas 3 Campanhas

A figura 05 mostra que a DBO é elevada nas estações JAG03 (afluente), JAG12 (outro afluente), JAG04, JAG1, JAG05, JAG11 e JAG07 nas campanhas realizadas e a figura 06 mostra que as concentrações de DBO foram próximas nas campanhas piloto e de período chuvoso e menores na campanha de período seco.

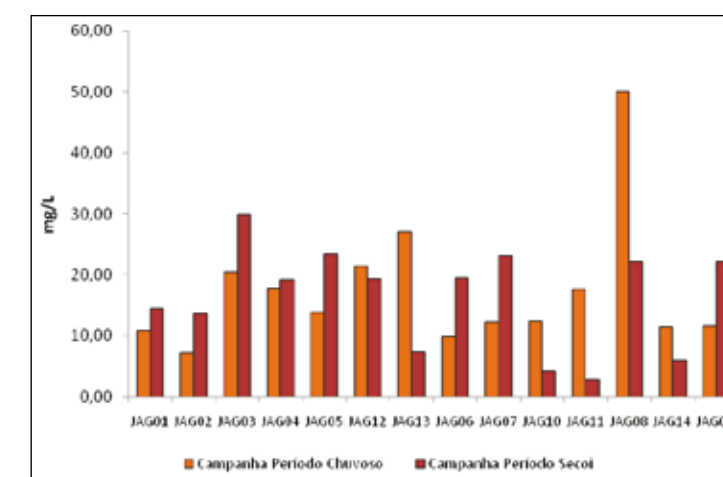


Figura 07. Nitrogênio Total na Bacia do Rio Jaguaribe

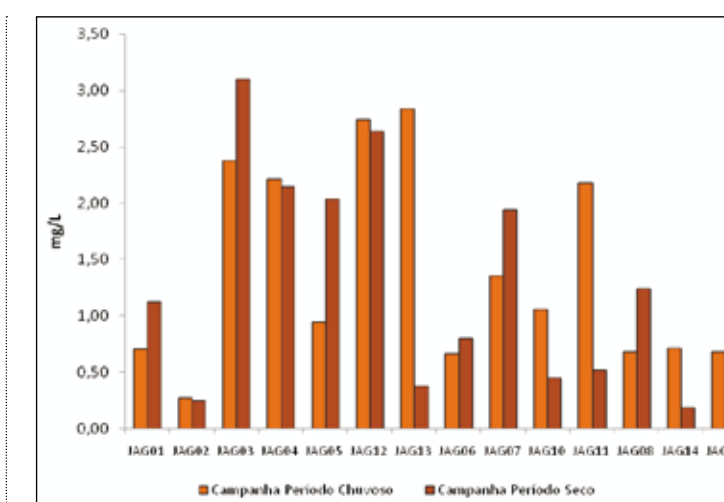


Figura 08. Fósforo Total na Bacia do Rio Jaguaribe

As figuras 07 e 08 mostram que as concentrações de Nitrogênio Total e Fósforo Total maiores em todas as estações, tanto na campanha de período chuvoso quanto na de período seco, que o valor estabelecido na Resolução CONAMA n. 357/05 para águas doces classe 2. As concentrações de Nitrogênio total foram menores nas estações JAG02 e JAG06 na campanha de período chuvoso e menores ainda nas estações JAG11, JAG10, JAG14 e JAG13 na campanha de período seco. As estações que apresentaram menores concentrações de Fósforo Total foram JAG02, JAG01, JAG 08, JAG14 e JAG09 na campanha de período chuvoso e JAG14, JAG02, JAG13, JAG10 e JAG11 na campanha de período seco.

O Índice de Qualidade das Águas - IQA das estações monitorizadas no Rio Jaguaribe classifica-se na categoria Péssimo nas estações JAG03, JAG09, JAG04 e JAG06 na campanha de período seco e nas estações JAG13 e JAG14 na categoria Regular e em todas as outras da campanha do período chuvoso na Categoria Ruim, como mostra a figura 09.

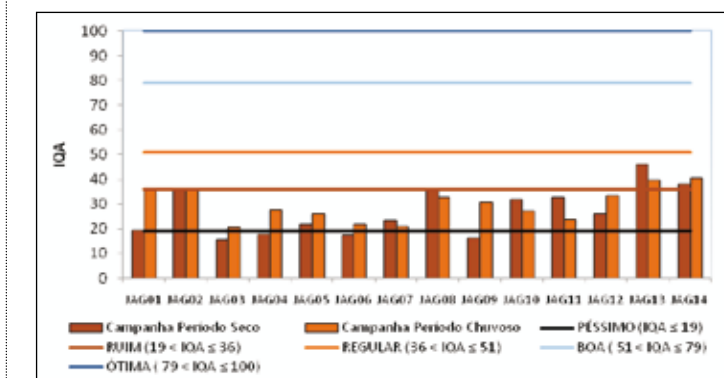


Figura 09. IQA nas estações da Bacia do Rio Jaguaribe

Visando conhecer a vazão do Rio Jaguaribe, realizou-se também a medição de descarga líquida em uma estação (JAG06), situada na Av. Paralela, coordenadas geográficas Latitude 38° 22' 47,1" e Longitude 12° 55' 32,2", em 13/08/2008 (Tempo Chuvoso). O resultado obtido na primeira medição foi de $Q_1=0,975\text{m}^3/\text{s}$ e na segunda

medição de $Q_2=0,825\text{m}^3/\text{s}$, com uma vazão média, $Q_m=0,900\text{m}^3/\text{s}$.

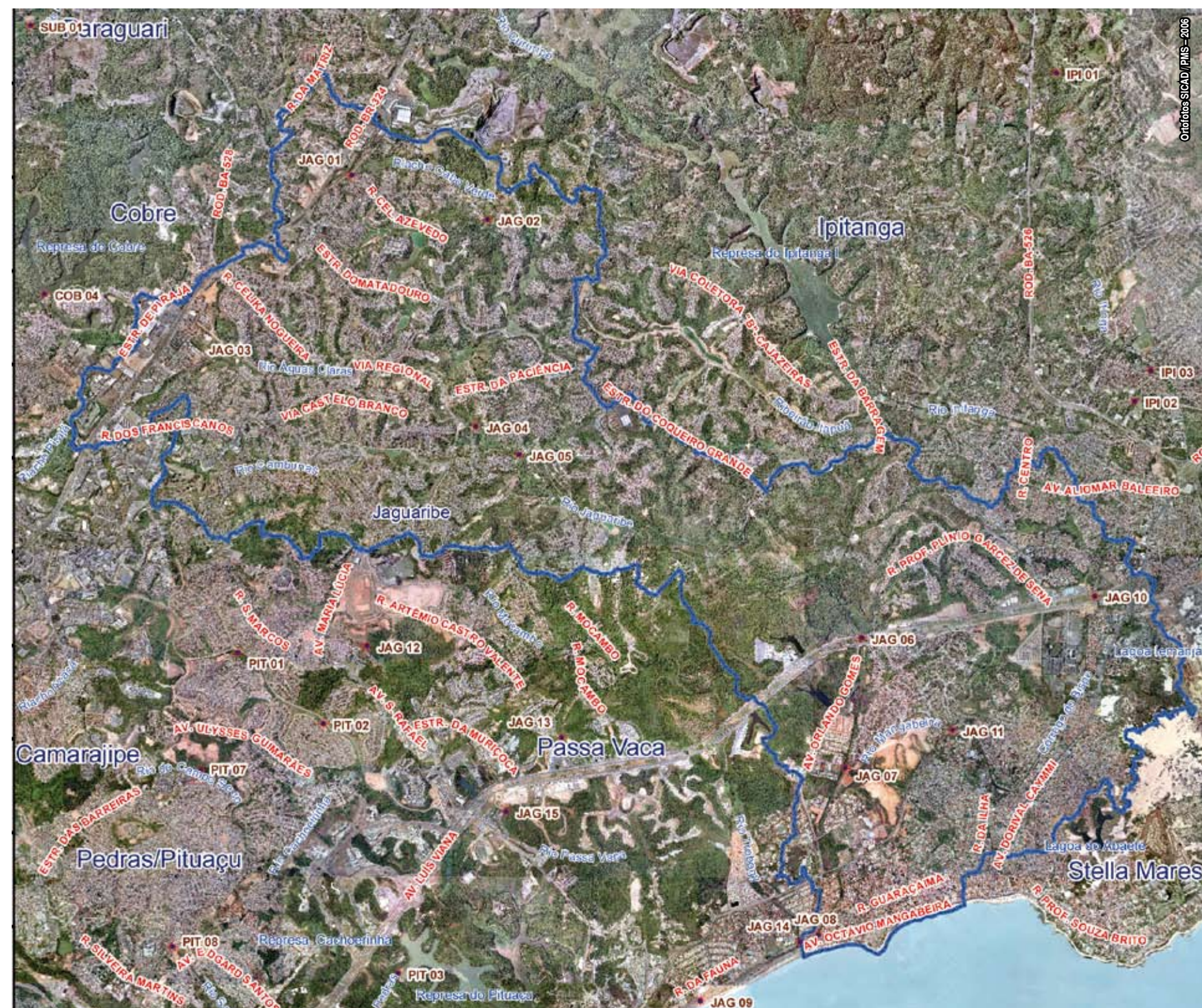
No momento de realização da medição de vazão foi coletada amostra de água para análise de qualidade, o que permitiu o cálculo da carga no Rio (JAG06), apresentada na tabela 01, para os parâmetros DBO_5 , Nitrogênio Total e Fósforo Total.

Tabela 01. Resultados das medições de vazão e das cargas de DBO_5 , Fósforo Total e Nitrogênio Total

Estação	Vazão Média m^3/s	DBO_5 mg/L	DBO_5 t/dia	Nitrogênio Total mg/L N	Nitrogênio Total t/dia	Fósforo Total mg/L P	Fósforo Total t/dia
JAG 06	0,900	11,8	0,92	9,8	0,76	0,66	0,05

Vale ressaltar que esses valores de carga são indicativos apenas de uma data e somente ilustrativos, considerando-se a necessidade de se analisar resultados qualitativos e quantitativos de uma série histórica, para uma representatividade da realidade da Bacia.

Parte dos bairros inseridos nessa Bacia é atendida pelo Sistema de Esgotamento Sanitário de Salvador. Os demais estão sendo contemplados com obras de implantação de redes coletoras de esgotamento sanitário e estações elevatórias. Existem ligações clandestinas de esgotos sanitários à rede pluvial, em função de dificuldades topográficas, resistência por parte de cidadãos em conectar seus imóveis à rede coletora pública de esgotamento sanitário, ocupação desordenada, com a existência de imóveis sobre galerias e canais de drenagem, em fundos de vale e encostas gerando dificuldades de implantação da rede coletora de esgoto, além de reformas e ampliações de imóveis sem a devida regularização junto à Prefeitura Municipal de Salvador.



Bacia Hidrográfica do Rio Jaguaribe



Largo Castelo Branco – 1ª etapa do bairro, 2009

CASTELO BRANCO

O bairro **Castelo Branco** teve origem com a construção do conjunto habitacional, na década de 1970, para abrigar funcionários do Estado. Atualmente, é dividido em cinco etapas e pouco lembra o tempo em que foi criado. Segundo Fernanda Paula Conceição, presidente do **Conselho de Moradores de Castelo Branco**, há mais de vinte anos ocorrem ocupações espontâneas no local, que modificaram desde a sua paisagem urbana até a vida socioeconômica da população. Ela conta: “o bairro recebeu uma comunidade circunvizinha que promoveu um grande crescimento. Com a vinda de novos moradores, o comércio teve que se adequar e os serviços tiveram que ser otimizados”.

O nome original do bairro era **Conjunto Habitacional Cidade Castelo Branco**, em homenagem ao ex-presidente da República, Humberto de Alencar Castelo Branco. Na **Praça da Primeira Etapa** está situado o busto do ex-presidente e é onde acontece a feira livre, considerada por Conceição como ponto de referência do bairro. “Atualmente leva o nome de **Praça Mestre Gude**, uma homenagem a um cidadão daqui da comunidade, que vivia nessa praça”.

Castelo Branco é margeado pelo **Rio Camarajipe** no limite com o bairro de **Campinas de Pirajá**, nele, também se encontra a principal nascente do **Rio Jaguaripe**. Conforme Fernanda Conceição, no limite com o bairro **Águas Claras**, havia o **rio Águas Claras** que, além de abastecer a região, era o entretenimento da comunidade.

Apesar de predominantemente residencial, Castelo Branco tem entre seus principais equipamentos públicos: o **Posto de Saúde Cecy**

Andrade, o **20º Centro de Saúde**, a **Escola Estadual Dona Arlete Magalhães**, a **Escola Municipal Castelo Branco**, o **Colégio Estadual Raimundo Almeida Gouveia**, o **Colégio Municipal Luiz Rogério**, o **Centro Social Urbano** e a **Colônia Lafayette Coutinho**, antiga **Pedra Preta**, custódia de presos a penas privativas de liberdade, em regime semi-aberto.

Há 20 anos, todo sábado de carnaval, o bloco “**As Derrubadas**” desfila pelas ruas de Castelo Branco. São homens vestidos de mulher, com roupas padronizadas e sem cordas. Surgiu com um grupo de idosos que, por morarem longe do circuito oficial do carnaval, resolveram fazer sua própria folia.

Entre as peculiaridades do bairro, Conceição destaca moradores que trabalham no **Bando de Teatro Olodum**, no filme “O Pai Ó”. Tem ainda Dona Dete que “veio de outro Estado com dinheiro para pagar apenas um mês de aluguel, começou vendendo mingau na feira e hoje emprega 18 pessoas do próprio bairro. Cresceu aqui dentro, gerou emprego e renda, isso para mim é uma lição muito positiva”. A **Academia da Capoeira** é também um destaque no bairro, pois entrou no Guinness Book por “realizarmos 30 horas de capoeira aqui na comunidade. Realizamos o maior tempo em uma roda de capoeira, e trouxeram para cá o ator Dennis Glover”.

Castelo Branco tem uma população de 30.351 habitantes, o que corresponde a 1,24% da população de Salvador; concentra 1,22% dos domicílios da cidade, estando 22,98% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 33,57% dos seus chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudo.



CASTELO BRANCO

Localização em Salvador



IBRAGENS DE REFERÊNCIA	CODIGO
COL. PR. UNIV. FEDERAL DA BAHIA	452
COL. PENAL VILA DE GUARANI	2570
COL. BELLEROS BRANCO	3373
COL. PRES. GOMES	502
EMBASA	1134
ESC. MANOEL BARRAL	3454
ESC. MANOEL BACHION	3452
ESC. PROF. RIBESCOFFERS	3452
LACERDA BRANCO VILA DE GUARANI	2985
LINHA FERROV. SALVADOR-CARVALHO	3073

- Nome do Bairro
- R. Chão Nome do Logradouro
- 449 Código da Edif. de Referência
- Edificações de Referência
- CS Limite de Bairros

Fonte:
PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
- Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
- CNPQ
- IBGE
- Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se na Via Regional, por onde segue até seu cruzamento com a Rua Rio Cambonas, por onde segue até o seu cruzamento com a Rua Aloísio Ribeiro. Daí segue por esta via até alcançar o leito do Rio Cambonas. Daí segue pelo leito desse rio até a Rua da Luz, por onde segue até alcançar a Rua Genaro de Carvalho, por onde segue até o seu cruzamento com a Rua dos Franciscanos, por onde segue até a Rua Apostolados da Oração, por onde segue até sua interseção com a Travessa dos Franciscanos. Segue por esta via até sua confluência com a Rua Doutor Oswaldo Cruz, por onde segue pelo leito do curso d'água, até o ponto de início da descrição do limite desse bairro.

● ÁGUAS CLARAS

Segundo Sabina de Andrade Oliveira, vice-presidente do **Conselho de Moradores do Loteamento João de Barro I e II, Águas Claras**, há 40 anos, o bairro **Águas Claras** só tinha casas de taipa. Não havia água encanada, luz elétrica nem transporte coletivo: “tirávamos o material da mata que existia onde hoje é **Cajazeiras III**”. Por todo lugar corria água muito limpa e cristalina, “o rio que cortava essa área era chamado de ‘Praia dos Pretos’, oficialmente denominado de **Riacho Cabo Verde**, onde costumávamos descer para pescar. Levávamos carne para assar e passávamos todo o dia nos divertindo”.

Hospital Dom Rodrigo de Meneses



Foto: Danilo Bandeira

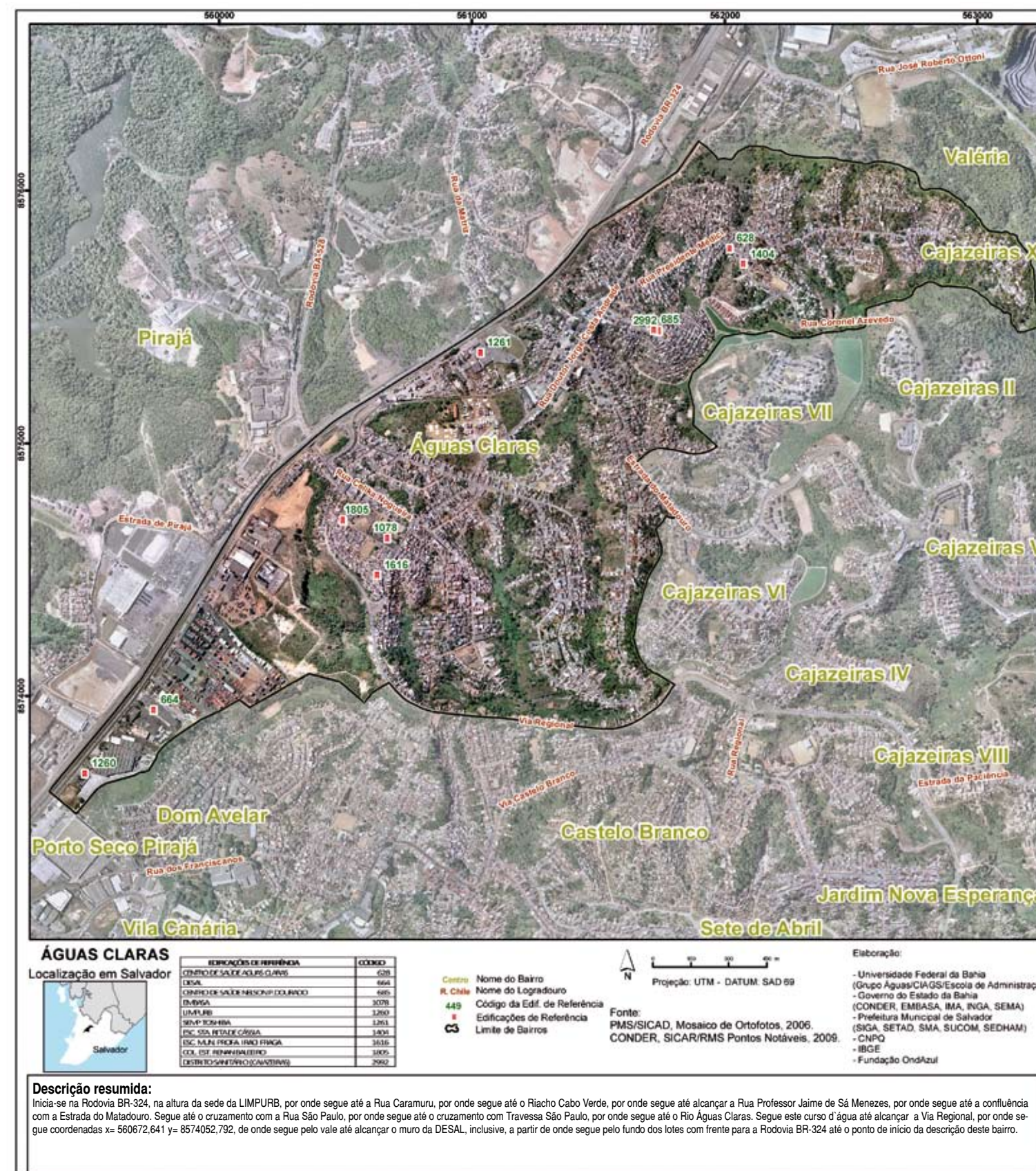
Oliveira afirma que o nome do bairro está relacionado à existência de águas límpidas, que fluíam quando o local ainda era o **Sítio da Apresentação**. Por causa disso, os proprietários do sítio, passaram a chamar o rio e o local de **Águas Claras**. “No fundo do Hospital Rodrigo de Menezes, ainda existem resquícios desse patrimônio ambiental, só que as águas estão poluídas.” Os riachos Águas Claras e Cabo Verde são nascentes do Rio Jaguaripe.

Águas Claras está situado nas margens da Rodovia BR – 324. A constituição do bairro está vinculada à instalação do **Hospital Dom Rodrigo de Menezes**, em 1949, e à construção de casas para funcionários públicos – quando então foi aberta a rua principal. Com a construção de um matadouro e de casas para os seus funcionários, o povoamento se tornou mais denso, sendo consolidado com a construção dos conjuntos habitacionais do **Complexo Cajazeiras/Fazenda Grande**, em meados dos anos setenta.

A instalação dos serviços urbanos no bairro foi fruto da luta da **Associação de Moradores** e de um grupo de mulheres. Apesar da antiga **URBIS** ter construído o **Loteamento João de Barro I e II**, foi a luta dos moradores que garantiu a presença da comunidade no loteamento: “só quem recebia os lotes era gente empregada, o povo não tinha direito, assim, nos reunimos e invadimos esse loteamento. Tomamos surra da polícia, batemos nos funcionários da URBIS, queimamos carro... mas conseguimos”.

Em Águas Claras existem diversas organizações comprometidas com a melhoria da qualidade de vida dos moradores do bairro. A **Cooperativa Arte Mãos** reúne mulheres desde 1997 em torno do trabalho de confecção de bonecas de pano negras. A Cooperativa se constituiu em 2004, com o apoio da **ONG Vida Brasil**. O **Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (MORHAN)** desde 1987 oferece serviços de saúde à comunidade e desenvolve oficinas de capoeira, dança e computação. A **Creche-Escola Tia Sabina**, fundada há 35 anos, é dirigida por Sabina Oliveira e atende às crianças da região. A **Juventude Ativista de Cajazeiras (JACA)** agrega jovens dispostos a promover ações dentro da comunidade, como articular e promover grupos culturais e criar um jornal comunitário.

Águas Claras possui uma população de 31.805 habitantes, o que corresponde a 1,30% da população de Salvador; concentra 1,25% dos domicílios da cidade, estando 26,51% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 35,50% dos seus chefes de família têm entre 4 a 7 anos de estudo.





Igreja São José Operário

DOM AVELAR

Localizado no “miolo” de Salvador, o bairro **Dom Avelar** surgiu do loteamento da **Chácara São José**, há mais de trinta anos. Nessa época, ainda existia uma reserva da Mata Atlântica, não havia transporte coletivo, luz elétrica nem água encanada, e o local chamava-se São José.

Conforme Antonia Silva, antiga moradora do bairro, parte da chácara foi doada à Igreja Católica, que tem grande influência no bairro. O nome do bairro é uma homenagem a D. Avelar Brandão Vilela, Cardeal Primaz do Brasil, que faleceu em dezembro de 1986. O símbolo do bairro, na opinião de Elisângela da Silva, é a **Igreja de São José Operário**, suas ruas têm nomes católicos e a festa que mobiliza toda a comunidade acontece no dia 1º de maio, em louvor a São José Operário.

A falta de planejamento e as construções irregulares, ao longo do tempo, represaram um riacho que corria na **Rua Bartolomeu Dias**, a ponto de ele tornar-se um charco e causar sérios problemas de saneamento básico.

Segundo Elisângela Dias da Silva, vice-presidente da **Associação de Moradores Força e Luz**, os equipamentos públicos como a **Escola Municipal Dona Isabel Brandão Vilela**, a **Escola Estadual Conselheiro Vicente Pacheco** e o **Posto de Saúde** atendem bem a população.

Dom Avelar tem uma população de 9.854 habitantes, o que corresponde a 0,40% da população de Salvador; concentra 0,39% dos domicílios da cidade, estando 23,48% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 35,06% dos seus chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudo.



DOM AVELAR

Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
ESC. D. ISABEL BRANDÃO VILELA	411
COL. EST. CONS. VICENTE PACHECO DE OLIVEIRA	412
CENTRO DE SAÚDES DOM AVELAR	636
ESC. 1º GRAU BATIST. CENTENÁRIO	1689

Centro Nome do Bairro
R. Cidade Nome do Logradouro
449 Código da Edif. de Referência
CS Edificações de Referência
CS Limite de Bairros

Projeção: UTM - DATUM SAD 69

Fonte:
PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006,
CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
- Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
- CNPQ
- IBGE
- Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se no cruzamento da Rua Genaro de Carvalho com a Rua dos Cursilhistas, de onde segue até seu cruzamento com a Rua dos Franciscanos. Daí segue até alcançar os limites do Centro de Distribuição do Wal Mart, LIMPURB, e DESAL, exclusive, até alcançar a Rua Doutor Oswaldo Cruz, por onde segue até sua interseção com a Travessa dos Franciscanos. Daí segue por até o seu cruzamento com a Rua Apostolados da Oração, por onde segue até a Rua dos Franciscanos. Segue por este logradouro até o seu cruzamento com a Rua Genaro de Carvalho, por onde segue até o ponto de início da descrição do limite desse bairro.

● CAJAZEIRAS IV, V, VII, VIII, X, VI, II

Os bairros de **Cajazeiras**, na seqüência indicada no título, surgiram a partir do final da década de 1970 com o porte de uma cidade média, em área de antigas fazendas que foram desapropriadas, pelo então governador Roberto Santos. “Uma cidade de 150 mil habitantes está nascendo em Salvador”. “É o maior bairro da América Latina, com 16 milhões de metros quadrados”. São referências, corriqueiras, atribuídas há décadas, a estes bairros, pela imprensa local.

O projeto previa a construção de uma cidade de porte médio nessa região, dotada de sistema viário, esgotamento sanitário, abastecimento de água, luz e equipamentos comunitários. Hoje, esse complexo encontra-se desmembrado, formando os bairros: **Cajazeiras IV, Cajazeiras V, Cajazeiras VII, Cajazeiras VIII, Cajazeiras X, Cajazeiras VI e Cajazeiras II.**

Em 1977, a Hidroservice estruturou o **Plano Urbanístico Integrado Cajazeiras** que previa a urbanização de uma área de dezesseis milhões de metros quadrados. Dois anos depois, o plano foi revisado pela Empresa de Habitação e Urbanismo da Bahia - URBIS e foi integrado à área de Fazenda Grande, passando a ser então denominado de **Plano Urbanístico Integrado Cajazeira/Fazenda Grande**. Finalmente, em 1981, foi construído o primeiro setor com a nomenclatura Cajazeiras IV.

O “novo” núcleo urbano foi projetado para ter sete creches, quatorze escolas de educação pré-escolar, dezenove escolas de 1º grau e três de 2º grau, onze centros de saúde, uma delegacia, dois postos policiais, sete centros comunitários, dois postos de gasolina e um clube. Hoje, Cajazeiras IV, segundo Luís Carlos Pinto, presidente da Associação de Moradores de Cajazeiras IV, conta com a **Escola Estadual Edvaldo Brandão Correia**, um Posto de Saúde da Família e uma Indústria Comunitária que atende algumas atividades como confecções. Na Via Regional, há uma nascente, na qual carros pipas se abastecem.

Ao final da década de 1980, o conjunto das Cajazeiras já era visto como uma “verdadeira cidade na periferia de Salvador”. A sua extensão fez nascer a **Uamerçi (União das Associações de Moradores e Entidades Representativas das Cajazeiras)**, que reúne trinta e uma entidades locais

Construído sobre colinas, o verde é abundante e enorme é a quantidade de árvores frutíferas como jaqueiras, mangueiras e coqueiros. Os bairros têm um clima muito agradável, por isso, ape-



Foto: Danilo Bandeira

Cajazeiras V



Foto: Elba Veiga

Cajazeiras VIII

sar da distância do centro da cidade e das dificuldades estruturais, seus moradores, consideram as Cajazeiras um bom lugar para se viver.

Cajazeiras IV possui uma população de 3.150 habitantes, o que corresponde a 0,13% da população de Salvador; concentra 0,12% dos domicílios da cidade, estando 20,15% dos seus chefes de família situados na faixa de mais de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 34,75% dos seus chefes de família têm entre 11 a 14 anos de estudo.

Cajazeiras V é dotada pelos seguintes equipamentos públicos: a **Escola Estadual Batista Neves**; a **Unidade de Saúde da Família Cajazeiras V**; a **Paróquia da Santíssima Virgem Maria de Nazaré**; a **Escola Deputado Naomar Alcântara**; o **Centro de Especialidades Odontológicas** e a **Escola Estadual Elysio Ataíde**.

Cajazeiras V possui uma população de 4.700 habitantes, o que corresponde a 0,19% da população de Salvador; concentra 0,19% dos domicílios da cidade, estando 20,76% dos seus chefes de fami-

lia situados na faixa de mais de 3 a 5 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 38,86% dos seus chefes de família têm entre 11 a 14 anos de estudo.

Em Cajazeiras VII, o **Bar do Joel**, segundo Rute Cortes Nascimento, presidente da Associação de Moradores de Cajazeiras VII, é a marca do bairro. É lá que se realizam as festividades do Dia das Mães, São João e Dia dos Pais. Entre os principais equipamentos deste bairro estão: o **Colégio Estadual Luis Fernando de Macedo Costa** e a **Escola Municipal Irmã Dulce**.

Cajazeiras VII possui uma população de 4.455 habitantes, o que corresponde a 0,18% da população de Salvador; concentra 0,18% dos domicílios da cidade, estando 22,25% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 30,19% dos seus chefes de família têm entre 11 a 14 anos de estudo.

O **Loteamento Jardim Mangabeira**, situado em Cajazeiras VIII é um grande destaque neste bairro. Esta localidade formou-se a partir de uma ocupação espontânea, muito carente de serviços básicos, e

que hoje conta com um posto de saúde, a **Escola Municipal Pedro Ribeiro** e a **Escola Municipal Sônia Cavalcante**.

Cajazeiras VIII possui uma população de 11.425 habitantes, o que corresponde a 0,47% da população de Salvador; concentra 0,48% dos domicílios da cidade, estando 24,37% dos seus chefes de família situados na faixa de mais de meio a 1 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 31,05% dos seus chefes de família têm entre 4 a 7 anos de estudo.

Em Cajazeiras X foi criado o **Projeto CajaArte** que há mais de um ano promove palestras nas escolas públicas de todas as Cajazeiras. Neste bairro, o **Colégio Estadual Mora Guimarães**, o **Colégio Estadual Nelson Barros**, a **13ª Delegacia de Polícia** e a **Fundação Bradesco** são os principais equipamentos. Todos os anos, no dia 12 de setembro, aniversário do bairro, a **União de Associação dos Moradores e Entidades Representativas das Cajazeiras e Adjacências**, realiza a **Feira de Ação Global**, um evento cultural e educativo.

Cajazeiras X possui uma população de 7.690 habitantes, o que corresponde a 0,31% da população de Salvador; concentra 0,30% dos domicílios da cidade, estando 22,16% dos seus chefes de família situados na faixa de mais de 1 a 2 salários mínimos. No que se

refere à escolaridade, constata-se que 27,82% dos seus chefes de família têm entre 4 a 7 anos de estudo.

Cajazeiras VI, conta com os seguintes equipamentos públicos: **Colégio Estadual Ana Bernardes** e a **Escola Municipal Oscar da Penha** e possui uma população de 6.745 habitantes, o que corresponde a 0,28% da população de Salvador; concentra 0,27% dos domicílios da cidade, estando 21,05% dos seus chefes de família situados na faixa de mais de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 35,78% dos seus chefes de família têm entre 11 a 14 anos de estudo.

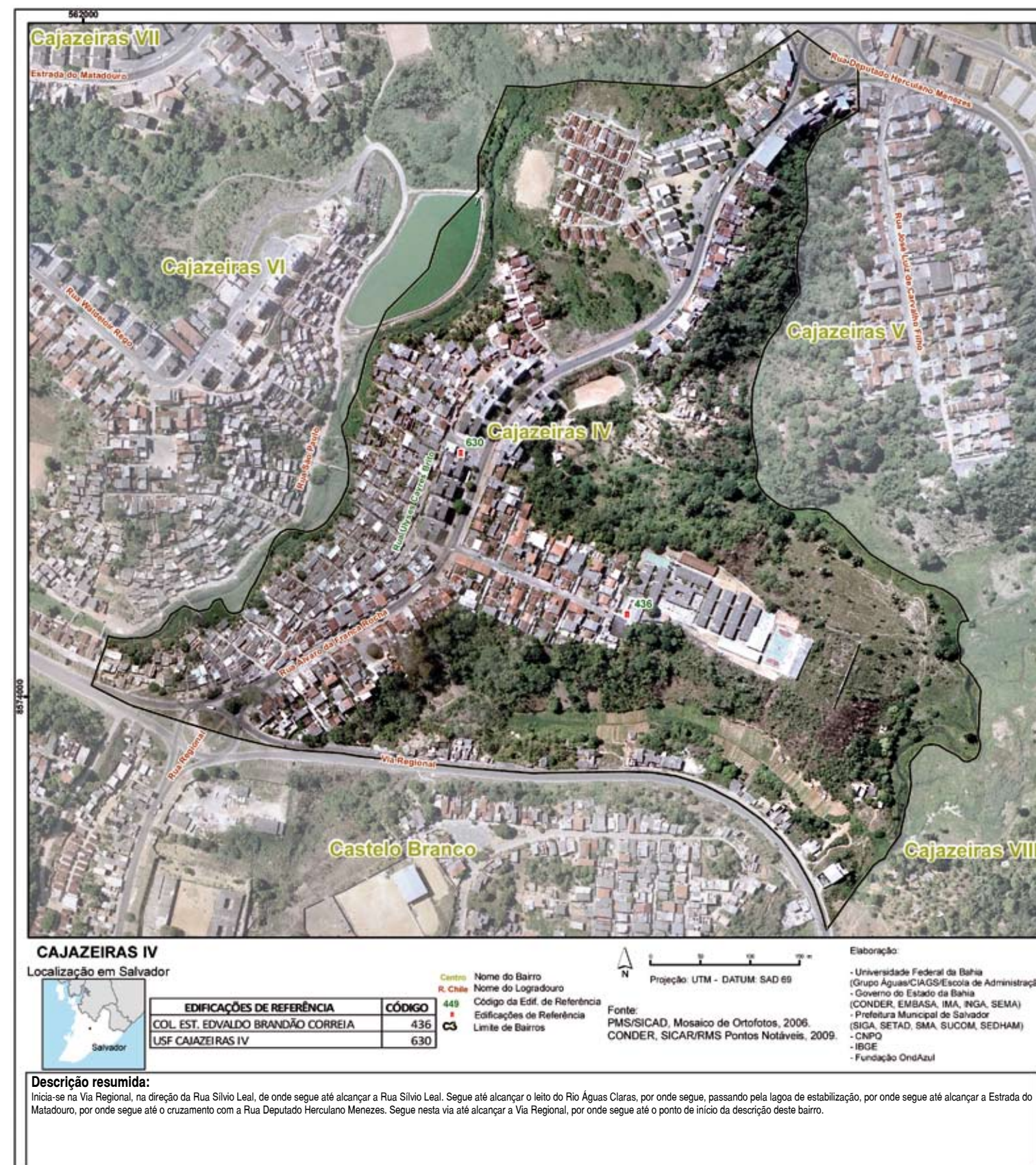
Em Cajazeiras II, o último conjunto a ser construído, destaca-se o **Riacho do Leprosário**, um dos afluentes do **Rio Jaguaripe**. Este bairro conta com os seguintes equipamentos: o **Colégio Estadual Guiomar Florence**, o **Hospital Especializado Dom Rodrigo de Menezes** e o **Hospital de Cajazeiras II**.

Cajazeiras II possui uma população de 1.339 habitantes, o que corresponde a 0,05% da população de Salvador; concentra 0,06% dos domicílios da cidade, estando 28,85% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 3 a 5 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 51,92% dos seus chefes de família têm entre 11 a 14 anos de estudo.



Praça Jardim das Mangueiras

Foto: Danilo Bandeira



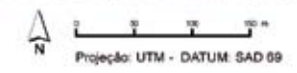


CAJAZEIRAS V
Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
CENTRO DE SAÚDE VIEIRA CAMPELO	433
ESC. DEP. NAOMAR ALCANTARA	434
ESC. EST. ELYSIO ATHAIDE	1443
ESC. EST. BATISTA NEVES	1624
USP CAJAZEIRAS V	2940
CEO (CAJAZEIRAS)	3274

- C** Nome do Bairro
- R. CNR** Nome do Logradouro
- 449** Código da Edif. de Referência
- Edificações de Referência
- CS** Limite de Bairros



Fonte:
PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
- Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
- CNPQ
- IBGE
- Fundação OndAzul

Descrição resumida:
Inicia-se no cruzamento entre a Rua Deputado Herculano Menezes com a Estrada do Matadouro, por onde segue até alcançar a lagoa de estabilização, seguindo em direção ao Rio Águas Claras, passando pela lagoa de estabilização, seguindo em direção ao Rio Cajá e pelo Riacho Águas Claras, por onde segue pelo vale até alcançar a Rua Deputado Herculano Menezes, por onde segue até o ponto de início da descrição deste bairro.

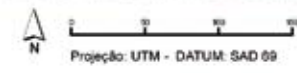


CAJAZEIRAS VII
Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
COL. EST. LUIZ FERNANDO MACEDO COSTA	431
ESC. MUN. DRA. MIRIAM DO CARMO VILÇA	3622
ESC. MUN. IRMÃ DULCE	3274

- C** Nome do Bairro
- R. CNR** Nome do Logradouro
- 449** Código da Edif. de Referência
- Edificações de Referência
- CS** Limite de Bairros



Fonte:
PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
- Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
- CNPQ
- IBGE
- Fundação OndAzul

Descrição resumida:
Inicia-se no cruzamento da Rua São Paulo com a Estrada do Matadouro, por onde segue até a Rua do Boiadeiro, de onde segue até alcançar a Rua Professor Jaime de Sá Menezes, por onde segue até a lagoa de estabilização, até alcançar o Rio Águas Claras, de onde segue até a Estrada do Matadouro. Segue nesta via até fundo dos lotes com frente para a mesma, de onde volta a alcançar o eixo da Estrada do Matadouro no ponto de início da descrição deste bairro.



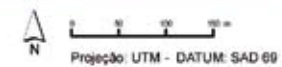
CAJAZEIRAS VIII

Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
HOSPITAL JAVANOVE	630
CAJAZEIRAS JOVANNHECUMBA	633
ONE MAN BLOC INF. JAVANOCUMBA	3286
ESC. DR. WAGEL DE OLIVEIRA	3283
CENSO MÉDICO JAVANOVE	3254
ESC. MAN. PROF. RIGOROSO RANCO	3270

C Centro
R. Chile Nome do Bairro
449 Nome do Logradouro
449 Código da Edif. de Referência
CS Edificações de Referência
CS Limite de Bairros



Projeção: UTM - DATUM: SAD 69
 Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
 CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
 - Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - CNPO
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se no cruzamento da Estrada da Paciência com a Via Regional, por onde segue pelo vale, até alcançar a Rua Deputado Herculano Menezes, por onde segue até encontra um curso d'água, por onde segue até alcançar a Avenida Engenheiro Raymundo Carlos Nery, por onde segue até o cruzamento com a Estrada do Coqueiro Grande, por onde segue até alcançar o fundo dos lotes com frente para a Rua Washington Halye, de onde segue, passando pela referida rua, até alcançar o Rio Jaguaribe, por onde segue até alcançar a Via Regional, por onde segue até o ponto de início da descrição deste bairro.



CAJAZEIRAS X

Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
COL. EST. PROF. NELSON BARROS	437
CS DR. GABRIEL CEDRAZ	439
13° CP - DELEGACIA	2241

C Centro
R. Chile Nome do Bairro
449 Nome do Logradouro
449 Código da Edif. de Referência
CS Edificações de Referência
CS Limite de Bairros



Projeção: UTM - DATUM: SAD 69
 Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
 CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
 - Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - CNPO
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se na Rua Deputado Herculano Menezes, de onde segue até o Rio Águas Claras, por onde segue até alcançar o fundo dos lotes com frente para a Avenida Engenheiro Raymundo Carlos Nery. Segue pelo fundo destes lotes até alcançar novamente a Avenida Engenheiro Raymundo Carlos Nery, por onde segue até a rotatória entre as vias: Avenida Engenheiro Raymundo Carlos Nery, Estrada do Coqueiro Grande e Estrada da Paciência. Segue pelo vale e depois em direção a Rua Deputado Herculano Menezes, por onde segue. Segue nesta via até o ponto de início da descrição deste bairro.



CAJAZEIRAS VI
Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
ESC. MUN. DOIS DE JUNHO	1456
COL. EST. ANA BERNARDES	1780
ESC. MUN. OSCAR DA PENHA	1725

- Centro Nome do Bairro
- R. Chile Nome do Logradouro
- 449 Código da Edif. de Referência
- Edificações de Referência
- CS Limite de Bairros

Projeção: UTM - DATUM SAD 69

Fonte:
PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
- Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
- CNPO
- IBGE
- Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se no cruzamento da Rua São Paulo com a Estrada do Matadouro, por onde segue pelo fundo dos lotes com frente para esta rua até alcançá-la novamente, de onde segue até o Rio Águas Claras, por onde segue, passando pela lagoa de estabilização, de onde segue em direção a Rua Silvio Leal. Segue até alcançar a Via Regional, por onde segue até o Rio Águas Claras. Segue até alcançar a 4ª Travessa São Paulo, por onde segue até o seu cruzamento com a Travessa São Paulo. Segue nesta até seu cruzamento com a Rua São Paulo, por onde segue até seu cruzamento com a Estrada do Matadouro, por onde segue para o ponto de início de descrição deste bairro.



CAJAZEIRAS II
Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
COL. EST. GUIOMAR FLORENCE	1623
HOSP. ESP. D. RODRIGO DE MENEZES	432
HOSP. DE CAJAZEIRAS II	601

- Centro Nome do Bairro
- R. Chile Nome do Logradouro
- 449 Código da Edif. de Referência
- Edificações de Referência
- CS Limite de Bairros

Projeção: UTM - DATUM SAD 69

Fonte:
PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
- Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
- CNPO
- IBGE
- Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se no Rio Águas Claras, por onde segue, passando pelas lagoas de estabilização, por onde segue pelo Rio do Leprosário até alcançar o Riacho Cabo Verde até retornar ao Rio Águas Claras, ponto de início da descrição deste bairro.



Sede do Esporte Clube Ypiranga

Foto: Danilo Bandeira

VILA CANÁRIA

Há mais de 30 anos, quando o bairro **Vila Canária** surgiu, a região ainda guardava o ar bucólico da fazenda que lhe deu origem. Segundo Cleber Barbosa, presidente da **Associação Comunitária de Vila Canária - ACOVICA**, a fazenda que levava o nome do proprietário, Joel Lopes, foi loteada e, a partir de então, o local começou a ser povoado. “Era uma comunidade com pouca gente, não tinha praça, nem calçamento, não havia luz elétrica e água encanada”, diz Barbosa.

O nome do bairro está relacionado com o antigo cenário do bairro: um lugar cercado pela mata e cheio de canários, por isso o local passou a ser chamado de Vila Canária. Na década de 1970, a área ainda era conhecida como **Loteamento Pau da Lima**.

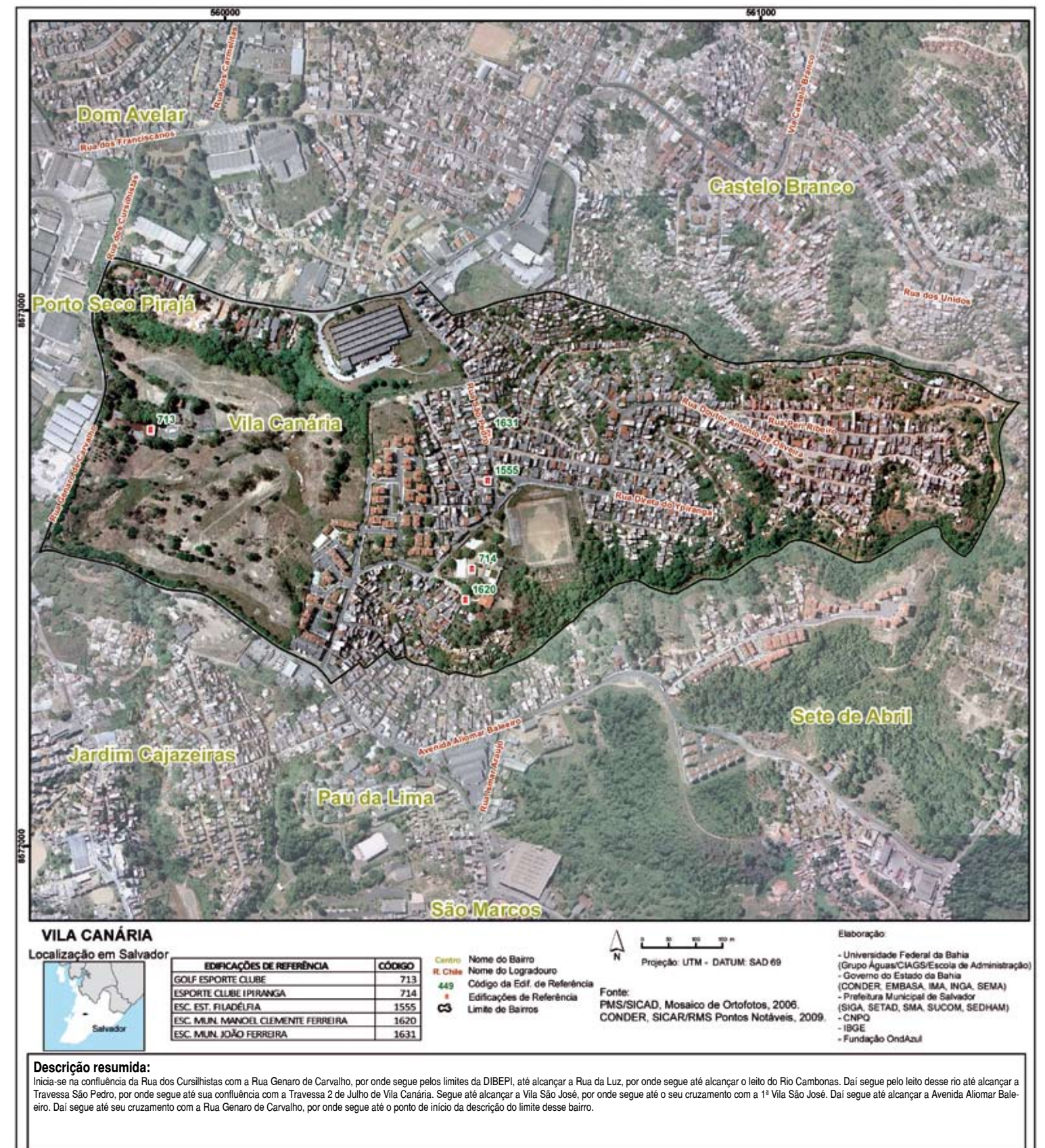
Neste bairro, grupos e projetos sociais têm forte presença, destacando-se: a **Comunidade Católica da Paróquia Cristo Operário**, criada nos anos 1970, a partir da necessidade de dinamização da vida religiosa e cultural da comunidade; a **Rádio VN Comunitária**, fundada em 2000, que além da programação musical, pres-

ta serviços gratuitos à comunidade, como anúncios de achados e perdidos, divulgação de oportunidades de emprego, festas, etc. e a **Kihon Karatê Clube**, organizada há mais de 20 anos, que trabalha com os jovens de Vila Canária.

Vila Canária até hoje abriga o que, na opinião de Barbosa, é o símbolo do bairro: a sede do **Esporte Clube Ypiranga**, tradicional time de futebol baiano, fundado em 1906, que não mais existe. Segundo o líder comunitário, “há 26 anos o clube funcionava e atraía outras comunidades, por isso, o sistema de transporte era bem melhor. Hoje, o bairro sofre com a falta de atenção do poder público.

Entre os principais equipamentos públicos do bairro estão a **Escola Estadual Filadélfia** e a **Escola Municipal Manoel Clemente Ferreira**. As festas que tradicionalmente mobilizam a Vila Canária são o Dia das Mães, o São João e o Dia dos Pais.

Vila Canária tem aproximadamente uma população de 7492 habitantes, o que corresponde a 0,31% da população de Salvador; concentra 0,29% dos domicílios da cidade, estando 24,25% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 35,61% dos seus chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos.



● SETE DE ABRIL

O bairro **Sete de Abril**, segundo Eduardo José da Cruz, diretor da **Associação Benficiente dos Moradores de Sete de Abril - ABEMSA**, surgiu na década de 1960, a partir do loteamento de uma grande fazenda, pertencente à família Barreto de Alencar. Ele conta que, pouco tempo depois do loteamento, foi construído na área um conjunto habitacional, pela antiga URBIS, cuja data de inauguração, 07 de abril de 1965, terminou por nomear o bairro.

Para Cruz: “o bairro Sete de Abril começou a ganhar forma em 1966, quando o prefeito de então construiu o fim de linha. Aos poucos, muitas casas foram surgindo e, em 1975, teve início a pavimentação da rua principal, a iluminação pública e a instalação da rede de água”.

Entre os equipamentos a serviço da comunidade estão: a **Escola Estadual Eraldo Tinoco**, o **Centro Municipal de Educação Infantil Hélcio Trigueiro**, a **Escola Municipal Afrânio Peixoto**, um **Posto de Saúde** e a **Associação Cultural de Capoeira Mangangá**, idealizada pelo cantor Tonho Matéria.

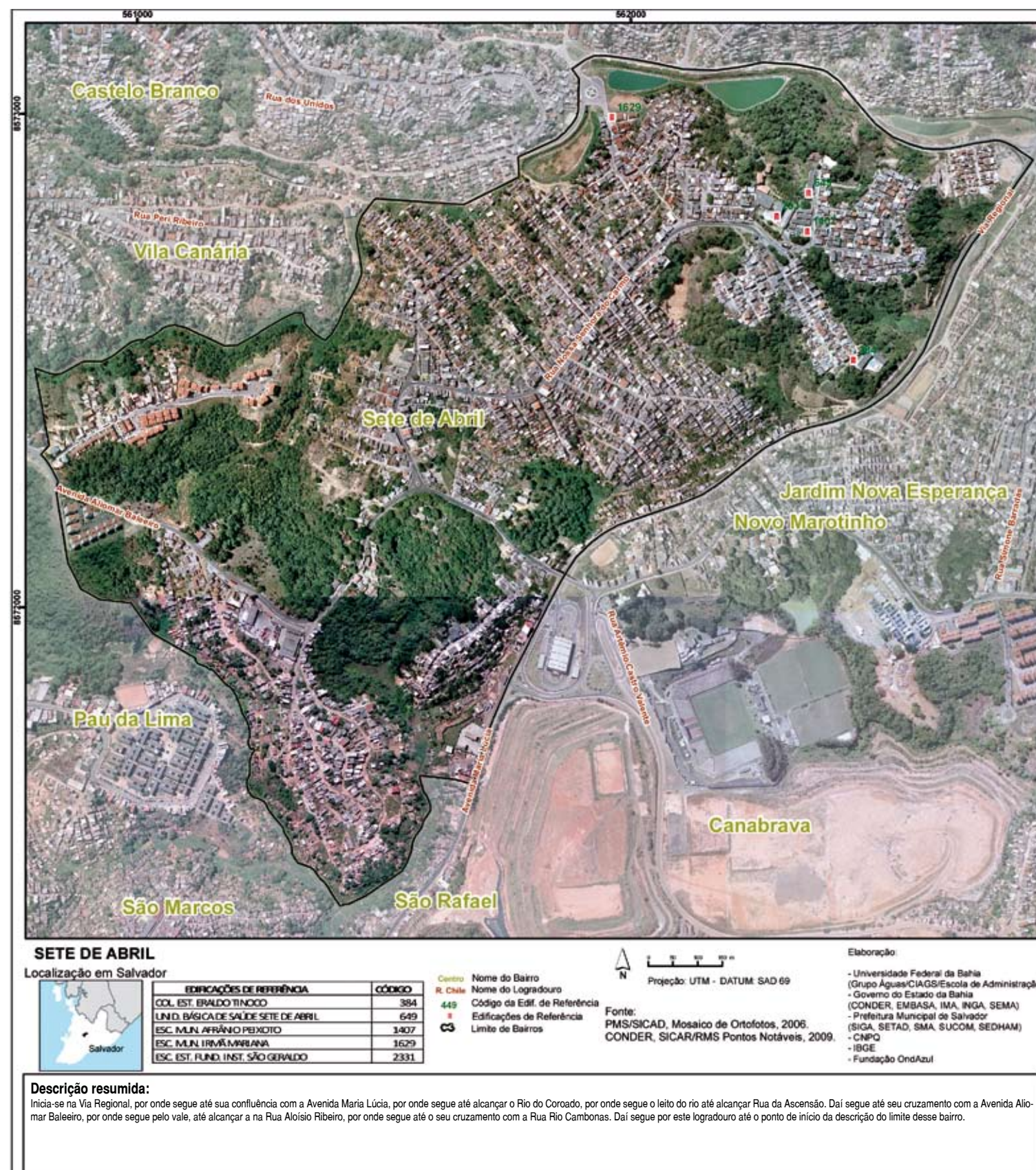
Há anos, todo dia 19 de março, a comunidade de Sete de Abril mobiliza-se para a Festa de São José, com procissão, missas festivas e queima de fogos. “É muito bonita a festa”, afirma Cruz.

Sete de Abril tem aproximadamente uma população de 15.307 habitantes, o que corresponde a 0,63% da população de Salvador; concentra 0,59% dos domicílios da cidade, estando 25,80% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 35,80% dos seus chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudo.



Fim de Linha de Sete de Abril, 2009

Foto: Danilo Bandeira





Escola Municipal São Marcos

● SÃO MARCOS

O bairro **São Marcos** surgiu de ocupações espontâneas e cresceu desordenadamente, mas, segundo Nivaldo Jaqueira, presidente e fundador da **Liga Desportiva Cleriston Andrade**, é um lugar privilegiado, uma vez que: “estamos próximos à Orla e aos dois principais estádios da cidade. Temos a melhor praça de esportes de Salvador e daqui saíram pessoas como Ludmila, terceira colocada no concurso ‘Fama’, Jimerson, um jogador da nossa Liga e hoje está na seleção brasileira sub-17, jogando no Cruzeiro. Temos ainda um campeão sul-americano de boxe e uma campeã Norte-Nordeste de capoeira”.

Segundo o presidente da Liga Desportiva, há 30 anos, São Marcos era um lugar com muitas frutas e poucas casas. O terreno era de barro, o que lembrava a fazenda que lhe deu origem. No local, também existia uma lagoa, comumente utilizada pelos moradores para tomar banho que, com o passar dos anos, foi aterrada. Nivaldo Jaqueira ainda explica que o nome do lugar é uma referência a “Seu Marcos”, antigo dono da propriedade.

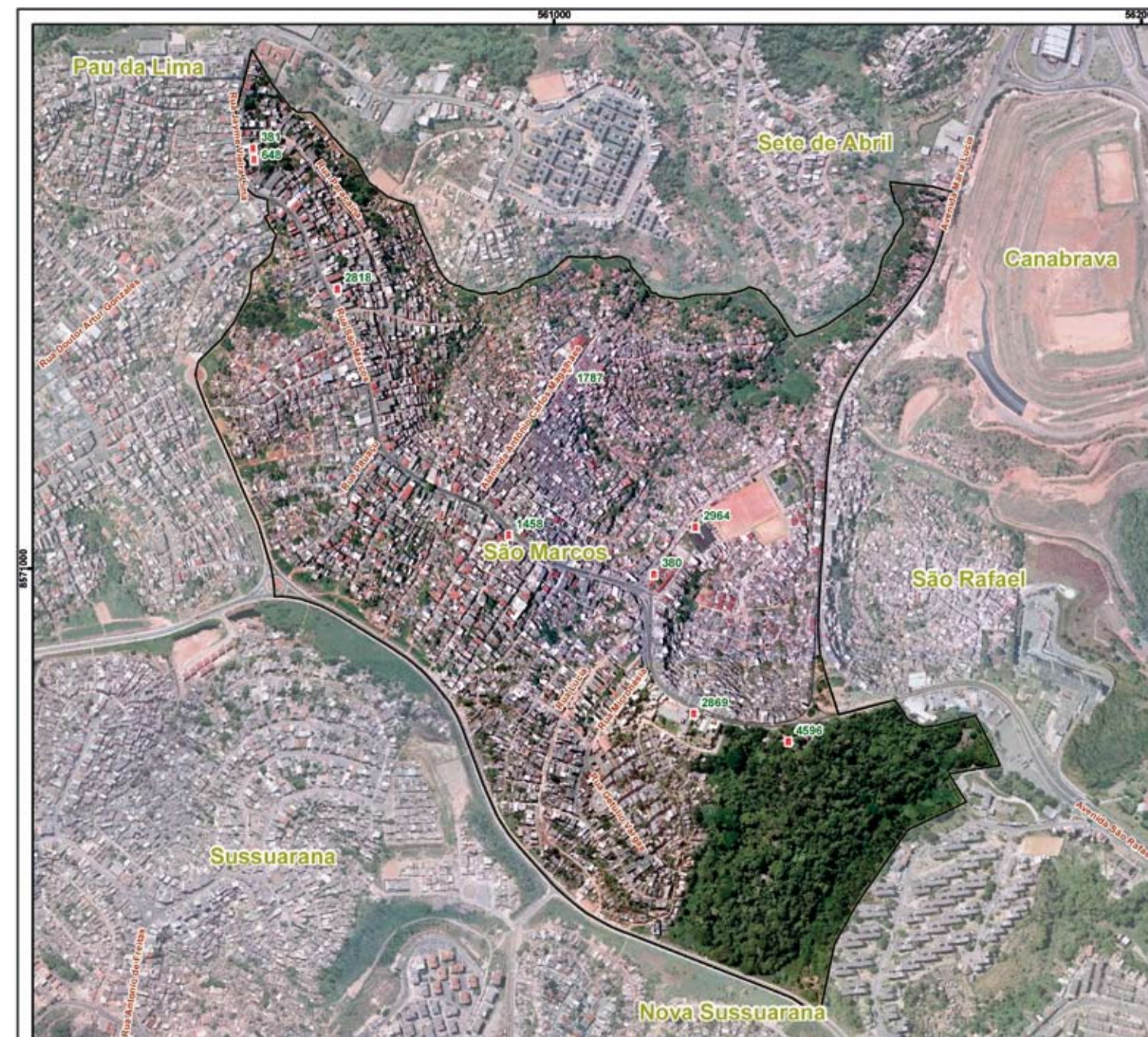
Atualmente, a vida do bairro é muito marcada pelo futebol. Por

meio da Liga Desportiva Cleriston Andrade os moradores desenvolvem trabalho social com crianças, desde 1984.

Para Nivaldo Jaqueira a **Lavagem do Coroadó**, no dia 07 de setembro, com cortejo e trio elétrico, é uma festa que mobiliza os moradores de São Marcos. “É uma tradição que, em 2009, faz 25 anos” afirma Jaqueira que considera a praça de esportes, como uma referência do bairro.

Em São Marcos, são muitos os equipamentos a serviço da comunidade. No bairro existem o **Jardim Botânico**, o **Centro de Saúde São Marcos**, a **Fundação Cidade Mãe**, o **Colégio Estadual Rogério Rego**, o **Colégio Estadual Cleriston Andrade**, a **Escola Municipal São Marcos** e um **Centro de Esporte e Lazer**. Neste bairro, encontra-se também a **Fonte do Terreiro Ilê Omo Ketá Passu Detá**, muito utilizada, antes da instalação da rede de abastecimento da EMBASA, para diversos fins. Atualmente, a fonte é utilizada para atividades de cunho religioso.

São Marcos tem aproximadamente uma população de 25.317 habitantes, o que corresponde a 1,04% da população de Salvador; concentra 0,98% dos domicílios da cidade, estando 25,36% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 35,58% dos seus chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudo.



SÃO MARCOS

Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
ESC. MUNICIPAL SÃO MARCOS	380
ESC. MUNICIPAL SÃO MARCOS	449
ESC. MUNICIPAL SÃO MARCOS	380
ESC. MUNICIPAL SÃO MARCOS	2818
ESC. MUNICIPAL SÃO MARCOS	2818
ESC. MUNICIPAL SÃO MARCOS	2818
ESC. MUNICIPAL SÃO MARCOS	2818
ESC. MUNICIPAL SÃO MARCOS	2818
ESC. MUNICIPAL SÃO MARCOS	2818
ESC. MUNICIPAL SÃO MARCOS	2818

Centro Nome do Bairro
R. Círculo Nome do Logradouro
449 Código da Edif. de Referência
CS Edificações de Referência
CS Limite de Bairros

Projeção: UTM - DATUM: SAD 69

Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006. CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
- Universidade Federal da Bahia (Grupo de Estudos em Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, SMA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
- CNPQ
- IBGE
- Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se na Avenida Maria Lúcia, por onde segue até seu cruzamento com a Avenida São Rafael, por onde segue pelo fundo da Escola Municipal Doutor Orlando Imbassahy, e da Casa da Criança com Câncer – exclusive. Segue pelo fundo dos imóveis com frente para a Avenida Oceano Pacífico, exclusive, até alcançar a Via Pituaçu. Segue por esta via até seu cruzamento com a Rua Local-1. Daí segue até sua confluência com a Rua São Benedito de Pau da Lima, por onde segue até o seu cruzamento com a Rua São Marcos. Daí segue até a interseção com o Largo de Pau da Lima. Daí segue por este largo até sua confluência com a Rua Jaime Vieira Lima, por onde segue até as proximidades do terreno da Escola Municipal Roberto Correia, exclusive, de onde segue pelo vale, acompanhando o curso d'água, em direção a sua jusante, de onde segue até alcançar o ponto de início da descrição do limite desse bairro.



Igreja de Nossa Senhora das Dores

Foto: Danilo Bardeira

NOVO MAROTINHO

Segundo Marilda Tapareli, presidente da **Associação de Moradores de Novo Marotinho**, a história do bairro **Novo Marotinho** remonta à década de 1970, quando em São Caetano existia uma ocupação espontânea chamada de Marotinho. “Em 1976, o prefeito manifestou interesse em retirar esta comunidade do local. Houve uma resistência muito grande dos moradores, a polícia apareceu para demolir as casas até que a cidade inteira se mobilizou. Muitos políticos e o Movimento Estudantil deram apoio aos moradores, até o bispo também se pronunciou. Depois de muita pressão, o então governador doou esta área para esse povo”.

A presidente da Associação diz ainda que, depois do loteamento do terreno, foi travada mais uma luta pela regularização fundiária e hoje grande parte dos moradores tem a propriedade da terra. Para vencer mais esta batalha, muitas famílias tiveram que improvisar suas residências: “então tinha muita casa de plástico, papelão, madeirite”.

Depois da comunidade estabelecida, o local passou a ser chamado de **Novo Marotinho**, uma referência à localidade Marotinho, em **São Caetano**. No dia 05 de outubro de 1976, foi fundada a Associação de Moradores. Nessa época, ali não havia água encanada, luz elétrica nem transporte, tinha muito mato e mais nada. Dessa forma,

foi por meio da associação e do esforço coletivo da comunidade que Novo Marotinho ergueu-se. O material de construção foi conseguido com a colaboração de um padre do bairro Fazenda Grande do Retiro e as casas foram construídas pelos próprios moradores que, com o tempo, também conseguiram água encanada e luz elétrica.

Atualmente, não existe nenhuma festa que mobilize toda a comunidade, mas, no passado, comemorava-se o aniversário de desmembramento de Novo Marotinho e São Caetano. Com o tempo, a associação não teve mais condições financeiras de realizar o aniversário e a violência impede a realização de festas de largo no bairro. A **Associação de Moradores de Novo Marotinho** desenvolve trabalhos com jovens. “Trabalhamos com projetos de futebol, temos capoeira e um grupo de dança e boxe. O grupo de teatro que tínhamos acabou. Fizemos muitos cursos profissionalizantes, além de reforço escolar de diversas disciplinas. Tudo isso com esforços próprios”. Entre os principais equipamentos públicos do bairro estão o **Posto de Saúde** e a **Escola Municipal Novo Marotinho**.

Novo Marotinho tem aproximadamente uma população de 3104 habitantes, o que corresponde a 0,13% da população de Salvador; concentra 0,12% dos domicílios da cidade, estando 24,65% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 38,77% dos seus chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudo.



NOVO MAROTINHO

Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
CENTRO DE SAÚDE NOVO MAROTINHO	643
ESC. MUN. NOVO MAROTINHO	1561

Nome do Bairro	449
Nome do Logradouro	
Código da Edif. de Referência	
Edificações de Referência	
Limite de Bairros	CS

Fonte:
PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Projeção: UTM - DATUM: SAD 69

Elaboração:
- Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, MA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
- CNPO
- IBGE
- Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se no cruzamento da Via Regional com a 3ª Travessa José Teixeira, próximo a Escola Municipal Arte e Alegria, exclusive. Segue por esta via até seu cruzamento com a Avenida José Teixeira. Daí segue até sua interseção com a Travessa Arcoverde, seguindo pelo fundo dos imóveis com frente para a 3ª Travessa José Teixeira e Rua Renato Oliveira, seguindo até alcançar a Avenida Aliomar Baleeiro, de onde segue sempre em linha reta, até alcançar o leito do Rio Mocambo. Daí segue pelo leito desse rio até próximo ao Estádio Manoel Barradas, exclusive, até alcançar a Avenida Aliomar Baleeiro, por onde segue até o seu cruzamento com a Via Regional. Daí segue por este logradouro até o ponto de início da descrição do limite desse bairro.

● JARDIM NOVA ESPERANÇA

Diz-se que, há 40 anos, em uma planície próxima a um vale de Mata Atlântica, o babalorixá João Albertino Torres, o Caboclinho, construiu seu terreiro de candomblé, tornando-se pioneiro na ocupação do bairro **Jardim Nova Esperança**.

Com o tempo, a área foi sendo loteada e aos poucos foram surgindo novas casas. Ilmar Santos, presidente do **Conselho de Moradores do Jardim Nova Esperança**, conta que, quando ele chegou ao local, há 34 anos, esta região ainda era a **Fazenda Sete de Abril**, depois se tornou o **Loteamento São José** e, há cerca de 15 anos, passou a ser chamada de Jardim Nova Esperança.

Segundo o presidente do Conselho, o atual batismo deve estar relacionado ao fato de haver muita vegetação no local. *“Aqui era uma grande área verde e tinha um rio que cortava nosso bairro conhecido como ‘Rio de Paté’, no qual tomávamos banho, lavávamos roupa, mas hoje está bastante poluído”*.

Localizado no “miolo” de Salvador, o Jardim Nova Esperança tem os seguintes equipamentos públicos: a **Escola Estadu-**

al Padre José Vasconcelos, a **Escola Municipal de Nova Esperança** e a **Praça da Rua Santo André** que, ao lado do **Largo do Vital**, são considerados por Santos, o símbolo de **Jardim Nova Esperança**. Há também, no local, o **Projeto Tambores da Esperança**, um trabalho voluntário desenvolvido com as crianças do bairro.

Segundo Santos, o momento em que toda a comunidade de Jardim Nova Esperança se mobiliza é na Sexta Feira Santa, quando homens, vestidos de mulher, percorrem as ruas do bairro com um carro de som e depois vão jogar o “baba do vinho”.

No **Loteamento Daniel Gomes**, encontra-se a **Fonte do Terreiro Umbanda**, utilizada apenas para atividades de cunho religioso. Em seu entorno, existem poucas residências e no bairro também passa o **Rio Jaguaripe**.

Jardim Nova Esperança tem uma população de 8.079 habitantes, o que corresponde a 0,33% da população de Salvador; concentra 0,33% dos domicílios da cidade, estando 24,32% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 0,5 a 1 salário mínimo. No que se refere à escolaridade, constata-se que 35,26% dos seus chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudo.



Praça da Rua Santo André



JARDIM NOVA ESPERANÇA

Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
COL. EST. PE. JOSÉ VASCONCELOS	1406
ESC. MUN. ARTE E ALEGRIA	2330
ESC. MUN. PROF.ª IRENE DA SILVA COSTA SANTOS	2866

Nome do Bairro
 Nome do Logradouro
 Código da Edif. de Referência
 Edificações de Referência
 Limite de Bairros

Projeção: UTM - DATUM SAD 69
 Fonte:
 PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
 CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
 - Universidade Federal da Bahia
 (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia
 (CONDER, EMBASA, MA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador
 (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - CNPQ
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se na Via Regional, de onde segue em linha reta até alcançar o leito do Rio Jaguaripe. Daí segue pelo leito desse rio, em direção a sua jusante, até o afluente do Rio Jaguaripe, por onde segue até alcançar o Convento Dom Amândeo, exclusive, e Centro de treinamento da COELBA, exclusive, até alcançar a Avenida Alomar Baleeiro, por onde segue em direção ao vale até alcançar o Riacho do Campo, por onde segue até sua confluência com o Rio Mocambo, seguindo pelo vale, até retornar a Avenida Alomar Baleeiro. Segue pelo fundo dos imóveis com frente para a Rua Renato Oliveira e 3ª Travessa José Teixeira, exclusive, até alcançar a Travessa Arcoverde, por onde segue até o cruzamento com a Avenida José Teixeira. Segue até seu cruzamento com a 3ª Travessa José Teixeira, por onde segue até a Via Regional. Segue por este logradouro até o ponto de início da descrição do limite desse bairro.



Colégio Estadual Dona Leonor Calmon

CONF. / SEDHAM/ PMS, 2006

● JAGUARIFE I

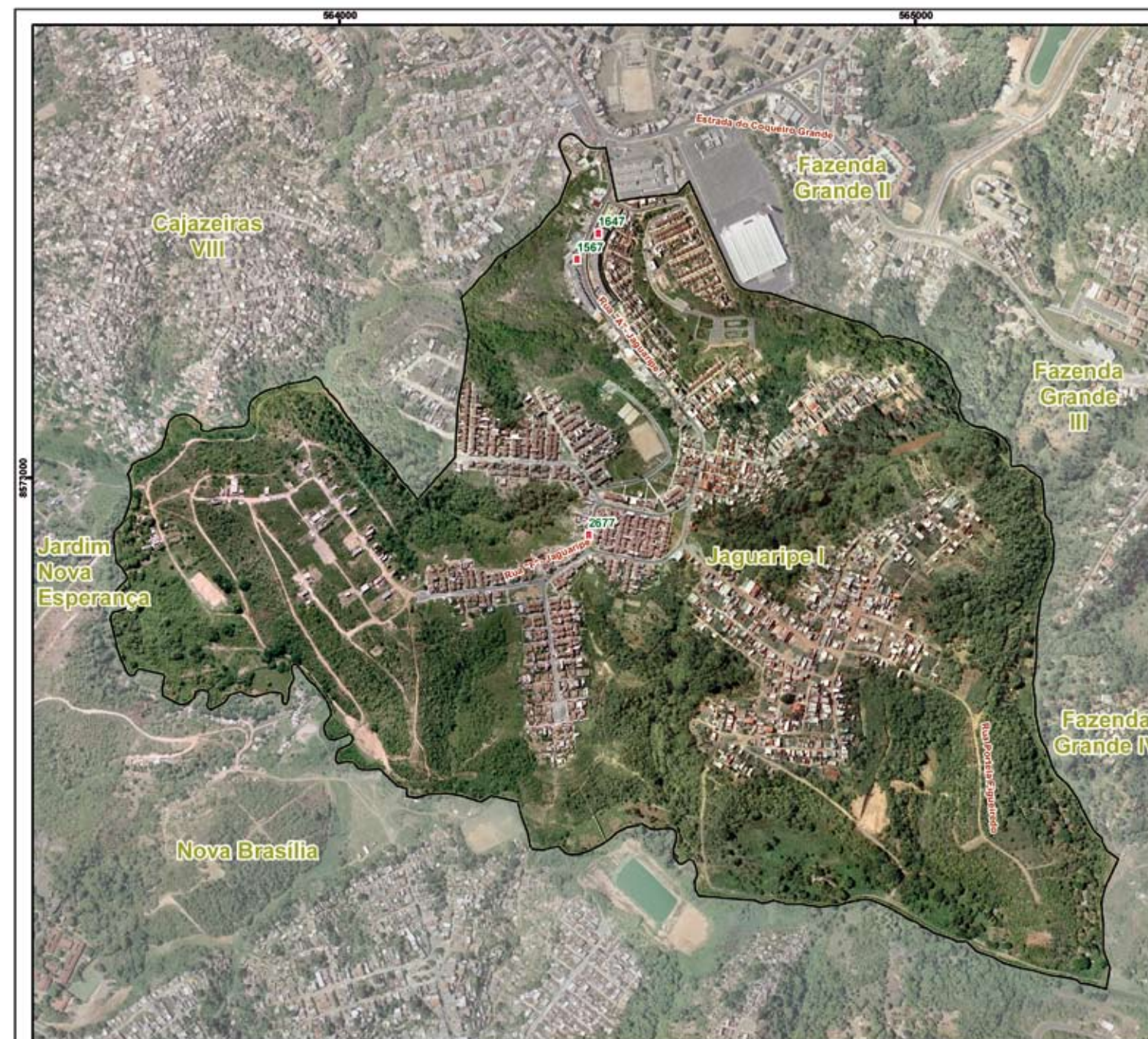
Segundo José Pinto dos Santos, vice-presidente do **Conselho de Moradores de Jaguaripe I – COMJA**, a área que hoje corresponde ao bairro de **Jaguaripe I** fora propriedade de Mamede Paes Mendonça que, após um acordo com o Governo do Estado da Bahia, transferiu para o poder público a responsabilidade sobre o terreno.

Santos explica que a formação do bairro está relacionada ao deslocamento de inúmeras famílias, de diferentes lugares de Salvador, num período de intensas chuvas. *“Houve uma época de enchentes em toda cidade, com vários desabrigados. O então governador Paulo Souto, resolveu agregar parte desse povo aqui, veio gente de vários lugares, removidas de locais sem condições de moradia”.*

Jaguaripe I é fortemente marcado pela presença de terreiros de candomblé. Conforme Consuelo Pondé de Sena, Jaguaripe significa iguara = onça + y + pe = no rio da onça. A palavra iaguara, converteu-se em jaguara = jaguar. O bairro é dividido pelo **Rio Jaguaripe**, que o separa da localidade **Jaguaripe II**, bairro Nova Brasília.

Entre os principais equipamentos do bairro estão o **Colégio Estadual Leonor Calmon**, a **Praça 12 de Outubro** e a **Praça Viver Melhor**, considerada, por Santos, como símbolo do bairro. *“Dia de domingo, todo mundo se acomoda nesta praça, velho, criança, carros com som ligado...”.*

Jaguaripe I possui uma população de 4.816 habitantes, o que corresponde a 0,20% da população de Salvador; concentra 0,21% dos domicílios da cidade, estando 33,68% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 32,89% dos seus chefes de família têm entre 4 a 7 anos de estudo.



JAGUARIFE I

Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
COL. EST. D. LEONOR CALMON	1567
COL. EST. DR. EDUARDO BAHIANA	1647

R. Chão	Nome do Logradouro
449	Código da Edif. de Referência
CS	Edificações de Referência
	Limite de Bairros

Projeção: UTM - DATUM: SAD 69

Fonte:
PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:

- Universidade Federal da Bahia (Grupo Agas/CIAGS/Escola de Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
- CNPO
- IBGE
- Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se no leito do Rio Jaguaripe, por onde segue até o cruzamento com a Rua Manuel da Tabua, seguindo pelo afluente do Rio Jaguaripe, por onde segue até alcançar o limite do Atakadão e Maternidade Albert Sabin, exclusiva, até alcançar a Rua "A" - Jaguaripe I, por onde segue pela Rua Jerusalém de Cajazeiras, por onde segue até alcançar o Acesso "D" - Jaguaripe I, por onde segue em direção ao vale até alcançar o leito do Rio Jaguaripe, de onde segue até o ponto de início da descrição do limite desse bairro.



COINF / SEDHAM / PMS, 2006

NOVA BRASÍLIA

Situado no “miolo” de Salvador, o bairro **Nova Brasília** surgiu com o loteamento da **Fazenda Nova Brasília**. Segundo Antonia Silva Souza, moradora do local há mais de 40 anos: “os primeiros moradores foram os trabalhadores da Feira de Água de Meninos, que foram removidos para cá, logo após o incêndio. Vim morar aqui em 1965, quando ainda tinha pouquíssimos habitantes. Com o tempo, as pessoas foram comprando seus lotes e assim o bairro foi crescendo. Nesta época, não tinha luz elétrica e água encanada, o que existia era muito verde e um grande areal”.

Este bairro é cortado pelo **Rio Jaguaripe** e Souza lembra que, no trecho que por ali passa, o rio tinha uma água limpa e cristalina e era comum as pessoas tomarem banho e lavar roupa em suas águas. Foi depois do intenso povoamento do bairro que o rio se converteu em um canal de esgoto, cercado de lixo.

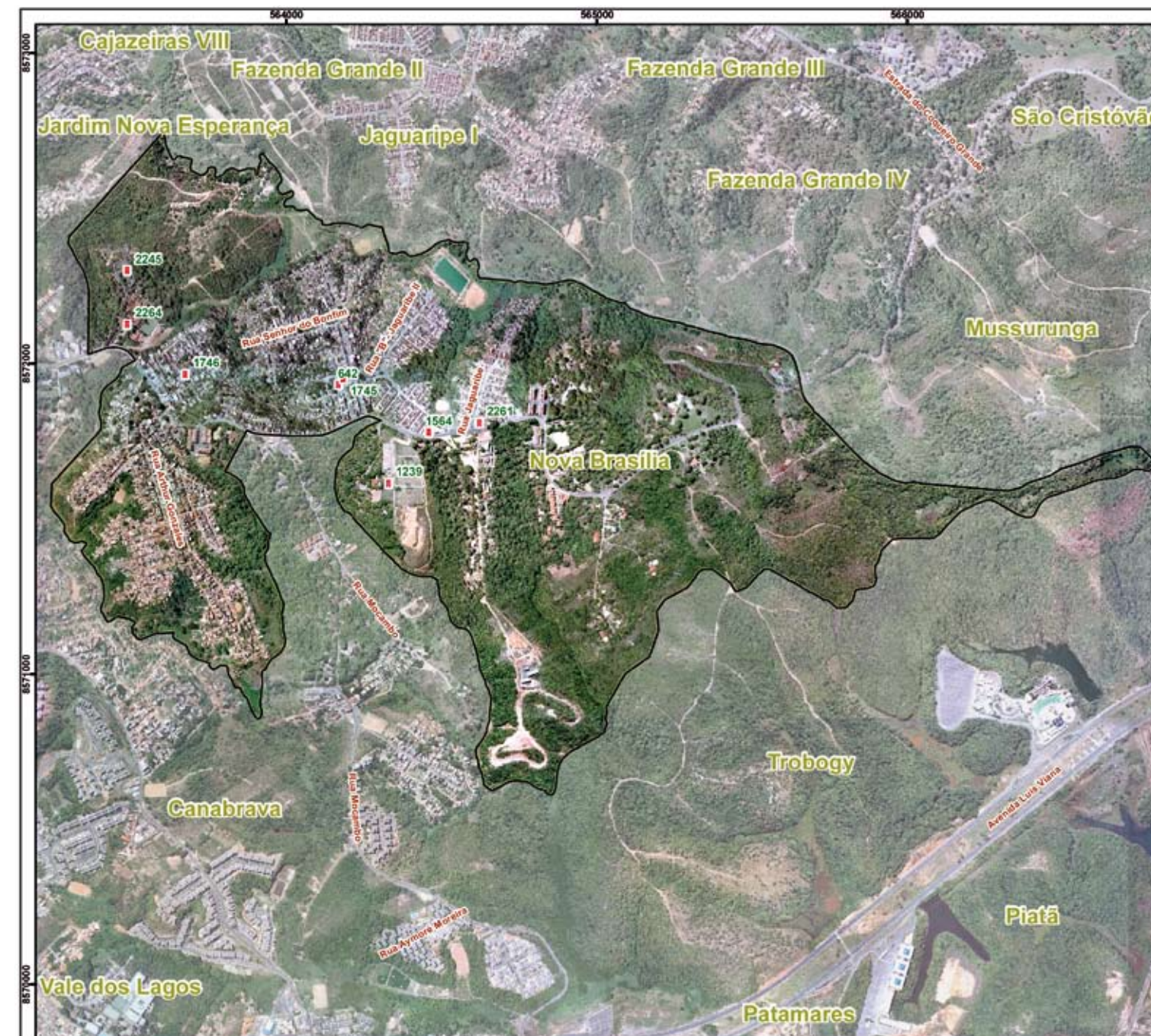
Em Nova Brasília, não há mais a Lavagem do bairro nem a Festa de São José Operário, momentos em que os moradores se mobilizavam. Hoje, segundo Cláudio Jesus, presidente da **Liga Desportiva**

Nova Brasília, a alegria do bairro é o campeonato de futebol. Para ele, “só o esporte movimenta o bairro, estamos fazendo um campeonato de escolas, o Campeonato Sub-17 e ainda tem o campeonato de futebol feminino”.

O bairro, cuja principal referência, na opinião de Cláudio Jesus, é o final de linha, é servido pelos seguintes equipamentos públicos: o **Colégio Estadual Vera Lux**, a **Escola Municipal Adauto Pereira de Souza** e um **Posto de Saúde**.

Dentre as notoriedades de **Nova Brasília**, o presidente da Liga destacou o boxeador Pedro Lima, morador do local e vencedor da medalha de ouro no Pan-Americano, de 2007, no Rio de Janeiro: “quando ele ganhou a medalha, Nova Brasília foi em peso ao Aeroporto recebê-lo”. Para Cláudio Jesus, o boxe é o esporte de maior relevância na comunidade. Ele afirma que os maiores boxeadores da Bahia são de Nova Brasília.

Nova Brasília tem uma população de 12.820 habitantes, o que corresponde a 0,53% da população de Salvador; concentra 0,48% dos domicílios da cidade, estando 27,25% dos seus chefes de família sem rendimento. No que se refere à escolaridade, constata-se que 35,73% dos seus chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos.



NOVA BRASÍLIA

Localização em Salvador



EDIFICAÇÃO DE REFERÊNCIA	CODIGO
URB. NOVA BRASÍLIA	642
CEM. P. R. DO C. E. DO PAZ	1239
ESC. AD. R. O. FERREIRA DE SOUZA	3405
ESC. M. N. L. DO M. T. R. E. G. O. N. I. I.	3504
ESC. EST. M. P. A. L. U. K.	3745
ESC. M. V. A. S. A. N. I. A.	3746
COELBA	2245
IG. N. S. R. A. D. O. C. R. I. M. O.	2261
CON. D. A. M. A. N. D. O.	2264

- Centro Nome do Bairro
- R. Chile Nome do Logradouro
- 449 Código da Edif. de Referência
- CS Edificações de Referência
- CS Limite de Bairros

Projeção: UTM - DATUM: SAD 89

Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006. CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
 - Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se no prolongamento da Rua Senhor dos Passos, até alcançar o leito do Rio Jaguaripe, por onde segue até a confluência com um afluente do Rio Jaguaripe, por onde segue até alcançar a Avenida Aliomar Baleeiro, próximo ao Cemitério Bosque da Paz. Segue por esta via até as proximidades da localidade de Vila Mar, inclusive, segue contornando pelo vale do Rio do Mocambo, por onde segue até alcançar a Avenida Aliomar Baleeiro, por onde segue incluindo o Convento Dom Amando e Centro de treinamento da COELBA, inclusive, por onde segue até alcançar o leito do Rio Jaguaripe, por onde segue, em direção a jusante, até o ponto de início da descrição do limite desse bairro.

● CANABRAVA

Segundo Liliane Tavares, bióloga e líder comunitária, a ocupação de **Canabrava** se deu nos primeiros anos da década de 1970, quando no local ainda existia uma grande área da Mata Atlântica. Foram transferidas para esta área as famílias desabrigadas pelas chuvas e aquelas provenientes da **Avenida Vasco da Gama**, cujas casas foram desapropriadas pela Prefeitura Municipal de Salvador e pelo Governo do Estado da Bahia.

Nesse período, todo o lixo da cidade era depositado em Canabrava e nesse contexto surgiram os “badameiros”, homens e mulheres que sobreviviam do que encontravam no lixo e era possível comercializar. Assim, esta comunidade convive até hoje com graves problemas sócio-ambientais, decorrentes do tempo em que existia o “lixão” no local. Conforme Tavares: “apesar de não se dispor de estudos das conseqüências da presença do lixão na saúde da população e dos “badameiros”, tem-se registros de casos de doenças respiratórias, tuberculose e de diarreias. Além dos prejuízos causados aos recursos naturais, o lixo tirou da comunidade a condição de moradores de um bairro, estigmatizando-a como moradores de um lixão”.

Em 1997, “foram retirados do ‘lixão’ cerca de 700 ‘badameiros’, que foram cadastrados e inscritos na **Central de Badameiros - CEN-BA** - com possibilidade de efetivação do trabalho. Os catadores passaram, então, a desenvolver suas atividades nesse local específico, recebendo equipamentos de proteção individual”, afirma Tavares. Nesse mesmo período, foi implantado no bairro o **Projeto Criança Canabrava**, que proporcionou a retirada de muitas crianças e adolescentes dessa atividade.

Desde então, Canabrava vem sendo cenário de várias ações com o objetivo de dignificar o trabalho com o lixo. **Associação de Pais e Amigos da Comunidade de Canabrava – ACAC**, o **Terreiro do Boiadeiro** e a **Organização de Mulheres Odara** são algumas das organizações que atuam no bairro, com o objetivo de resgatar a auto-estima da população.

Segundo Liliane Tavares, existem duas versões para o nome do bairro: a primeira é que há no local um tipo de planta chamada Canabrava, que não serve como alimento, mas serve para os passarinhos construírem seus ninhos. A segunda versão conta que o nome foi dado pela assistente social Ester Felix, que trabalhou na comunidade na época do lixão e, juntamente com outros técnicos da LIM-PURB, deu esse nome ao lugar.



Foto: Elba Veiga

Rio Mocambo

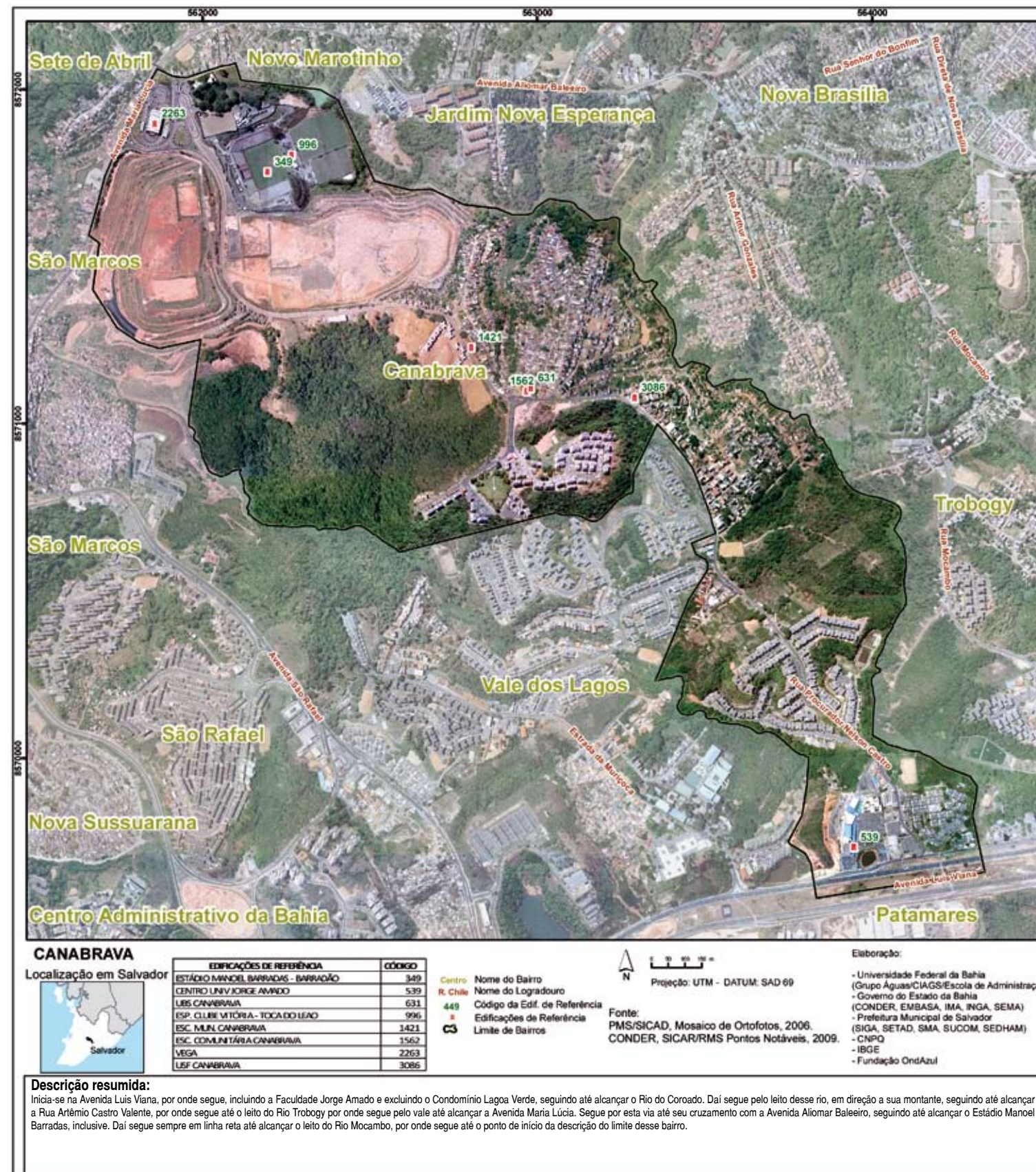
Este bairro também é conhecido como **Nossa Senhora da Vitória**. Entretanto, Tavares garante que nunca foi o nome oficial, tendo surgido pelo fato de o **Estádio Manuel Barradas**, pertencente ao **Esporte Clube Vitória**, estar instalado em Canabrava, então, sugeriram mudar o nome do bairro, para desvincular a imagem de Canabrava do lixo. Tavares ressalta, inclusive, que há uma luta da comunidade para que esse estádio inclua em seu quadro funcional os moradores locais.

Para Tavares, a **Lavagem de Canabrava** é o momento em que a comunidade mobiliza-se. “Neste evento diversos grupos se reúnem para fazer apresentações, também são convidados grupos de outras comunidades, acontecem espetáculos de dança e música e uma gincana, na qual são arrecadados alimentos para serem distribuídos às famílias mais pobres do bairro”.

Entre os principais equipamentos de Canabrava estão: a **Escola Comunitária Municipal de Canabrava**, construída pelos próprios moradores através de um mutirão; a **Escola Municipal de Canabrava**; dois **postos de saúde da família**; o **Parque Sócio-Ambiental**, construído em 2003 pela Prefeitura Municipal de Salvador e a **Fundação Cidade Mãe**.

Este bairro é cortado pelo **Rio Mocambo**, afluente do **Rio Jaguaripe**. Outrora, nesta comunidade, existiam duas fontes utilizadas para lavagem de roupas e para banhos.

Canabrava tem uma população de 12.047 habitantes, o que corresponde a 0,49% da população de Salvador; concentra 0,53% dos domicílios da cidade, estando 21% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 39,24% dos seus chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudo.





Vista do Conjunto Vale dos Lagos, 2009

Foto: Danilo Bandeira

VALE DOS LAGOS

Segundo Antonia Maristela Moreira, líder comunitária e uma das primeiras moradoras do local, o bairro **Vale dos Lagos** foi projetado e construído em uma imensa área verde, há mais de 20 anos. Surgiu do **Conjunto Residencial Vale dos Lagos** e expandiu-se com a construção de outros condomínios.

Naquela época, o lugar “era mato por todos os lados, não tinha asfalto, era barro puro, os ônibus não podiam ter acesso, não havia água encanada, usávamos a água do rio **Rio Trobogy** e comprávamos água no carro-pipa”, diz Moreira.

Para a líder comunitária, à medida que o bairro foi melhorando em infra-estrutura, com a chegada do asfalto, do transporte e da água encanada, passou também a sofrer grande degradação ambiental, principalmente em suas águas. “Quando construíram os condomínios aqui, não foi feito nenhum projeto de tratamento de água”. Moreira conta que o Rio Trobogy tinha uma água cristalina e que a comunidade recém-chegada costumava tomar banho nele. Existia também uma cachoeira que os moradores freqüentavam nos finais de semana. Atualmente, o rio foi transformado em um esgoto.

O Vale dos Lagos está situado no “miolo” de Salvador e, como o próprio nome indica, fica em uma baixada onde existem várias nascentes d’água. Tanto na opinião de Moreira, quanto na de Maria Raimunda Vieira, presidente da **Associação dos Moradores da Vila São Francisco**, os bares locais, especialmente, o **Bar do Américo**, com seu famoso cozido, são importantes referenciais do bairro.

A população local dispõe de um pequeno e variado comércio e abriga os seguintes equipamentos públicos: o **Colégio Estadual Vale dos Lagos**, o **Instituto Anísio Teixeira – IAT**, a **Escola Aplicação** e a **Creche Municipal Lírio do Vale**. Em seu entorno, existem ainda shoppings e uma faculdade.

No Vale dos Lagos, não há uma festa ou evento tradicional que mobilize todo o bairro, entretanto, no ano de 2008, o Dia das Crianças foi comemorado com uma grande festa. “Nós, aqui da Vila São Francisco, fizemos uma festa na entrada do Vale dos Lagos para atender todas as crianças”, diz Raimunda Vieira.

Vale dos Lagos tem aproximadamente uma população de 13.138 habitantes, o que corresponde a 0,54% da população de Salvador; concentra 0,59% dos domicílios da cidade, estando 29,87% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 50,91% dos seus chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.



VALE DOS LAGOS

Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
INSTITUTO ANÍSIO TEIXEIRA - IAT	1150
COL. EST. APLICAÇÃO ANÍSIO TEIXEIRA	1238
COL. EST. 1º GRAU VALE DOS LAGOS	1592
CENT. MUN. EDUC. INF. LÍRIO DO VALE	1887
COL. SALESIANO DOM BOSCO	3207
NTE (IAT PARALELA)	3210

Centro Nome do Bairro
 R. CNR Nome do Logradouro
 449 Código da Edif. de Referência
 Edificações de Referência
 CS Limite de Bairros

Projeção: UTM - DATUM SAD 69
 Fonte:
 PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
 CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
 - Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - CNPO
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se na Rua Artêmio Castro Valente, por onde segue até alcançar o leito do Rio do Coroador. Daí segue pelo leito desse rio, em direção a sua jusante, até alcançar o Condomínio Lagoa Verde, inclusive, e excluindo a Faculdade Jorge Amado, até alcançar a Avenida Luis Viana. Daí segue por esta avenida até alcançar o leito do Rio Passa Vaca, até o Conjunto Moradas do Campo, exclusive, até alcançar a Estrada da Muriçoca, por onde segue pelo vale, até alcançar o Rio do Coroador, por onde segue até o alcançar o limite entre o Conjunto Nova Cidade, exclusive e Jardim das palmeiras, inclusive, até o alcançar o vale, por onde até o ponto de início da descrição do limite desse bairro.

TROBOGY

Em uma área cercada por matas, lagos e riachos surgiu o bairro **Trobogy**. Inicialmente, a região era composta por chácaras que, no final da década de 1970, foram sendo loteadas. Segundo Selma Ramos Fernandes, presidente da **Associação de Moradores do Condomínio Trobogy**, naquela época, “*não tínhamos nenhum tipo de serviço, não tinha transporte, linha telefônica, não tinha comércio, não tinha nada...*”.

Conforme Cristóvão Bispo dos Santos, vice-presidente da **Associação de Moradores da Vila Dois de Julho**, o primeiro ponto a ser povoado foi a **Vila Dois de Julho**. Tempos depois, surgiram os conjuntos habitacionais tão característicos do bairro, dentre eles, o **Aldeia das Pedras**, o **Asa** e o **Conjunto Habitacional Trobogy**, que deu nome a todo bairro.

Nos dias atuais, a natureza, tão exuberante outrora, está sendo

devastada pela especulação imobiliária. Entretanto, Selma Fernandes, afirma que ainda existem árvores centenárias e animais silvestres no bairro e que eles estão morrendo, atropelados, na **Avenida Paralela**, uma vez que a devastação da mata tira-lhes o seu habitat natural.

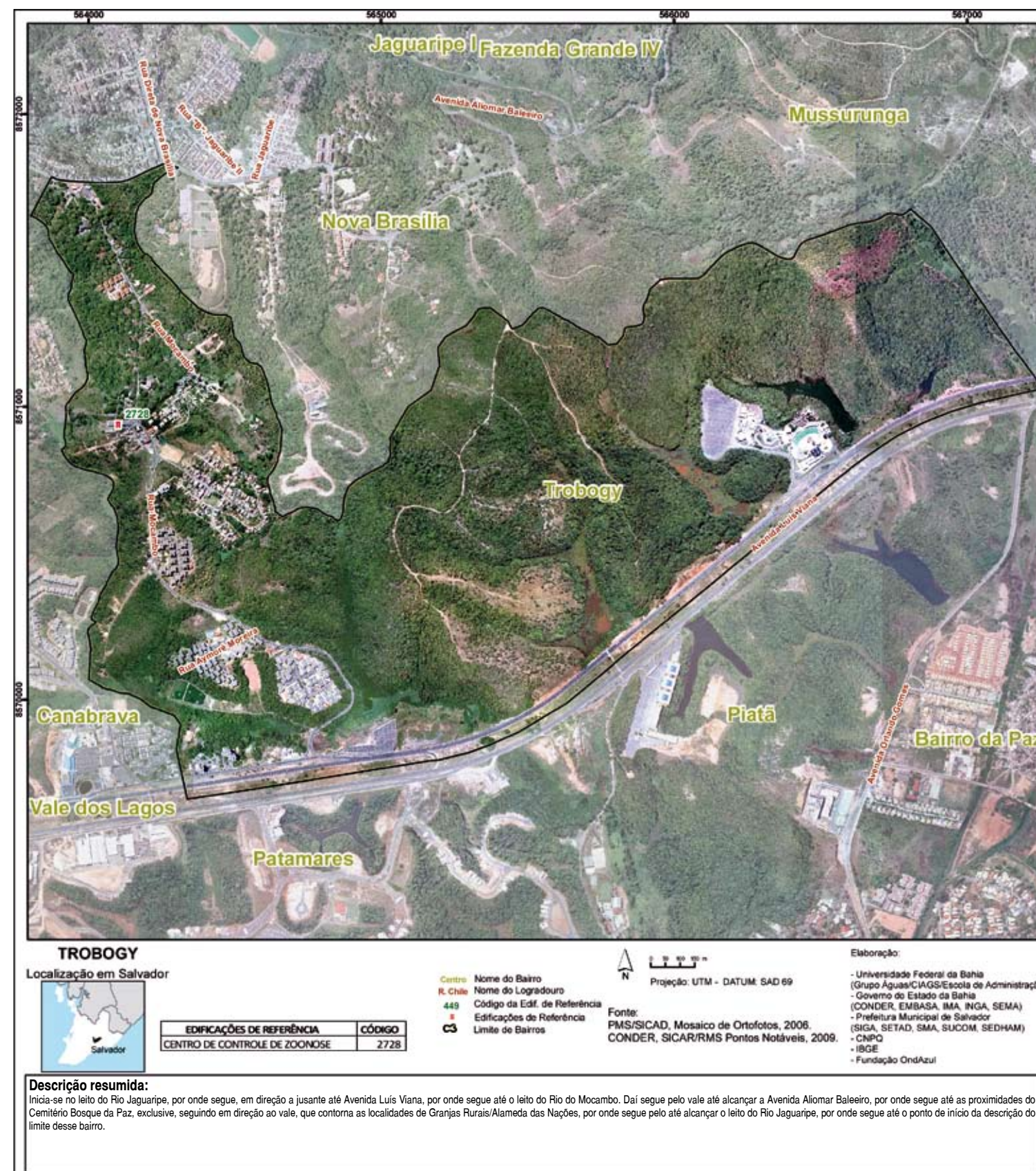
Ela lembra que o **Rio Trobogy** era limpo e muitas pessoas pescavam nele. Existia uma lagoa enorme na qual esse rio desembocava. Com o passar do tempo, o rio tornou-se poluído e a lagoa foi reduzida à metade, devido aos sucessivos aterramentos da Avenida Paralela.

Neste bairro, a **Fonte do Terreiro Onzo Nguzo Za Nkisi Dandalunda Ye Tempo** é muito utilizada nos rituais religiosos.

O Trobogy tem aproximadamente uma população de 5.347 habitantes, o que corresponde a 0,22% da população de Salvador; concentra 0,26% dos domicílios da cidade, estando 32,31% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 56,30% dos seus chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudo.



Vale do Rio Trobogy



● MUSSURUNGA

Na década de 1970, a questão habitacional era um grave problema na cidade de Salvador. O então governador Roberto Santos decidiu pela implantação de quatro núcleos habitacionais, dentre eles, **Mussurunga I**.

De conjunto habitacional a um bairro às margens da **Avenida Luiz Viana (Paralela)**, Mussurunga surgiu a partir da desapropriação de uma fazenda de mesmo nome e teve sua primeira etapa concluída em 1978. Apesar de planejado, as ocupações espontâneas imprimiram ao local um ritmo de crescimento acelerado, o que levou à devastação de grande parte dos recursos ambientais da região.

Este bairro é cortado pelo **Rio Jaguaripe** e, segundo Cristina Alves, coordenadora da **ONG Cacto e Trevo**, “*havia áreas de preservação ambiental em Mussurunga, que hoje praticamente não se vê. Existiam muitas lagoas, e hoje só existe a Lagoa do Setor L, as outras estão sendo aterradas, certamente as nascentes foram prejudicadas*”.

Os moradores mais antigos do bairro costumam dizer que Mussurunga é uma palavra de origem indígena e que seu significado está relacionado a uma espécie de cobra.

Para Alves, Mussurunga é um bairro muito rico culturalmente, “*descobrimos aqui pessoas que esculpem na madeira, rezeadeiras, pessoas que conhecem propriedades das plantas. O Sr. Ulisses fabrica instrumentos, confecciona berimbau e tem ainda a presença do Sr. Severiano, o ‘prefeito’ de Mussurunga*”. O símbolo do local, em sua opinião, é a **Rótula da Feirinha** onde estão o **Centro Social Urbano**, algumas escolas e o comércio do bairro.

Entre seus principais equipamentos estão o **13º Centro de Saúde Eduardo Bizarria Mamede**, a **Escola Municipal Célia Nogueira**, a **Escola Estadual Raul Sá**, o **Colégio Estadual Leila Rubem da Fonseca**, a **Escola Estadual Nilton Sucupira** e a **ONG Cacto e Trevo**, que desenvolve um trabalho sócio-educativo com crianças e adolescente entre 8 e 16 anos e um trabalho profissionalizante com jovens acima de 16 anos.

Mussurunga possui uma população de 30.213 habitantes, o que corresponde a 1,24% da população de Salvador; concentra 1,21% dos domicílios da cidade, estando 22,04% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 30,52% dos seus chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudo.



Vista do Bairro Mussurunga

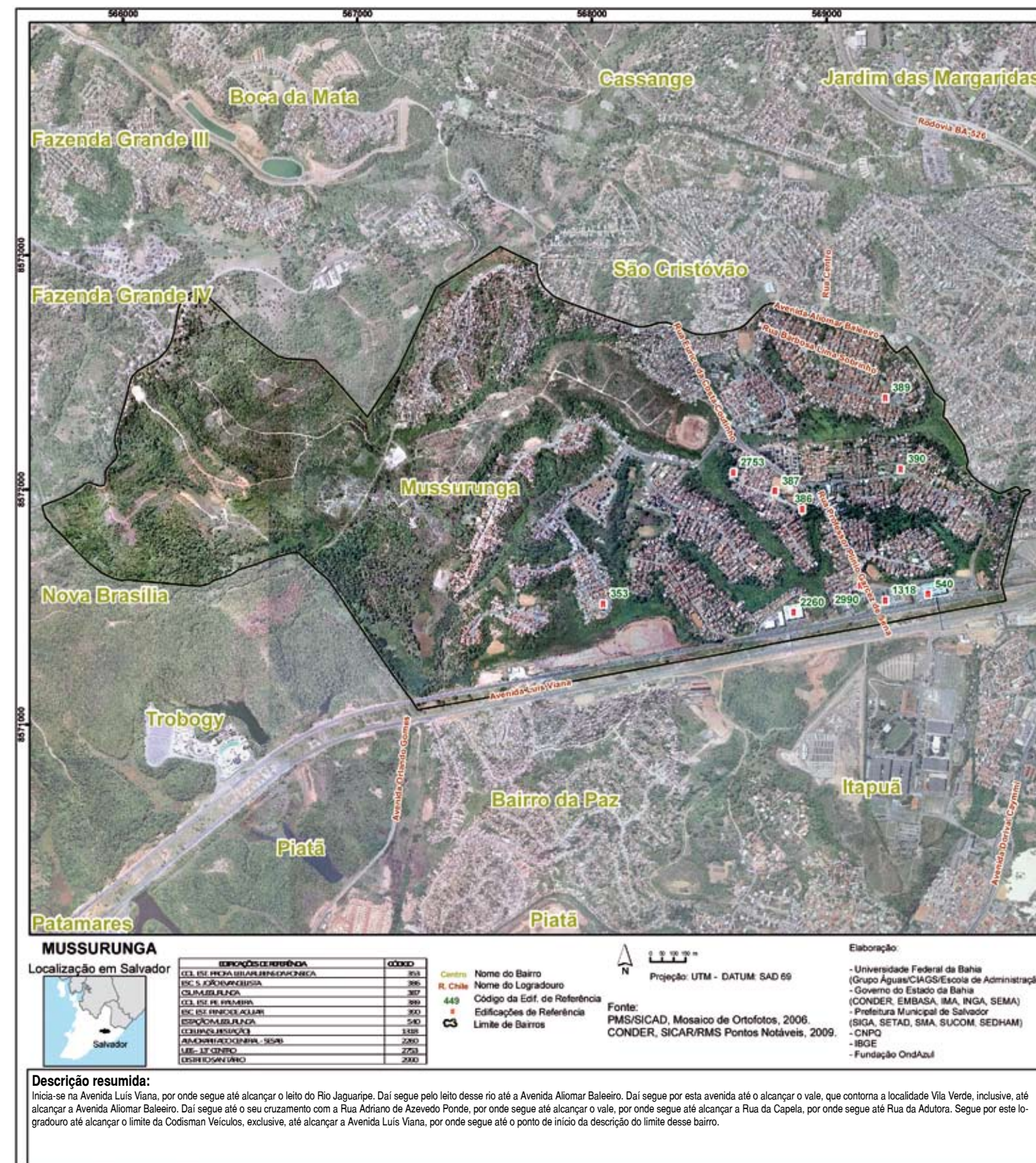




Foto: André Carneiro

ALTO DO COQUEIRINHO

O bairro **Alto do Coqueirinho** surgiu da ocupação espontânea da **Fazenda São Francisco**, no início da década de 1980. Reinaldo Oliveira Costa, presidente do **Conselho de Moradores do Alto do Coqueirinho**, conta: “depois de três anos da área ser ocupada, já tínhamos água encanada, luz elétrica e asfalto na via principal. Na época da ocupação, um batalhão da PM queria nos expulsar. Formamos uma comissão de moradores e começamos a negociar com o governo do Estado, que nos deu a posse da terra”.

Conforme Costa, o nome deste bairro resulta do fato de que “aqui tinha muitos coqueiros e licuris”. Por meio de votação, os moradores escolheram entre os nomes Parque Residencial Yeda Barradas Carneiro e Alto do Coqueirinho.

A **Lavagem do Alto do Coqueirinho**, embora não aconteça há dois anos, para Costa, era o momento em que o bairro se mobilizava. O presidente do Conselho explica que o evento não era apenas diversão, era também um meio de protesto, de manifestação popular, para expressar os anseios da comunidade. Eram três dias de festa com bandas e grupos da própria comunidade, que tinham a oportunidade de sair do anonimato. Costa ainda afirma que nessas Lavagens foram criados diversos grupos de pagode, reggae, hip-hop e arrocha.

Em 2006, o Conselho de Moradores do Alto do Coqueirinho criou a **Escola de Panificação e Confeitaria**. O curso de panificação é destinado a jovens entre 15 e 19 anos e tem como objetivo iniciá-los em uma profissão. Já o curso de confeitaria é voltado para mulheres que têm a possibilidade de complementar a renda familiar, confeitando bolos, fazendo doces e salgados em sua própria casa.

Entre os principais equipamentos do bairro estão a **Unidade de Saúde da Família do Alto do Coqueirinho**, o **Colégio Estadual Yeda Barradas Carneiro**, a **Creche Geórgia Barradas Carneiro** e a **Associação de Moradores**.

Na localidade **Baixa do Tubo**, há um minadouro que forma o **Córrego do Bispo**, também conhecido como **Rio Xangô**, que hoje está bastante poluído devido aos dejetos constantemente lançados. Entretanto, em sua nascente, segundo Costa, a água é cristalina, uma vez que “as pessoas tiveram o cuidado de murar o local e essa água nunca fica parada, ela brota e flui ...”.

O Alto do Coqueirinho tem uma população de 9.076 habitantes, o que corresponde a 0,37% da população de Salvador; concentra 0,36% dos domicílios da cidade, estando 22,68% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 30,52% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudo.



ALTO DO COQUEIRINHO

Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO	Centro	Nome do Bairro	Nome do Logradouro
COL. EST. YEDA BARRADAS CARNEIRO	1664	R. Chile		
CENT. MUN. EDUC. INF. GEORGIA MARIA BARRADAS CARNEIRO	1871			
CENT. COMUM. ALTO DO COQUEIRINHO	2301			
IG. S. PEDRO	2302			
IG. ADVENT. SETIMO DIA	2303			
USF ALTO DO COQUEIRINHO	2944			

Projeção: UTM - DATUM: SAD 89
 Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006. CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
 - Universidade Federal de Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - CNPQ
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se no fundo dos imóveis com frente para a Baixa do Tubo, inclusive. Daí segue contornando os imóveis com frente para a Baixa do Tubo até alcançar o fundo dos imóveis com frente para a Alameda das Roseiras, inclusive, até alcançar o eixo da referida via, por onde segue até seu cruzamento com a Rua do Cabo Branco. Daí segue até a Rua das Acácias. Daí segue até o seu cruzamento com a Rua Bonsucesso, até sua confluência com a Rua da Natividade. Segue por este até seu cruzamento com a Travessa Juazeiro. Daí segue até o seu cruzamento com a Rua Juazeiro, até alcançar a interseção com a Rua Nova Esperança. Daí segue por este logradouro até o cruzamento com a Travessa Nova Esperança, por onde segue até alcançar a Baixa do Tubo, por onde segue até alcançar o fundo dos imóveis com frente para a Baixa do Tubo, inclusive, até o ponto de início da descrição do limite desse bairro.

PIATÃ

Sônia Pereira Ribeiro, representante da **AMA Jaguaribe - Associação dos Moradores e Amigos do Rio Jaguaribe**, afirma que, em 1979, a área que hoje compreende o bairro de **Piatã** tinha características rurais. No lugar, existia apenas o **Condomínio Jardim Placafor**, uma pequena fazenda de gado da família Capinam, um brejo e mato por toda parte. “Era comum ver cobra atravessando a pista”.

O nome do bairro é de origem tupi, popularmente é conhecido como “o persistente, o obstinado”. Segundo Consuelo Ponde de Sena Piatã significa: pý = pé + atã = duro, resistente, logo pyatã significa: pé duro, força ou resistência nos pés.

Para Sonia Ribeiro, o processo de urbanização começou em um ritmo lento, mas, nos últimos 15 anos, tornou-se acelerado e até desordenado. “A ocupação em torno do rio foi feita de uma maneira que não se respeitou os limites da área de preservação, o que acabou comprometendo seu leito. Quando vim morar aqui, esse rio não tinha sinais de poluição, podia-se tomar banho. Atrás de mi-

nha casa passa o **Riacho do Chico**, um braço desse rio, nele tinha peixes grandes. Hoje devido aos esgotos lançados no rio, a água é escura, estando as margens completamente assoreadas, com lixo e entulho”.

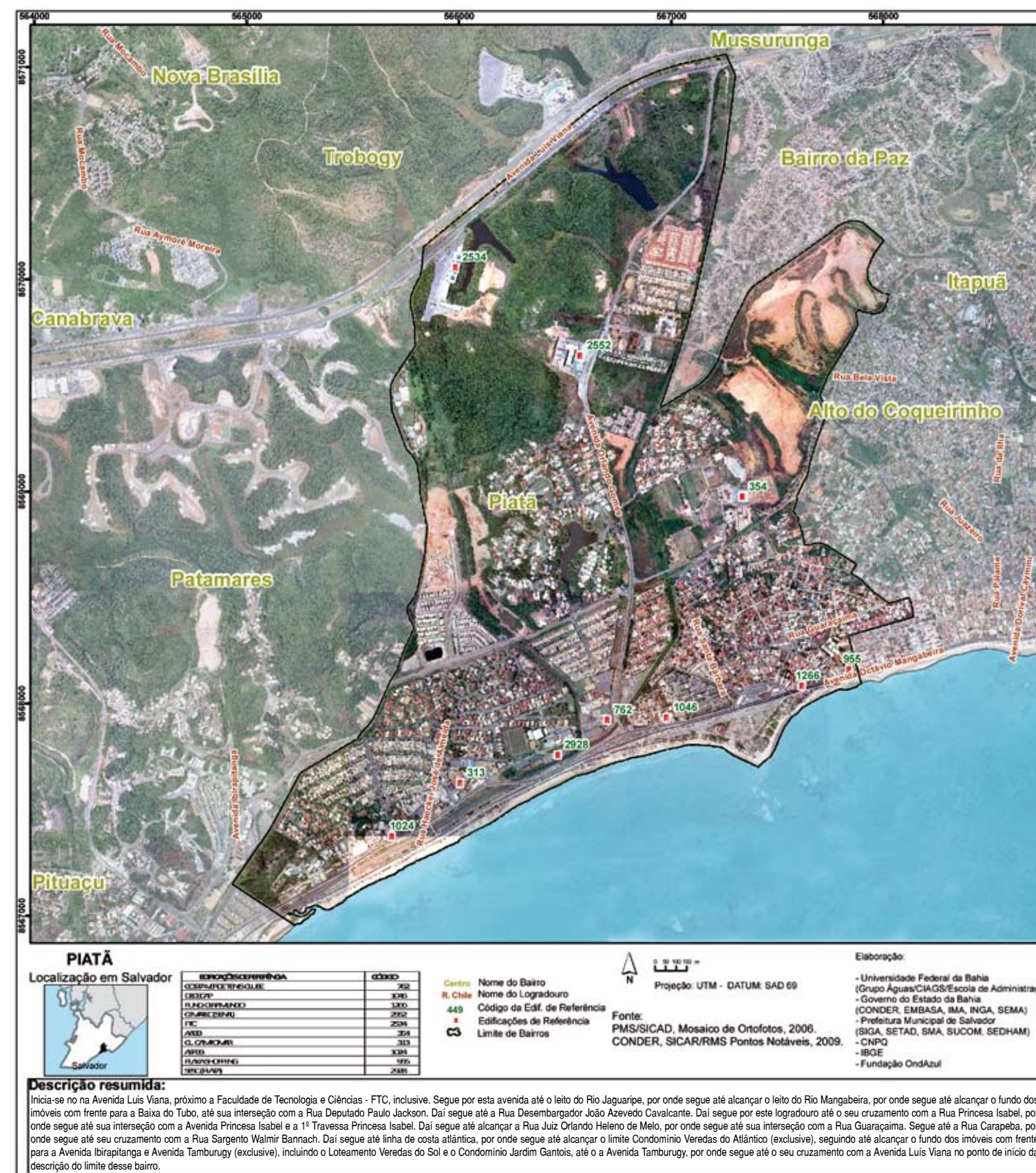
A representante da AMA Jaguaribe afirma que a degradação do rio, as constantes enchentes e a ocupação desordenada fomentaram o surgimento dessa entidade, em 1998, cujo objetivo é o de proteger o **Rio Jaguaribe**. O estuário desse rio também se encontra no bairro.

Situado na Orla Atlântica de Salvador, Piatã é um bairro tipicamente residencial, caracterizado por uma ocupação horizontal e pela existência de condomínios. Na opinião de Sônia Ribeiro, o bairro tem na **Praia do Coqueiral** uma das suas principais referências.

Piatã tem aproximadamente uma população de 11.069 habitantes, o que corresponde a 0,45% da população de Salvador; concentra 0,42% dos domicílios da cidade, estando 33,09% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de mais de 20 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 43,05% dos seus chefes de família têm mais de 15 anos de estudo.



Placafor, 2009



Bacia Hidrográfica do Rio do Cobre

Ocupando grande parcela do território do Subúrbio Ferroviário da cidade de Salvador, paralela aos vetores de expansão da cidade, a Bacia do Rio do Cobre tem uma área de 20,65km², o que corresponde a 6,69% da área de Salvador, sendo considerada a quinta maior Bacia do Município. Encontra-se limitada ao Norte pela Bacia do Ipitanga, a Leste pela Bacia do Jaguaribe, a Oeste pela Bacia do Paraguari e pela Bacia de Drenagem de Plataforma e ao Sul pelas Bacias Pedras/Pituaçu, Camarajipe e de Drenagem de Itapagipe.

Com uma população de 89.188 habitantes, que corresponde a 6,69% da população de Salvador, densidade populacional de 4.319,56hab./km², possui 22.747 unidades habitacionais, que equivalem a 3,45% dos domicílios da cidade (IBGE, 2000).

O Rio do Cobre tem sua principal nascente na Lagoa da Paixão, no bairro Moradas da Lagoa. É cortado pela BA-528 (Estrada da Base Naval de Aratu), sendo barrado em seu médio curso pela represa de mesmo nome – outrora importante manancial de abastecimento da região, área protegida e enquadrada como “Parque Florestal da Represa do Cobre”. A Represa do Cobre separa alguns bairros da margem direita (Alto da Terezinha e Rio Sena), de Pirajá, na margem esquerda, passa pelo Parque São Bartolomeu e deságua na Enseada do Cabrito, onde as pressões urbanas são maiores, comprometendo, portanto, a qualidade das águas do estuário e da referida enseada.

Além dos anteriormente mencionados, também fazem parte dessa Bacia, os seguintes bairros: Valéria, Porto Seco Pirajá (parte deste bairro encontra-se também na Bacia do Pedras/Pituaçu) e São João do Cabrito. Em relação às faixas de renda mensal mais expressivas, os chefes de família dessa bacia situam-se nas seguintes faixas: 44,21% não possuem rendimento ou chegam até 1 SM e 37,21% estão entre 1 até 3 SM. Os índices de escolaridade mais significativos dos chefes de família dessa bacia são: 18,28% possuem de 1 a 3 anos de estudo; 36,37% entre 4 e 7 anos; 18,29% estão na faixa de 8 a 10 anos; 16,74% possuem de 11 a 14 anos de estudo (IBGE, 2000).

A Bacia do Cobre encontra-se relativamente conservada, apresentando considerável área de cobertura vegetal, com significativos remanescentes de ecossistemas no diversificado mosaico do bioma Mata Atlântica, especialmente, no entorno da Represa do Cobre, onde existe uma área de, aproximadamente, 653ha de remanescentes florestais e Floresta Ombrófila, em estágios iniciais e médios de rege-

neração. A conservação dessa mata pode colaborar com a proteção dos mananciais que alimentam a Represa do Cobre.

É uma bacia que tem uma grande importância ambiental, não apenas pelo aspecto ecológico, mas também pelo aspecto histórico e cultural. Foi nessa área que ocorreu a Batalha de Pirajá, na luta pela Independência da Bahia, entre finais de junho e manhã de 2 de julho de 1823. Algumas Unidades de Conservação estão na área de abrangência dessa bacia, dentre elas a APA da Bacia do Cobre / São Bartolomeu, o Parque Metropolitano de Pirajá e o Parque Municipal de São Bartolomeu.

A APA da Bacia do Cobre / São Bartolomeu, criada pelo Decreto n. 7.970/2001, localiza-se na borda oriental da Baía de Todos os Santos, nos municípios de Salvador e Simões Filho. Possui uma área de 1.134ha e uma grande importância histórica e cultural, em virtude da existência, dentro de sua área, do Parque São Bartolomeu, com uma área de 75ha, e uma grande diversidade de ambientes – Mata Atlântica, manguezal, áreas embrejadas e alagadiças (pântano), entre outras. Além da sua importância ecológica, esse Parque possui áreas sagradas para o Povo de Santo (Candomblé e outros cultos), como as nascentes e cascatas de Nanã, Oxum, a nascente e a queda d’água de Oxumaré e as rochas da Pedra do Tempo e



Pedra de Omolú. Um dos importantes afluentes do Rio do Cobre é o Riacho Mané Dendê.

O Parque Metropolitano de Pirajá, referência histórica nas lutas pela Independência da Bahia, possui uma área de 1.550ha e engloba o referido Parque de São Bartolomeu (75ha).

Em relação à qualidade de suas águas, foram escolhidas seis estações amostrais na Bacia do Rio do Cobre, para análise bacteriológica e físico-química. O quadro 01 apresenta as observações do PAR nas estações de coleta de amostras de água da Bacia do Rio do Cobre.

Quadro 01. Observações do PAR nas estações de coleta de amostras de água da Bacia do Rio do Cobre

Parâmetros	COB 01	COB 02	COB 03	COB 04	COB 05	COB 06	COB 07
Tipo de ocupação das margens	Áreas desmatadas	Residencial	Residencial	Área com vegetação arbórea	Vegetação natural	Residencial	Residencial
Estado do leito do rio	Assoreado	Revestido	Revestido	Não se aplica (represa)	Natural (curso livre)	Assoreado	Assoreado
Mata ciliar	Dominância de gramíneas	Ausente (solo descoberto)	Ausente (solo descoberto)	Dominância de mata secundária	Vegetação nativa parcial	Dominância de gramíneas	Vegetação nativa parcial
Plantas aquáticas	Macrófitas e Perifiton	Ausente	Ausente	Macrófitas	Macrófitas Perifiton	Macrófitas grandes concentração	Ausente
Odor da água	Nenhum	Nenhum	Nenhum	Nenhum	Nenhum	Nenhum	Médio
Oleosidade da água	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Pequenas manchas
Transparência da água	Turva	Turva	Turva	Escura	Levemente escurecida	Turva	Opaca ou colorida
Tipo de fundo	Lama/Areia	Lixo	Lixo	Não se aplica (represa)	Pedras/Cascalo	Lixo	Lixo
Fluxo de águas	Fluxo igual em toda a largura	Lâmina d'água em 75% do leito	Lâmina d'água em 75% do leito	Não se aplica (represa)	Fluxo igual em toda a largura	Lâmina d'água em 75% do leito	Fluxo igual em toda a largura

Obs.: Macrófitas aquáticas são plantas herbáceas que crescem na água, em solos cobertos por água ou em solos saturados com água; Perifiton são organismos que vivem aderidos a vegetais ou a outros substratos suspensos.

QUALIDADE DAS ÁGUAS

A análise da qualidade das águas na Bacia do Cobre foi realizada em 07 (sete) estações de coleta de amostras de água ao longo da Bacia, conforme coordenadas apresentadas no quadro 02 e figura 01.

Quadro 02. Coordenadas das estações de coleta de amostras de água da Bacia do Rio Cobre - Salvador, 2009

Estação	Coordenada X	Coordenada Y	Referência
COB 01	560239,9348	8579395,043	Rua Morada da Lagoa, Lagoa da Paixão, Fazenda Coutos.
COB 02	559753,9196	8579013,355	Rua Morada da Lagoa
COB 03	559272,2788	8578566,349	Rua da Base Naval, 2ª travessa
COB04	558504,3041	8574753,633	Estrada da Barragem, Represa do Cobre
COB 05	557387,475	8573981,973	Parque São Bartolomeu – Próximo ao afluente “Mané Dendê”, com Acesso pela Av.Suburbana.
COB 06	557244,7689	8573823,623	Estrada do Subúrbio – Pirajá
COB 07	556897,9713	8573584,55	Av. Suburbana, ponte próxima à Av. Afrânio Peixoto – Rua 1º Novembro.



Figura 01. Bacia do Rio do Cobre e localização das estações de coleta de amostras de água

Quanto aos resultados da análise de alguns parâmetros bacteriológicos e físico-químicos de amostras de água do Rio do Cobre, eles poderão ser visualizados nas figuras 02 a 08.

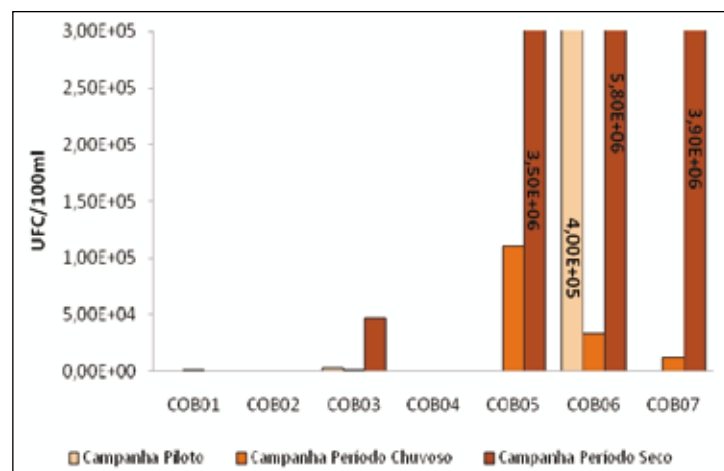


Figura 02. Coliformes Termotolerantes na Bacia do Rio do Cobre

A figura 02 apresenta valores muito elevados de Coliformes Termotolerantes nas estações situadas à jusante da Represa do Cobre (COB05, COB06 e COB07) na campanha de período seco, quando a concentração de esgotos sanitários torna-se mais representativa no fluxo total do curso d'água.

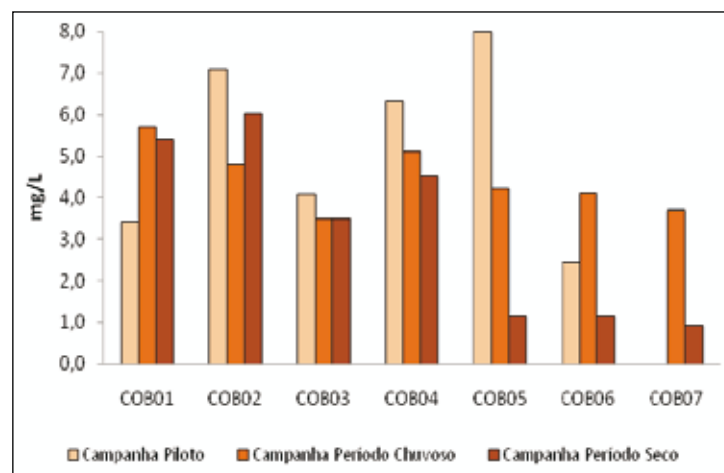


Figura 03. OD na Bacia do Rio do Cobre

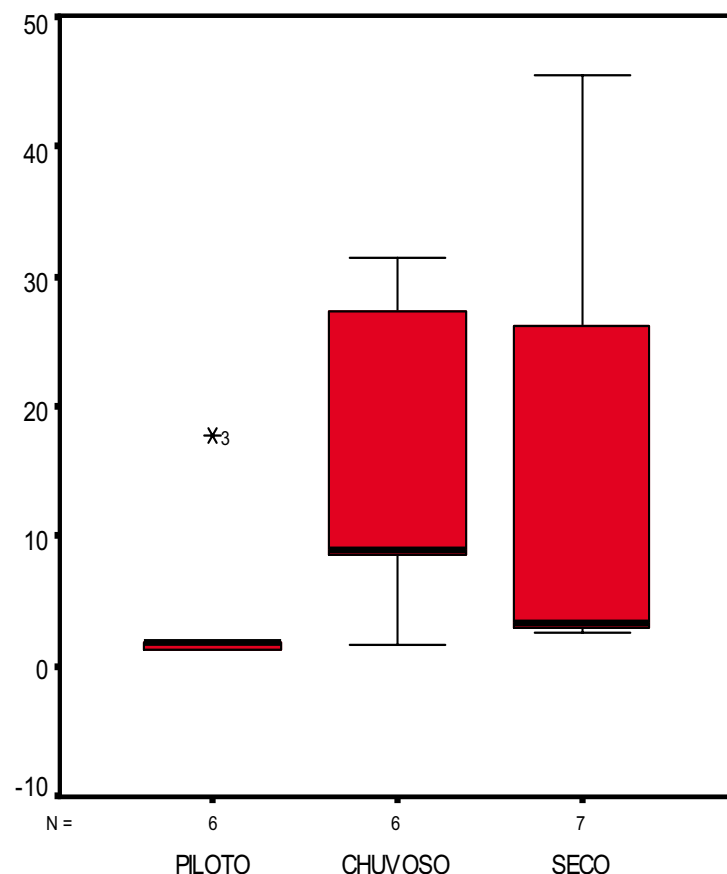


Figura 04. Comparação das Concentrações de OD na Bacia do Rio do Cobre nas 3 Campanhas

As figuras 03 e 04 mostram a ocorrência de valores de OD acima de 5,0mg/L, nas estações de amostragem, entretanto, conforme a Resolução CONAMA n. 357/05, para águas doces classe 2, qualquer amostra de água, deve apresentar valores superiores a 5,0 mg/L.

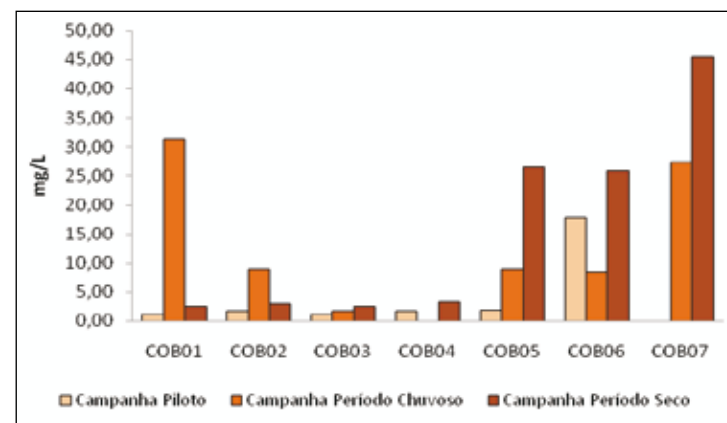


Figura 05. DBO na Bacia do Rio do Cobre

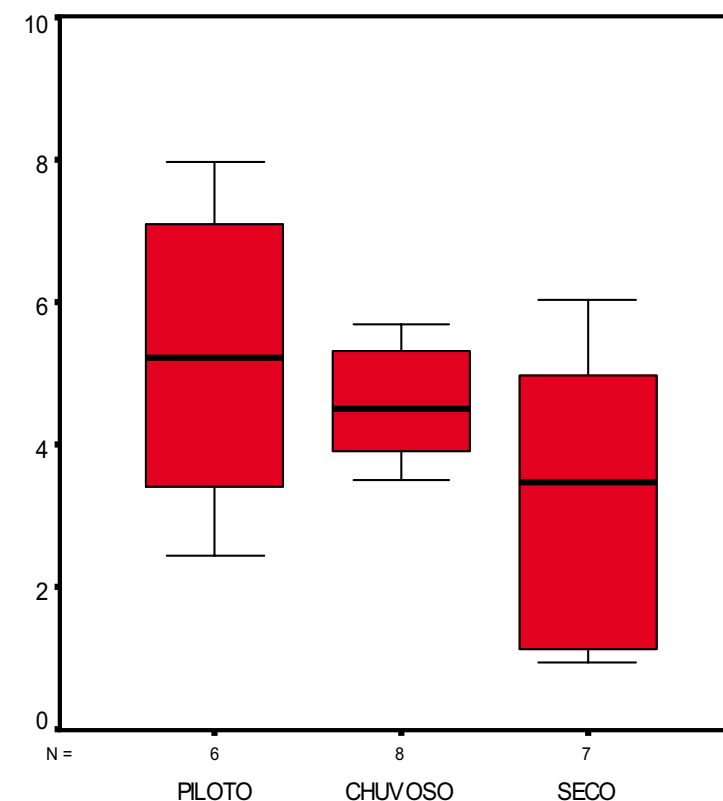


Figura 06. Comparação das Concentrações de DBO na Bacia do Rio do Cobre nas 3 Campanhas

As figuras 05 e 06 mostram os maiores valores de DBO, que não atendem a Resolução CONAMA n. 357/05 para águas doces classe 2, nas estações à jusante da Represa do Cobre (COB05, COB06 e COB07), tanto nas campanhas de período chuvoso quanto de período seco. Salienta-se que apenas as estações COB03 e COB04 não violam o estabelecido pela Resolução CONAMA n. 357/05 para águas doces classe 2 na campanha de período chuvoso.

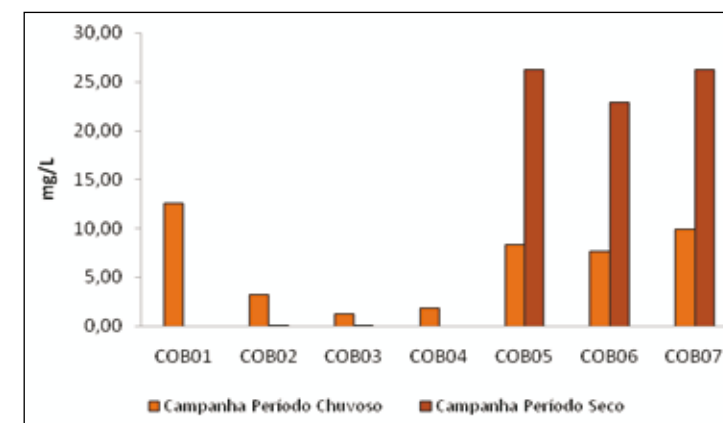


Figura 07. Nitrogênio Total na Bacia do Rio do Cobre

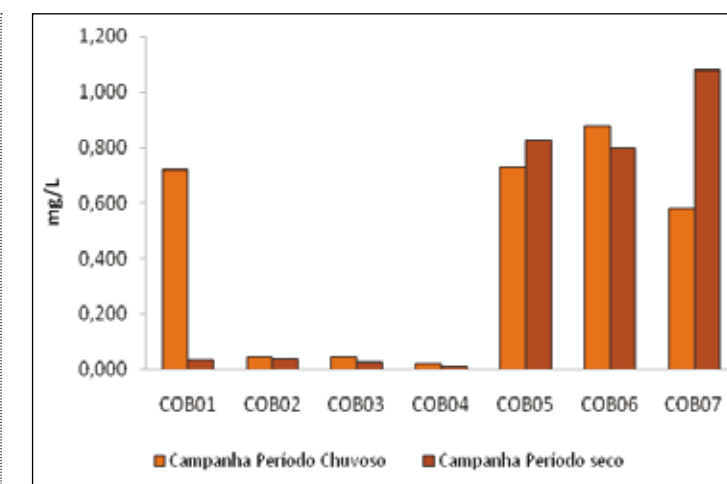


Figura 08. Fósforo Total na Bacia do Rio do Cobre

A mesma tendência acontece para Nitrogênio Total e Fósforo Total, com as maiores concentrações nas estações COB05, COB06 e COB07, conforme mostrado nas figuras 07 e 08.

O Índice de Qualidade das Águas - IQA do Rio do Cobre se classifica na categoria Boa nas estações COB01 (Lagoa da Paixão), COB02 e COB04 (Represa do Cobre), Regular na estação COB06 e Ruim nas estações COB03, COB05 e COB07 (próximo à sua foz) na campanha de período chuvoso, e na categoria Boa nas estações COB01 e COB04, Regular na estação COB02, Ruim nas estações COB03, COB05 e COB06 e Péssimo na estação COB07 na campanha de período seco, como mostra a figura 09, configurando-se, mesmo assim, como o de melhor IQA entre os rios do município de Salvador.

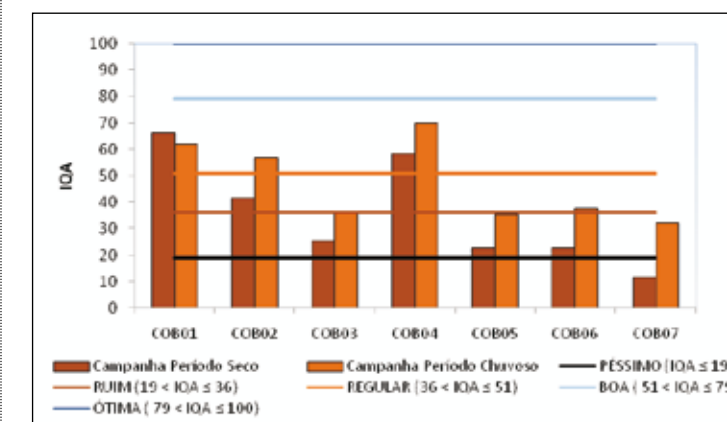


Figura 09. IQA na Bacia do Rio do Cobre

Visando conhecer a vazão do Rio do Cobre, realizou-se também a medição de descarga líquida na estação COB 06, situada

na Estrada Velha do Cabrito, Parque São Bartolomeu, coordenadas geográficas Latitude 38° 28' 20" e Longitude 12° 54' 01", em 14/08/2008 (Tempo Chuvoso). O resultado da primeira medição foi de $Q_1=0,360\text{m}^3/\text{s}$ e o da segunda foi de $Q_2=0,341\text{m}^3/\text{s}$, com uma vazão média, $Q_m=0,350\text{m}^3/\text{s}$.

No momento da medição de vazão foi coletada amostra de água para análise de qualidade, o que permitiu o cálculo da carga no Rio, apresentada na tabela 01, para os parâmetros DBO₅, Fósforo Total e Nitrogênio Total.

Tabela 01. Resultados das medições de vazão e de cargas de DBO₅, Fósforo Total e Nitrogênio Total

Estação	Vazão Média m ³ /s	DBO ₅ mg/L	DBO ₅ t/dia
COB 06	0,350	8,5	0,26

continuação

Nitrogênio Total mg/L N	Nitrogênio Total t/dia	Fósforo Total mg/L P	Fósforo Total t/dia
0,88	0,03	7,6	0,23

Vale ressaltar que esses valores de carga são indicativos apenas de uma data e somente ilustrativos, considerando-se a necessidade de se analisar resultados qualitativos e quantitativos de uma série histórica, para uma representatividade da realidade da Bacia.

Os bairros inseridos nessa bacia são parcialmente atendidos pelo Sistema de Esgotamento Sanitário de Salvador. Existem ligações clandestinas de esgoto à rede pluvial, em função de dificuldades topográficas, resistência por parte de cidadãos em conectar seus imóveis à rede pública de esgotamento sanitário, ocupação desordenada, com a existência de imóveis sobre galerias e canais de drenagem, em fundos de vale e encostas gerando dificuldades de implantação da rede coletora de esgotamento sanitário, além de reformas e ampliações de imóveis sem a devida regularização junto à Prefeitura Municipal.

Atualmente estão sendo executadas obras de extensão de rede coletora de esgotamento sanitário, ligações intradomiciliares e algumas intervenções de requalificação urbana nos bairros inseridos nessa bacia, objetivando a melhoria da qualidade ambiental.



Foto: André Carvalho

Cachoeira do Parque São Bartolomeu

MORADAS DA LAGOA

Segundo Adenilson da Silva, presidente da **Associação de Moradores do Conjunto Habitacional Coutos IV**, o bairro **Moradas da Lagoa**, situado no **Subúrbio Ferroviário de Salvador**, surgiu há 25 anos. “Vi nascer esta comunidade com o nome de **Conjunto Habitacional Coutos**, que nesta época era uma localidade do bairro **Fazenda Coutos**. Além de arenoso, aqui tinha um grande matagal”.

Pelo projeto do **Conjunto Moradas da Lagoa**, moradores de rua deveriam ser resgatados, garantindo trabalho e moradia. O loteamento previa a horta comunitária, pomar, creche, escola, igreja, posto de saúde, centro comunitário e de formação para o trabalho.

Tempos depois surgiram outras construções como o **Conjunto Recanto da Lagoa**, o **Jardim Valéria I e II** e **Moradas da Lagoa I e II**, a **Escola Municipal Darcy Ribeiro**, a **Escola Municipal Ítalo Gaudenzi**, a **Escola Municipal Olga Metting**, e um centro de saúde.

Para Adenilson Silva, a **Lagoa da Paixão** é patrimônio do bairro. Apesar de atualmente estar muito poluída e cercada por ocupações espontâneas, no passado atraiu muita gente por sua beleza. Conforme Silva, ela leva este nome porque segundo a lenda, as pessoas se apaixonavam por suas águas, “tanto que lá ficavam...” A Lagoa da Paixão é a principal nascente do rio do Cobre.

O fato é que há registros de que muitas pessoas morreram afogadas nesta Lagoa. Entre as curiosidades do bairro, Silva destaca as pessoas talentosas que vivem no local e que levam para o mundo o nome Moradas da Lagoa, “temos os dançarinos que trabalham com **Daniela Mercury** e no **Balé Folclórico**”.

Moradas da Lagoa possui uma população de 4.381 habitantes, o que corresponde a 0,18% da população de Salvador, tem 0,19 domicílios, estando 26,32% da sua população situada na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos e 35,22% dos seus chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.



Foto: André Carvalho

Lagoa da Paixão, 2009





Foto: Elba Veiga

Lagoa da Paixão, 2009

● VALÉRIA

Localizado às margens da Rodovia BR-324, conforme Jorge Bastos Borges, líder comunitário, o bairro de **Valéria** surgiu do desmembramento de cinco fazendas. Seu batismo é uma homenagem a uma das três filhas de um cidadão que habitava no local antes das fazendas serem vendidas. Inicialmente, o lugar abrigava sedes de grandes fábricas, duas pedreiras e várias transportadoras.

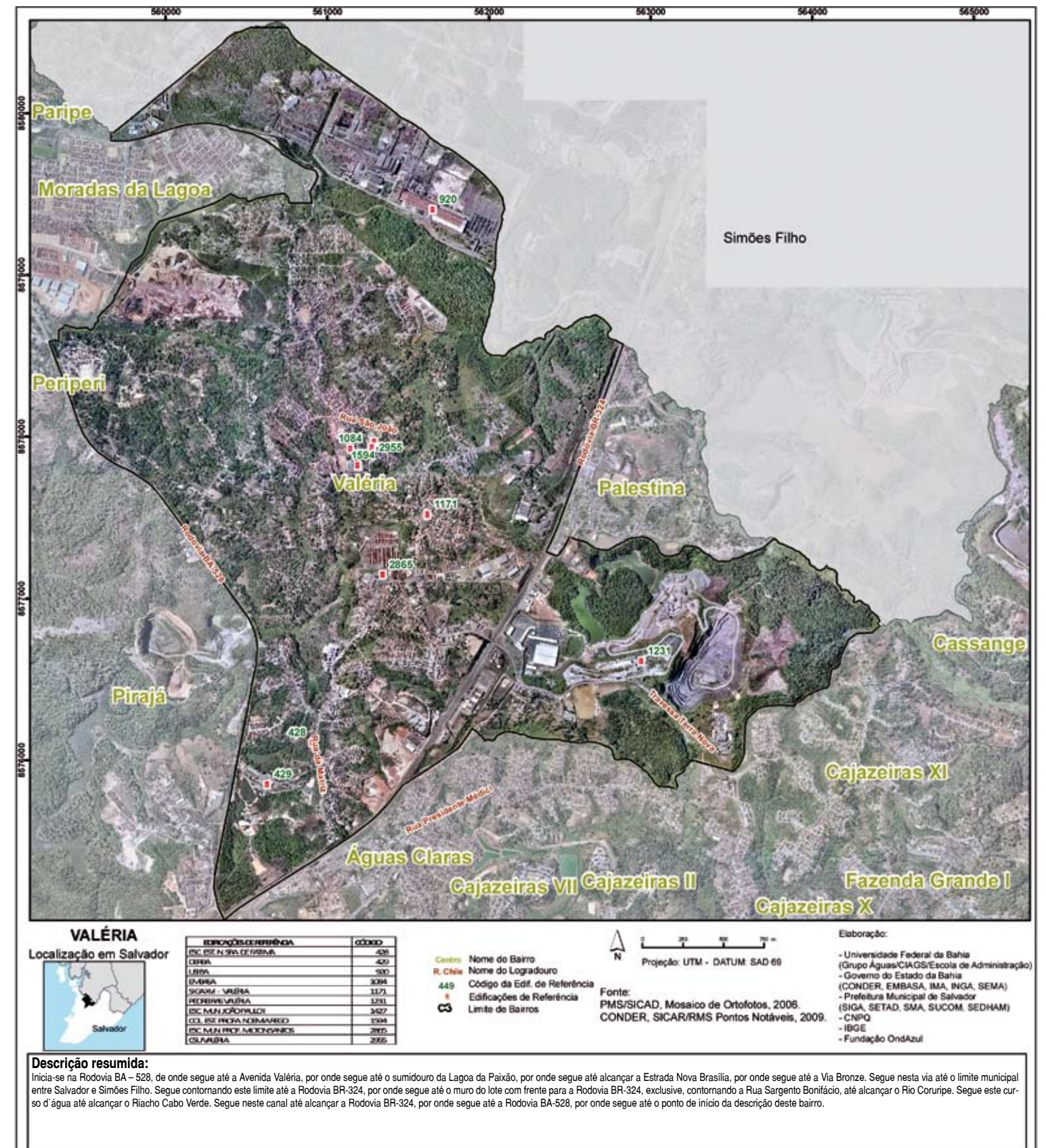
Este bairro começou a ser povoado no final da década de 1960, “nesta época não tínhamos unidade de saúde e éramos cercados por mato, havia muita área verde” diz Borges.

Atualmente, os moradores de Valéria admitem que apesar da ausência de infraestrutura (o que levou a comunidade a organizar um movimento pela emancipação do bairro em 2001), existem alguns benefícios em morar nesta área: “o acesso é fácil, pois tem saída para vários lugares e não temos problemas de deslizamento, pois o terreno é plano e sem paredões” afirma José Luís Rodrigues França, morador do bairro.

Entre os principais equipamentos públicos do bairro estão: o **Centro Social Urbano**, a **Escola Municipal Afonso Temporal**, a **Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima**, a **Escola Estadual Profª Noêmia Rego**, a **Escola Municipal Milton Santos** e a **Escola Municipal Dinah Gonçalves**. Há também o **Posto de Saúde Frei Benjamim**, inicialmente administrado pela ordem dos Capuchinhos, tempos depois, a gestão foi transferida para a Prefeitura Municipal de Salvador.

A **Festa de Nossa Senhora da Conceição**, padroeira do bairro, momento em que toda a comunidade se mobiliza, acontece na primeira semana de dezembro. A população se reúne, contrata algumas atrações, arma barracas para vender bebida e alimentos. Uma das nascentes do **Rio Jaguaripe** encontra-se neste bairro.

Valéria possui uma população de 27.688 habitantes, o que corresponde a 1,13% da população de Salvador, concentra 1,08% dos domicílios da cidade, estando 31,83% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, 37,83% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos.



● RIO SENA

Situado no **Subúrbio Ferroviário de Salvador**, o bairro **Rio Sena** foi definido por Clélia Matos, representante da **Associação Joana D'Arc**, como um lugar ainda em processo de formação... Assim como outros bairros desta região, no século XVII, esse foi um local onde grandes proprietários de terra estabeleceram casas de veraneio.

Rio Sena é resultado de sucessivas ocupações espontâneas desde a década de 1960. Neste tempo, Matos conta que "era um loteamento com casas de taipa e algumas poucas de bloco, cercadas por grandes árvores, não tinha transporte, andávamos muito para pegar o trem. O nome do local naquela época era **Loteamento Jardim Praia Grande**".

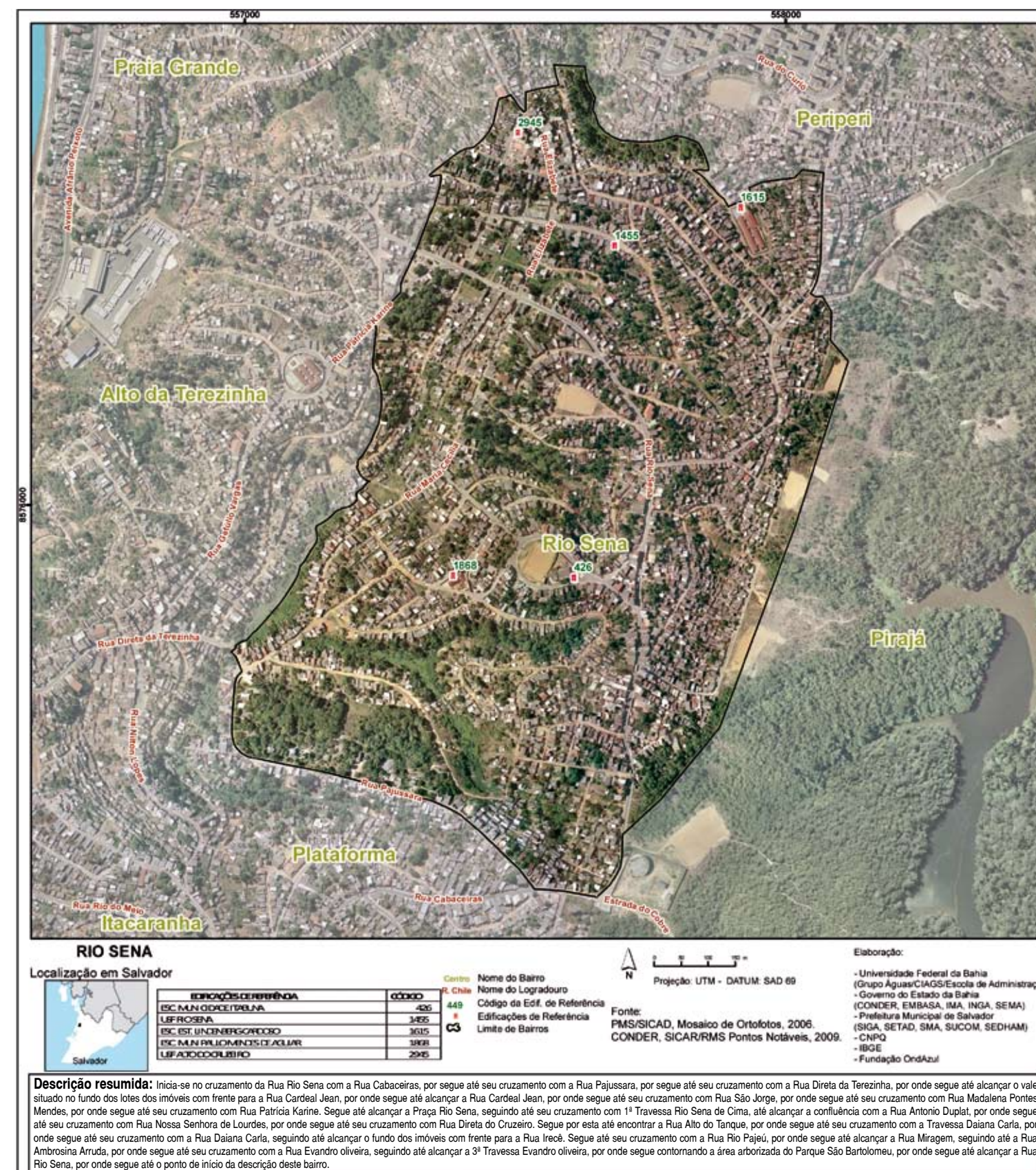
Diz-se que o nome Rio Sena surgiu de um abaixo-assinado liderado por uma antiga moradora. A idéia era homenagear Joana D'Arc, que teve suas cinzas jogadas no Rio Sena em Paris. Na época todos os moradores concordaram e a prefeitura oficializou o nome. Clélia Matos explica que o lugar passou a se chamar Rio Sena quando veio

o transporte em 1982. No vale que separa o bairro Rio Sena do Alto da Terezinha, corre o **Riacho Mané Dendê**.

No bairro, cuja referência é a **Praça do Rio Sena**, a **Festa da Primavera** é o momento em que toda a comunidade se mobiliza. Há aproximadamente 10 anos, os estudantes das escolas locais desfilam com fanfarras pelas ruas do bairro.

Entre os principais equipamentos públicos do bairro, estão: o **Colégio Municipal Carneiro da Rocha**, o **Colégio Estadual Sara Violeta de Melo Kertesz** e a **Escola Municipal Cidade de Itabuna**, um marco histórico para Rio Sena, uma vez que na década de 1970 serviu de abrigo para famílias vítimas de um grande temporal. Na época, um seminarista visitou o local e a partir da sua visita formou-se um grupo religioso que cresceu e construiu a primeira igreja do bairro.

Rio Sena possui uma população de 11.999 habitantes, o que corresponde a 0,49% da população de Salvador; concentra 0,45% dos domicílios da cidade, estando 25,83% dos seus chefes de família sem rendimentos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 40,60% dos seus chefes de família têm entre 4 a 7 anos de estudo.



PIRAJÁ

Em seu *Tratado Descritivo do Brasil de 1587*, Gabriel Soares de Souza caracteriza o local que hoje corresponde ao bairro de **Pirajá** como: “um engenho de açúcar da sua Majestade, que ali está feito com uma Igreja de São Bartolomeu, freguesia daquele limite”. Para o referido autor, Pirajá significa na língua tupi “viveiro de peixes”, já para o historiador Cid Teixeira Pirajá significa “chuva miúda ou garoa”.

José Milton Rodrigues, fundador do **Grupo Pirajá Rumo ao Terceiro Milênio**, afirma que parte das terras que correspondem ao bairro, já pertenceu à União Fabril e que aos poucos foram sendo ocupadas. “As pessoas foram chegando, chegando e eles resolveram lotear a área. Muita gente pagava aos proprietários, mas não tinha a escritura, tinha a posse, eram rendeiros. Hoje em dia é que muita gente conseguiu a propriedade da terra”.

Nesta época, Pirajá não tinha transporte coletivo nem água encanada. Segundo Rodrigues, a água consumida era das cisternas que existiam em cada casa. Segundo João Guedes, presidente da **Associação Beneficente do Bairro de Pirajá**, existe uma estação de tratamento de água da EMBASA na Represa do Cobre, que trata água e distribui para os bairros circunvizinhos.

Hoje, o bairro está dividido em **Pirajá Velha**, onde está situada a **Igreja de São Bartolomeu (1638)** e o **Panteão de Labatut e Pirajá Nova**, área que surgiu a partir de 1980 e é composta pelas localidades **Pantanal, Sapolândia e Irecê** e por diversos conjuntos habitacionais.

Em 1972 esse bairro passou à condição de Parque Histórico por



João Guedes



José Milton Rodrigues



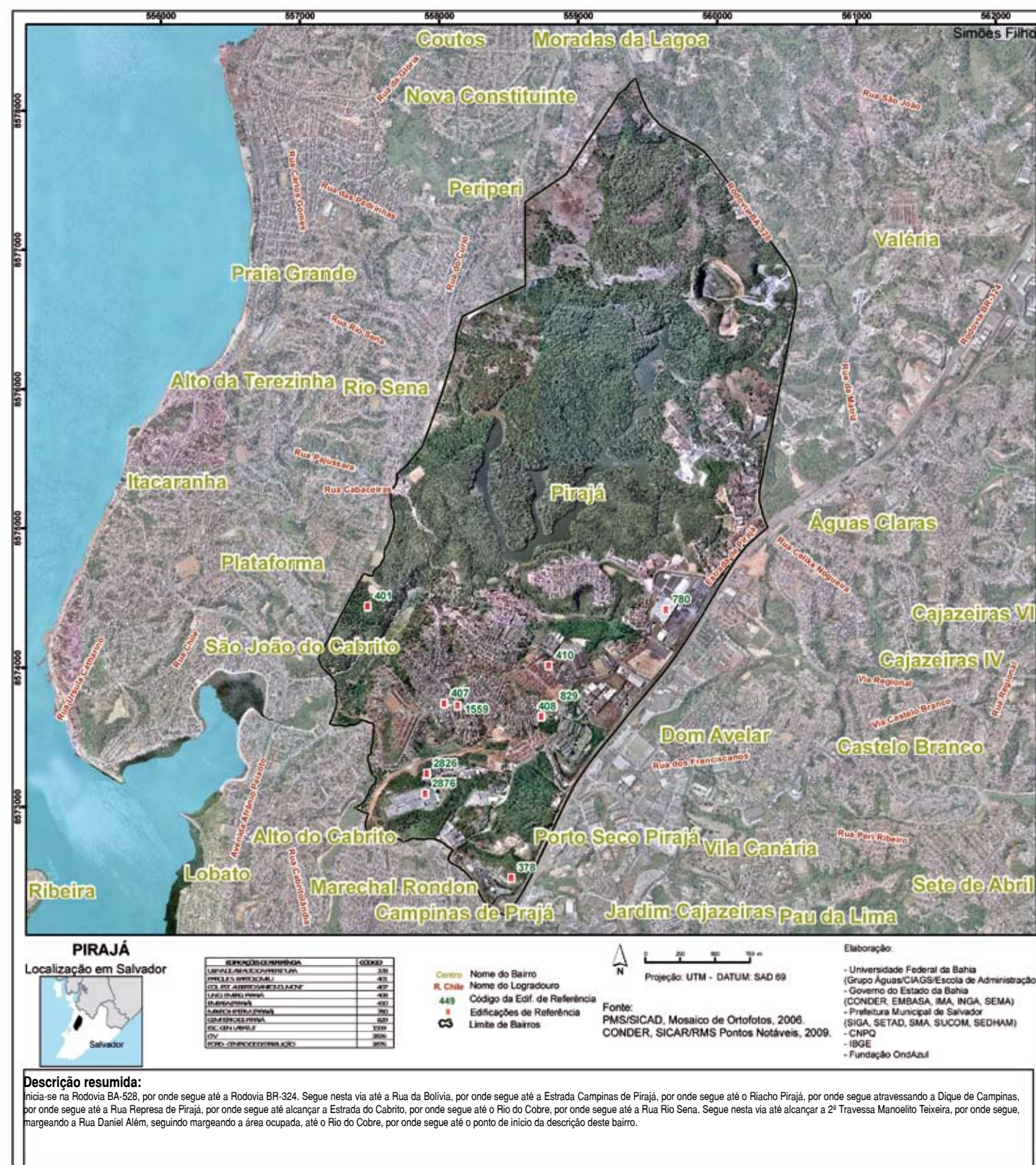
Estrada Nova de Pirajá – 1976

Decreto Municipal, pois foi na região que compreende além de Pirajá, os bairros do **Alto do Cabrito e Campinas de Pirajá** que foram travadas, em 08 de novembro de 1822, as batalhas que culminaram na **Independência da Bahia** em 02 de Julho de 1823. Ademais, a **Estrada Campinas de Pirajá** foi o caminho percorrido pelas tropas que vieram do **Recôncavo Baiano**, lideradas pelo General Labatut, para combater e expulsar os portugueses da Bahia.

Por esta razão, comemora-se neste histórico bairro a Guerra de Independência com fanfarras, grupos musicais e cortejos de blocos, todos os anos a partir do dia 01 de Julho, com a chegada do fogo simbólico à **Praça General Labatut**.

Guedes conta que a população deste bairro também se mobiliza uma semana após o 2 de Julho, na **Festa de Labatut**, existente desde 1853, quando iniciou-se uma romaria ao túmulo do General Labatut na Igreja de São Bartolomeu. “São 3 dias de festa e no domingo os moradores saem em blocos, transformando o bairro num verdadeiro carnaval”. Entre os principais equipamentos públicos do bairro estão a **Escola General Labatut** e a **Creche Escola Comunitária Miguel Fróes**.

Pirajá possui uma população de 32.899 habitantes, o que corresponde a 1,35% da população de Salvador, concentra 1,28% dos domicílios da cidade, estando 23% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 35,44% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudo.



● SÃO JOÃO DO CABRITO

Conforme Valdeci Teixeira Barbosa, coordenadora geral do **Grêmio Comunitário Cultural e Carnavalesco Afoxé Filhos de Ogum de Ronda**, a área que corresponde hoje ao bairro de **São João do Cabrito**, foi o primeiro local a ter casas sob palafitas. “*Toda essa área aqui era mangue, tivemos muito trabalho para entulhar isso tudo, morávamos em cima do mangue sob palafitas, pegávamos barro na Suburbana e carregávamos na cabeça para aterrar*”. Neste bairro encontra-se a foz do **Rio do Cobre**.

São João do Cabrito é um bairro marcado por ocupações espontâneas, cuja população em geral vive da pesca e dispõe dos seguintes equipamentos: uma **Colônia de Pescadores**, o **Posto de Saúde da Família Antonio Lazaroto**, o **Colégio Estadual Bertoldo Cirilo dos Reis**, a **Escola Municipal Machado de Assis** e a **Sociedade Primeiro de Maio**, onde funciona a creche e **Grêmio Comunitário Cultural e Carnavalesco Afoxé Filhos de Ogum de Ronda**, que desenvolve um trabalho sócio cultural na comunidade com oficinas de dança, música, maculelê, capoeira, puxada de rede, entre outras atividades, o grupo também faz doações de cesta básicas e brinquedos e promove palestras educacionais.

Sobre o nome do bairro, Valdeci Barbosa explica que a primeira parte do bairro era chamada de Cabrito, porque havia um morador, dono de muitos cabritos que pastavam nesta área; o fim de linha chamava-se São João porque existia um engenho com este nome. Com o tempo, o poder público juntou os nomes e todo o local passou a chamar-se de São João do Cabrito.

Segundo Valdeci Barbosa havia no bairro muitos minadouros e hoje não há mais nada; o “**Rio de Maria Zambetão**”, que atravessava a **Avenida Suburbana** e onde lavava-se roupa e o feijão do acarajé, hoje em dia cai direto em uma rede de esgoto e não existe quase nada.

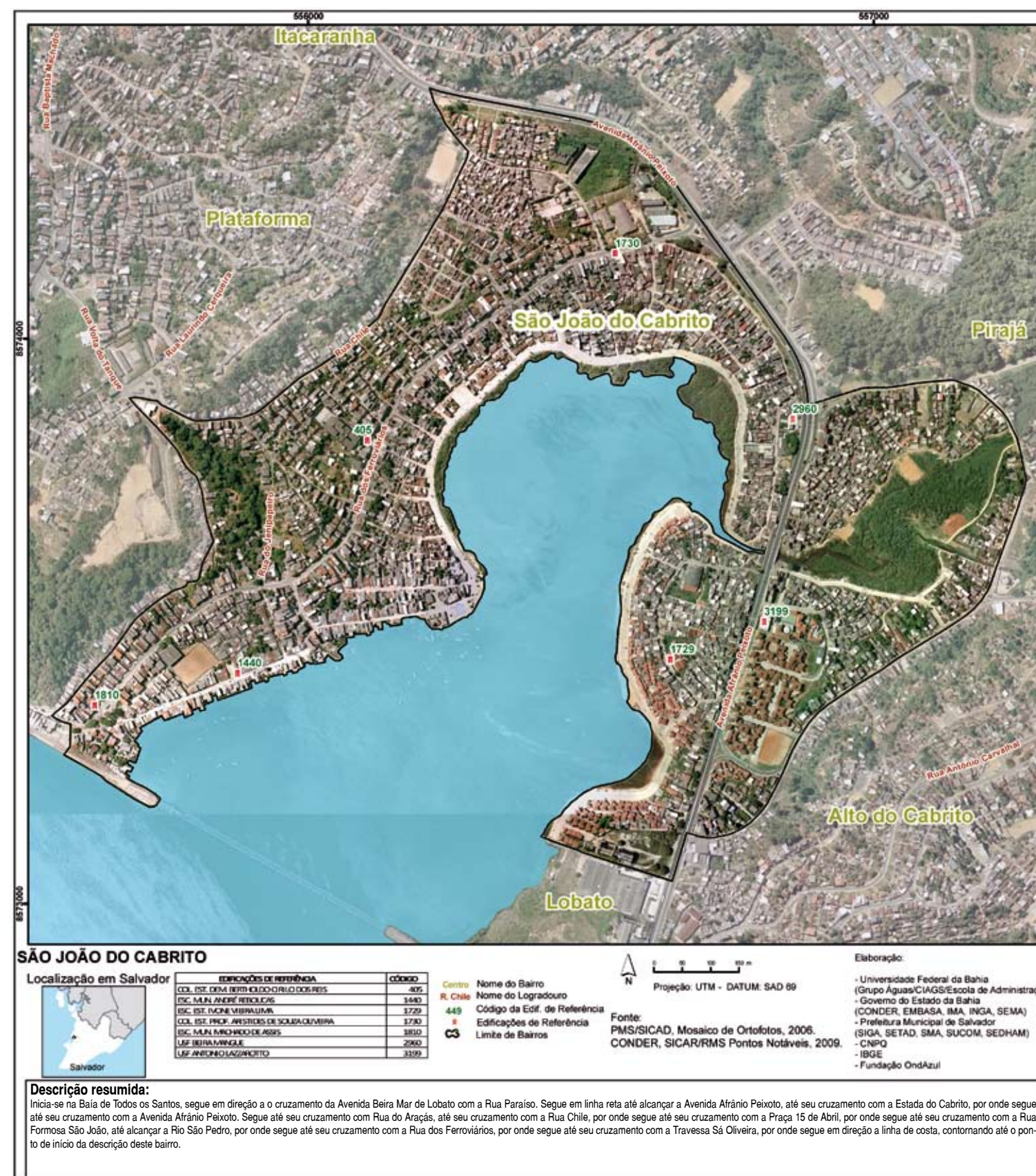
Para Valdeci Barbosa, a referência do bairro é a ponte do trem e as festas que mobilizam a comunidade são a **Mudança de São João do Cabrito** e a **Festa dos Pescadores**, na qual o sagrado e profano se misturam com procissão, missa e pagode.

São João do Cabrito possui uma população de 22.761 habitantes, o que corresponde a 0,93% da população de Salvador; concentra 0,86% dos domicílios da cidade, estando 26,80% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 0,5 a 1 salário mínimo. No que se refere à escolaridade, constata-se que 36,81% dos seus chefes de família têm entre 4 a 7 anos de estudo



Foto: Elba Veiga

Enxada do Cabrito, 2009



Bacia Hidrográfica do Rio Paraguari

Localizada no Subúrbio Ferroviário do município de Salvador, a Bacia do Rio Paraguari, tem uma área de 5,84km², o que corresponde 1,89% do território municipal, sendo uma das menores da capital do Estado. Encontra-se limitada ao Norte e a Leste pela bacia do Cobre, a Oeste pela Baía de Todos os Santos e ao Sul pela Bacia de Drenagem de Plataforma.

Seu principal rio, o Paraguari, tem suas nascentes em várias lagoas e áreas embrejadas e alagadiças na região da Estrada Velha de Periperi, em Coutos. Seu curso passa pelo bairro de Nova Constituinte, área de ocupação espontânea, que possui diversos imóveis situados em cima da calha inundável, edificados em áreas ocupadas sobre o Rio, com lançamentos de excretas humanas e esgotos sanitários ocorrendo diuturnamente. Segundo Consuelo Pondé de Sena, Paraguari significa rio dos papagaios, (paraguá, significa papagaio e y (i), rio, água).

Com uma população de 75.563 habitantes, que corresponde a 3,09% da população de Salvador, densidade populacional de 12.946,17hab/km², possui 19.410 unidades habitacionais, o que corresponde a 2,49% dos domicílios soteropolitanos (IBGE, 2000).

Em relação às faixas de renda mensal, os chefes de família dessa bacia encontram-se distribuídos nas seguintes faixas: 41,63% não possuem rendimento ou chegam até 1 SM; 33,92% estão na faixa entre 1 até 3 SM e apenas 0,49% recebem mais de 20 SM. Os índices de escolaridade mais representativos dos chefes de família dessa bacia são: 17,76% possuem de 1 a 3 anos de estudo; 31,84% estão entre 4 e 7 anos; 17,22% encontram-se na faixa de 8 a 10 anos de estudo, 22,83% possuem entre 11 e 14 anos de estudo (IBGE, 2000).

O Rio Paraguari apresenta-se bastante degradado, com sinais de antropização em toda a sua extensão, inclusive com a presença de macrófitas ao longo de seu curso. Boa parte do rio, sobretudo no terço final, sofreu intervenção com processos de impermeabilização, encontrando-se retificado e revestido e suas águas apresentam resíduos sólidos e forte odor de esgotos, com ausência total da mata ciliar marginal. No estuário do Rio Paraguari, no bairro de Periperi, na praia de mesmo nome, as terras contíguas são em geral úmidas.

Além do Paraguari, existem na área pequenas sub-bacias

que nascem nas vertentes acima da Av. Afrânio Peixoto. Em toda a região suburbana, com alta densidade populacional, são identificados diversos impactos socioambientais que promovem a degradação ambiental dos corpos hídricos receptores, que conduzem poluentes, contaminantes, sedimentos suspensos e resíduos flutuantes, gerados por variadas e ampliadas atividades humanas, provocando perdas irreparáveis à qualidade de vida. Existe nesta bacia uma fonte no Terreiro Ilê Axé Jagun, em Coutos.

Em relação à qualidade das águas, foram eleitas três estações de coleta no Rio Paraguari. O quadro 01 apresenta as observações do Protocolo de Avaliação Rápida - PAR nas estações de coleta de amostras de água dessa bacia.

Quadro 01. Observações do PAR nas estações de coleta de amostras de água da Bacia do Paraguari

Parâmetros	SUB 01	SUB 02	SUB 03
Tipo de ocupação das margens	Residencial	Residencial	Residencial
Estado do leito do rio	Assoreado	Revestido	Revestido
Mata ciliar	Dominância de gramíneas	Pavimentado	Pavimentado
Plantas aquáticas	Ausente	Macrófitas grandes concentração	Perífiton abundante e biofilmes
Odor da água	Forte (esgotos)	Forte (esgotos)	Forte (esgotos)
Oleosidade da água	Ausente	Ausente	Ausente
Transparência da água	Opaca ou colorida	Opaca ou colorida	Opaca ou colorida
Tipo de fundo	Lixo	Lixo	Lixo

Obs.: *Perífiton são organismos que vivem aderidos a vegetais ou a outros substratos suspensos; Macrófitas aquáticas são plantas herbáceas que crescem na água, em solos cobertos por água ou em solos saturados com água.*

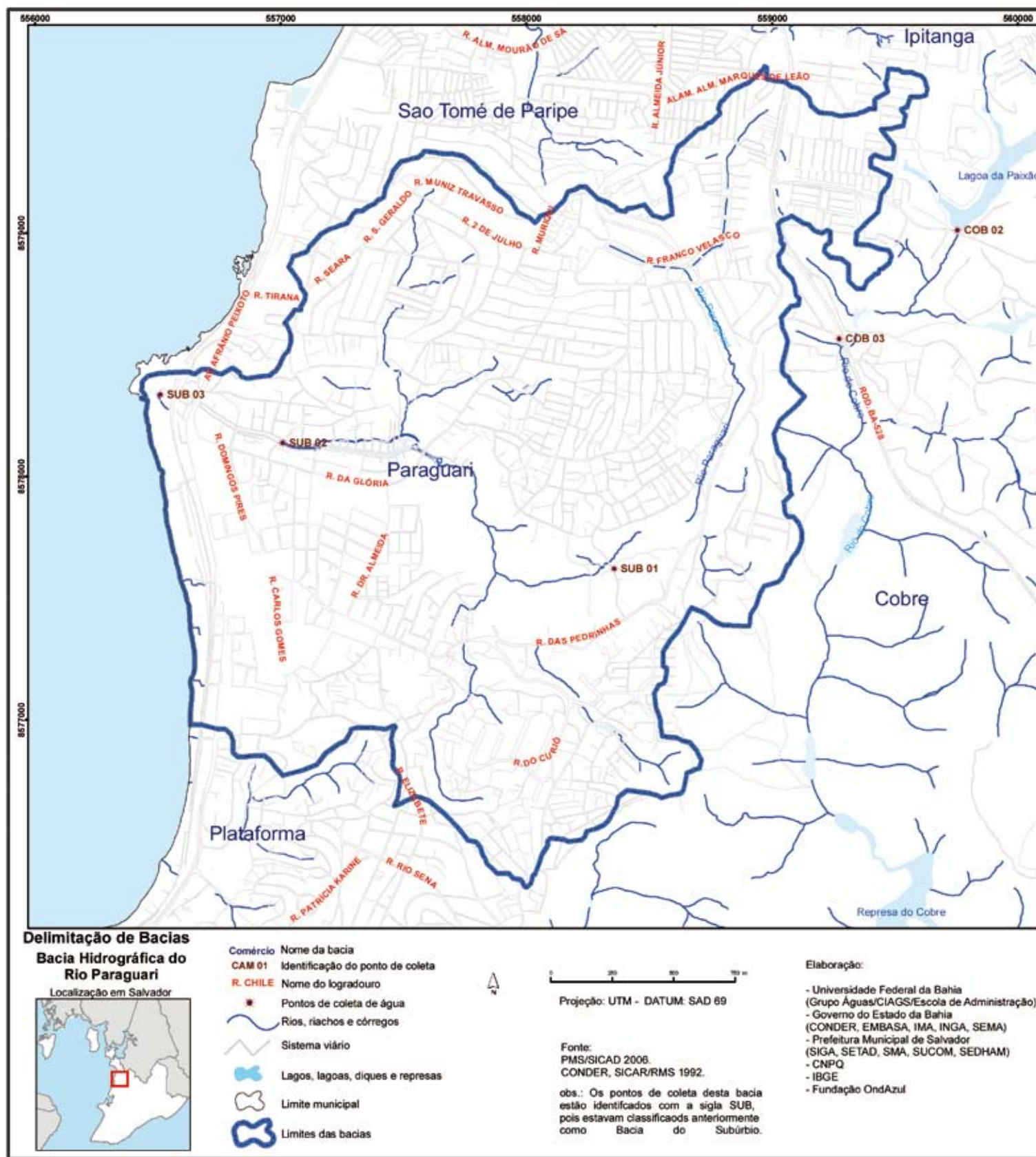


Figura 01. Bacia do Rio Paraguarí e localização das estações de coleta de amostras de água

QUALIDADE DAS ÁGUAS

A análise da qualidade das águas na Bacia do Rio Paraguarí foi realizada em 03 (três) estações ao longo da Bacia, conforme coordenadas apresentadas no quadro 02 e figura 01.

Quadro02. Coordenadas das estações de coleta de amostras de água da Bacia do Rio Paraguarí - Salvador, 2009

Estação	Coordenada X	Coordenada Y	Referência
SUB 01	558356,1532	8577621,800	Rua das Pedrinhas, 3ª Travessa da Rodagem – Estrada Velha de Periperi
SUB 02	557006,0167	8578139,313	Rua da Glória – Periperi (sobre a ponte)
SUB 03	556509,8302	8578337,761	Av. Suburbana (canalizado – influência marinha)

Quanto aos resultados da análise dos parâmetros bacteriológicos e físico-químicos dessa bacia, eles poderão ser visualizados nas figuras 02 a 08.

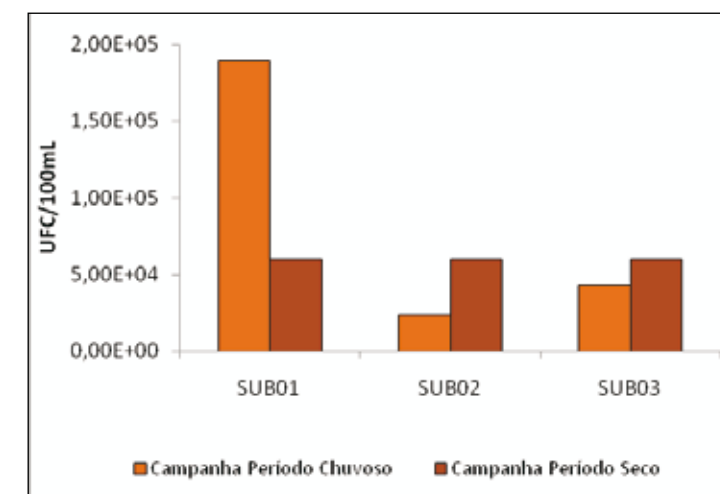


Figura 02. Coliformes Termotolerantes na Bacia do Rio Paraguarí

A figura 02 mostra valores elevados de Coliformes Termotolerantes na estação SUB01 na campanha do período chuvoso, bem como pode ser observado em todas as estações nas duas campanhas, valores superiores ao estabelecido pela Resolução CONAMA n. 357/05 para águas doces classe 2.

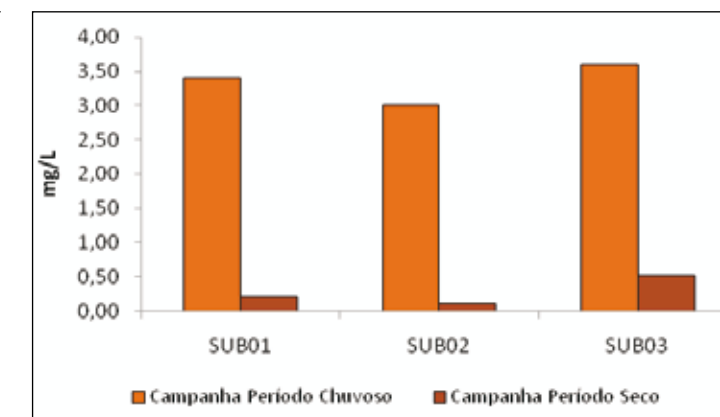


Figura 03. OD na Bacia do Rio Paraguarí

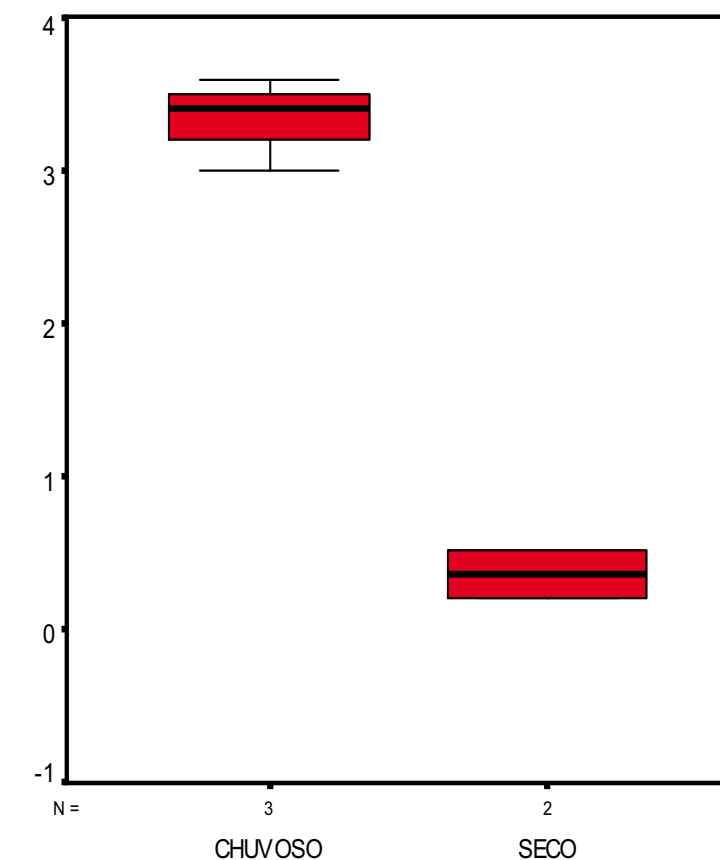


Figura 04. Comparação das Concentrações de OD (mg/L) na Bacia do Rio Paraguarí nas 2 Campanhas

As figuras 03 e 04 mostram valores de Oxigênio Dissolvido (OD) abaixo de 5,0mg/L nas estações SUB01, SUB02 e SUB03, não atendendo ao estabelecido pela Resolução CONAMA n. 357/05 para águas doces classe 2, com valores muito baixos nas três estações na campanha do período seco.

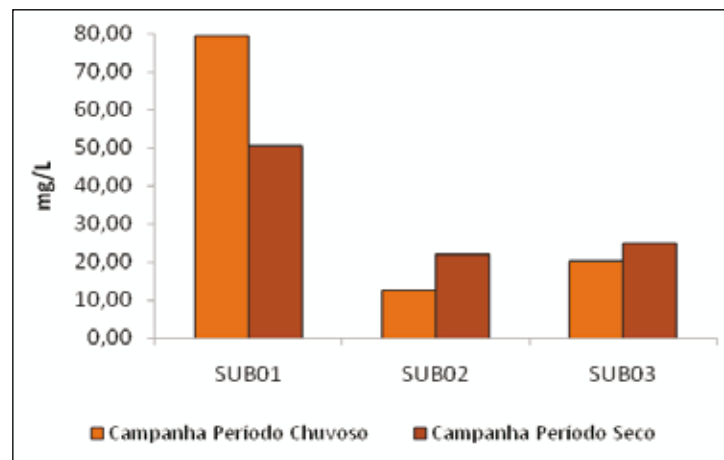


Figura 05. DBO na Bacia do Rio Paraguarí

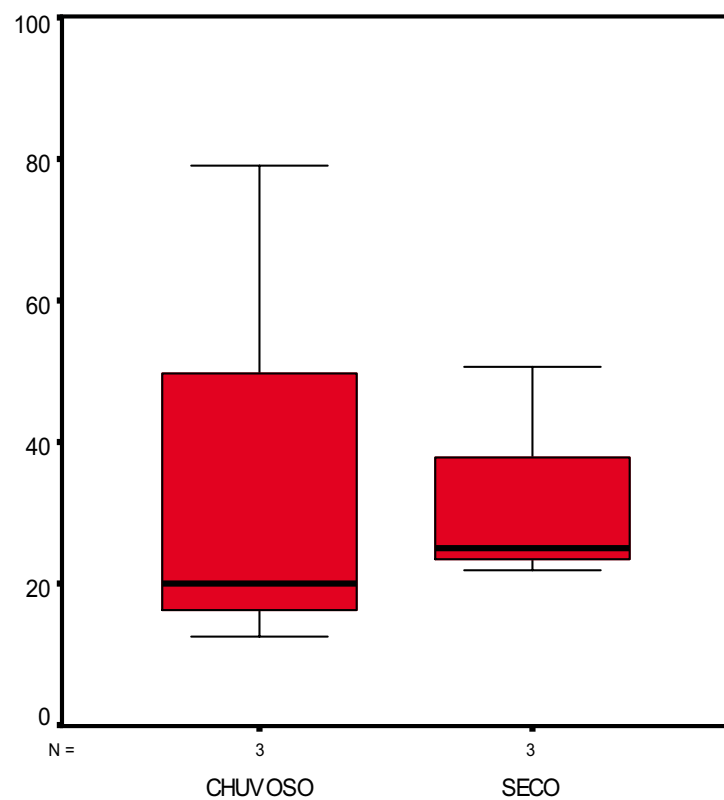


Figura 06. Comparação das Concentrações de DBO (mg/L) na Bacia do Rio Paraguarí nas 2 Campanhas

A figura 05 mostra os valores de Demanda Bioquímica de Oxigênio (DBO) nas três estações, tanto na campanha do período chuvoso quanto no período seco, violando ao estabelecido na Resolução CONAMA n. 357/05 para águas doces classe 2. Ressalta-se que a estação SUB01 mostrou os maiores valores para esse parâmetro nas duas campanhas.

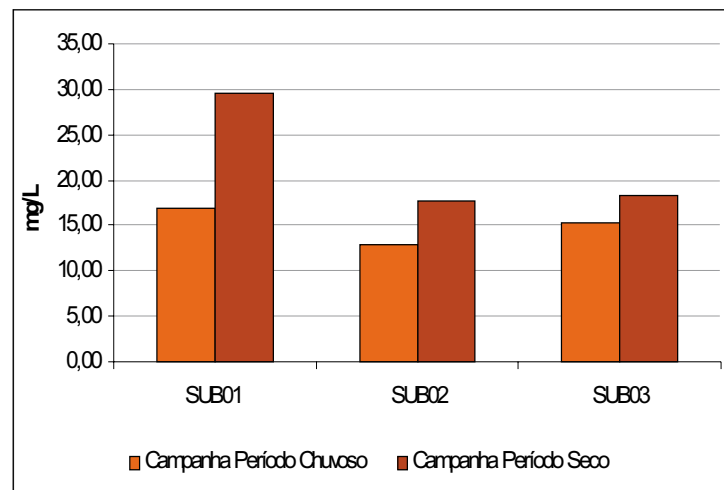


Figura 07. Nitrogênio Total na Bacia do Rio Paraguarí

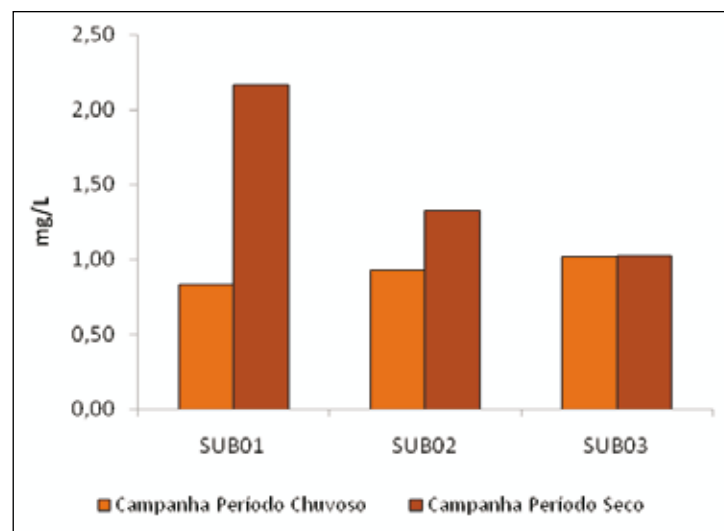


Figura 08. Fósforo Total na Bacia do Rio Paraguarí

Os valores de Nitrogênio Total e Fósforo Total violam os estabelecidos pela Resolução CONAMA n. 357/05 para águas doces classe 2 em todas as estações e nas campanhas de período chuvoso e seco, com valores maiores na campanha de período seco, conforme mostrado nas figuras 07 e 08.

O Índice de Qualidade das Águas - IQA do Rio Paraguarí está classificado na categoria Ruim em todas as estações (SUB01, SUB02 e SUB03) na campanha de período chuvoso e nas estações SUB02 e SUB03 na campanha de período seco, e na categoria Péssimo na estação SUB01 na campanha de período seco (Figura 9). Assim, o Rio Paraguarí encontra-se entre os rios que apresentam o mais baixo IQA no município de Salvador.

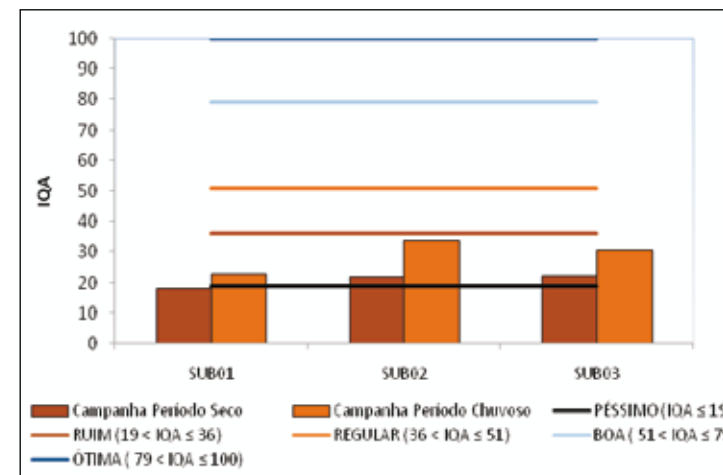
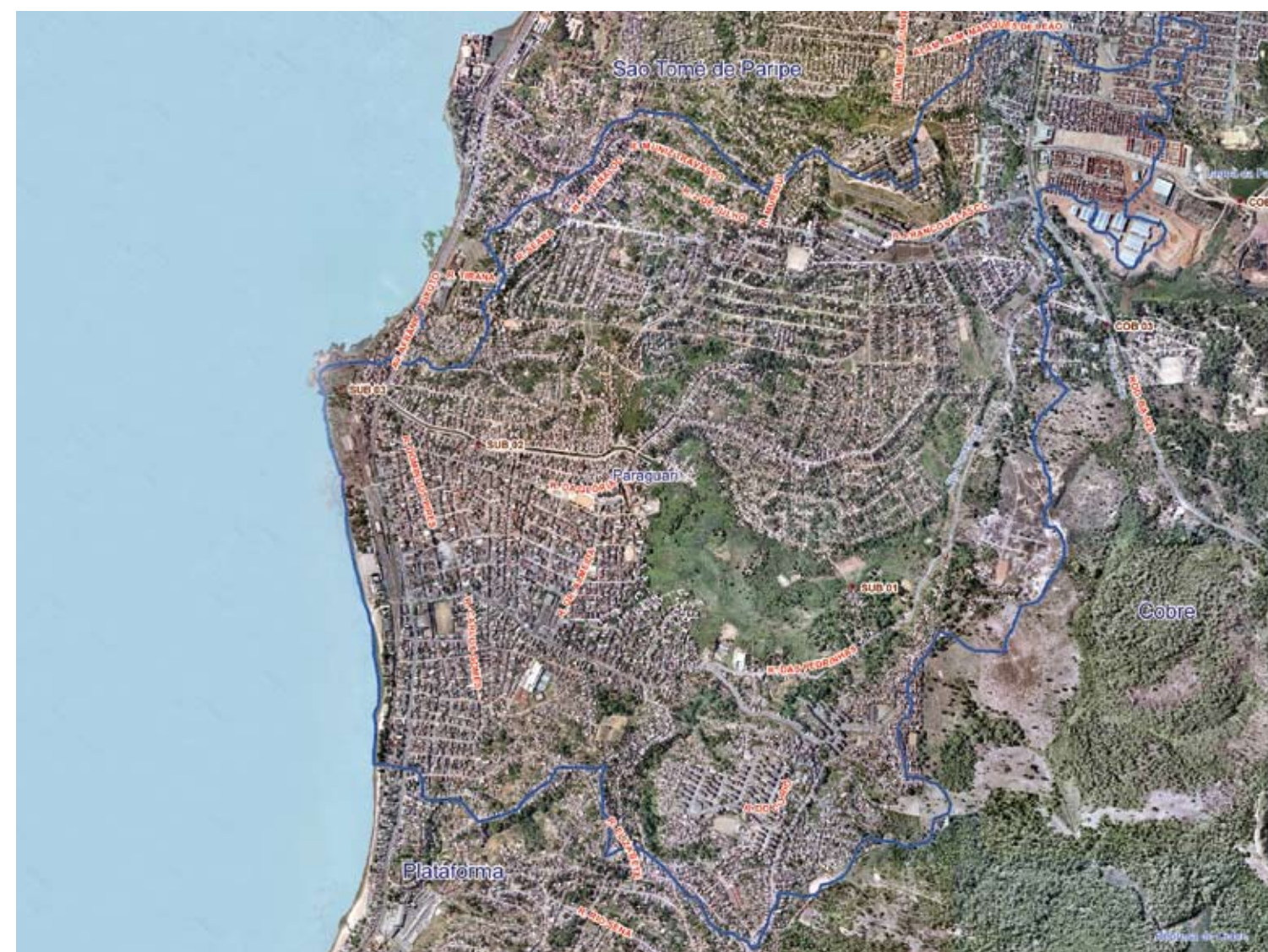


Figura 09. IQA nas estações da Bacia do Rio Paraguarí

Os bairros inseridos nessa Bacia são atendidos pelo Sistema de Esgotamento Sanitário de Salvador. Existem ligações clandestinas de esgoto à rede pluvial, em função de dificuldades topográficas, resistência por parte de cidadãos em conectar seus imóveis à rede pública de esgotamento sanitário, ocupação desordenada, com a existência de imóveis sobre galerias e canais de drenagem, em fundos de vale e encostas gerando dificuldades de implantação da rede coletora de esgotamento sanitário, além de reformas e ampliações de imóveis sem a devida regularização junto à Prefeitura Municipal.

Atualmente estão sendo executadas obras de extensão de rede coletora de esgotamento sanitário e ligações intradomiciliares nos bairros inseridos nessa bacia, objetivando a melhoria da qualidade ambiental.



Bacia Hidrográfica do Rio Paraguarí



Ortofotos SICAD / PMS - 2006

Vale do Rio Paraguari

NOVA CONSTITUINTE

Conforme Ângela Maria dos Santos, presidente da **Associação de Moradores de Nova Constituinte**, o bairro **Nova Constituinte** surgiu a partir de sucessivas ocupações espontâneas no final da década de 1980 em uma fazenda de bananas. “A líder da ocupação foi Lígia Bonfim. Começou com um barraquinho ali, outro aqui, houve uma resistência e persistência da população diante do dono da fazenda que se chamava Almáchio. Foi na terceira tentativa de ocupação, em fevereiro de 1987, que se consolidou a permanência da comunidade”.

Antes de chamar-se Nova Constituinte, o local era conhecido como Invasão Waldir Pires. Santos explica que o atual nome é uma referência à Constituição Brasileira. “Em 1988 houve a votação da Constituição e aí resolveram colocar o nome do local de Nova Constituinte”. Nesta época, segundo Edson Freire Andrade, presidente da **Associação Cultural Filhos de Ojossun**, quando chovia um dia, tinha que esperar sete dias para secar a lama que se formava no lugar. Não existia luz elétrica, nem água encanada, a água vinha de

um chafariz. Para Ângela Santos, “aqui só veio se desenvolver mesmo quando instalou a luz em 1998”.

Na história deste bairro, vale ressaltar a primeira Associação de Moradores. Fundada em 14 de Fevereiro de 1987. Esta entidade era responsável pela entrega do leite, da cesta básica, marcava e loteava os terrenos para serem vendidos, abriu a rua principal e construiu a creche.

Situado no **Subúrbio Ferroviário**, no cenário de Nova Constituinte figura uma das nascentes do **Rio Paraguari**. O curso deste rio também passa por este bairro, servindo de despejo para ligações clandestinas de esgoto.

O bairro dispõe atualmente dos seguintes equipamentos públicos: a **Unidade de Saúde da Família de Nova Constituinte**, inaugurada em 2004 e a **Escola Comunitária Nova Constituinte**.

Nova Constituinte possui uma população de 11.250 habitantes, o que corresponde a 0,46% da população de Salvador; concentra 0,45% dos domicílios da cidade, estando 31,41% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 0,5 a 1 salário mínimo. No que se refere à escolaridade, constata-se que 36,71% dos seus chefes de família têm entre 4 a 7 anos de estudo.



NOVA CONSTITUINTE

Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
USF NOVA CONSTITUINTE	1470

- Centro Nome do Bairro
- R. Chile Nome do Logradouro
- 449 Código da Edif. de Referência
- CS Edificações de Referência
- CS Limite de Bairros

Fonte:
PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
- Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBA-SA, IMA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
- CNPQ
- IBGE
- Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se no cruzamento da Rua 22 de Março com a Rua das Pedrinhas, por onde segue até alcançar o Vale do Rio Paraguari, por onde segue até alcançar a Rua da Glória, por onde segue até seu cruzamento com a Rua do Congo, por onde segue até seu cruzamento com a Rua Alto Cerqueira, por onde segue até seu cruzamento com a 2ª Travessa 22 de Março, por onde segue até seu cruzamento com a Rua Santo Inácio, por onde segue até seu cruzamento com a Rua 22 de Março, até o ponto de início da descrição deste bairro.

● PERIPERI

Situado no **Subúrbio Ferroviário de Salvador**, o bairro de **Periperi** surgiu na década de 1920, a partir da instalação de uma oficina ferroviária, para consertos de vagões e locomotivas. A Estação Ferroviária foi construída em 1860 e reformada em 1938. Com a fixação dos operários, as casas começaram a ser construídas acompanhando a linha férrea, e famílias inteiras vieram viver nesse local. Conforme Consuelo Pondé de Sena, Peri significa junco (plantas herbáceas das famílias das ciperáceas e juncáceas, que habitam lugares úmidos), sendo a repetição Peri-peri, um indicativo de quantidade. Nesse bairro, Jorge Amado ambientou o seu livro "Os velhos marinheiros".

Aos poucos, Periperi tornou-se um balneário e começou a atrair veranistas que buscavam um lugar tranquilo. Entretanto, nos anos de 1960, em virtude do custo da terra em Salvador, o local passou a ser utilizado como residência daqueles que buscavam realizar o sonho da casa própria.

Foi nesta época, que Valdemiro Silva, representante da **Associação Aliança da Jaqueira (ASA)**, chegou a Periperi. Ele conta: "quando cheguei aqui não tinha luz elétrica nem água encanada, existiam

nascentes onde o pessoal pegava água – a água era transportada em barris carregados por burro. O transporte era o pior possível, só se saía daqui de trem".

Em meados da década de 1970, foi construída a **Avenida Afrânio Peixoto**, e Periperi, assim, como outros bairros do Subúrbio Ferroviário, ganhou novos contornos. O ar bucólico, tão marcante no local, deu lugar a um emaranhado de construções desordenadas.

Após o carnaval, acontece em Periperi, o Perifolia. "É uma festa que tem trio elétrico, muito samba e alegria. Tem de tudo e dura três dias", diz Valdemiro Silva. O **Rio Paraguari** corta este bairro e desemboca na **Praia de Periperi**. Na década de 1980, a drenagem dessa área era uma das principais reivindicações da comunidade que, em época de chuva forte, via o rio transbordar e alagar muitas ruas, a exemplo da Rua da Glória. "Para mim, o Rio Paraguari não existe mais, ele foi canalizado e se misturou com água de esgoto. Esse rio nunca foi muito utilizado, nem dava pra tomar banho, era um riozinho que servia só à garotada mesmo", diz Valdemiro Silva.

Nas lembranças mais fortes dos antigos moradores deste bairro está o **Esporte Clube Periperi**, um clube que nos anos de 1970 e 1980 competiu com outras agremiações esportivas da cidade e hoje não existe mais. Atualmente, Periperi abriga em suas ruas a

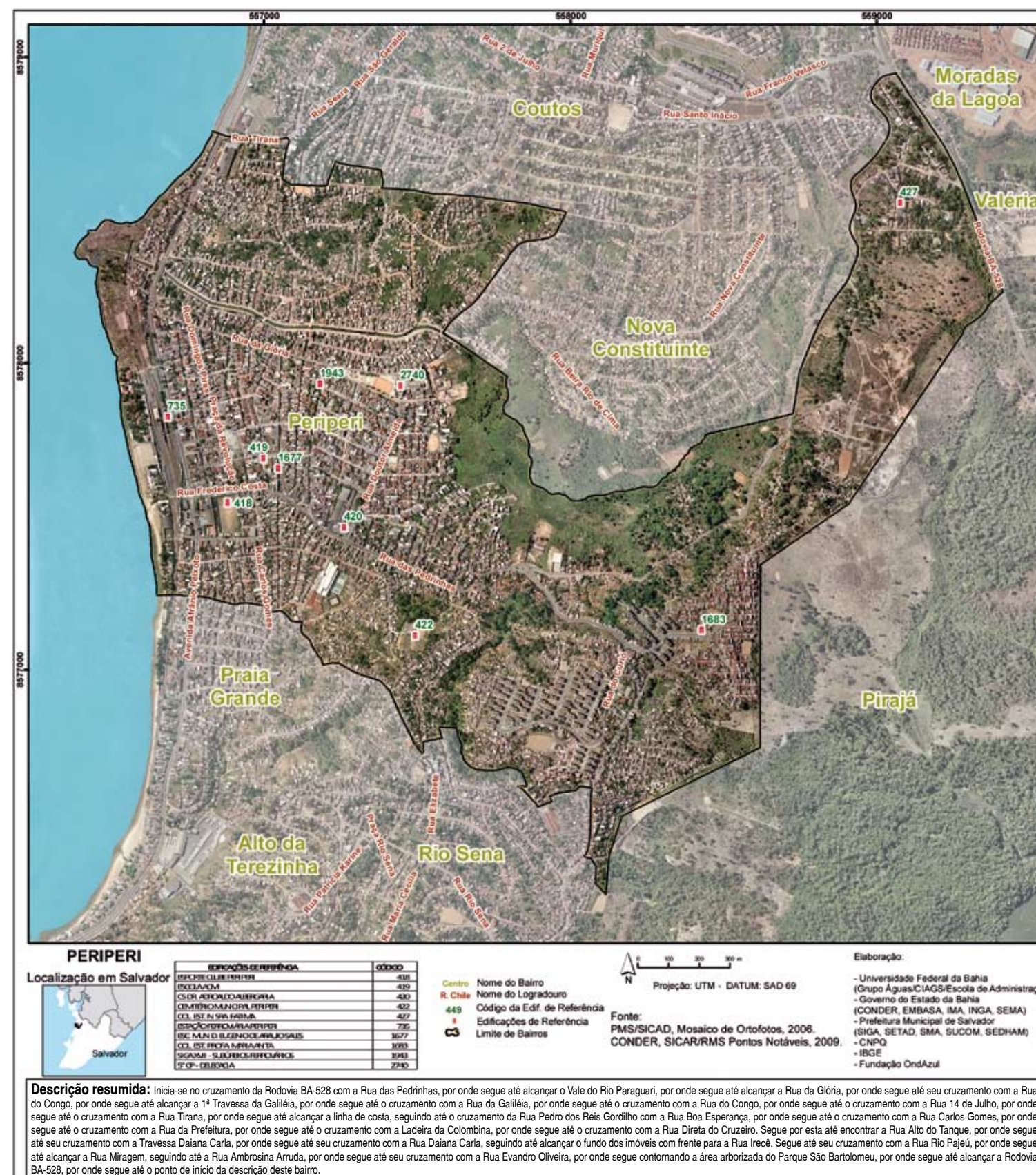
Praça da Revolução, inaugurada em 1970 e considerada em sua primeira inauguração um marco de urbanização no Subúrbio Ferroviário; a **5ª Delegacia**, a **Delegacia Especial de Atendimento à Mulher**, o **Posto de Saúde Dr. Adroaldo Albergaria**, a **Escola Municipal Agripino de Barros** e a **Estação Ferroviária de Periperi**, datada do século XIX.

Periperi possui uma população de 40.380 habitantes, o que corresponde a 1,65% da população de Salvador; concentra 1,57% dos domicílios da cidade, estando 20,18% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 30,98% dos seus chefes de família têm entre 4 a 7 anos de estudo.



Canal do Rio Paraguari, 2009

Foto: André Carvalho



● COUTOS

Conforme Gerson Teixeira Barbosa, **presidente da Sociedade Beneficente e Cultural em Defesa dos Moradores de Coutos**, o bairro de **Coutos** durante o século XVIII era um engenho de cana-de-açúcar pertencente ao senhor Manoel Argolo de Meneses. Até meados do século XX, este bairro era pouco habitado e cercado por abundante natureza, “*tinha umas quarenta a cinquenta casas, não tínhamos luz. Quando surgiu a televisão, nós descíamos para assistir TV com os funcionários da ferrovia, o pessoal da Viação Ferroviária Leste Brasileiro*”.

Para Barbosa, Coutos começou a desenvolver-se após a construção da **Avenida Afrânio Peixoto**, e o nome do bairro é o sobrenome de uma família proprietária de muitas terras nessa região.

Hoje, existe no bairro, entre outros equipamentos públicos, a **Escola Estadual Ana Tereza Mata Pires**, a **Escola Estadual Anfrísia Santiago**, a **Escola Estadual Monteiro Lobato**, a **Escola Municipal Francisca de Sândi** e a **Unidade de Saúde do Alto de Coutos**. Para o líder comunitário, a **Igreja de São Francisco de Assis** é a referência do bairro.

Barbosa conta que muitas festas tradicionais no bairro acabaram, mas ainda assim, em Coutos comemora-se o Dia de Reis, o Dia do Índio, o São João, o Santo Antônio, o Dois de Julho, a Semana da Pátria e o Sete de Setembro. O **Encontro do Batuque**, com a atuação do grupo Berequetuê, com o objetivo de resgatar o samba, é um destaque no bairro.

No bairro existem lagoas e áreas embrejadas que são nascentes do rio Paraguari. Também passa no bairro o **Rio do Grilo**, afluente do Rio do Cobre. Conforme Barbosa, este rio não está poluído, corre o ano todo, do inverno ao verão.

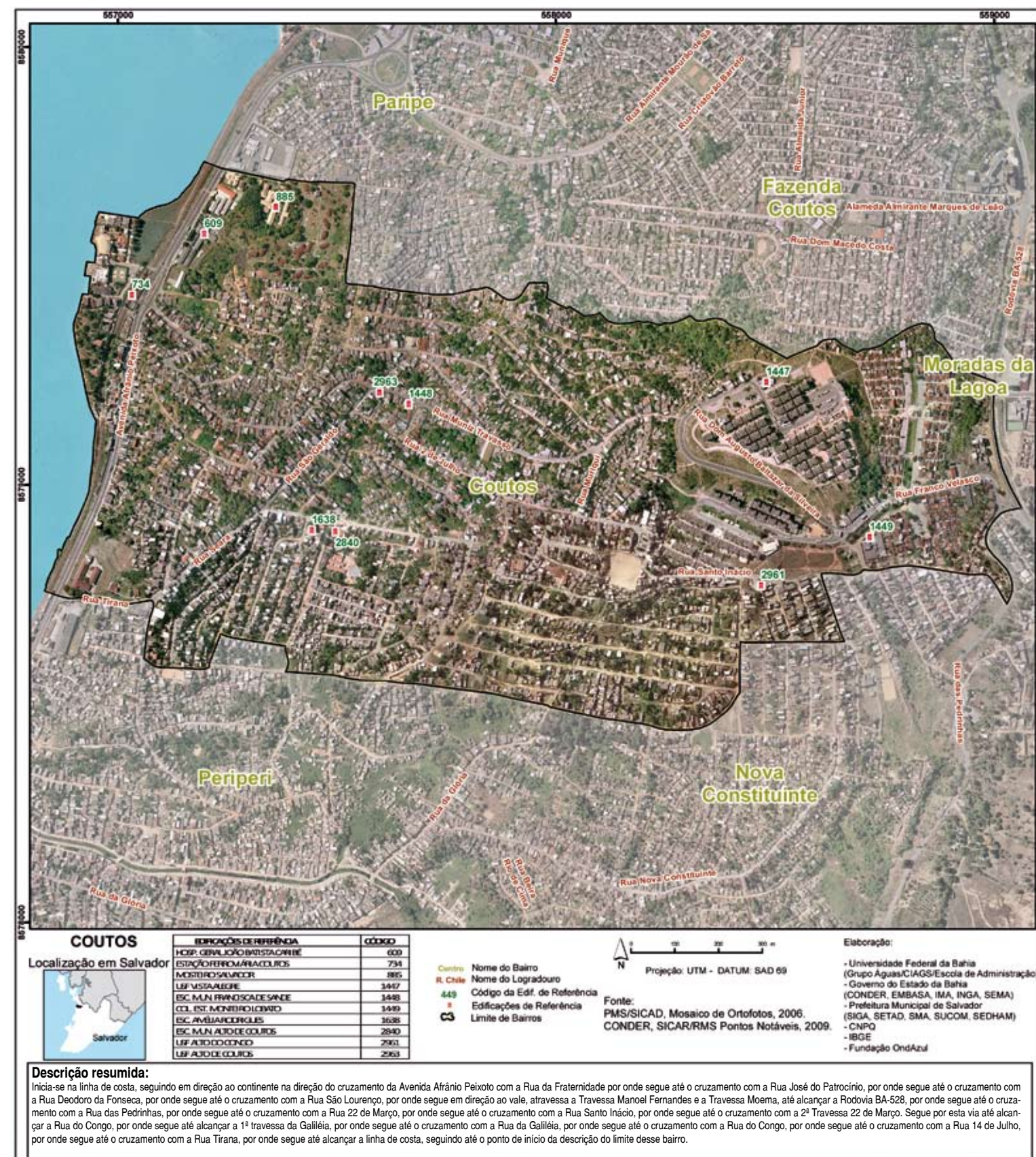
Faz parte da história das águas deste bairro, a **Fonte do Terreiro Ilê Axé Jagun**, utilizada em rituais religiosos, para beber e para atividades domésticas. A **Fonte Vista Alegre de Baixo**, é utilizada para beber e abastecimento residencial.

Coutos possui uma população de 27.395 habitantes, o que corresponde a 1,12% da população de Salvador; concentra 1,05% dos domicílios da cidade, estando 24,70% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 33,40% dos seus chefes de família têm entre 4 a 7 anos de estudo.



Foto: Tony Bittercourt

Coutos, 2009



Bacia Hidrográfica do Rio Ipitanga

Localizada na parte Norte – zona setentrional do município de Salvador, a Bacia do Rio Ipitanga é uma sub-bacia hidrográfica do Rio Joanes, pela margem direita e possui uma área de 60,28km², o que corresponde a 19,52% do território municipal, sendo considerada a maior Bacia do Município, em superfície e volume d'água. Encontra-se limitada ao Norte pelos municípios de Simões Filho e Lauro de Freitas, a Leste pela Bacia de Drenagem de Stella Maris, a Oeste pela Bacia do Cobre e ao Sul pela Bacia do Jaguaribe.

Com uma população de 114.852 habitantes e densidade populacional de 1.905,32hab./km² (IBGE, 2000), é a sexta bacia mais populosa do Município. Possui 30.043 domicílios, que correspondem a 4,55% dos domicílios do município.

O Rio Ipitanga possui três barramentos para o abastecimento humano (as Represas Ipitanga I, II e III), que afluem para o Rio Joanes, integrando-se ao sistema de barragens Joanes-Ipitanga, que são operadas (planejadas, gerenciadas e administradas) pela EMBASA, para o atendimento de parte da Região Metropolitana de Salvador – RMS.

O nome Ipitanga tem origem no tupi e significa “água vermelha”. Esse rio nasce no vizinho município de Simões Filho, na localidade de Pitanguinha, cercanias da Represa Ipitanga III, desenvolvendo-se pela planície litorânea e, já em território municipal de Salvador, atravessa os bairros de Nova Esperança, Cassange, Cajazeiras XI, Fazenda Grande II, Boca da Mata, São Cristovão, Jardim das Margaridas, Itinga e Aeroporto, sofre pressão por demandas habitacionais em áreas que fazem linde com o município de Lauro de Freitas. Na área de abrangência da Bacia estão ainda, os bairros de Areia Branca, Fazenda Grande I, III e IV e Palestina. Em relação ao padrão de renda, os chefes de família dessa bacia encontram-se distribuídos da seguinte forma: 39,81% recebem por mês até 1 SM e 38,22% estão entre 1 até 3 SM. Os índices de escolaridade desses chefes de família estão assim distribuídos: 10,83% não têm instrução; 17,62% possuem de 1 a 3 anos de estudo e 31,37% entre 4 e 7 anos de estudo (IBGE, 2000).

Apesar da forte pressão por moradia e expansão da mineração por pedreiras e cascalheiras, é uma bacia que apresenta cobertura vegetal compatível com as áreas de proteção dos mananciais, no caso: as Represas Ipitanga I (totalmente dentro do território municipal de Salvador) e Ipitanga II, que separa os municípios de Salvador (margem esquerda) e Simões Filho (margem direita).

Segundo os estudos ambientais do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Salvador (2004), os índices de cobertura vegetal da área chegam a 41%. Na área de abrangência dessa bacia encontram-se duas Unidades de Conservação: a APA Joanes-Ipitanga e o Parque Ipitanga I. A APA Joanes-Ipitanga, instituída pelo Decreto Estadual n. 7.596, em 05/06/1999, que envolve parte considerável dos municípios de Salvador, Simões Filho, Candeias, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Camaçari, Dias D'Ávila e Lauro de Freitas, possui uma área de mais de 600.000ha nas Bacias do Joanes e do Ipitanga, com nascentes, represas e estuários (formados por restingas, dunas e manguezais), na praia de Buraquinho, que separa os municípios de Lauro de Freitas e Camaçari. A cobertura vegetal na referida APA está representada por um mosaico de ecossistemas diversificados, composto por vegetação de restinga, remanescentes de floresta ombrófila e manguezais, todos associados ao bioma Mata Atlântica. Já o Parque Metropolitano Ipitanga I, está localizado nos municípios de Salvador e Simões Filho, possuindo uma área de 667ha em torno da represa de mesmo nome.

Além desse parque, a porção média dessa bacia apresenta remanescentes de Mata Atlântica (floresta ombrófila em vários estágios) como cobertura vegetal predominante. Assim, o bom índice de cobertura vegetal, as baixíssimas densidades demográficas e os grandes vazios urbanos são fatores que influenciam positivamente na qualidade de suas águas.

A Bacia do Rio Ipitanga contida na área de drenagem da Bacia do Rio Joanes, tem como principais afluentes os Riachos Poti, Cabuçu e Cururipe. O Rio Ipitanga deságua a jusante da barragem Joanes I, numa área declarada como de proteção de mananciais, pela Lei Estadual n. 3.858/80.

Para análise de parâmetros bacteriológicos e físico-químicos, foram escolhidos cinco pontos de coleta, uma vez que a EMBASA faz a monitorização contínua nos reservatórios dessa bacia. A estação referente à proximidade da nascente (IPI 01) (Figura 01), foi o que apresentou índices subjetivos de melhor qualidade, com pouca influência antrópica. A estação próxima à área limítrofe do município de Lauro de Freitas (IPI 04) (Figura 01) apresentou um paisagismo que valoriza o rio.

O quadro 01 apresenta as observações do Protocolo de Avaliação Rápida – PAR nas estações de coleta de amostras de água da Bacia do Rio Ipitanga.

Quadro 01. Observações do PAR nas estações de coleta de amostras de água da Bacia do Rio Ipitanga

Parâmetros	IPI 01	IPI 02	IPI 03	IPI 04	IPI 05
Tipo de ocupação das margens	Residencial	Residencial	Residencial	Vegetação natural Comercial/administrativo	Residencial
Estado do leito do rio	Natural (curso livre)	Assoreado	Revestido	Natural (curso livre)	Natural (curso livre)
Mata ciliar	Vegetação nativa parcialmente	Dominância de gramíneas	Ausente (solo descoberto)	Vegetação nativa parcial	Dominância de gramíneas
Plantas aquáticas	Ausente	Ausente	Perifiton abundante e biofilmes	Macrófitas e Perifiton	Ausente
Odor da água	Nenhum	Leve	Forte (esgotos)	Nenhum	Nenhum
Oleosidade da água	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente
Transparência da água	Total	Turva	Turva	Levemente escurecida	Muito escura
Tipo de fundo	Lama/Areia	Lama/Areia	Lixo	Lama/Areia	Lama/Areia
Fluxo de águas	Fluxo igual em toda a largura	Lâmina d'água em 75% do leito	Lâmina d'água em 75% do leito	Fluxo igual em toda a largura	Fluxo igual em toda a largura

Obs.: Perifiton são organismos que vivem aderidos a vegetais ou a outros substratos suspensos; Macrófitas aquáticas são plantas herbáceas que crescem na água, em solos cobertos por água ou em solos saturados com água.

Assim, de acordo com os dados do Protocolo de Avaliação Rápida (PAR) pode-se concluir que o tipo de ocupação das margens do rio Ipitanga é predominantemente residencial, com exceção da área localizada nas imediações do IPI 04, em Lauro de Freitas, onde o tipo de ocupação é comercial/administrativo.

QUALIDADE DAS ÁGUAS

A análise da qualidade das águas na Bacia do Rio Ipitanga foi realizada em 05 (cinco) estações ao longo da Bacia, conforme coordenadas apresentadas no quadro 02 e figura 01.

Quadro 02. Coordenadas das estações de coleta de amostras de água da Bacia do Rio Ipitanga - Salvador, 2009

Estação	Coordenada X	Coordenada Y	Referência
IPI 01	569312,0649	8577119,362	Final de linha das Vans (Itinga), Parque São Paulo, Rua São Geraldo de Cima
IPI 02	570148,7556	8573610,658	Rua das Quaresmeiras, Rua Papoulas Brancas – Jardim das Margaridas
IPI 03	570318,0302	8573932,761	Rua Antônio Neves, acesso à sede do Esporte Clube Bahia
IPI 04	572111,9481	8572989,416	Acesso à Base Aérea
IPI 05	572967,0811	8574052,800	Viaduto, junto ao Ginásio Municipal de Esportes em Lauro de Freitas

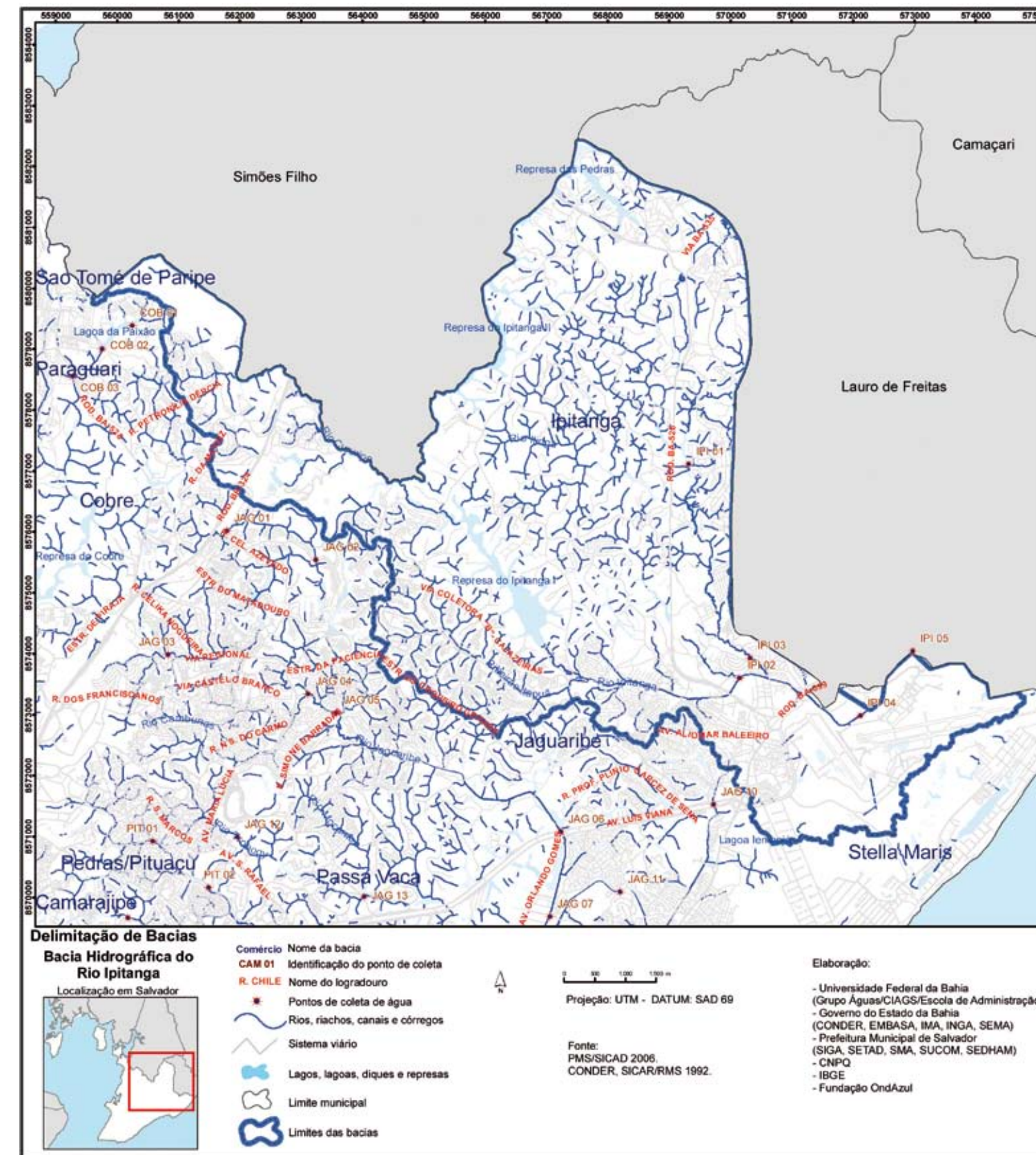


Figura 01. Bacia do Rio Ipitanga e localização das estações de coleta de amostras de água

Os resultados da análise dos parâmetros bacteriológicos e físico-químicos dessa bacia estão apresentados nas figuras 02 a 08.

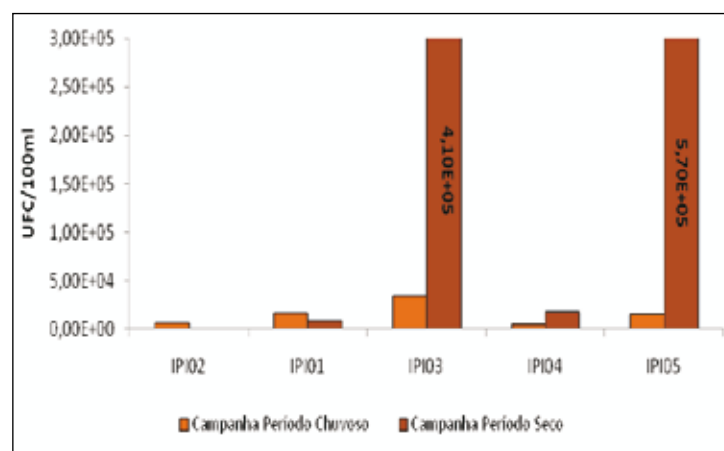


Figura 02. Coliformes Termotolerantes na Bacia do Rio Ipitanga

A figura 02 apresenta os maiores valores de Coliformes Termotolerantes nas estações IPI03 e IPI05 no período seco, com os menores valores nas outras estações tanto na campanha de período seco quanto no chuvoso.

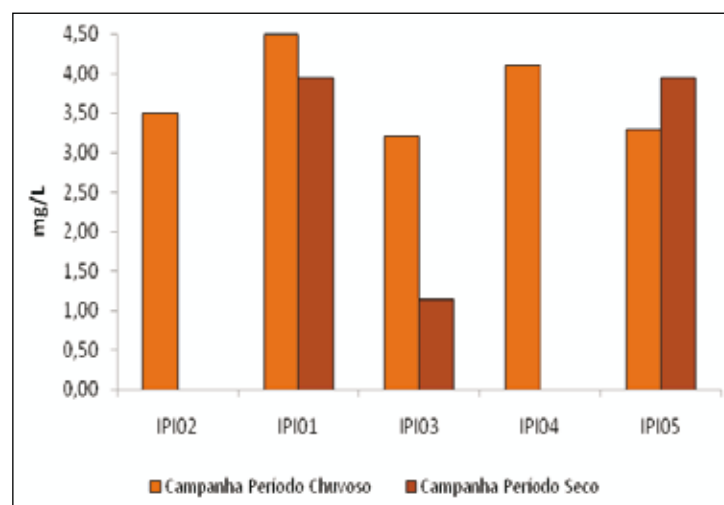


Figura 03. OD na Bacia do Rio Ipitanga

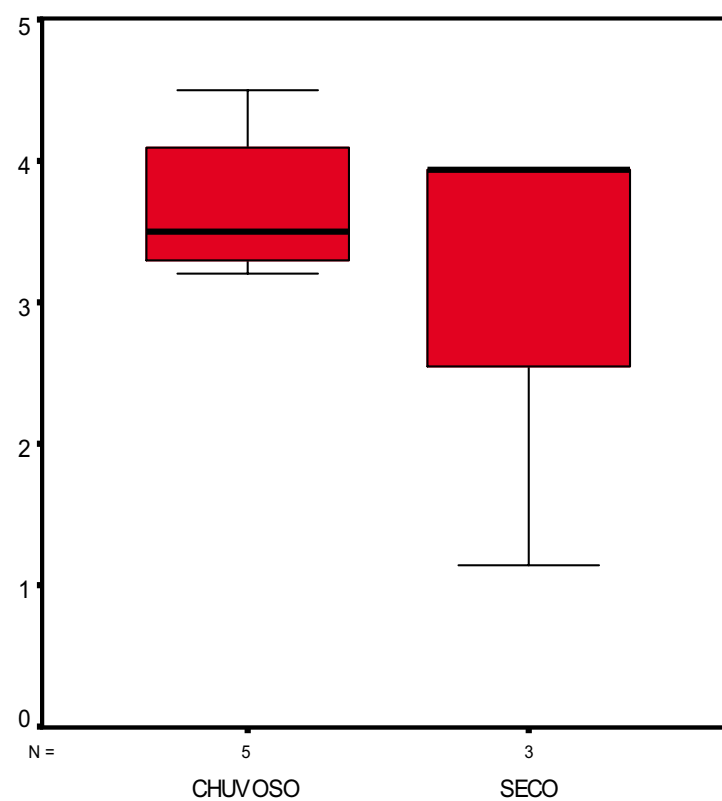


Figura 04. Comparação das Concentrações de OD (mg/L) na Bacia do Rio Ipitanga nas 2 Campanhas

Nas duas campanhas, em todas as estações, a concentração de OD não atingiu ao estabelecido pela Resolução CONAMA n. 357/05 para águas doces classe 2, sendo que os menores resultados ocorreram nas estações IPI02 e IPI04 (<0,1 mg/L) na campanha do período seco. A figura 04 mostra um intervalo de concentrações de OD menor na campanha de período chuvoso e maior na campanha de período seco.

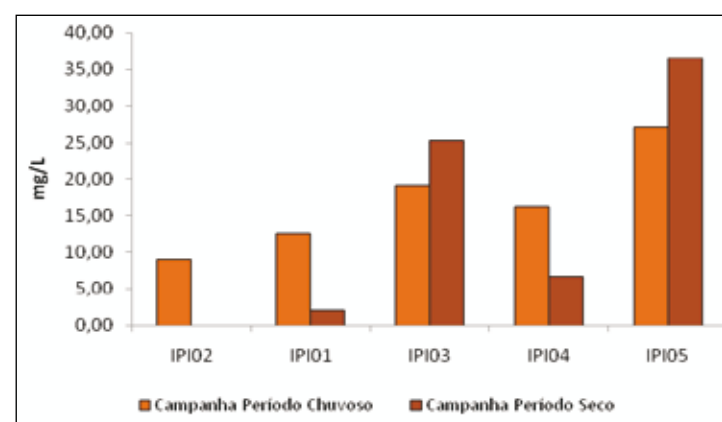


Figura 05. DBO na Bacia do Rio Ipitanga

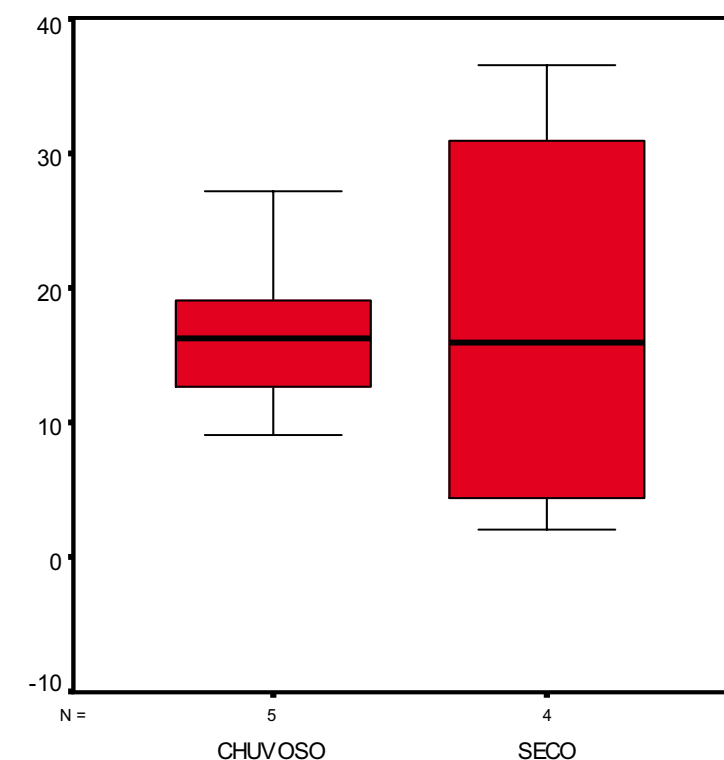


Figura 06. Comparação das Concentrações de DBO (mg/L) na Bacia do Rio Ipitanga nas 2 Campanhas

A figura 05 mostra que as estações que apresentaram as maiores concentrações de DBO foram IPI05, IPI03 e IPI04. Isso se deve aos esgotos sanitários recebidos à montante, tanto no período chuvoso quanto no período seco. Apenas a estação IPI01, trecho inicial do Rio, no período seco não ultrapassa o valor estabelecido pela Resolução CONAMA n. 357/05 para águas doces classe 2. O intervalo de concentrações de DBO é maior na campanha de período seco que de período chuvoso como mostra a figura 06.

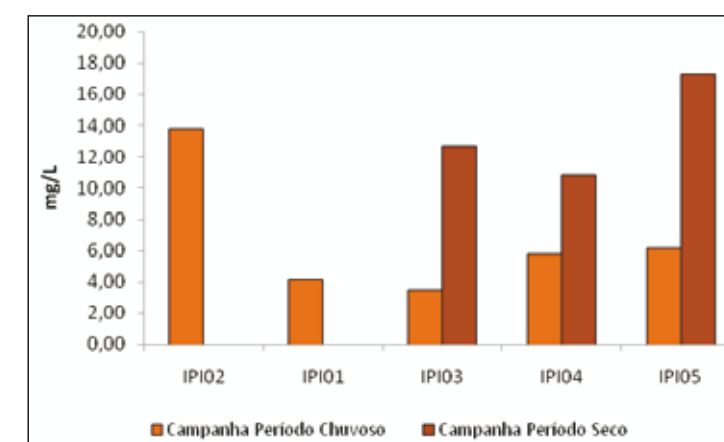


Figura 07. Nitrogênio Total na Bacia do Rio Ipitanga

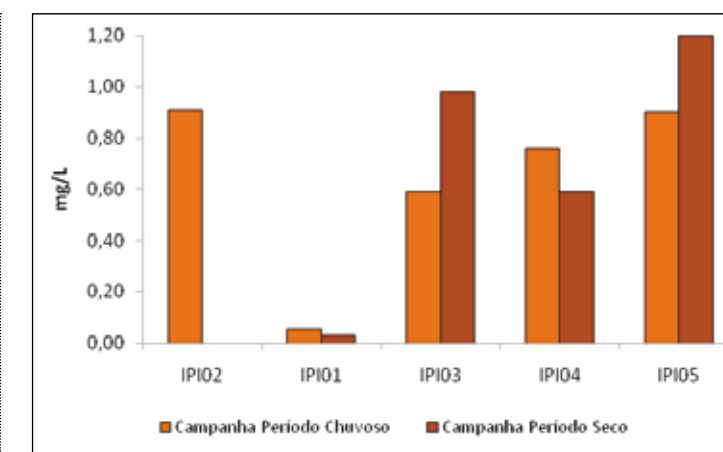


Figura 08. Fósforo Total na Bacia do Rio Ipitanga

Quanto à Nitrogênio Total a estação IPI02 apresentou concentração elevada na campanha de período chuvoso, o mesmo acontecendo com as estações IPI03, IPI04 e IPI05 na campanha de período seco (Figura 07). Já em relação a Fósforo Total pode-se observar na figura 08 concentração maior que a estabelecida pela Resolução CONAMA n. 357/05 para águas doces classe 2 nas estações IPI03, IPI04, IPI05 nas duas campanhas e na estação IPI02 apenas na campanha do período chuvoso.

O Índice de Qualidade das Águas - IQA das estações monitorizadas no Rio Ipitanga classifica-se na categoria Ruim nas estações IPI03 e IPI05 nas campanhas de período chuvoso e de período seco e na estação IPI04 na campanha de período seco. O IQA foi classificado na categoria Regular nas estações IPI01 (afluente), IPI02 e IPI04 na campanha de período chuvoso e na estação IPI02 na campanha de período seco, conforme mostra a figura 09.

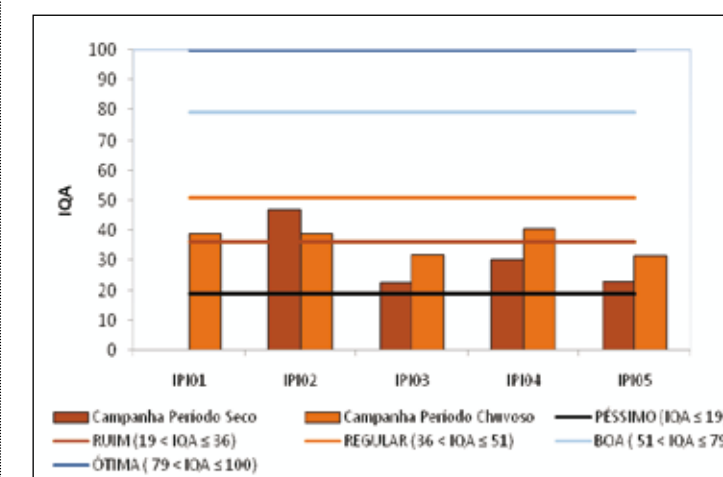


Figura 09. IQA das estações da Bacia do Rio Ipitanga

Visando conhecer a vazão do Rio Ipitanga, realizou-se também a medição de descarga líquida em duas estações (IPI03 e IPI 05), sendo que a estação IPI 03, situada no final de linha dos ônibus (Ponte próxima à Rua Antônio Fernandes Neves, final de linha dos ônibus, Bairro Jardim das Margaridas), coordenadas geográficas Latitude 38° 21' 07,15" e Longitude 12° 53' 58,51", em 13/8/2008 (Tempo Chuvoso), apresentou como resultado da primeira medição $Q_1=0,375\text{m}^3/\text{s}$ e da segunda $Q_2=0,361\text{m}^3/\text{s}$, com uma vazão média, $Q_m=0,368\text{m}^3/\text{s}$. Já a estação IPI05, situada à Av. Beira Rio, (próximo ao ginásio

Municipal de Esportes de Lauro de Freitas), coordenadas geográficas Latitude 38° 19' 39,27" e Longitude 12° 53' 52,65", em 13/8/2008 (Tempo Chuvoso), apresentou como resultado da primeira medição $Q_1=0,783\text{m}^3/\text{s}$ e da segunda $Q_2=0,865\text{m}^3/\text{s}$, com uma vazão média, $Q_m=0,824\text{m}^3/\text{s}$.

No momento de realização das medições de vazão foram coletadas nas duas estações amostras de água para análise de qualidade, o que permitiu o cálculo das cargas no Rio, apresentadas na tabela 01, para os parâmetros DBO₅, Nitrogênio Total e Fósforo Total.

Tabela 01. Resultados das medições de vazão e das cargas de DBO₅, Nitrogênio Total e Fósforo Total

Estação	Vazão Média m ³ /s	DBO ₅ mg/L	DBO ₅ t/dia	Nitrogênio Total mg/L N	Nitrogênio Total t/dia	Fósforo Total mg/L P	Fósforo Total t/dia
IPI 03	0,368	19,1	0,61	3,5	0,11	0,591	0,02
IPI 05	0,824	27,2	1,94	6,2	0,44	0,898	0,06



Rio Ipitanga

Orientação SICAD / PMS - 2009

Vale ressaltar que esses valores de carga são indicativos apenas de uma data e somente ilustrativos, considerando-se a necessidade de se analisar resultados qualitativos e quantitativos de uma série histórica, para uma representatividade da realidade da Bacia.

Os bairros inseridos nesta Bacia são parcialmente atendidos pelo Sistema de Esgotamento Sanitário de Salvador, em virtude da baixa densidade da rede coletora e da pequena densidade demográfica, com núcleos urbanos afastados entre si.

Atualmente estão sendo executadas obras de adensamento da rede coletora de esgotamento sanitário e ligações intradomiciliares nos bairros de São Cristóvão e Jardim das Margaridas, objetivando a melhoria da qualidade ambiental.

NOVA ESPERANÇA

Moradores do bairro **Nova Esperança** afirmam que o bairro surgiu de uma ocupação espontânea na **Fazenda Barro Duro**, nome que durante muito tempo acompanhou esta comunidade. Com a instalação da **Central de Abastecimento da Bahia - CEASA**, o local tornou-se conhecido com o nome desta empresa.

A festa de São Lucas, padroeiro da comunidade, é o momento em que todo o bairro se mobiliza. Entre os principais equipamentos públicos estão o **Posto Saúde da Família** e a **Escola Municipal Arx Tourinho**.

Situado no limite dos municípios de Salvador, Lauro de Freitas e Simões Filho, neste bairro localiza-se o Aterro Metropolitano Cen-

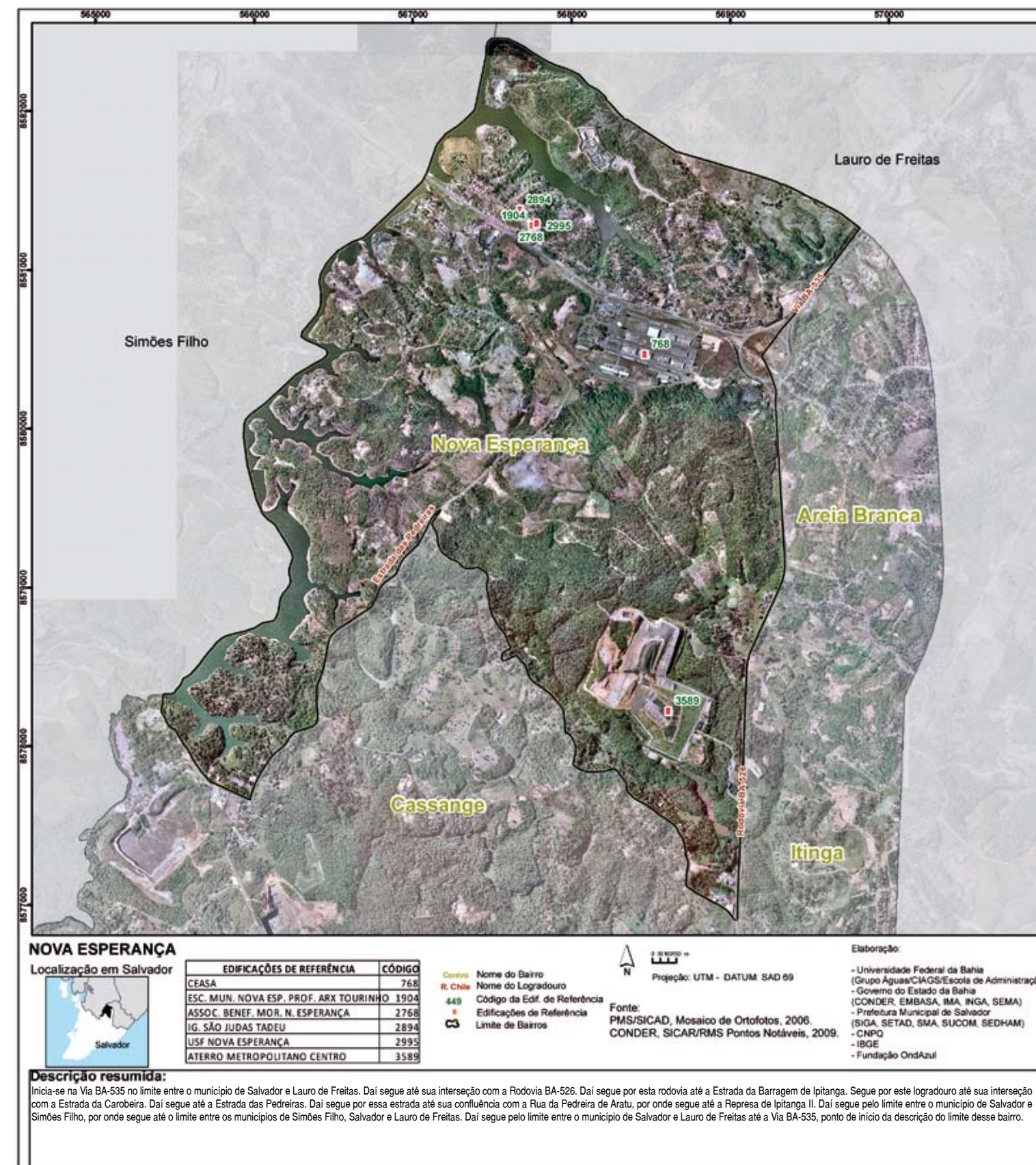
tro, importante equipamento que recebe os resíduos sólidos de Salvador, de Lauro de Freitas e Sinões Filho.

Em Nova Esperança encontra-se um dos tributários do **Rio Ipitanga**, que está assoreado devido à existência da atividade de extração de areia, que acabou com a mata ciliar. Segundo os moradores: *“a nascente vive da mata, tiraram a mata, a nascente foi morrendo, agora estão aterrando, não vai sobrar nem vestígio dela”*.

Nova Esperança possui uma população de 4.728 habitantes, o que corresponde a 0,19% da população de Salvador; concentra 0,19% dos domicílios da cidade, estando 36,31% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 0,5 a 1 salário mínimo. No que se refere à escolaridade, constata-se que 30,79% dos seus chefes de família estão na faixa de sem instrução.



COINF / SEDHAM / PMS, 2006



● AREIA BRANCA

Segundo Analice Santos da Paz, presidente da Associação de Moradores de Areia Branca, até o final da década de 1980, o bairro de **Areia Branca** não tinha asfalto, nem água encanada (havia um poço artesiano comunitário) e estava cercado por uma vasta natureza, na qual, dunas de areia bastante alvas marcavam o ambiente, como o próprio nome do bairro sugere. Desas areias, restaram apenas resquícios em rua próxima à entrada do bairro.

Analice Santos conta ainda, que antigamente o bairro era chamado de Areia Branca do Sotero e explica que Sotero, além de ser o proprietário dessas areias, foi um dos primeiros moradores da área.

Entre as peculiaridades do lugar, ela destaca as mulheres que cultivam mandioca e produzem o beiju pois, até hoje elas fazem a

farinha e levam no balaio para as feiras livres “*essas mulheres merecem ser homenageadas, reconhecidas por preservar essa cultura*”, diz Analice Santos.

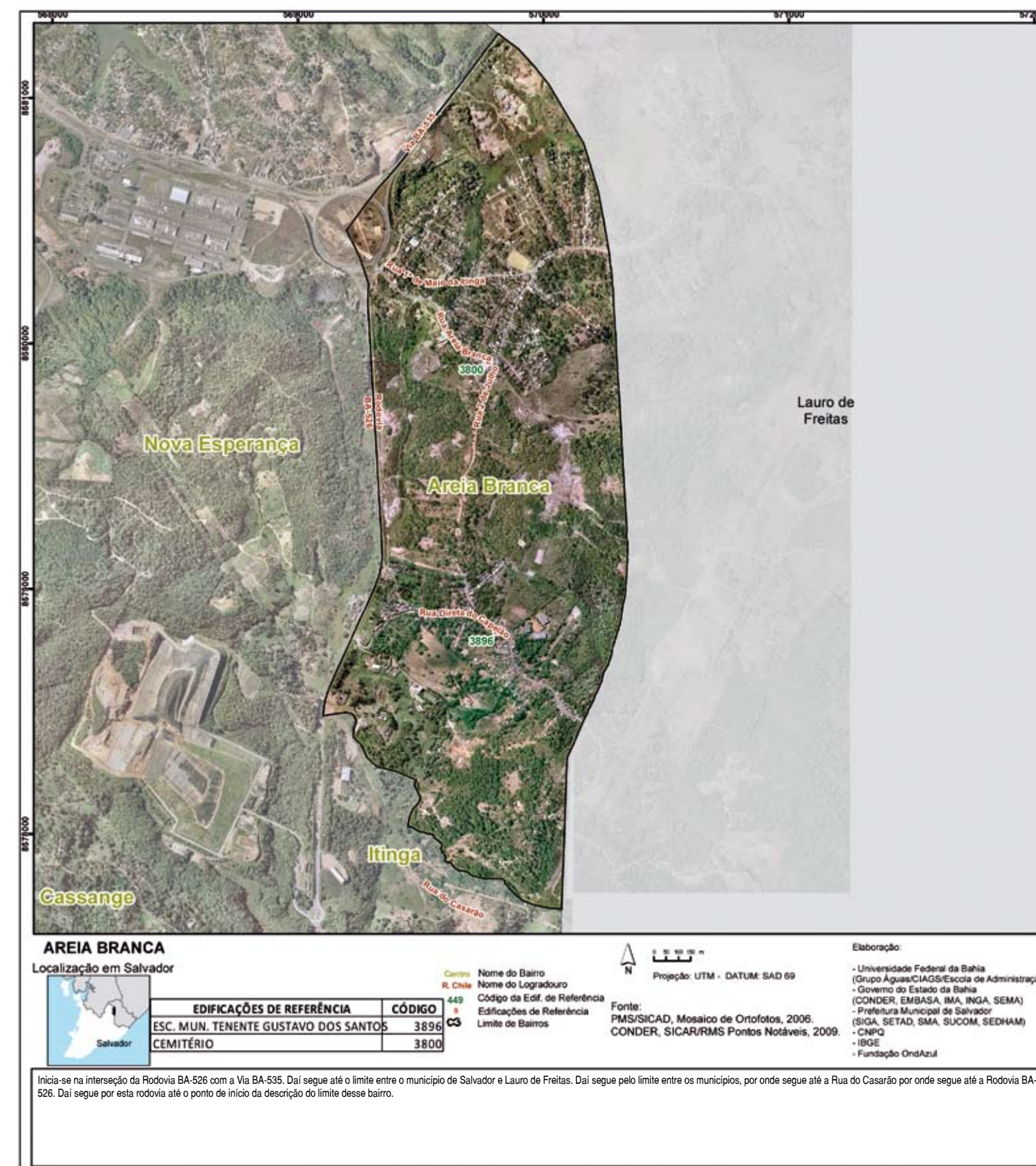
Em Areia Branca, todos os anos, organiza-se a **Festa de Nossa Senhora da Conceição**, uma tradição muito antiga no local. Nesse momento, os moradores armam barracas e comercializam diversos produtos; fazem brincadeiras e comidas típicas; na atualidade, perdeu-se um pouco dessas características.

Atualmente o bairro dispõe dos seguintes equipamentos: a **Escola Municipal Tenente Gustavo dos Santos** e o **Cemitério Municipal**.

Areia Branca possui uma população de 4.742 habitantes, o que corresponde a 0,19% da população de Salvador, concentra 0,18% dos domicílios da cidade, estando 45,90% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 0,5 a 1 salário mínimo. No que se refere à escolaridade, constata-se que 37,03 % dos chefes de família têm de 1 a 3 anos de estudo.



Vista aérea de Areia Branca, 2009



● CASSANGE

Um cenário tipicamente rural... Chão de barro, muita área verde, sítios e pequenas casas ainda distantes, assim é o bairro **Cassange**. Situado na **Área de Proteção Ambiental**, o lugar é parte de uma região rica em mananciais, rodeado pela **Represa Ipitanga I** e **Represa Ipitanga II**.

Sua configuração atual ainda lembra o tempo em que o local era delimitado pelas fazendas Tapera, Raposo e Cassange. Na conta de luz, o endereço indicado é Fazenda Tapera e, ao circular pela região, os moradores costumam dizer que *vivem* em Tapera, em Raposo ou em Cassange.

"Quando as fazendas viraram uma coisa só, o nome do bairro ficou *Cassange*", diz Rosenice Souza, líder comunitária. Carlos Antônio da Silva, presidente da **Associação Comunitária Pôr do Sol**, explica que este termo é de origem africana, embora, ele não saiba exatamente de que região.

Cassange é servido pela **Escola Municipal Raimundo Lemos Santana**, o **Colégio Estadual José Tourinho Dantas** e a **Escola Juarez Góes**.

O bairro, cuja referência, na opinião de Silva é a Represa do Ipitanga I, possui também vários terreiros de candomblés e grupos de capoeira. Entre suas peculiaridades, destacam-se as beijuzeiras, sendo os quitutes produzidos de modo artesanal e vendidos nas feiras livres de Itapuã, Sete Portas e São Joaquim.

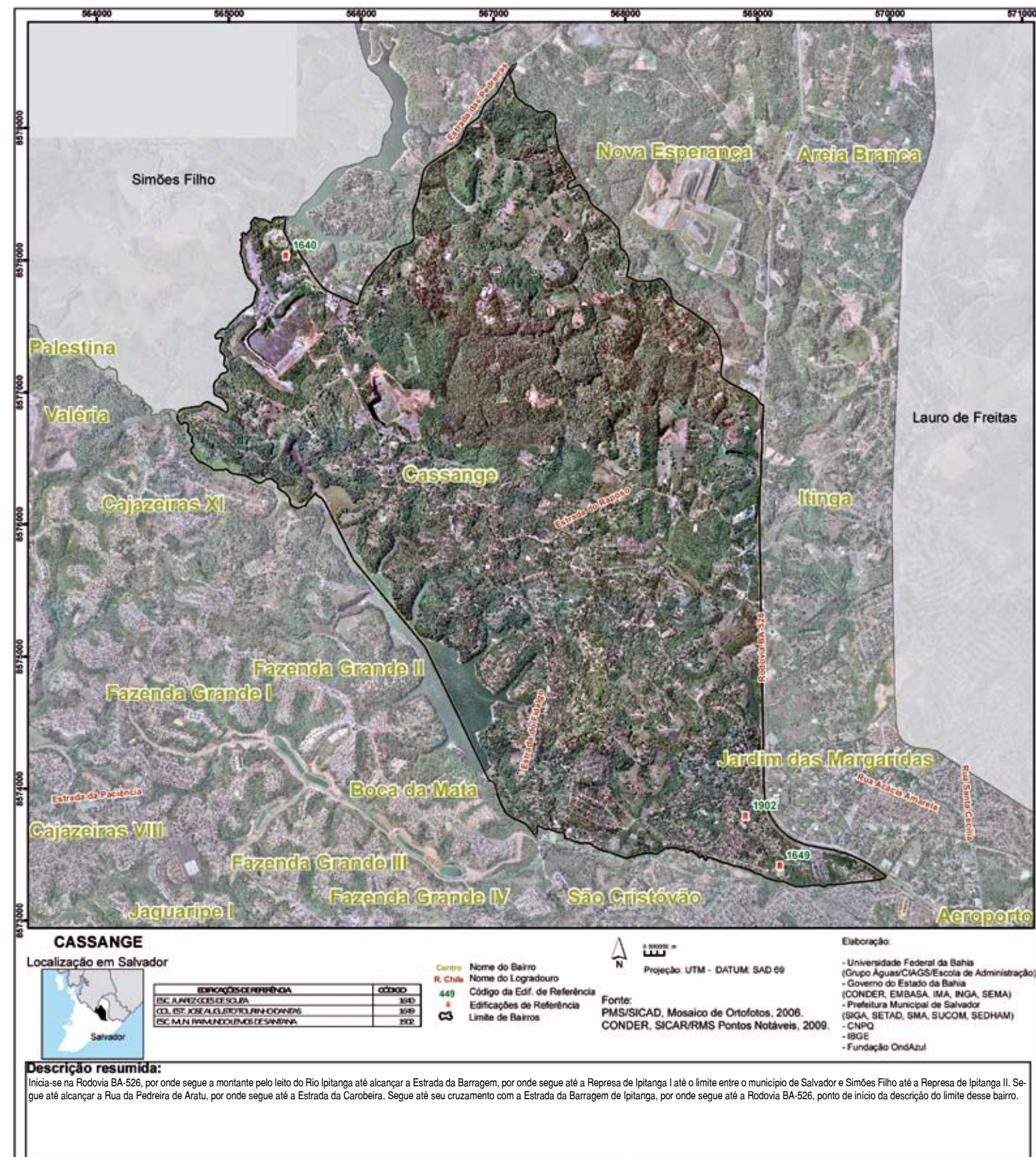
O Rio Ipitanga passa pelo bairro e, segundo Silva, este rio "*depois que passa por São Cristóvão e Itinga, começa a sofrer degradação, isso tudo por falta de saneamento básico no decorrer do rio. Ele deságua no Rio Joanes já poluído, também pelas ocupações espontâneas e do esgoto jogado no rio*".

Cassange possui uma população de 4.906 habitantes, o que corresponde a 0,20% da população de Salvador, concentra 0,19% dos domicílios da cidade, estando 36,44% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 0,5 a 1 salário mínimo. No que se refere à escolaridade, constata-se que 30,89% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos.



Foto: André Cavalho

Represa do Rio Ipitanga II



● ITINGA

Conforme antigos moradores, na área onde hoje está localizada o bairro de **Itinga**, no século XVIII existia um engenho de açúcar com o mesmo nome. O bairro surgiu de loteamentos populares na década de setenta, quando no local só existia mato. O **Rio Ipitanga** corta este bairro.

Entretanto, foram os conjuntos habitacionais construídos nos anos noventa, como o **Parque Santa Rita**, que impulsionaram o crescimento do local. Este conjunto deu nome a uma das localidades mais conhecidas do bairro. Além da localidade do **Parque Santa Rita**, existem também as localidades de **Parque São Paulo**, **Jardim da Independência**, **Jardim Metrópole** e **Jardim Centenário**, todas cortadas pelos municípios de Lauro de Freitas e Salvador.

Situado na divisa entre Salvador e Lauro de Freitas, Itinga é mar-

cado pelos conjuntos habitacionais e por abrigar a sede do **Esporte Clube Bahia**. Entre os principais equipamentos públicos do bairro estão uma agência dos correios e escolas municipais que, apesar de se localizarem no município de Salvador, são administradas por Lauro de Freitas: **Escola Municipal Senhora Valentina Silvina Santos**, **Escola Municipal Governador Mário Covas** e **Escola Municipal Mercedes do Espírito Santo**.

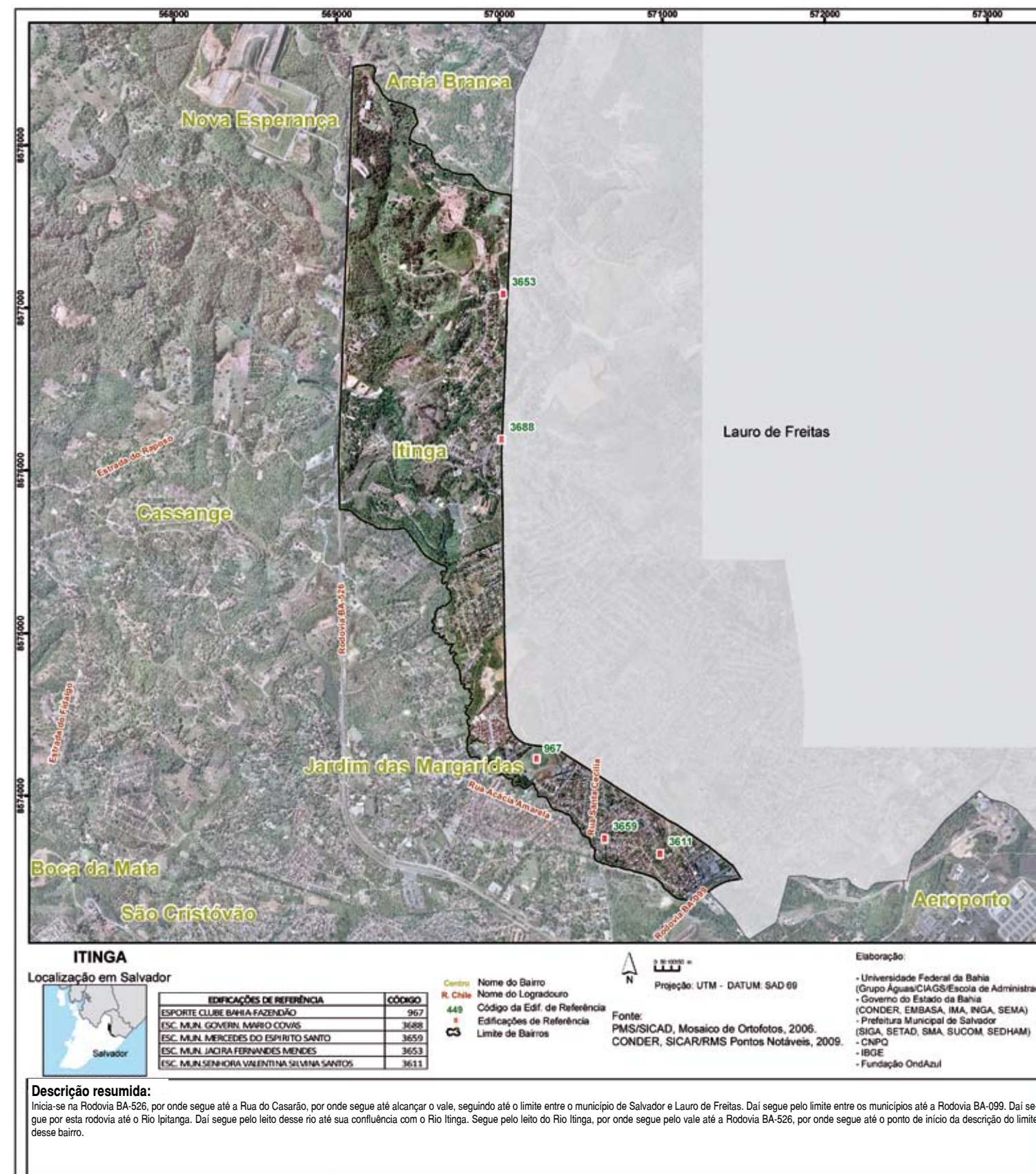
Itinga possui em sua área a **Quinta da Beneficência**, conhecida hoje em dia por **Quinta Portuguesa**, criada em 1982 pela instituição Sociedade Portuguesa de Beneficência Dezesesseis de Setembro. É um espaço para repouso em meio à bela natureza do local.

Itinga possui uma população de 7.276 habitantes, o que corresponde a 0,30% da população de Salvador; concentra 0,29% dos domicílios da cidade, estando 28,39% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 0,5 a 1 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 34,99% dos seus chefes de família têm entre 4 a 7 anos de estudo.



Foto: Danilo Bandeira

Fazendão





Escola Municipal de Cajazeiras XI

COINF / SEDHAM / PMS, 2006

● CAJAZEIRAS XI

Miraldo Manoel Fernandes, presidente do **Conselho dos Moradores do Conjunto Habitacional Cajazeiras XI**, afirma que o que hoje compreende o bairro de **Cajazeiras XI**, foi o último setor a surgir quando o complexo de Cajazeiras foi construído. Nesta época, “*havia poucos moradores e o transporte só ia até Cajazeiras X*”, conta Fernandes.

Hoje, Miraldo Fernandes avalia que Cajazeiras XI representa o maior território de Cajazeiras, assim como tem a melhor frota de transporte e o melhor posto de saúde da região, tendo crescido muito. O bairro também abriga a **Escola Municipal Manoel Almeida Cruz**, a **Escola Municipal de Cajazeiras XI**, **Escola Municipal 15 de Maio**, e a **Escola Municipal Maria Antonieta Alfaranas**.

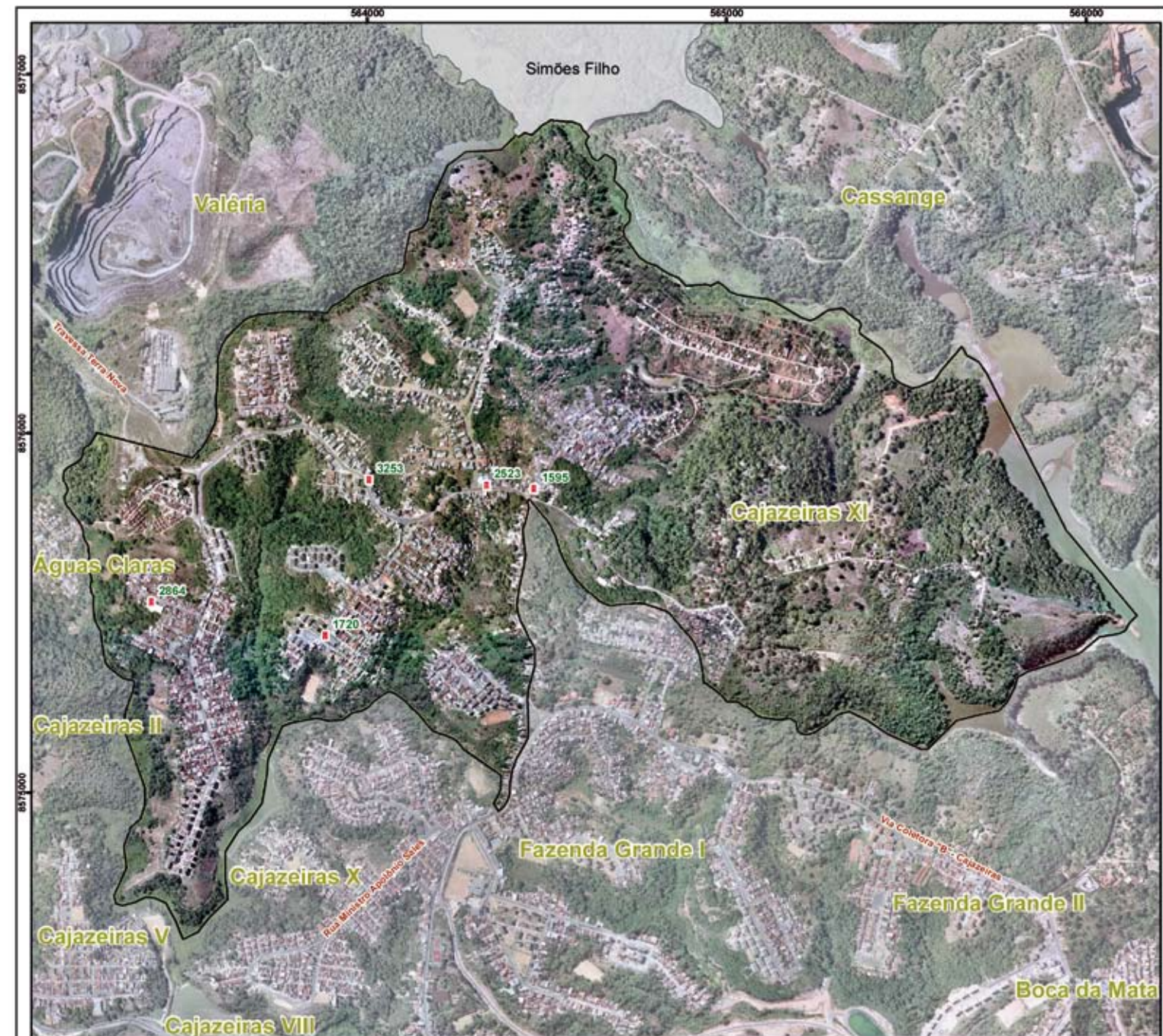
O bairro é composto pelas localidades: **Loteamento Santo Antônio**, **Parque Ipitanga I e II**, **Rua Maria Antonieta Alfaranas**, **Rua Geraldo Brasil** e a **Rua Maria das Dores Leite**. Nesta rua, “*há três*

ou quatro minadouros da Barragem de Ipitanga. Atualmente essa área está cheia de casas, quando chove alaga tudo; na Rua Eraldo Tinoco passa o Rio dos Frades, hoje totalmente poluído”, diz Fernandes. Além deste, a Represa também margeia o bairro.

Para Miraldo Manoel Fernandes, a grande referência do bairro é a Escola Municipal Manoel Almeida Cruz. Ele afirma que em nenhuma das outras Cajazeiras há uma escola tão equipada como esta – e esse foi o resultado da luta da comunidade pela implantação da escola.

Há seis anos desfila em Cajazeiras XI o “Bloco das Virgens”, que começou, segundo Miraldo Fernandes, com umas quinze pessoas e hoje agrega mais de três mil – o bloco sai antes do Rei Momo.

Cajazeiras XI possui uma população de 10.093 habitantes, o que corresponde a 0,41% da população de Salvador; concentra 0,41% dos domicílios da cidade, estando 23,47% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 32,91% dos seus chefes de família têm entre 11 a 14 anos de estudo.



CAJAZEIRAS XI

Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
ESC. MUN. CAJAZEIRAS XI	1720
ESC. MUN. MARIA ANTONIETA ALFARANO	1595
ESC. MUN. QUINZE DE MAIO	2523
ESC. MUN. PROF. MANOEL DE ALMEIDA CRUZ	2864
PSF DE CAJAZEIRAS XI	3253

Centro Nome do Bairro
R. Ciné Nome do Logradouro
449 Código da Edif. de Referência
CS Edificações de Referência
CS Limite de Bairros



Projeção: UTM - DATUM: SAD 89

Fonte:
PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:

- Universidade Federal da Bahia (Grupo Aguias/CIA/GSI/Escola de Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
- CNPO
- IBGE
- Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se na Avenida Engenheiro Raymundo Carlos Nery, em frente a Caminho "01-Qd D" - Faz. Grande I. Deste ponto segue pelo fundo dos lotes com frente para a referida avenida até alcançar o Rio Aguas Claras, por onde segue, passando pelo Rio Cajá. Segue até alcançar a Represa do Ipitanga I, de onde segue até alcançar a Rua Geraldo Brasil, por onde segue nesta via até o cruzamento com a Rua Juscelino Kubitschek, por onde segue até a confluência com a Via Coletora "B" - Cajazeiras e Avenida Engenheiro Raymundo Carlos Nery, de onde segue até o ponto de início da descrição deste bairro.

● FAZENDA GRANDE I, II, III e IV

A área que hoje compreende os bairros de Fazenda Grande I, II, III e IV resulta da ampliação do projeto habitacional Cajazeiras, implantado pelo Governo do Estado nas décadas de 1970 e 1980. Originalmente existia na região uma fazenda de propriedade do Senhor Justino que a partir dos anos 1940 loteou o terreno. Uma das grandes lutas dos moradores destes quatro bairros, em parceria os das oito Cajazeiras, é a implantação da Universidade Comunitária com o objetivo de democratização do acesso ao ensino superior, fazendo da graduação um sonho possível para diversos jovens da região.

Em **Fazenda Grande I**, encontra-se a **Escola de Educação Básica e Profissional Fundação Bradesco**, importante instituição para o desenvolvimento dos jovens do local, um dos **Campos da Pronaica**, local utilizado para eventos do bairro, a **Escola Municipal Ulisses Guimarães** e a **Paróquia Santa Mônica**. Neste bairro existe um local chamado de **Pedra da Onça**, área pertencente ao antigo Quilombo Buraco do Tatu. Conta a lenda que lá existia uma pedra, utilizada como passagem e esconderijo dos escravos perseguidos, através da qual se conseguia escapar da perseguição dos feitores.

Fazenda Grande I possui uma população de 10.580 habitantes, o que corresponde a 0,43% da população de Salvador; concentra 0,41% dos domicílios da cidade, estando 20,24% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 34,99% dos seus chefes de família têm entre 4 a 7 anos de estudo.

Fazenda Grande II integra uma Área de Proteção Ambiental (APA) do Rio Joanes – Ipitanga. “Apesar de ser uma APA, o local não possui nenhuma fiscalização. As pedreiras jogam detritos no rio que já está assoreado”, dizem membros da ONG Cajaverde. Destas pedreiras são extraídos minérios a céu aberto, a poeira resultante da extração de pedra, degrada o meio ambiente, uma vez que provoca a erosão e o assoreamento do **Rio Ipitanga** e seus afluentes e a qualidade de vida dos moradores em seu entorno, que convivem com os constantes abalos causados pelas explosões. Uma das pedreiras já foi a principal fonte de poluição da **Represa Ipitanga I**. Esta represa margeia o bairro de Fazenda Grande II, que tem entre seus principais equipamentos: a **Maternidade Albert Sabin**, a **Escola Municipal Fazenda Grande II**, a **Terceira Companhia Independente de Polícia Militar** e a **Casa do Trabalhador**.

Fazenda Grande II possui uma população de 10.995 habitan-

tes, o que corresponde a 0,45% da população de Salvador; concentra 0,45% dos domicílios da cidade, estando 21,43% dos seus chefes de família situados na faixa de mais de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 41,79% dos seus chefes de família têm entre 11 a 14 anos de estudo.

A ponte localizada na **Avenida Aliomar Baleeiro**, construída na época da II Guerra Mundial, e considerada patrimônio histórico, gera inúmeras reclamações dos moradores de **Fazenda Grande III** e **Fazenda Grande IV**, pelo descaso em relação a sua utilização e con-

servação. Destacam-se em Fazenda Grande III, a **Escola Municipal Professora Elise Saldanha** e o **Serviço de Atendimento ao Cidadão**.

Fazenda Grande III possui uma população de 6.982 habitantes, o que corresponde a 0,29% da população de Salvador; concentra 0,27% dos domicílios da cidade, estando 21,48% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 38,47% dos seus chefes de família têm entre 11 a 14 anos de estudo.

Entre os principais equipamentos públicos de Fazenda Grande IV encontram-se a **Escola Cecy Ramos** e a **Escola Municipal Recanto do Sol**.

Fazenda Grande IV possui uma população de 7.514 habitantes, o que corresponde a 0,31% da população de Salvador; concentra 0,30% dos domicílios da cidade, estando 25,18% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 30,677% dos seus chefes de família têm entre 11 a 14 anos de estudo.



Unidade de Saúde da Família



FAZENDA GRANDE I

Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
FUND. BRADESCO	2242
LES FAZ. GRANDE I	639
ESC. MUN. BEATRIZ DE FARIAS	1721
ESC. MUN. LUYSSIS GUMARÃES	1719
COL. EST. D. MORA GUMARÃES	1625
ESC. EST. LEALEAL	1722
ESC. EST. LUÍZ JOSÉ DE OLIVEIRA	1428

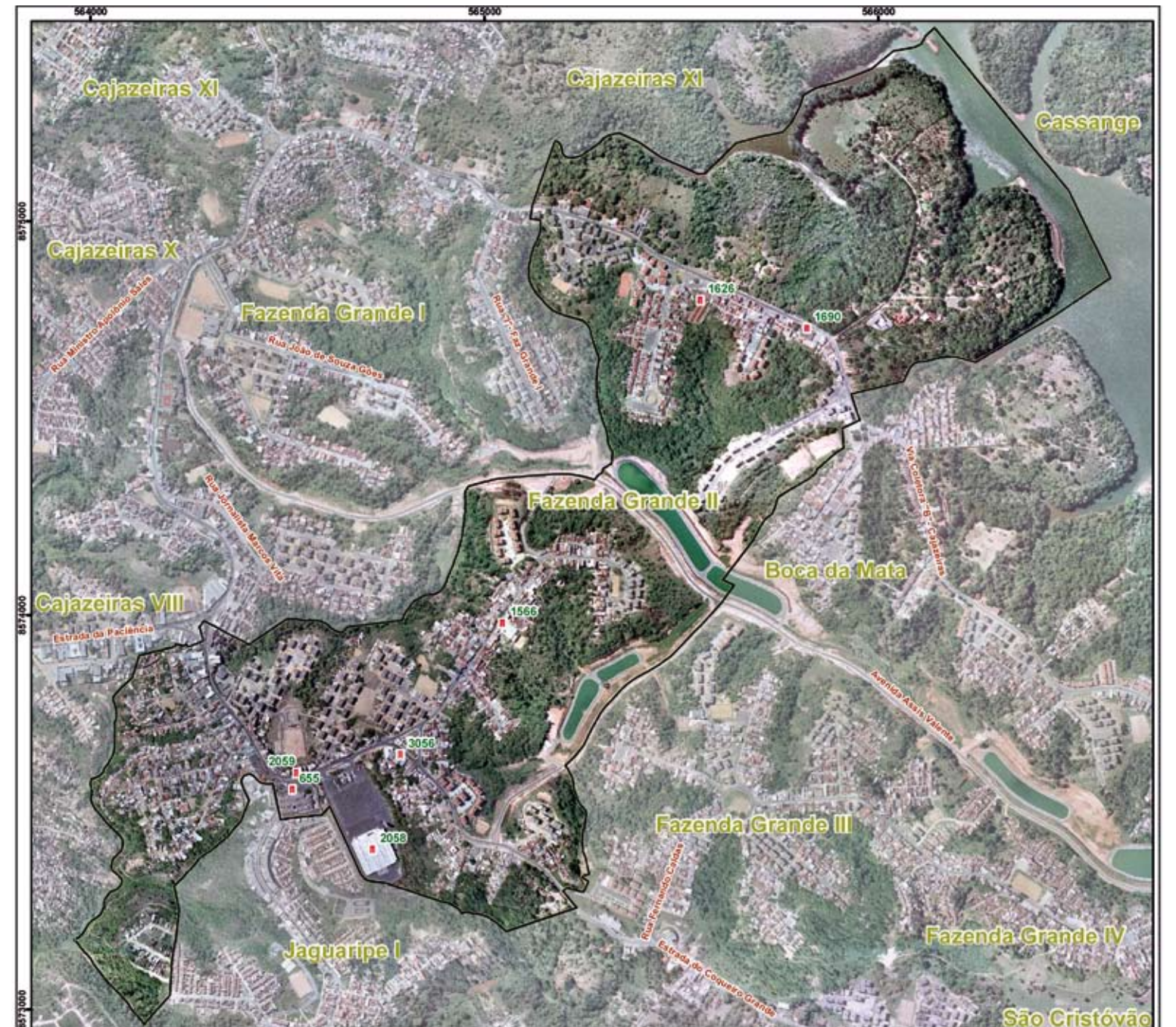
- C** Centro Nome do Bairro
- R. Cinla** Nome do Logradouro
- 449** Código da Edif. de Referência
- E** Edificações de Referência
- CS** Limite de Bairros

Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
- Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
- CNPO
- IBGE
- Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se na Avenida Engenheiro Raymundo Carlos Nery, próximo a rotatória entre esta, Estrada do Coqueiro Grande e Estrada da Paciência. Segue pela referida avenida, passando pela até a confluência com Via Coletora "B" - Cajazeiras e Avenida Engenheiro Raymundo Carlos Nery, por onde segue até a Rua Juscelino Kubitschek, por onde segue até a Rua Geraldo Brasil. Segue até alcançar a Via Coletora "B" - Cajazeiras, seguindo até alcançar a Avenida Assis Valente. Segue até alcançar a nesta via até a Rua Jornalista Marcos Vita, por onde segue para o ponto de início da descrição deste bairro.



FAZENDA GRANDE II

Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
MATERIDADE ALBERT SABIN	655
ESC. MUN. FAZ. GRANDE II	1566
COL. EST. OLIVEIRA BRITO	1626
ESC. MUN. CRISTO REI	1690
ATAKADÃO - CAJAZEIRAS	2058
SIGA XIV (CAJAZEIRAS)	2059
CASA DO TRABALHADOR (CAJAZEIRAS)	3056

- C** Centro Nome do Bairro
- R. Cinla** Nome do Logradouro
- 449** Código da Edif. de Referência
- E** Edificações de Referência
- CS** Limite de Bairros

Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
- Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
- CNPO
- IBGE
- Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se no cruzamento da Alameda São Joaquim e a Estrada do Coqueiro Grande, por onde até o muro do Atacadão Cajazeiras, por onde segue até o seu encontro com o muro da Maternidade Albert Sabin, inclusive, até Rua Jerusalém de Cajazeiras, por onde segue até o vale, até alcançar o Acesso "D" - Jaguaripe I, por onde segue até a Rua Washington Halye, a partir de onde segue pelo fundo dos lotes com frente para esta mesma rua até a Estrada do Coqueiro Grande. Segue até o cruzamento com a Estrada da Paciência e Avenida Engenheiro Raymundo Carlos Nery, por onde segue até o Caminho "16-Qd A" - Faz. Grande I, seguindo até alcançar o vale até alcançar a Avenida Assis Valente, por onde segue pelo fundo do lote com frente para a Via Coletora "B" - Cajazeiras, por onde segue até alcançar a Represa Ipitanga I, retornando em seguida a Via Coletora "B" - Cajazeiras, na altura da Rua Jornalista Armando Lobrancelo Neto seguindo até alcançar a Avenida Assis Valente, por onde segue até o ponto de início da descrição do limite desse bairro.



FAZENDA GRANDE III

Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
SAC (CAIAZEIRAS)	1112
ESC. MUN. PROF. ELISA SALDANHA	1726

Centro Nome do Bairro
 R. Chile Nome do Logradouro
 449 Código da Edif. de Referência
 Edificações de Referência
 CS Limite de Bairros

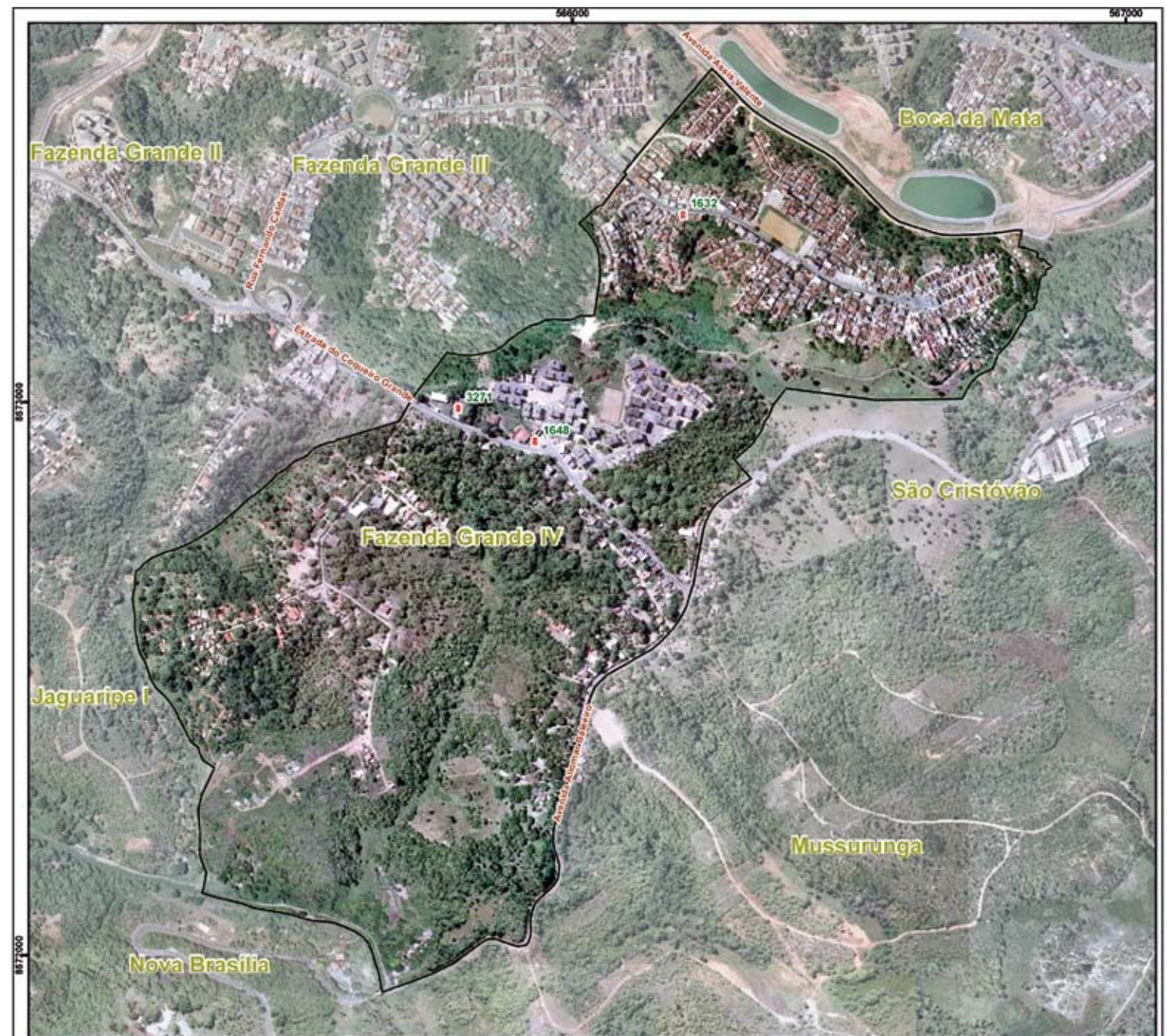
Fonte:
 PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
 CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Projeção: UTM - DATUM: SAD 69

Elaboração:
 - Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - CNPO
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se na Avenida Assis Valente, na direção da projeção do prolongamento da Rua Abdias, seguindo até cruzar a Via Local "B-A-Qd.C" - Faz. Grande III, por onde segue pela Rua Pardal do Recanto do Sol, por onde segue em direção ao vale até alcançar a Estrada do Coqueiro Grande. Segue pela Rua Heráclito, em direção ao vale, até alcançar o prolongamento da Vila Cardoso, seguindo pelo vale até retornar à Estrada do Coqueiro Grande, por onde segue até alcançar a Alameda São Joaquim, seguindo contornando o conjunto, até alcançar a ligação da Avenida Assis Valente com a Estrada do Coqueiro Grande, até a Avenida Assis Valente, por onde segue até o ponto de início da descrição do limite desse bairro.



FAZENDA GRANDE IV

Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
ESC. MUN. RECANTO DO SOL	1632
ESC. CECY ANDRADE	1648
ESC. TITÂNIA	3271

Centro Nome do Bairro
 R. Chile Nome do Logradouro
 449 Código da Edif. de Referência
 Edificações de Referência
 CS Limite de Bairros

Fonte:
 PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
 CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Projeção: UTM - DATUM: SAD 69

Elaboração:
 - Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - CNPO
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se na Avenida Assis Valente, na direção da projeção do prolongamento da Rua Abdias, seguindo até cruzar a Via Local "B-A-Qd.C" - Faz. Grande III, por onde segue pela Rua Pardal do Recanto do Sol, por onde segue em direção ao vale até alcançar a Estrada do Coqueiro Grande. Segue pela Rua Heráclito, em direção ao vale, até alcançar o prolongamento da Vila Cardoso, de onde segue pelo até a Rua Manuel da Tábua, por onde segue até alcançar o leito do Rio Jaguaribe. Segue até alcançar a Avenida Alomar Baleeiro, por onde segue até encontrar o vale que corta o prolongamento da 3ª Travessa Djalma Batista. Segue pelo vale até alcançar a Avenida Assis Valente, por onde segue até o ponto de início da descrição do limite desse bairro.

PALESTINA

Situado às margens da Rodovia BR-324, o bairro da **Palestina**, no final da década de 1960, era conhecido como **Beco do Bido**. Conforme José Antônio Souza, presidente da **Associação Zumbi dos Palmares**, nesta época grande parte do local era uma fazenda que pertencia à Companhia Empório do Norte, da família de Luis Tarquínio. *"Foi de repente que descobriram gente morando e plantando nessas terras. Com a notícia, novas pessoas foram mobilizadas para ocupar a área"*.

Desde a sua formação, este bairro é composto por pessoas oriundas do Recôncavo Baiano. Nessa época, a população vivia em casas de madeira, não havia água encanada, nem luz elétrica. Souza conta que não existiam ruas, eram caminhos estreitos de barro e que as pessoas costumavam pegar água no **Rio Coruripe** para beber. Este rio deságua na Barragem de Ipitanga e hoje está bastante poluído.

Sobre o nome do bairro, José Alves, antigo líder do bairro, explica: *"o povo se uniu através da liderança do Sargento Bonifácio para*

escolher um novo nome para o local. Foi marcada uma reunião e Palestina acabou vencendo porque era o nome de um lugar onde gente pobre também lutava por espaço para viver, travava batalhas, era um lugar como o nosso".

Em 2003, o bairro foi destaque na imprensa nacional quando um tratorista, influenciado pela comunidade local, recusou-se a derrubar algumas casas habitadas, apesar da ordem judicial. A decisão judicial foi feita atendendo à solicitação impetrada pelo proprietário do terreno, que pedia a reintegração de sua posse há dez anos. Os donos das casas entraram com liminar, mas perderam. A Associação de Moradores convocou os estudantes, os professores e os moradores do bairro para resolver o impasse criado e, a solução encontrada, foi pedir ao tratorista que descesse do veículo e não derrubasse as casas. *"Levaram o tratorista a um posto de saúde e quando ele voltou começou a chegar advogados e pessoas de influência. Naquele momento, a decisão da justiça foi embargada"*. O presidente da Associação Zumbi dos Palmares fez questão de ressaltar que o empresário que moveu a ação de derrubada já é falecido e que a moradora continua no imóvel até hoje.

Para José Antônio de Souza, o Largo da Palestina é uma referência no bairro, que atualmente conta com os seguintes equipamentos públicos: a **Escola Municipal da Palestina**, a **Escola Maria Rosa Freire** e a **Unidade de Saúde da Família da Palestina**.

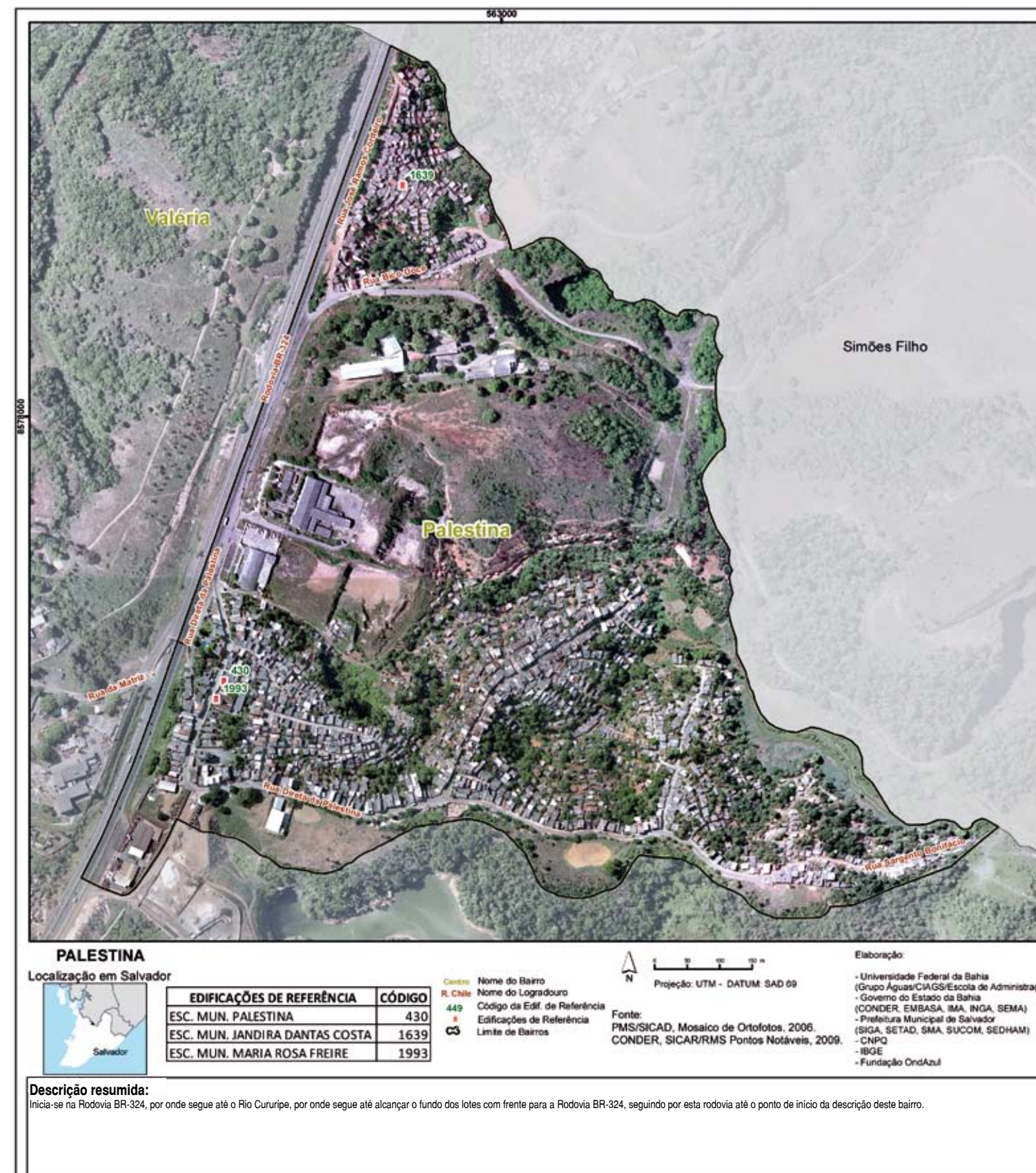
Hoje em dia, segundo Souza, não existe mais nenhuma grande festa que mobilize todo os moradores. *"As tradições culturais daqui como o Natal, a Páscoa e o São João, estão caindo muito. O que ainda existe são festinhas, eventos religiosos, passeios realizados pela Igreja de São José Operário, o padroeiro da Palestina..."*

A Palestina possui uma população de 6.168 habitantes, o que corresponde a 0,25% da população de Salvador, concentra 0,23% dos domicílios da cidade, estando 28,31% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 0,5 a 1 salário mínimo. No que se refere à escolaridade, constata-se que 39,22% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos.



Rua Sargento Bonifácio, 2009

Foto: Tommy Bittencourt





Represas Ipitanga I

BOCA DA MATA

Da desapropriação de três fazendas próximas à Rodovia BR-324, surgiu o bairro de **Boca da Mata** em 1990. Segundo Maria Madalena da Silva Rodrigues, presidente da **Associação de Moradores de Boca da Mata**.

Embora a área verde continue preservada, Maria Madalena Rodrigues avalia que a configuração urbana do local mudou bastante, uma vez que surgiram novos loteamentos e no entorno do conjunto apareceram ocupações espontâneas. O perfil do morador também mudou muito.

Para Rodrigues, Boca da Mata não tem apenas um símbolo e sim vários, pois diferentes elementos compõem o local, sendo referências neste bairro: a **Barragem de Ipitanga**, os moradores, a área verde e Dona Catarina, a barraqueira mais antiga do local. Em 2004 foi criado em Boca da Mata o **Movimento Jovem Cidadão de Boca**

da Mata com o objetivo de desenvolver cursos profissionalizantes e promover palestras entre outras atividades.

Atualmente, a festa que mobiliza Boca da Mata é o aniversário do bairro no dia 28 de julho. Entre seus principais equipamentos estão: a **Casa do Trabalhador**, a **Escola Municipal Cristo Rei**, o **Posto de Saúde da Família** e um **módulo policial**.

A Represa do **Rio Ipitanga** atravessa este bairro, que também possui em suas terras, um minadouro, conhecido pelos moradores como “a Bica”, que foi muito castigado e hoje está poluído. Quando abrem as comportas da barragem, há o encontro da bica com a água da barragem.

Boca da Mata possui uma população de 6.887 habitantes, o que corresponde a 0,28% da população de Salvador; concentra 0,28% dos domicílios da cidade, estando 24,02% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 41,24% dos seus chefes de família têm entre 11 a 14 anos de estudo.



● SÃO CRISTÓVÃO

Situado próximo ao limite de Salvador, o bairro de **São Cristóvão** surgiu do loteamento da **Fazenda Cachoeira** e teve seu desenvolvimento relacionado à construção do Aeroporto de Salvador. Atualmente é um bairro densamente povoado, com ocupações espontâneas, a exemplo do **Planeta dos Macacos**, além de um variado comércio.

Maria Enaura Lima, moradora do local, afirma que a 50 anos atrás, as poucas casas que existiam eram de palha e taipa, não havia luz elétrica, nem água encanada. Conforme Edvaldo Egidio de Souza, presidente da **Sociedade Recreativa em Defesa de São Cristóvão**, apenas a pista principal era asfaltada e tinha “uma *imensidão de árvores frutíferas*”.

Souza diz ainda que o bairro outrora chamava-se **Cascalheira** em virtude da grande quantidade de cascalho existente no lugar. A atual denominação do bairro resulta de uma missão religiosa católica em homenagem a São Cristóvão. Desse modo, há anos, no dia 25 de julho (Dia de São Cristóvão) esta comunidade mobiliza-se na **Festa Popular do Bairro de São Cristóvão**. “Desde que começamos a construção da Igreja de São Cristóvão, por volta de 1970, fazíamos quermesses, tocávamos violão, cantávamos... Isso foi crescendo, tomou corpo e virou a festa popular do padroeiro do bairro”.



Proximidades da segunda rótula do Aeroporto

Foto: Eiba Veiga

São Cristóvão é cortado pelo **Rio Ipitanga** que alimenta a **Lagoa de Santo Agostinho**, na baixa da **Rua Santo Agostinho**. Souza diz que atualmente este rio encontra-se bastante poluído por conta das ocupações que o cercam e canalizam águas usadas para esse curso d'água. Entretanto, este rio nem sempre foi assim, “quando criança tomava banho no Rio Ipitanga cuja água era cristalina. Neste bairro há também o **Córrego do Bispo** ou **Rio Xangô**, um canal de escoamento da Lagoa de Santo Agostinho.

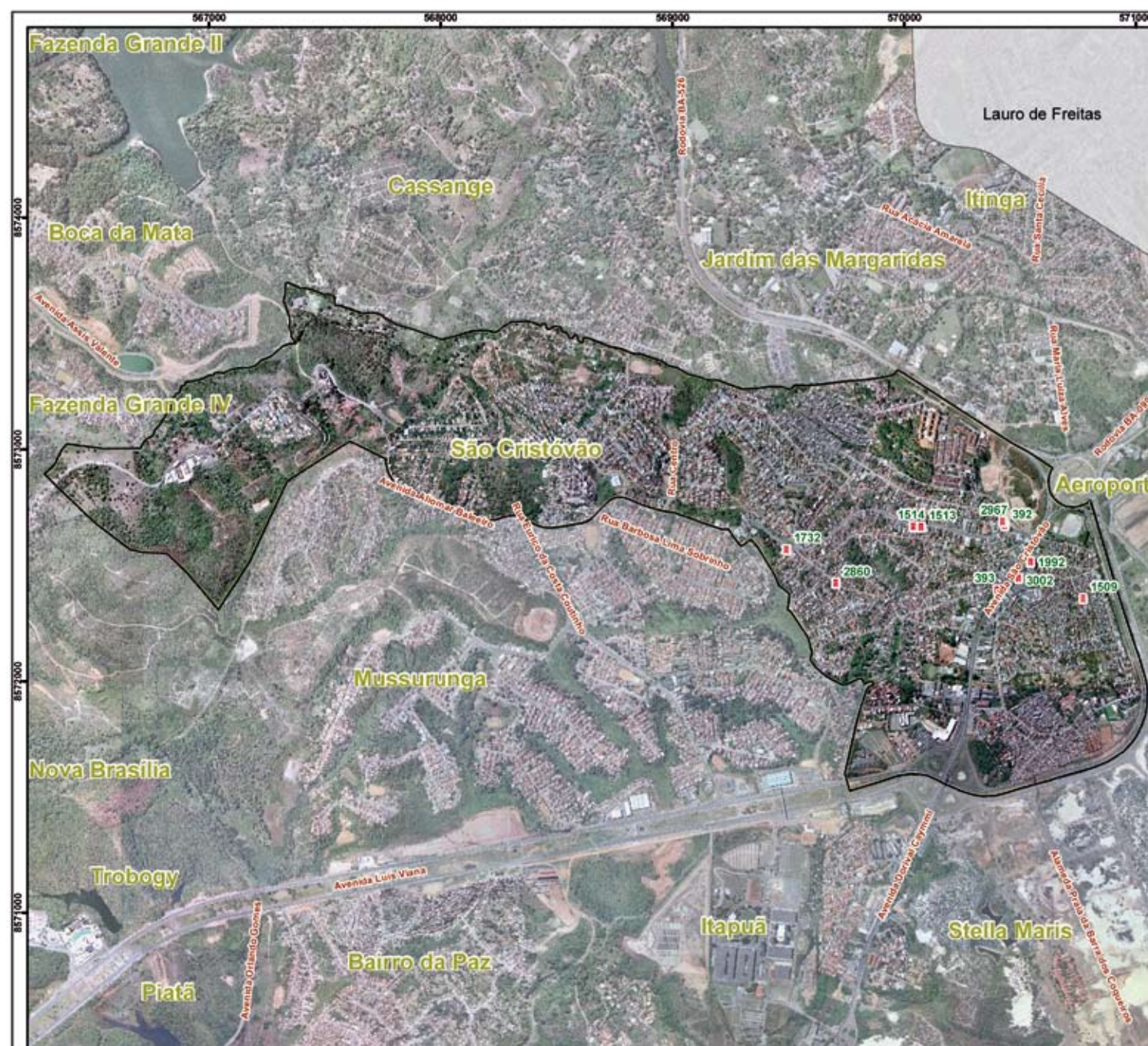
Entre os principais equipamentos do bairro estão: o **Centro de Referência da Assistência Social - CRAS**, programa do governo federal executado pelo município, que realiza trabalho destinado à prestação de serviços e programas socioassistenciais de proteção social básica às famílias e indivíduos; a **Escola Estadual XV de Novembro**, a **Escola Estadual Vinte e Cinco de Julho**, a **Escola Municipal Osvaldo Gordilho**, a **Unidade Básica de Saúde**, a **Unidade de Saúde da Família**, a **Praça Matriz**, onde está localizada a **Igreja de São Cristóvão**, a feirinha de frutas e ervas; o parque infantil e a **49ª Companhia de Polícia**.

São Cristóvão possui uma população de 33.893 habitantes, o que corresponde a 1,39% da população de Salvador; concentra 1,35% dos domicílios da cidade, estando 27,48% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 35,36% dos seus chefes de família têm entre 4 a 7 anos de estudo.



Igreja Matriz de Sao Cristovao

Foto: Danilo Bandeira



SÃO CRISTÓVÃO

Localização em Salvador



RECORTE DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
DIS. REG. MUNICIPAL	480
DIS. REG. MUNICIPAL	300
DIS. REG. MUNICIPAL	300
DIS. REG. MUNICIPAL	353
DIS. REG. MUNICIPAL	354
DIS. REG. MUNICIPAL	375
DIS. REG. MUNICIPAL	375
DIS. REG. MUNICIPAL	380
DIS. REG. MUNICIPAL	380
DIS. REG. MUNICIPAL	380

- Nome do Bairro
- Nome do Logradouro
- Código da Edif. de Referência
- Edificações de Referência
- Limite de Bairros

Projeção: UTM - DATUM: SAD 89

Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006. CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

- Elaboração:
- Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - CNPQ
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se na Avenida Aliomar Baleeiro, por onde segue até alcançar o Riacho Itapua Mirim. Segue pelo leito desse rio até sua confluência com o Rio Ipitanga, por onde segue até alcançar a Rodovia BA-526. Segue por esta até a Praça Alberto Santos Dumont. Daí segue contornando essa praça até sua interseção com a Avenida Carybé, por onde segue até sua confluência com a Avenida Luís Viana, por onde segue em direção a Codisman Veículos, inclusive, até a Rua da Adutora, por onde segue até a Rua da Capela, por onde segue até o Córrego do Bispo ou Rio Xangô, até alcançar a Rua Adriano de Azevedo Ponde, por onde segue até a Avenida Aliomar Baleeiro. Daí segue por essa avenida até o ponto de início da descrição do limite desse bairro.



Foto: Elba Veiga

Vista do Jardim das Margaridas, 2009

● JARDIM DAS MARGARIDAS

“Aqui era a Fazenda Margaridas, que deu lugar ao Conjunto Residencial Jardim das Margaridas por volta de 1980”, afirma Miguel Paulino Sobrinho, ex-presidente da Associação de Moradores de Jardim das Margaridas, referindo-se à história do bairro **Jardim das Margaridas**.

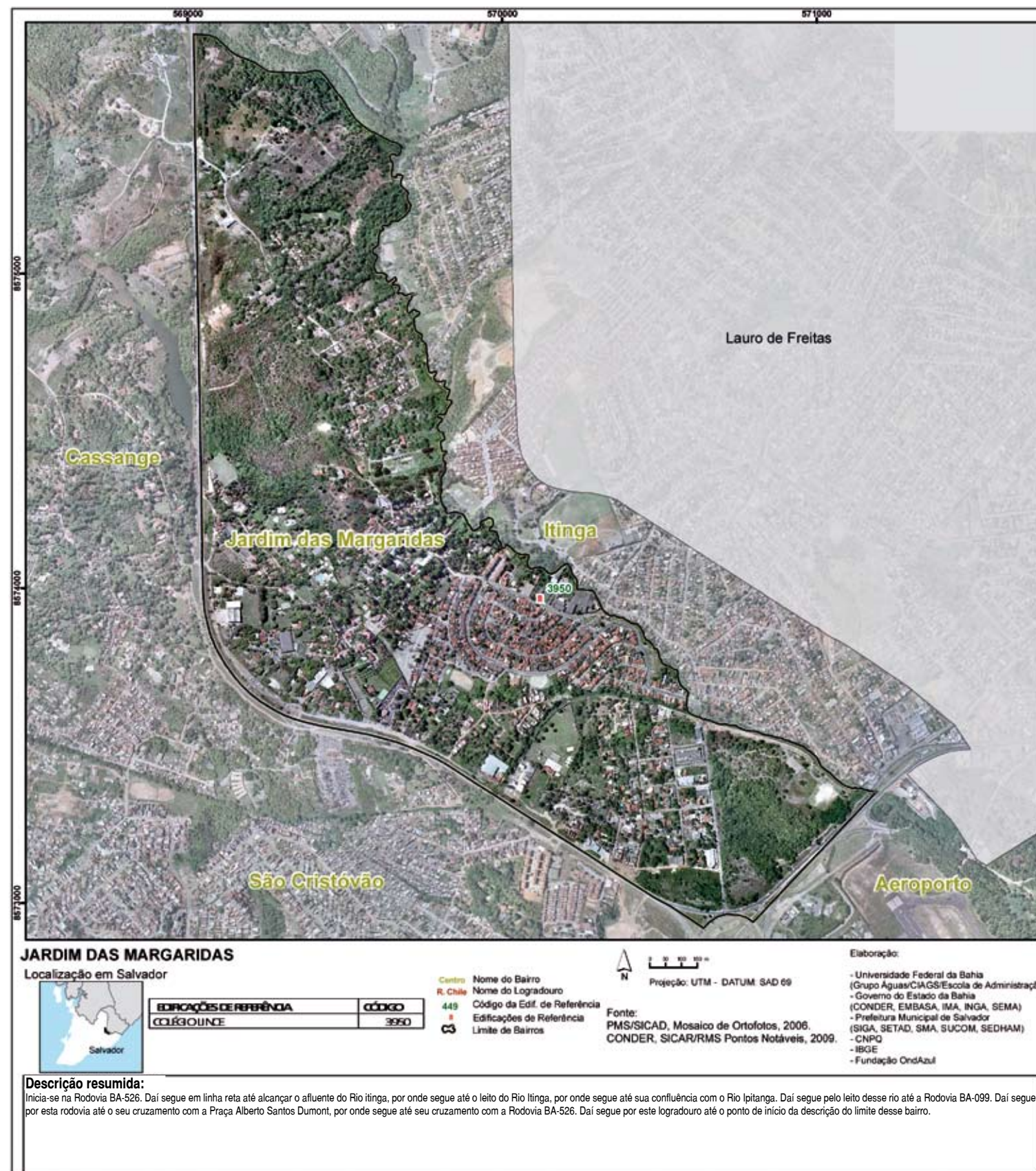
Ele conta que o conjunto foi projetado para os funcionários da PETROBRÁS, porém, como muitos deles desistiram de morar neste empreendimento, ele foi aberto para outras pessoas.

Para Sobrinho, o bairro vem se expandindo assustadoramente. Quando ele chegou, em 1983, o local era parte do bairro São Cristóvão, não havia água encanada, linha telefônica, nem transporte coletivo e o fluxo de pessoas era bem menor. As ruas eram denominadas por letras, Rua A, Rua B, Rua C..., e por tratar-se de área afastada do centro da cidade, as pessoas utilizavam para veraneio.

Hoje, o Jardim das Margaridas é formado por quadras, com vias planas e asfaltadas, foi dividido em duas etapas, sendo os imóveis da primeira, menores do que os da segunda. As ruas têm o nome de flores: Rua das Acácias, Bromélias Brancas, Hortênsia, Margaridas Amarelas, Papoulas Brancas, Quaresmeira....

Ao longo do tempo, as águas deste bairro sofreram uma intensa degradação. “Quando aqui cheguei, o **Rio Itinga** e o **Rio Ipitanga** que corta o bairro e desemboca no **Rio Joanes**, eram tão limpos que a vizinhança pescava nesses rios. Hoje esses rios têm sucata, pneus, garrafas pet,... Havia também o **Riacho das Margaridas** que foi sendo soterrado até virar um córrego”.

Jardim das Margaridas possui uma população de 5.383 habitantes, o que corresponde a 0,22% da população de Salvador; concentra 0,21% dos domicílios da cidade, estando 20,54% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 29,30% dos seus chefes de família têm entre 11 a 14 anos de estudo.



● AEROPORTO

O que hoje se define como bairro do **Aeroporto** está circunscrito pela localização do Aeroporto Internacional Deputado Luiz Eduardo Magalhães, sendo restrito o uso e ocupação do solo nessa área.

Segundo o historiador Cid Teixeira, os aviões começaram a aterrissar em Salvador na década de 1920, em um pequeno campo de pouso entre a Pituba e Amaralina, construído pelo engenheiro Paul Vachet.

Em 1932, os norte-americanos construíram um hidroporto na Enseada dos Tainheiros, na Ribeira, onde funcionou até 1943, quando transferiu-se para o atual lugar, na condição de **Campo de Pouso de Santo Amaro do Ipitanga**. Já nos anos de 1950, tornou-se o **Aeroporto 2 de Julho**, em homenagem à Independência da Bahia. Em 1998 o nome do aeroporto foi modificado para Aeroporto Internacional Deputado Luiz Eduardo Magalhães

O Aeroporto está situado a 28 km do centro, em uma área de dunas e vegetação nativa, entre os municípios de Salvador e Lauro de Freitas. Um dos seus maiores destaques é o bambuzal, nos dois lados das pistas de acesso/saída do Aeroporto, formando um túnel verde por onde os veículos passam. Discute-se atualmente a necessidade e pertinência da ampliação de suas instalações em função de possíveis danos ao ecossistema no qual situa-se.

A área que compreende o Aeroporto possui uma população de 1.729 habitantes, o que corresponde a 0,07% da população de Salvador, concentra 0,08% dos domicílios da cidade, estando 24,80% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de mais de 20 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 46,15% dos chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudo.

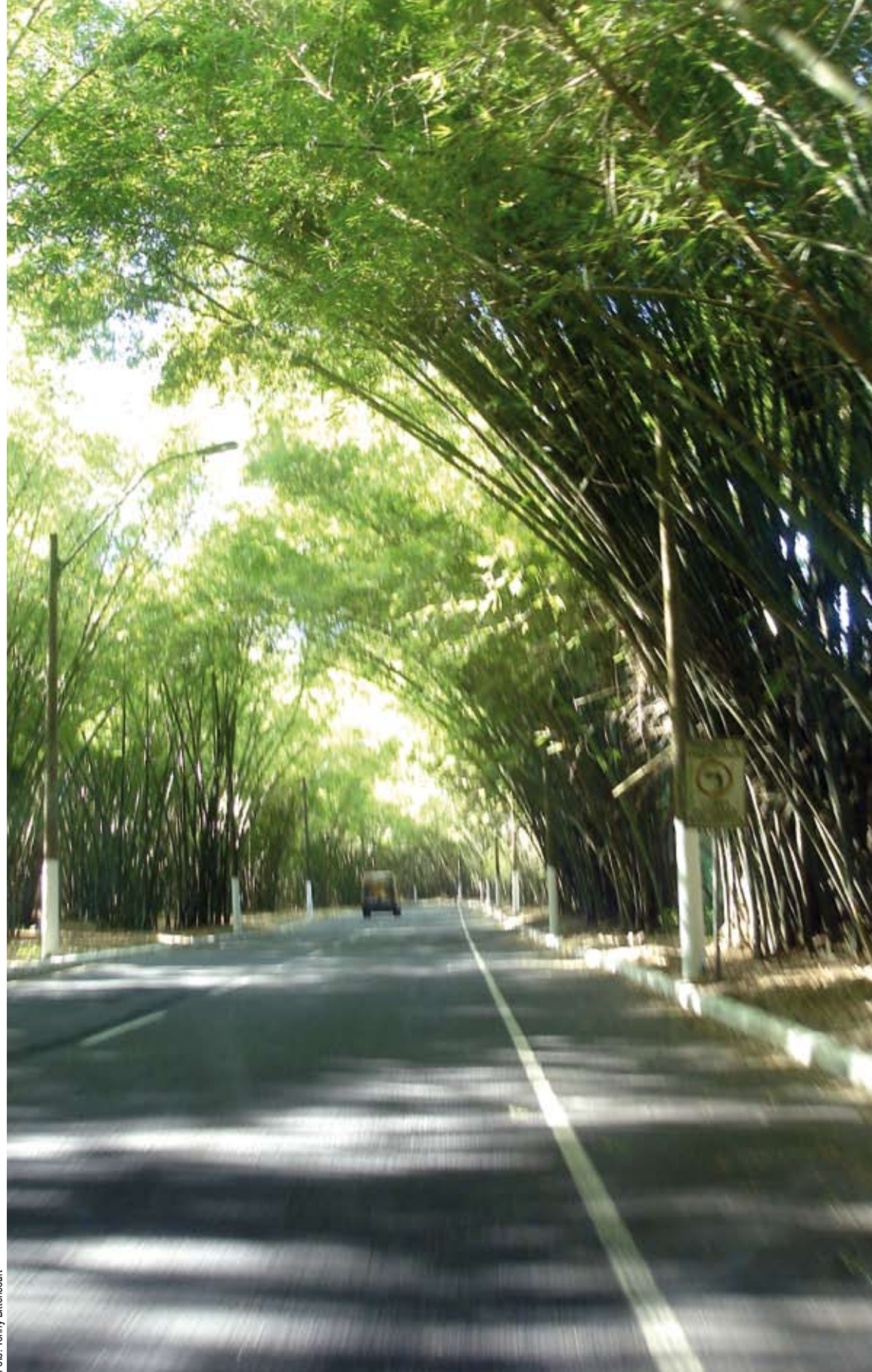
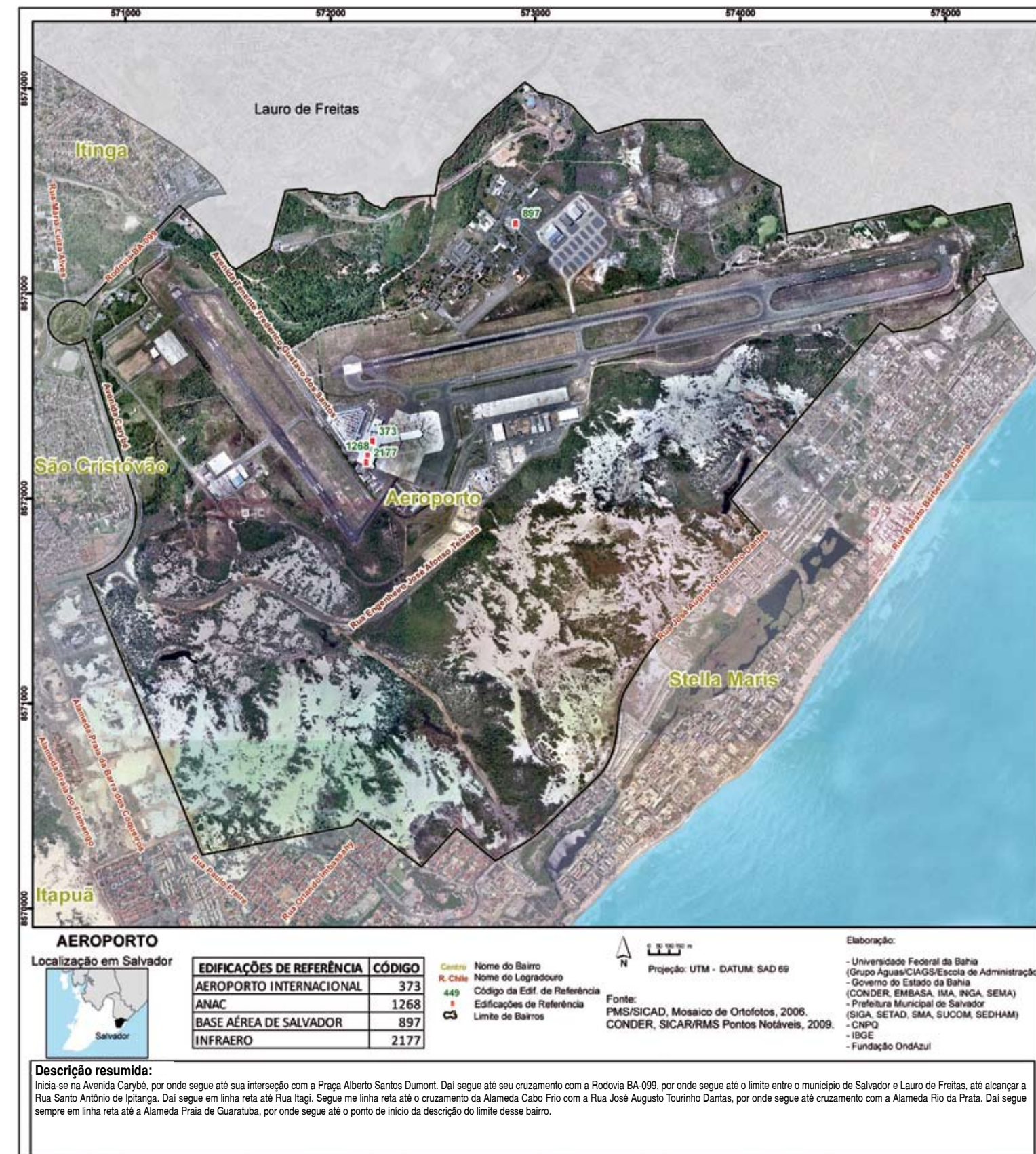
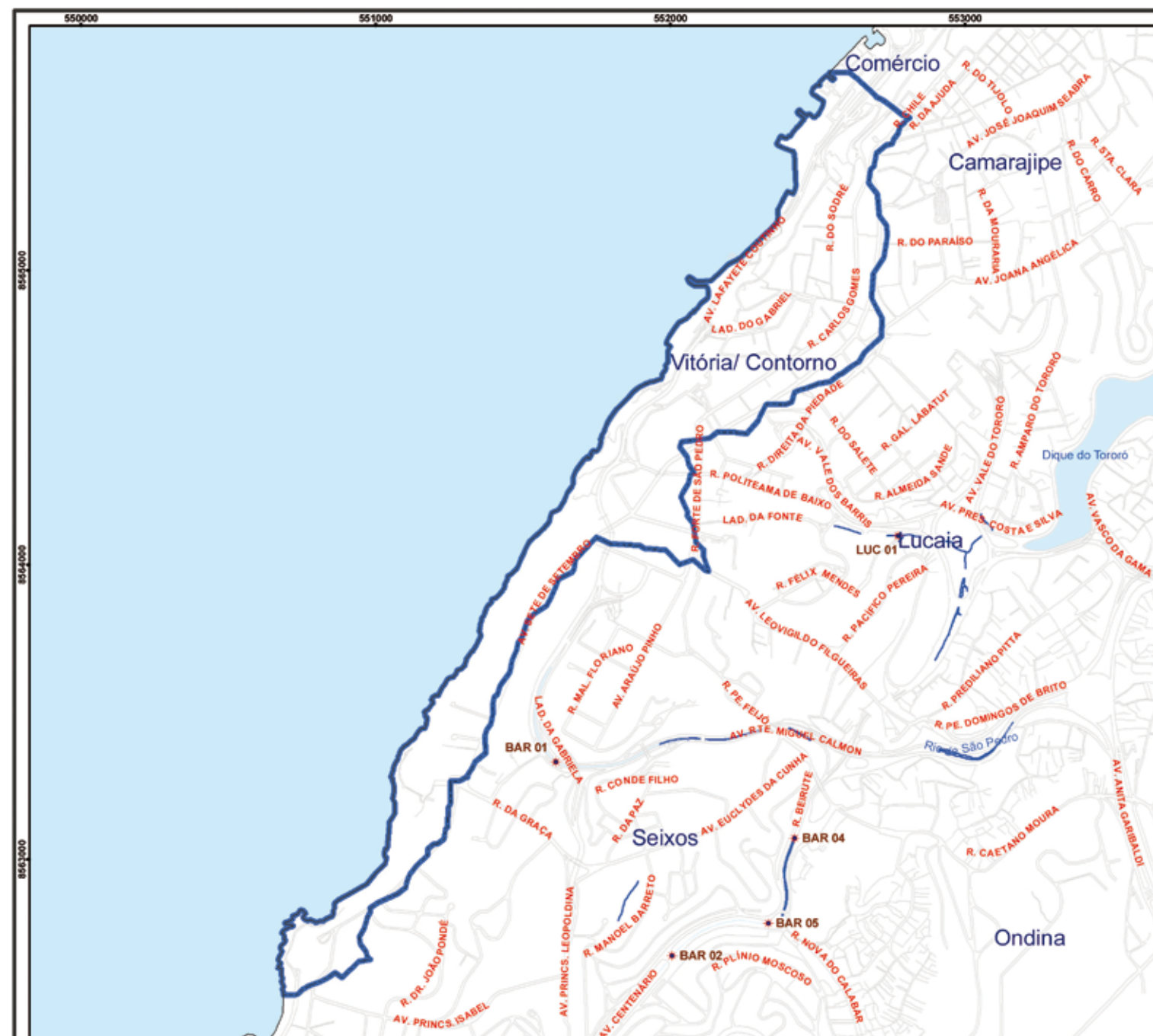


Foto: Tony Bliencourt
Acesso ao Aeroporto





Delimitação de Bacias
Bacia de Drenagem Natural
da Vitória/Contorno



- Comércio Nome da bacia
- CAM 01 Identificação do ponto de coleta
- R. CHILE Nome do logradouro
- ★ Pontos de coleta de água
- Rios, riachos e córregos
- Sistema viário
- Lagos, lagoas, diques e represas
- Limite municipal
- Limites das bacias



Projeção: UTM - DATUM: SAD 69

Fonte:
 PMS/SICAD 2006.
 CONDER, SICAR/RMS 1992.

Elaboração:

- Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
- CNPQ
- IBGE
- Fundação OndAzul

Bacia de Drenagem Natural da Vitória/Contorno

A Bacia de Drenagem Natural da Vitória e Contorno fica localizada na porção sudoeste do Município; possui uma área de 1,001km² com uma população de 14.762 habitantes, que corresponde a 0,60% dos moradores de Salvador. Sua densidade populacional é de 0,32hab./km² e os índices mais expressivos de renda mensal dos chefes de família dessa bacia, encontram-se distribuídos nas seguintes faixas: 23,69% de 5 a 10 SM e 15,10% com mais de 20 SM. Esses mesmos chefes de família possuem como índices de escolaridade mais significativos os seguintes percentuais: 37,98% entre 11 a 14 anos de estudo e 30,29% com mais de 15 anos de estudo (IBGE, 2000).

Pertencem a essa bacia, os bairros da Vitória e do Centro. A Vitória é um bairro situado no espigão da parte alta da escarpa da falha geológica da cidade, onde se instalaram as residências dos políticos, industriais, grandes comerciantes e proprietários de terras no início do processo de expansão da cidade, em meados dos séculos XVII e XVIII.

Depois de passar por um processo de descaracterização do padrão inicial de ocupação, intensifica-se o uso residencial com prédios de luxo, com teleféricos e *piers* exclusivos. Nas calçadas da Avenida Sete de Setembro, cujo logradouro neste trecho é conhecido como “Corredor da Vitória”, encontram-se exemplares de oitzeiros, plantados desde a abertura da via com o atual nome, e uma mangueira com mais de cento e cinquenta anos, reconhecida como exemplar de referência, que tornam essa área muito especial. Além disso, a Vitória possui museus, escolas, centros culturais e a tradicional Igreja de Nossa Senhora da Vitória, que foi tombada em outubro de 2007 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A encosta da Vitória/Contorno, voltada para a entrada da Baía de Todos os Santos, possui uma vegetação densa e diversificada, ainda integrando o Sistema de Áreas Verdes do município de Salvador.

O Centro da Cidade do Salvador é uma área extensa, que abrange as localidades do Campo Grande, Afritos, Mercês, Rosário, Piedade, largo Dois de Julho, Sodré e São Pedro, dentre outros. A cidade nasceu nessa área. Fundada em 1549, Salvador possuía limites bem definidos: entre as portas de São Bento até Santo Antônio além do Carmo. A escolha do sítio ocorreu em função da segurança proporcionada pelo relevo (uma muralha de 70m de altura e 15km de extensão) e pela proximidade do porto.

Na área dessa bacia existem várias fontes, dentre elas a Fonte

Pedreira ou da Preguiça, na margem da Av. Lafayette Coutinho (Av. Contorno) e a Fonte do Unhão, no Solar do Unhão.

Essa bacia tem peculiaridades em relação à drenagem, pois a quase totalidade de sua ocupação é a montante e na escarpa da falha geológica. No entanto, a construção da Av. Lafayette Coutinho, na altura da metade das curvas de níveis e a urbanização da área do Solar do Unhão a jusante, caminho natural de escoamento das águas, agravadas pelas inúmeras intervenções urbanísticas do centro da cidade, que encobriram canalizações antigas, concentraram o escoamento na declividade das Lafayette Coutinho e Sete de Setembro. Porém, há uma descida na localidade da Gamboa que lança ao mar, as contribuições do antigo rio São Pedro, canalizado e sem vazão expressiva, junto com outras redes sobrepostas de captação e lançamento pluviais.

Embora a qualidade das águas dessa bacia não tenha sido monitorizada, as mesmas sofrem alterações devido aos materiais e substâncias carreados pela drenagem pluvial, bem como ao lançamento de esgotos sanitários de domicílios ainda não ligados à rede coletora do sistema público de esgotamento sanitário.



Ortofotoss SICAD / PMS - 2006



Corredor da Vitória – primeira metade do século XX

Fundação Gregório de Matos

VITÓRIA

Segundo Ana Fernandes, professora da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, o bairro da **Vitória** “marca o processo de expansão da cidade entre os séculos XIX e XX, a partir da abertura dos portos – o que possibilitou que outros países tivessem relação comercial com o Brasil”.

Sua história, conforme Monsenhor Gaspar Sadock, vigário da **Paróquia de Nossa Senhora da Vitória**, remonta ao tempo das Capitânicas Hereditárias, quando Francisco Pereira Coutinho ergueu a **Igreja Nossa Senhora da Vitória**, que Sadock defende ser a primeira da Bahia e do Brasil. Para ele, a Igreja de Nossa Senhora da Graça, que alguns afirmam ter sido a primeira do país, foi construída na mesma época, mas não foi a primeira. Os portugueses costumavam construir igrejas voltadas para o mar, com o objetivo de dar sinais às embarcações que chegassem à noite em Salvador, “portanto, não iam deixar de construir essa aqui pra construir a da Graça” conclui o vigário.

Há quem afirme que o nome do bairro é uma homenagem a Nossa Senhora da Vitória, entretanto, Sadock conta que o bairro tem esse nome porque houve nesta região um embate do donatário Pereira Coutinho com os índios – sendo vencido pelo donatário que passou a chamar a região de Vitória.

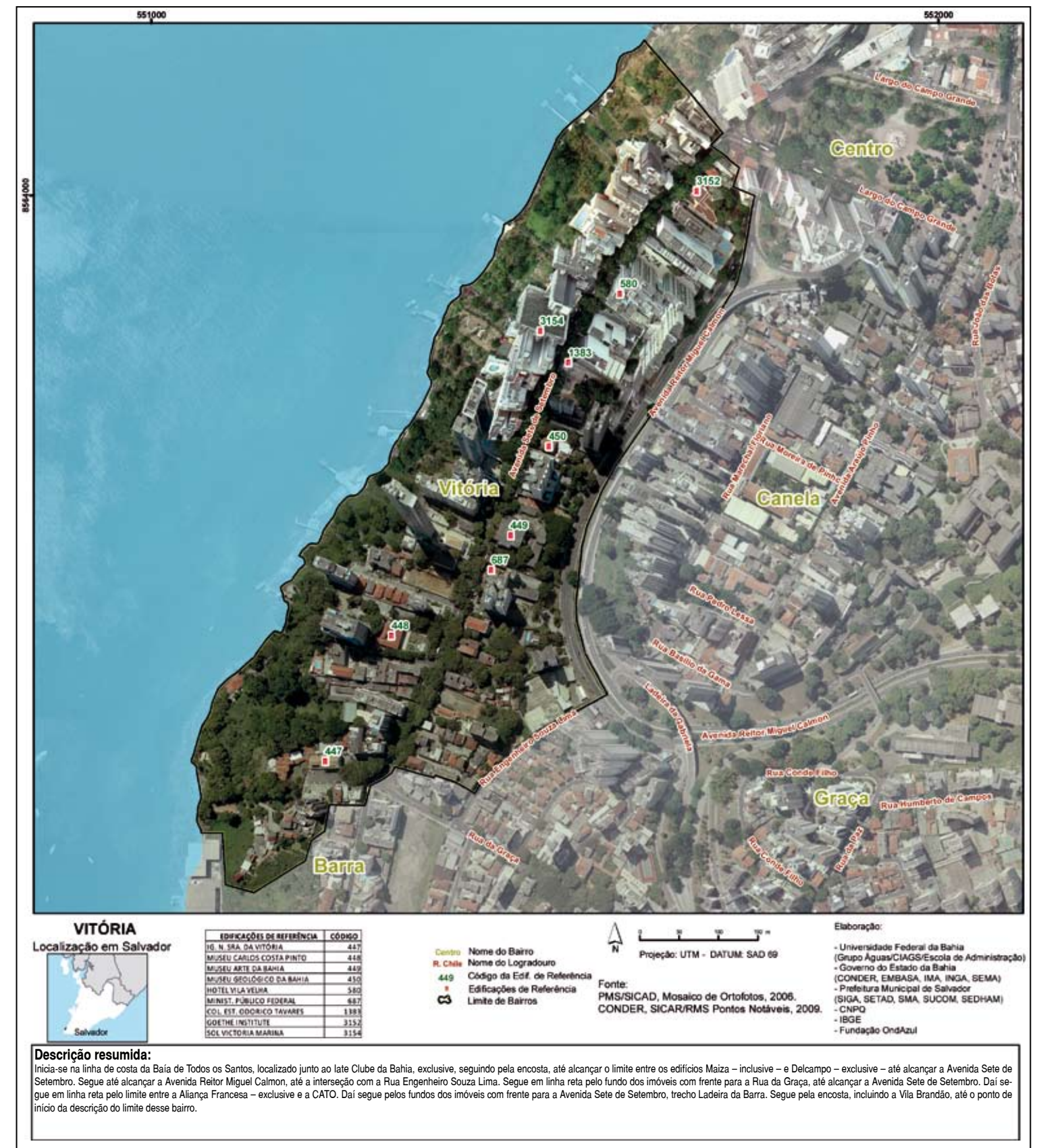
Sua localização, no centro da cidade e a bela vista para a Baía de Todos os Santos, estão entre as características que fizeram deste local uma área muito procurada pelas famílias mais abastadas da Bahia, no século XIX. A expansão imobiliária nas últimas

décadas levou à substituição dos antigos casarões. Recentemente a Vitória tem passado por um intenso processo de requalificação com a construção de luxuosos edifícios, alguns incorporando os antigos casarões à nova paisagem do bairro. Dessa maneira, não faz muito tempo, o Corredor da Vitória foi palco de outra batalha entre empreendedores imobiliários e segmentos interessados em preservar os antigos casarões. Com o tombamento deste sítio pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, algumas edificações tornaram-se protegidas contra adulterações e demolições e mesmo aquelas não tombadas, deverão passar pela avaliação do IPHAN.

Na Vitória está presente o mais antigo museu do estado, o **Museu de Arte da Bahia**, com peças dos séculos XVIII e XIX, que ao lado do **Museu Carlos Costa Pinto**, do **Museu Geológico da Bahia** onde funciona uma sala de cinema, constituem marcas da vida cultural deste bairro. A Vitória é um bairro predominantemente residencial, nele está presente o **Colégio Estadual Odorico Tavares**.

Todos os anos, no mês de novembro, acontece no bairro a Feira da Fraternidade, organizada pela paróquia: “são três dias com bandas, barracas, tudo para arrecadar fundos para as pessoas pobres” diz Sadock. Dentre as curiosidades do bairro, Gaspar Sadock cita o fato do **Esporte Clube Vitória**, ter esse nome por ter nascido no bairro.

A Vitória possui uma população de 5.638 habitantes, o que corresponde a 0,23% da população de Salvador, concentra 0,26% dos domicílios da cidade, estando 37,37% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de mais de 20 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 51,34% dos chefes de família têm de 15 anos e mais de estudo.



● CENTRO

O Centro da Cidade de Salvador tem uma importância histórica para a cidade. O **Largo Campo Grande**, outrora conhecida como **Praça Dois de Julho**, durante o século XIX foi cenário de combates que precederam a luta pela Independência da Bahia. Na **Praça da Piedade** a justiça portuguesa elevou no centro desta praça uma forca, prevista no livro 5º das Ordenações Filipinas, e não foram poucos os que ali foram supliciados, sendo o caso mais emblemático o dos revoltosos da **Conjuração Baiana** em 1798 – Lucas Dantas, Manuel Faustino, Luís Gonzaga das Virgens e João de Deus.

O Centro é perpassado pela **Avenida Sete de Setembro**, tradicional área de comércio, e refletiu ao longo do tempo as transformações pelas quais passou a economia de Salvador – de sofisticada área de comércio e prestação de serviços a um vigoroso *shopping center* popular a céu aberto.

A **Praça da Piedade** é um habitual ponto de encontro dos que circulam pelo Centro da cidade e nas suas redondezas estão a **Faculdade de Ciências Econômicas da Bahia**, o **Instituto Geográfico e Histórico da Bahia** e a **Igreja de São Pedro** (construída em substituição à antiga Igreja de São Pedro, destruída quando da reforma urbana realizada no governo de J. J. Seabra, entre 1912-1916). Localiza-se ainda na Piedade, o **Gabinete Português de Leitura**.

Mais adiante, na Avenida Sete de Setembro, encontra-se a Praça Barão do Rio Branco, popularmente conhecida como **Largo do Relógio de São Pedro**. Cecília Luz da Silva, autora do livro “A Cidade do

Salvador nos seus 454 Anos”, afirma que este relógio, chegou para apagar as lembranças do “Tiro das Nove”, pois antes do relógio, a população de Salvador costumava se orientar pelo “tiro das nove”, deflagrado todas as noites neste horário, do **Forte de São Marcelo**, como um “aviso” de que era hora de dormir. Ainda hoje este equipamento é uma referência de horário para os transeuntes.

Marcado por importantes e históricos lugares, na opinião de José Santos de Oliveira, integrante da **Associação de Moradores do Dois de Julho e Adjacências**, não é possível citar uma única referência no Centro, para ele, o Campo Grande, a Praça da Piedade e a Praça Castro Alves são locais muito marcantes para o bairro.

Segundo Paulo Cezar Souza, que mora na rua Democrata, a escolha desse lugar para moradia se deve à vista maravilhosa e à tranquilidade – seu prédio fica acima da Marinha e não tem o incômodo do trânsito intenso no entorno imediato. Segundo Paulo Cezar, a intervenção urbanística no **Largo Dois de Julho**. Tirou o espaço de circulação e estacionamento, o que tem produzido engarrafamentos constantes. Esqueceu-se que o largo é um entreposto comercial, mercado de alimentos, de material de construção e de restaurantes. Além disso, os edifícios antigos não dispõem de garagens e os moradores estacionam na rua. Os comerciantes estão se queixando dos problemas de circulação e da queda da frequência. “Fomos presenteados com um playground, só se esqueceram de perguntar se era isso que os moradores e comerciantes do largo precisavam”. Em relação ao Centro, segundo Paulo Cezar Souza, “apesar da decadência, têm lugares em processo de recuperação e vale a pena viver aqui – pra mim a Cidade da Bahia vai até o Rio Vermelho”.

No Centro da Cidade encontram-se a **Fonte do Unhão** erigida no século XVII, que atualmente está para banho e consumo e, a **Fonte São Pedro**, construída no século XIX, que está abandonada, sem nenhum tipo de uso pela comunidade.

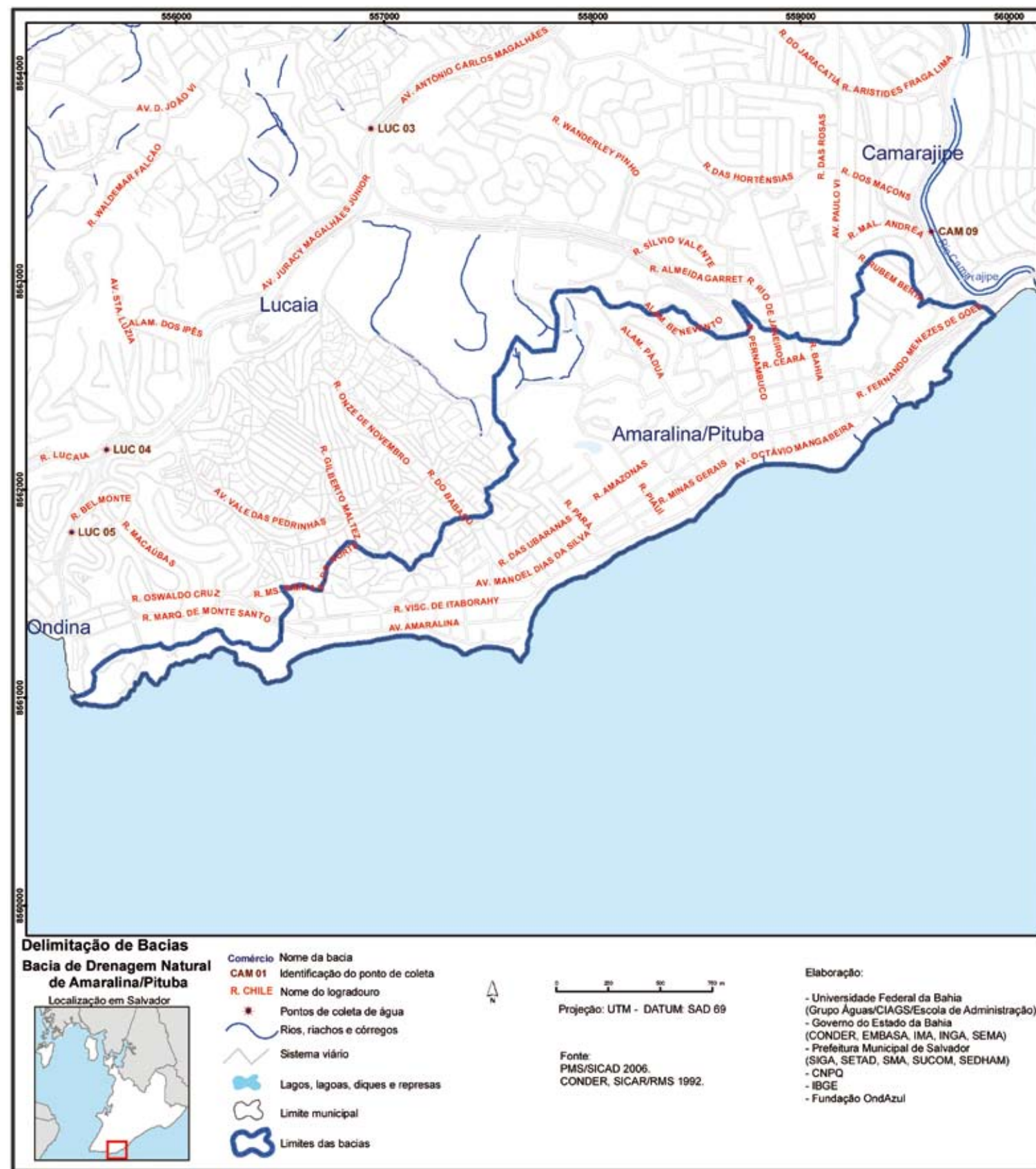
O Centro possui uma população de 15.688 habitantes, o que corresponde a 0,64% da população de Salvador, concentra 0,90% dos domicílios da cidade, estando 28,01% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 43,07% dos chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.

Ladeira de São Bento – Século XIX



Fundação Gregório de Matos





Bacia de Drenagem Natural de Amaralina/Pituba

Localizada na porção sudeste da Orla Atlântica do Município, a Bacia de Drenagem Natural de Amaralina / Pituba, possui uma área de 2,616km², com uma população de 47.277 habitantes, que corresponde a 1,94 % dos habitantes de Salvador. Sua densidade populacional é de 0,85 hab./km² e os índices mais expressivos de renda mensal dos chefes de família dessa bacia encontram-se distribuídos nas seguintes faixas: 22,09% entre 5 a 10 SM e 25,53% com mais de 20 SM. Esses mesmos chefes de família possuem como índices de escolaridade mais significativos, os seguintes percentuais: 37,27% entre 11 e 14 anos de estudo e 42,91% acima de 15 anos de estudo (IBGE, 2000).

Pertencem a essa bacia, os bairros de Amaralina e Pituba. Amaralina é um bairro predominantemente habitacional, embora possua um comércio variado nas ruas principais. Foi urbanizado na década de 1930, com o nome de Cidade Balneário da Amaralina.

Uma curiosidade sobre essa bacia, contada por seus moradores, é que onde existe hoje a Praça dos Ex-Combatentes, situada entre o antigo 14º Batalhão de Artilharia Anti-aérea, atual Centro de Amaralina e a Rua Visconde de Itaboraí, havia uma lagoa, que desapareceu com o crescimento da cidade.

O bairro da Pituba, também com predominância de ocupações residenciais, mas com forte presença de serviços e atividades comerciais, sustentando um expressivo comércio em suas avenidas e ruas transversais. Nas décadas de 1960 e 1970 do século passado, houve um acelerado processo de verticalização e expansão local, com a construção e implantação da Avenida Antônio Carlos Magalhães e de grandes empreendimentos imobiliários e *shopping centers*. Atualmente essa área possui uma grande variedade de opções de lazer e entretenimento como bares, restaurantes, teatros, galerias, centros comerciais e boates.

No bairro da Pituba existem algumas dunas já bastante descaracterizadas devido à expansão imobiliária. Apesar da existência de praças como as de Nossa Senhora da Luz, Ana Lúcia Magalhães, Aníbal Jorge Ramos Souza (Lagoa Vela Branca) e Guilhard Muniz, entre outras, as principais áreas verdes nessa bacia estão localizadas na Pituba, no espaço interno ao Colégio Militar de Salvador e no Parque da Cidade – Joventino Silva. Este Parque, implantado pelo Decreto Municipal n. 4.552, de 1976, merece destaque, pois representa uma área de 70ha de remanescentes florestais do bioma Mata Atlântica, com uma pequena área de restinga com dunas.

A área da bacia correspondente ao bairro da Pituba é originária de uma configuração espacial planejada, especialmente para área residencial, com o Loteamento Cidade Luz, aprovado em 1964. Depois vieram outros loteamentos e empreendimentos, que resultaram no cobrimento asfáltico das ruas e avenidas, na implantação de passeios e na consequente impermeabilização do solo. O espaço da Pituba foi planejado para atender à demanda de um público de alta e média renda, gerando como consequência à implantação de melhor infraestrutura, maior valor do solo.

Todo esse processo de impermeabilização do solo, associado à inadequada manutenção das redes de drenagem, têm levado a constantes alagamentos de avenidas e áreas desta bacia. Ainda nesta bacia, na franja da Orla Atlântica, foram concentradas grandes obras de macrodrenagem com lançamento na praia, pelas transversais da Avenida Manoel Dias da Silva, seu principal logradouro. Entretanto, é preciso rever a manutenção das estruturas de macro e microdrenagem, bem como repensar os condicionantes de licenciamento de novos empreendimentos para a área, de modo a permitir o desenvolvimento de mecanismos de interceptação da água da chuva antes de atingir a rede de drenagem pluvial.

A qualidade das águas dessa bacia não foi monitorizada, porém a mesma sofre alterações devido aos materiais e substâncias carregados pela drenagem pluvial, bem como ao lançamento de esgotos sanitários de domicílios ainda não ligados à rede coletora do sistema público de esgotamento sanitário ou que não dispõem de solução para o destino adequado dos excretas humanos e das águas servidas.



AMARALINA

Localizado na **Orla Atlântica de Salvador**, o território que hoje compreende o bairro de **Amaralina** pertenceu à família Amaral. Aos poucos, esta área foi sendo loteada e arrendada e, com a progressiva ocupação, o lugar foi crescendo e se urbanizando.

Pedro Jorge Weber, representante da **Associação Surf Amaralina**, afirma que, na década de 1970, “na rua principal de Amaralina, a Visconde de Itaboraí, só havia casas coladas umas nas outras, todo mundo se conhecia. O São João aqui era fantástico, tinha fogueira nos dois lados da rua e a pesca era abundante, pegava-se muito Xaréu e Xixarro. Não havia barracas de praia, o mar era mais revoltoso e derrubava a balastrada na época das ressacas. Existia uma grande lagoa que foi aterrada para construir a Rua Osvaldo Cruz”.

Sobre seu batismo, diferentes versões permeiam o imaginário da população local. Segundo Weber, Amaralina é a junção do sobrenome Amaral com o nome Lina, “um dos membros dessa família conheceu uma mulher chamada Lina, com a junção dos dois nomes formou o nome do bairro”. Em outra versão, o nome do bairro

tem origem na iniciativa de José do Amaral, “que queria dar mais doçura ao lugar e acrescentou a terminação ‘ina’, para formar uma palavra feminina.”

Em Amaralina, no local onde hoje é o **Largo das Baianas**, símbolo do bairro, na opinião de Weber, ficava o fim de linha dos bondes até a década de cinquenta. Atualmente, o bairro abriga o **Centro de Referência em Doenças Cardiovasculares Dr. Adriano Pondé**, a **Escola Estadual Cupertino de Lacerda**, o **Centro Municipal de Arte e Educação Mário Gusmão** e o **14º Batalhão de Infantaria Antiaérea do Exército**.

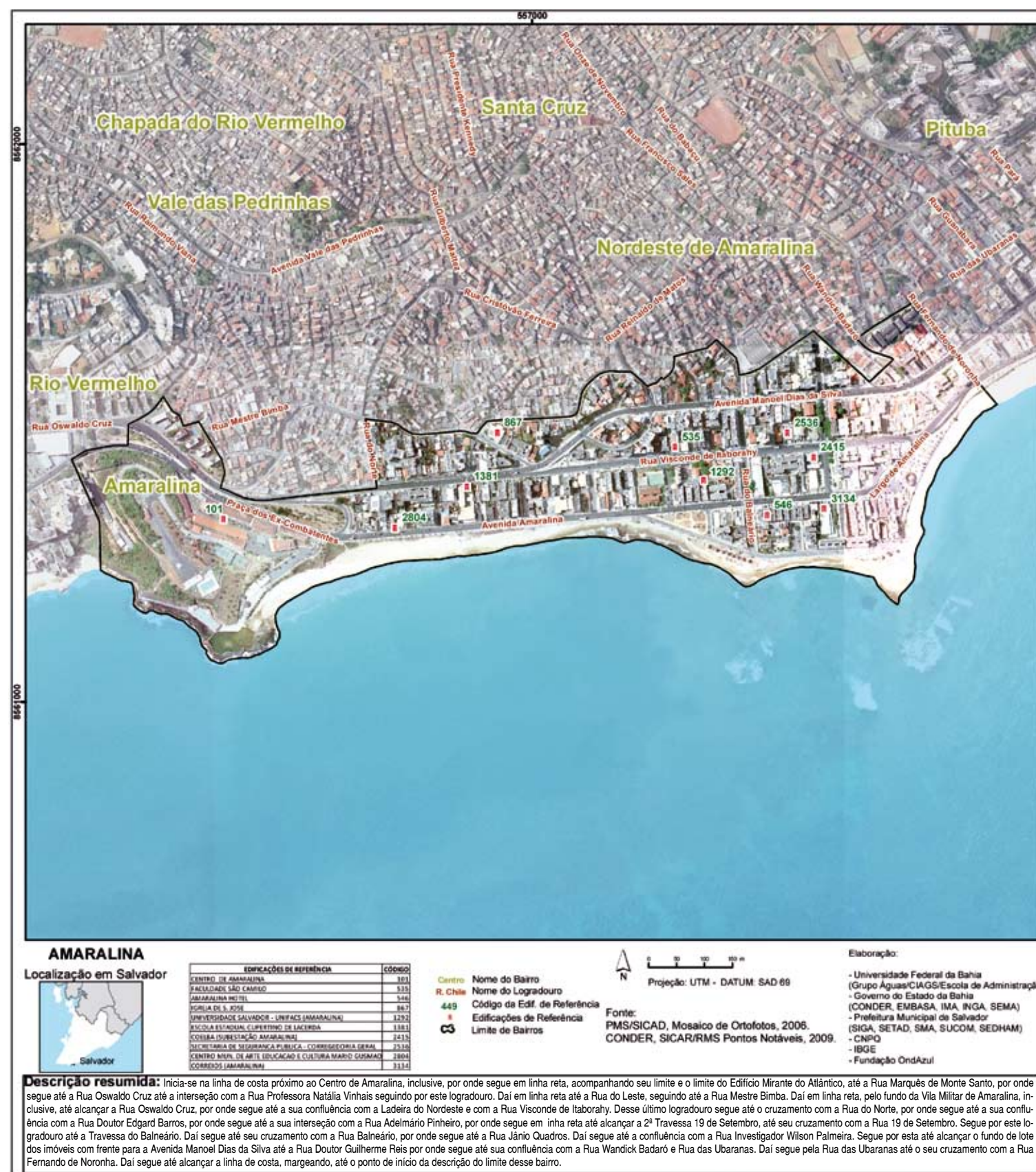
O momento de maior mobilização no bairro é quando acontece a **Festa dos Pescadores**: “não tem mais aquela configuração de antes e acontece no segundo domingo de janeiro. Nessa festa, os pescadores jogam no mar os presentes a Yemanjá”.

Amaralina possui uma população de 6.778 habitantes, o que corresponde a 0,28% da população de Salvador; concentra 0,33% dos domicílios da cidade, estando 26,29 % dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 41,64 % dos seus chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudo.



Fundação Gregório de Matos

Av. Amaralina



PITUBA

A história do bairro da **Pituba** remonta ao século XVI, ocasião em que suas terras foram doadas ao conde de Castanheira. Até o fim do século XIX, a **Fazenda Pituba**, em sua porção litorânea, tinha um grande coqueiral com produção agrícola no seu interior e com pouca inserção no contexto urbano da cidade de Salvador.

Conforme Consuelo Pondé de Sena, reportando-se a Teodoro Sampaio, a palavra Pituba em tupi significa brisa, sopro, hálito, bafo, exalação. Além de substantivo, Pituba também pode ser um verbo transitivo, e neste caso significa: untar, tingir, ou estranhamente, cansar, resfolegar.

Nas primeiras décadas do século XX, em 1918, Manoel Dias da Silva, o então proprietário destas terras, em parceria com o engenheiro Teodoro Sampaio, começou a projetar o que seria, à época, o mais novo bairro de Salvador. Tempos depois, começou a ser implantado o núcleo original do bairro (**Loteamento Cidade Luz**), onde hoje é a Praça Nossa Senhora da Luz.

Até os anos 40 só havia duas possibilidades de acesso à Pituba: ou se chegava pelo “interior”, via **Brotas**, passando pelos morros do atual bairro do **Itaigara**, ou, mais comumente, via **Amaralina**, utilizando o bonde, a linha 15, até o antigo Quiosque das Baianas. Mesmo na década 1950, depois da construção da **Igreja Nossa Senhora da Luz**, substituindo a capela local (existente desde o século XVII), e do início das obras do **Colégio Militar**, em 1958, o bairro ainda tinha a configuração de um vasto campo.

Foi na década de 1960 que a Pituba realmente se inseriu no contexto urbano da cidade. Em 1960, através da Lei 1.038, tornou-se bairro do subdistrito de Amaralina.



Maria Lúcia Carvalho

Em 1965, foi feita a pavimentação da **Avenida Paulo VI** e em 1968 foi construída a **Avenida Antonio Carlos Magalhães** e o logradouro que hoje é a **Avenida Tancredo Neves**. Na década seguinte, o crescimento urbano do bairro se acelerou e a construção do **Parque Júlio César** foi um importante incentivo à consolidação do atual perfil deste bairro.

Nesse mesmo tempo, afir-



Fundação Gregório de Matos

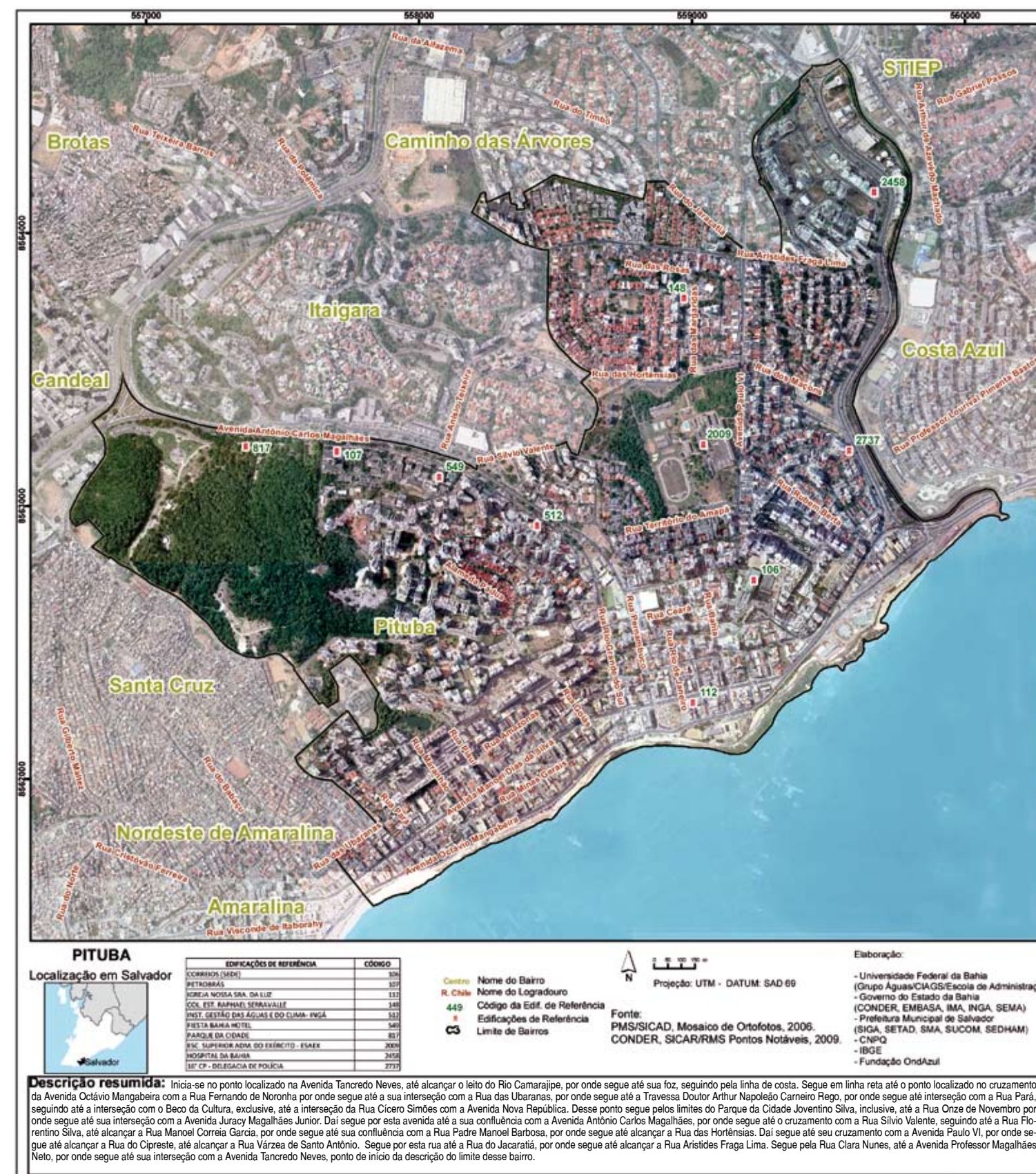
ma Maria Lúcia Cunha de Carvalho, moradora da Pituba desde 1989, foi criada no bairro uma festa que marcou época, a **Lavagem da Pituba**; porém, ela não acontece há mais de quinze anos. Segundo uma voluntária da Paróquia de Nossa Senhora da Luz, a festa acontecia na última segunda-feira do mês de janeiro: “começava com uma alvorada de fogos e procissão marítima e logo após, esperava-se a chegada do cortejo das baianas, vindas da região do bairro conhecida como **Umburana**. Essas baianas lavavam a escadaria da igreja, que ficava durante toda a festa fechada”.

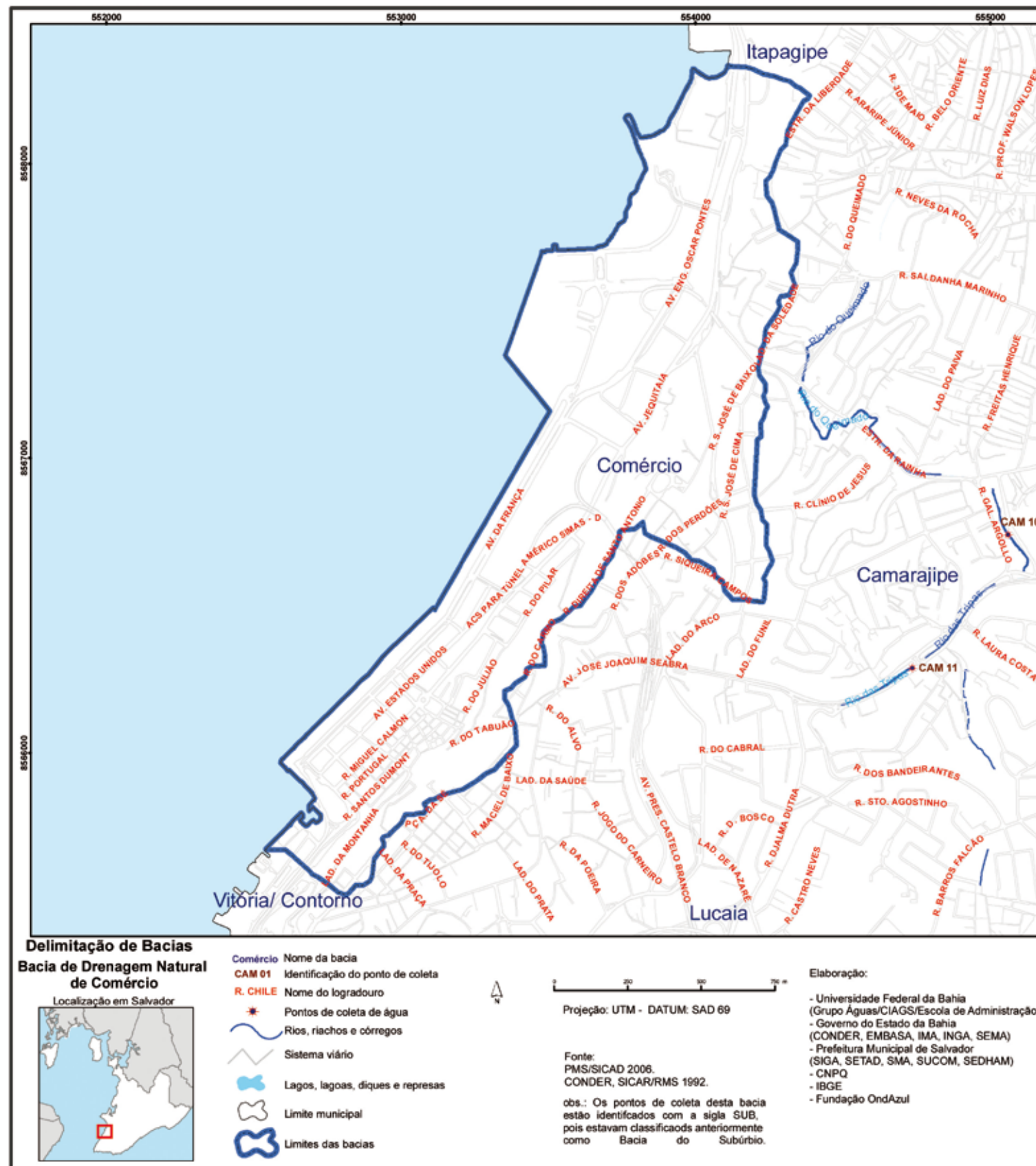
Atualmente, a Pituba constitui-se em um importante centro comercial e prestador de serviços, sendo considerável o volume de impostos arrecadados, além do elevado valor do solo urbano. Adriano Bitencurt Andrade, mestre em geografia, afirma: “o Estado, os promotores imobiliários, os proprietários das grandes empresas e as organizações sociais foram os agentes predominantes na construção e organização da Pituba, entre 1968 e 2000. Desenhando inclusive a composição socioeconômica do bairro”.

Entretanto, apesar da intensa e acelerada urbanização, a Pituba ainda preserva espaços naturais de lazer e entretenimento para muitos dos seus moradores. Por exemplo, a **Lagoa Vela Branca**, outrora situada em uma região de dunas e o **Parque Joventino Silva**, mais conhecido como **Parque da Cidade**, que ainda conserva resquícios da mata atlântica.

Entre os principais equipamentos públicos deste bairro estão: a **Praça Newton Rique** e a **Praça Nossa Senhora da Luz**, onde foi construída, neste século, a **Fonte Nossa Senhora da Luz**.

A Pituba possui uma população de 49.342 habitantes, o que corresponde a 2,02% da população de Salvador; concentra 2,26% dos domicílios da cidade, estando 32,91% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de mais de 20 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 53,34% dos seus chefes de família têm de 15 anos ou mais de estudo.





Bacia de Drenagem Natural do Comércio

Localizada na porção sudoeste do Município, a Bacia de Drenagem Natural do Comércio possui uma área de 1,735km², com uma população de 7.586 habitantes, que corresponde a 0,31% dos moradores de Salvador. Sua densidade populacional é de 0,56 hab./km² e os índices mais expressivos de renda mensal dos chefes de família desta bacia, encontram-se distribuídos nas seguintes faixas: 15,86% de meio a 1 SM e 18,06% de 5 a 10 SM. Estes mesmos chefes de família possuem como índices de escolaridade mais significativos, os seguintes percentuais: 23,78% de 4 a 7 anos de estudo e 34,97% de 11 a 14 anos de estudo (IBGE, 2000).

Esta bacia é composta por parte considerável do bairro do Comércio e parte dos bairros do Barbalho, Centro Histórico, Santo Antônio e Lapinha. Suas principais referências são a Baía de Todos os Santos e a escarpa da falha geológica de Salvador.

A expansão de Salvador para essa área deu-se a partir do Porto de Salvador, considerado à época da colonização e por mais 200 anos, como o principal porto do comércio marítimo, tanto da costa brasileira, quanto das Américas e do Hemisfério Sul. Por esse porto e pelo Comércio, passavam os principais produtos agrícolas que movimentavam a economia baiana, gerando riquezas para o bairro e seu entorno, visíveis na suntuosidade de seus casarões e prédios comerciais. É uma área que traz as marcas da história da cidade da Bahia. Uma das primeiras construções dessa área é a Igreja da Conceição da Praia. À sua frente, sobre um banco de areia, foi construído o Forte do Mar ou de São Marcelo, inicialmente chamado de Forte de Santa Maria del Popolo. Na área

dessa bacia estão vários pontos de referência da cidade como o Elevador Lacerda, o Plano Inclinado Gonçalves, o Plano Inclinado do Pilar, o Centro Náutico de Salvador, o Mercado do Ouro e o Mercado Modelo.

Outro importante destaque é a Feira de São Joaquim, que reúne em um espaço de 60 mil metros quadrados, produtos variados da cultura e culinária do recôncavo, das ilhas da Baía de Todos os Santos. A área do Comércio se manteve, durante muito tempo, como centro comercial e financeiro da cidade. A nova dinâmica urbana da cidade na década de 1970 trouxe consigo a mudança do pólo econômico de Salvador. A área hoje ainda concentra um grande número de instituições financeiras e serviços, mas a área do comércio propriamente dita, passa por um intenso processo de redefinição de suas funções urbanas no contexto da cidade.

Essa área possui algumas fontes e dentre elas, destaca-se: Fonte de Santa Luzia, localizada na Igreja de Santa Luzia, na rua do Pilar; Fonte do Baluarte, na Ladeira de Água Brusca e a Fonte da Ladeira do Taboão. Como a área do Comércio é densamente ocupada, a impermeabilização do seu solo é expressiva, com taxas de infiltração mínimas, o que sobrecarrega a rede de drenagem pluvial local.

Esta bacia apresenta semelhanças topográficas e morfológicas, em relação à bacia de drenagem natural de Itapagipe, com o paredão da falha geológica a montante e os caminhos naturais das águas interceptados ou indefinidos pela declividade. O escoamento da drenagem pluvial também é caótico, com redes lançando em outras redes, com concentração de lançamentos em poucos pontos, por baixo de galpões e áreas, como a da CODEBA. Atualmente está sendo concluída a execução da macrodrenagem da sub-bacia na Avenida Engenheiro Oscar Pontes, com o encaminhamento do canal pela via de acesso ao sistema de transporte do *ferry-boat*, aliviando inclusive, o sistema da Calçada.

A qualidade das águas dessa Bacia não foi monitorizada, porém sofre alterações devido aos materiais e substâncias carreados pela drenagem pluvial, bem como ao lançamento de esgotos sanitários de domicílios ainda não ligados à rede coletora do sistema público de esgotamento sanitário ou que não dispõem de solução para o destino adequado dos excretas humanos e das águas servidas.



COMÉRCIO

O bairro do **Comércio** surgiu a partir de sucessivos aterros e ampliações da área de praia original, que, no século XVI, chegava ao pé da “montanha”. Nesta área “foram construídas fortificações, as maras de naus, cais para saveiros e depósitos de mercadorias que iam e vinham de todas as partes do mundo”, diz Cecília Luz da Silva, autora do livro “A cidade de Salvador nos seus 454 anos”.

Desde a chegada dos portugueses à Bahia que o local era entreposto comercial e desembarque dos navios europeus. No século XVIII, tornou-se enfim, o principal centro comercial de Salvador. Com a abertura dos Portos às nações amigas o porto começou a receber navios de várias nacionalidades. Comerciantes árabes tinham seus estabelecimentos firmados no **Mercado Modelo**, o capital estrangeiro circulava no Comércio e vários bancos surgiram nesse momento. O nome Comércio é uma referência ao intenso fluxo de mercadorias que circulavam no local.

Segundo Paulo Villa, diretor executivo da USOPORT (Associação de Usuários do Porto), em 1921 com a instalação de indústrias como o Moinho da Bahia, até a década de 1970, este sítio histórico era o *coração da cidade*. Com o crescimento da cidade em direção ao eixo Norte, ou seja, para a área que hoje é denominada popularmente de **Iguatemi**, a paisagem de Salvador começou a modificar-se.

Para o professor Cid Teixeira: “*por mais que se estendam a outros bairros da cidade, as atividades mercantis – shoppings, hipermercados, lojas, bancos – quando falamos na Cidade do Salvador, no Comércio, estamos, evidentemente nos referindo à mesma área destinada ao comércio, à atividade mercantil dos primeiros dias da cidade, à praia da cidade, ao porto da Cidade do Salvador*”

Nesta área situa-se a **Igreja da Conceição da Praia**, cuja base foi erguida em 1549, o **Forte de São Marcelo**, edificado em meados do século XVII, o **Mercado Modelo** (1861), o antigo porto dos savei-

Comércio, 2009



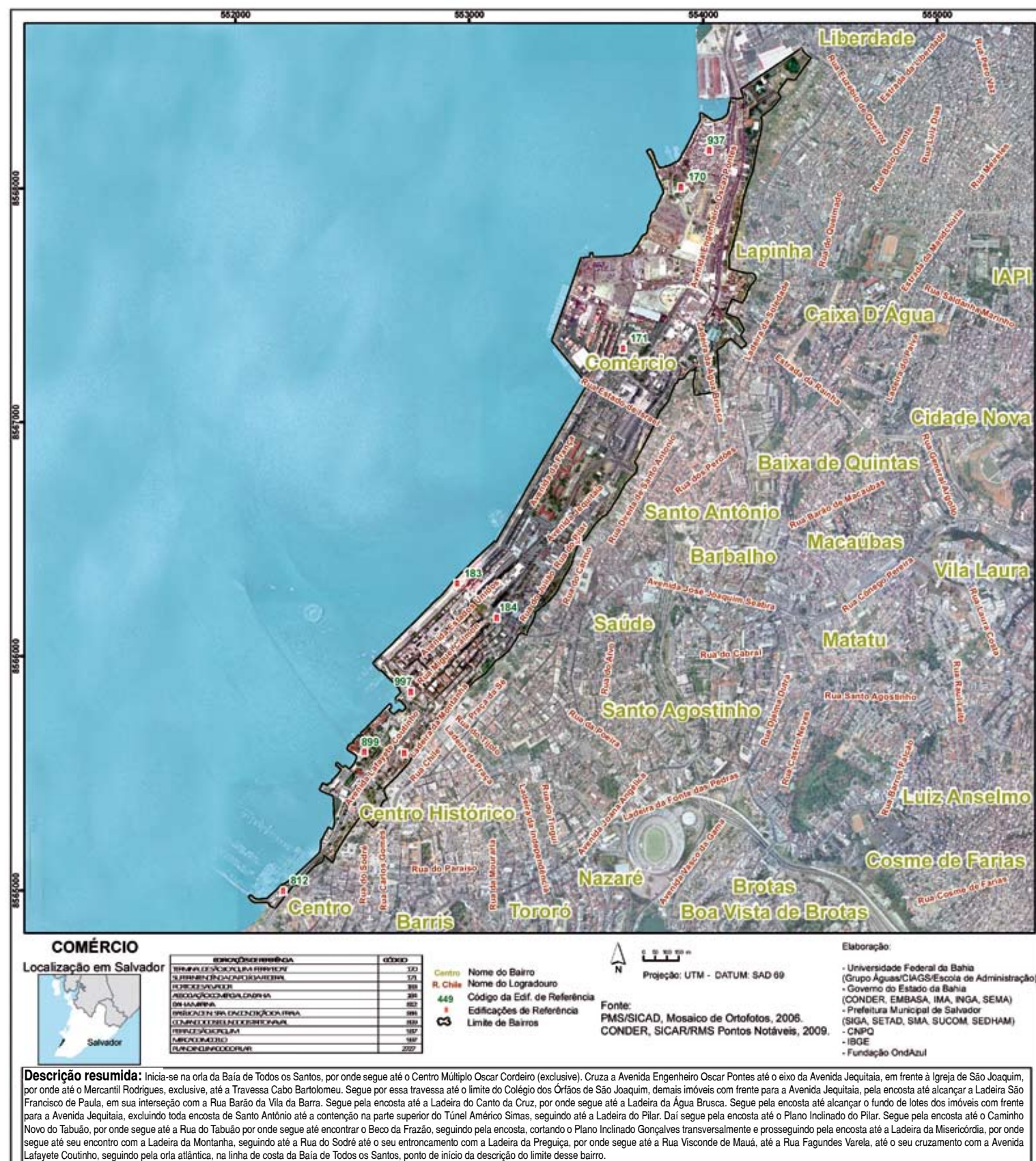
Feira de São Joaquim

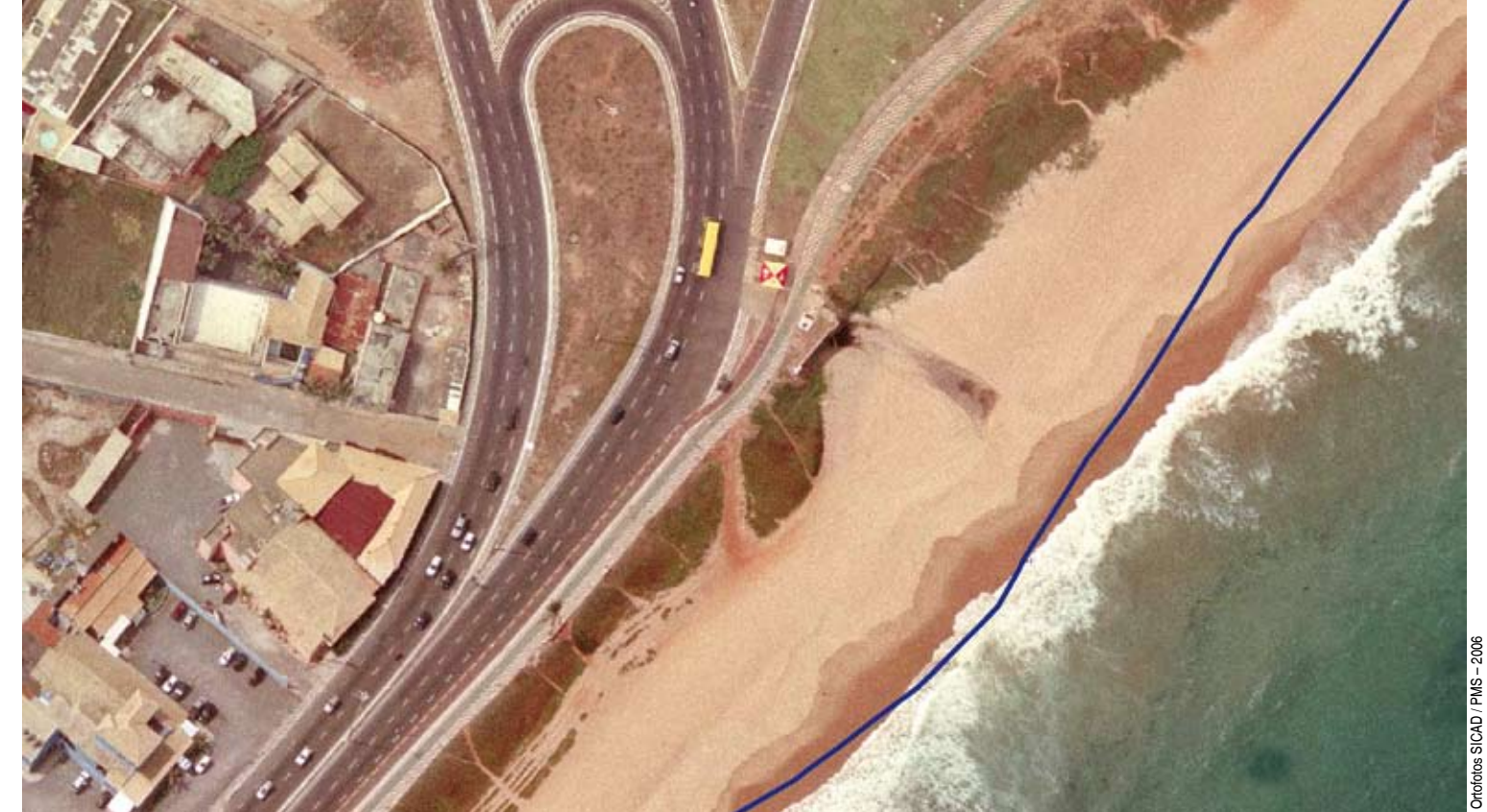
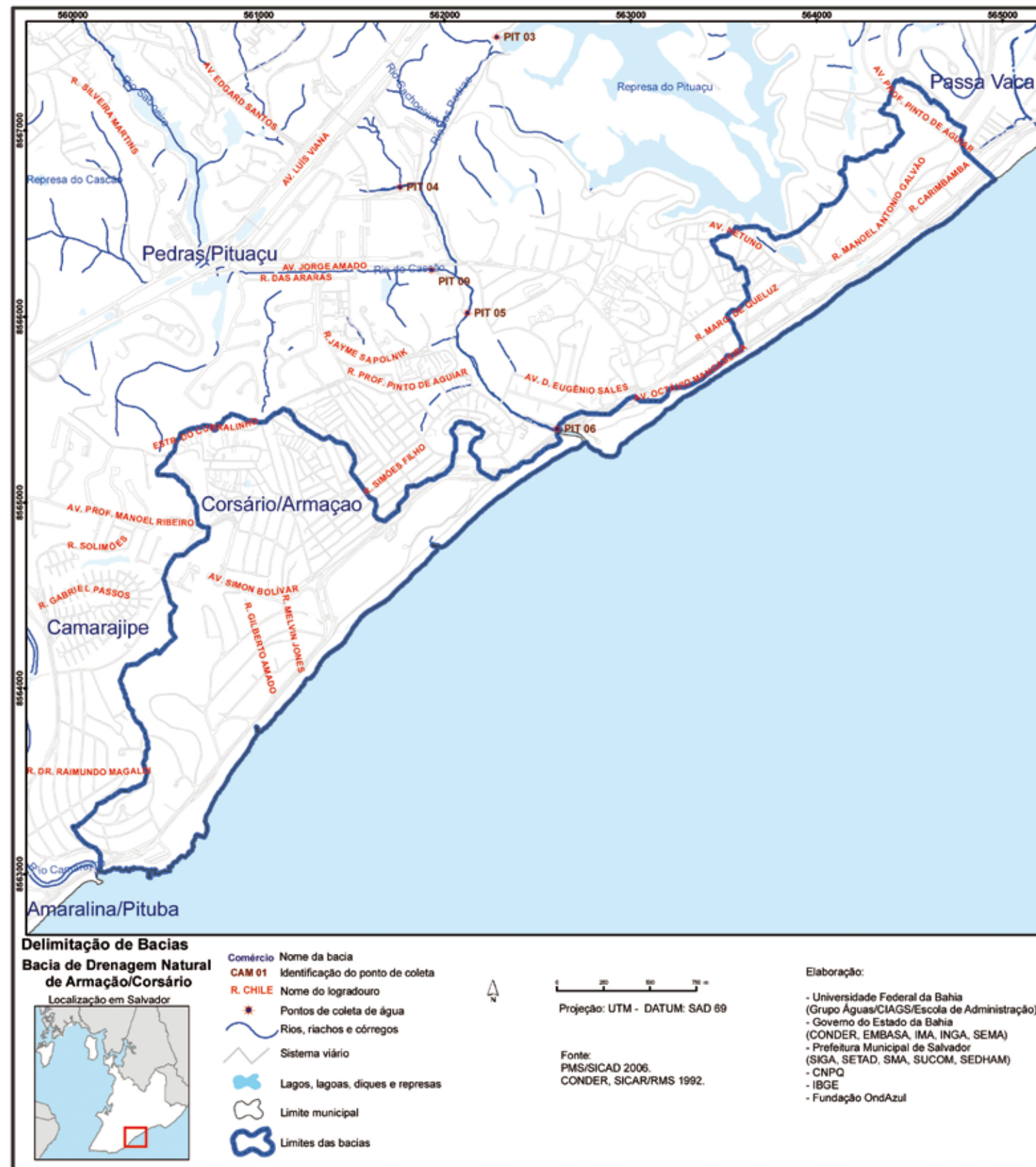
ros que atravessavam a Baía de Todos os Santos, o **Elevador Lacerda** que teve sua primeira torre inaugurada em 1873, com o nome de **Parafuso da Conceição**, a **Feira de São Joaquim**, que já se chamou **Feira de Água de Meninos** e a **Feira do Sete** – segundo um trabalhador dessa feira, Joel Anunciação.

Para Anunciação, esta feira é um espaço democrático no Comércio. Seus clientes sentem-se à vontade, como se estivessem em suas casas. É muito comum em Salvador, dizer que “*nenhum acarajé é mordido, sem tirar um pedaço da Feira de São Joaquim*”. A feira é um símbolo do sincretismo religioso, pois no local vendem-se artigos evangélicos, católicos, do Candomblé e da Umbanda e, em sendo assim, a própria feira é uma representação da cidade.

Além dos diversos registros históricos já citados, compõem ainda o cenário deste bairro a **Fonte do Taboão**, uma construção dos séculos XVI e XVII e uma das mais antigas de Salvador, a **Fonte do Mugunga**, datada do século XVIII, que funcionou até 1952 fornecendo água para os feirantes de Água de Meninos e saveiros que ancoravam na enseada vizinha. A **Fonte Banheiro dos Jesuítas**, datada também do século XVIII, a **Fonte de Santa Luzia**, que guarda a tradição das águas milagrosas, que curam as enfermidades dos olhos. Por conta desta crença seu uso é exclusivo para lavar os olhos ou beber. A **Fonte da Preguiça**, uma das mais antigas da cidade, já citada em 1587 por Gabriel Soares de Souza, é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, sendo atualmente muito utilizada para banhos, lavagens de carros e roupas e para abastecimento residencial.

O Comércio possui uma população de 2.006 habitantes, o que corresponde a 0,08% da população de Salvador, concentra 0,09% dos domicílios da cidade, estando 26,44% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 0,5 a 1 salário mínimo. No que se refere à escolaridade, constata-se que 33,01% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos.





Praia do Aero clube

Bacia de Drenagem Natural de Armação/Corsário

Localiza-se na porção sudeste da Orla Atlântica do Município, possui uma área de 3,233km², com uma população de 27.402 habitantes, que corresponde a 0,16% dos moradores de Salvador. Sua densidade populacional é de 1,12hab./km² e os índices mais expressivos de renda mensal dos chefes de família desta bacia encontram-se distribuídos nas seguintes faixas: 15,12% entre meio e 1 SM e 20,65% com mais de 1 e menos de 2 SM. Esses mesmos chefes de família possuem como índices de escolaridade mais significativos, os seguintes percentuais: 24,76% com 4 a 7 anos de estudo e 26,45% entre 11 e 14 anos de estudo (IBGE, 2000).

Pertence a essa bacia, o bairro de Jardim Armação, distante 13km do centro da cidade e localizado em frente à praia de Armação – denominação relacionada a existência de armações da caça à baleia, como as Armações do Saraiva e do Saldanha. Denominada anteriormente de Chega Nego, a praia recebia navios negreiros que vinham da África durante o período em que o tráfico oficial foi proibido no País. Os escravos eram desembarcados na praia e ficavam escondidos numa espécie de “senzala” construída à beira-mar, até serem comercializados. Ainda nesta bacia fica a praia do Corsário, que devido às suas fortes ondas recebe muitos surfistas. A vegetação ca-

racterística desta bacia é a restinga, com predominância de gramíneas e algumas dunas. Ainda restam muitos exemplares de coqueiros das antigas fazendas litorâneas.

A ocupação nesta bacia foi feita por meio de loteamentos, sem planejamento adequado quanto à correção de cota e sistema de drenagem pluvial, o que faz com que, em vários trechos, as vias estejam em cotas inferiores aos pontos de captação das águas na Avenida Octávio Mangabeira, para lançamento na praia. Assim, a drenagem pluvial se dá por infiltração no solo em direção ao mar. Há um lançamento nas imediações do Shopping Aero clube que capta contribuições de veios d’água naturais da área da Boca do Rio, que não contribuem para a bacia do Rio das Pedras. Também é preocupante o processo de impermeabilização que vem ocorrendo nesta bacia, em função do acelerado processo de urbanização registrado na área nesta última década.

A qualidade das águas dessa bacia não foi monitorizada, porém sofre alterações devido aos materiais e substâncias carreados pela drenagem pluvial, bem como ao lançamento de esgotos sanitários de domicílios ainda não ligados à rede coletora do sistema público de esgotamento sanitário ou que não dispõem de solução para o destino adequado dos excretas humanos e das águas servidas.



Foto: Danilo Bandeira

Centro de Convenções

JARDIM ARMAÇÃO

Localizado na **Orla Atlântica de Salvador**, o bairro **Jardim Armação** – segundo João Carlos de Melo Carvalho, engenheiro aposentado e morador do local há 33 anos – era uma fazenda pertencente à família de Edgard Santos, chamada de **Armação Saraiva** que, em 1967, tornou-se o **Loteamento Jardim Armação**.



João Carlos de Melo Carvalho

Assim, o nome do bairro está relacionado a este loteamento. *“Aqui era muito tranquilo, quando vim para cá na década de setenta tinha muita areia. Praticamente construí a Rua Anquises Reis. Trouxemos então água encanada, luz elétrica e linha telefônica...”* diz Carvalho.

Hoje em dia, cada vez mais verticalizado, o Jardim Armação, tem um mercado imobiliário dinâmico, e apresenta uma feição bem distinta do passado tranquilo.

Conforme Carvalho, a realização da **Trezena de Santo Antônio** é o momento em que a comunidade local se mobiliza. Acontece na **Capela de Santo Antônio**, uma edificação de 1953 e, ao seu redor, organiza-se uma quermesse com muitas barraquinhas.

Entre os principais equipamentos do bairro estão: o **Centro de Convenções** inaugurado em 1979, considerado pelo morador aposentado como uma referência, além da **Escola Estadual Luiza Mahin** e o **Colégio Estadual Pedro Calmon**, que os moradores locais costumam ajudar fornecendo material didático.

Jardim Armação possui uma população de 3.982 habitantes, o que corresponde a 0,16% da população de Salvador, concentra 0,17% dos domicílios da cidade, estando 20,30% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de mais de 20 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 40,77% dos chefes de família têm mais de 15 anos de estudos.



JARDIM ARMAÇÃO

Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
ESC. MUN. METODISTA SUSANA WESLEY	2856
CLUBE 2004	761
CENTRO DE CONVENÇÕES DA BAHIA - COB	163
CLUBE SERGIANO	166
CAPELA DE STO ANTONIO	165
ESCOLA ESTADUAL LUIZA MAHIN	1433
COLEGIO ESTADUAL PEDRO CALMON	164
EMBARATUR	1269

- Centro Nome do Bairro
- IL CHILE Nome do Logradouro
- 449 Código da Edif. de Referência
- Edificações de Referência
- CS Limite de Bairros



Projeção: UTM - DATUM SAD 69

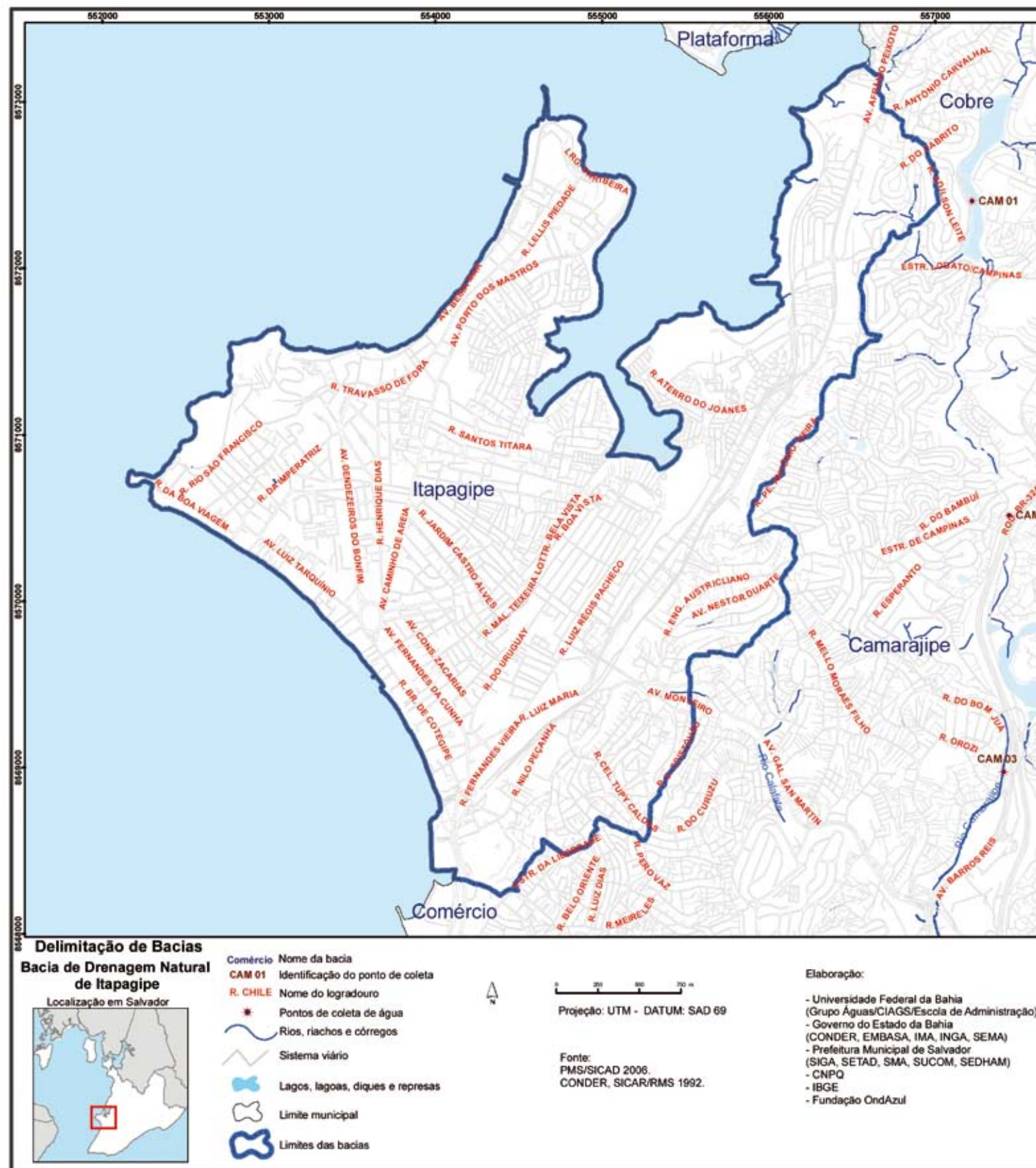
Fonte:
PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:

- Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
- CNPO
- IBGE
- Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se no ponto localizado na Avenida Professor Manoel Ribeiro, próximo ao Centro de Convenções da Bahia, inclusive, seguindo por esta avenida, até alcançar a Rua João Nunes da Mata por onde segue até sua interseção com a Rua Novo Paraíso. Daí segue por este logradouro até a sua interseção com a Avenida Simon Bolívar e com a Praça Ibero-Americana. Desse ponto segue em linha reta até a Avenida Oclávio Mangabeira, por onde segue até o ponto localizado na linha de costa atlântica, por onde segue até o cruzamento da Avenida Oclávio Mangabeira com a Rua Doutor João Mendes da Costa Filho. Daí segue por este último logradouro até a sua interseção com a Rua Catarina Fogaça, por onde segue até a Rua Doutor Augusto Lopes Pontes, retornando ao ponto de início da descrição do limite desse bairro.



Bacia de Drenagem Natural de Itapagipe

Com localização litorânea à Baía de Todos os Santos, topografia suave e clima refrescante, a Península de Itapagipe, compõe a área da bacia de drenagem natural de Itapagipe, que possui uma área de 9,979km², e população de 159.050 habitantes, correspondente a 6,51% da população de Salvador.

Conforme Consuelo Pondé de Sena, reportando-se a Theodoro Sampaio, a palavra Itapagipe deriva de itapé - gy - pe, que se traduz como “no rio da laje”, na língua dos Tupinambá, antigos moradores do local. Nesse caso, o itapé seria um encurtamento do vocábulo itapeba, de ita, que significa pedra e peba, que significa chata, pedra chata ou laje. Theodoro Sampaio ainda assinala que o nome foi inicialmente usado para designar um riacho que, próximo ao Engenho da Conceição, se despenha do penedo, na encosta da montanha, e vai ter ao mar, ao Norte da Cidade do Salvador. É o riacho que, outrora, se chamava de Itapagipe de cima.

Pertencem a esta bacia os seguintes bairros: Boa Viagem, Bon-

fim, Calçada, Caminho de Areia, Jardim Cruzeiro/Vila Ruy Barbosa, Lobato, Mangueira, Mares, Massaranduba, Monte Serrat, Ribeira, Roma, Santa Luzia e Uruguai. A densidade populacional dessa bacia é de 3,23hab./km² e os índices mais expressivos de renda mensal dos chefes de família desta bacia encontram-se distribuídos nas seguintes faixas: 21,10% de meio a 1 SM e 20,33% entre 1 e 2 SM. Esses mesmos chefes de família possuem como índices de escolaridade mais significativos, os seguintes percentuais: 29,66 de 4 a 7 anos de estudo e 29,54% entre 11 e 14 anos de escolaridade (IBGE, 2000).

A Bacia de Itapagipe é uma área que tem vida própria, guardando ainda em muitos locais, um estilo de vida tradicional, sob muitos aspectos, no qual o sentido de pertencimento faz-se presente nas relações com o lugar e com os vizinhos, que ainda mantêm em vários bairros, o hábito de colocar as cadeiras na porta e “prosear” com a vizinhança.



Canal do Bate Estaca, 2006

Segundo pesquisadores, a Península de Itapagipe chegou a ser cogitada para ser o local da fundação da cidade de Salvador, no entanto, por motivos de segurança, a “Cidade Fortaleza” foi edificada na parte alta da falha. A ocupação da área data do século XVI, inicialmente por casas de famílias de segmentos sociais situados nas maiores faixas de renda, que as construíram para morar ou passar temporadas. Entretanto, a urbanização mais intensa de fato, veio a ocorrer apenas a partir do século XVIII.

Outro período de intensa ocupação de Itapagipe aconteceu no fim do século XIX, com a instalação de várias indústrias, notadamente, as de tecido de algodão. Na metade do século passado a área da península já estava quase que completamente ocupada, com extensas áreas de mar aterradas, além da construção de palafitas que avançavam sobre a Enseada dos Tainheiros e a do Cabrito (SALVADOR, 2006). Atualmente, a Península de Itapagipe apresenta muitas marcas de uma ocupação desordenada e de precária infraestrutura.

Uma questão ambiental preocupante nessa bacia é a pesca predatória com a utilização de bombas que, além de pôr em risco a vida de pescadores, dizima inúmeras espécies marinhas, abala as estruturas das edificações, algumas inclusive, de expressivo valor histórico, artístico e cultural. Outra questão relevante é a contaminação das águas por mercúrio proveniente de uma antiga indústria da área – Companhia Química do Recôncavo - CQR, bem como por esgotos domésticos e águas de drenagem pluvial. A Enseada dos Tainheiros, na região de Itapagipe e parte do Subúrbio Ferroviário de Salvador, é considerada por especialistas como a área de maior contaminação por esgotos e metais pesados da Baía de Todos os Santos. Além disso, a história dessa Península é marcada pela presença de inúmeras fábricas (cigarros, chocolates, refrigerantes, óleo de mamona, tecidos, entre outras), que provocaram diversas formas de poluição, além de modificarem seu aspecto urbano e social. Entre as indústrias que se instalaram em Itapagipe, destacam-se a Souza Cruz (tabaco), a Chadler (chocolates), a Fratelli Vita e a Crush (refrigerantes), a Alfred (roupas), entre outras.

Várias fontes fazem parte da história dessa bacia, dentre elas a Fonte Banheiro dos Jesuítas, situada na Casa Pia e Colégio dos Órfãos de São Joaquim (o bairro do Comércio tem a sua maior porção territorial situada na Bacia de Drenagem Natural do Comércio, entretanto, essas fontes estão situadas na porção do bairro do Comércio que está contida na bacia de Itapagipe); a Fonte da Pedra Furada e a Fonte do Buraquinho, situadas em Monte Serrat.

Elementos da arquitetura militar, religiosa e civil, como os fortes, as igrejas, os monumentos e os solares têm presença marcante na história da área dessa bacia. Merecem destaque o Memorial Irmã Dulce, o Solar Amado Bahia, a Igreja do Bonfim, a da Penha, da Boa Viagem, a dos Mares, a Igreja da Ordem Terceira da Santíssima Trindade, a Igreja de São Francisco de Paula e a de Monte Serrat, o Palácio de Verão do Arcebispo, o Forte de Monte Serrat, o Farol de Humaitá, o Mirante da Sagrada Família, o Abrigo D. Pedro II, o Hidroporto da Ribeira e o Solar Marback. Não se pode deixar de mencionar também o famoso “Sorvete da Ribeira”, que já faz parte do roteiro turístico da Cidade. Uma manifestação cultural expressiva da comunidade local e soteropolitana é a Procissão Marítima do Bom Jesus dos Navegantes, que ocorre todos os anos no dia 1º de janeiro, quando a imagem do Senhor é devolvida para a Igreja da Boa Viagem.

No que se refere à drenagem das águas pluviais, essa bacia caracteriza-se pelo aterro da área de maré. A baixa declividade, a impermeabilização do solo e a influência da maré na vazão de escoamento, são fatores determinantes do sistema de macro e microdrenagens das águas pluviais desta área.

De uma forma geral, estes bairros foram urbanizados após a consolidação da ocupação, sendo os lançamentos interceptados por elementos, como edificações ou cotas de aterros que invertem a “declividade no trecho”, gerando uma intrincada rede de canais, não dimensionados para o acréscimo das contribuições.

As intervenções de macrodrenagem, características da região, são os canais das ruas Regis Pacheco, Lopes Trovão e Princesa Isabel, de um lado da bacia; do outro, há as galerias de drenagem pluvial em arruamentos de urbanização planejada com adensamento posterior, com seus acréscimos de redes nem sempre adequados. Há ainda os canais que recebem contribuição da falha geológica a montante e que formavam seções naturais de escoamento, embora hoje, em sua maioria, encontrem-se confinados por redes ou por edificações, como é o caso das ruas Nilo Peçanha, Voluntários da Pátria, Luiz Maria e do Imperador.

A qualidade das águas dessa bacia não foi monitorizada, porém sofre alterações devido aos materiais e substâncias carreados pela drenagem pluvial, bem como ao lançamento de esgotos sanitários de domicílios ainda não ligados à rede coletora do sistema público de esgotamento sanitário ou que não dispõem de solução para o destino adequado dos excretas humanos e das águas servidas.



Península de Itapagipe



Fundação Gregório de Matos

Lobato, 1973

LOBATO

Diferente de outros bairros situados no **Subúrbio Ferroviário de Salvador**, que começaram a se desenvolver com a construção da **Avenida Afrânio Peixoto**, o **Lobato** ganhou destaque em 1939 quando foi descoberto o primeiro poço de petróleo brasileiro na **Rua do Amparo**.

Assim, a história deste bairro está diretamente ligada a essa descoberta. Isaltina dos Santos, antiga moradora do local, lembrou a época das primeiras prospecções: *"eu estava com a perna quebrada e lembro-me dos operários dando quentinha para a gente não ir para o fogão e botar fogo em tudo"*.

Antes de 1933, data em que o engenheiro Manoel Inácio Barreto tomou conhecimento do óleo negro utilizado pelos moradores no candeieiro, 18 experiências de prospecção já tinham sido feitas em outros estados brasileiros. O escritor Monteiro Lobato tinha iniciado uma campanha, ainda na década de 1930, sobre o petróleo no Brasil, na qual afirmava a importância daquela fonte de energia para o *progresso* da sociedade brasileira. Com a descoberta na Bahia, o escritor foi homenageado na década seguinte, emprestando seu nome ao bairro.

A única lembrança que ainda permanece do "ouro negro" é a réplica de um *cavalo* (equipamento usado para bombear o petróleo) fixada na **Praça Manoel Inácio Bastos**.

O bairro do Lobato tornou-se mais intensamente povoado na década de setenta, depois que uma forte chuva destruiu casas e desabrigou

famílias que viviam em regiões próximas a este bairro. Para resolver a situação dos desabrigados, o Governo do Estado construiu casas no Lobato e deslocou as pessoas desabrigadas para o bairro.

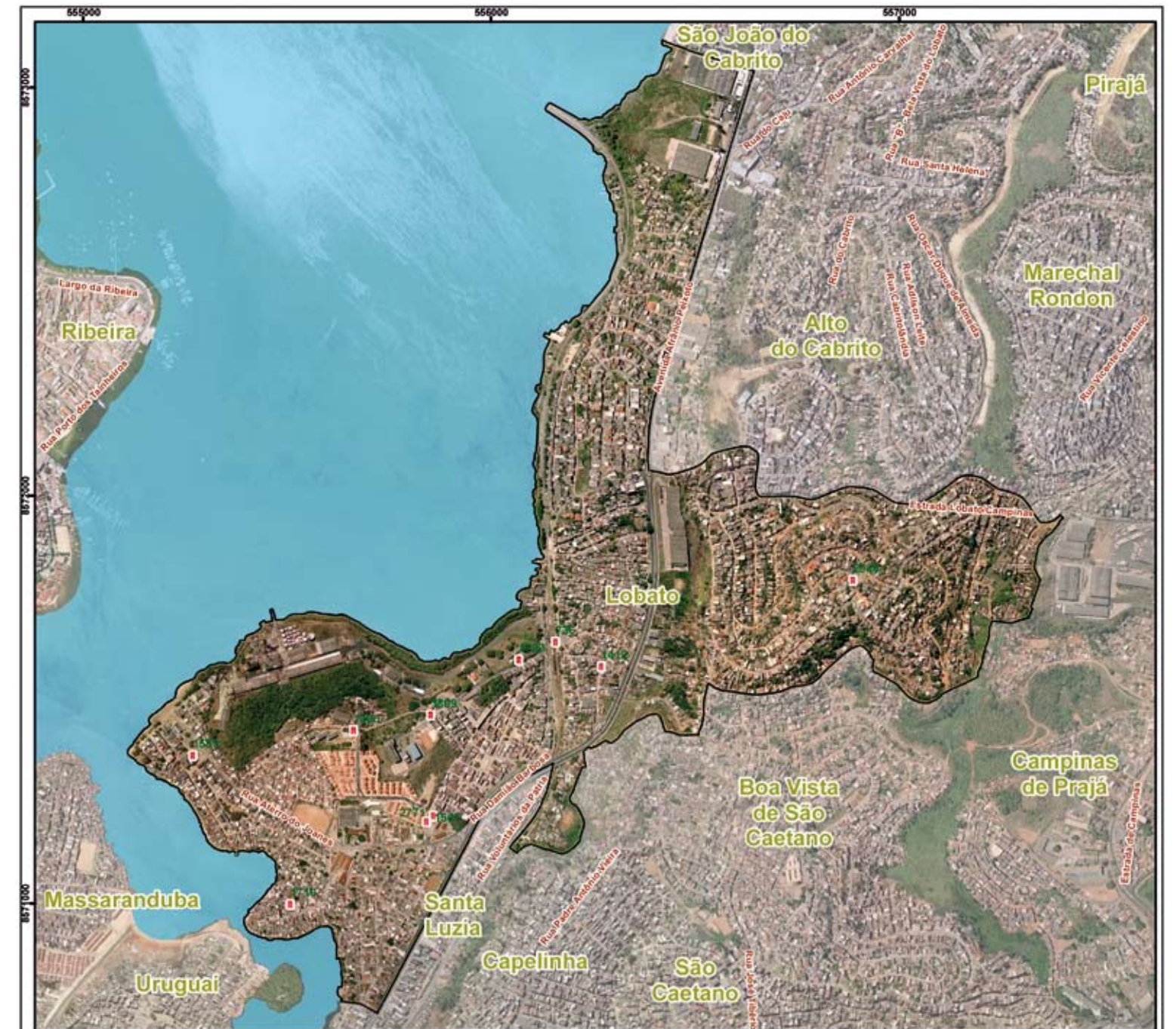
A **Escola Estadual Raimundo Mata Pires**, a **Escola Tereza Helena Mata Pires**, a **Escola Municipal Tomé de Souza** e o **Centro Comunitário Monteiro Lobato**, estão entre os equipamentos públicos que compõem atualmente o cenário do bairro.

O Lobato possui uma população de 24.691 habitantes, o que corresponde a 1,01% da população de Salvador, concentra 0,94% dos domicílios da cidade, estando 25,23% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 35,44% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudo.

Capela de São Vicente de Paula



Foto: Tony Bittencourt



LOBATO
Localização em Salvador

EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
EST. FERROVIÁRIO MARIÁ LOBATO	736
COL. EST. RAIMUNDO MATA	1806
COL. POLÍCIA MILITAR - JOANES LOBATO	1809
COL. EST. GALVÃO MACHES	1599
ESC. MAN. CLÁUDIO DE OLIVEIRA	1783
ESC. MAN. TÍN AJARÁ	1517
ESCOL. MATEU DE SOUZA LOBATO	7771
LAF. BOA VISTA DO LOBATO	2944
LAF. CENE. OESTE	1730
LAF. JOANES LESTE	1907

Centro Nome do Bairro
 R. Chile Nome do Logradouro
 449 Código da Edif. de Referência
 Edificações de Referência
 CS Limite de Bairros

Fonte:
 PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
 CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Projeção: UTM - DATUM: SAD 69
 Elaboração:
 - Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - CNPQ
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Descrição resumida:
 Inicia-se na linha de costa, na direção da Travessa Antônio Peixoto do Joanes por onde segue até a Rua do Paraíso, por onde segue até a Avenida Afrânio Peixoto. Segue até seu cruzamento com a Rua Ana Piedade, por onde segue até o cruzamento entre esta rua, a Rua São Cornélio e a Estrada Lobato Campinas. Segue pela encosta até alcançar o leito do Rio Camarajipe, por onde segue até a Rua Humberto Barreto. Segue nesta via até o cruzamento entre a referida rua e a Rua Nova Direta, por onde segue até a Rua Sansué, por onde segue até alcançar a o cruzamento das vias Rua Nova Sansué e a Rua Raimunda Pinheiro, por onde segue até o cruzamento entre esta via e a Rua Renilda Coutinho. Segue nesta via até a Travessa Renilda Coutinho, por onde segue até a Vila Mel, por onde pela encosta até a Rua Voluntários da Pátria, por onde segue até a Avenida Afrânio Peixoto. Segue nesta via até a Travessa Afrânio Peixoto do Joanes, por onde segue até o ponto de início da descrição deste limite.



Unidade de Saúde da Família, 2009

SANTA LUZIA

Situado no **Subúrbio Ferroviário de Salvador**, o bairro de **Santa Luzia** – segundo Antônio Luiz Alves, vice-presidente da **Associação de Moradores de Santa Luzia** – surgiu de sucessivas ocupações espontâneas, a partir da instalação da linha férrea, no século XIX.

Antônio Alves lembra que há cinquenta anos, o bairro estava localizado entre a linha férrea e a maré. Do lado da via férrea existiam muitas coqueiras, pastos e casas com quintais; enquanto do lado da maré, estava a sobrevivência e a diversão da comunidade, pois dessas águas tirava-se o alimento de cada dia e garantia-se o lazer, nadando até a Ribeira ou alugando canoa para ir a uma ilhota bem próxima. Para Alves, Santa Luzia era outro lugar e, diferente do que ocorrera com os demais bairros do Subúrbio, a construção da **Avenida Afrânio Peixoto** trouxe invisibilidade para o local.

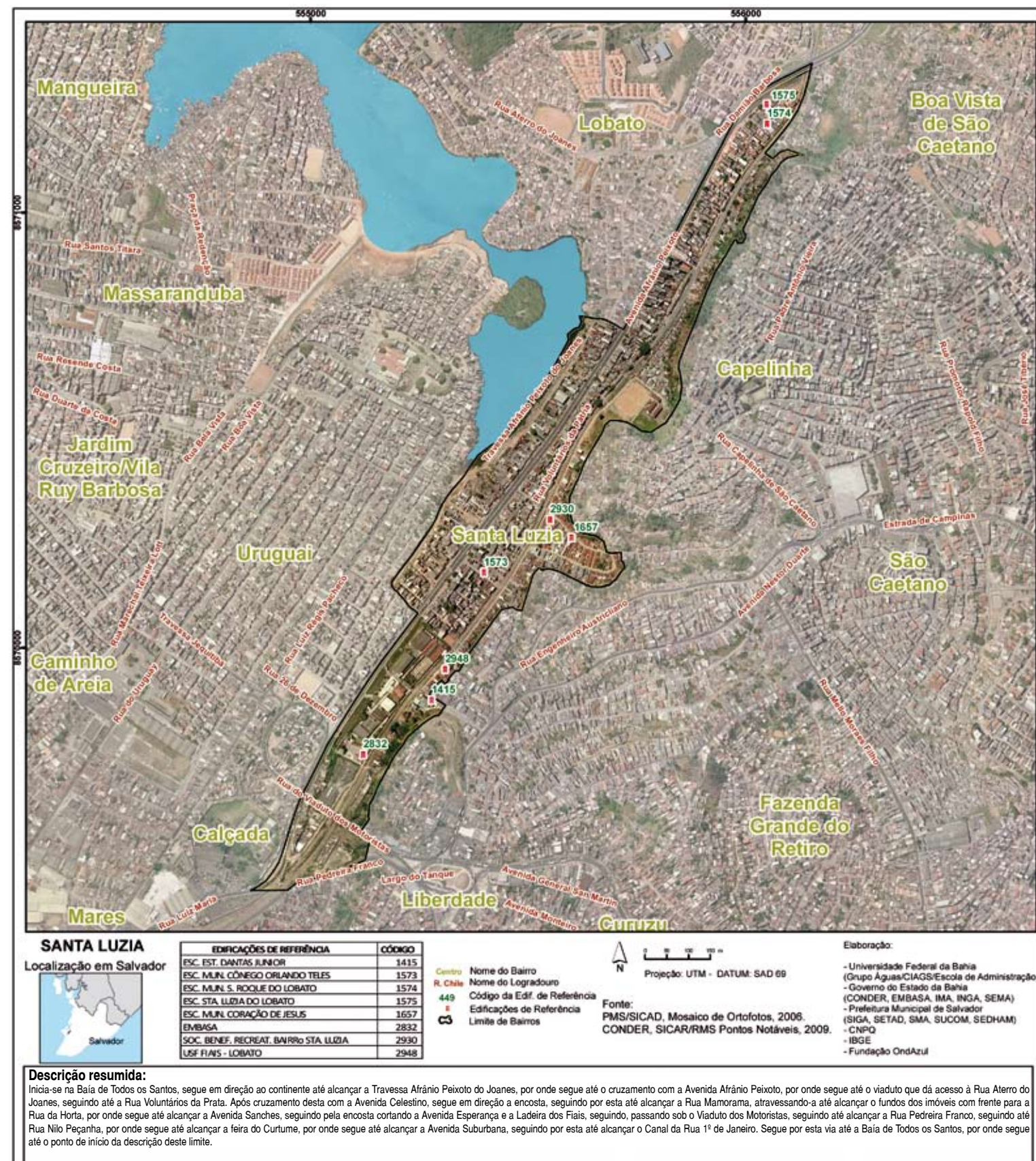
Conforme Antônio Alves, toda a área em que hoje o bairro se localiza, era muito pantanosa. No local, não havia água encanada e a população vivia das fontes naturais e minadouros até serem instalados alguns chafarizes. Ainda hoje, esses minadouros têm uma vazão de água significativa, principalmente em épocas de chuvas.

Atualmente, a população de Santa Luzia vive do mercado informal e dispõe no bairro do **Colégio Estadual Dantas Júnior**, da **Escola Municipal Coração de Jesus**, da **Escola Municipal Orlando Teles** e do **Campo das Pedreiras**, onde a comunidade realiza seus eventos esportivos, além da **Capela de Santa Luzia**.

Alves conta que o nome do bairro é uma homenagem dos trabalhadores da linha férrea a Santa Luzia, que se tornou, em sua opinião, o símbolo do local. Para ele, o evento que mobiliza a comunidade é o desfile de Sete de Setembro pelo bairro.

Entre as peculiaridades do bairro, Alves destaca a permanência das pessoas mais antigas no local e as características incomuns que o bairro tem, “*aqui tem pessoas que moram há oitenta anos; para mim, aqui tomou a feição de um gueto, há poucos quilômetros do centro da cidade existe um bairro com hortas, uma pequena pecuária e uma atividade pesqueira*”.

Santa Luzia possui uma população de 6.821 habitantes, o que corresponde a 0,28% da população de Salvador; concentra 0,27% dos domicílios da cidade, estando 27,33% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 0,5 a 1 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 34,58% dos seus chefes de família têm entre 4 a 7 anos de estudo.





Fundação Gregório de Matos

Rua Direta do Uruguai – primeira metade do século XX

● URUGUAI

O bairro do **Uruguai**, assim como outros da **Bacia de Itapagipe**, surgiu de um processo de ocupações espontâneas em terrenos alagadiços e afirmou-se a partir da luta de seus moradores para permanecerem no local. Francisco Aguiar dos Santos, antigo morador do bairro, conta que em torno de trinta anos atrás, as casas da região, em geral, eram de palafitas. Segundo ele, muitas das melhorias empreendidas no bairro são resultados da reunião de esforços da comunidade.

Na história deste bairro, a **Igreja de Nossa Senhora dos Alagados** merece destaque. Localizada no alto da colina, foi inaugurada em 1980 em meio a casas erguidas sob palafitas. No Uruguai encontra-se o **Bahia Outlet Center** construído em 1997, com a proposta de trazer de volta a esta região os investimentos no setor têxtil. Esse *shopping* desenvolve um Programa de Requalificação da Península de Itapagipe e seu Entorno, com ações comunitárias e empresariais para a região.

O Uruguai possui a **Escola Municipal Carmelitana do Menino Jesus** e a **Creche Escola Comunitária Flor de Primavera**.

Há mais de uma década, o Uruguai faz o seu próprio Arraiá. Começou de forma tímida, com a organização do artista plástico Raimundo Aragão e da moradora do bairro Edna Santana. Com o tempo, a festa ganhou maiores proporções e hoje buscam o apoio de comerciantes para o patrocínio do evento.

O Uruguai abriga o Projeto **APL, Arranjo Produtivo Local**, proposta de parceria da sociedade civil, empresários e governo, com foco no desenvolvimento sustentável. Este projeto visa o desenvolvimento de um parque industrial no Uruguai, com destaque para as empresas de confecção e pronta entrega.

Uruguai possui uma população de 33.384 habitantes, o que corresponde a 1,37% da população de Salvador; concentra 1,30% dos domicílios da cidade, estando 23,55% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 0,5 a 1 salário mínimo. No que se refere à escolaridade, constata-se que 31,89% dos seus chefes de família têm entre 4 a 7 anos de estudo.



URUGUAI

Localização em Salvador



REFERÊNCIAS DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
COL. EST. POLIVALENTE SANCTI SPIRITUS	3331
CIN. TEATRO NOVO ALAGADOS	3330
ESC. MUN. RAIMUNDO FERREIRA	3582
ESC. MUN. S. DE JANEIRO	3584
ESC. EST. SOLANGE HORTELINO FRANCO	3585
ESC. MUN. ALMIRANTE GÓES	3586
ESC. MUN. PRES. CASTELO BRANCO	3683
ESC. S. JOÃO BATISTA	3684
ESC. MUN. CARMELITANA DO MENINO JESUS	3811
BAHIA OUTLET CENTER	2775

- Nome do Bairro
- Nome do Logradouro
- Código da Edif. de Referência
- Edificações de Referência
- Limite de Bairros



Projeção: UTM - DATUM: SAD 69

Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006. CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:

- Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
- CNPO
- IBGE
- Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se na confluência da Rua 26 de Dezembro com a Avenida Afrânio Peixoto, por onde segue até alcançar o Canal da Rua 1º de Janeiro. Segue por esta via até a Baía de Todos os Santos, por onde segue contornando a Ilha do Rato, até alcançar o prolongamento da Rua Princesa Isabel. Segue depois pelos logradouros Rua Bela Vista e Rua Marechal Teixeira Lott, por esta até alcançar a Rua Professor José Santana, até alcançar a Rua Professor Gelásio de Farias, até o cruzamento com a Rua Araújo Bulcão, por onde segue até a Rua 24 de Janeiro, segue contornando a Praça Hélio Machado, por onde segue pela Rua Jerônimo de Albuquerque, seguindo em direção ao final da 2ª Travessa da Palestina, contornando o fundo dos imóveis com frente para Rua 24 de Janeiro, exclusive, por onde segue contornando o fundo dos imóveis com frente para Avenida Conselheiro Zaccarias, até alcançar a Rua do Uruguai, por onde segue contornando o fundo dos imóveis com frente para o Largo dos Mares e Rua do Imperador, até alcançar o final da Rua Inácio de Loyola, seguindo pela Rua Francisco Xavier de Oliveira, até seu cruzamento com Rua Couceiros de Abreu, seguindo até a confluência com a Rua Luiz Régis Pacheco, por onde segue o cruzamento com a Rua 26 de Dezembro, por onde segue até alcançar o ponto de início da descrição deste limite.



Largo da Calçada, 2009

Foto: Elba Veiga

● CALÇADA

O bairro da **Calçada** nasceu a partir da construção da Viação Ferroviária Leste Brasileiro - Estação Leste, inaugurada em 28 de junho de 1860, com o nome de Estação Jequitaita. A estação foi uma importante ligação entre Salvador e as cidades do Recôncavo.

Os trens cruzavam as avenidas da Cidade Baixa, passando por dentro da Feira de São Joaquim, rente às barracas. Por isso, só podiam trafegar no horário da madrugada. Com a construção do Porto de Aratu, a linha férrea ligando a Calçada ao Porto de Salvador deixou de ser utilizada, sendo desativada na segunda metade da década de noventa. Os trilhos ainda existem no local, cobertos pelo asfalto, mas ainda são visíveis em alguns pontos do **Largo da Calçada** e em São Joaquim.

Em 1925, houve na **Estação de Trens da Calçada** a recepção das tropas baianas que participaram da batalha em Catanduvas, palco de uma das batalhas da Revolução de 1924, conhecida como movimento "Tenentista". A Estação da Calçada sofreu uma grande reforma em 1936 e outra em 1981. Hoje ela é administrada pela CBTU - Companhia Brasileira de Transportes Urbanos e

no seu interior guarda uma antiga locomotiva movida a vapor, do modelo da Maria Fumaça.

Nos anos de 1948-1950, a Calçada já se constituía como bairro, tornando-se famosa na época, pela realização de grandes carnavais, com desfile da rainha acompanhada de ônibus elétrico até a Cidade Alta. O bairro da Calçada, hoje, está predominantemente ligado ao Comércio e continua sendo ponto de partida e chegada de usuários dos trens da antiga Estação Leste, que se deslocam do Largo da Calçada ao Subúrbio Ferroviário.

Em suas ruas existe uma grande concentração de pequenos hotéis, lojas e lojinhas, estando a função residencial em franca substituição. A área também abriga entre outros equipamentos, uma guarnição do Corpo de Bombeiros, responsável por toda a Cidade Baixa e subúrbio, a **Escola Estadual Hamilton de Jesus Lopes**, a **Escola Estadual Landulfo Alves** e o **Hospital de Custódia e Tratamento**.

A Calçada possui uma população de 5.114 habitantes, o que corresponde a 0,21% da população de Salvador; concentra 0,22% dos domicílios da cidade, estando 22,96% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 32,97% dos seus chefes de família têm entre 4 a 7 anos de estudo.





Largo dos Mares, 2009

Foto: Elba Veiga

● MARES

Não se sabe ao certo como surgiu o nome deste bairro, mas o lugar é conhecido por sua igreja, que está situada no ponto mais alto da Cidade Baixa, construída em estilo gótico. O Largo hoje tem uma praça de mesmo nome, muito bem cuidada e arborizada, uma das poucas em Salvador.

No Largo dos Mares está situada a obra de arte do controverso Padre Pinto, em comemoração aos 450 anos da Diocese de Salvador, 500 anos de Brasil e 2.000 anos do Cristianismo. Assentado sobre base triangular representando a Santíssima Trindade, o monumento executado em fibra de vidro, representando

do uma chama de vela, tem ao centro um feto, lembrando o nascimento de Jesus Cristo, do Brasil e da Arquidiocese. O bairro também tem uma estátua de autor desconhecido, representando a Imaculada Conceição, em bronze, sobre pedestal de granito rosa de forma piramidal. Aplicada ao pedestal, uma efígie do Papa Pio XII, também em bronze. Destaca-se nos Mares a **Escola Castro Alves**.

Mares possui uma população de 1.813 habitantes, o que corresponde a 0,7% da população de Salvador; concentra 0,08% dos domicílios da cidade, estando 24,35% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 44,78% dos seus chefes de família têm entre 11 a 14 anos de estudo.



MARES
Localização em Salvador

EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
IGREJA BATISTA DOS MARES	279
IGREJA DOS MARES	280
ESCOLA CASTRO ALVES	1799

Centro Nome do Bairro
 R. Chile Nome do Logradouro
 449 Código da Edif. de Referência
 CS Edificações de Referência
 CS Limite de Bairros

Fonte:
 PMS/SICAD. Mosaico de Ortofotos, 2006.
 CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
 - Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBAASA, IMA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - CNPQ
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Descrição resumida:
 Inicia-se na confluência da Rua Barão de Cotegipe com a Rua do Imperador, por onde segue até alcançar o Largo dos Mares, por onde segue contornando o fundo dos imóveis com frente para Rua do Imperador, até alcançar a Rua José Martins Tourinho, por onde segue até a Rua Fernandes Vieira. Segue pela Praça Teive e Argollo até alcançar o fundo dos lotes com frente para a Rua Inácio de Loyola, por onde segue contornando o fundo dos imóveis com frente para o Largo dos Mares, inclusive, seguindo até alcançar a Rua do Uruguai, por onde segue o fundo dos lotes dos imóveis da Avenida Conselheiro Zacarias, inclusive, até alcançar a Rua Frederico Lisboa, por onde segue até seu cruzamento com a Rua Barão de Cotegipe, por onde segue até o ponto de início da descrição deste limite.



Largo da Mangueira, 2009

Foto: Tony Billecourt, 2009

MANGUEIRA

“Uma mangueira solidária
Um mangue refúgio
Uma rua em formação
Um bairro em construção
Mangueira, hoje”

Neste verso está um pouco da história do bairro **Mangueira**, contada por Aluisio Simão Pereira, representante do **Instituto de Serviço Para Uma Ação Comunitária**. Conforme, ele explica: Mangueira solidária era a árvore encravada próxima à maré, na Península de Itapagipe, em uma área já aterrada, na qual se juntavam pescadores, mulheres e crianças para comemorar, no início da década de 1960, a vitória alcançada por cada pescaria. Segundo Aluisio Simão Pereira, “ali tudo se conversava, coisas da terra e coisas do mar, eram grandes histórias, aventuras e piadas, gozando com os que foram e com os que ficaram...”

No manguezal espalhado perto da maré, *habitat* natural de caranguejo e outros crustáceos, refugiaram-se aqueles que sem ter aonde viver construíram sob palafitas suas novas moradias. Na década seguinte, o mangue-refúgio foi aterrado e em cima dele ergueu-se uma

rua: a **Rua da Mangueira**, hoje, **Rua Rafael Uchôa**. Juntaram-se a ela a **Rua Vicêncio Constantino Figueiredo (Nova da Mangueira)**, a **Travessa Rubem Amorim**, entre tantas outras que surgiram.

A Rua da Mangueira tornou-se o marco zero do bairro em construção que, como todos os outros da região, foi fruto de ocupações espontâneas, convergindo para o mar, com ruas estreitas e com sérios problemas de infraestrutura urbana.

“Mangueira, hoje, já não é mais como antigamente. O seu povo não para de construir, de melhorar, devagar e permanentemente, a sua moradia – que fica cada vez mais diferente”, afirma Aluisio Simão. Neste bairro encontram-se atualmente a **Associação Livre de Moradores da Mangueira** e a **Escola Comunitária Educar para Libertar**.

A árvore que inspirou o nome do bairro já não existe mais, porém, para Aluisio Simão, a mangueira continua sendo o símbolo do bairro, cujo nome lhe rende homenagem.

O bairro da Mangueira possui uma população de 9.986 habitantes, o que corresponde a 0,41% da população de Salvador, concentra 0,40% dos domicílios da cidade, estando 26,76% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 0,5 a 1 salário mínimo. No que se refere à escolaridade, constata-se que 36,49% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudos.



MANGUEIRA

Localização em Salvador



EDIFICAÇÃO DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
CLUBE RECREATIVO SES	326
EC MISSÃO DE VAGAR	3491
TURMA	3206
MOEDOS GORDANA L. AM	2233
EC CENTRO SOCIAL MANGUEIRA	1598
COLLAMAUNICENS	3600

Nome do Bairro
R. Chile Nome do Logradouro
449 Código da Edif. de Referência
Edificações de Referência
CS Limite de Bairros



Projeção: UTM - DATUM: SAD 69

Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006. CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:

- Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBAASA, MA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
- CNPQ
- IBGE
- Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se no cruzamento da Avenida Caminho de Areia com a Rua Doutor Mário Augusto Teixeira de Freitas, por onde segue até o cruzamento com Travessa Rafael Uchoa, por onde segue até o cruzamento com a Rua Rafael Uchoa, por onde segue contornando o fundo dos imóveis com frente para a Rua Santos Titara, até alcançar a Rua Genésio Sales, por onde segue até seu cruzamento com a Rua São João, por onde segue contornando os imóveis da Avenida Senhor do Bonfim da Massaranduba, até alcançar a Travessa do Leblon, por onde segue até seu cruzamento com a Rua do Leblon, por onde segue em linha reta até alcançar a linha de costa da Baía de Todos os Santos, por onde segue contornando, até alcançar o prolongamento da Rua Mangueira da Ribeira, por onde segue até alcançar a Rua Capitão Eugênio, por onde segue até seu cruzamento com a Rua Jorge Leal Gonçalves, por onde segue até alcançar o limite do muro do Centro Comercial Gold Center, segue contornando até alcançar a Rua Canto do Buriú, por onde limite do terreno da Rádio Excelsior da Bahia, por onde segue até alcançar a Rua Jardim Alvalice, por onde segue até seu cruzamento com a Avenida Caminho de Areia, por onde segue até o ponto de início da descrição deste limite.



Fundação Gregório de Matos

Alagados

● MASSARANDUBA

Casas de palafitas erguidas sobre o mangue da **Península Itapagipana** – esses são registros marcantes no bairro de **Massaranduba**, cuja formação remonta aos antigos **Alagados**.

Na década de 1950 teve início a urbanização do bairro que, com



Paulo Brito

o passar do tempo, foi dividido em lotes e construídas casas de tijolo e cimento. Como o processo de urbanização fez-se lentamente, as sucessivas atividades de aterramento através de entulho, danificou a infraestrutura instalada, trazendo grandes problemas para o bairro.

Segundo Paulo Faria Brito, criador do **Grupo Cultural Itapagipe Canta** e integrante do **Conselho e Articulação de Moradores da Península de Itapagipe**, o morador de Massaranduba sente-se orgulhoso e com a autoestima elevada por morar em um bairro com tais manifestações artísticas.

Neste bairro está instalada a **Igreja de Nossa Senhora da Piedade** (no século XIX foi um dos locais de sepultamento da cidade) e a **Igreja Nossa Senhora dos Alagados**, inaugurada pelo Papa João Paulo II em 1980. Entre seus principais equipamentos estão a **Praça da Redenção**, a **Praça de Massaranduba (pontos de encontro e lazer)** e o **Colégio Estadual Primeiro de Maio**.

Massaranduba possui uma população de 18.575 habitantes, o que corresponde a 0,76% da população de Salvador, concentra 0,74% dos domicílios da cidade, estando 26,29% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 0,5 a 1 salário mínimo. No que se refere à escolaridade, constata-se que 35,12% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudo.



MASSARANDUBA

Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
UBS MINISTRO AULMIN	328
ESC. MUN. HENRIqueta Machado	1485
ESC. EST. CORDELA NAMOURERA	1656
ESC. MUN. PRIMEIRO DE MAIO	1777

Centro
R. Chile
449
CS



Projeção: UTM - DATUM: SAD 69

Fonte:

PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.

CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:

- Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
- CNPO
- IBGE
- Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se no cruzamento da Avenida Caminho de Areia com a Rua Resende Costa, por onde segue até o cruzamento com a Rua Princesa Isabel, até alcançar a linha de costa da Baía de Todos os Santos, por onde segue contornando até alcançar o prolongamento da Rua do Leblon, por onde segue até seu cruzamento com a Travessa do Leblon, por onde segue contornando os imóveis da Avenida Senhor do Bonfim da Massaranduba, inclusive, até alcançar a Rua São João, por onde segue até seu cruzamento com a Rua Gênésio Sales, por onde segue contornando o fundo dos imóveis com frente para a Rua Santos Titara, até alcançar o cruzamento da Rua do Leblon com a Rua Rafael Uchoa, por onde segue até o cruzamento com a Travessa Rafael Uchoa, até seu cruzamento com a Rua Doutor Mário Augusto Teixeira de Freitas, por onde segue até seu cruzamento com a Avenida Caminho de Areia, por onde segue até o ponto de início da descrição deste limite.



Rua Resende Costa

VILA RUY BARBOSA/JARDIM CRUZEIRO

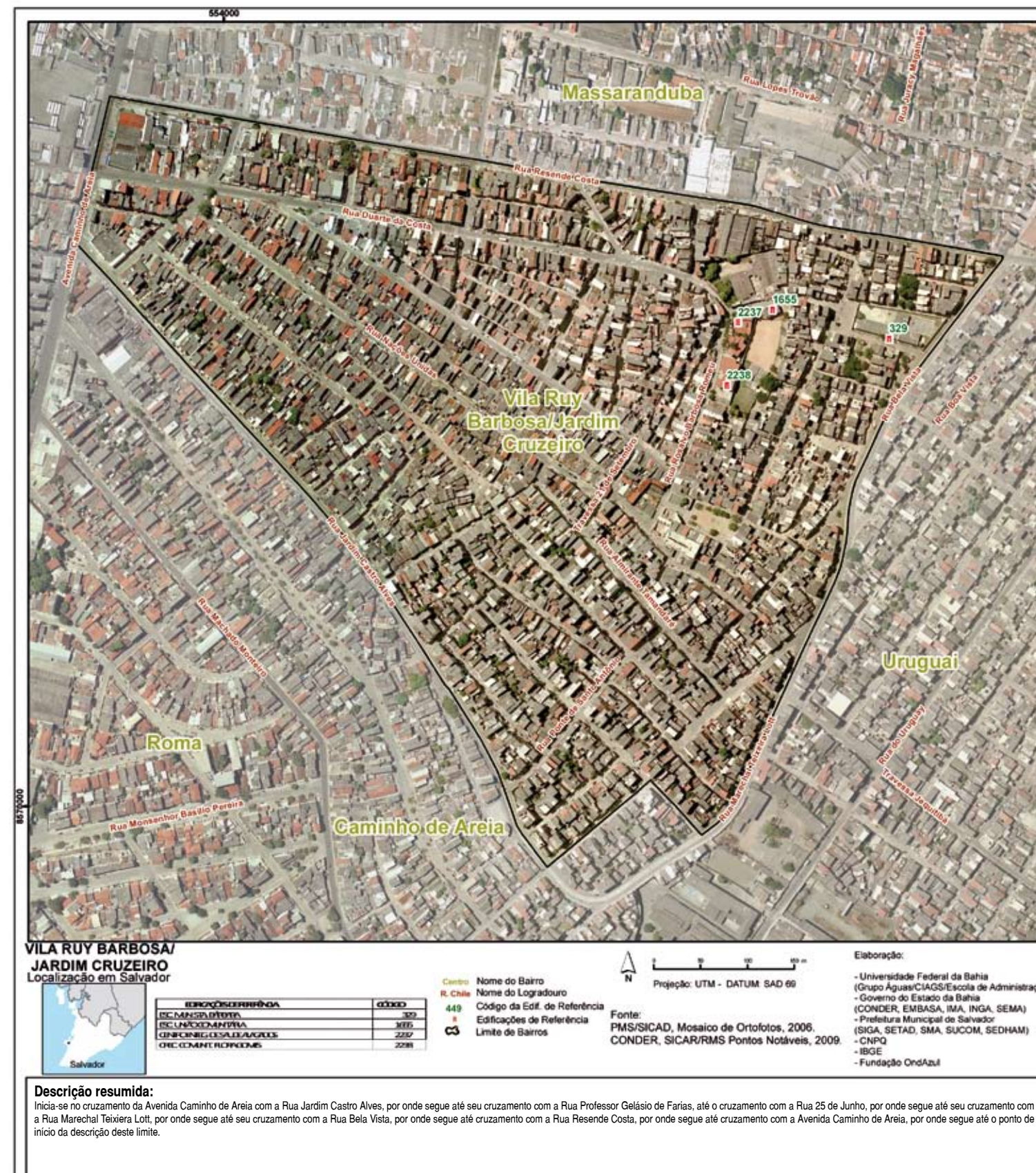
Antigamente formado por áreas alagadas, o bairro de **Vila Ruy Barbosa** começou com a construção de palafitas. O bairro ganhou identidade a partir dos sucessivos aterros e persistente trabalho de seus moradores.

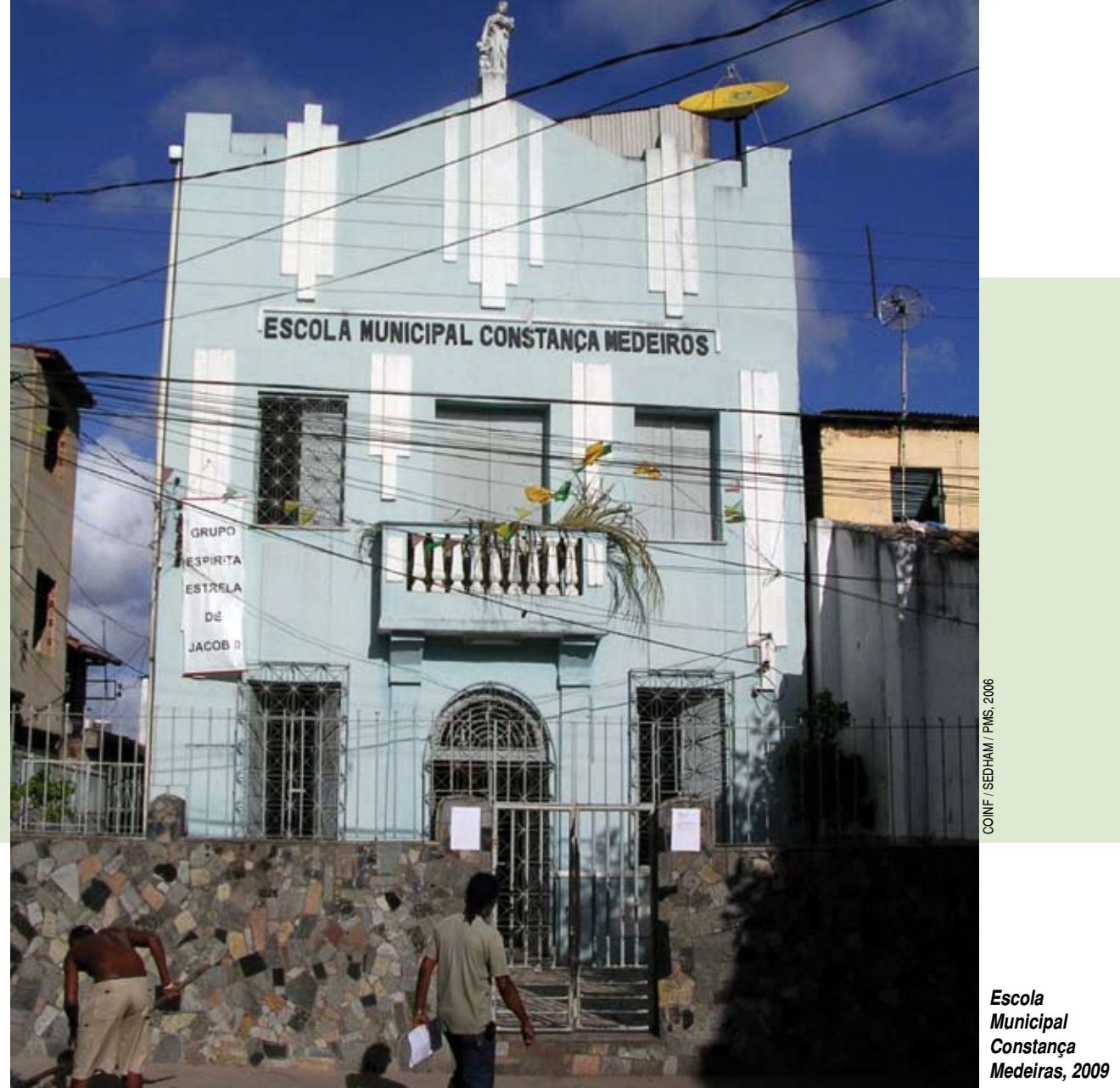
Em 1949, situado às margens do Caminho de Areia, em local conhecido como Jardim Cruzeiro, as moradias avançavam mar à dentro. A demanda por novas moradias e o alto custo da terra urbana levou os trabalhadores situados nas menores faixas de renda – vinculados ao setor informal da economia – a “invadir o mar”, em busca de alternativas. Os moradores utilizaram uma estratégia para se protegerem das ações de despejo: deram ao local o nome de Villa Ruy Barbosa. Segundo moradores antigos, a mudança de nome deu resultado e constrangeu o poder público, que não teve coragem de continuar a empreitada contra uma Vila que levava o nome de Ruy Barbosa.

O comércio local tem grande importância na vida do bairro, com mercadinhos, padarias, farmácias, feiras, lojas de produtos diversos, sorveteria, pizzaria. Encontra-se ainda em Vila Ruy Barbosa/Jardim Cruzeiro a **Escola Municipal Santa Bárbara**, a **Escola União Comunitária**, o **Centro Integrado de Saúde de Alagados** e a **Creche Comunitária Flora Gomes**.

Com atuação de destaque, a ONG Bagunçaço, desenvolve uma série de ações comunitárias no bairro. Além disso, devem ser registradas as atividades desenvolvidas pela Associação União Comunitária e a Paróquia de São Jorge.

Vila Ruy Barbosa/Jardim Cruzeiro possui uma população de 18.467 habitantes, o que corresponde a 0,76% da população de Salvador; concentra 0,72% dos domicílios da cidade, estando 19,39% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 34,04% dos seus chefes de família têm entre 11 a 14 anos de estudo.





COINF / SEDHAM / PMS, 2006

Escola Municipal Constança Medeiros, 2009

● CAMINHO DE AREIA

Ladeando os bairros do Bonfim, Ribeira, Vila Ruy Barbosa/Jardim Cruzeiro e Massaranduba, a **Avenida Caminho de Areia** se constitui hoje em um bairro.

Na Avenida Caminho de Areia, passava o bonde da linha de número 20, que conduzia os passageiros até a Ribeira. Sua curiosidade era ter os trilhos passando sobre a areia, pois o caminho foi aberto no areal, o que originou o nome da avenida e mais tarde do bairro. Hoje, nada mais lembra o caminho de areia antigo e nem o bonde que abriu caminho sobre ele; existe apenas asfalto e ônibus para todos os cantos da cidade.

O comércio da área atrai clientes de toda a Península de Itapagipe, com variedade de produtos e com preços acessíveis.

Neste bairro encontra-se os seguintes equipamentos: a **Escola Municipal Constança Medeiros**, a **Escola Municipal Tiradentes** e a **Escola 13 de Maio**.

Caminho de Areia possui uma população de 11.396 habitantes, o que corresponde a 0,47% da população de Salvador; concentra 0,45% dos domicílios da cidade, estando 20,20% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 0,5 a 1 salário mínimo. No que se refere à escolaridade, constata-se que 35,89% dos seus chefes de família têm entre 11 a 14 anos de estudo.



CAMINHO DE AREIA
Localização em Salvador

EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
CENT. MED. HOSP. AGENOR PAIVA	599
ESC. 13 DE MAIO	1694
ESC. MUN. CONSTANÇA MEDEIROS	1486
ESC. MUN. TIRADENTES	1408
ESC. OSÓRIO TELES DAROCHA	1691

- Centro
- R. Cidade Nome do Bairro
- 449 Nome do Logradouro
- Código da Edif. de Referência
- CS Edificações de Referência
- Limite de Bairros

Projeção: UTM - DATUM SAD 69

Fonte:
PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
- Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
- CNPQ
- IBGE
- Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se no cruzamento da Avenida Caminho de Areia com a Rua Henrique Dias, por onde segue até alcançar o cruzamento com a Rua Trávessa de Fora, por onde segue até seu cruzamento com o Beco João do Boi, por onde segue até seu cruzamento com a Avenida Caminho de Areia, por onde segue até seu cruzamento com a Rua Jardim Castro Alves, por onde segue até seu cruzamento com a Rua Professor Gelásio de Farias, até o cruzamento com a Rua 25 de Junho, por onde segue até seu cruzamento com a Rua Marechal Teixeira Lott, por onde segue até seu cruzamento com a Rua Professor José Santana. Segue até alcançar a Rua Professor Gelásio de Farias, até o cruzamento com a Rua Araújo Bulcão, por onde segue até seu cruzamento com a Rua 24 de Janeiro, segue contornando a Praça Hélio Machado, seguindo pela Rua Machado Monteiro, por onde segue até seu cruzamento com a Avenida Caminho de Areia, por onde segue até o ponto de início da descrição deste limite.



Foto: Eiba Veiga

Praça Irmã Dulce

ROMA

O Bairro de **Roma** tem como referência principal o Largo que tinha o mesmo nome. A denominação do referido largo tem origem nos séculos XVIII e XIX, por conta da existência de uma casa chamada “Roma” com uma capela, resultado da invocação de Nossa Senhora de Roma, construída pelas carmelitas. Os moradores antigos dizem que esse largo era um centro de lazer em Itapagipe, onde circos e parques eram instalados e famílias de ciganos montavam acampamentos.

Atualmente, em homenagem à Irmã Dulce e às ações por ela realizadas junto à população carente, o Largo de Roma foi batizado “Praça Irmã Dulce”. Em seu entorno fica a sede das **Obras Sociais de Irmã Dulce**, o antigo **Cine Roma**, além do **Abrigo Dom Pedro II**, um solar urbano da primeira metade do século XX. O abrigo cuida de idosos.

O Cine-teatro Roma abrigava, nos finais de semana, várias manifestações culturais, principalmente musicais. Muitos artistas da cidade passaram por lá, como o cantor e compositor Raul Seixas. O cinema chegou a ter a maior tela de todos os cinemas da cidade. Hoje, no prédio do antigo Cine Roma está sendo construída a Igreja da Imaculada Conceição da Mãe de Deus.

O antigo Largo de Roma, hoje Praça Irmã Dulce, tem em seu entorno o Conselho Tutelar de Roma, órgão municipal que zela pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, o Hospital São Jorge, a Fundação Cidade Mãe e um pequeno comércio.

As Obras Sociais de Irmã Dulce são marcantes na história do bairro. Tudo começou em 1949, quando Irmã Dulce, abrigou 70 doentes no galinheiro do Convento das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus. Em agosto de 1959, nascia no local a Associação Obras Sociais Irmã Dulce, instituição filantrópica que abriga o *Hospital Santo Antônio*, além de núcleo das áreas de Saúde, Assistência Social, Educação, Pesquisa Científica, Ensino Médico e Memória.

Em Roma destaca-se os seguintes equipamentos: o **Hospital São Jorge**, a **Fundação Cidade Mãe**, a **Escola Geraldo Tavares** e o **Conselho Tutelar**.

Roma possui uma população de 3.617 habitantes, o que corresponde a 0,15% da população de Salvador; concentra 0,15% dos domicílios da cidade, estando 26,70% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 43,34% dos seus chefes de família têm entre 11 a 14 anos de estudo.



ROMA
Localização em Salvador

EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
HOSPITAL SÃO JORGE	617
FUNDAÇÃO CIDADE MÃE - FOM	1257
COL. EST. ANÍLIO CESAR BORGES	1650
ESCOLA GERALDO TAVARES	1692
ESCOLA MUNICIPAL URUGUAI	1905
ALBERGUE NOTURNO	3061
CONSELHO TUTELAR I (ROMA)	3064

Centro Nome do Bairro
 R. Chão Nome do Logradouro
 449 Código da Edif. de Referência
 Edificações de Referência
 CS Limite de Bairros

Fonte:
 PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
 CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
 - Universidade Federal da Bahia (Grupo Aguan/CIAGS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - CNPO
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Descrição resumida:
 Inicia-se na Baía de Todos os Santos, segue em direção ao continente no cruzamento da Rua Praia de Cantagalo, com a Rua Frederico Lisboa, por onde segue o fundo dos lotes dos imóveis da Avenida Conselheiro Zacarias, por onde segue o fundo dos lotes dos imóveis da Rua 24 de Janeiro, até alcançar a Rua Jerônimo de Albuquerque, por onde segue até alcançar a Rua 24 de Janeiro, por onde segue até seu cruzamento com a Rua Machado Monteiro, por onde segue até seu cruzamento com a Avenida Caminho de Areia, até alcançar a Praça Irmã Dulce, contornando até alcançar seu cruzamento com a Avenida Luís Tarquínio, por onde segue até alcançar o muro do Abrigo Dom Pedro II, exclusive, contornando-o, até alcançar a Rua Praia da Boa Viagem, por onde segue atravessando até alcançar a linha de costa, seguindo até o ponto de início da descrição deste limite.

● RIBEIRA

A ocupação do bairro da **Ribeira** resulta de extensão da atividade naval. Segundo o historiador Cid Teixeira: “a *Ribeira das Naus junto à Conceição da Praia já não era bastante para atender a demanda de construção e reparos de navios. Adiante, na Península de Itapagipe, implantou-se a Ribeira dos Galeões que terminou por transferir o seu nome a todo o bairro*”.

Ribeira é uma expressão portuguesa que, segundo Mauro Carreira, quer dizer ancoradouro para reparação de naus. Este bairro é cercado pelas águas da **Baía de Todos os Santos** e pelas águas da **Enseada dos Tainheiros**. Inicialmente, fora ocupado por pescadores e, no século XX, foi um lugar de veraneio dos ricos e nobres da cidade do Salvador.

No final da década de 1940, quando no bairro se instalaram indústrias, houve um significativo crescimento populacional. No entanto, com o passar dos anos a população local foi reduzindo, uma vez que antigos moradores e veranistas passaram a migrar para outros bairros da cidade, em função da poluição ambiental causada pelas indústrias. Atualmente, o **Largo da Ribeira**, também conhecido como **Largo da Penha**, é o centro do bairro. Foi nesta área que, segundo o historiador Luiz Henrique Dias Tavares, a família Garcia D’Ávila iniciou sua trajetória de enriquecimento, fundando no local uma olaria e um curral.

No Largo da Ribeira também se pode encontrar o **Clube de Regatas Itapagipe**, o teatro **Espaço Cultural Cena Um** e, no lado oposto, junto à Ponta da Penha, a **Marina da Penha**, uma boa opção para festas e shows.



Cecy Ramos



Porto dos Tainheiros

Fundação Gregório de Matos

Na Avenida dos Tainheiros foi construído o primeiro aeroporto de Salvador, ou melhor, o primeiro hidroporto, entre 1937 e 1939. Os aviões, chamados de hidroaviões decolavam e amerissavam nas águas da Baía.

Tradicionalmente, todo ano no bairro, acontece a **Segunda-Feira Gorda da Ribeira**, uma festa popular realizada após a **Lavagem do Bonfim**, mas que hoje não tem mais o vigor de antigamente. Para enfrentar a situação e não deixar a tradição acabar, os comerciantes locais realizam, toda segunda-feira, o **Dia do Cozido**. Cecy Ramos, moradora do bairro, conta que esta festa atrai gente de vários outros municípios, como Simões Filho, Candeias e Madre de Deus. Para ela, é um acontecimento bastante típico do bairro.

Parte significativa da história da Ribeira está representada na **Igreja de Nossa Senhora da Penha** (1742), na **Igreja de Nossa Senhora do Rosário da Penha** (construída pelos escravos que não tinham permissão para freqüentar a Igreja da Penha) e no **Solar Amado Bahia** (1901). Porém, a referência que marca a vida dos moradores desse bairro, na opinião de Ramos, é a famosa **Sorveteria da Ribeira** inaugurada em 1931, pelo italiano Mário Tosta.

Existem no bairro os seguintes equipamentos: a **Biblioteca Pública Municipal Edgard Santos**, a **Sociedade Pestalozzi** – escola para crianças especiais e a **Escola Estadual Presidente Costa e Silva**.

A Ribeira possui uma população de 19.565 habitantes, o que corresponde a 0,80% da população de Salvador, concentra 0,76% dos domicílios da cidade, estando 19,18% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 36,01% dos chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudo.



BONFIM

O bairro do **Bonfim** é sinônimo de religiosidade e devoção. Afinal, é onde culmina a mais rica celebração religiosa do país, a **Lavagem do Bonfim**, festa na qual as escadarias da Basílica do Senhor Bom Jesus do Bonfim são lavadas pelas baianas com água de cheiro e é feita uma procissão para agradecer ao santo, as graças alcançadas.

No início, a lavagem era feita pelos moradores das vizinhanças. Com o tempo, o evento foi atraindo os moradores de outros

bairros e hoje é um evento que mobiliza toda a cidade. A festa do Bonfim sempre associou o sagrado ao profano. O Marquês de Santa Cruz, Dr. Manuel Victorino Pereira, chefe do Governo Provisório em 1890, considerando que essa cerimônia tinha assumido um caráter não-condizente com o local santo, proibiu a lavagem no interior do templo.

O bairro, até a década de setenta, abrigava famílias situadas nas maiores faixas de renda da Cidade Baixa. Como reminiscências deste passado, ainda existem muitos casarões no local. Do alto da Colina Sagrada pode ser vislumbrada uma das mais belas vistas da cidade: dos espigões da Barra e Vitória aos antigos casarões dos moradores da cidade baixa.

No local encontram-se, além da **Igreja do Senhor do Bonfim**, a **Praça Divina**, atualmente local de lazer na noite itapagipana; a **Casa do Romeiro**, construída no entorno da igreja pela irmandade, cuja intenção era acolher os romeiros que vinham pagar promessas. O bairro tem ainda o **Convento da Sagrada Família**, prédio construído na colina que já abrigou o Hospital Português e que, em 1937, foi adquirido pela **Congregação Franciscana Hospitaleira da Imaculada Conceição** e, em 1938, recebeu a atual denominação. Além disso, o bairro possui o **Teatro São José** e a **Praça dos Dendezeiros**.

Muitas das mudanças urbanísticas ocorridas no bairro resultam da ação da Irmandade do Nosso Senhor do Bonfim, que construiu as vias de acesso até a Igreja – a única forma de chegar até a igreja era pelo mar. A Irmandade mandou abrir a estrada do Bonfim, hoje Av. Dendezeiros, que tornou-se a ligação entre o Largo de Roma e o Bonfim. Construíram também o Cais das Amarras e a Ladeira da Lenha, ao lado da Igreja.

A festa mais importante do bairro, com certeza, é a **Lavagem do Bonfim**, no entanto, não é a única que mobiliza o bairro e, nem mesmo é a única que ocorre nesse dia, pois a **Lavagem do Beco do Morotó** ocorre como uma festa alternativa, instituída durante a Lavagem do Bonfim.

O Bonfim possui uma população de 9.401 habitantes, o que corresponde a 0,38% da população de Salvador; concentra 0,39% dos domicílios da cidade, estando 29,93% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 46,97% dos seus chefes de família têm entre 11 a 14 anos de estudo.

Lavagem do Bonfim



Fundação Gregório de Matos



MONTE SERRAT

Localizado na Península de Itapagipe, o bairro de **Monte Serrat** é marcado por importantes monumentos históricos. Na **Ponta de Humaitá**, ponto turístico de Salvador, é possível apreciar um belo pôr-do-sol e vista panorâmica da Baía de Todos os Santos. Neste local encontra-se a **Igreja de Nossa Senhora de Monte Serrat** e o **Forte de Monte Serrat**, edificações da segunda metade do século XVI, o antigo **late Clube de Monte Serrat**, casas no estilo do século XIX e um farol, construído no começo do século XX, para guiar as embarcações que passavam pela região.

Segundo alguns historiadores, Tomé de Souza havia recebido ordens do rei de Portugal, D. João III, para construir um povoado e um forte. O lugar escolhido pelo governador geral foi onde, hoje, se localiza o bairro de Monte Serrat. Suas origens, portanto, remetem a essa escolha e à construção do Forte de Monte de Serrat, conhecido também como Fortaleza de São Felipe ou Castelo de Itapagipe. O forte também abriga o Museu das Armas, onde estão as armas históricas do Estado.

Seu batismo faz referência à imagem da Virgem espanhola, trazida por um padre jesuíta que era devoto de Nossa Senhora de Montserrat. Atualmente, este bairro tem em seu cenário os seguintes equipamentos públicos: **Centro de Recursos Ambientais, Hospital Couto Maia; Maternidade e Hospital Sagrada Família.**

Em Monte Serrat, a Pedra Furada é um ponto turístico da cidade, sendo a culinária baiana um grande atrativo. Nesta localidade, a **Fonte da Pedra Furada** é utilizada com bastante frequência pela população local, principalmente em período de falta d'água.

Próximo a este equipamento, na Rua Rio Negro existe também a **Fonte do Buraquinho** no quintal de algumas casas. Assim como a Fonte da Pedra Furada, tem uma utilização doméstica (lavagem de roupas, de casas, banhos, cozinhar alimentos e beber). Sua água flui diretamente de uma grande rocha.

O Monte Serrat possui uma população de 8.100 habitantes, o que corresponde a 0,33% da população de Salvador; concentra 0,34% dos domicílios da cidade, estando 22,29% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 41,56% dos seus chefes de família têm entre 11 a 14 anos de estudo.



Ponta de Humaitá, 2008

Foto: Tonny Bilenecourt





Igreja de Boa Viagem

BOA VIAGEM

O bairro de **Boa Viagem** surgiu no entorno da **Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem**, fundada entre 1712 e 1714, de estilo barroco português. Segundo a cantora Margareth Menezes, o nome do bairro está relacionado à presença da Igreja, considerada por ela uma referência no local. É exatamente esta Igreja que traz para o bairro a **Festa da Boa Viagem**. “É um evento que tem grande importância cultural e religiosa, é uma tradição. Além de mobilizar pessoas, tem a linda procissão marítima”.

A festa acontece desde o dia 31 de dezembro, quando moradores armam barracas no entorno da Igreja e as pessoas vão se aglomerando dando início à festa profana. No dia primeiro são celebrados, na Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, o Bom Jesus dos Navegantes e a Nossa Senhora da Boa Viagem, com procissão marítima e entrega de presentes pelos pescadores na Galeota do Senhor dos Navegantes.

Até fins da década de 1880, a imagem do Bom Jesus era transportada na Galeota Imperial, que era cedida para a cerimônia. A partir de então, carpinteiros, saveiristas e muitos devotos juntaram-se para a fabricação de uma nova galeota, que foi nomeada “Galeota do Senhor dos Navegantes”. Em 1º de janeiro de 1892 estreou a nova galeota, e a festa da Boa Viagem deste ano foi ainda mais celebrada, afinal todos estavam muito orgulhosos do feito.

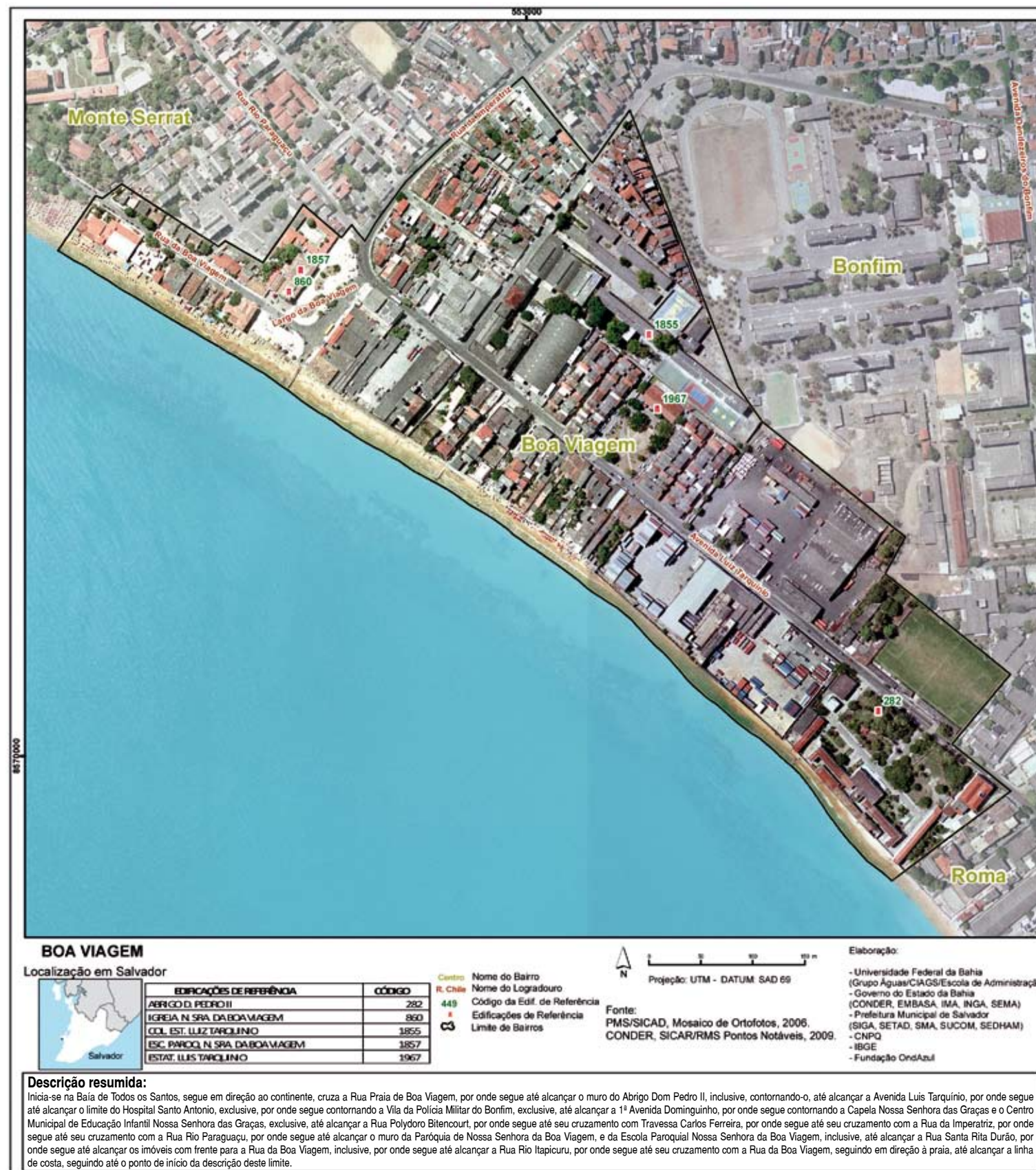
Na história deste bairro merece destaque a antiga vila operária

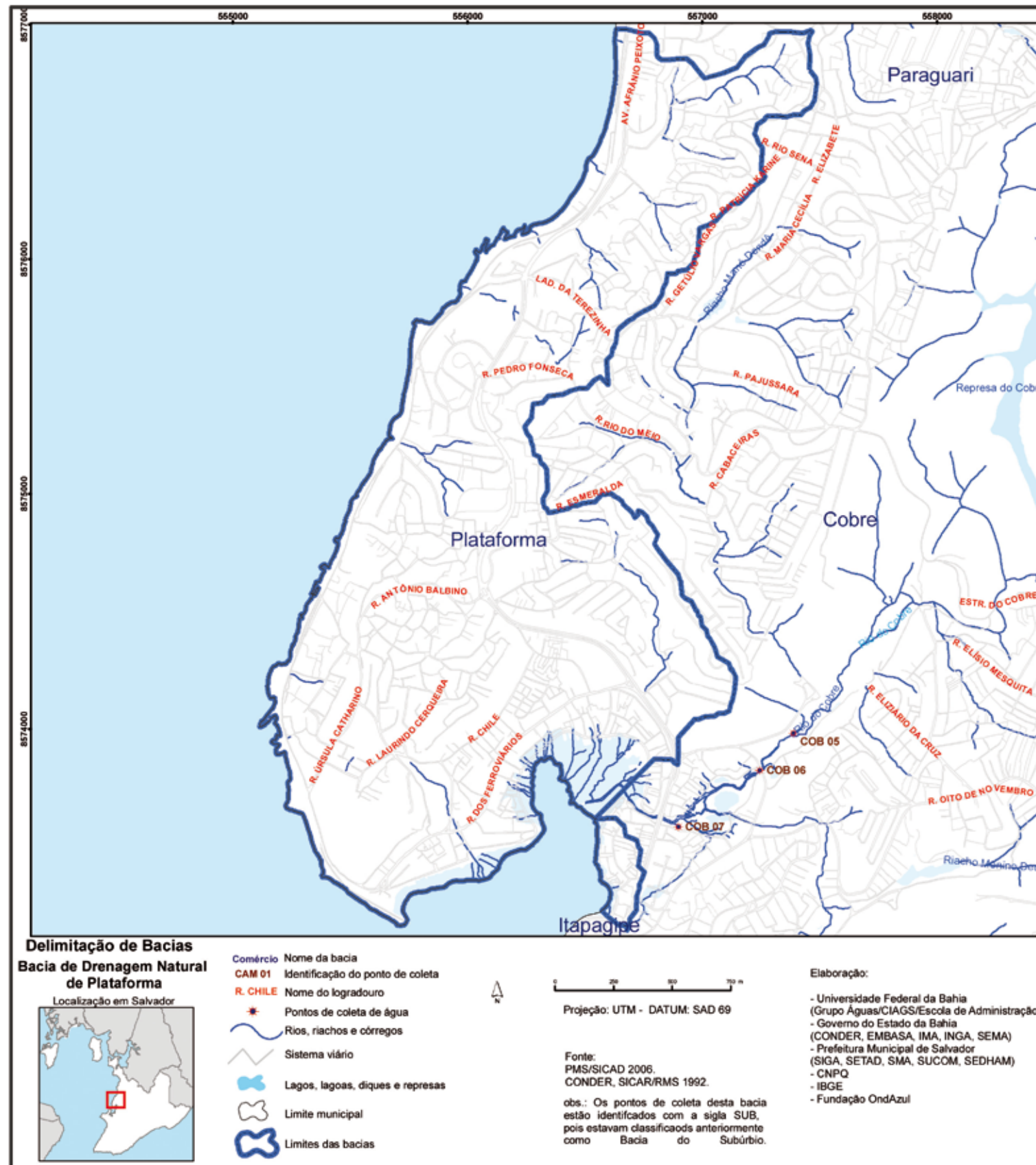
da Boa Viagem, a primeira de Salvador. Construída por Luiz Tarquínio para abrigar os funcionários da Empório Industrial do Norte, a vila contava com praça arborizada, dois coretos, farmácia, armazém, biblioteca e os filhos dos funcionários tinham acesso à educação, além dos cursos noturnos para adultos; creche, assistência médica e dentária. O projeto da Vila foi inspirado nos condomínios operários britânicos e sua inauguração deu-se no ano de 1892 – a pretensão de Luiz Tarquínio era fazer dessa vila a melhor nesse estilo.

Em Boa Viagem existe o **Colégio Estadual Luiz Tarquínio**, a **Escola Estadual Luiz Tarquínio**, a **Escola Municipal Dr. Augusto Lopes Pontes** e o **Abrigo Dom Pedro II**. Em anexo à Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, existe um prédio construído com a finalidade de abrigar pessoas portadoras de problemas mentais. Esta casa de recuperação foi doada por D. Lorenço Maria à Ordem dos Franciscanos, em 1710.

A **Praia da Boa Viagem** tem formação de arrecifes, com piscinas naturais e vista panorâmica para o Farol da Barra. Margareth Menezes lamenta que hoje a praia esteja poluída, pois o banho de mar na Praia da Boa Viagem sempre foi muito bom.

A Boa Viagem possui uma população de 3.328 habitantes, o que corresponde a 0,14% da população de Salvador; concentra 0,15% dos domicílios da cidade, estando 22,04% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 47,60% dos seus chefes de família têm entre 11 a 14 anos de estudo.





Bacia de Drenagem Natural de Plataforma

Localizada na região do Subúrbio Ferroviário de Salvador, a Bacia de Drenagem Natural de Plataforma possui uma área de 3,961km², com uma população de 63.313 habitantes, correspondente a 2,59% da população de Salvador. Pertencem a essa bacia os seguintes bairros: Plataforma, Itacaranha, Alto da Terezinha e Praia Grande. Sua densidade populacional de 1,28hab./km² e os índices mais expressivos de renda mensal dos chefes de família dessa bacia encontram-se distribuídos nas seguintes faixas: 22,13% mais de meio a 1 SM e 22,69% entre 1 a 2 SM.. Esses mesmos chefes de família possuem como índices de escolaridade mais significativos, os seguintes percentuais: 34,67% entre 4 a 7 anos de estudo e 19,41% entre 8 a 10 (IBGE, 2000).

O bairro de Plataforma, que dá nome à bacia – assim como os demais bairros que dela fazem parte – situa-se no Subúrbio Ferroviário de Salvador, banhado pelas águas da Enseada do Cabrito e da Baía de Todos os Santos. Essa área tem um histórico relacionado à construção de várias indústrias, dentre elas a Fábrica de Tecidos São Braz.

Essa Bacia, assim como toda a área do Subúrbio Ferroviário de Salvador, possui um solo do tipo massapé, que de acordo com especialistas, embora seja resistente quando seco, se expande sob a ação da água sofrendo grandes deformações, resultantes da decomposição do calcário. Esta área da Cidade foi, portanto, edificada sobre a falha geológica em uma região rica em solo que se expande com a umidade e se contrai com a seca, causando grande instabilidade. Desta forma, a expansão urbana em área com essas características, associada aos processos de impermeabilização do solo, provoca processos erosivos que culminam com os deslizamentos de terra e enchentes.

Na bacia de drenagem natural de Plataforma existe o canal de drenagem pluvial Aliança em Escada, o Canal da Terezinha, a macrodrenagem da Ilha Amarela, a macrodrenagem da Rua dos Ferroviários e os sangramentos dispersos do Dique de Campinas para a enseada do Cabrito, como ocorre com o Canal da Travessa União. Torna-se necessária a adequada manutenção desta rede de drenagem

pluvial, merecendo especial atenção para o descarte de lixo nas vias públicas e nas redes de drenagem, o que contribui para o assoreamento das mesmas e para a inundação nos períodos de chuva intensa.

A qualidade das águas dessa Bacia que não foi monitorizada sofre alterações devido aos materiais e substâncias carreados pela drenagem pluvial, bem como ao lançamento de esgotos sanitários de domicílios ainda não ligados à rede coletora do sistema público de esgotamento sanitário ou que não dispõem de solução para o destino adequado dos excretas humanos e das águas servidas.



Enseada do Cabrito

● PRAIA GRANDE

O bairro de **Praia Grande** era constituído de terras com fazendas de gado e cana de açúcar. O transporte das mercadorias ali produzidas para exportação era feito de barcos, caravelas, galeões e canoas.

Toda a região era repleta por fazendas e, desde a época de sua povoação, este local recebeu o nome de Praia Grande. Dizia-se também que essa região era formada por áreas alagadiças e por pomares, onde se podia descansar à sombra das árvores.

Antes da Segunda Guerra Mundial, Praia Grande era refúgio de proprietários de terra e de indústrias, localizadas em Salvador e sua região. A partir da década de cinquenta, o bairro foi sendo ocupado pela população situada nas menores faixas de renda, o que foi dan-

do, aos poucos, a sua atual configuração. Praia Grande fica localizada entre Periperi, Itacaranha e Alto da Terezinha.

Hoje, o local é habitado por pescadores, professores e trabalhadores do comércio informal. Apresenta ainda casarões e chácaras, registros de um tempo que já não existe mais. Em Praia Grande também pode ser encontrado um pequeno comércio, a Vara Distrital da Justiça, Circunscrição Policial, associações de moradores, agremiações recreativas, empresas de transporte coletivo, escolas públicas e da rede privada.

Praia Grande possui uma população de 4.998 habitantes, o que corresponde a 0,20% da população de Salvador; concentra 0,19% dos domicílios da cidade, estando 21,3% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 31,5% dos seus chefes de família têm entre 11 a 14 anos de estudo..



Vista da Rua Noêmia Fagundes, 2009

Foto: Tony Biliencourt, 2009





Vista da Baía de Todos os Santos

Foto: Tommy Bittencourt

ALTO DA TEREZINHA

“Há cinquenta anos, aqui era tudo mato, tinha muitas árvores e nascentes de rios e pouquíssimas casas. Não havia ônibus, somente o trem. Tínhamos que descer para pegá-lo, não existia pista, era uma trilha que, quando chovia, era lama pura. Precisávamos lavar o pé na maré para pegar o trem. Depois começaram a trazer cascalho e posteriormente chegou o asfalto, o que melhorou a vida da comunidade”. Dessa maneira, Claudionor Bispo da Paixão, líder comunitário, descreve o bairro **Alto da Terezinha** e a vida dos seus moradores, no passado.

Claudionor da Paixão diz ainda que hoje as nascentes estão poluídas e os minadouros sumiram. O **Rio da Terezinha**, muito utilizado, no passado, para pesca, lavagem de roupa e para banhos, atualmente está bastante poluído, devido, entre outras coisas, ao lançamento de águas servidas pelas ocupações espontâneas em seu entorno. Para ele, ainda hoje, o bairro carece de infra-estrutura.

Os principais equipamentos deste bairro são: o **Colégio Muni-**

pal Santa Terezinha, a **Escola Municipal Pinheiro**, o **Colégio Estadual Sara Violeta de Melo Kertezs** e a **Unidade de Saúde da Família**. O bairro também abriga a **Igreja de Santa Terezinha**, considerada por Paixão uma referência no bairro. Aos jovens são oferecidos cursos profissionalizantes pela **Associação Criança e Família**, apesar desta estar localizada no Rio Sena.

Segundo o líder comunitário, o nome do bairro está relacionado à Escola Municipal Santa Terezinha. “Quando eu nasci, em 1953, já existia esse colégio e o bairro também já tinha esse nome. Descobri outra denominação”.

Entre as revelações do bairro, Claudionor da Paixão destaca o morador e jogador de futebol Oseias. Ele conta que o jogador, artilheiro do Campeonato Brasileiro pelo Atlético, em 1996, “nasceu” no campo de futebol de Santa Terezinha.

O Alto da Terezinha possui uma população de 15.812 habitantes, o que corresponde a 0,65% da população de Salvador; concentra 0,60% dos domicílios da cidade, estando 29,3% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 36,04% dos seus chefes de família têm entre 4 a 7 anos de estudo.



ALTO DA TEREZINHA

Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
COL. EST. SARAVOLETA DE MELO KERTEZS	424
ESC. MUN. ARMANDO CARNEIRO DA ROCHA	423
ESC. MUN. STA. TEREZINHA	1442
ESC. MUN. DURVAL PINHEIRO	1727
ESC. MUN. DEP. CRESTOVÃO FERREIRA	1560
EST. FERROV. ESCADA	2872

Centro Nome do Bairro
R. Chile Nome do Logradouro
449 Código da Edif. de Referência
CS Edificações de Referência
CS Limite de Bairros



Projecção: UTM - DATUM SAD 66
Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006, CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
- Universidade Federal da Bahia (Grupo Água/CIAGS/Escola de Administração)
- Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
- Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
- CNPQ
- IBGE
- Fundação OndAzul

Descrição resumida: Inicia-se na linha de costa, na altura do cruzamento da Rua Almeida Brandão com a Avenida Beira Mar, por onde segue até cruzar a Avenida Afrânio Peixoto, por onde segue pela Rua Ademir Peixoto, seguindo até alcançar a Rua Nova Aliança. Segue contornando o fundo dos imóveis com frente para a Rua Belo Horizonte, até alcançar a Rua Direta do Cruzeiro, por onde segue até alcançar a Rua Nossa Senhora de Lourdes, por onde segue até alcançar a Travessa Saramandaia, por onde segue até alcançar a 1ª Travessa Rio Sena de Cima. Segue até alcançar a Praça Rio Sena, por onde segue até alcançar o cruzamento com a Rua Patrícia Karine, por onde segue até alcançar o cruzamento com a Rua Madalena Pontes Mendes, por onde segue até alcançar o cruzamento com a Rua São Jorge, por onde segue até alcançar o vale situado no fundo dos lotes dos imóveis com frente para a Rua Cardeal Jean, por onde segue até alcançar a Rua Direta da Terezinha, por onde segue até alcançar o cruzamento com a Rua Pajussara, seguindo até alcançar a Vila Francismar, por onde segue até alcançar o cruzamento com a Avenida Teskei, por onde segue até alcançar o cruzamento com a Rua Nilton Lopes, por onde segue até a Rua da Cascata, por onde segue até contornar o fundo dos imóveis com frente para a Rua Bela Vista, seguindo até alcançar a Avenida Carlota Joaquina, seguindo até alcançar a Ladeira da Terezinha, por onde segue até alcançar a Rua Pedra Azul, por onde segue até alcançar a Rua Almeida Brandão, seguindo até alcançar a linha de costa, por onde segue até o ponto de início da descrição do limite desse bairro.



Estação de Trem de Itacaranha, 2009

ITACARANHA

Situado no **Subúrbio Ferroviário de Salvador**, o bairro de **Itacaranha** já teve um passado bucólico, quando era apenas um local de veraneio e moradia dos pescadores locais. Segundo Jorge Francisco Mota, presidente da **Associação de Moradores de Itacaranha**, até hoje existem ali as casas de veraneio antigas, depredadas pelo tempo.

Há quarenta anos, “aqui *tinha muito mato, onde viviam diferentes animais, existiam raposas, cobras, macaquinhos... o único transporte era o trem, havia poucas casas, podíamos contar as casas do bairro*”, diz Jorge Francisco Mota. Hoje, apesar da configuração urbana ser bastante diferente e do desenvolvimento do comércio local, o bairro é servido apenas pelo **Colégio Estadual Cleriston Andrade** e um **Posto de Saúde da Família**.

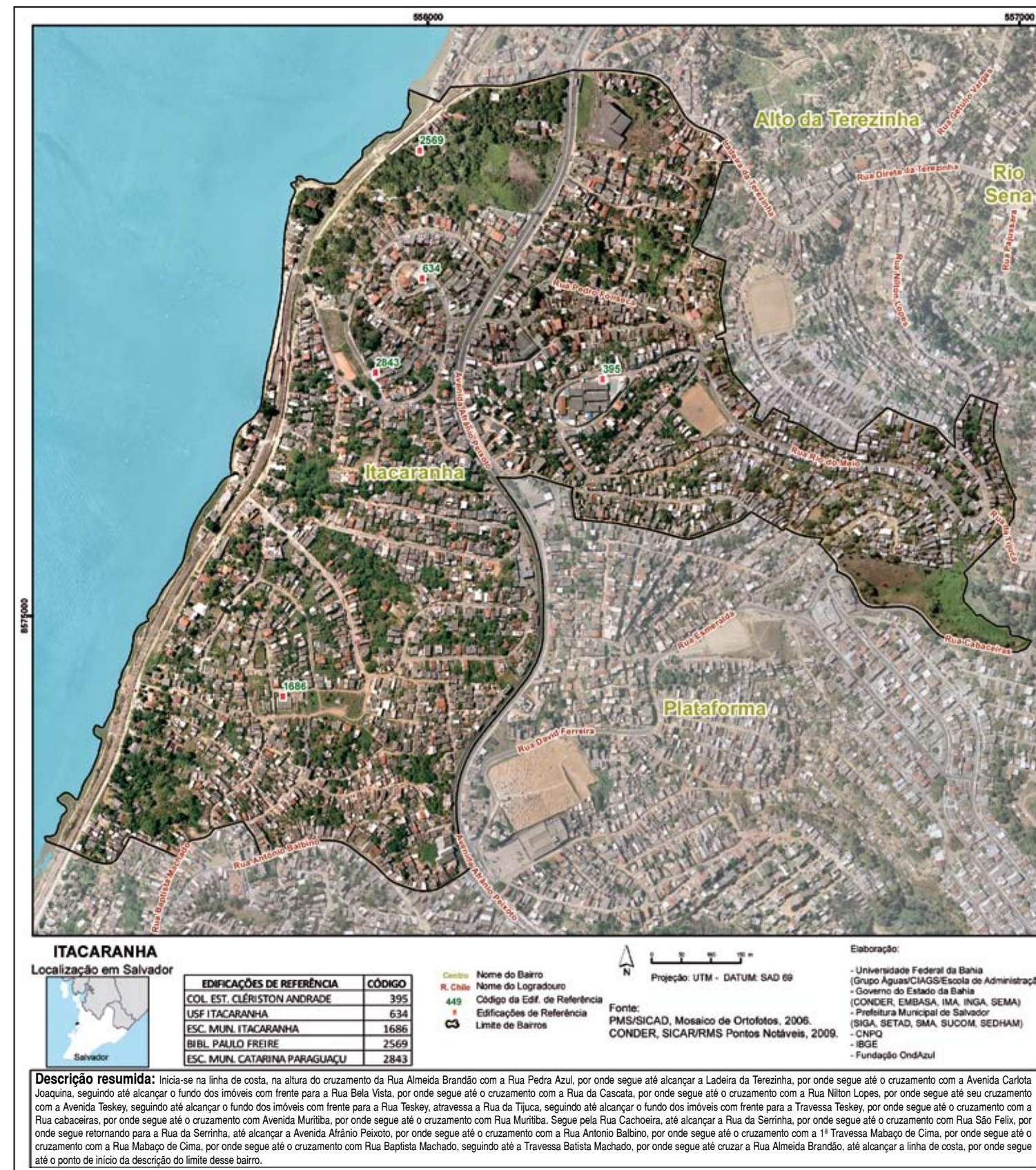
Atrás da estação ferroviária fica a **Praia de Itacaranha**, muito conhecida como “Praia do Oi”. Para Mota, essa praia já foi referência em todo o subúrbio e hoje é o símbolo do bairro, com suas poucas barraquinhas. Ele conta que, no segundo domingo de agosto, acontece na comunidade a **Festa de Nossa Senhora**, padroeira do bairro. “*Acontece novena, procissão pelas ruas, depois tem bingo e seresta*”. Entre as revelações do bairro, Jorge Mota des-

taca a presença do pintor e artista plástico, conhecido na cidade como Menelau Sete.

Itacaranha possui uma população de 15.096 habitantes, o que corresponde a 0,62% da população de Salvador; concentra 0,60% dos domicílios da cidade, estando 24,8% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 32,6% dos seus chefes de família têm entre 4 a 7 anos de estudo.



Igreja Nossa Senhora de Escada, 2009





Praça São Brás – Plataforma - 1971

Fundação Gregório de Matos

● PLATAFORMA

Com muitas ladeiras e casas antigas, o bairro de Plataforma possui uma das mais privilegiadas vistas de Salvador, de onde se pode ver a Cidade Alta, a Ilha de Itaparica, a Ilha de Maré e a Ribeira. O nome do bairro surgiu por conta da existência de uma fortificação do século XVI, situada onde hoje se localiza a fábrica São Braz.

Para o historiador Cláudio Silva, havia um engenho movido por bois, aos pés do morro, onde estava a plataforma de defesa de Vicente Álvares, com canhões para a proteção e segurança da freguesia de Pirajá. A história da fortificação está, como a de muitos outros Fortes, ligada à defesa de Salvador, contra as invasões, principalmente de holandeses. Em 16 de abril de 1638, o príncipe holandês, Maurício de Nassau, desembarcou na praia de Plataforma.

Em 1851, o fazendeiro Almeida Brandão construiu uma usina que, nove anos depois, foi transformada na Fábrica São Braz. Essa fábrica produzia o tecido que abastecia, inclusive, boa parte do Nordeste. Conta a lenda que, do piso até o telhado da fábrica, todos os materiais teriam vindo, em navio, da Europa e que até mesmo os engenheiros e arquitetos eram ingleses. Ainda outra fábrica compõe a história de Plataforma: a União Fabril dos Fiais, de propriedade da família Martins Catharino. Essas fábricas tiveram grande importância para o bairro, uma vez que foi a sua instalação que estimulou o povoamento da região.

Por volta de 1638, os jesuítas ergueram de “taipa”, próxima a uma aldeia indígena, a Capela de São Brás. Um ano depois, ela serviu de abrigo para os invasores holandeses. Em 1919, essa capela foi re-

formada e a imagem de São Brás, levada para restauração em Portugal – e nunca mais voltou. A imagem existente hoje na igreja foi trazida pela família Almeida Brandão, dona da fábrica São Braz. No dia 3 de janeiro, acontece a festa do padroeiro do bairro, com lavagem da capela e banda de música.

O bairro tem um local chamado Morada de Oxum, onde existem quedas d’água, porém impróprias para banho, devido ao comprometimento da qualidade das suas águas. Antigamente, era um lugar muito utilizado para banhos e lazer.

Plataforma possui uma população de 28.286 habitantes, o que corresponde a 1,16% da população de Salvador; concentra 1,08% dos domicílios da cidade, estando 22,69% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 34% dos seus chefes de família têm entre 4 a 7 anos de estudo.



Fundação Gregório de Matos

Enseada do Cabrito, século XX



PLATAFORMA

Localização em Salvador



EDIFICAÇÃO DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
COL. EST. PLATAFORMA	1903
UNID. EMERG. PLATAFORMA	403
COL. EST. DE SÃO ROBERTO DE SOUZA	399
ESC. MURAL LUISA GALVÃO	1817
ESC. DEBIL. PLATAFORMA	402
BIBL. PROF. MILTON SANTOS	2567
IMPIPA	2568
USF SÃO ANTONIA	2941
UNID. BARR. PLATAFORMA	398
BARR. ALDO DO BARRIO	2987

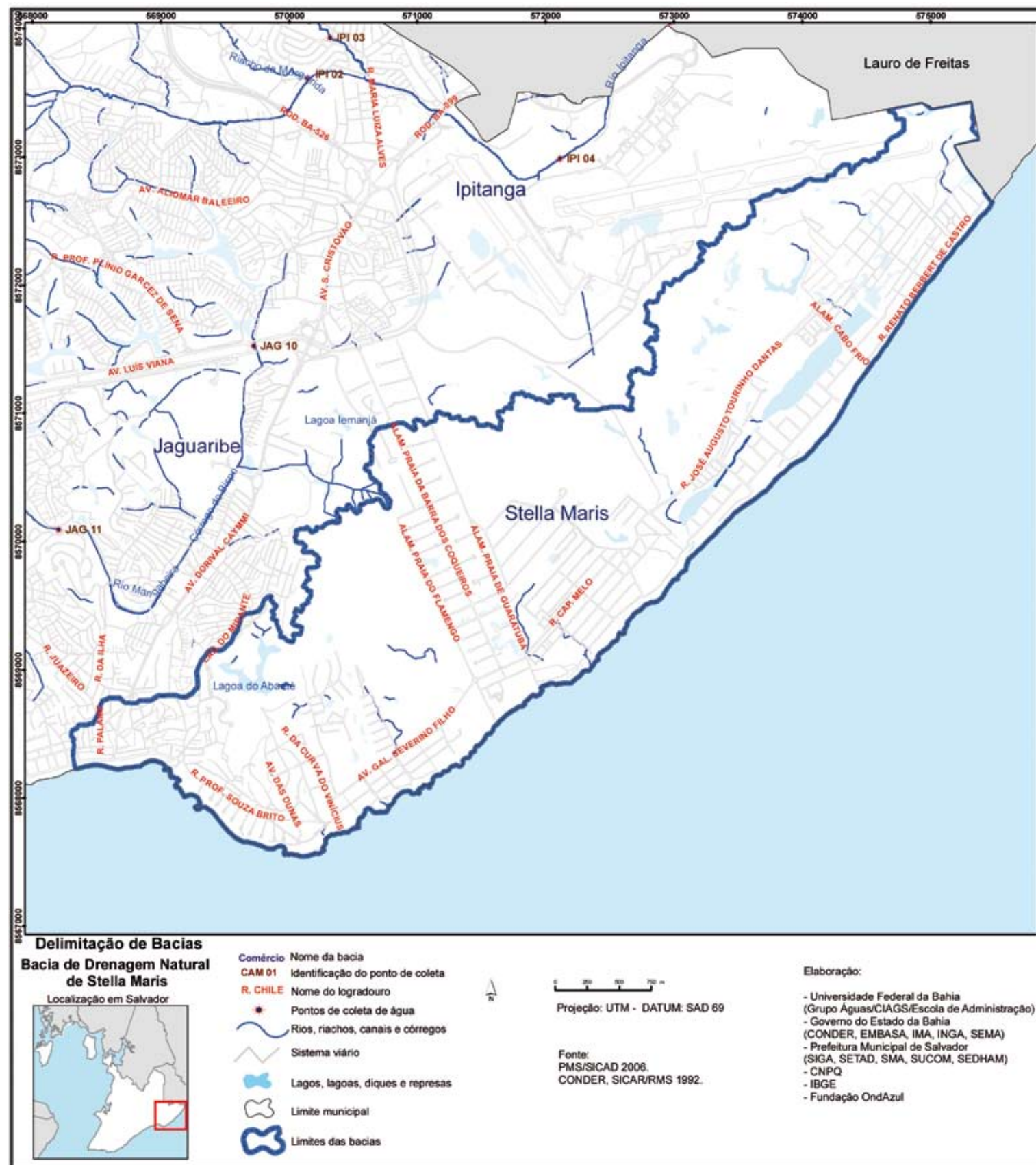
- Centro Nome do Bairro
- Il. Chile Nome do Logradouro
- 449 Código da Edif. de Referência
- Edificações de Referência
- CS Limite de Bairros

Projeção: UTM - DATUM SAD 69

Fonte: PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006. CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
 - Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - CNPO
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Descrição resumida: Inicia-se na linha de costa, por onde segue até alcançar o prolongamento da Travessa Sá Oliveira, por onde segue até o cruzamento com a Rua Almeida Brandão, por onde segue até o cruzamento com a Rua São Paulo, por onde segue até o cruzamento com Rua formosa São João, por onde segue até o cruzamento com a Rua Chile, por onde segue até o cruzamento com a Rua dos Araçás, por onde segue até o cruzamento com a Avenida Afrânio Peixoto, por onde segue até o cruzamento com a Rua São Bartolomeu, seguindo até alcançar a Estrada do Cabrito, por onde segue contornando a área arborizada do Parque São Bartolomeu, exclusive, por onde segue até alcançar a Rua Cabaceiras, por onde segue até alcançar o prolongamento da Vila Franciscar, seguindo até alcançar o fundo dos imóveis com frente para a Vila Teskey, até cruzar a Rua Tijuca, seguindo até alcançar o fundo dos imóveis com frente para a Travessa Teskey, seguindo até alcançar a Rua cabaceiras, por onde segue até o cruzamento com Avenida Muritiba, por onde segue até o cruzamento com Rua Muritiba. Segue pela Rua Cachoeira, até alcançar a Rua da Serrinha, por onde segue até o cruzamento com Rua São Felix, por onde segue retornando para a Rua da Serrinha, até alcançar a Avenida Afrânio Peixoto, por onde segue até o cruzamento com a Rua Antonio Balbino, por onde segue até o cruzamento com a 1ª Travessa Mabaço de Cima, por onde segue até o cruzamento com a Rua Mabaço de Cima, por onde segue até o cruzamento com Rua Baptista Machado, seguindo até a Travessa Batista Machado, por onde segue até cruzar a Rua Almeida Brandão, até alcançar a linha de costa, por onde segue até o ponto de início da descrição do limite desse bairro.



Bacia de Drenagem Natural de Stella Maris

Localizada na porção extremo nordeste do Município, a Bacia de Drenagem Natural de Stella Maris possui uma área de 13,189km² com uma população de 26.141 habitantes, que corresponde a 1,0% dos moradores de Salvador. Sua densidade populacional de 4,27hab./km² e os índices mais expressivos de renda mensal dos chefes de família desta bacia encontram-se distribuídos nas seguintes faixas: 22,51% entre 5 e 10 SM e 14,70% com mais de 20 SM. Esses mesmos chefes de família possuem como índices de escolaridade mais significativos as seguintes percentuais: 42,93% entre 11 a 14 anos de estudo e 26,17% acima de 15 anos. (IBGE, 2000)

Pertencem a essa bacia os bairros de Itapuã e Stella Maris. O bairro de Itapuã, imortalizado pela poesia de Vinícius de Moraes, é um local à beira-mar, que abriga uma população com características socioeconômicas variadas, da Colônia de Pescadores (Z-3) aos moradores dos modernos *villages*. Localiza-se nesse bairro a Lagoa do Abaeté.

O bairro de Stella Maris é também litorâneo e fica situado nos limites do município de Salvador com o de Lauro de Freitas, distante, aproximadamente, 24km do centro da cidade e sediando o Aeroporto Internacional de Salvador. As praias de Stella Maris e Flamengo são as preferidas dos jovens para a prática de esportes como o *surf*, o *jet-ski* e o *bodyboard* e há muito tempo vem mantendo-se como *points* do verão em Salvador.

O processo de urbanização da área teve início nas décadas de 1960/1970, sendo que as duas últimas décadas do século XX representaram um vertiginoso crescimento urbano para esta bacia, com a predominância dos condomínios do tipo *village* em toda a área. Apesar de contar com muitas moradias de caráter permanente, os bairros dessa Bacia ainda são escolhidos para veraneio. Essa acelerada urbanização gerou várias consequências, dentre elas, a impermeabilização de extensas áreas, o que vem se refletindo na redução dos espelhos d'água nos períodos de estiagem, bem como no aumento do escoamento superficial das águas de chuva.

A vegetação característica dessa bacia é a restinga, com predominância de gramíneas e muitas dunas. Também são encontrados muitos exemplares de coqueiros, plantados para produção de coco nas fazendas do litoral.

Existem algumas lagoas em avançado estágio de eutrofização. Parte da área dessa Bacia está situada dentro da APA das Lagoas e Dunas do Abaeté (Dec. Estadual n. 351/87) e no Parque Municipal com o mesmo nome, instituído pela Lei Municipal n. 3.932/88, com uma área de 1.410ha, caracterizado pela presença de extensas dunas com vegetação típica de restinga, que margeiam a Lagoa do Abaeté.

A intensificação do processo de urbanização dessa Bacia vem provocando mudanças na paisagem natural, dando lugar a estruturas de concreto que substituem a cobertura vegetal original e alteram o comportamento do escoamento superficial, criando assim obstáculos para o movimento natural das águas pluviais, por meio da impermeabilização do solo com a pavimentação de ruas, calçadas e edificações.

Apesar da aceleração do adensamento de ocupação por meio de loteamentos e condomínios, essa Bacia não foi contemplada com um planejamento do sistema de drenagem pluvial público e os investimentos imobiliários restringem suas obras à área do empreendimento, muitas vezes promovendo o aterro de pequenas lagoas de retenção. Será necessário determinar, para os novos empreendimentos, o estabelecimento de medidas adequadas ao desenvolvimento da drenagem pluvial urbana. Uma ação indispensável é a implantação de medidas compensatórias, como as áreas de infiltrações naturais ou artificiais, como pavimentos permeáveis, trincheiras de infiltração e reservatórios residenciais que aumentam a infiltração e retardam o escoamento, controlando na fonte a questão da drenagem, mantendo as vazões máximas iguais ou menores às condições naturais, afinal, a solução mais viável para proteger-se contra as cheias urbanas é interceptar a água da chuva antes que esta atinja a rede de drenagem pluvial.

A qualidade das águas dessa bacia não foi monitorizada e sofre alterações devido aos materiais e substâncias carreados pela drenagem pluvial, bem como ao lançamento de esgotos sanitários de domicílios não conectados à rede coletora do sistema público de esgotamento sanitário, onde existente, ou que não dispõem de solução para o destino adequado dos excretas humanos e das águas servidas.

ITAPUÃ

Situado na **Orla Atlântica de Salvador**, os índios foram os primeiros habitantes do que hoje é o bairro de **Itapuã**, vocábulo de origem tupi que significa “pedra de ponta”. Até meados do século XX, o bairro era pouco povoado, só morava “a gente”, que trabalhava por lá ou nas proximidades. Francisca Passos, moradora do bairro, diz: “quando chegaram os primeiros transportes de cargas por terra, vieram os veranistas. Em 1933 havia um caminhão pau-de-arara que trazia pessoas e cargas da Calçada. Vinha pelo caminho que hoje é a Estrada Velha do Aeroporto (atual Avenida Aliomar Baleeiro)”.

Fundação Gregório de Matos



Nesse tempo, mesmo com a construção da **Avenida Otávio Mangabeira** na década de cinquenta, Itapuã ainda era um lugar bucólico, que mais tarde serviria de inspiração para Toquinho e Vinícius de Moraes cantarem em *Tarde em Itapuã* os encantos do lugar. Somente no final dos anos sessenta, Itapuã se transformou em um dos pontos de articulação entre o centro da cidade e a emergente zona industrial da Região Metropolitana de Salvador, o que estimulou a ocupação do bairro.

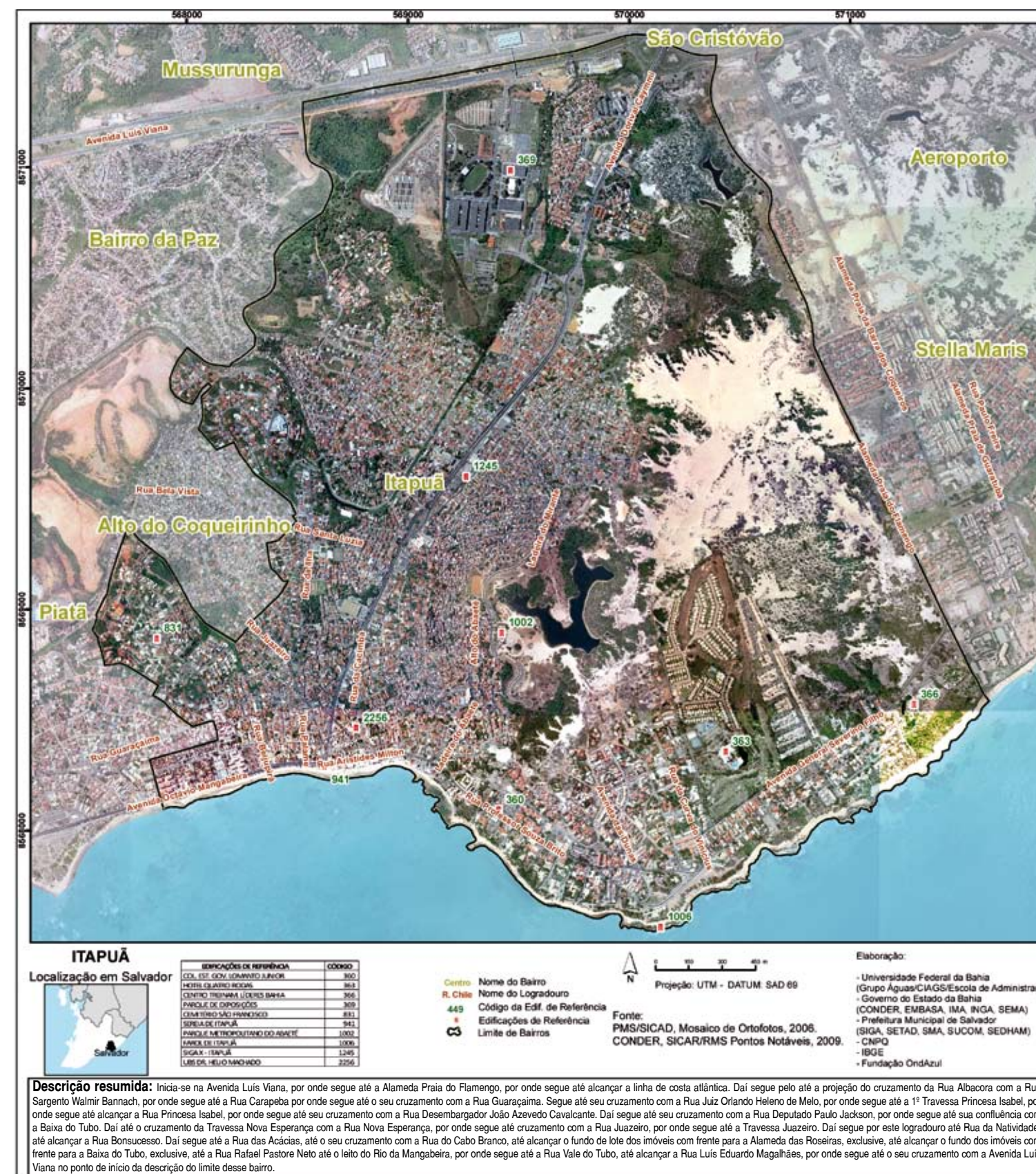
Ainda hoje Itapuã preserva uma grande singularidade entre os bairros de Salvador – pitoresco em suas paisagens naturais, sugestivo para “passar uma tarde” e plural em suas manifestações – este lugar guarda em sua história momentos significativos da vida cultural, religiosa e festiva da cidade. A **Lavagem de Itapuã** é uma referência importante para o bairro. Essa festa teve início há mais de 100 anos e inicialmente foi uma homenagem, dos arpoadores de baleia e depois dos pescadores e marisqueiras, a Yemanjá (Nossa Senhora da Conceição, no sincretismo religioso). Na década de sessenta os governos estadual e municipal criaram um calendário oficial de festas populares e esta festa passou a acontecer sempre na quinta-feira da semana anterior ao carnaval. Desde então, a Lavagem de Itapuã tornou-se uma festa que mistura o sagrado e o profano, lava-se as escadarias da **Igreja Nossa Senhora da Conceição de Itapuã** (existente desde 1625, como capela), com um ritual religioso e em seguida, com os trios elétricos tocando. **A Festa da Baleia** também tem um significado especial em Itapuã. Idealizada em 1987 pelo compositor e escritor Waly Salomão, para Yves Quaglia, morador do local e coordenador da Agenda 21, essa festa é um momento mu-

to significativo para a população do bairro, “a festa tem um caráter de resgate. Relembra a pesca da baleia, antigamente uma atividade muito importante para a economia de Itapuã. Ocorre na quarta-feira de cinzas, com o cortejo de uma réplica da baleia Jubarte, desfilando em carro alegórico. Os moradores oferecem presentes à baleia, que no final, é jogada ao mar”.

Entre as principais referências do bairro, estão a **Lagoa do Abaeté**, o **Farol de Itapuã** e o **Bloco Afro Male Debalê**. A Lagoa do Abaeté, durante muito tempo, foi uma das principais fontes de renda das pessoas do bairro, que pescavam e lavavam roupas. Hoje, este ecossistema compõe o **Parque do Abaeté** e foi transformada em área de preservação ambiental. O Farol de Itapuã, erguido sobre a pedra de Piraboca, em dezembro de 1873, além de ser um cartão postal da cidade, até hoje serve de orientação para os navegantes, uma vez que essa é uma área cercada por recifes. O Bloco Malê Debalê foi fundado em 1979 por um grupo de moradores do bairro; seu nome é uma homenagem aos Malês, negros muçulmanos que lutaram contra o processo de escravidão, protagonistas de uma grande revolta no século XIX em Salvador.

Os principais equipamentos do bairro são: o **Centro Comunitário Esportivo de Itapuã**; o **Colégio Estadual Lomanto Júnior**; a **Praça Dorival Caymmi** e a **Praça Vinícius de Moraes**

Itapuã tem aproximadamente uma população de 53,706 habitantes, o que corresponde a 2,20% da população de Salvador, concentra 2,17% dos domicílios da cidade, estando 18,54% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 30,79% dos chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.



● STELLA MARIS

Stella Maris situa-se na **Orla Atlântica de Salvador** e “ainda guarda os encantos de um lugar de veraneio”. Sormani Ferraz Teixeira, presidente da ONG Amil Lagoas, afirma que antigamente a região compreendia a Fazenda Paranaguá e as terras da DEIL CONSTRUTORA LTDA – e que aos poucos toda a área foi sendo loteada. “Em 1978, foi inaugurado o Loteamento Praia do Flamengo, entretanto, os grandes condomínios surgiram a partir de 1995 com o boom imobiliário”. Teixeira ressalta ainda que a PETROBRÁS contribuiu muito com o crescimento deste bairro ao comprar uma grande área e construir um clube e um condomínio para seus funcionários.

Conforme Paulo César Sales, morador do local, o bairro de Stella Maris “não tinha estrada, transporte, água encanada e esgotamento sanitário”, foi através da luta da Associação de Moradores que o bairro conseguiu a pavimentação das ruas e a melhoria da iluminação pública. Segundo Teixeira, o nome do bairro é uma homenagem à companheira de Dorival Caymmi, que se chamava Stella.

Para Sormani Teixeira, as dunas de restinga são uma grande referência do bairro, “o fato de ainda existirem essas dunas aqui em Stella Maris é muito importante, pois elas servem de escudo para a salinidade que vem do mar e para o reabastecimento dos lençóis fre-

áticos”. Ele explica ainda que a preservação das águas de Stella Maris está relacionada com as dunas, pois elas são fundamentais para a manutenção das lagoas que existem no local.

Teixeira afirma que muitas dessas lagoas são nascentes, ou seja, são olhos d’água que afloram do lençol freático. “As lagoas hoje estão totalmente antropizadas, houve uma desordem muito grande do ponto de vista ambiental. A **Lagoa do Flamengo**, por exemplo, apesar de artificial é um dos maiores espelhos d’água de Salvador”. A impermeabilização do solo gera problemas de drenagem e acaba por se refletir na diminuição dos espelhos d’água.

É muito comum no bairro a intervenção da iniciativa privada para a limpeza e drenagem das lagoas. Os moradores se preocupam com a preservação desse patrimônio ambiental e solicitam dos poderes públicos atenção com esse ecossistema, de modo inclusive a garantir a integridade das áreas de preservação ambiental.

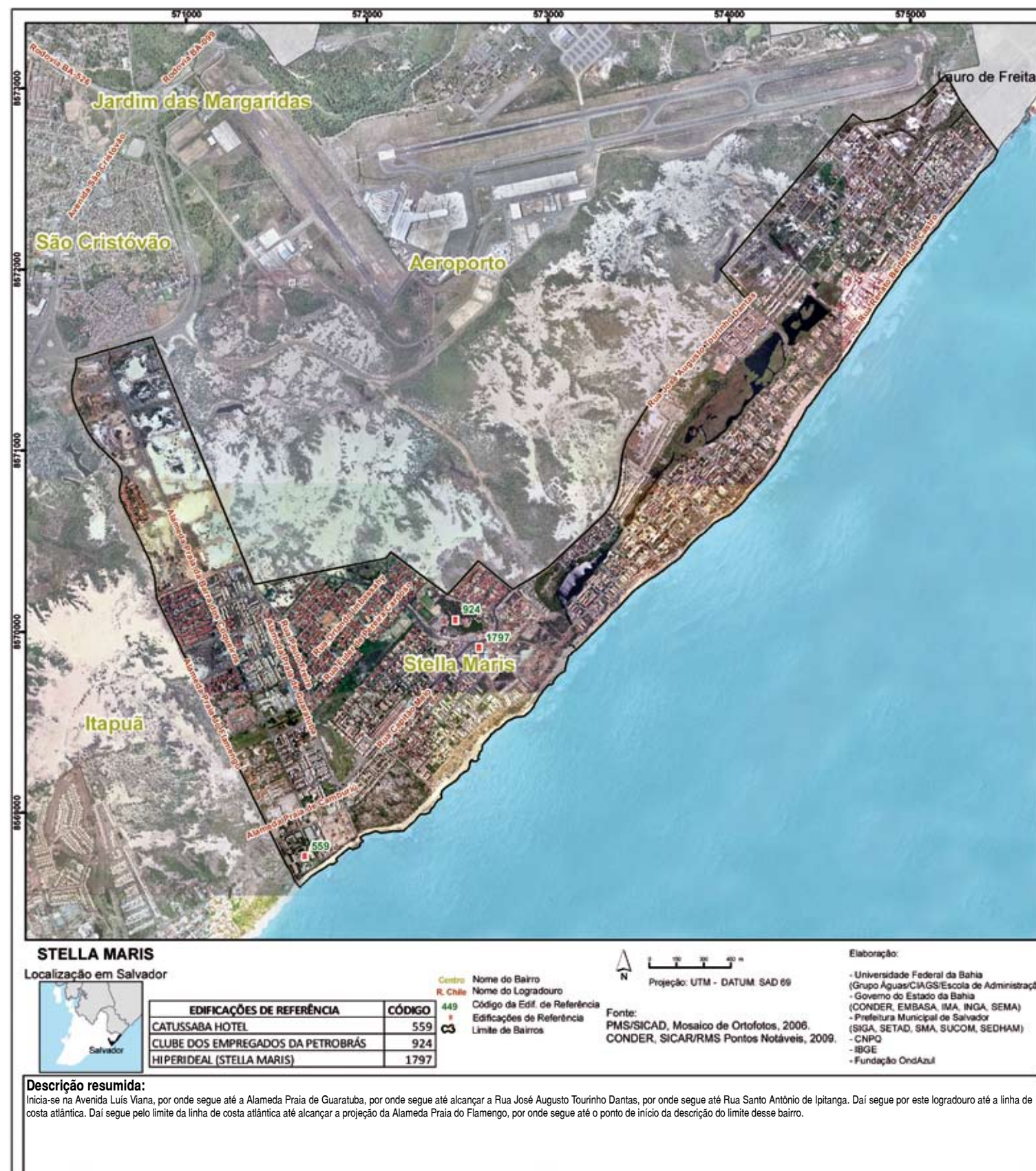
Em Stella Maris não existe uma festa que mobilize todo o bairro. Segundo Teixeira, o que existe são festas internas dos diversos condomínios existentes no local.

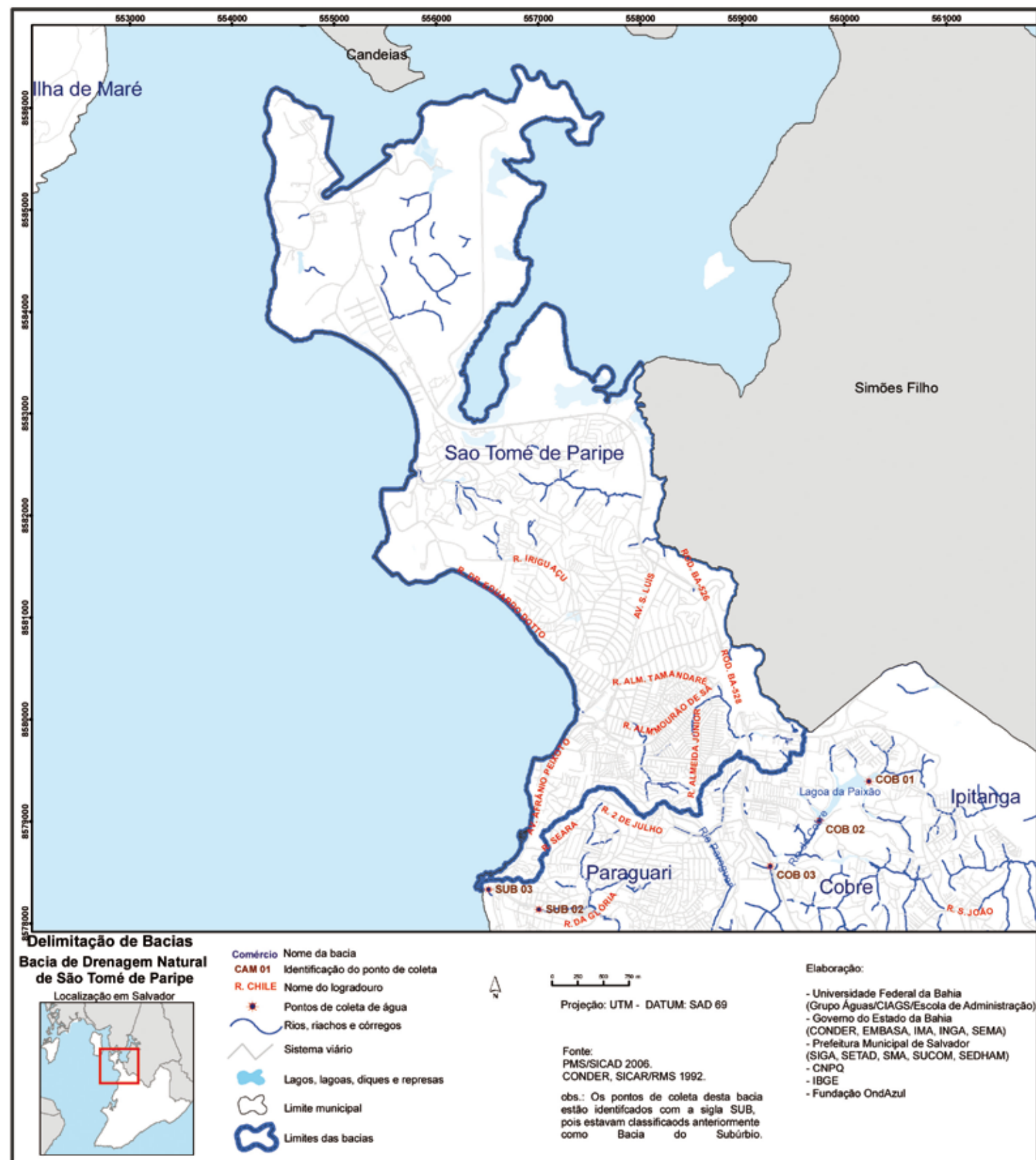
Stella Maris tem aproximadamente uma população de 10.057 habitantes, o que corresponde a 0,41% da população de Salvador, concentra 0,46% dos domicílios da cidade, estando 28,35,51% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 49,41% dos chefes de família têm de 11 a 14 anos de estudos.



Dunas de Stella Maris, a partir da Rua José Augusto Tourinho Dantas, 2009

Foto: Danilo Bandeira





Bacia de Drenagem Natural de São Tomé de Paripe

Localizada na extrema porção continental noroeste do Município, a bacia de drenagem natural de São Tomé de Paripe possui área de 15,809km², com uma população de 89.826 habitantes, que corresponde a 3,68% dos moradores de Salvador. Pertencem a essa bacia os bairros de São Tomé, Paripe e Fazenda Coutos. Sua densidade populacional é de 5,12hab./km² e os índices mais expressivos de renda mensal dos chefes de família encontram-se distribuídos nas seguintes faixas: 23,40% de meio a 1 SM e 23,02% entre 1 e 2 SM. Estes mesmos chefes de família possuem como índices de escolaridade mais significativos os seguintes percentuais: 19,40% de 1 a 3 anos de estudo e 35,31% de 4 a 7 anos de estudo (IBGE, 2000).

Alguns bairros que compõem essa bacia são litorâneos, com praias de águas tranquilas, sendo que algumas delas possuem áreas significativas com vegetação remanescente de Mata Atlântica, além de expressivo manguezal na Baía de Aratu.

Em São Tomé existe um manguezal, localizado próximo ao Quilombo do Tororó, que abriga uma variedade de animais típicos desse ecossistema e alimenta a maioria dos descendentes quilombolas. Segundo moradores locais, o quilombo vem sendo prejudicado pelo aterramento que ocorreu após a implantação da Companhia de Cimento São Salvador – COCISA, na década de 1960 e que funcionou até meados da década de 1990, que destruiu uma parte deste manguezal.

Outra questão ambiental significativa é a contaminação da Baía de Aratu por efluentes e resíduos industriais que geraram um passivo ambiental relacionado à contaminação da água, sedimentos e do próprio manguezal com metais pesados e hidrocarbonetos.

A ocupação dessa Bacia é bastante antiga, com um patrimônio religioso, como igrejas, que datam do século XVI. Na Praia de São Tomé está instalada a Base Naval de Aratu, bem próxima ao limite com o município de Simões Filho.

Merecem destaque no cenário cultural dessa Bacia o Centro de Artes e Cultura Deraldo Lima, o Centro de Cultura em Desenvolvimento Ecologia, a Galeria 13, a ruína da Igreja de Nossa Senhora do Ó, festa de São Roque, a Capoeira Bantos Brasil, além do já mencionado Quilombo do Tororó, em São Tomé, existente há vários séculos, formado originalmente por escravos pescadores que após a abolição continuaram com a atividade de pesca, passando então a comercializar o produto. Atualmente os quilombolas sobrevivem basicamente da pesca e do artesanato, mantendo a herança cultural de seus antepassados.

Essa bacia possui solo do tipo massapé, cuja característica é o aspecto pegajoso, textura argilosa, coloração escura e alto teor de fertilidade, porém, com alto grau de instabilidade em função da sua expansão sob as águas, tornando essa área vulnerável a deslizamentos de terra ou inundações. Portanto, as características pedológicas associadas aos processos de impermeabilização, tornam a área potencialmente propensa a riscos e a saturação dos canais de drenagem pluvial.

Os canais de macrodrenagem pluvial, em sua maioria, recebem a denominação das vias por onde passam ou de algum ponto de referência local, como é o caso dos canais da COCISA, São Luís, Tamarandé, da Bélgica e da Rua do Colégio da Fazenda Coutos. Além deles existem as contribuições para a bacia do rio Paraguari, interceptadas por elementos diversos, formando canais naturais no Parque Setúbal, acima da bacia anteriormente mencionada.

A qualidade das águas dessa bacia não foi monitorizada e sofre alterações devido aos materiais e substâncias carregados pela drenagem pluvial, bem como ao lançamento de esgotos sanitários de domicílios não conectados à rede coletora do sistema público de esgotamento sanitário, onde existente, ou que não dispõem de solução para o destino adequado dos excretas humanos e das águas servidas.





Fundação Gregório de Matos

● FAZENDA COUTOS

Localizado no **Subúrbio Ferroviário de Salvador**, o bairro **Fazenda Coutos** surgiu na década de oitenta a partir da transferência das famílias que habitavam a antiga ocupação das Malvinas. Pés de licuri, dendê e mato, eram o cenário da região.

O bairro abriga a **Frente Cultural**, um fórum de entidades da região, que costuma promover, além de “discussões livres”, eventos integrando os moradores do local. De todos os eventos, a **Feira de Artes das Escolas e Comunidade de Fazenda Coutos (FESC)** é o mais aguardado. Organizado durante todo o ano, nesta Feira de Artes, diferentes grupos apresentam-se e realizam oficinas. Próximo ao Natal um “faxinaço” no bairro também reúne os moradores – é um dia inteiro fazendo reparos em fachadas, pintando meio-fios, dentre outras atividades.

O **Centro Comercial Popular de Fazenda Coutos**, a **Praça Parque Jurema**, a **Associação Beneficente dos Moradores da 1ª Etapa de Fazenda Coutos** e a **Escola Comunitária Criança Feliz**, estão entre os principais equipamentos deste bairro.

Fazenda Coutos possui uma população de 23.059

habitantes, o que corresponde a 0,94% da população de Salvador; concentra 0,83% dos domicílios da cidade, estando 30,37% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 0,5 a 1 salário mínimo. No que se refere à escolaridade, constata-se que 37,49% dos seus chefes de família têm entre 4 a 7 anos de estudo.



Foto: Tonny Billencourt

Igreja de Santo Antônio



FAZENDA COUTOS

Localização em Salvador



EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
ESC. MUN. ESTHER FELIX DA SILVA	1445
ESC. MUN. ANTÔNIO PITHON PINTO	1637
ESC. MUN. FAZENDA COUTOS	1444
ESC. STO. ANTONIO DAS MALVINAS	1446
USF FAZ. COUTOS	2947
URBS FAZ. COUTOS	2943
CASA DO TRABALHADOR	2972
USF FAZ. COUTOS II	1682

Centro Nome do Bairro
 R. Chile Nome do Logradouro
 449 Código da Edif. de Referência
 Edificações de Referência
 CS Limite de Bairros

Projeção: UTM - DATUM: SAD 69

Fonte:
 PMS/SICAD, Mosaico de Ortofotos, 2006.
 CONDER, SICAR/RMS Pontos Notáveis, 2009.

Elaboração:
 - Universidade Federal da Bahia (Grupo Águas/CIAGS/Escola de Administração)
 - Governo do Estado da Bahia (CONDER, EMBASA, IMA, INGA, SEMA)
 - Prefeitura Municipal de Salvador (SIGA, SETAD, SMA, SUCOM, SEDHAM)
 - CNPO
 - IBGE
 - Fundação OndAzul

Descrição resumida:

Inicia-se nas proximidades do cruzamento da Via Bronze com a Rodovia BA-528, seguindo em direção ao vale situado próximo a Rua Álvaro Leitegel, cruzando-a, seguindo pelo vale até alcançar a Rua Almirante Mourão de Sá, por onde segue até o cruzamento com a Rua Santa Rosa, por onde segue até o cruzamento com a Rua José do Patrocínio, por onde segue até o cruzamento com a Rua Deodoro da Fonseca da Fraternidade, por onde segue até o cruzamento com a Rua São Lourenço, por onde segue em direção ao vale, atravessa a Travessa Manoel Fernandes e a Travessa Moema, incluindo as localidades Fazenda Coutos I, Fazenda Coutos II e Fazenda Coutos III, até alcançar a Rodovia BA-528, seguindo até o ponto de início da descrição do limite desse bairro.

● PARIPE

Localizado no **Subúrbio Ferroviário de Salvador**, o que hoje é o bairro de **Paripe**, em um passado longínquo fora um julgado, ou seja, um povoado com gestão independente. De acordo com Consuelo Pondé de Sena, Parí em tupi significa cercado, tapagem. Pari+pe (em, no, na) significa na cerca, na tapagem. É um termo muito usado na pescaria para indicar curral de aprisionar peixe. Conforme Mauro Carreira, autor do livro Bahia de Todos os Nomes, Paripe é um vocábulo de origem indígena “que significa ‘cercado de peixe’, era um aparelho (paripe) feito de varas pelos indígenas e colocado dentro dos rios”.

Segundo o historiador Cid Teixeira: “Paripe é uma coisa interessante porque na verdade, embora faça parte da cidade de Salvador, foi anexado judicialmente à cidade muito depois da fundação. No século XVIII, Paripe ainda não integrava – digamos – legalmente a área da cidade de Salvador, era um julgado; ou seja, um povoado de administração independente”.

Segundo Cid Teixeira, foi a partir da instalação do transporte ferroviário e a “aproximação” do Subúrbio com o centro da cidade que o julgado de Paripe desapareceu e o local passou a ser um Subúrbio como outro qualquer.

O bairro já foi também uma grande fazenda pertencente a Fran-

cisco de Aguiar, onde foi erguida a **Capela de Nossa Senhora do Ó**. Em Muribeca, localidade de Paripe, acontece todo ano a **Festa de São Roque**. Nesse momento, a população se junta nas ruas para seguir em procissão, que tem como ponto de partida a Igreja do Ó e ponto final em Muribeca, onde fazem uma feijoada e brincadeiras com crianças.

Ponto final dos trens suburbanos, a **Estação de Trem de Paripe** foi inaugurada em 1860 com o nome de Olaria. Situam-se neste bairro as localidades de **Tubarão**, atingida em 2008 por um derramamento de óleo, a **Gameleira**, a **Escola de Menor** e **Nova Canaã**.

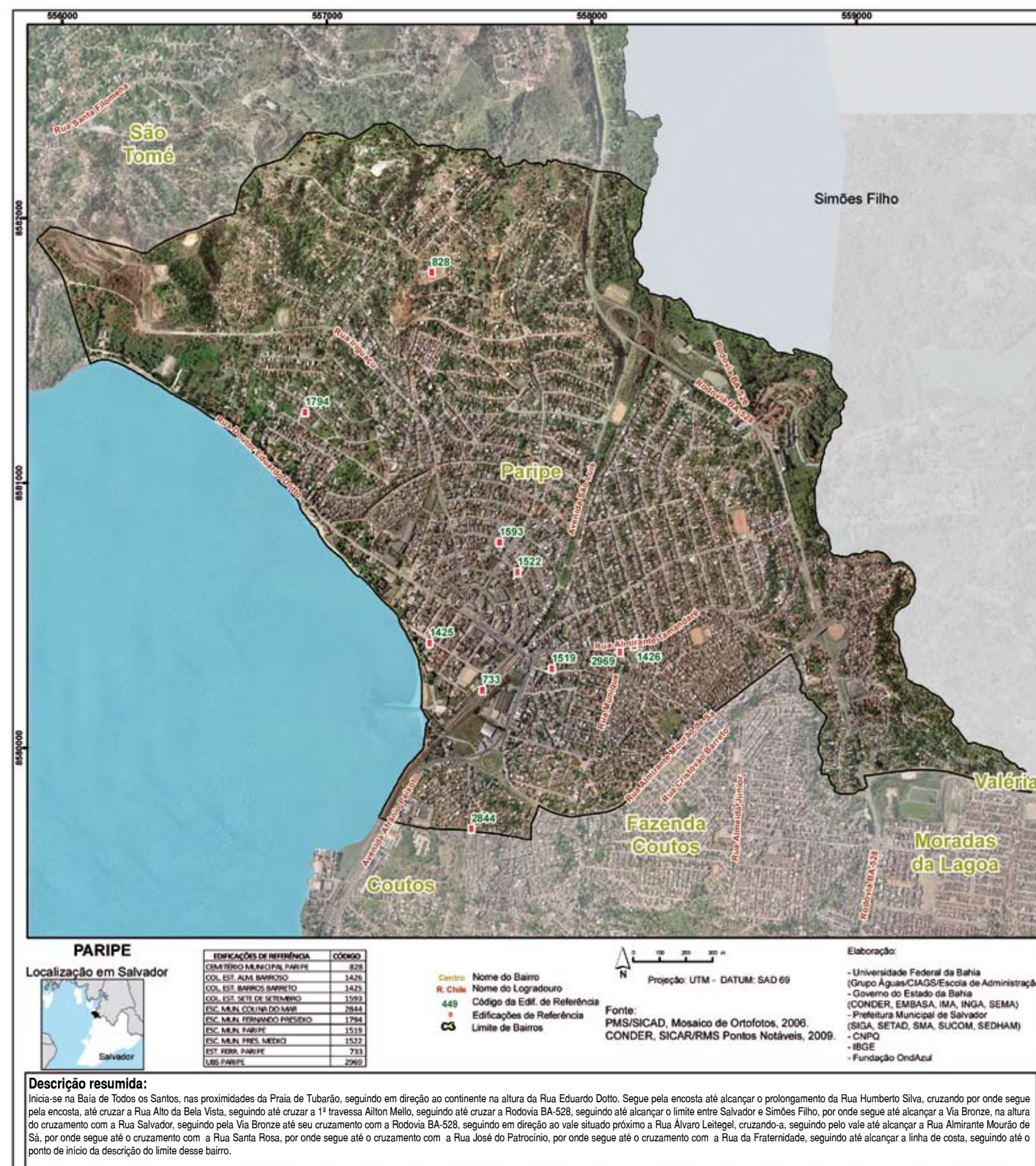
Em Paripe, estão localizados os seguintes equipamentos: a **Creche Comunitária Filhos do Quilombo**, **Orfanato e Creche Lar Pérolas de Cristo**, o **Centro de Ação Comunitária Nossa Senhora Medianeira**, uma unidade básica de saúde e várias instituições de ensino, tais como o **Colégio Estadual Almirante Barroso**, o **Colégio Estadual Edson Tenório de Albuquerque**, a **Escola Municipal de Paripe** e a **Escola Municipal Rui Barbosa**.

Paripe possui uma população de 46.619 habitantes, o que corresponde a 1,91% da população de Salvador; concentra 1,79% dos domicílios da cidade, estando 22,32% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 34,71% dos seus chefes de família têm entre 4 a 7 anos de estudo.



Estação Ferroviária de Paripe, 2009

Foto: Edmilson Azevedo



● SÃO TOMÉ

O bairro de **São Tomé** está situado no **Subúrbio Ferroviário** próximo à **Ilha de Maré**. Surgiu depois do bairro de **Paripe** e durante muitos anos foi um atrativo para veraneio. Em um passado distante, diz-se que neste lugar existiu o **Quilombo do Tororó**, formado por escravos pescadores.

São Tomé de Paripe já abrigou várias fábricas, entre elas a Companhia de Cimento de Salvador – COCISA. Atualmente, existe no local um cais da Usina Siderúrgica da Bahia - USIBA, que serve como terminal de descarga de navio de minério, um terminal marítimo para as ilhas próximas e à Base Naval de Aratu, localizada mais precisamente na **Praia de Inema**, que, conforme Consuelo Pondé de Sena significa: Y - I = água, **nema** - fétida, apodrecida, logo **Inema**, apesar de ser uma bela praia, era considerada pelos tupis, que a batizaram, de água fétida, mal cheirosa.

O bairro é cercado pela **Praia de São Tomé**, uma praia de águas calmas, bastante aproveitada, principalmente, pela população do Subúrbio. É parte da Baía de Todos os Santos e é dela que a comunidade se sustenta, uma vez que a base econômica do local é a pesca e a mariscação.

A **Igreja de São Tomé** também é uma marca do bairro. Construída

pela ordem dos jesuítas no século XVI, em louvor a São Tomé de Paripe, situa-se no cume de uma colina, tendo em seu entorno algumas pequenas casas. Segundo moradores o nome do bairro é uma homenagem a este santo.

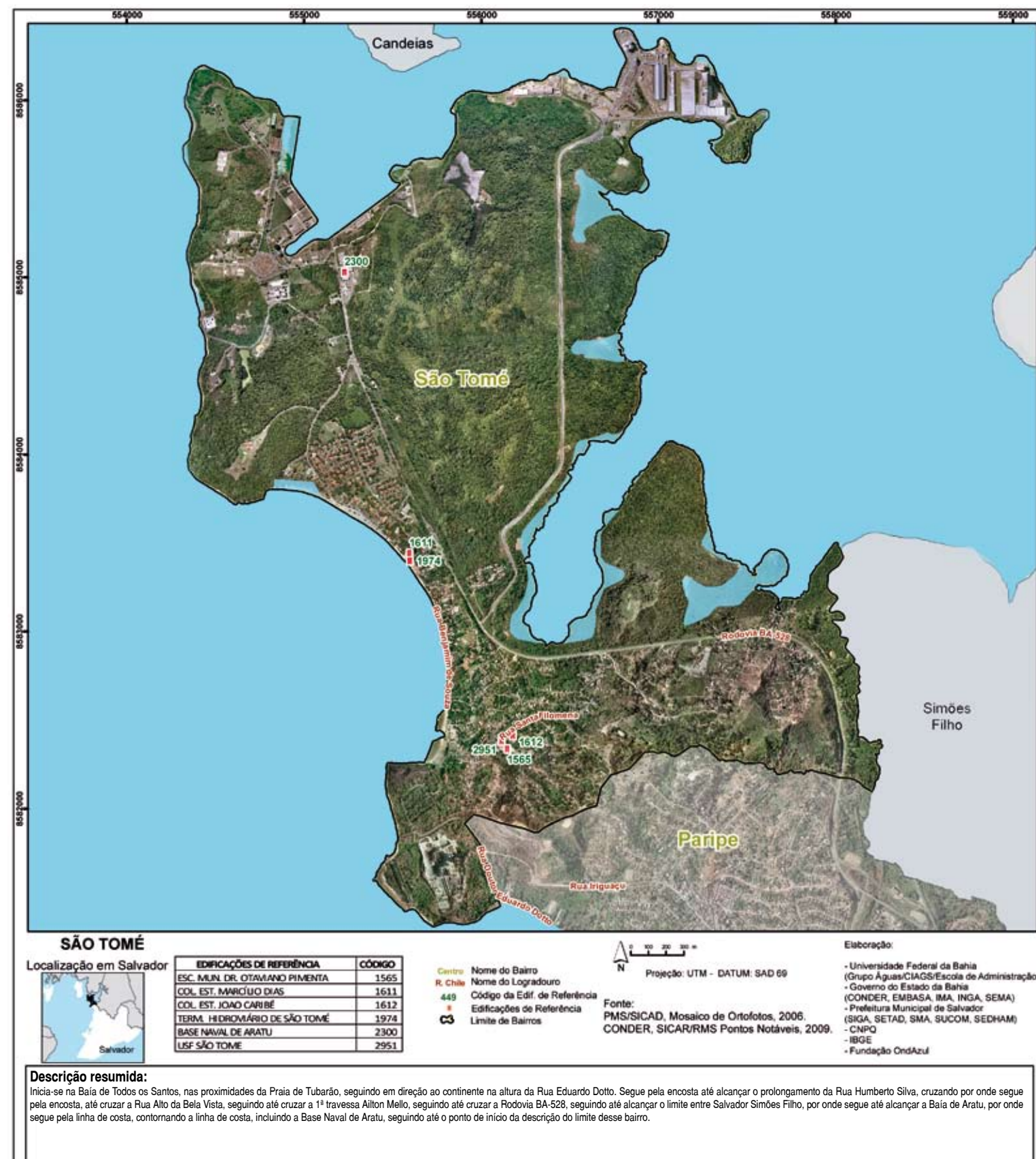
Ainda hoje a população local sofre com a falta de infraestrutura e de serviços. O bairro conta com um posto de saúde, a **Escola Dr. Otaviano Pimentel**, o **Colégio Estadual João Caribé** e a Associação de Moradores que oferece cursos de bordado e artesanato.

Do ponto de vista artístico e cultural, destaca-se em São Tomé de Paripe o **Centro de Artes e Cultura Deraldo Lima**, criado pelo artista plástico Deraldo Lima para ser um centro de *capacidades e desenvolvimento cultural*, o **Grupo de Capoeira Bantos Brasil**, inaugurado em 2001 e o **Centro de Cultura em Desenvolvimento Escologia**, um projeto alicerçado em uma ação de resgate e sedimentação da cultura da comunidade enfocando a produção artesanal de doces, cestaria e renda de bilros. Além disso, **Galeria 13** do artista plástico Deraldo Lima desenvolve trabalho em seu atelier com crianças.

São Tomé possui uma população de 9.954 habitantes, o que corresponde a 0,41% da população de Salvador; concentra 0,38% dos domicílios da cidade, estando 22,40% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal de 0,5 a 1 salário mínimo. No que se refere à escolaridade, constata-se que 32,99% dos seus chefes de família têm entre 4 a 7 anos de estudo.



Praia de São Tomé, 1975



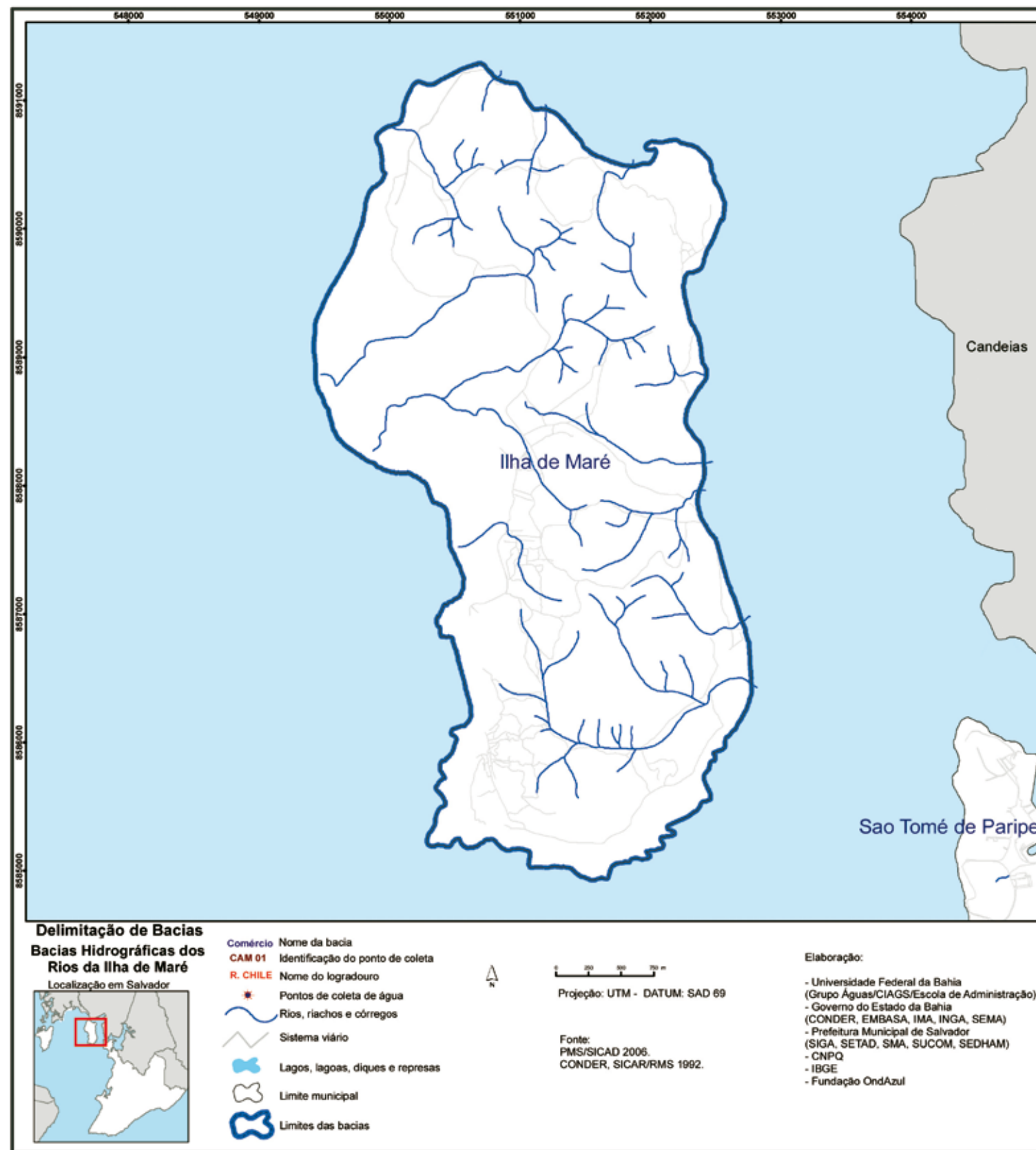


Figura 01. Bacias Hidrográficas dos Rios da Ilha de Maré e localização das estações de coleta de amostras de água

Bacia Hidrográfica da Ilha de Maré

A Bacia da Ilha de Maré possui uma área de 13,79km², que corresponde a 4,47% do território soteropolitano. Tem uma população de 4.175 habitantes, que equivale a 0,63% dos moradores de Salvador e possui uma densidade populacional de 302,66hab./km². Possui 953 domicílios, que correspondem a 0,14% dos levantamentos dos imóveis residenciais da capital do Estado (IBGE, 2000).

Sendo um dos mais belos recantos da Baía de Todos os Santos, a Ilha de Maré possui vários povoados e localidades como **Itamoabo, Botelho, Santana, Neves, Praia Grande, Bananeiras, Armenda** (que se refere a uma grande amendoeira), **Maracanã, Porto dos Cavalos, Caquende, Oratório e Martelo**. Santana é considerado o coração ou a “capital” da Ilha, onde se encontra a **Igreja de Nossa Senhora de Santana**, uma importante referência para a comunidade. Das onze localidades desta Ilha, apenas a de Botelho possui atracadouro público. As demais, excetuando-se Porto dos Cavalos que possui um atracadouro da Petrobrás, conforme GER-

MEN (2004), apesar de mais densamente povoadas, não possuem nenhum cais para atracação de embarcações. Em relação às faixas de renda mensal, 61,15% dos chefes de família recebem até 1 SM e 30,79% estão na faixa de mais de 1 até 3 SM, não sendo registrado ninguém com rendimento superior a 20 SM. Em relação à escolaridade, 22,85% dos chefes de família não têm instrução, 28,27% possuem de 1 a 3 anos de estudo e 41,66% têm de 4 a 7 anos de estudo (IBGE, 2000).

A Ilha de Maré é, até hoje, um mosaico de história, contada pelas ruínas dos engenhos Bonfim, Santo Antônio e Maré e por seu povo, descendentes de indígenas e de diferentes populações africanas. No interior da Ilha ainda existem fazendas e sítios produtivos. Possuindo um relevo acidentado e variações altimétricas na faixa de 0 a 105m, essa Ilha tem a costa muito recortada e caracterizada por reentrâncias e saliências, falésias e praias arenosas (GERMEN, 2004).

Desde 1982 a Ilha de Maré é considerada como Reserva Ecoló-



Foto: Elba Veiga

Ilha de Maré, 2009

gica Municipal (Decreto Municipal n. 3.207, de 05 de julho de 1982). A vegetação é densa, com significativos remanescentes de Mata Atlântica, além de muitas árvores frutíferas, sendo a cana brava a matéria-prima utilizada para os trabalhos de cestaria pelos artesãos locais. Há também uma extensa plantação de bananeiras, cujo fruto é a matéria-prima do famoso doce de banana na palha, típico da área. Do ponto de vista ambiental, vale destacar a existência de belos manguezais, que desempenham importante papel no ecossistema local, além de formações recifais no Sul da Ilha.

A Ilha de Maré apresenta uma baixa dinâmica demográfica. Para as comunidades que vivem nela, o acesso a serviços de saneamento básico ainda é um dos principais problemas locais. Nem todas as localidades têm acesso à água tratada e o esgotamento sanitário é muito deficiente, o que aumenta os riscos de disseminação de doenças relacionadas à água, especialmente, nas localidades com serviço de saúde precário. No passado a falta d'água levou a população insular a utilizar soluções alternativas, como a construção de poços artesanais e reservatórios particulares, entretanto, há mais de dez

anos foi implantado o Sistema de Abastecimento de Água e está em fase de implantação o Sistema de Esgotamento Sanitário. Pela falta de esgotamento é provável que o solo e os lençóis de água estejam contaminados, além da visível contaminação das praias locais.

Outro problema ambiental relevante é a devastação das formações recifais, para a retirada de calcáreo, provocando mudanças fisionômicas no fundo rochoso das praias.

Muitos dos moradores da Ilha são, além de artesãos de cestaria (notadamente em Praia Grande) e rendeiras (principalmente em Santana), pescadores e marisqueiros (sobretudo em Santana e Bananeiras, respectivamente). A renda de bilro é uma das atividades artesanais de maior expressão da Ilha de Maré. A **Igreja de Nossa Senhora das Neves** destaca-se como um dos principais atrativos turísticos do lugar. A referida capela está situada em uma pequena colina e foi construída por volta de 1570 pelos jesuítas, sendo o núcleo inicial da povoação de Neves. As festividades em honra a Nossa Senhora das Neves acontecem na primeira quinzena de agosto, segundo GERMEN (2004).



Ilha de Maré, 2007

Foto: Fernando Teixeira

As bacias existentes na ilha estão com um alto grau de desmatamento em diversas nascentes, inclusive com o aterramento de manguezais. A perda da cobertura vegetal nativa causa a diminuição da vazão de suas águas, com grandes malefícios para a recarga do aquífero. Outro fator de grande degradação ambiental foi o extrativismo mineral submarino para a fabricação de cimento da fábrica COCISA, que provocou a destruição de flora e fauna de corais presentes no entorno das Ilhas de Maré e dos Frades.

Entre seus principais equipamentos estão: a **Escola Municipal de Botelho**, a **Escola Municipal de Bananeira**, **Escola Municipal Santana**, a **Escola Municipal Nossa Senhora das Candeias**, **Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima**, e um Posto de Saúde da Família.

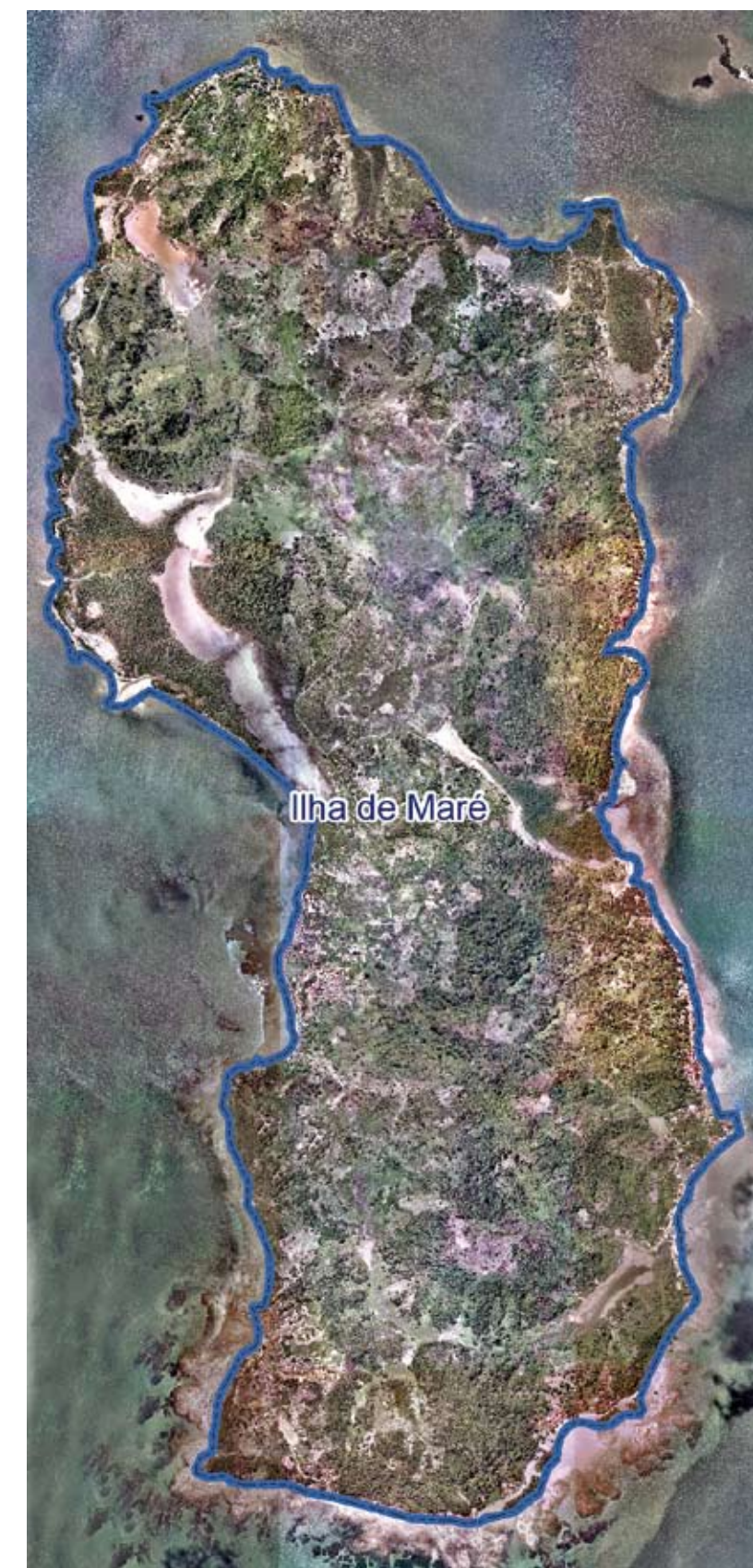
QUALIDADE DAS ÁGUAS

Por meio de consulta realizada em cartografia, foram definidas 08 (oito) estações para coleta de amostras de água na Ilha de Maré, sendo que, a partir do trabalho de campo, foi constatado que 06 (seis) são em rios com influência salina, encapsulados, intermitentes e de baixa vazão (Figura 01).

Assim, as estações contempladas para a coleta de amostras de água foram em rio de água doce, cujo curso flui ou não naturalmente no ambiente durante o ano, sendo definidas como MAR01 e MAR02, ambas localizadas em Maracanã.

Apenas uma campanha foi realizada (no período chuvoso) e as análises das amostras de água nas estações MAR01 e MAR02 apresentaram como resultados valores de Coliformes Termotolerantes (MAR01=1,2x10³UFC/100mL; MAR02=6,4UFC/100mL), DBO (MAR01=1,1mg/L; MAR02=Não detectável), Nitrogênio Total (MAR01 e MAR02=Não detectável) em conformidade com os limites da Resolução CONAMA n. 357/05 para águas doces classe 2. Apenas os valores da concentração de OD para as duas estações (MAR01=4,50mg/L; MAR02=4,10mg/L) e de Fósforo Total (MAR02=0,122mg/L) não atenderam à referida Resolução.

Os resultados dos parâmetros apresentados e de outros parâmetros também analisados indicam boa qualidade da água do rio monitorizado na Ilha de Maré.



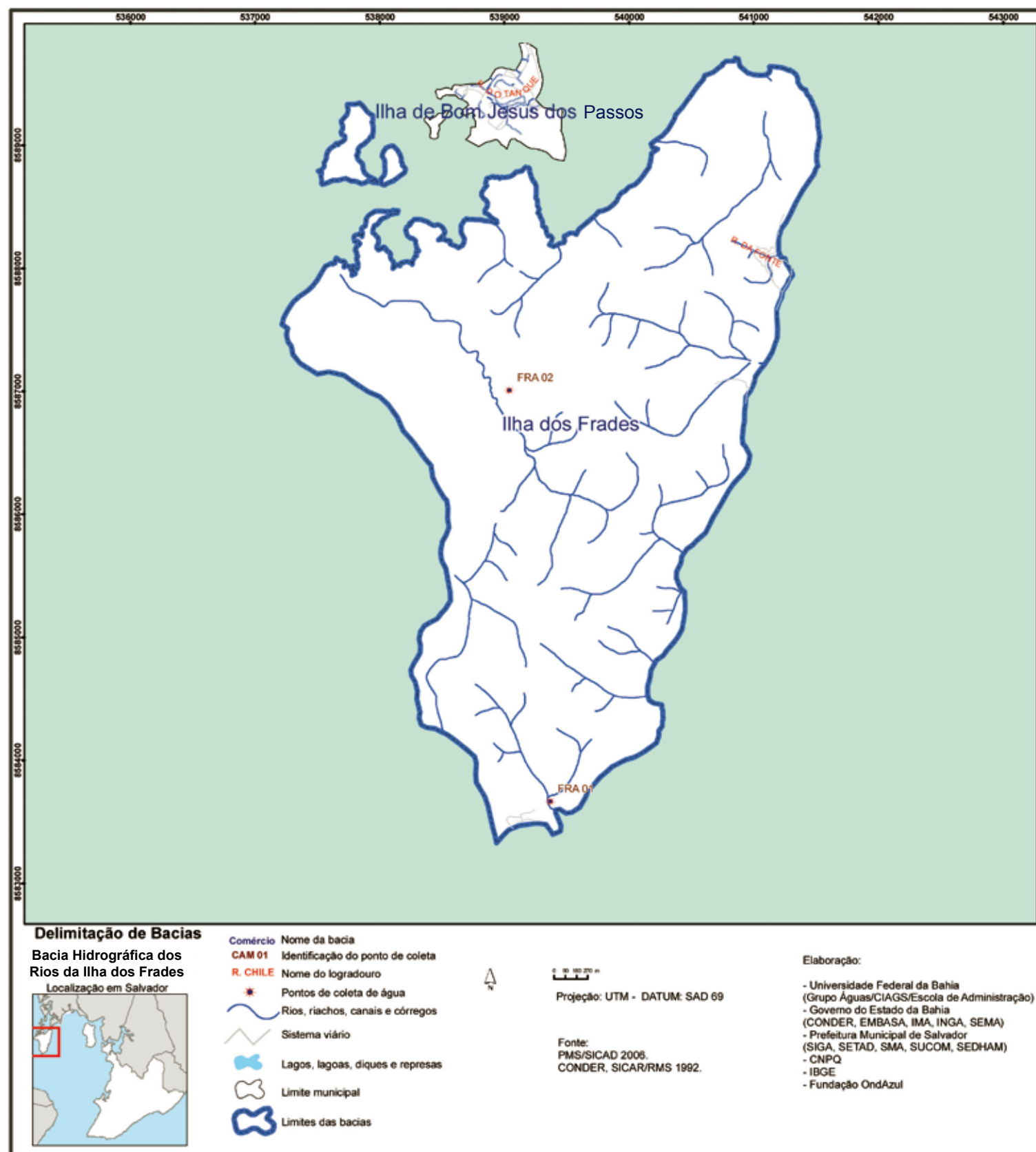


Figura 01. Bacias Hidrográficas dos Rios da Ilha dos Frades e localização das estações para coleta de amostras de água

Bacia Hidrográfica dos Rios da Ilha dos Frades

A Bacia da Ilha dos Frades, integrante da região insular do município de Salvador, possui uma área de 15,67km², o que corresponde 5,07% do território soteropolitano. Com uma população de 1.005 habitantes, que corresponde a 0,15% dos habitantes da capital, tem densidade populacional de 64,15hab/km². Possui 234 domicílios, que corresponde a 0,04% dos espaços residenciais de Salvador (IBGE, 2000).

Em relação às faixas de renda mensal, os chefes de família encontram-se distribuídos nas seguintes faixas mais significativas: 51,54% não possuem rendimento ou chegam até 1 SM e 38,77% de 1 até 3 SM. Os índices de escolaridade de maior expressão dos chefes de família dessa bacia são os seguintes: 19,38% não apresentam nenhum ano de instrução; 29,07% possuem de 1 a 3 anos e 37,44% entre 4 e 7 anos de estudo (IBGE, 2000).

A Ilha pertencia aos jesuítas e, por isso, o seu turismo não é apenas ecológico, mas também religioso-histórico, afinal, a Ilha possui inúmeros vestígios da ocupação jesuítica, como a Igreja de Nossa

Senhora do Loreto do Boqueirão e a Capela de Nossa Senhora de Guadalupe. Em 1748, os frades transferiram a posse da Ilha para João da Costa, estabelecido em Itaparica, pois vieram, a saber, sobre a possibilidade de expulsão do Brasil pelo Marquês de Pombal, quando de sua reforma, o que realmente ocorreu em 1759.

Palco de resistência dos índios tupinambás aos colonizadores, a Ilha recebeu este nome por nela terem se refugiado frades que conseguiram sobreviver a um naufrágio, sendo devorados por índios. Algumas pessoas afirmam, no entanto, que o topônimo da ilha é devido apenas ao pertencimento e ocupação dos jesuítas, que receberam as terras de Tomé de Souza, sendo a primeira versão, para estes, apenas uma lenda.

A ilha também foi importante entreposto na época da escravidão, pois aí os africanos oriundos do tráfico ficavam de quarentena, onde esperavam até a venda, sendo engordados para que seu valor subisse. Também foi estabelecido em suas áreas um lazareto, para o acolhimento de pessoas que tinham hanseníase.



Atracadero em Paramana, 2007

A ilha dos Frades possui baixa densidade demográfica, com cinco localidades litorâneas ao mar: **Paramana, Torto, Costa de Fora, Ponta de Nossa Senhora de Guadalupe e Loreto**. A população é formada por trabalhadores do Terminal de Madre de Deus e unidades fabris da Petrobrás, a exemplo da Refinaria Landulpho Alves de Mataripe - RLAM, além de pescadores e marisqueiras. Nas localidades acima mencionadas, existem fontes de poluição e contaminação, gerada por detritos e despejos domésticos, causadores de diarreias e outras doenças por veiculação hídrica. Assim, os pequenos córregos que passam por esses assentamentos apresentam degradação ambiental. Entretanto, encontra-se em fase de implantação o Sistema de Abastecimento de Água e o Sistema de Esgotamento Sanitário.

Em relação à questão fundiária, a maioria das terras da Ilha dos Frades pertence à iniciativa privada. É justamente nessas terras onde

se encontram as nascentes (altitude máxima de 105m) e a maioria dos cursos d'água, os quais não se estendem por mais de 2km. Os caminhos naturais desses filetes d'água e riachos dirigem-se até o mar da Baía de Todos os Santos, através de extensos manguezais, conforme GERMEN (2004). Essa ilha já foi bastante cobiçada pela fartura de água; assim, tripulações de franceses e holandeses a assaltavam, muitas vezes, pela necessidade de reabastecimento. Sobrevive na memória de visitantes mais antigos o hábito de ir até a Ilha dos Frades para servirem-se de água limpa para consumo.

Desde 1975 que a Ilha dos Frades é um Parque (Decreto Estadual n. 24.643, de 28/02/75), com remanescentes de Mata Atlântica, contando ainda com a presença de espécies como o pau-brasil, além de vários ecossistemas de manguezais e vegetação de restinga que sofre grande interferência humana com a erradicação da vegetação nativa.



Visão da Ilha dos Frades

QUALIDADE DAS ÁGUAS

Por meio de consulta realizada em mapa georreferenciado, foram definidas 10 (dez) estações para coleta de amostras de água na Ilha dos Frades, sendo que, a partir do trabalho de campo, foi constatado que 06 (seis) são em rios com influência salina, encapsulados, intermitentes e de baixa vazão (Figura 01).

Assim, as estações contempladas para a coleta de amostras de água foram em rio de água doce, cujo curso flui ou não naturalmente no ambiente durante o ano, sendo definidas as estações FRA03 e FRA04, ambas localizadas em Tobar e FRA09 e FRA10 em Ponta de Nossa Senhora, ou seja, em dois rios da Ilha.

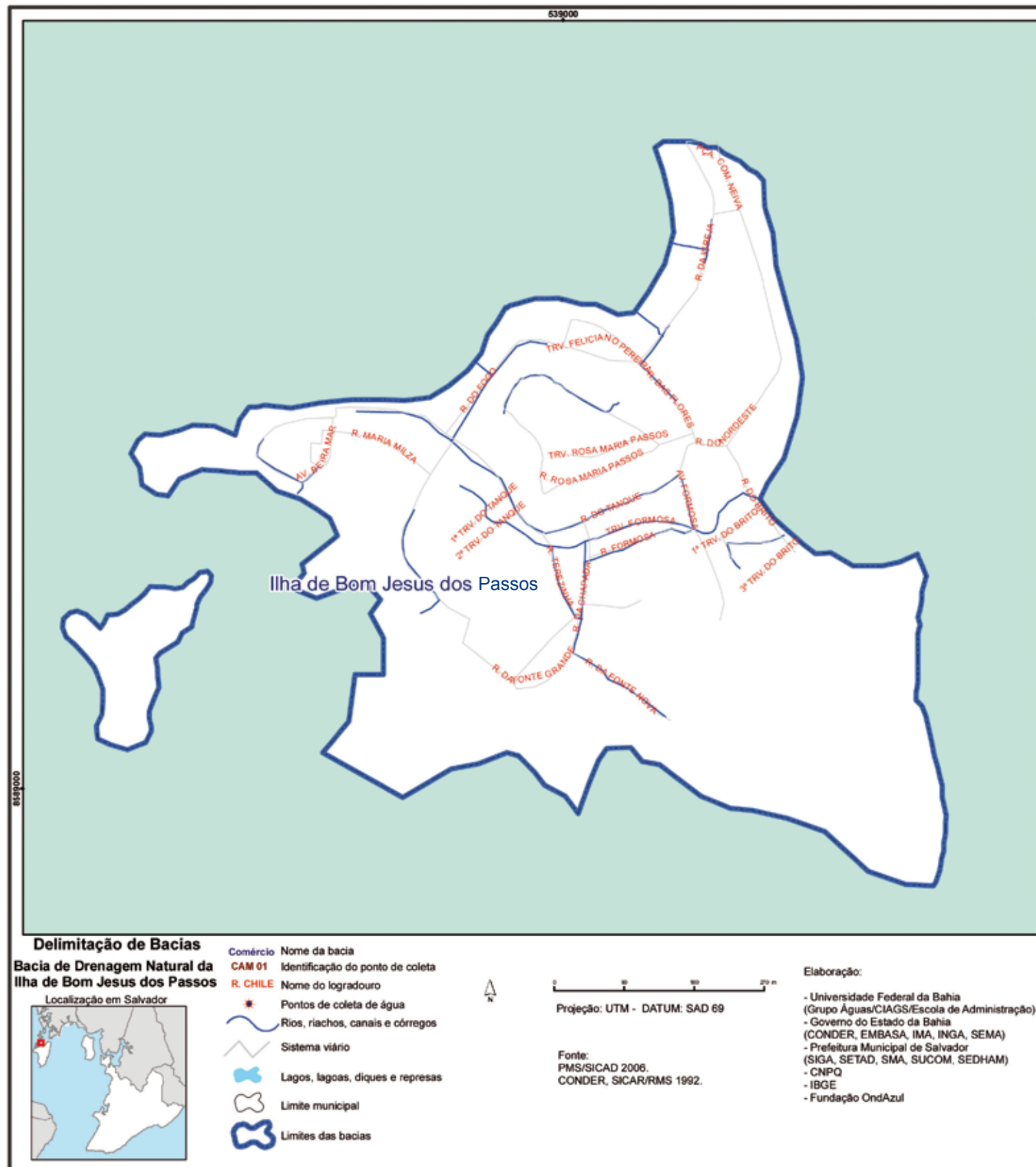
Apenas uma campanha foi realizada (no período chuvoso) e as análises das amostras de água nas estações FRA03 e FRA04 apresentaram valores de Coliformes Termotolerantes (FRA03=1,4UFC/100mL;



Igreja em Loreto, 2009

FRA04=4,0UFC/100mL), DBO (FRA03=5,29mg/L; FRA04=6,51mg/L), Nitrogênio Total (FRA03=Não detectável; FRA04=1,0mg/L) e Fósforo Total (FRA03=Não detectável; FRA04=0,053mg/L). Já as amostras de água das estações FRA09 e FRA10 apresentaram valores de Coliformes Termotolerantes (FRA09=1,5UFC/100mL; FRA10=1,10UFC/100mL), DBO (FRA09=1,3mg/L; FRA10=3,6mg/L), Nitrogênio Total (FRA09=1,6mg/L; FRA10=1,7mg/L) e Fósforo Total (FRA09=0,048mg/L; FRA10=0,092mg/L) em conformidade com os limites da Resolução CONAMA n. 357/05 para águas doces classe 2. Apenas nas estações no Rio de Ponta de Nossa Senhora, os valores da concentração de OD para as duas estações (FRA09=3,80mg/L; FRA10=4,30mg/L) não atenderam a referida Resolução.

Os resultados dos parâmetros apresentados e de outros parâmetros também analisados indicam boa qualidade das águas dos rios monitorizados na Ilha dos Frades.



Bacia de Drenagem Natural da Ilha de Bom Jesus dos Passos

A bacia de drenagem natural da Ilha de Bom Jesus dos Passos possui uma área de 0,659km², com uma população de 1.537 habitantes, que corresponde a 0,06% da população de Salvador. Sua densidade populacional de 2.332,32hab./km², 47,7% dos chefes de família percebem por mês de 0 a 2SM e 55,11% dos chefes de família tem de 4 a 7 anos de estudos (IBGE, 2000).

A ilha de Bom Jesus dos Passos fica entre as ilhas de Madre de Deus e dos Frades, em mar de águas calmas, excelente para a pesca e a prática de esportes náuticos. Embora sua área esteja dentro da APA da Baía de Todos os Santos, é quase que totalmente desprovida de cobertura vegetal, notando-se apenas um pequeno bolsão de área verde natural e arborização introduzida pela comunidade.

Originalmente a ilha foi habitada por índios tupinambás e, nesta época, era chamada de Pataíba Assú. Seu batismo atual ocorreu em 1776, durante a construção da Igreja de Bom Jesus dos Passos, de arquitetura peculiar, localizada na praça da localidade. A população local vive da pesca e da carpintaria ou são funcionários da indústria do petróleo ou das Prefeituras de Madre de Deus e Salvador.

A Ilha de Bom Jesus dos Passos possui ligeiras ondulações to-

pográficas, sendo o seu ponto mais alto um outeiro de, aproximadamente, 30m, onde fica um Cruzeiro que se tornou o mirante da Ilha. Existem vários problemas ambientais nessa Ilha, a exemplo do comprometimento ambiental das praias e a contaminação do solo e do lençol freático por esgotos domésticos e pela disposição inadequada de resíduos sólidos, além dos problemas causados por vazamentos de óleo e derivados de petróleo. A proximidade com os terminais petrolíferos da vizinha Ilha de Madre de Deus deixa toda a área dessa Ilha em constante estado de potencial risco ambiental.

A Ilha não tem bacias hidrográficas e até 2007 não havia um sistema público adequado de abastecimento de água, fazendo com que a comunidade utilizasse um sistema de captação de águas de chuva constituído de calhas, que recolhem águas dos telhados, das bicas e dos reservatórios. A outra forma de abastecimento dá-se por meio de cisternas coletivas, poços artesanais e fontes públicas, merecendo o registro da Fonte da Rua, a Fonte do Porrãozinho (bastante degradadas) e a Fonte Grande, muito utilizada para o abastecimento de água da população. Em agosto de 2007, foi inaugurado e passou a funcionar o sistema público de abastecimento de água, que é operado pela

Ilha de Bom Jesus dos Passos, 2009



EMBASA. Não existe sistema de esgotamento sanitário e muitas casas não possuem fossas sépticas e sumidouros, lançando seus esgotos a céu aberto, muitas vezes diretamente na praia. Praticamente inexistente sistema de drenagem de águas pluviais na Ilha. Apesar da pouquíssima vegetação, ainda existem muitas áreas permeáveis, em função do baixo índice de impermeabilização dos solos.

A Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos é uma referência na Ilha. Realiza-se entre o final de dezembro e o início de janeiro. Nesta festa ocorre o novenário de Bom Jesus dos Passos e a procissão marítima em louvor a Nossa Senhora dos Navegantes, no segundo sábado do ano. A procissão é uma festa centenária e as embarcações saem de Bom Jesus com destino ao Mercado Modelo. Já no continente, os fiéis seguem para a Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Após a missa, a imagem é levada de volta à Ilha, passando por várias comunidades da Baía de Todos os Santos. Para os moradores do local, este festejo, além de renovar a fé, dinamiza o setor turístico e a economia da Ilha.

Fazem parte de Bom Jesus, como é chamada popularmente, a Praça Comendador Neiva, ainda hoje chamada de “começo da ilha”. Nela encontram-se a Casa do Caboclo (local onde fica guardada a estátua do Caboclo para os festejos do Dois de Julho) e a sede da Sociedade Cultural Recreativa Lira União dos Artistas. Na Ilha existe ainda o Largo do Cais, onde está situada a Igreja de Bom Jesus dos Passos, o Largo da Fonte Nova, o Largo do Tanque, a Praia da Pontinha e a Praia do Padre.

Entre os equipamentos de Bom Jesus dos Passos estão: a Escola Municipal Antônio Carlos Magalhães; a Colônia de Pescadores de Bom Jesus dos Passos – Z-3 e o Solar dos Duarte. A ocupação urbana foi feita com a construção de um casario de meia-parede, que mantém um padrão de horizontalidade harmônico.

A qualidade das águas dessa Bacia não foi monitorizada, porém sofre alterações devido aos materiais e substâncias carregados pela pequena extensão de galerias de drenagem pluvial, ou mesmo, escoados sobre os logradouros públicos, bem como ao lançamento à céu aberto de excretas humanas e das águas servidas devido a não existência de solução apropriada dos mesmos na maioria dos domicílios.



Foto: Fernando Teixeira

Igreja Senhor dos Passos, 2008

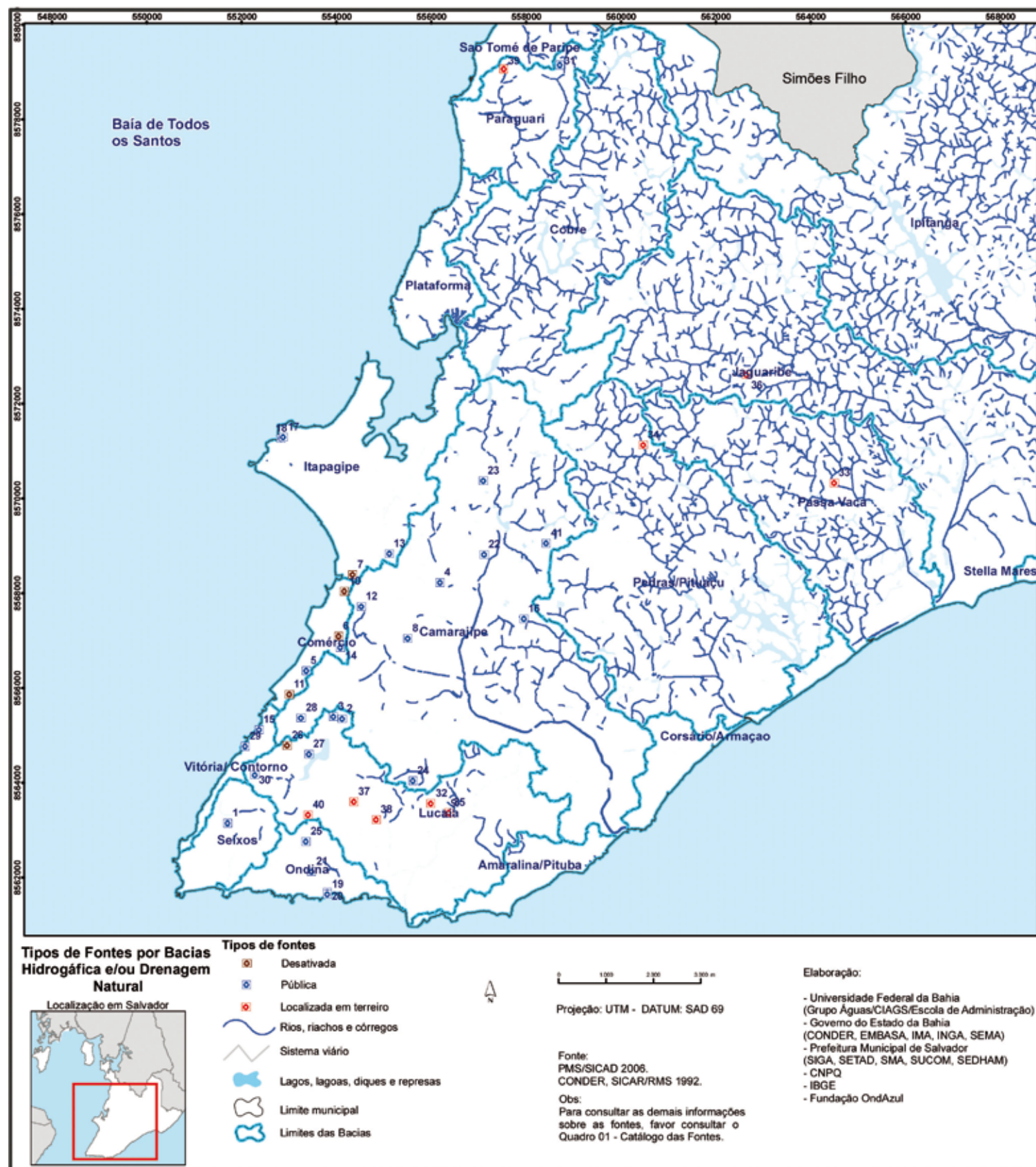


Foto: Fernando Teixeira

Cais da Ilha de Bom Jesus dos Passos, 2008



Fontes



As fontes na Cidade do Salvador

Salvador é a cidade das fontes d'água. Bochicchio (2003) afirma que Thomé de Souza não pensou duas vezes, quando achou o porto ideal, devido à água, para fundação da cidade.

Na escolha do local para a construção da Cidade do Salvador, a disponibilidade de água forçosamente teria que ser considerada. Tanto Azevedo (1969), quanto Falcão (1949) relatam que, efetivamente, no regimento que deu a Thomé de Souza, o rei: "... espero que este seja e deve ser um sítio sadio e de bons ares, e que tenha abundância de águas, e porto em que bem possam amarrar os navios e vararem-se quando cumprir, porque todas estas qualidades ou as mais delas puderem ser, cumpre que tenha dita fortaleza e povoação".

As antigas fontes em Salvador foram construídas para facilitar o acesso da população à água e, assim, abastecer a cidade (Figura 01). Existem desde a época das capitânicas hereditárias e representaram, durante longos anos, elemento de real importância para a população. Hoje, a maioria delas estão parcialmente ou totalmente destruídas e, aos poucos, aguadeiros e mulheres com lata d'água na cabeça foram desaparecendo do cenário urbano e do cotidiano da cidade.

Assim, na primeira metade do século XIX, os chafarizes e as fontes públicas existentes já não atendiam a demanda dos moradores da cidade e nem às aspirações iluministas de progresso da época. Em 1800, com o aumento da população e a progressiva expansão da cidade, o número de fontes havia também crescido. Conforme Carneiro (1980), em Salvador havia muitas fontes, embora, em fins do século XVIII, segundo Vilhena (1969), não existisse dentro da cidade uma única, cuja água se pudesse beber.

Sampaio (2005) relata que, nas casas

e nos escritórios, a água era armazenada em tanques, talhas, potes e moringas. No entanto, à medida que a população crescia, a água diminuía, com isso tornou-se urgente prover a cidade com um sistema de abastecimento constante.

Desse modo, com o crescimento populacional e expansão da cidade, em 1850, Salvador, com 60 mil habitantes, carecia de um sistema de abastecimento de água (BAHIA, 2003). Estabeleceu-se, então, um serviço de canalização pelo qual a província contribuiria com 150 contos de réis.

Em 1852, houve um incentivo para construção de mais fontes e chafarizes em virtude da Lei nº 451, de 17 de junho de 1852, que criou o serviço de abastecimento de água potável para a cidade (BOCCANERA JÚNIOR, 1921). Este incentivo resultou na criação da Companhia de Água do Queimado (Figura 02).

Afinal, em 7 de janeiro de 1853, começaram a funcionar 21 chafarizes, nos principais pontos da cidade (AZEVEDO, 1969; BAHIA, 2003).

Em 1870, renova-se o contrato e prorroga-se o privilégio, com a condição da empresa executar novas obras (BAHIA, 1966). Com esta exigência e para complementar a água dos chafarizes insuficientes para o consumo da cidade, a Companhia organizou a distribuição da água em diversas casas, conhecidas como casas de vender água (Figura 03). Por terem sido instaladas ao término da Guerra do Paraguai, em março de 1870, foram designadas com os nomes de locais onde houvera vitórias do exército brasileiro – Curuzu, Humaitá, etc. (SAMPAIO, 2005).

Começa um novo século. Salvador tinha em torno de 250 mil habitantes e um consumo *per capita* de 35 litros de água por dia: 20% do necessário. A Companhia de Água, sem recursos, não tinha perspectivas de novos investimentos (BAHIA, 2003).



Figura 01 - Fonte no Largo Dois de Julho (BAHIA, 2003)

Fotos: Fundação Gregório de Matos



Figura 02 - Companhia de Água do Queimado (BAHIA, 2003)



Figura 03 - Casa de vender água (SAMPAIO, 2005)

Em 1904, contratou-se o engenheiro Teodoro Sampaio que, com base em uma estimativa de que em 20 anos a população aumentaria em cinquenta por cento, elaborou uma proposta de sistema de abastecimento para a cidade. Em 1910, Salvador já dispunha de um novo sistema de abastecimento de água. Nessa época, toda a rede de distribuição da cidade tinha uma extensão de 89 quilômetros (BAHIA, 2003).

Mesmo com a o serviço de distribuição de água encanada já implantado, em meados do século XIX, não se conseguiu satisfazer a necessidade de toda a população da cidade. Os moradores continuavam a recorrer aos aguadeiros, que faziam um serviço de distribuição paralelo, por meio das principais fontes existentes na cidade. (PEREIRA 1994)

A mudança do uso de fontes públicas para sistema de abastecimento por canalização foi lenta, pois implantar um sistema com tecnologia diferente requeria um investimento grande, e não foi possível que a alteração ocorresse imediatamente em sua totalidade.

Depois da implantação do Sistema de Abastecimento de Água, as fontes, aos poucos, foram perdendo sua importância como meio de abastecimento, sendo progressivamente abandonadas. Com o passar do tempo, essa situação foi se agravando, chegando a configurar-se nos dias de hoje em uma lamentável situação de degradação, do ponto de vista urbano e ambiental. Entretanto, as fontes continuam a resistir ao tempo e ao descaso – muitas delas enfrentam os séculos com uma assombrosa imponência. Eram obras feitas para durar e cada uma delas tinha uma história particular. Segundo Anísio Félix: “Algumas fontes, pobrezinhas, já nem choram. Outras, entretanto, velhinhas, ainda resistem ao tempo e um fio de água continua escorrendo, fininho, fininho, parecendo lágrima” (FÉLIX, 1982).

O levantamento da qualidade das águas em terreiros de Candomblé se justifica pelo significado simbólico e pelos usos das águas no contexto da religiosidade de origem africana, em Salvador. A simbologia das águas nas religiões de origem africana descortina um universo mágico, guardando similaridades com o significado que as águas adquirem em tantas outras manifestações religiosas. Mircea Eliade afirma, por exemplo, a universalidade de determinadas representações sobre as águas e o comum significado que determinados elementos da natureza adquirem em sociedades, as mais diversas. Ele caracteriza o universo religioso a partir da negação da dualidade entre razão e desrazão e fala-nos de formas de ser no mundo, de duas dimensões possíveis da existência humana: a sagrada e a profana. Estes modos de ser não são excludentes, e a maior demonstração disso é o fato de o homem moderno não ter excluído do seu cotidia-

no o comportamento religioso e mágico. Neste universo, o “sobrenatural” está indissoluvelmente ligado ao “natural” e a “sacralidade é uma manifestação completa do ser” (ELIADE, s.d., p.147).

A noção de que as águas precedem a toda e qualquer forma e estão associadas à criação é universal e faz-nos retomar a tese de Mircea Eliade de que as águas apresentam idêntico significado nas mais variadas sociedades e religiões. As águas no candomblé, como em religiões milenares, significariam o “*princípio do indiferenciado e do virtual, fundamento de toda manifestação cósmica, as águas simbolizam a substância primordial de que nascem todas as formas e para a qual voltam, por regressão ou cataclismo. Elas foram no princípio, elas voltarão no fim de todo ciclo histórico ou cósmico; elas existirão sempre — se bem que nunca sós, porque as águas são sempre germinativas, guardando na sua unidade não fragmentada as virtualidades de todas as formas*” (ELIADE, 1993, p.153).

Tal simbolismo das águas gira em torno das noções de fonte de vida, meio de purificação e regenerescência. “*Numa fórmula sumária, poder-se-ia dizer que as águas simbolizam a totalidade das virtualidades; elas são fons et origo, a matriz de todas as possibilidades de existência*” (ELIADE, 1993, p.153). Elas representam, pois, a informalidade, a virtualidade, a infinidade dos possíveis, a promessa de desenvolvimento. Encontra-se em diferentes culturas formulações sobre a água como fonte primeira de vida, a “*matéria-prima a Prakriti*: Tudo era água, dizem os textos hindus; as vastas águas não tinham margens, diz um texto taoista. *Bramanda, o Ovo do mundo, é chocado à superfície das Águas. Da mesma forma, o Sopro ou Espírito de Deus, no Gêneses, pairava sobre as águas*” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p.15). A exaltação das águas como fonte de vida, força e pureza é também, exemplarmente, ilustrada no Rig Veda: “*Vós, as Águas, que reconfortais, trazei-nos a força, a grandeza, a alegria, a visão!... Soberana das maravilhas, regente dos povos, as Águas!... Vós, as Águas, dai sua plenitude ao remédio, a fim de que ele seja uma couraça para meu corpo, e que assim eu veja por muito tempo o sol!... Vós, as Águas, levai daqui esta coisa, este pecado, qualquer que ele seja, que cometi, esse malfeito que fiz, a quem quer que seja, essa jura mentirosa que jurei*” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p.15).

No universo do candomblé, a água é o elemento primordial, a partir do qual todas as coisas se estruturam; as águas purificam, regeneram, curam e realizam desejos. Encontra-se nas lendas africanas dos Orixás a universal noção das águas primordiais, do oceano das origens, que situa nas águas o poder cósmico: Olódùmarè, o Deus Supremo dos nagôs, que residia no além de um mundo que ainda não existia,

ordena a Olofin-Odudua que desça até as extremidades de quatrocentas mil correntes e, de onde se vê uma extensão d’água sem limites, abra o saco da criação, deixando escorrer daí uma “*substância estranha de cor marrom. Essa substância forma um montículo na superfície da água. É a terra*” (VERGER, 1985, p.86). Este lugar será só dos *Imalés*, lugar onde estes serão numerosos, onde “*cada um será um chefe e terá um lugar só para si*” (VERGER, 1985, p.83). Como afirma Sodré, “*na sociedade africana existem muitos mitos, muitas lendas em relação às águas. Águas que se manifestam de várias maneiras. Desde a água-lama, que é o princípio da vida, que é de Nanã, até a água que ingerimos, até os elementos que estão dentro da gente em forma de líquido*” (SODRÉ apud SANTOS, 2000, p. 207).

No candomblé praticado em Salvador, as águas abrem e fecham o ciclo de comemorações e estão presentes em muitos dos seus ritos. “*As águas são importantes porque elas abrem a casa do candomblé, fazendo despacho de rua. Ela purifica as pessoas quando você faz um cortejo fúnebre, ela está presente no cotidiano da maceração das folhas, ela purifica seu corpo*” (SODRÉ apud SANTOS, 2000, p. 207). As águas estão presentes no candomblé de várias formas, “*(...) de várias maneiras, até no cozimento dos alimentos, na quartinha, nos banhos de purificação, na ingestão de determinados produtos. Estou falando também de líquidos, do sumo de uma folha, de uma fruta, do recolhimento de determinada substância. O candomblé gira muito em torno da terra e da água, das coisas da natureza*” (SODRÉ apud SANTOS, 2000, p. 207).

À Procura das Fontes

O trabalho de caracterização da qualidade urbano-ambiental das fontes implicou em um árduo trabalho de levantamento docu-

mental e bibliográfico em fontes secundárias, como livros antigos, jornais, monografias e dissertações – na leitura de textos que datavam do início do século passado até os dias atuais. Foram ainda feitos levantamentos em órgãos públicos, que são direta ou indiretamente responsáveis pela manutenção, restauração e reforma das fontes, a exemplo do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC) e o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan-Bahia).

Com base nesse levantamento, foi estruturado um banco de dados no qual foram catalogadas as fontes situadas em espaços públicos e privados, como também em espaços religiosos de origem africana, a exemplo do Candomblé, que são utilizadas em ritos religiosos e das quais não existiam ainda registros escritos. A principal referência para o levantamento das fontes dos terreiros foi o trabalho de mapeamento dos terreiros, desenvolvido pela Universidade Federal da Bahia e pela Prefeitura Municipal do Salvador - Secretarias Municipais da Reparação e da Habitação da época, em parceria com o Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA.

Inicialmente foram identificados 1.162 terreiros, tendo os mesmos sido investigados com o objetivo de identificar a existência de fontes e seus respectivos usos. Essa pesquisa foi feita levando em consideração o ano de fundação do terreiro, tendo sido inicialmente priorizados os mais antigos, ou seja, aqueles que tiveram a possibilidade de se apropriar de territórios com fontes. Desse levantamento, foram selecionadas 10 fontes para análise.

Em seguida, foi realizada a campanha de campo, objetivando confirmar a presença do manancial, capturar a coordenada geográfica, realização de registro fotográfico e coleta de água.

Ao final, foram catalogadas 41 fontes, apresentadas no Quadro 01, sendo que, destas, corre água em 36. As 5 restantes foram incluídas devido ao seu grande valor histórico.

Quadro 01 – Catálogo de Fontes

NR	FONTE	TIPO	BAIRRO	COORDENADAS	
				X	Y
01	FONTE DA GRAÇA	PÚBLICA	GRAÇA	551706,33	8563152,25
02	FONTE NOVA	PÚBLICA	MATATU	554116,93	8565359,46
03	FONTE DAS PEDRAS	PÚBLICA	NAZARÉ	553939,02	8565401,04
04	FONTE CONJUNTO BAHIA	PÚBLICA	SANTA MÔNICA	556181,11	8568236,50
05	FONTE DE SANTA LUZIA	PÚBLICA	COMÉRCIO	553362,33	8566368,49
06	FONTE DO BALUARTE	DESATIVADA	SANTO ANTONIO	554046,55	8567101,72

07	FONTE BANHEIRO DOS JESUITAS	DESATIVADA	COMÉRCIO	554345,37	8568395,57
08	FONTE DAS PEDREIRAS	PÚBLICA	CIDADE NOVA	555506,11	8567050,65
09	FONTE DO GUETO	PÚBLICA	CANDEAL	556319,02	8563360,95
10	FONTE DO MUGUNGA	DESATIVADA	COMÉRCIO	554167,70	8568046,79
11	FONTE DO PEREIRA	DESATIVADA	CENTRO HISTÓRICO	553004,633	8565871,80
12	FONTE DO QUEIMADO	PÚBLICA	LAPINHA	554524,25	8567727,11
13	FONTE DA ESTICA	PÚBLICA	LIBERDADE	555113,64	8568839,32
14	FONTE DOS PERDÕES OU S. ANTONIO	PÚBLICA	BARBALHO	554086,41	8566860,79
15	FONTE PEDREIRA OU DA PREGUIÇA	PÚBLICA	COMÉRCIO	552369,52	8565130,69
16	FONTE SANTO ANTONIO DO CABULA	PÚBLICA	CABULA	557954,11	8567464,01
17	FONTE DA PEDRA FURADA	PÚBLICA	MONTE SERRAT	552878,39	8571302,72
18	FONTE DO BURQUINHO	PÚBLICA	MONTE SERRAT	552827,07	8571276,91
19	FONTE DO CHEGA NEGRO	PÚBLICA	ONDINA	553810,53	8561651,09
20	FONTE CHAPÉU DE COURO	PÚBLICA	ONDINA	553803,76	8561700,93
21	FONTE DO ZOOLOGICO	PÚBLICA	ONDINA	553477,62	8562133,04
22	FONTE DA BICA – BOM JUÁ	PÚBLICA	BOM JUÁ	557114,54	8568822,02
23	FONTE DA BICA – SÃO CAETANO	PÚBLICA	SÃO CAETANO	557097,65	8570385,32
24	FONTE DAVI	PÚBLICA	BROTAS	555612,26	8564046,05
25	FONTE DE BIOLOGIA - UFBA	PÚBLICA	ONDINA	553357,02	8562762,50
26	FONTE DO COQUEIRO OU VILA VELHA	DESATIVADA	BARRIS	552959,99	8564792
27	FONTE DO DIQUE DO TORORÓ	PÚBLICA	TORORÓ	553415,54	8564608,85
28	FONTE DO GRAVATÁ	PÚBLICA	NAZARÉ	553255,31	8565371,41
29	FONTE SÃO PEDRO	PÚBLICA	CENTRO	552070,94	8564775,46
30	FONTE DO UNHÃO	PÚBLICA	CENTRO	552275,38	8564168
31	FONTE VISTA ALEGRE DE BAIXO	PÚBLICA	COUTOS	558709,67	8579158,20
32	FONTE ILÊ AXÉ OYÁ TUNUNJÁ	TERREIRO	BROTAS	555993	8563566
33	FONTE MUTUIÇARA	TERREIRO	TROBOGY	564499	8570338
34	FONTE ONZO NGUZO ZA NKISI DANDALUNDA YE TEMPO	TERREIRO	SÃO MARCOS	560468	8571142
35	FONTE DO HORTO FLORESTAL	PÚBLICA	CANDEAL	556372	8563374
36	FONTE ILÊ AXÉ JAGUN	TERREIRO	JARDIM NOVA ESPERANÇA	562651	8572620
37	FONTE ILÊ IYÁ OMI AXÉ IYAMASSÊ	TERREIRO	FEDERAÇÃO	554369	8563602
38	FONTE ILÊ AXÉ OXUMARÉ	TERREIRO	ENG. VELHO DA FEDERAÇÃO	554835	8563224
39	FONTE ILÊ AXÉ IYÁ NASSÔ OKÁ	TERREIRO	COUTOS	557528	8579072
40	FONTE UMBANDA	TERREIRO	FEDERAÇÃO	553404	8563326
41	FONTE ILÊ OMO KETÁ PASSU DETÁ	TERREIRO	BARREIRAS	558429	8569066

Os laboratórios que forneceram os dados das análises de água para esta pesquisa foram o Laboratório do Departamento de Engenharia Ambiental-LABDEA/UFBA e o Laboratório da Empresa Baiana de Águas e Saneamento- EMBASA. Os parâmetros selecionados foram Cor, pH, Cloreto, DQO, DBO, N nitrato, OD, Turbidez, Ferro Total, Fósforo Total e Coliformes termotolerantes. A análise realizada levou em conta os parâmetros estipulados pela Portaria n. 518/04, do Ministério da Saúde, Resolução CONAMA n. 357/05 e a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE DA GRAÇA

A **Fonte da Graça** está localizada na Rua Almirante Japi Assu, s/n, no bairro da Graça. Uma das fontes mais antigas de Salvador, a **Fonte da Graça** foi construída em 1500 por **Caramuru** e, conforme conta a lenda, nela a índia **Catarina Paraguacu** se banhava (Figura 04). A fonte servia também para abastecer os barcos que aportavam na cidade e para piqueniques dos moradores das redondezas. Ela foi construída de modo a aproveitar correntes ou veios de águas subterrâneas, através de um sistema de galerias (SANTOS, 1978). Conforme Bochicchio (2003), sua feição atual data de 1913.



Figura 04 - Fonte da Graça

Ao longo do tempo, a fonte foi bastante modificada. Não possui bicas e apresenta bacia de recolhimento semelhante à da fonte das Pedras e dos Perdões. Suas dimensões são: comprimento = 4,50m e largura = 3,85m. Gradil = altura 0,85m.

A identificação da fonte está colocada em um painel de azulejo e o uso mais frequente é para lavagem de carros. Em função do padrão de renda da população que vive no seu entorno, não são registrados

outros tipos de usos, a exemplo do que acontece em muitas outras fontes na cidade. Sua deterioração foi acelerada no final da década de 1960, do século XX, tendo por principais motivos a construção da Avenida do Vale do Canela e também das ruas próximas.

A fonte e a praça estão revitalizadas, com jardim e parque infantil. As obras foram executadas pela então SURCAP, órgão da Prefeitura Municipal do Salvador (PMS).

Tabela 01 - Qualidade da Água da Fonte da Graça

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	141,0
Cor	<15		10,00
DBO	<3	mg/L	2,00
DQO	-	mg/L	18,00
Ferro Total	<0,3	mg/L	0,53
Fósforo Total	<0,02	mg/L	<0,01
N.Nitrato	<10	mg/L	8,55
OD	>6	mg/L	1,99
pH	6-9	-	6,49
Turbidez	5 UT	-	7,11
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	930,0

A análise de laboratório das suas águas indica o comprometimento da qualidade, estando a potabilidade inadequada, porém satisfatória para banho (Tabela 01).

● FONTE NOVA

A **Fonte Nova** está localizada na Av. Vasco da Gama, s/nº, **Matatu** (Figura 05).



Figura 05 - Fonte Nova

Em 1977, essa fonte abastecia os moradores circunvizinhos. Com a reforma efetuada no início século XX, seu maior problema era a ausência de esgoto para escoamento, o que transformou toda a região num charco, dificultando o acesso à fonte.

Em 1800, a **Fonte Nova**, apesar de ter uma água “grossa” e “pesada”, apresentava condições para se beber, segundo Azevedo (1969).

Conforme pode ser observado na Figura 05, a fonte tem o aspecto precário, embora sua estrutura física esteja intacta, tem muito limo e sujeira. Seu principal uso é para lavagem de carros, de roupa e para banhos. Os moradores do entorno utilizam-na, quando há falta de água encanada. A vazão é alta.

Tabela 02 - Qualidade da Água da Fonte Nova

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	55,60
Cor	<15		<5,00
DBO	<3	mg/L	<2,00
DQO	-	mg/L	<10,0
Ferro Total	<0,3	mg/L	<0,01
Fósforo Total	<0,02	mg/L	<0,01
N.Nitrato	<10	mg/L	5,96
OD	>6	mg/L	7,54
pH	6-9	-	7,19
Turbidez	5 UT	-	0,85
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	02

Conforme tabela 02 e Portaria n. 518/04 do MS, a potabilidade de suas águas está inadequada, porém pode ser utilizada para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE DAS PEDRAS

A **Fonte das Pedras** está situada na Ladeira Fonte das Pedras, s/nº Nazaré (Figura 06). Ela foi tombada pelo Decreto Estadual nº 30.483, de 10 de maio de 1984. É caracterizada como uma das fontes mais antigas, e é citada por Domingos Rebello, na sua Corografia do Império do Brasil, de 1829 (BAHIA, 1982).

Segundo Boichichio (2003), ela foi também citada por Vilhena,



Figura 06 - Fonte das Pedras

em 1801, e, conforme Azevedo (1969), em 1800, apesar de a água ser “grossa” e “pesada”, servia para beber.

A fonte possui uma galeria de captação de água, frontispício com brasão da cidade de Salvador e bacia de recolhimento de águas servidas, em nível inferior ao da rua (BAHIA, 1985).

Sua estrutura física estava muito comprometida, contudo, em outubro de 2007, foi restaurada. A fonte é abundante em água por todo o ano e muito usada para lavagem de carros, de roupas e para banhos. Em caso de falta de água na região, os moradores locais se abastecem dela. Antes da reforma oficial, a limpeza, a pintura e a manutenção em geral eram realizadas pelos usuários, principalmente lavadores de carros, de forma descomprometida e precária.

Tabela 03 – Qualidade da Água da Fonte das Pedras

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	53,70
Cor	<15		< 5,00
DBO	<3	mg/L	<2,00
DQO	-	mg/L	<10,0
Ferro Total	<0,3	mg/L	<0,01
Fósforo Total	<0,02	mg/L	14,6
N.Nitrato	<10	mg/L	3,61
OD	>6	mg/L	3,61
pH	6-9	-	6,08
Turbidez	5 UT	-	1,60
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	49

A tabela 03 apresenta a qualidade de suas águas e conforme a Portaria n. 518/04 do MS, a potabilidade da água está inadequada, porém pode ser utilizada para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE CONJUNTO BAHIA

Esta fonte está localizada na Rua Blumenau, s/nº - Conjunto Bahia, no bairro de Santa Mônica (Figura 07).



Figura 07 – Fonte Conjunto Bahia

Apresenta uma bica e estrutura modelada com azulejos. Essa estrutura foi construída pelos moradores do condomínio, mas sua aparência e conservação são precárias.

Nela, corre água todo o ano, entretanto, a vazão é baixa. A fonte é utilizada pelos moradores como água mineral e, no uso diário, garrafas e garrafões são enchidos. Quando há falta de água encanada, ela é ainda mais procurada.

Encontra-se situada no sopé do morro, com muita vegetação e rochas expostas. Segundo Lima (2005), trata-se de uma fonte de vale.

Tabela 04 - Qualidade da água da Fonte Conjunto Bahia

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	64,60
Cor	<15		0
DBO	<3	mg/L	<2,00
DQO	-	mg/L	28,00
Ferro Total	<0,3	mg/L	<0,01
Fósforo Total	<0,02	mg/L	--
N.Nitrato	<10	mg/L	14,20
OD	>6	mg/L	3,59
pH	6-9	-	5,12
Turbidez	5 UT	-	0,96
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	<01

Conforme dados apresentados na tabela 04, a qualidade de suas águas está inadequada para consumo humano, segundo a Portaria n. 518/04, do MS, porém, a qualidade da água pode ser utilizada para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE DE SANTA LUZIA

A fonte de Santa Luzia está localizada na igreja de Santa Luzia, na rua do Pilar, 55B, Comércio. Guarda a tradição de que suas águas são milagrosas para a cura de enfermidades dos olhos. Está localizada no interior da igreja e sua vazão ocorre durante todo o ano (Figura 08).



Figura 08 - Fonte de Santa Luzia

A igreja abre somente aos domingos pela manhã e no dia 13 de cada mês, para celebração de uma missa às 9h. É uma referência ao dia de homenagem à Santa Luzia, dia 13 de dezembro. Há, neste dia de comemoração, uma grande manifestação religiosa. A busca pela água da fonte é constante, durante o ano, havendo grande aumento dessa procura, durante os festejos. Devido à crença, o uso da água é exclusivo para lavar os olhos ou para beber, visando à cura milagrosa. A fonte apresenta três bicas de saída de água e a fachada é trabalhada em pedras.

Tabela 05 - Qualidade da água da Fonte Santa Luzia

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	158,0
Cor	<15		0
DBO	<3	mg/L	<2,00
DQO	-	mg/L	15,00
Ferro Total	<0,3	mg/L	<0,01
Fósforo Total	<0,02	mg/L	0,06
N.Nitrato	<10	mg/L	9,60
OD	>6	mg/L	6,46
pH	6-9	-	7,45
Turbidez	5 UT	-	1,08
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	5

Conforme dados apresentados na tabela 05, a potabilidade de suas águas está inadequada, porém pode ser utilizada para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE DO BALUARTE

A **Fonte do Baluarte** está situada na Ladeira de Água Brusca, s/n, Santo Antônio (Figura 09). Embora sejam escassas as referências sobre essa fonte, a sua existência é bem antiga, e, possivelmente, tratava-se de uma fonte privada, o que explica o silêncio dos historiadores (BAHIA, 1983). Situada em uma encosta e construída em alvenaria de pedra, é dotada de galerias horizontais que penetram o lençol freático. Os chafarizes localizam-se no interior de pequeno compartimento, cujo ingresso é controlado por portas, o que reforça a hipótese de tratar-se, originalmente, de fonte privada. Não há notícias sobre a exploração de suas galerias.



Figura 09 - Fonte do Baluarte

A ladeira na qual a fonte se encontra localizada é resultado de intervenção no terreno, tendo sido construído um barranco, por onde as águas escoavam. Por isso, o nome Ladeira da “Água Brusca”. Segundo Sampaio (2005), a ladeira foi assim denominada, devido à força com que jorravam as águas dessa fonte.

Suas bicas encontram-se dentro de dois compartimentos cobertos e fechados por portas. Seus vãos são emoldurados por cercaduras e seu frontispício possui frontão em voluta, à semelhança das igrejas baianas, no estilo barroco do século XVIII (BAHIA, 1982).

Em letreiro local, consta que ela foi restaurada em março de 1984 pelo Governo do Estado da Bahia. Objetivando a sua proteção, em 1975, foi proposto o seu tombamento pelo IPHAN. A fonte foi tombada pelo Decreto nº 28.398, de 10 de novembro de 1981, de acordo com a Lei nº 3.660, de 08 de junho de 1978 e com o Decreto nº 26.319, de 23 de agosto de 1978 (BAHIA, 1983).

O seu monumento está muito depredado e com muito lixo. No entorno da fonte, existe uma oficina e algumas edificações. Não há referência de qualidade da água, pois suas bicas estão entupidas e, portanto, não há vazão.

● FONTE BANHEIRO DOS JESUITAS

A Fonte Banheiro dos Jesuítas está localizada na Avenida Engenheiro Oscar Pontes, 375, Comércio. Fundo da Casa Pia e Colégio dos Órfãos de São Joaquim. Provavelmente, por se tratar de fonte particular, as referências históricas a seu respeito são escassas (Figura 10).



Figura 10 - Fonte Banheiro dos Jesuítas

A Casa Pia e Colégio dos Órfãos de São Joaquim é a antiga residência do bandeirante Domingos Afonso Sertão, conquistador do Piauí. As obras desse banheiro e fonte foram iniciadas em 1709, sob a orientação de Padre José Aires, e a inauguração foi em 1825. O projeto original do banheiro e fonte dos Jesuítas foi construído no século XVIII, com aproveitamento das correntes ou veios de água subterrânea que minavam da encosta do morro. Uma roldana do século passado, localizada na cavidade de onde saíam as águas, mostra os métodos usados pelos jesuítas para utilizar a fonte.

A partir de tais registros históricos, o banheiro foi totalmente restaurado em meados da década de 1970, voltando a apresentar o mesmo aspecto de quando fora usado pelos jesuítas e alunos do colégio, guardando inclusive marcas do seu uso pelos religiosos, nas pedras gastas pelo tempo (SANTOS, 1978).

A construção consiste num monumento que mede 13,5m de comprimento por 7,5m de largura e 6,0m de altura. Na época de sua utilização, era destinado para uso da fonte e banhos. Atualmente não há vazão, por isso não há índices de qualidade da água.

● FONTE DAS PEDREIRAS

A **Fonte das Pedreiras** fica localizada à Rua Osório Vilas Boas, s/nº - Cidade Nova. Esta fonte é usada com frequência pela comunidade local. Os principais usos são para lavagem de roupas, de carros, para banhos e doméstico. As crianças a utilizam como lazer. Próximo à fonte tem um ponto de lixo. À noite, ela é iluminada por um holofote (Figura 11).



Figura 11 - Fonte das Pedreiras

A concentração populacional em seu entorno é alta, assim como o número de edificações. A água sai espontaneamente das pedras em duas bicas de cano PVC. Foi beneficiada com um telhado de zinco para proteger e amenizar a incidência do sol sobre as lavadeiras de roupas, pois elas, além de outros usuários, utilizam a fonte rotineiramente.

Tabela 06 - Qualidade da água da Fonte das Pedreiras

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	64,10
Cor	<15		0
DBO	<3	mg/L	<2
DQO	-	mg/L	24,0
Ferro Total	<0,3	mg/L	<0,01
Fósforo Total	<0,02	mg/L	-
N.Nitrato	<10	mg/L	16,0
OD	>6	mg/L	1,51
pH	6-9	-	5,17
Turbidez	5 UT	-	1,00
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	< 01

Conforme tabela 06 e Portaria n. 518/04, do MS, a potabilidade das águas dessa fonte está inadequada, pois o N. Nitrato está muito acima do estabelecido, porém pode ser utilizada para banhos, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE DO GUETO

A **Fonte do Gueto** está situada na Rua 18 de Março, s/nº, Praça da Bica – Candeal (Figura 12).



Figura 12 - Fonte do Gueto

É elevada a vazão dessa fonte, ao longo de todo o ano. Ao contrário de outras fontes, como a das Pedras, São Pedro e Perdões, a fonte do Gueto tem bacia de recolhimento de pequena dimensão. No entorno da bica, foi desenvolvido um trabalho artístico com montagens de azulejos quebrados, com destaque para a face de leão, em alto relevo, na localização da saída d'água. A decoração da fonte se integra ao local, área de denso significado cultural, em função dos trabalhos desenvolvidos por Carlinhos Brown no bairro.

A localidade onde a fonte se encontra apresenta elevada concentração populacional e muitas edificações. Com o projeto de urbanização e benfeitorias realizadas no local, a fonte sofreu pequeno deslocamento e, após a mudança, ficou estrategicamente posicionada, no centro de uma pracinha. Usada pela comunidade para banhos, limpeza de casa, lavagem de carros, para beber e ambiente de lazer de crianças, ela tem importância social relevante.

Antigamente era conhecida como "Fonte de Seu Júlio", em alusão à pessoa que tinha o cuidado de mantê-la sempre limpa. Depois, passou a ser reconhecida pelo nome do lugar onde está instalada: Gueto.

Tabela 07 - Qualidade da água da Fonte do Gueto

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	158,0
Cor	<15		0
DBO	<3	mg/L	<2,00
DQO	-	mg/L	15,00
Ferro Total	<0,3	mg/L	<0,01
Fósforo Total	<0,02	mg/L	0,06
N.Nitrato	<10	mg/L	9,60
OD	>6	mg/L	6,46
pH	6-9	-	7,45
Turbidez	5 UT	-	1,08
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	5

Conforme tabela 07 e Portaria n. 518/04, do MS, e Resolução CONAMA n. 274/00, essa fonte está inadequada para banho e consumo humano.

● FONTE DO MUGUNGA

Localiza-se na Av. Engenheiro Oscar Pontes, s/nº - São Joaquim - Comércio. A fonte está depredada, entupida e a área em volta serve de depósito de lixo.



Figura 13 - Fonte do Mugunga

O veio d'água mina em um paredão próximo à fonte abandonada. Os moradores do entorno não sabem o nome da fonte e nem têm o registro de seu significado histórico, particularmente do período em que não existia água encanada em Salvador. A fonte do Mugunga está situada no sopé da montanha, cujo alto se localiza o bairro da Liberdade (Figura 13).

Segundo Bahia (1997), originalmente esta fonte deve ter sido formada pelo corpo central em cantaria e dois lances simétricos de arrimos, terminados em voluta, que continham as terras da montanha. O frontispício do corpo central é formado por duas robustas pilastras toscanas, recobertas por frontão curvo. No centro dessa composição, existe uma pequena pia (bastante depredada), de desenho rococó, com uma única bica, que não funciona. As dimensões do frontispício : 4,17m x 3,00m.

Atualmente ela não apresenta vazão, por isso não há informação da qualidade de suas águas.

● FONTE DO PEREIRA

A **Fonte do Pereira** localiza-se na Ladeira da Misericórdia, no **bairro do Centro Histórico** (Figura 14) e, segundo Gabriel Soares, foi descoberta por um dos 400 degredados que vieram com Thomé de Souza, de sobrenome Pereira, que se estabeleceu junto à fonte, para vender água. (BOCCANERA JUNIOR, 1921).

Segundo Gabriel Soares: "*Tem nesta cidade grandes desembarcadouros com três fontes na praia, nas quais os mercantes fazem sua aguada bem à borda do mar*". Conforme Edelweiss, essas três fontes eram: a do Pereira, na baixa Misericórdia, a das Pedreiras, na Preguiça, e a dos Padres, na subida do Taboão (BAHIA, 1997).



Figura 14 - Fonte do Pereira

Segundo Sampaio (1949), a fonte do Pereira localizava-se na ladeira da Misericórdia. Ainda conforme Sampaio (1949), depois dos primeiros desembarques, foi achada, defronte da cidade, aguada excelente, bem à borda do mar e na época foi denominada de Naus; mais tarde, seu nome foi modificado para Pereira. De acordo com Azevedo (1969), essa fonte foi reformada em 1636.

Ela foi descaracterizada pela construção da Ladeira da Montanha, entretanto, continua a jorrar água em abundância, permitindo que pobres, marginais, habitantes e frequentadores da Ladeira da Misericórdia, ali se banhem e lavem suas roupas (SAMPAIO, 2005).

Localizada em uma área ocupada por uma população situada nas menores faixas de renda, a fonte se reduz a um minadouro num paredão de pedras, onde provavelmente era o lugar da localização da antiga Fonte do Pereira ou em local próximo, caso tenha ocorrido um desvio na saída da água. Existe no lugar uma bacia de recolhimento de água, porém não existe registro da autoria, nem da finalidade dessa obra – se, por exemplo, seu objetivo principal era o de recolher as águas que fluíam da encosta ou outro. O minadouro atualmente apresenta usos específicos, como: lavagem de roupa, bem perceptível no local, lavagem de carros, banhos e outros.

Segundo Bahia (2003), tal fonte desapareceu no começo do século XX.

● FONTE DO QUEIMADO

Foi construída em 1801 e contou, em 1859, com a visita histórica de Dom Pedro II, da imperatriz e das princesas. Era comum aos ilustres da época a visita às fontes e chafarizes, para conferir a qualidade da água (SANTANA, 2002).



Figura 15 - Fonte do Queimado

De acordo com Azevedo (1969) e Vilhena (1969), em 1800, a Fonte do Queimado tinha excelente água para se beber. Parte da cidade e muita gente da praia ia buscar água nessa fonte. Ainda segundo Vilhena (1969), a Fonte do Queimado ficava na parte alta da cidade. Em placa afixada no local, consta que ela foi restaurada em 1992, pelo Governo do Estado (Figura 15).

Conforme BAHIA (1985), essa fonte foi tombada pelo Decreto Estadual nº 30.483, de 10 de maio de 1984 e, conforme Bochicchio (2003), o conjunto arquitetônico onde a fonte se localiza foi tombado pelo IPHAN e registrado no Livro Histórico de 14/02/1997.

A fonte situa-se abaixo do nível da rua e é muito freqüentada pelos moradores do bairro da Lapinha. O portão de acesso em ferro fica diariamente aberto e são seis as saídas de água, das quais apenas três estão em funcionamento. O acesso à fonte se dá por meio de uma grande escadaria.

Segundo BAHIA (1985), a fonte é tombada pelo Decreto Estadual nº 30.483, de 10 de maio de 1984 e, conforme Bochicchio (2003), o conjunto arquitetônico onde ela se localiza foi tombado pelo IPHAN e registrado no Livro Histórico de 14/02/1997.

Tabela 08 - Qualidade da água da Fonte do Queimado

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	49,50
Cor	<15		< 5
DBO	<3	mg/L	2,00
DQO	-	mg/L	28,80
Ferro Total	<0,3	mg/L	0,01
Fósforo Total	<0,02	mg/L	0,04
N.Nitrato	<10	mg/L	13,5
OD	>6	mg/L	3,72
pH	6-9	-	6,16
Turbidez	5 UT	-	0,30
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	30

De acordo com a tabela 08 e Portaria n. 518/04, do MS, a água da fonte está inadequada para consumo humano, pois o N. Nitrato está acima do estabelecido, porém a água pode ser utilizada para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE DA ESTICA

Esta fonte está localizada na Rua Coronel Tupy Caldas, s/nº - Liberdade. Tem a estrutura abaixo do nível da rua, com uma bica de saída de água em cano de PVC. Tem estrutura física simples, sendo revestida de azulejos e cercada com um corrimão de ferro. Suas dimensões são: largura: 3,50m, comprimento: 5,50m, altura total: 1,70m.



Figura 16 - Fonte da Estica

A área onde se localiza a fonte é densamente povoada, sendo a concentração de edificações muito acentuada. Ela é bastante usada pela comunidade para banhos, lavagem de carros e roupas, para beber e para lazer das crianças da redondeza. Sua água corre todo o ano. Há, nas proximidades, um posto de gasolina. Não há indícios de que exista limpeza do lugar por parte dos usuários, pois há muito limo e sujeira no ambiente.

Trata-se de uma fonte de uso recente e sem referência histórica.

Tabela 09 - Qualidade da água da Fonte da Estica

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	76,50
Cor	<15		
DBO	<3	mg/L	1,00
DQO	-	mg/L	15,2
Ferro Total	<0,3	mg/L	<0,01
Fósforo Total	<0,02	mg/L	<0,01
N.Nitrato	<10	mg/L	19,5
OD	>6	mg/L	6,95
pH	6-9	-	5,90
Turbidez	5 UT	-	1,18
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	03

Conforme tabela 09 a potabilidade de suas águas está inadequada, pois o N. Nitrato está muito acima do aceitável, quase o dobro do permitido, porém a água pode ser utilizada para banho, segundo o CONAMA n. 274/00.

● FONTE DOS PERDÕES OU DO SANTO ANTONIO

Localiza-se na Rua Vital Rego, esquina com a Rua dos Perdões, s/nº - Barbalho. Esta fonte foi citada por Domingos Rebello em sua Corografia do Império do Brasil, em 1829. Conforme placa existente no local, foi reedificada em 1889, pela municipalidade, sob a direção de Dr. Monteiro (BAHIA 1985) (Figura 17).

Essa fonte possui uma estrutura semelhante à fonte de São Pedro e à Fonte das Pedras.

Convertida em um poço de água desprezada e suja, a fonte apresenta muito lixo e camada de limo. Sua estrutura física construída está conservada, o portão que dá acesso tem cadeado e não foi identificado nenhum tipo de uso. A prefeitura realiza limpeza no local, no

dia 2 de julho de cada ano. Segundo Bochicchio (2003), tal fonte é pouco utilizada em função da sua localização – encontra-se situada entre ruas e edificações.



Figura 17 - Fonte dos Perdões

Tabela 10 - Qualidade da água da Fonte dos Perdões

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	55,40
Cor	<15		< 5
DBO	<3	mg/L	2,5
DQO	-	mg/L	28,8
Ferro Total	<0,3	mg/L	0,25
Fósforo Total	<0,02	mg/L	<0,01
N.Nitrato	<10	mg/L	13,7
OD	>6	mg/L	4,86
pH	6-9	-	6,72
Turbidez	5 UT	-	3,40
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	7.400

Conforme tabela 10 e Portaria n. 518/04 do MS, esta fonte está inadequada para consumo humano, pois os Coliformes termotolerantes e o N. Nitrato estão muito acima do estipulado, assim como, inadequada também para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE PEDREIRA OU DA PREGUIÇA

Localizada à margem da Avenida do Contorno, na Preguiça, no

bairro do Comércio é uma das fontes mais antigas da cidade, também citada por Gabriel Soares de Souza, em 1587. Está registrada na planta do “Livro de Razão do Estado do Brasil”, de 1612. Foi citada por Vilhena, em 1801, e aparece também na Corografia do Império do Brasil, de Domingos Rebello, de 1829. Passou por reforma em 1851, segundo placa afixada em seu frontispício, quando deve ter sido construído seu frontão triangular neoclássico (Figura 18).



Figura 18 - Fonte da Preguiça

Em meados da década de 1970, a fonte das Pedreiras servia à rua Ribeira do Góes e à Preguiça. Seu nome não aparece nos primeiros escritos, só em 1631, Tamoyo de Vargas a ela se refere como a “fonte de famosa água” (PEREIRA FILHO, 1977).

Ela é uma das mais antigas fontes da cidade, sendo anteriormente chamada de Naus. Forneceu água para a armada de Thomé de Souza, há registro que, em 1636, foi reformada.

Segundo BAHIA (1997), a fonte integra a área tombada pelo IPHAN (GP-1), do subdistrito da Conceição da Praia. Conforme BAHIA (1985), a fonte é tombada pelo Decreto Estadual nº 30.483, de 10 de maio de 1984.

Seu reservatório é de planta retangular com cobertura de duas águas, onde existem bacias para ventilação. Sua galeria foi inspecionada no final do século XIX, por Inocêncio Góes e Braz Amaral (BAHIA, 1997).

Seu frontispício é formado por dois cunhais apilastrados que suportam frontão triangular clássico, em cujo triângulo existe uma pla-

ca de mármore com detalhes dos melhoramentos introduzidos em 1851 (PEREIRA FILHO, 1977)

Muito frequentada por moradores da circunvizinhança, para banhos, lavagem de roupas, carros e para abastecimento residencial. Segundo Lima (2005), das dez fontes analisadas, no período da pesquisa, esta é a que apresenta maior vazão, com uma média de 6.479,8L/h de água. Contudo, esse monumento está pichado, abandonado, descuidado, com lixo e muito limo.

Tabela 11 - Qualidade da água da Fonte da Preguiça

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	68,60
Cor	<15		< 5
DBO	<3	mg/L	<2,00
DQO	-	mg/L	<10,00
Ferro Total	<0,3	mg/L	<0,01
Fósforo Total	<0,02	mg/L	<0,01
N.Nitrato	<10	mg/L	14,2
OD	>6	mg/L	6,84
pH	6-9	-	6,35
Turbidez	5 UT	-	0,83
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	48

Com relação à qualidade da água e de acordo com a tabela 11 e Portaria n. 518/04 do MS, está inadequada para potabilidade, pela elevada concentração de N.Nitrato, porém pode ser utilizada para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE SANTO ANTONIO DO CABULA

Esta fonte está situada na Av. Luis Eduardo Magalhães, s/n - nas proximidades do túnel localizado nessa avenida, no bairro do **Cabula**. Os moradores a utilizam para abastecimento doméstico, principalmente, para beber. Eles trazem garrações para encher com água da fonte e afirmam que água tem excelente qualidade, sendo vantajoso vir de longe para buscá-la (Figura 19).

A água brota nas rochas e apresenta três saídas de água em tubulações de PVC, tendo surgido com a construção da Avenida Luis Eduardo Magalhães.



Figura 19 - Fonte Santo Antônio do Cabula

Tabela 12 - Qualidade da água da Fonte do Santo Antônio do Cabula

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	38,70
Cor	<15		0
DBO	<3	mg/L	<2,00
DQO	-	mg/L	12,0
Ferro Total	<0,3	mg/L	<0,01
Fósforo Total	<0,02	mg/L	-
N.Nitrato	<10	mg/L	6,40
OD	>6	mg/L	3,23
pH	6-9	-	5,20
Turbidez	5 UT	-	2,45
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	05

Embora tenha poucos coliformes termotolerantes a água desta fonte está inadequada para potabilidade, conforme tabela 12 e Portaria n. 518/04, do MS, que exige ausência total de coliformes, contudo pode ser utilizada para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE DA PEDRA FURADA

A fonte da Pedra Furada localiza-se na Avenida Constelação, s/nº - Monte Serrat. É bastante usada por moradores da circunvizinhança, que transportam a água em baldes e a utilizam, basicamente, para lavagem de roupa, banhos e limpeza de casa. É comum que garotos usem a água para lavagem de carros de usuários, dos bares que ficam nas proximidades. Também é usada por banhistas, que se lavam quando retornam do banho de mar (Figura 20).



Figura 20 - Fonte da Pedra Furada

Aparentemente a quantidade de água é elevada e seu acesso se dá através de vasilhames que são elevados até a superfície por cordas. Segundo os moradores, por segurança, à noite é colocado um tampão para proteção. Trata-se de uma fonte tipo *cacimba*, com paredes revestidas de tijolos

Tabela 13 - Qualidade da água da Fonte da Pedra Furada

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	74,7
Cor	<15		<1
DBO	<3	mg/L	<1
DQO	-	mg/L	<5
Ferro Total	-	mg/L	27,8
Fósforo Total	<0,02	mg/L	<0,009
N.Nitrato	<10	mg/L	2,73
OD	>6	mg/L	1,98
pH	6-9	-	6,19
Turbidez	5 UT	-	0,6
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	54,0

Conforme Portaria n. 518/04, do MS, esta fonte está inadequada para consumo humano e pode ser utilizada para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE DO BURQUINHO

Localizada na Rua Rio Negro, s/nº - Monte Serrat, precisamente no quintal de algumas casas, é utilizada para uso doméstico (lavagem de roupa, de casa, banhos, etc.), assim como para beber e cozinhar alimentos (Figura 21)



Figura 21 - Fonte do Buraquinho

Esta fonte, em relação a da Pedra Furada, apresenta uma distância aproximada entre ambas de 100 metros. As duas fontes são utilizadas pela população local com grande frequência, principalmente em período de falta d'água. Estão localizadas em uma região aterrada, o que provavelmente justifique o aparecimento destes mananciais.

Tabela 14 - Fonte do Buraquinho

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	91,40
Cor	<15		0
DBO	<3	mg/L	1,00
DQO	-	mg/L	19,0
Ferro Total	<0,3	mg/L	<0,01
Fósforo Total	<0,02	mg/L	<0,01
N.Nitrato	<10	mg/L	5,20
OD	>6	mg/L	7,30
pH	6-9	-	5,84
Turbidez	5 UT	-	1,24
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	<01

A água flui diretamente de uma grande rocha. Nela, foi esculpida uma pequena bacia de recolhimento, dando-lhe uma característica rústica, tendo sido acrescentado um pequeno muro que segura a água descartada.

Considerando a potabilidade e balneabilidade a fonte se apresenta adequada segundo a tabela 14, a Portaria n. 518/04 do MS e a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE DO CHEGA NEGRO

A **Fonte do Chega Negro** está localizada na Av Oceânica, s/n - Ondina, em frente à praia da Onda. É um monumento dos anos 20, do século XX, construído quando o governador José Joaquim Seabra fez uma das maiores intervenções na cidade, abrindo avenidas (Figura 22).



Figura 22 - Fonte do Chega Negro

A fonte está em bom estado de conservação em sua estrutura física e a vazão de água é muito baixa ao longo de todo o ano, chegando em alguns períodos a ser suspensa. Os maiores usuários são os frequentadores da praia da Onda e transeuntes da rua, que a usam principalmente para beber e lavar os pés. Não existem edificações próximas. A fonte está situada no sopé do morro, onde se localiza o Alto de Ondina e onde também está localizada a fonte do Chapéu de Couro.

Esta fonte apresenta pequeno porte, tem apenas uma bica de saída de água e uma bacia de recolhimento em dimensão pequena.

Tabela 15 - Qualidade da água da Fonte do Chega Negro

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	234,0
Cor	<15		<5
DBO	<3	mg/L	2,75
DQO	-	mg/L	22,90
Ferro Total	<0,3	mg/L	1,62
Fósforo Total	<0,02	mg/L	<0,01
N.Nitrato	<10	mg/L	4,14
OD	>6	mg/L	16,6
pH	6-9	-	7,14
Turbidez	5 UT	-	120
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	10

Conforme tabela 15 e Portaria n. 518/04, do MS, a potabilidade está inadequada, porém pode ser utilizada para banho, segundo o CONAMA n. 274/00.

● FONTE CHAPÉU DE COURO

A **Fonte Chapéu de Couro** encontra-se situada no Alto de Ondina, no bairro de Ondina, próximo à entrada do Jardim Zoológico, com acesso também pela praia da Onda.



Figura 23 - Fonte Chapéu de Couro

Apresenta águas transparentes e fica localizada em ambiente com muita vegetação, os usuários a utilizam para beber, tomar banhos e como local de refúgio. A fonte não é utilizada pela população localizada no seu entorno, suas águas são límpidas, se comparada com outras (Figura 23).

Conforme documento encontrado no IPHAN, em 22 de setembro de 2005, a Associação de Federação Baiana de Culto Afro solicitou a essa Instituição uma reforma na fonte, com o objetivo de potencializar o seu uso.

Fonte rústica, construída em pedras, apresenta a construção de um banco em continuidade da fonte.

Tabela 16 - Qualidade da água da Fonte Chapéu de Couro

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	106,0
Cor	<15		4,00
DBO	<3	mg/L	1,70
DQO	-	mg/L	12,6
Ferro Total	-	mg/L	68,7
Fósforo Total	<0,02	mg/L	0,045
N.Nitrato	<10	mg/L	1,36
OD	>6	mg/L	4,88
pH	6-9	-	6,67
Turbidez	5 UT	-	2,2
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	4,00E3

Conforme tabela 16 e Portaria n. 518/04, do MS, a potabilidade está inadequada, porém suas águas podem ser utilizadas para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE DO ZOOLOGICO

Esta fonte está localizada no Parque Zoobotânico Getúlio Vargas - Alto de Ondina, s/nº, no bairro de Ondina, mais conhecido como Jardim Zoológico. Trata-se de uma área de proteção ambiental, cujo parque está vinculado à Secretaria do Meio Ambiente do Estado da Bahia – SEMA



Figura 24 - Fonte do Zoológico

A fonte é de estilo cacimba, composta por um poço vertical de tijolos, executados em alvenaria de pedra (Figura 24).

Por estar localizada em uma área com policiamento e cercada por uma grade de ferro, está relativamente protegida. Conforme pode ser observado, a sujeira encontrada no local é oriunda das folhagens que caem da vegetação, abundante no local. Não há uso específico por parte da comunidade que frequenta o local mas, de acordo com informações de gestores da área, a fonte é conhecida como "Fonte dos Desejos" e é comum que os visitantes lancem moedas, para que seus pedidos sejam atendidos.

Tabela 17 – Qualidade da água da Fonte Zoológico

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	57,9
Cor	<15		20,0
DBO	<3	mg/L	2,8
DQO	-	mg/L	36,8
Ferro Total	-	mg/L	1,48E3
Fósforo Total	<0,02	mg/L	0,142
N.Nitrato	<10	mg/L	0,35
OD	>6	mg/L	2,99
pH	6-9	-	6,40
Turbidez	5 UT	-	8,3
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	32,0

Conforme tabela 17 e Portaria n. 518/04, do MS, a potabilidade está inadequada, pois o N. Nitrato está muito acima do estabelecido pela legislação, o maior valor encontrado, porém pode ser utilizada para banho, segundo o CONAMA n. 274/00.

● FONTE DA BICA – BOM JUÁ

Esta fonte está localizada na Travessa Lago, s/nº, no bairro do Bom Juá.

A fonte encontra-se situada em uma área com elevada concentração populacional e de edificações, em terreno de topografia acidentada.

Segundo relato de moradores, a água da fonte tem diversos usos, entre eles, os de lavar roupas, servir para banhos e, principalmente, o de abastecimento para moradores.



Figura 25 - Fonte da Bica - Bom Juá

Sua arquitetura é moderna, revestida de azulejos, com cinco torneiras controlando a saída de água. Apresenta bacia de recolhimento de boa proporção. Quando o consumo é menor que a demanda, a água escorre pelas paredes da fonte, sendo direcionada para o esgoto. A fonte apresenta elevada vazão durante o ano (Figura 25).

Tabela 18 - Qualidade da água da Fonte da Bica do Bom Juá

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	97,0
Cor	<15		<1
DBO	<3	mg/L	<1
DQO	-	mg/L	<5
Ferro Total	-	mg/L	<8
Fósforo Total	<0,02	mg/L	0,012
N.Nitrato	<10	mg/L	28,2
OD	>6	mg/L	-
pH	6-9	-	5,51
Turbidez	5 UT	-	0,5
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	<1

Conforme tabela 18 e Portaria n. 518/04, do MS, sua água está inadequada para consumo humano, porém pode ser utilizada para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE DA BICA – SÃO CAETANO

Localiza-se na Ladeira Fonte da Bica – São Caetano, e é basicamente usada pelos moradores da circunvizinhança para lavagem de roupas, carros, abastecimento e banhos no local. A fonte está encravada em área densamente povoada e com muitas edificações, localidade de topografia menos elevada, em comparação com a área de entorno. Foi registrada a presença de um posto de gasolina nas proximidades (Figura 26)



Figura 26 - Fonte da Bica - São Caetano

A água brota das pedras e possui um beneficiamento muito simples, revestida com cimento em torno, pequena bacia de recolhimento e bica com tubulação de Poli Cloreto de Vinila (PVC).

A canalização das águas servidas é direcionada para o esgotamento sanitário da rua.

Tabela 19 - Fonte da Bica - São Caetano

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	87,40
Cor	<15		0
DBO	<3	mg/L	<2
DQO	-	mg/L	32,0
Ferro Total	<0,3	mg/L	<0,01
Fósforo Total	<0,02	mg/L	-
N.Nitrato	<10	mg/L	19,0
OD	>6	mg/L	1,49
pH	6-9	-	5,64
Turbidez	5 UT	-	1,01
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	8

Conforme tabela 19 e Portaria n. 518/04, do MS, suas águas estão inadequadas para consumo humano, pois o N. Nitrato está muito acima do estabelecido, porém podem ser utilizadas para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE DAVI

A fonte Davi localiza-se na Rua Emília Couto, s/nº - Brotas, próximo ao Hospital Aristides Maltês.



Figura 27 - Fonte Davi

Apresenta infra-estrutura rudimentar, situada em área particular, pouco conhecida na redondeza e localizada numa área com muita vegetação nas proximidades. Foi denominada de “Fonte Davi”, por Lima (2005) (Figura 27).

A água mina em grande quantidade e a população das proximidades a utiliza para banhos e abastecimento doméstico. A área do entorno tem poucas edificações, é pouco habitada e a vegetação é abundante, o que facilita a recarga da água subterrânea. O acesso é dificultado pela topografia íngreme. Está localizada em local sem pavimentação e com muito barro escorregadio em período de chuva.

Tabela 20 - Fonte Davi

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	71,50
Cor	<15		0
DBO	<3	mg/L	<2
DQO	-	mg/L	16,0
Ferro Total	<0,3	mg/L	<0,01
Fósforo Total	<0,02	mg/L	-
N.Nitrato	<10	mg/L	13,5
OD	>6	mg/L	4,26
pH	6-9	-	6,20
Turbidez	5 UT	-	1,23
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	46

Conforme tabela 20 e Portaria n. 518/04, do MS, a potabilidade de suas águas está inadequada, porém podem ser utilizadas para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE DE BIOLOGIA - UFBA

A Fonte de Biologia está localizada na Universidade Federal da Bahia – Ondina e, como o próprio nome sugere, está situada no Instituto de Biologia (Figura 28).



Figura 28 - Fonte de Biologia - UFBA

Esta fonte não tem uso, está abandonada, e completamente encoberta

pela vegetação do local onde flui a água. O ambiente se apresenta muito úmido, por não haver escoamento da água que transborda da fonte.

Tabela 21 - Fonte de Biologia - UFBA

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	41,70
Cor	<15		30
DBO	<3	mg/L	5,60
DQO	-	mg/L	19,0
Ferro Total	<0,3	mg/L	3,64
Fósforo Total	<0,02	mg/L	0,08
N.Nitrato	<10	mg/L	0,04
OD	>6	mg/L	0,95
pH	6-9	-	7,31
Turbidez	5 UT	-	44,2
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	500

De acordo com a tabela 21 e Portaria n. 518/04, do MS, sua água está inadequada para consumo humano, porém pode ser utilizada para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE DO COQUEIRO OU VILA VELHA

Não se sabe exatamente a data de construção desta fonte. Segundo alguns autores, esta era denominada “Fonte do Caminho Velho ou Fonte da Vila Velha”, por estar situada à margem do caminho que conduzia ao núcleo criado por Diogo Álvares Correa. Depois de abandonada, ficou conhecida como Fonte do Coqueiro da Piedade (Figura 29).



Figura 29 - Fonte do Coqueiro

Lia-se em uma pequena placa de mármore afixada em seu frontispício: “Feita em 1711 e reedificada em 1895”. Deve-se, porém, admitir que ela já existisse antes de 1711, tendo sido melhorada nesse ano. Em 1887, a Câmara Municipal mandou inspecioná-la, limpá-la e restaurá-la e, em 1895, foi reformada ou reedificada, segundo placa que existia no local. (BAHIA, 1997). Foi redescoberta em junho de 1974, quando um trator que trabalhava na construção da Av. Vale dos Barris fazia escavações.

De acordo com Azevedo (1969), em Vila Velha, existia uma fonte pública, que merecia freqüentes medidas de conservação por parte dos vereadores. Em 1630, gastou-se 4\$600 réis, no concerto do marnancial; em 1635 e 1940, novos reparos foram feitos. A Fonte dos Coqueiros foi soterrada quando da construção da Estação da Lapa.

● FONTE DO DIQUE DO TORORÓ

Está localizada na Av. Presidente Costa e Silva, s/nº, às margens do Dique do Tororó - Tororó.



Figura 30 - Fonte do Dique do Tororó

Esta fonte é localizada em praça pública, a Praça Mário Brasil, sendo fechada nos horários em que não existem funcionários tomando conta da área. Local limpo e fonte bem conservada, o jardim tem vários equipamentos, como bancos, brinquedos e material de ginástica. A fonte integra um pequeno parque infantil. Segundo Lima (2005), trata-se de uma fonte de vale (Figura 30).

Ela foi construída pelo Engenheiro Antonio Lacerda com a ajuda

de seu irmão Antonio Frederico Lacerda, quando mordomo do Asilo dos Expostos, no período de 1871 a 1875. Inaugurada em 1885, funcionou até a instalação da rede de distribuição de água na Avenida Joana Angélica, no começo do século passado. (BAHIA, 1983).

Em lugar de ser elevada por balde suspenso em roldana, como é comum em fontes desse tipo, foi desde o início instalado um sistema de bomba manual que recalava a água, encosta acima, até o asilo. Tal sistema possibilitou, dentre outras vantagens, manter a fonte fechada, só abrindo seus postigos para limpeza e reparo. (BAHIA, 1997). Atualmente o acesso da água à superfície, quando necessário, se dá através de baldes suspensos por cordas.

Trata-se de uma fonte estilo cacimba, composta por dois poços verticais de tijolos geminados, executados em alvenaria de pedra.

Tombada pelo Decreto nº 28.398, de 10 de novembro de 1981, de acordo com a Lei nº 3.660, de 08 de agosto de 1978 e com o Decreto nº 26.319, de 23 de agosto de 1978 (BAHIA, 1983). O sítio é tombado pelo IPHAN (GP-1) BAHIA (1997).

Tabela 22 - Qualidade da água da Fonte do Dique do Tororó

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	61,50
Cor	<15		<5
DBO	<3	mg/L	<2
DQO	-	mg/L	11,0
Ferro Total	<0,3	mg/L	0,1
Fósforo Total	<0,02	mg/L	<0,01
N.Nitrato	<10	mg/L	16,0
OD	>6	mg/L	2,69
pH	6-9	-	5,72
Turbidez	5 UT	-	1,67
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	120,0

Segundo a tabela 22 e Portaria n. 518/04, do MS, está inadequada para consumo humano, porém pode ser utilizada para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE DO GRAVATÁ

A Fonte do Gravatá é localizada na Rua do Gravatá, s/nº - Nazaré, próxima ao centro comercial da cidade.



Figura 31 - Fonte do Gravatá

A fonte permanece sempre fechada e com cadeado, o que não impede o acesso por parte de alguns usuários, que pulam a grade de ferro. O uso prioritário é para beber, a comunidade local usa a água em período de não abastecimento. A vazão é elevada, contudo existe lixo e muito limo na sua bacia de recolhimento, que apresenta aspecto de abandono (Figura 31).

Não há registro preciso sobre a data de construção desta fonte, embora seu frontispício sugira tratar-se de uma construção do século XVIII. Em 1724, o senado da Câmara desapropriou terrenos necessários à construção de um acesso à fonte.

As galerias ou grandes condutos (era comum nas antigas fontes existirem condutos que permitiam a passagem de um homem) que levam água ao depósito, são notáveis construções e, por motivo de proteção, em 1975, foi proposto ao IPHAN o tombamento da fonte. (BAHIA, 1997). Ela foi tombada pelo Decreto Estadual nº 30.483, de 10 de maio de 1984.

Tabela 23 - Fonte do Gravatá

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	64,60
Cor	<15		0
DBO	<3	mg/L	<2
DQO	-	mg/L	<10
Ferro Total	<0,3	mg/L	<0,01
Fósforo Total	<0,02	mg/L	<0,01
N.Nitrato	<10	mg/L	13,8
OD	>6	mg/L	5,55
pH	6-9	-	6,78
Turbidez	5 UT	-	1,03
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	280,0

Conforme a tabela 23 e Portaria n. 518/04, do MS, a potabilidade de suas águas está inadequada, por causa de elevados índices

de N. Nitrato e coliformes termotolerantes, porém pode ser utilizada para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE DO UNHÃO

A Fonte do Unhão encontra-se localizada na Avenida Contorno, s/nº, no Solar do Unhão - **Centro**.



Figura 32 - Fonte do Unhão

Foi construída no século XVII e está situada em um dos mais importantes conjuntos arquitetônicos do Estado, guardando todas as características da sua história. (SANTOS, 1978) (Figura 32).

Essa fonte tem estilo diferenciado das demais. A água que dela mina tem descarga através de uma válvula de saída (ladrão de água) numa bacia de recolhimento que fica do lado externo.

Tabela 24 - Fonte do Unhão

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	52,70
Cor	<15		<5
DBO	<3	mg/L	<2
DQO	-	mg/L	<10
Ferro Total	<0,3	mg/L	<0,01
Fósforo Total	<0,02	mg/L	<0,1
N.Nitrato	<10	mg/L	14,5
OD	>6	mg/L	7,60
pH	6-9	-	7,40
Turbidez	5 UT	-	0,87
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	1.400

De acordo com a tabela 24 e Portaria n. 518/04, do MS, suas águas estão inadequadas para consumo humano, e também para banho, segundo o CONAMA n. 274/00.

● FONTE SÃO PEDRO

Situada na ladeira da Fonte, próximo à Concha Acústica – Campo Grande - **Centro**.



Figura 33 - Fonte São Pedro

Esta fonte, rodeada por edificações, está abandonada, sem uso por parte da comunidade. Sua limpeza é realizada pelos moradores que vivem perto da fonte, com receio de proliferação do mosquito, vetor da dengue. Durante trabalho de campo, observou-se presença de peixes em sua bacia de recolhimento (Figura 33).

Tabela 25 - Qualidade da água da Fonte São Pedro

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	46,70
Cor	<15		<5
DBO	<3	mg/L	<2
DQO	-	mg/L	<10
Ferro Total	<0,3	mg/L	<0,01
Fósforo Total	<0,02	mg/L	<0,1
N.Nitrato	<10	mg/L	4,16
OD	>6	mg/L	6,09
pH	6-9	-	6,28
Turbidez	5 UT	-	1,53
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	40,0

Segundo a tabela 25 e Portaria n. 518/04, do MS, a qualidade da sua água apresenta-se inadequada para o uso potável, porém pode ser utilizada para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE VISTA ALEGRE DE BAIXO

Esta fonte está localizada na rua Topázio, s/nº - Vista Alegre de Baixo - **Coutos**. Na área em torno da fonte existem poucas edificações e presença de muita vegetação. A comunidade a utiliza principalmente para beber; é muito comum encontrar moradores com vasilhames pet de 2 litros e de 20 litros, para suprir o abastecimento residencial (Figura 34).



Figura 34 - Fonte Vista Alegre de Baixo

Tabela 26 - Qualidade da água da Fonte Vista Alegre de Baixo

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	42,20
Cor	<15		0
DBO	<3	mg/L	1,12
DQO	-	mg/L	15,2
Ferro Total	<0,3	mg/L	<0,01
Fósforo Total	<0,02	mg/L	<0,1
N.Nitrato	<10	mg/L	8,20
OD	>6	mg/L	10,3
pH	6-9	-	5,97
Turbidez	5 UT	-	1,79
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	<1

Conforme a tabela 26 e Portaria n. 518/04, do MS, sua água está adequada para consumo humano, porém pode ser utilizada para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE DO TERREIRO ILÊ OYÁ TUNUNJÁ

A fonte fica localizada na rua Waldemar Falcão, 1ª. Travessa Buenos Ayres, Casa 10, Brotas, em terreiro que funciona numa área residencial, especificamente na frente de uma casa, sendo o acesso restrito aos próprios moradores (Figura 35).



Figura 35 - Fonte do Terreiro Ilê Oyá Tununjá

Sua água é utilizada para fins domésticos e rituais religiosos. Apresenta transparência e odor agradável, tem aproximadamente quatro metros de profundidade, não possui vazão elevada e sempre está tampada, porém, sem manutenção regular.

A área de recolhimento de água foi escavada no próprio solo, apresentando uma aparência rústica.

Tabela 27 - Qualidade da água da Fonte do Terreiro Ilê Oyá Tununjá

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	74,0
Cor	<15		<1
DBO	<3	mg/L	<1
DQO	-	mg/L	<5
Ferro Total	-	mg/L	<8
Fósforo Total	<0,02	mg/L	<0,009
N.Nitrato	<10	mg/L	20,0
OD	>6	mg/L	0,93
pH	6-9	-	6,03
Turbidez	5 UT	-	0,8
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	4,00

Segundo a tabela 27 e Portaria n. 518/04, do MS, sua água está inadequada para consumo humano, porém pode ser utilizada para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00

● FONTE ONZO NGUZO ZA NKISI DANDALUNDA YE TEMPO

Situada na rua Heide Carneiro, 89, Vila Dois de Julho, Trobogy.



Figura 36 – Fonte Onzo Nguzo Za Nkisi Dandalunda Ye Tempo

O terreiro está localizado em área residencial. A água era utilizada, principalmente, para os rituais do candomblé, embora atualmente a fonte esteja desativada. Há vegetação em seu entorno, ela está sempre destampada e não tem regime de limpeza (Figura 36).

A fonte é tipo cacimba, revestida de tijolos e tem, aproximadamente, 3m de profundidade. Apresenta vazão somente em época de chuva.

Tabela 28 - Qualidade da água da Fonte Onzo Nguzo Za Nkisi Dandalunda Ye Tempo

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	112,0
Cor	<15		29,0
DBO	<3	mg/L	25,7
DQO	-	mg/L	68,0
Ferro Total	-	mg/L	2,62E3
Fósforo Total	<0,02	mg/L	0,372
N.Nitrato	<10	mg/L	<0,01
OD	>6	mg/L	0,41
pH	6-9	-	6,85
Turbidez	5 UT	-	3,8
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	4,30E3

Segundo a tabela 28 e Portaria n. 518/04, do MS, a água está inadequada para consumo humano, porém pode ser utilizada para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE DO TERREIRO ILÊ OMO KETÁ PASSU DETÁ

A fonte fica localizada na rua San Martins, 140 – São Marcos, sendo o seu acesso facilitado pela Avenida Gal Costa (Figura 37).

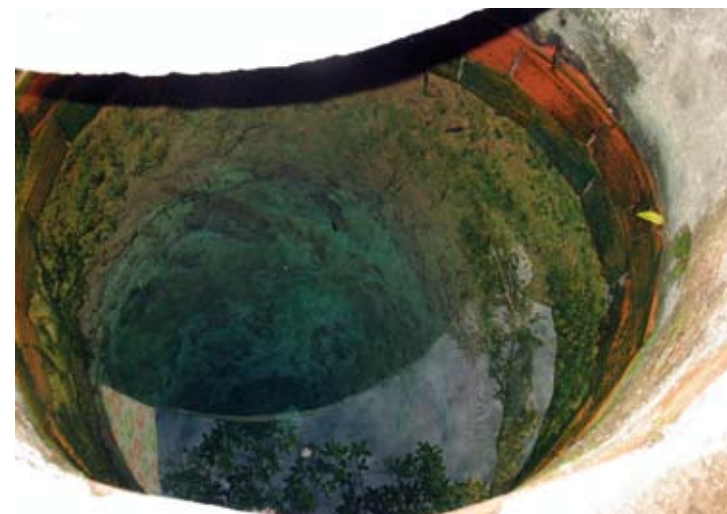


Figura 37 - Fonte do Terreiro Ilê Omo Ketá Passu Detá

A fonte encontra-se situada em uma área particular, disposta na varanda de uma residência, onde somente os moradores têm acesso. Tanto a área externa quanto o interior da fonte apresentam bom estado de conservação. Segundo moradora, antes da rede de abastecimento de água, a Embasa, ela tinha usos diversos. Atualmente, é usada para atividades do candomblé. Trata-se de uma fonte do tipo cacimba, com paredes revestidas de tijolos. O acesso a água é feito por baldes.

Devido à vazão constante, a água é liberada por um vertedouro (ladrão), o que garante que não haja alagamento no local.

Tabela 29 - Qualidade da água da Fonte do Terreiro Ilê Omo Ketá Passu Detá

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	106,0
Cor	<15		1,0
DBO	<3	mg/L	<1
DQO	-	mg/L	<5

Ferro Total	--	mg/L	15,3
Fósforo Total	<0,02	mg/L	0,02
N.Nitrato	<10	mg/L	45,7
OD	>6	mg/L	2,16
pH	6-9	-	4,10
Turbidez	5 UT	-	0,7
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	6,00

Segundo a tabela 29 e Portaria n. 518/04, do MS, a fonte está inadequada para consumo humano, porém pode ser utilizada para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE DO TERREIRO MUTUIÇARA

Situada na rua 18 de agosto, nº 143 – no Candeal.

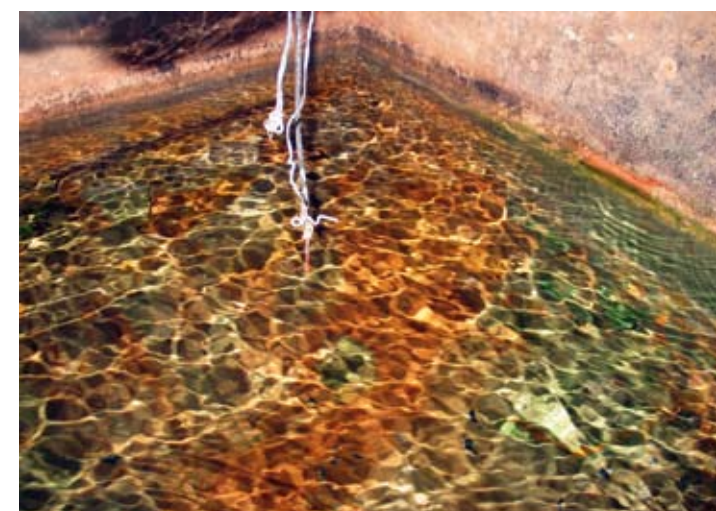


Figura 38 - Fonte do Terreiro Mutuiçara

Localizada no quintal de uma residência, esta fonte apresenta excelente estado de conservação. Possui, aproximadamente, um metro de profundidade e apresenta vazão constante. Segundo moradora do local, atualmente a água é utilizada em atividades domésticas e rituais religiosos.

Apresenta bacia de recolhimento com estrutura física feita em tijolos revestidos, estando a base da bacia em contato com a rocha matriz e solo nu. Devido à vazão constante e excesso de água, ela é liberada por vertedouro (ladrão), para garantir que não haja alagamento no local (Figura 38).

Tabela 30 - Qualidade da água do Terreiro do Mutuiçara

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	68,7
Cor	<15		<1
DBO	<3	mg/L	<1
DQO	-	mg/L	<5
Ferro Total	-	mg/L	8,47
Fósforo Total	<0,02	mg/L	<0,009
N.Nitrato	<10	mg/L	23,4
OD	>6	mg/L	2,06
pH	6-9	-	5,78
Turbidez	5 UT	-	0,4
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	<1

Segundo a tabela 30 e Portaria n. 518/04, do MS, está inadequada devido ao elevado índice de N. Nitrato, porém pode ser utilizada para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE DO TERREIRO UMBANDA

Está localizada no Loteamento Daniel Gomes, nº 110 – Jardim Nova Esperança, pela Via Regional Canabrava.



Figura 39 - Fonte do Terreiro Umbanda

A fonte apresenta baixa vazão anual, mas, no período de chuva, apresenta maior volume. É utilizada somente para atividades religiosas.

Localizada no jardim de uma residência e encravada em área com edificações, próximo à fonte passa um afluente do rio Jaguaribe, bastante comprometido com despejos de resíduos domésticos (Figura 39).

Tabela 31 - Fonte do Terreiro Umbanda

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	72,7
Cor	<15		2,00
DBO	<3	mg/L	<1
DQO	-	mg/L	<5
Ferro Total	-	mg/L	433
Fósforo Total	<0,02	mg/L	<0,009
N.Nitrato	<10	mg/L	7,99
OD	>6	mg/L	1,24
pH	6-9	-	5,39
Turbidez	5 UT	-	2,4
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	220

Conforme tabela 31 e Portaria n. 518/04, do MS, está inadequada para consumo humano, porém pode ser utilizada para banho, segundo o CONAMA n. 274/00.

● FONTE DO TERREIRO ILÊ AXÉ OXUMARÉ

Situada na Av. Vasco da Gama, nº 343 – **Federação**.

A fonte está localizada próximo da pista principal da Vasco da Gama e do rio Lucaia, em área comercial e residencial, densamente povoada (Figura 40).



Figura 40 - Fonte do Terreiro Ilê Axé Oxumaré

Seu acesso é particular e o uso da água é restrito aos rituais do candomblé. A fonte está em desnível, em relação ao terreiro, sendo o acesso a ela feito por uma escadaria. É do tipo cacimba, com parede revestida de tijolo, tampada, e existe constante manutenção quanto à sua limpeza.

Tabela 32 - Qualidade da água do Terreiro Ilê Axé Oxumaré

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	67,9
Cor	<15		1,00
DBO	<3	mg/L	<1
DQO	-	mg/L	7,50
Ferro Total	-	mg/L	51,1
Fósforo Total	<0,02	mg/L	0,020
N.Nitrato	<10	mg/L	10,8
OD	>6	mg/L	4,83
pH	6-9	-	6,96
Turbidez	5 UT	-	1,3
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	98,0

De acordo com a tabela 32 e Portaria n. 518/04, do MS, está inadequada para consumo humano, porém pode ser utilizada para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE DO TERREIRO ILÊ AXÉ IYÁ NASSÔ OKÁ

Esta fonte está localizada na Av. Vasco da Gama, nº 463 – **Engenho Velho da Federação** (Figura 41).



Figura 41 - Fonte do Terreiro Ilê Axé Iyá Nassô Oká

Assim como o a fonte do terreiro Oxumaré, está localizada em área comercial e residencial e de alta concentração populacional.

A fonte situa-se próximo da pista principal da Vasco da Gama e do rio Lucaia, estando localizada em área restrita ao terreiro e em um monumento em forma de barco. Ela apresenta minadouro em dois outros pontos distintos.

O uso da água é específico para os rituais de candomblé e, no local, há limpeza regular. A Fonte é do tipo cacimba, apresentando vazão durante todo o ano.

Tabela 33 - Qualidade de água do Terreiro Ilê Axé Iyá Nassô Oká

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	99,6
Cor	<15		<1
DBO	<3	mg/L	<1
DQO	-	mg/L	6,10
Ferro Total	-	mg/L	216,0
Fósforo Total	<0,02	mg/L	0,013
N.Nitrato	<10	mg/L	17,6
OD	>6	mg/L	2,06
pH	6-9	-	6,43
Turbidez	5 UT	-	1,9
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	<1

De acordo com a tabela 33 e Portaria n. 518/04, do MS, está inadequada para consumo humano, porém pode ser utilizada para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE DO TERREIRO ILÊ AXÉ JAGUN

Situada na Rua Lucíola, nº 50 – Alto de **Coutos**, no entorno dessa fonte existe elevada concentração populacional e ocupação desordenada. A quantidade de resíduos domésticos é elevada, o que provoca a contaminação do minadouro.

A fonte está localizada no quintal do terreiro e da residência e sua água é utilizada em atividades domésticas, rituais religiosos e lazer das crianças, banho e consumo (Figura 42).



Figura 42 - Fonte do Terreiro Ilê Axé Jagun

Tabela 34 - Qualidade da água do Terreiro Ilê Axé Jagun

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	104
Cor	<15		<1
DBO	<3	mg/L	<1
DQO	-	mg/L	<5
Ferro Total	-	mg/L	26,1
Fósforo Total	<0,02	mg/L	<0,009
N.Nitrato	<10	mg/L	9,03
OD	>6	mg/L	0,36
pH	6-9	-	5,61
Turbidez	5 UT	-	0,4
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	<1

Segundo a tabela 34 e Portaria n. 518/04 do MS, está em boas condições para consumo humano, porém pode ser utilizada para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE DO TERREIRO ILÊ IYA OMI AXÉ

Essa fonte localiza-se no Alto do Gantois, nº 23- **Federação**, em um terreiro de tradição, na cidade de Salvador, de Mãe Menininha de Gantois. A fonte é do tipo cacimba com parede re-

vestida de tijolos, em local gradeado e com tampa. O ambiente tem limpeza regular, a vazão de água é mais elevada em período chuvoso.



Figura 43 - Fonte do Terreiro Ilê Iya Omi Axé

Localizada em terreno com desnível em relação ao terreiro, próxima da Rua Anita Garibaldi, o uso da água é específico para os rituais de candomblé (Figura 43).

Tabela 35 - Qualidade da água do Terreiro Ilê Iya Omi Axé

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	89,8
Cor	<15		<1
DBO	<3	mg/L	<1
DQO	-	mg/L	20,2
Ferro Total	-	mg/L	67,8
Fósforo Total	<0,02	mg/L	<0,009
N.Nitrato	<10	mg/L	26,7
OD	>6	mg/L	3,62
pH	6-9	-	6,24
Turbidez	5 UT	-	0,4
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	<1

Conforme tabela 35 e Portaria n. 518/04, do MS, está inadequada para consumo humano, porém pode ser utilizada para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00.

● FONTE DO HORTO FLORESTAL

Situada na rua Abraão, 29E, Loteamento Moisés, Conj. ACM, Barreiras. A fonte está localizada no Horto Florestal, uma área de proteção ambiental. Apresenta vegetação de mata primária e secundária (Figura 44).



Figura 44 - Fonte do Horto Florestal

Em função da inexistência de fiscalização rigorosa da área do Horto, esse patrimônio tem sido comprometido com ocupações irregulares. O local onde a fonte está localizada é de difícil acesso e não há coleta de lixo, os resíduos sólidos são lançados no ambiente.

A água da fonte apresenta vazão no período de chuva e é utilizada pelos moradores para consumo humano, destacando-se seu uso para beber.

Tabela 36 - Qualidade da Fonte do Horto Florestal

Prâmetro	Limite Conama	Unidade	Valor
Cloreto	<250	mg/L	76,6
Cor	<15		7,00
DBO	<3	mg/L	<1
DQO	-	mg/L	5,90
Ferro Total	-	mg/L	18,4
Fósforo Total	<0,02	mg/L	0,027
N.Nitrato	<10	mg/L	42,7
OD	>6	mg/L	5,77
pH	6-9	-	4,73
Turbidez	5 UT	-	1,6
Coliformes Termotolerante	Ausência	UFC /100mL	142

Quanto à qualidade da água, está inadequada para consumo humano, conforme Portaria n. 518/04, do MS, porém pode ser utilizada para banho, segundo a Resolução CONAMA n. 274/00 (Tabela 36).

Sobre a Qualidade das Águas das Fontes

As fontes em Salvador apresentam problemas diversos, a exemplo da falta de manutenção, necessidade de reformas em suas instalações, disciplina no uso e combate às fontes de poluição.

Diante do fato de que a quase totalidade da população é abastecida pelo sistema público de distribuição de água, esse patrimônio, as águas das fontes, com raras exceções, encontra-se degradado, delegado ao abandono, à sujeira, à pobreza e exclusão social. Isso resulta do não reconhecimento do significado social e ambiental das fontes, por parte dos moradores da cidade, e da ausência de políticas públicas, voltadas para a sua conservação.

As ações governamentais, quando existem, têm caráter temporário e paliativo, como pintura, quando se aproximam as festividades cívicas, limpeza decorrente de alguma campanha, mas nada que se configure como uma política de conservação e manutenção, permanente e eficaz voltada para as fontes.

Em decorrência do aspecto límpido das suas águas, o morador, de forma equivocada, qualifica a água das fontes como potável e ou mineral, o que estimula o seu uso, ainda que marginal, sobretudo em períodos de escassez e intermitência do abastecimento pela rede pública de distribuição, atitude muito comum nos bairros ocupados pela população das menores faixas de renda.

Desse modo, é preciso levar em conta que Salvador pode estar diante de um sério problema de saúde pública. Segundo os parâmetros estipulados pelas Resoluções CONAMA n. 357/05 e n. 274/00, e pela Portaria n. 518/04, do Ministério da Saúde, legislações vigen-

tes no País, em sua grande maioria, a qualidade das águas das fontes está em desconformidade para alguns usos realizados pela comunidade. Os elevados teores de nitrato e de coliformes termotolerantes encontrados nas amostras de água analisadas das fontes, são preocupantes.

As fontes dos terreiros, situadas sobretudo em terras particulares, de uso quase exclusivo para os rituais religiosos, apresentam, de igual modo, elevados teores em N. Nitrato, maiores, inclusive, do que as fontes públicas distribuídas pela cidade.

O nitrato está associado a alguns efeitos negativos sobre a saúde, sendo dois deles, a indução à metemoglobinemia e à formação potencial de nitrosaminas e nitrosamidas carcinogênicas (por exemplo, de estômago e bexiga) e as principais fontes de contaminação de água por nitratos são a produção agrícola intensiva e os resíduos domésticos e industriais. No caso específico de Salvador, a presença de nitrato nas águas das fontes pode estar relacionada a ausência ou precariedade de soluções adequadas para os excretas humanos/esgotos sanitários.

Desse modo, torna-se necessário que o Poder Público adote providências imediatas visando solucionar tal problema, ampliando a cobertura do serviço público de esgotamento sanitário à toda população, com o uso de tecnologias apropriadas, bem como que a população seja informada do risco ao qual está exposta, no sentido de reversão dessa situação de degradação e comprometimento das condições de qualidade urbano-ambiental e de saúde da população.



Considerações Finais e Proposições

Os resultados do Projeto de Pesquisa *Qualidade Ambiental das Águas e da Vida Urbana em Salvador*, sobre as águas dos rios e fontes de Salvador, revelam uma situação preocupante, que pode comprometer a saúde pública e a qualidade do ambiente urbano na cidade do Salvador. Como reiteradas vezes tem sido colocado, essa situação não é exclusiva da Cidade da Bahia, uma vez que a degradação ambiental, assim como a exclusão social, são problemas estruturais comuns às grandes metrópoles do País. Entretanto, a dimensão da pobreza urbana em Salvador e a histórica carência de políticas públicas, imprimem cores especiais à perversa relação entre cidade e natureza no atual contexto de urbanização.

Nossos rios e fontes estão sendo degradados pela ocupação e uso de solo desordenados, pela não implantação integral, em pleno século XXI, de um sistema de esgotamento sanitário que atenda a todas as áreas urbanas e camadas sociais e pela não implementação de políticas e soluções que visem à universalização do acesso às águas, enfim, pela ausência de uma política urbano-ambiental, de caráter inclusive regional, voltada para a melhoria da qualidade de vida urbana, preservação dos recursos ambientais e inclusão social.

A ocupação do solo pela população situada nas distintas faixas de renda, assim como a ação predatória de atividades econômicas, cuja principal fonte de renda é a terra urbana (a exemplo do setor imobiliário), associados à regulação permissiva, resultaram na ocupação desordenada das zonas de vales, dos leitos naturais dos nossos rios, suprimindo a vegetação ciliar, impermeabilizando o solo e assoreando os corpos d'águas. Além disso, as características topográficas da cidade e seu relevo acidentado geram grandes dificuldades adicionais à implementação do saneamento ambiental, à operação dos sistemas de esgotamento sanitário, drenagem pluvial e coleta de lixo. Estas características dificultam a universalização desses serviços, impactando diretamente na qualidade ambiental dos rios urbanos e na saúde da população. Nesse processo, os rios transformaram-se em esgotos a céu aberto, que passaram a ser canalizados e encapsulados – descaracterizando a paisagem natural (indo de encontro à tendência atual, no mundo, da valorização dos rios urbanos) e agravando a qualidade ambiental das águas, como mostram os baixos Índices de Qualidade das Águas-IQA apresentados nessa pesquisa.

O fato é que os índices de atendimento de serviços públicos básicos, considerados como Direito Universal, divulgados pelos institutos oficiais de pesquisa, não retratam a verdadeira situação na qual vive o morador desta cidade. Salvador, nesse começo de século, precisa avançar na superação da estratificação na prestação dos serviços básicos e fundamentais de infra-estrutura urbana. A população situada nas menores faixas de renda ainda convive com a intermitência no abastecimento de água, consome águas de fontes sem nenhum controle de qualidade e convive, diariamente, com esgotos a céu aberto nas portas de suas casas. O argumento de que a responsabilidade do Estado estaria cumprida com a implantação de uma rede coletora de esgotamento sanitário e que caberia ao morador a ligação do seu domicílio à rede coletora não ameniza esta situação. É preciso que sejam colocadas em prática políticas capazes de superar as dificuldades e limites identificados e para isso é preciso mobilizar e articular as diversas esferas governamentais voltadas para o atendimento de necessidades básicas, como o acesso ao saneamento ambiental, ou seja, o abastecimento regular de água e o uso eficiente desta água; o acesso à solução apropriada para os excretas humanos e para águas servidas, à rede coletora de esgotamento sanitário e à prática de reuso de água; o manejo adequado dos resíduos sólidos e a drenagem e manejo de águas pluviais urbanas. De forma sintética, os principais fatores de pressão e as ações mitigadoras propostas estão relacionados no quadro 01.

Quadro 01. Atividades Impactantes Identificadas e Ações Mitigadoras Propostas para os Rios Urbanos de Salvador

FATOR DE PRESSÃO	AÇÃO
Lançamento de efluentes sanitários <i>in natura</i> .	<ul style="list-style-type: none"> • Implantar redes coletoras de esgotamento sanitário, bem como ligações domiciliares e interligação com as estações de condicionamento prévio dos emissários submarinos. • Incentivar a adoção de programa de saneamento ecológico.
Disposição inadequada de resíduos sólidos domiciliares “à céu aberto” e nas proximidades das margens e calhas fluviais dos rios.	<ul style="list-style-type: none"> • Remover o lixo e entulhos disposto próximo às margens e calhas fluviais dos rios e implantar programa de gerenciamento municipal de resíduos sólidos, contemplando redução da geração na fonte, reutilização, reciclagem, com encaminhamento do rejeito para o aterro sanitário metropolitano centro.
Remoção das matas ciliares	<ul style="list-style-type: none"> • Implantar projeto de recuperação desenvolvido pela SMA/SEDHAM/PMS e SUCOP/SE-TIN/PMS e pela SEMA (INGÁ e IMA) de recomposição das matas ciliares ao longo dos cursos e nascentes. • Promover atividades de conscientização da população que vive no entorno dos rios e nascentes. • Fiscalizar e coibir a atividade. • Enquadrar infratores de acordo com a legislação vigente.
Lançamento de efluentes de postos de combustíveis e lavagens de veículos diretamente nas calhas fluviais	<ul style="list-style-type: none"> • Implantar sistema – separador água-óleo, diques de contenção e posterior ligações na rede coletora de esgotamento sanitário, coibindo o lançamento direto nas calhas fluviais e sistema de monitorização das águas subterrâneas para identificação de problemas de contaminação dos aquíferos, incluindo o cadastramento dos postos e situações atual das licenças (ambientais alvarás de funcionamento) • Fiscalizar e coibir a atividade. • Enquadrar infratores de acordo com a legislação vigente.
Extração clandestina de areia e argila (arenoso) ao longo das margens e leito dos rios.	<ul style="list-style-type: none"> • Fiscalizar e verificar a situação quanto ao licenciamento ambiental. • Recuperar áreas degradadas.
Ocupação espontânea/desordenada das zonas de vales, dos leitos naturais dos rios.	<ul style="list-style-type: none"> • Reassentar moradores e recuperar as áreas degradadas.
Contaminação das fontes (aquífero fissural) devido infiltração de excretas humanos/esgotos sanitários provenientes de fossas sanitárias e da rede coletora de esgotos.	<ul style="list-style-type: none"> • Implantar projeto de recuperação das principais fontes de Salvador e monitorização sistemática e permanente da qualidade de suas águas e divulgação da sua condição de potabilidade ao público, verificando a possibilidade de eliminação das fontes pontuais de poluição/contaminação das zonas de recargas.
Assoreamento das calhas fluviais e planícies de inundações.	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar operações de limpeza dos rios, com a retirada de sedimentos e resíduos sólidos, com o cuidado para não afetar o limite do substrato lamoso em trechos identificados como críticos (dragagem e desassoreamento).
Uso indiscriminado do uso do solo urbano em áreas de preservação permanente, vales das drenagens e encostas e talvegues dos rios urbanos.	<ul style="list-style-type: none"> • Promover junto à comunidade local programas de Educação Ambiental, visando a sensibilização, conscientização e ação de moradores e empreendedores imobiliários, de modo a criar uma visão sustentável do uso do solo nas margens dos rios e melhoria da qualidade de suas águas, ações a serem incentivadas pelo Conselho Municipal de Meio Ambiente e PMS.
Degradação de áreas de nascentes e cabeceiras.	<ul style="list-style-type: none"> • Implementar ações de requalificação ambiental nas nascentes, cabeceiras e áreas circundantes dos rios, com a identificação e catalogação da vegetação degradada e replantio e acompanhamento e disciplinamento do uso do solo em Áreas de Preservação Permanentes com relação a concessões de licenciamentos de empreendimentos diversos por parte do Conselho Municipal de Meio Ambiente.

Desse modo, o Projeto de Pesquisa *Qualidade Ambiental das Águas e da Vida Urbana em Salvador*, infelizmente revela uma situação de grande precariedade do ponto de vista urbano-ambiental. Seu mérito é quantificar e qualificar, a partir de uma discussão teórica e conceitual, aquilo que a realidade de forma renitente insiste em revelar. A solução para os problemas identificados reforça a necessidade de colocar em prática diretrizes já incorporadas em documentos oficiais de planejamento, como também em estreitar os vínculos entre a Universidade, o Poder Público e a sociedade civil organizada, de modo a produzir, de forma criativa, alternativas capazes de enfrentar os grandes desafios colocados pelos resultados dessa pesquisa. A consecução desses objetivos exige o envolvimento interinstitucional, o planejamento, o controle efetivo e sistemático de uso e ocupação do solo, o controle social além da construção de cenários que efetivamente reflitam a realidade da cidade e de sua região.

A maior contribuição que essa pesquisa oferece a Salvador é a reafirmação que urge que os nossos rios sejam recuperados e monitorizados pelo Poder Público e também cuidados, preservados e utilizados com parcimônia pela população. Assim, faz-se necessário, por exemplo, que sejam implementadas as diretrizes para a conservação e a manutenção da qualidade ambiental dos recursos hídricos no território do Município, diretrizes que, inclusive, já estão devidamente estabelecidas no art. 21 da Lei n. 7.400/2008, do PDDU, quais sejam:

- I – promoção da conservação, preservação, recuperação e uso sustentável dos recursos hídricos superficiais e subterrâneos;
- II – controle e fiscalização, da ocupação, inclusive da densidade e da impermeabilização do solo nas áreas urbanizadas, mediante a aplicação de critérios e restrições urbanísticos regulamentados na legislação de ordenamento do uso e ocupação do solo;
- III – conservação da vegetação degradada, em especial das matas ciliares ao longo dos cursos d’água e da cobertura vegetal dos fundos de vale e encostas íngremes e recuperação daquela degradada;
- IV – desobstrução dos cursos d’água e das áreas de fundo de vale passíveis de alagamento e inundações, mantendo-as livres de ocupações humanas;
- V – monitorização e controle das atividades com potencial de degradação do ambiente, especialmente quando localizadas nas proximidades de cursos d’água, de lagos, lagoas, áreas alagadiças e de represas destinadas ou não, ao abastecimento humano;
- VI – estruturação de um sistema de monitorização pelo Município, em articulação com a Administração Estadual, para acompanhamento sistemático da perenidade e qualidade dos recursos hídricos superficiais e subterrâneos no território de Salvador, destinados ou não ao abastecimento humano;
- VII – criação de instrumentos institucionais, como o subcomitê Joanes/Ipitanga do Comitê da Bacia do Recôncavo Norte para a gestão compartilhada das bacias hidrográficas dos rios Joanes e Ipitanga, também responsáveis pelo abastecimento de água de Salvador, criando-se fóruns de entendimentos sobre a utilização e preservação da qualidade das águas e do ambiente como um todo;
- VIII – estabelecimento, como fator de prioridade, da implantação e ampliação de sistemas de esgotamento sanitário, bem como intensificação de ações de limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos, de modo a evitar a poluição e contaminação dos cursos d’água e do aquífero subterrâneo, em especial nas áreas de proteção de mananciais;
- IX – adoção de soluções imediatas para as ligações de esgotos domiciliares e para os pontos críticos do Sistema de Esgotamento Sanitário de Salvador, visando à melhoria da salubridade ambiental, bem como desativar as “captações de tempo seco” construídas nos corpos d’água principais, promovendo a revitalização dos mesmos (SALVADOR, 2008, p.14-15).



Em Salvador, como em muitas das nossas metrópoles o desafio consiste, então, em transformar proposições e determinações legais em ações. Não faltam estudos, não faltam idéias, mas falta ação, o que nos situa no campo da vontade e determinação política. Especificamente, trata-se de subordinar o uso dos recursos ambientais aos interesses coletivos e reforçar a intervenção do Poder Público, com especial ênfase na ação do Poder Público Municipal, responsável pela gestão urbano-ambiental do Município, com ações como as relacionadas a seguir: (i) reurbanização de áreas ocupadas pela população situada nas menores faixas de renda, uma vez que a principal fonte de contaminação dos rios urbanos é o lançamento de esgotos domésticos in natura; (ii) reassentamento de moradores das áreas de APP-Áreas de Preservação Permanente e planícies de inundações, vales e talwegues das drenagens; (iii) fiscalização hidro-ambiental articulada e sistemática nas margens dos rios; (iv) operação de limpeza dos rios, com a retirada de resíduos sólidos, sem afetar o limite do substrato lamoso; (v) promoção junto à comunidade local de programas de Educação Ambiental, visando a sensibilização, conscientização e ação de moradores e empreendedores imobiliários, de modo a criar uma visão sustentável do uso do solo nas margens dos rios e melhoria da qualidade de suas águas; (vi) implementação de ações de requalificação ambiental nas nascentes, cabeceiras e áreas circundantes dos rios, com a identificação e catalogação da vegetação e replantio; (vii) incentivar a adoção de programa de saneamento ecológico.

Assim, a Universidade Federal da Bahia espera que seja assumido o compromisso das instituições que participaram deste Projeto de Pesquisa em contribuir e cuidar das águas em Salvador: o INGÁ com a realização da medição de vazões dos corpos d'água superficiais e realizar a outorga da água, e, periodicamente, a monitorização e a fiscalização dos rios, águas subterrâneas e fontes; o IMA, a SMA/SE-DHAM com a realização da detecção das fontes de poluição e ações de prevenção e controle da poluição; a EMBASA em buscar a universalização do serviço público de abastecimento de água, realizando o controle de qualidade e informando seus resultados à SMS e à população, bem como continuar a monitorizar os corpos d'água que utiliza no Município; a CONDER juntamente com a PMS, com a construção de uma base de informação estruturada a partir dos recortes territoriais de bacía e de bairro; e à UFBA em dar continuidade as pesquisas, gerar conhecimento científico sobre as águas em Salvador, de forma interdisciplinar e divulgar para a população, Poder Público os resultados da sua investigação. O Grupo Águas/CIAGS-Escola de Administração da UFBA reitera assim a proposição de que as instituições públicas, pesquisadores e cidadãos que se envolveram de forma apaixonada nesse trabalho, transformem o Fórum das Águas de Salvador, criado para viabilizar a construção dessa pesquisa, em um espaço permanente de debate e discussão sobre Salvador e as Águas. Afinal, após 12 anos de implementação da Lei das Águas no País, urge o aprofundamento do debate sobre os desafios de implementação de uma gestão dos recursos ambientais no Brasil, nas nossas metrópoles, verdadeiramente democrática.

Cabe ressaltar a importância do Conselho Municipal de Meio Ambiente de Salvador, no acompanhamento e implementação das recomendações aqui sinalizadas, no sentido de conter os impactos ambientais do modelo de processo urbano vigente nesta Cidade.

Finalmente, gostaríamos de ser redundantes: aqui, na Cidade da Bahia, as águas têm um valor ambiental, econômico, social, histórico e cultural. Somos e estamos entrecortados e envoltos pelas águas e não podemos permitir que, em termos de radicalização dos processos de mercantilização de elementos da natureza considerados como direito universal, como a água, a escassez torne-se associada à nossa cidade. A reversão desse quadro implica em decisões de natureza política, na construção de uma gestão articulada, integrada e democrática para Salvador.

Referências

Referências Bibliográficas de Bairros

● BACIA DO RIO DOS SEIXOS (BARRA-CENTENÁRIO)

CANELA

CANELA conserva charme da antiga burguesia. *Tribuna da Bahia*, Salvador, 01 abr. 1987.

CANELA: trânsito difícil e falta de polícia. *A Tarde*, Salvador, 30 mar 2002.

É DA COR do Canela. *Bahia Hoje*, Salvador, 28 abr. 1994.

INVASÕES chegam ao bairro do Canela. *Tribuna da Bahia*, Salvador, 12 jun. 1988.

TRANQUILIDADE já não é característica do bairro. *Bahia Hoje*, Salvador, 25 maio 1997.

GRAÇA

PASSADO e presente em sintonia na Graça. *A Tarde*, Salvador, 23 nov. 2002.

BAIRRO da Graça perdeu o ar de nobreza. *Tribuna da Bahia*, Salvador, 24 abr. 1988.

GRAÇA, o começo da aristocracia baiana. *Jornal da Bahia*, 04 nov. 1974.

BARRA

BARRA é cartão postal. *Correio da Bahia*, Salvador, 20 ago. 2004.

BARRA é síntese da cidade. *A Tarde*, Salvador, 14 abr. 2007.

BARRA: mais que um bairro, um prazer. *Correio da Bahia*, Salvador, 14 set. 1987.

CAPITAL consolida conquista das terras portuguesas. *Correio da Bahia*, Salvador, 29 set. 1999.

CARNEIRO, Edson. *Cidade do Salvador 1549*: uma reconstituição histórica; a conquista da Amazônia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

DOREA, Luiz Eduardo. *História de Salvador nos nomes das suas ruas*. Salvador: EDUFBA, 2006.

FORTES lembram mistura contra os holandeses. *Tribuna da Bahia*, Salvador, 26 ago. 1987.

● BACIA DE ONDINA

ALTO DAS POMBAS

ALTO das Pombas resiste à especulação. *A Tarde*, Salvador, 30 dez. 2000.

CALABAR

A COMUNIDADE da resistência. *A Tarde*, Salvador, 01 mar. 2008.

SALVADOR. Fundação Gregório de Matos. *Cultura todo dia*: Orla Atlântica. Disponível em: http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-area.php?cod_area=5.

ONDINA

CALABAR tem uma história de resistência. *A Tarde*, Salvador, 05 ago. 2000.

ONDINA de muitos contrastes. *A Tarde*, Salvador, 06 out. 2007.

● BACIA DO RIO LUCAIA

TORORÓ

DÓREA, Luiz Eduardo. *História de Salvador nos nomes das suas ruas*. Salvador: EDUFBA, 2006.

NAZARÉ

CONTRASTES urbanos recontam a história de Nazaré. *Correio da Bahia*, Salvador, 06 jul. 1996.

PEREIRA, Manoel Passos. *História do bairro de Nazaré*: uma experiência participativa em Salvador. Salvador: FUNCEB, 1994.

BARRIS

CORREIA, Mauro. *Bahia de todos os nomes*: parte I. Salvador, 1999.

UM BAIRRO no Centro onde quase tudo mudou. *A Tarde*, Salvador, 15 dez. 2007.

GARCIA

BECO ficou famoso em Salvador. *Tribuna da Bahia*, Salvador, 18 nov. 1988.

MUDANÇA, uma tradição nos carnavais. *Tribuna da Bahia*, Salvador, 18 nov. 1988.

TRADIÇÃO e modernismo convivem no Garcia. *Tribuna da Bahia*, Salvador, 29 nov. 1987.

BOA VISTA DE BROTAS

Disponível em: <<http://www.emtursa.ba.gov.br>>.

Disponível em: <<http://www.fundacaocultural.ba.gov.br/espacos/so-laboavistar.htm>>.

ENGENHO VELHO DE BROTAS

ENGENHO Velho de Brotas conserva ares de interior. *A Tarde*, Salvador, 25 mar. 2000.

ENGENHO Velho de Brotas é herança do ciclo do açúcar. *A Tarde*, Salvador, 04 nov. 2000.

ENGENHO Velho de Brotas paga segurança. *A Tarde*, Salvador, 13 abr. 2002.

ENGENHO Velho de Brotas perdeu antiga tranquilidade. *A Tarde*, Salvador, 03 jul. 1999.

VELHO casarão é cartão de visita. *Tribuna da Bahia*, Salvador, 21 ago. 1988.

FEDERAÇÃO

BAIRRO serve de conexão para o resto da cidade. *A Tarde*, Salvador, 07 ago. 2007.

SALVADOR. Fundação Gregório de Mattos. *Salvador, Cultura todo dia*:

Federação. Disponível em: http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-area.php?cod_area=9.

SEU BAIRRO: Federação ainda conserva o seu lado rural. **A Tarde**, Salvador, 26 dez. 1998.

ACUPE

DÓREA, Luiz Eduardo. **Histórias de Salvador nos nomes das suas ruas**. Salvador: EDUFBA, 2006. 448 p. (Coleção Bahia de Todos).

ENGENHO VELHO DA FEDERAÇÃO

BAIRRO ganha obras por ser quilombo. **A Tarde**, Salvador, 25 set. 2005.

ENGENHO Velho da Federação: berço do axé. **A Tarde**, Salvador, 26 fev. 2000.

ITAIGARA

PARA moradores, Itaigara é bom demais. **A Tarde**, Salvador, 16 jan. 1999.

PRÉDIOS dominam paisagem. **A Tarde**, Salvador, 11 ago. 2007.

CANDEAL

CANDEAL PEQUENO trocou sombra das senzalas pelo burburinho cosmopolita. **A Tarde**, Salvador, 03 dez. 2000.

COMUNIDADE aprova filme sobre Candéal. **A Tarde**, Salvador, 13 set. 2004.

GUETO dos timbaus. **Correio da Bahia**, Salvador, 12 jul. 1997.

ORGULHO renasceu com as melhorias no bairro. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 03 dez. 2001.

TRANQUILIDADE e beleza verde no Candéal. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 13 dez. 1987.

SANTA CRUZ

MORADORES de Santa Cruz clamam por água, luz, calçamento e transporte. **A Tarde**, 19 maio 1967.

SANTA Cruz é uma área formiguinha. **A Tarde**, Salvador, 20 jan. 2000.

NORDESTE DE AMARALINA

MORADORES combatem violência com solidariedade. **A Tarde**, Salvador, 25 ago. 2007.

NORDESTE de Amaralina pede socorro. **A Tarde**, Salvador, 21 mar. 2004.

NORDESTE de Amaralina resgata cidadania. **A Tarde**, Salvador, 19 jun. 2005.

VALE DAS PEDRINHAS

FAMA de lugar perigoso não amedronta os moradores. **A Tarde**, Salvador, 19 jan. 1997.

VALE das Pedrinhas, morada da insegurança. **A Tarde**, 11 ago. 2001.

VALE das Pedrinhas quer mais saneamento. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 06 maio 2002.

RIO VERMELHO

BOEMIA e História no Rio Vermelho. **Correio da Bahia**, Salvador, 08 nov. 2005.

02 DE FEVEREIRO celebra o feminino. **A Tarde**, Salvador, 12 fev. 2004.

DÓREA, Luiz Eduardo. **Histórias de Salvador nos nomes das suas ruas**. Salvador: EDUFBA, 2006. 448 p. (Coleção Bahia de Todos).

FORTE do Rio Vermelho desaparece do mapa histórico. **Correio da Bahia**, Salvador, 24 mar. 1999.

O BAIRRO da moda e tradição. **A Tarde**, Salvador, 02 jun. 2007.

RIO Vermelho é paraíso de boêmios e artistas. **Correio da Bahia**, Salvador, 30 nov. 1996.

RIO Vermelho, um passeio pela arte e boemia. **A Tarde**, Salvador, 21 nov. 1998.

● BACIA DO RIO CAMARAJIPE

ALTO DO CABRITO

ALTO do Cabrito reivindica urbanização. **A Tarde**, Salvador, 06 abr. 2002.

DÉCADAS de problemas no Alto do Cabrito. **A Tarde**, Salvador, 09 fev. 2002.

DÓREA, Luiz Eduardo. "História de Salvador nos nomes das suas ruas" Salvador: EDUFBA, 2006.

MARECHAL RONDON

ÔNIBUS é o problema em Marechal Rondon. **A Tarde**, Salvador, 06 nov. 1999.

BOA VISTA DE SÃO CAETANO

BOA Vista de São Caetano vive de esperança. **A Tarde**, Salvador, 24 mar. 2001.

SÃO CAETANO

BOA Vista de São Caetano vive de esperança. **A Tarde**, Salvador, 17 jul. 1999.

FORMIGA, um bairro que faz jus ao nome. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 01 jun. 1987.

SÃO Caetano está abandonado. **Jornal da Bahia**, Salvador, 25 set. 1988.

VINTE e um metros de bolo para Tiradentes. **A Tarde**, Salvador, 22 abr. 2005.

CAPELINHA

ÁGUA é um bem raro em Salvador. **A Tarde**, Salvador, 24 mar. 2001.

CAPELINHA: omissão de Kertész já é uma rotina. **Correio da Bahia**, Salvador, 06 out. 1986.

CALABETÃO

CALABETÃO tem muitas queixas dos políticos. **A Tarde**, Salvador, 14 out. 1987.

VIOLÊNCIA cresce no Calabetão sem polícia. **A Tarde**, Salvador, 30 set. 2000.

MATA ESCURA

BIBLIOTECA comunitária é inaugurada em Mata Escura. **Correio da Bahia**, Salvador, 05 nov. 2006.

DENSA floresta habitada. **Correio da Bahia**, Salvador, 01 nov. 1997.

DISPOSITIVO anticrime. **Correio da Bahia**, Salvador, 16 jun. 2007.

ESGOTO é a maior carência de Mata Escura. **A Tarde**, Salvador, 17 ago. 2002.

FREIRE, J. Trindade; JESUS, A. Mota de. **Análise integrada do Parque do Vale da Mata Escura e da Prata**. Salvador: UFBA. 2009.

OCUPAÇÃO de Mata Escura começou em 1930. **A Tarde**, Salvador, 29 dez. 2001.

MATA Escura ganha espaço cultural. **A Tarde**, Salvador, 18 jul. 2007.

PROJETO de parque na Mata Atlântica. **A Tarde**, Salvador, 05 nov. 2004.

BOM JUÁ

BOM Juá sofre com a falta de saneamento. **A Tarde**, Salvador, 18 out. 2003.

SALVADOR. Fundação Gregório de Mattos. **Salvador, cultura todo dia: Liberdade/Bom Juá**. Disponível em: http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=7&cod_polo=27 .

FAZENDA GRANDE

FESTA do Lixo já não atrai como antigamente. **A Tarde**, Salvador, 04 jul. 1987.

SANTOS, Gerson. Violência e abandono marcam a Fazenda Grande. **A Tarde**, Salvador, 03 abr. 1999.

BARREIRAS

SALVADOR. Fundação Gregório de Mattos. **Salvador, Cultura todo dia: Estrada das Barreiras**. Disponível em: http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=4&cod_polo=75 .

RETIRO

RETIRO: núcleo sede lugar a duas usinas. **Jornal da Bahia**, Salvador, 30 abr. 1970.

IAPI

COMÉRCIO desordenado no IAPI prejudica moradores. **Correio da Bahia**, Salvador, 23 fev. 2008.

GRANDES contrastes nem bairro sem harmonia. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 10 abr. 1988.

IAPI, um local privilegiado pela natureza. **A Tarde**, 02 out. 1999.

PRIMEIRO edifício construído. **Correio da Bahia**, Salvador, 12 ago. 1991.

SIGLA é referência no IAPI. **Bahia Hoje**, Salvador, 17 mar. 1994.

SANTA MÔNICA

BAIRRO de Santa Mônica sofre mudanças. **Correio da Bahia**, Salvador, 02 set. 1995.

ENCOSTA é fator de risco em Santa Mônica. **A Tarde**, Salvador, 11 nov. 2000.

PERO VAZ

A SUA cidade. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 07 jul. 1987.

FAMA de violência persegue Pero Vaz. **A Tarde**, Salvador, 12 fev. 2000.

PERO Vaz, de invasão vira bairro pobre e esquecido. **A Tarde**, Salvador, 12 fev. 2000.

CURUZU

CURUZU ganha formato de ponto turístico cultural. **Correio da Bahia**, Salvador, 24 jan. 2006.

CURUZU preserva jeito de cidade pequena. **A Tarde**, Salvador, 09 dez. 2000.

CURUZU, o bairro mais negro de Salvador. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 2000.

LIXO e descaso são a rotina do Curuzu. **Correio da Bahia**, Salvador, 31 jul. 1986.

SALVADOR. Fundação Gregório de Mattos. **Salvador, Cultura todo dia: Liberdade/Curuzu**. Disponível em: http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=7&cod_polo=105.

LIBERDADE

A LIBERDADE é Negra. **A Tarde**, Salvador, 20 nov. 2007.

BERÇO da cultura negra enfrenta problemas. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 20 nov. 2001.

CHARME da Liberdade está em sua força cultural. **A Tarde**, Salvador, 20 nov. 2007.

Disponível em: <<http://www.soteropolitanos.com.br>>

DOCES para padroeiros da cidade. **A Tarde**, Salvador, 20 nov. 2003.

GUARANI é a última ocupação da Liberdade. **A Tarde**, Salvador, 20 nov. 2000.

SÃO GONÇALO

APESAR de tranquilo, bairro sofre carências. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 15 mar. 2002.

MÃE Stela convoca comunidade a investir na cultura da paz. **Correio da Bahia**, Salvador, 06 ago. 2005.

SÃO Gonçalo é um bairro abandonado. **A Tarde**, Salvador, 29 jun. 1988.

SÃO Gonçalo sofre com serviço deficiente. **A Tarde**, Salvador, 14 out. 2000.

PAU MIÚDO

DÓREA, Luiz Eduardo. **Histórias de Salvador nos nomes das suas ruas**. Salvador: EDUFBA, 2006. 448 p. (Coleção Bahia de Todos).

ESPAÇO do leitor. **A Tarde**, Salvador, 02 jun. 1989.

PAU Miúdo, primeira invasão de Salvador. **A Tarde**, Salvador, 19 dez. 1998.

TAMARINEIRO une bairro. **A Tarde**, Salvador, 19 abr. 2008.

LUIZ ANSELMO

EM LEMBRANÇA ao mestre contra a escravidão. **A Tarde**, Salvador, 05 jul. 2008.

LUIZ Anselmo surgiu da expansão de uma rua. **A Tarde**, Salvador, 10 jul. 1999.

CIDADE NOVA

CIDADE Nova se mantém como antigamente. **A Tarde**, Salvador, 15 mar. 2008.

CIDADE Nova não faz justiça ao nome. **A Tarde**, Salvador, 03 ago. 2002.

NA CIDADE Nova ainda se pode viver bem. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 05 maio 1987.

UM BAIRRO tranquilo perto do Centro. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 04 ago. 1988.

VILA LAURA

Disponível em: <<http://www.vilalaura.wordpress.com/about/>>

E DE fazenda fez-se o bairro. **A Tarde**, Salvador, 31 maio 2008.

TRANQUILIDADE é marca da Vila Laura. **A Tarde**, Salvador, 22 maio 1999.

VIOLÊNCIA é um problema na Vila Laura. **A Tarde**, Salvador, 18 dez. 1999.

BAIXA DE QUINTAS

QUINTAS guarda ecos da história. **A Tarde**, Salvador, 18 de outubro 2008.

CEMITÉRIO é a marca da Baixa de Quintas. **A Tarde**, Salvador, 27 de outubro de 2001.

QUINTAS: uma área de muitos contrastes. **A Tarde**, 12 de dezembro 1998.

DOREA, Luiz Eduardo. **História de Salvador nos nomes das suas ruas**. Salvador: EDUFBA, 2006. 448 p. (Coleção Bahia de Todos).

CAIXA D'ÁGUA

CAIXA D'Água conserva tradição da vizinhança. **A Tarde**, Salvador, 18 mar. 2000

CAIXA D'Água encanta pela tranquilidade. **A Tarde**, Salvador, 20 abr. 1994

CAIXA D'Água: entre a paz e o sobressalto. **A Tarde**, Salvador, 26 out. 2002

CAIXA D'Água tem serviços de referências. **A Tarde**, Salvador, 15 jul. 2000

RESERVATÓRIO deu nome e crescimento ao bairro. **Correio da Bahia**, Salvador, 02 set. 1991

MATATU

CRESCIMENTO do Matatu acabou antiga mata. **A Tarde**, Salvador, 28 jul. 2001

CORREIA, Mauro. **Bahia de todos os nomes**: parte I. Salvador: [s.n], 1999. 59 p.

DÓREA, Luiz Eduardo. **Histórias de Salvador nos nomes das suas ruas**. Salvador: EDUFBA, 2006. 448 p. (Coleção Bahia de Todos).

MUITA tranquilidade e auto-suficiência. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 30 nov. 2001

SANTO AGOSTINHO

Disponível em: <<http://www.nacpc.org.br>>

SANTO Agostinho mantém perfil residencial. **A Tarde**, Salvador, 08 jul. 2000

MACAÚBAS

MACAÚBAS: decadência da antiga nobreza. **A Tarde**, Salvador, 05 maio 2001

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5 ed. Comemorativa do cinquentenário do autor. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.359 p (Brasiliiana n.380). Introdução e Notas do Professor Frederico Edelweiss e Assessoramento Técnico da Professora Consuelo Pondé de Sena.

BARBALHO

BAIRRO que é pura história. **A Tarde**, Salvador, 28 set. 2007

BARBALHO é um bairro tranquilo onde só falta mesmo o lazer. **A Tarde**, Salvador, 14 ago. 1994.

ESVAZIAMENTO do Centro prejudicou o Barbalho. **A Tarde**, Salvador, 05 fev. 2000

SILVA, Cecília Luz da. **A Cidade do Salvador nos seus 454 anos**. Salvador: EDUNEB, 2005.

LAPINHA

COMÉRCIO descaracterizou a Lapinha. **A Tarde**, Salvador, 11 mar. 2002

DA LUTA nasceu a paz. **Bahia Hoje**, Salvador, 31 mar. 1994

EXPANSÃO do comércio não tira o encanto do bairro. **Bahia Hoje**, Salvador, 15 dez. 1996.

HISTÓRIA e Tradição de festa. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 05 jan. 2002

LAPINHA é marco de História e religiosidade. **A Tarde**, Salvador, 23 dez. 2000

SAÚDE

CORREIA, Mauro. **Bahia de todos os nomes**: parte I. Salvador: [s.n], 1999. 59 p.

PEREIRA, Manoel Passos. **História do Bairro de Nazaré**: uma experiência participativa em Salvador. Salvador: FUNCEB/Faculdade de Turismo da Bahia, 1994.

SANTO ANTÔNIO

SALVADOR. Fundação Gregório de Mattos. **Salvador, cultura todo dia**:

Santo Antônio. Disponível em: http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=1&cod_polo=41

SILVA, Cecília Luz da. **A Cidade do Salvador nos seus 454 anos**. Salvador: EDUNEB, 2005.

CENTRO HISTÓRICO

CARNEIRO, Edson. **A Cidade do Salvador (1549)**: uma reconstituição histórica; a conquista da Amazônia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília; 1980.

TEIXEIRA, Cid. **Salvador**: história visual. Salvador: Correio da Bahia, 2001. v.3, p.6.

COSME DE FARIAS

COSME de Farias é área de alto risco. **A Tarde**, Salvador, 30 out. 2007

COSME de Farias ainda é uma boa moradia. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 04 maio 1987

FAZENDA se transformou em bairro desordenado. **Bahia Hoje**, Salvador, 15 maio 1997

COSME de Farias – uma homenagem merecida. **A Tarde**, Salvador, 09 jan. 1999

BROTAS

COMERCIANTES recorrem à segurança clandestina. **A Tarde**, Salvador, 30 abr. 2006

DIVERSIDADE e Contraste são marcas de Brotas. **A Tarde**, Salvador, 23 jun. 2007

DÓREA, Luiz Eduardo. **Histórias de Salvador nos nomes das suas ruas**. Salvador: EDUFBA, 2006. 448 p. (Coleção Bahia de Todos).

PERNAMBUEÉS

A CIDADE depois do viaduto. **A Tarde**, Salvador, 19 maio 2007

PERNAMBUEÉS, um bairro em tensão permanente. **A Tarde**, Salvador, 14 dez. 2002.

PRESENTE desejado. **Correio da Bahia**, Salvador, 02 maio 2007.

SARAMANDAIA

SARAMANDAIA derrota a violência. **A Tarde**, Salvador, 07 ago. 2005

SARAMANDAIA espera melhorias há 25 anos. **A Tarde**, Salvador, 28 maio 2000

CAMINHO DAS ÁRVORES

CAMINHO das Árvores. **Jornal Bahia Hoje**, Salvador, 09 mar. 1994

CAMINHO das Árvores luta contra o comércio. **A Tarde**, Salvador, 22 jul. 2000

Correio da Bahia; 21/09/96: “Clima bucólico impera no Caminho das Árvores”.

LABIRINTOS de árvores e muros altos. **A Tarde**, Salvador, 17 nov. 2007

STIEP

ANIMAIS desaparecem da Lagoa dos Pássaros. **Correio da Bahia**, Salvador, 19 mar. 2008

ÁREA valorizada com vizinhança barulhenta. **A Tarde**, Salvador, 25 ago. 2007

OCUPAÇÃO destroi meio ambiente no STIEP. **A Tarde**, Salvador, 07 maio 2000

STIEP foi construído para a classe média. **A Tarde**, Salvador, 06 out. 2001

COSTA AZUL

COSTA Azul se firma apesar das invasões. **A Tarde**, Salvador, Caderno Local, 27 jan. 2001

RESIDÊNCIAS predominam no Costa Azul. **Correio da Bahia**, Salvador, 28 set. 1998

SALVADOR. Fundação Gregório de Mattos. **Salvador, cultura todo dia**: Costa Azul/Stiep. Disponível em: http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=5&cod_polo=32

● BACIA DO RIO DAS PEDRAS (E PITUAÇU)

GRANJAS RURAIS

BAHIA. Secretaria da Indústria e Comércio. **Plano Diretor do Distrito Industrial Urbano do Município do Salvador**: DINURB. Salvador: SIC/DIC, 1983. 153p

PORTO SECO PIRAJÁ

Disponível em: <<http://www.sedham.salvador.ba.gov.br/>>

SALVADOR. Fundação Gregório de Mattos. **Salvador, cultura todo dia**: Porto Seco Pirajá. Disponível em: http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=4&cod_polo=82

PAU DA LIMA

MORADOR se vê abandonado em Pau da Lima. **A Tarde**, Salvador, 04 dez. 1999

MORADORES sofrem com o lixo e a falta de ônibus em Pau da Lima. **A Tarde**, Salvador, 06 set. 1988

PAU da Lima está cercado por invasões. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 31 jul. 1987

SUSSUARANA

DÓREA, Luiz Eduardo. **Histórias de Salvador nos nomes das suas ruas**. Salvador: EDUFBA, 2006. 448 p. (Coleção Bahia de Todos).

CENTRO ADMINISTRATIVO

SALVADOR. Fundação Gregório de Mattos. **Salvador, cultura todo dia**: Centro Administrativo. Disponível em: http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=4&cod_polo=73.

BEIRU/TANCREDO NEVES

BEIRU X Tancredo Neves: a luta pela mudança do nome. **A Tarde**, Salvador, 26 out. 2005

O NOME do bairro divide moradores de Tancredo Neves. **Correio da Bahia**, Salvador, 19 set. 2005

ENGOMADEIRA

CULTURA NO PONTO. Salvador: FGM, 2006. ISSN 1980-3249.

DORON

DORON: o conjunto que virou bairro. **A Tarde**, Salvador, 12 abr. 2008.

NARANDIBA

CONJUNTO de bairros forma Narandiba. **A Tarde**, Salvador, 10 mar. 2001.

INVASÃO nasceu no canteiro de uma avenida. **A Tarde**, Salvador, 29 out. 2000.

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5 ed. Comemorativa do cinquentenário do autor. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.359 p (Brasíliana n.380). Introdução e Notas do Professor Frederico Edelweiss e Assessoramento Técnico da Professora Consuelo Pondé de Sena.

CABULA

BARRETO, Ângela. Dos laranjais aos conjuntos. **A Tarde**, Salvador, 14 jan. 1984.

DÓREA, Luiz Eduardo. **Histórias de Salvador nos nomes das suas ruas**. Salvador: EDUFBA, 2006. 448 p. (Coleção Bahia de Todos).

DOS LARANJAIS aos conjuntos. **A Tarde**, Salvador, 14 jan. 1984.

IMBUÍ

IMBUÍ: um bairro vertical. **A Tarde**, Salvador, 10 nov. 2007.

NO IMBUÍ, uma estrutura de minicidade. **A Tarde**, Salvador, 13 out. 2001.

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5 ed. Comemorativa do cinquentenário do autor. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.359 p (Brasíliana n.380). Introdução e Notas do Professor Frederico Edelweiss e Assessoramento Técnico da Professora Consuelo Pondé de Sena.

PITUAÇU

ESTÁ surgindo um bairro às margens do Rio Pituaçu. **A Tarde**, Salvador, 29 ago. 1972.

HORTO inaugurado dá início à implantação do Parque de Pituaçu. **A Tarde**, Salvador, 29 mar. 1978.

PITUAÇU – novo bairro que cresce entre a fúria do mar e a palidez da lagoa. **A Tarde**, Salvador.

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5 ed. Comemorativa do cinquentenário do autor. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.359 p (Brasíliana n.380). Introdução e Notas do Professor Frederico Edelweiss e Assessoramento Técnico da Professora Consuelo Pondé de Sena.

BOCA DO RIO

BOCA do Rio está no mapa. **A Tarde**, Salvador, 29 abr. 2000.

BOCA do Rio nasceu de colônia de pesca. **A Tarde**, Salvador, 14 set. 2002.

CONTRASTE peculiar. **Correio da Bahia**, Salvador, 07 dez. 1996.

LUTA diária. **Jornal Bahia Hoje**, Salvador, 21 abr. 1994.

UMA CIDADE dentro da cidade. **A Tarde**, Salvador, 12 maio 2007.

● BACIA DO RIO PASSA VACA

PATAMARES

PATAMARES fica no Meio da Natureza. **A Tarde**, 13 nov. 1999.

PROJETO Patamares será incorporado a Salvador. **A Tarde**, Salvador, 21 fev. 1973.

● BACIA DO RIO JAGUARIBE

CASTELO BRANCO

COMO quem mora em alguma vila do interior. **A Tarde**, Salvador, 12 jan. 2008.

CRIMINALIDADE amedronta Castelo Branco. **A Tarde**, Salvador, 04 set. 1999.

CAJAZEIRAS

BUCOLISMO é o que alegria em Cajazeiras. **A Tarde**, Salvador, 02 jun. 2001.

CAJAZEIRAS, capital com jeito de interior. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 30 out. 2001.

CAJAZEIRAS, um bairro que virou cidade. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 20 mar. 1988.

‘CIDADE’ de médio porte. **Correio da Bahia**, Salvador, 06 set. 1997.

MORADORES de Cajazeiras fazem caminhada. **Correio da Bahia**, Salvador, 23 maio 2006.

PROJETO Cajazeiras vai ter 22 mil habitações. **A Tarde**, Salvador, 06 out. 1983.

VILA CANÁRIA

DESCASO com o bairro revolta moradores. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 30 jan. 2002.

SAUDADE de pássaros. **A Tarde**, Salvador, 25 out. 2008.

SÃO MARCOS

LAJE e futebol refletem estilo. **A Tarde**, Salvador, 05 maio 2007.

JARDIM NOVA ESPERANÇA

JARDIM Nova Esperança é só Pessimismo. **A Tarde**, Salvador, 20 maio 2000.

JAGUIRIPE I

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5 ed. Comemorativa do cinquentenário do autor. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.359 p. (Brasíliana n.380). Introdução e Notas do Professor Frederico Edelweiss e Assessoramento Técnico da Professora Consuelo Pondé de Sena.

CANABRAVA

SANTOS TAVARES, Liliane. **Aspectos Sócio-ambientais e a importância da formação da Cooperbrava na comunidade de Canabrava**: um estudo de caso em Salvador. Salvador, 2007. Monografia de licenciatura em Ciências Biológicas. Faculdades Jorge Amado.

VALE DOS LAGOS

NATUREZA e tranquilidade são marcas do bairro. **A Tarde**, Salvador, 01 set. 2007.

TROBOGY

DANNEMANN, Maria de Fátima. Trobogy assume ares de grande bairro. **A Tarde**, Salvador, 19 fev. 2000.

MUSSURUNGA

‘CIDADE’ de Mussurunga reivindica mais atenção. **A Tarde**, Salvador, 29 maio 1999.

CONJUNTO Cabula IV reduz déficit habitacional da grande Salvador. **Jornal da Bahia**, Salvador, 09 abr. 1978.

MUSSURUNGA é como viver no interior estando na capital. **A Tarde**, Salvador, 28 fev. 1988.

RAMOS, Cleidiana. Mussurunga ainda guarda ar de cidade do interior. **A Tarde**, Salvador, 15 set. 2007.

BAIRRO DA PAZ

OLIVEIRA, Meire. Persistência e União para construir. **A Tarde**, Salvador, 27 out. 2007.

PIATÃ

DÓREA, Luiz Eduardo. **Histórias de Salvador nos nomes das suas ruas**. Salvador: EDUFBA, 2006. 448 p. (Coleção Bahia de Todos).

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5 ed. Comemorativa do cinquentenário do autor. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.359 p (Brasíliana n.380). Introdução e Notas do Professor Frederico Edelweiss e Assessoramento Técnico da Professora Consuelo Pondé de Sena.

● BACIA DO RIO DO COBRE

MORADAS DA LAGOA

TRABALHO e teto para os que viviam na rua. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 08 e 09 mar. 2003.

VALÉRIA

ARAÚJO NETO, José. Descaso faz Valéria buscar emancipação. **A Tarde**, Salvador, 31 mar. 2001.

VALÉRIA cresce sem estrutura. **A Tarde**, Salvador, 11 set. 2008.

VALÉRIA, um sonho apenas de progresso. **Jornal da Bahia**, Salvador, 17 jun. 1973.

PIRAJÁ

A TARDE; 09/08/03: “Via histórica está abandonada”.

BELEZA e história ao abandono: Pirajá. **A Tarde**, Salvador, 20 jun. 1975.

HISTÓRIA não melhora a situação de Pirajá. **A Tarde**, Salvador, 24 abr. 1999.

INAUGURADO na Bahia o primeiro bairro industrial do país. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 12 abr. 1978.

MORADORES de Pirajá lutam para revitalizar a festa. **Correio da Bahia**, Salvador, 09 jul. 2007.

PIRAJÁ – o nome e a matriz. **A Tarde**, Salvador, 09 ago. 2003.

PIRAJÁ vive de suas glórias passadas. **A Tarde**, Salvador, 01 jul. 2003.

● BACIA DO RIO PARAGUARI

PERIPERI

ESTRADA de ferro foi o início. **A Tarde**, Salvador, 08 jul. 2007.

PERIPERI lamenta o declínio do Subúrbio. **A Tarde**, Salvador, 19 jun. 1999.

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5 ed. Comemorativa do cinquentenário do autor. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.359 p. (Brasíliana n.380). Introdução e Notas do Professor Frederico Edelweiss e Assessoramento Técnico da Professora Consuelo Pondé de Sena.

COUTOS

UM BAIRRO no meio do nada. **A Tarde**, Salvador, 26 abr. 2008.

● BACIA DO RIO IPITANGA

CASSANGE

UM CANTINHO escondido em Salvador. **A Tarde**, Salvador, 11 out. 2008.

ITINGA

ITINGA: um bairro em busca da própria identidade. **A Tarde**, 25 jan. 2008.

FAZENDA GRANDE I, II, III E IV

LUTA por faculdade une bairros de Cajazeiras. **A Tarde**, Salvador, 10 maio 2006.

MORADORES de Cajazeiras fazem caminhada. **Correio da Bahia**, Salvador, 23 mar. 2006.

MORADORES denunciam abandono do bairro. **Correio da Bahia**, Salvador, 12 jul. 2005.

MORADORES lutam pela preservação. **Correio da Bahia**, Salvador, 05 jun. 2006.

PEDREIRAS poluem represa em Fazenda Grande II. **A Tarde**, Salvador, 07 dez. 2004.

SURGE uma nova cidade na velha Salvador. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 21 out. 1985.

PALESTINA

ARAÚJO NETO, José. Palestina, um bairro em luta por melhorias. **A Tarde**, Salvador, 17 mar. 2001.

FONSECA, Adilson. Palestina a 15 km de Salvador. **A Tarde**, Salvador, 10 nov. 2004.

MOURA, Marjorie. Moradores querem Palestina sem explosões. **A Tarde**, Salvador, 18 set. 1999.

SÃO CRISTÓVÃO

REBOUÇAS, Saniele. A fé no santo deu nome ao bairro. **A Tarde**, Salvador, 01 dez. 2007.

JARDIM DAS MARGARIDAS

RECANTO calmo, mas carente de serviços. **A Tarde**, Salvador, 05 abr. 2008.

AEROPORTO

AEROPORTO de Salvador é destaque nacional. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 23 jun. 2006.

Disponível em: <<http://www.infraero.gov.br>>

RESGATE da história com o aeroporto 2 de Julho. **A Tarde**, Salvador, 17 jun. 2003.

● VITÓRIA-CENTRO

CENTRO

SILVA, Cecília Luz da. **A Cidade do Salvador nos seus 454 anos**. Salvador: EDUNEB, 2005.

VITÓRIA

A VITÓRIA já foi assim... **A Tarde**, Salvador, 06 nov. 1983.

CORREDOR imortal. **Bahia Hoje**, Salvador, 02 mar. 1994.

OS PRÓS e contras do tombamento. **A Tarde**, Salvador, 21 jun. 2003.

WEINSTEIN, Mary. Vitória para sempre preservada. **A Tarde**, Salvador, 18 jun. 2003.

● BACIA AMARALINA-PITUBA

AMARALINA

HUSPEL FILHO, Valmar. Amaralina conserva o charme de balneário. **A Tarde**, Salvador, 23 fev. 2008.

UM PEDAÇO do céu bem perto do mar. **Jornal da Bahia**, Salvador, 23 set. 1974.

PITUBA

ANDRADE, Adriano Bittencourt. **Expansão Urbana de Salvador**: o caso

da Pituba. Salvador, 2003. Dissertação de mestrado. Instituto de Geociências da UFBA.

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5 ed. Comemorativa do cinquentenário do autor. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.359 p. (Brasiliiana n.380). Introdução e Notas do Professor Frederico Edelweiss e Assessoramento Técnico da Professora Consuelo Pondé de Sena.

● BACIA COMÉRCIO

COMÉRCIO

SILVA, Cecília Luz da. **A Cidade do Salvador nos seus 454 anos**. Salvador: EDUNEB, 2005.

TEIXEIRA, Cid. **Salvador**: história visual. Salvador: Correio da Bahia, 2001. p. 6-7, v.7.

● ITAPAGIPE

LOBATO

DE CAMPO de petróleo a portal do Subúrbio. **A Tarde**, Salvador, 29 mar. 2008.

HÁ 70 anos o petróleo jorrou na Rua do Amparo. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 21 jan. 2009.

MEMÓRIA do petróleo se perde no Lobato. **A Tarde**, Salvador, 06 fev. 2002.

O OURO negro volta ao Lobato. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 21 jan. 2009.

SOBRA sujeira e falta água no Lobato. **A Tarde**, Salvador, 02 set. 2000.

URUGUAI

BAIRROS resgatam tradição. **Correio da Bahia**, Salvador, 25 jun. 2007.

SALVADOR. Fundação Gregório de Mattos. **Salvador, cultura todo dia**: Uruguai. Disponível em: http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=3&cod_polo=103.

TEMPLO abençoado pelo Papa. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 23 out. 1988.

CALÇADA

COMÉRCIO sob o asfalto se mantém vivo na calçada. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 08 jun. 2006.

MARES

LARGO dos Mares. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 13 abr. 1988.

SALVADOR. Fundação Gregório de Mattos. **Salvador, cultura todo dia**: Península e Comércio. Disponível em: http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-area.php?cod_area=3.

MASSARANDUBA

CARÊNCIA e exclusão social na Massaranduba. **A Tarde**, Salvador, 23 out. 1999.

MORADORES consideram a Massaranduba esquecida. **A Tarde**, Salvador, 26 ago. 2000.

SALVADOR. Fundação Gregório de Mattos. **Salvador, cultura todo dia**: Península e Comércio. Disponível em: http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-area.php?cod_area=3.

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5 ed. Comemorativa do cinquentenário do autor. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.359 p. (Brasiliiana n.380). Introdução e Notas do Professor Frederico Edelweiss e Assessoramento Técnico da Professora Consuelo Pondé de Sena.

VILA RUI BARBOSA/JARDIM CRUZEIRO

A Tarde, 08/10/2001 “Vila Ruy Barbosa já foi mar, teve palafitas e até um estaleiro”

Correio da Bahia, 28/02/2007 “Governo japonês doa R\$180 mil para ONG”

SALVADOR. Fundação Gregório de Mattos. **Salvador, cultura todo dia**: Península e Comércio. Disponível em: http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-area.php?cod_area=3.

CAMINHO DE AREIA

<http://www.atarde.com.br/>

SALVADOR. Fundação Gregório de Mattos. **Salvador, cultura todo dia**: Península e Comércio. Disponível em: http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-area.php?cod_area=3.

ROMA

INAUGURADA a Praça Irmã Dulce. **A Tarde**, Salvador, 17 fev. 2009.

O NOME ‘Largo de Roma’ tem coisa de Bahia antiga. **A Tarde**, Salvador, 10 out. 1970.

PROPOSTA do Círculo Operário gera polêmica. **Correio da Bahia**, Salvador, 04 abr. 1997.

ROMA terá sua praça inaugurada domingo. **Jornal da Bahia**, Salvador, 17 nov. 1980.

SALVADOR. Fundação Gregório de Mattos. **Salvador, cultura todo dia**: Calçada/Roma. Disponível em: http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=3&cod_polo=21.

RIBEIRA

CORREIA, Mauro. Bahia **de todos os nomes**: parte I. Salvador: [s.n], 1999.

O ENCANTO de morar na Península Itapagipana. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 29 e 30 mar. 2008.

O TEMPO esqueceu a Ribeira. **A Tarde**, Salvador, 21 abr. 2007.

TEIXERA, Cid. **Salvador**: história visual. Salvador: Correio da Bahia, 2001.

SALVADOR. Fundação Gregório de Mattos. **Salvador, cultura todo dia**: Ribeira. Disponível em: http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=3&cod_polo=19.

BONFIM

A COLINA sagrada era uma ilha. **A Tarde**, Salvador, 30 maio 1993.

A FESTA do Bonfim de ontem e hoje. **A Tarde**, Salvador, 17 jan. 1959.

PROVA de fé. **Correio da Bahia**, Salvador, 12 jan. 2007.

SALVADOR. Fundação Gregório de Mattos. **Salvador, cultura todo dia**: Bonfim. Disponível em: http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=3&cod_polo=20

MONTE SERRAT

ÁREAS das mais tranquilas da capital. **A Tarde**, Salvador, 16 jun. 2007.

SENTIMENTO comunitário resiste em Monte Serrat. **A Tarde**, Salvador, 14 nov. 1998.

BOA VIAGEM

A GALEOTA completa meio século! **Diário de Notícias**, Salvador, 27 dez. 1940.

Disponível em: <<http://www.etur.com.br>>

Disponível em: <<http://www.saltur.salvador.ba.gov.br>>

MISSA dos barraqueiros abre festa da Boa Viagem. **A Tarde**, Salvador, 23 dez. 1986.

PADROEIRO do mar. **Correio da Bahia**, Salvador, 02 jan. 2007.

SALVADOR. Fundação Gregório de Mattos. **Salvador, cultura todo dia**: Boa Viagem/Monte Serrat. Disponível em: http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=3&cod_polo=26

● BACIA PLATAFORMA

PRAIA GRANDE

PRAIA grande vive meio século de abandono. **A Tarde**, Salvador, 10 set. 2000.

SALVADOR. Fundação Gregório de Mattos. **Salvador, cultura todo dia**: Praia Grande/Itacaranha. Disponível em: http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=6&cod_polo=101.

ABANDONO contrasta com o passado de Itacaranha. **A Tarde**, Salvador, 31 jul. 1999.

BURACOS nas ruas são as principais queixas. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 19 e 29 jan. 2002.

PLATAFORMA

AQUI começou Plataforma. **Bahia Hoje**, Salvador, 12 dez. 1992.

NA VOLTA à velha fábrica, a vida tecida de lembranças. **A Tarde**, Salvador, 06 fev. 1986.

PLATAFORMA faz lavagem da Igreja de São Brás. **A Tarde**, Salvador, 27 jan. 2003.

PLATAFORMA se prepara para a festa de São Brás. **A Tarde**, Salvador, 25 jan. 1999.

SALVADOR. Fundação Gregório de Mattos. **Salvador, cultura todo dia**:

Plataforma. Disponível em: http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=6&cod_polo=15

● STELLA MARIS

STELLA MARIS

SALVADOR. Fundação Gregório de Mattos. **Salvador, cultura todo dia:** Praias do Flamengo/Stella Maris. Disponível em: http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=5&cod_polo=61

ITAPUÃ

ITAPUÃ é uma festa. **A Tarde**, Salvador, 22 jul. 1967.

ITAPUÃ, onde Salvador vai mais longe. **Jornal da Bahia**, Salvador, set. 1978. SALVADOR. Fundação Gregório de Mattos. **Salvador, cultura todo dia:** Itapuã. Disponível em: http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=5&cod_polo=57

● SÃO TOMÉ DE PARIPE

FAZENDA COUTOS

COMPLEXO é referência para gerar emprego. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 15 jul. 2008.

FAZENDA Coutos tem condição de vida africana. **Correio da Bahia**, Salvador, 29 dez. 2006.

PRODUÇÃO de biscoito muda realidade de famílias em Coutos. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 18 jun. 2007.

UM BAIRRO no meio do nada. **A Tarde**, Salvador, 26 abr. 2008.

PARIPE

SALVADOR. Fundação Gregório de Mattos. **Salvador, cultura todo dia:** Paripe/São Tomé de Paripe. Disponível em: http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=6&cod_polo=12. Acesso em: 31 out. 2009.

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5 ed. Comemorativa do cinquentenário do autor. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.359 p. (Brasiliana n.380). Introdução e Notas do Professor Frederico Edelweiss e Assessoramento Técnico da Professora Consuelo Pondé de Sena.

SÃO TOMÉ

CLIMA de balneário em pleno subúrbio. **A Tarde**, 19 jan. 2008.

SALVADOR. Fundação Gregório de Mattos. **Salvador, cultura todo dia:** Paripe/São Tomé de Paripe. Disponível em: http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=6&cod_polo=12

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5 ed. Comemorativa do cinquentenário do autor. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.359 p. (Brasiliana n.380). Introdução e Notas do Professor Frederico Edelweiss e Assessoramento Técnico da Professora Consuelo Pondé de Sena.

Referências Bibliográficas de Bacias Hidrográficas e de Drenagem

ANDRADE, Adriano Bittencourt. Do planejado ao vivido: o caso da Pituba. **Revista de Administração UNIME**, Lauro de Freitas, v.2, n.1, jan/jul 2004.

BAHIA. Centro de Recursos Ambientais. **Avaliação da qualidade dos recursos ambientais:** relatório anual. Salvador, 1986.

BAHIA. Centro de Recursos Ambientais. **Avaliação da qualidade dos recursos ambientais:** relatório anual. Salvador, 1984.

BAHIA. Centro de Recursos Ambientais. **Diagnóstico do meio ambiente**. Salvador, 1983.

CARDOSO, Marcos Davi Passos; TARQUI, Jorge Luiz Zegarra. **Uso de medidas de controle na fonte no planejamento da drenagem urbana:** Salvador. Disponível em: http://info.ucesal.br/banmon/Arquivos/ART_011208.doc. Acesso em: 31 out. 2009.

BAHIA. COMPANHIA ESTADUAL DE DESENVOLVIMENTO URBANO. **A Grande Salvador:** posse e uso da terra: projetos urbanísticos integrados. Salvador: CEDURB, 1978.

EDELWEISS, Frederico. Camarajipe e Lagoa do Abaité. **Centro de Estudos Baianos**, Salvador, n. 57, p. 3-12, 1969.

GERMEN - Grupo de Recomposição Ambiental. **Levantamento preliminar das condições de saneamento ambiental do arquipélago soteropolitano**. Salvador, 2004.

FERREZ, Gilberto. **Bahia: velhas fotografias 1858/1900**. 2. ed. Rio de Janeiro: Kosmos, 1999. p.20. Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro, 2000.

MORAES, Luiz Roberto Santos; SANTOS, Maria Elizabete Pereira dos; SAMPAIO, Rosely Moraes. Indicadores da qualidade ambiental urbana: a experiência do Dique de Campinas em Salvador, Bahia. **Revista de Urbanismo e Arquitetura**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 78-87, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DO SALVADOR. Secretaria Municipal da Educação e Cultura. Secretaria Municipal de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente. **Atlas ambiental infanto-juvenil de Salvador**. Salvador: SMEC, 2006.

SALVADOR. Fundação Gregório de Mattos. **Sítios Históricos:** fontes públicas/ chafarizes. Disponível em <http://www.cultura.salvador.ba.gov.br/sitios-historicos-fontes.php>.

Salvador. Lei 7.400/2008. PDDU – Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano. **Diário Oficial do Município**. Salvador, 23-25/02/02008

SALVADOR. SEPLAM/COPLAM; PANGEA. **Estudos ambientais**. Salvador, 2000. 144 p. (Coletânea de Estudos. PDDU)

SALVADOR. Superintendência do Meio Ambiente. **Bacias hidrográficas no Município de Salvador:** iniciativas de gestão integrada. Salvador, 2006.

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5 ed. Comemorativa do cinquentenário do autor. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.359 p. (Brasiliana n.380). Introdução e Notas do Professor Frederico Edelweiss e Assessoramento Técnico da Professora Consuelo Pondé de Sena.

TUCCI, Carlo E. M. Gerenciamento da drenagem urbana. **Revista Brasileira de Recursos Hídricos**, Porto Alegre, v.7, n.1, p 5-27, 2002.

Referências Bibliográficas de Fontes

A VELHA fonte dos Barris. **Tribuna da Bahia**, Salvador, p.5, 21 jun. 1974. AZEVEDO, Thales. **Povoamento da cidade de Salvador**. Salvador: Itapuã, 1969.

BAHIA. Empresa Baiana de Águas e Saneamento. **História do abastecimento de água em Salvador**. Salvador, 2003.

BAHIA. Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural. **Catálogo de estudos e projetos de restauração elaborados pelo Estado**. Salvador, 1985.

BAHIA. Secretaria da Cultura e Turismo; IPAC. **Inventário de proteção do acervo cultural da Bahia:** monumentos do Município de Salvador. 3. ed. Salvador: [s.n], 1997. v.1.

BAHIA. Superintendência de Águas e Esgotos do Recôncavo. Assessoria de Relações Públicas e Divulgação. **Das fontes públicas à “solução Joanes”**. Salvador, 1966.

BAHIA. Lei nº 3.660/78: Dispõe sobre o tratamento de bens de valor cultural pelo Estado. Salvador, 1978.

BOCCANERA JUNIOR, Sílio. **Bahia histórica:** reminiscência do passado, registro do presente. Salvador: Bahiana, 1921.

BOCHICCHIO, Regina. Salvador das mil fontes. **A Tarde**, Salvador, 03 ago. 2003. Caderno 2, p.6-7.

BRASIL. Resolução CONAMA n. 357/05: **Dispõe sobre a classificação dos corpos de água e diretrizes ambientais para o seu enquadramento, bem como estabelece as condições e padrões de lançamento de efluentes, e dá outras providências**. Brasília, 2005.

BRASIL. Resolução CONAMA n. 274/00. **Revisa os critérios de balneabilidade em águas brasileiras**. Brasília, 2000.

BRASIL. Portaria n. 518/04. **Estabelece a norma de qualidade da água para consumo humano**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

CARNEIRO, Edison. **A cidade do Salvador 1549:** uma reconstituição histórica. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

CHEVALIER, Jean; HERBRANDT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olimpo, 1989.

Decreto n.26.319: Regulamenta a Lei n. 3.660.

Decreto n. 28.398: Formaliza o tombamento de alguns patrimônios culturais.

ELIADE, Mircea, Tratado da História das Religiões, São Paulo, Martins Fontes, 1993.

_____. O Mito do Eterno Retorno, Lisboa, Edições 70, 1969. ESTAS fontes já mataram a sede do povo e hoje estão abandonadas. **A Tarde**, Salvador, 1º mar. 1974. Caderno 1, p.2.

FALCÃO, Edgard de Cerqueira. **A fundação da cidade do Salvador em 1549**. Salvador: Câmara Municipal, 1949.

FARIAS JUNIOR. Desta fonte sai a Água de Meninos. **Tribuna da Bahia**, Salvador, p.11, 30 nov. 1970.

FÉLIX, Anísio. **Bahia, pra começo de conversa**. Salvador: Prefeitura Municipal do Salvador, 1982. 103 p.

FONTE antiga é achada no Centro Histórico. **A Tarde**, Salvador, 23 mar 1998. Caderno 1, p.31.

FONTES de lendas guardam passado no seu abandono. **Jornal da Bahia**, Salvador, 04 nov. 1970. Caderno 1, p.2.

LIMA, Renilda de Fátima G. **Caracterização hidrogeológica e ambiental das fontes de água naturais da cidade alta de Salvador**. 2005. 32 p. Monografia de bacharelado. Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia.

MEMÓRIA da cidade morre também com o abandono das fontes. **Jornal da Bahia**, Salvador, 14 jul. 1977. Caderno 2.

PEIXOTO, Afrânio. **Breviário da Bahia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. do MEC, 1946.

PEREIRA FILHO, Gérson. Velhas fontes lembram o tempo da água em “lombos de burros”. **A Tarde**, Salvador, 1º dez. 1977. Caderno 03, p. 03

PEREIRA, Manoel Passos. **História do bairro de Nazaré:** uma experiência participativa em Salvador. Salvador: FUNCEB, 1994.

REBELLO, Domingos José Antonio. **Corographia ou abreviada história geográfica do Império do Brasil**. Salvador: Tipographia Imperial e Nacional, 1829.

RECUPERAÇÃO de fontes históricas fica no papel. **A Tarde**, Salvador, p.12, 26 set. 1999.

SALVADOR vai perder as suas fontes públicas. **A Tarde**, Salvador, 03 ago. 1987. Caderno 1, p.38.

SAMPAIO, Consuelo Novais. **50 anos de urbanização:** Salvador da Bahia no século XIX. Rio de Janeiro: Versal, 2005.

SAMPAIO, Theodoro. **História da fundação da cidade do Salvador**. Bahia: Tipografia Beneditina, 1949. [Obra póstuma].

SANTANA, H. Exposição conta história das fontes e chafarizes. **Correio da Bahia**, Salvador, 10 maio 2002.

SANTOS, Elisabete. **A cidade do Salvador e as Águas**, UNICAMP, 2000.

SANTOS, E. P. As fontes são hoje reminiscências de um rico passado. **A Tarde**, Salvador, 28 de maio 1978.

SOUZA, Alcídio Mafra de (coord). **Guia dos bens tombados:** Bahia. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1983.

VERGER, Pierre Fatumbi, Lendas Africanas dos Orixás, São Paulo, Corrupio, 1985.

VILHENA, Luís dos Santos. **A Bahia do século XVIII**. Salvador: Ed. Itapuã, 1969. (Coleção Baiana, 1).

Sumário

O Almanaque das Águas.....	09
As Águas em Salvador	11
A Investigação.....	12
Bacias Hidrográficas, de Drenagem Natural e Bairros	17
Bacia Hidrográfica do Rio dos Seixos	19
• Canela.....	24
• Graça	26
• Barra	28
Bacia Hidrográfica de Ondina.....	31
• Alto das Pombas.....	34
• Calabar	36
• Ondina	38
Bacia Hidrográfica do Rio Lucaia.....	41
• Tororó.....	48
• Nazaré	50
• Barris.....	52
• Garcia	54
• Boa Vista de Brotas	56
• Engenho Velho de Brotas	58
• Federação.....	60
• Acupe.....	62
• Engenho Velho da Federação	64
• Itaigara	66
• Candeal.....	68
• Santa Cruz.....	70
• Chapada do Rio Vermelho.....	72
• Nordeste de Amaralina	74
• Vale das Pedrinhas	76
• Rio Vermelho	78
Bacia Hidrográfica do Rio Camarajipe.....	81
• Alto do Cabrito	90
• Marechal Rondon.....	92
• Campinas de Pirajá.....	94
• Boa Vista de São Caetano.....	96
• São Caetano	98

• Capelinha.....	100
• Calabetão.....	102
• Jardim Santo Inácio	104
• Mata Escura.....	106
• Bom Juá.....	108
• Fazenda Grande do Retiro	110
• Arraial do Retiro	112
• Barreiras	114
• Retiro	116
• IAPI	118
• Santa Mônica	120
• Pero Vaz	122
• Curuzu	124
• Liberdade	126
• São Gonçalo	128
• Pau Miúdo.....	130
• Luiz Anselmo	132
• Cidade Nova	134
• Vila Laura.....	136
• Baixa de Quintas.....	138
• Caixa D'Água	140
• Matatu	142
• Santo Agostinho.....	144
• Macaúbas	146
• Barbalho.....	148
• Lapinha	150
• Saúde.....	152
• Santo Antônio	154
• Centro Histórico	156
• Cosme de Farias.....	158
• Brotas.....	160
• Pernambuco.....	162
• Saramandaia.....	164
• Resgate.....	166
• Caminho das Árvores	168
• STIEP.....	170
• Costa Azul.....	172
Bacia Hidrográfica do Rio das Pedras (e Pituáçu).....	175
• Porto Seco Pirajá	182
• Granjas Rurais Presidente Vargas.....	184
• Jardim Cajazeiras	186

• Pau da Lima.....	188
• Sussuarana.....	190
• Novo Horizonte	192
• Nova Sussuarana	194
• Centro Administrativo da Bahia - CAB.....	196
• Beiru/Tancredo Neves.....	198
• Engomadeira.....	200
• Arenoso.....	202
• Cabula VI	204
• Doron	206
• Narandiba	208
• Cabula.....	210
• Saboeiro.....	212
• Imbuí.....	214
• Pituáçu	216
• Boca do Rio	218
Bacia Hidrográfica do Rio Passa Vaca.....	221
• São Rafael	224
• Patamares.....	228
Bacia Hidrográfica do Rio Jaguaribe	229
• Castelo Branco	236
• Águas Claras	238
• Dom Avelar	240
• Cajazeiras V.....	242
• Cajazeiras II	242
• Cajazeiras VII.....	242
• Cajazeiras VI.....	242
• Cajazeiras IV.....	242
• Cajazeiras X.....	242
• Cajazeiras VIII.....	242
• Vila Canária	252
• Sete de Abril	254
• São Marcos.....	256
• Novo Marotinho.....	258
• Jardim Nova Esperança.....	260
• Jaguaripe I	262
• Nova Brasília.....	264
• Canabrava	266
• Vale dos Lagos	268
• Trobogy.....	270

• Mussurunga	272
• Bairro da Paz	274
• Alto do Coqueirinho	276
• Piatã.....	278
Bacia Hidrográfica do Rio do Cobre	281
• Moradas da Lagoa	288
• Valéria	290
• Rio Sena	292
• Pirajá.....	294
• São João do Cabrito	296
Bacia Hidrográfica do Rio Paraguari.....	299
• Nova Constituinte.....	304
• Periperi.....	306
• Coutos.....	308
Bacia Hidrográfica do Rio Ipitanga	311
• Nova Esperança	318
• Areia Branca	320
• Cassange.....	322
• Itinga	324
• Cajazeiras XI.....	326
• Fazenda Grande I.....	328
• Fazenda Grande II.....	328
• Fazenda Grande III.....	328
• Fazenda Grande IV.....	328
• Palestina	334
• Boca da Mata.....	336
• São Cristovão	338
• Jardim das Margaridas	340
• Aeroporto	342
Bacia de Drenagem Natural da Vitória/Contorno	345
• Vitória.....	346
• Centro	348
Bacia de Drenagem Natural de Amaralina/Pituba.....	351
• Amaralina.....	352
• Pituba	354
Bacia de Drenagem Natural do Comércio	357
• Comércio.....	358

Bacia de Drenagem Natural de Armação/Corsário	361
• Jardim Armação	362
Bacia de Drenagem Natural de Itapagipe	365
• Lobato	268
• Santa Luzia	370
• Uruguai	372
• Calçada	374
• Mares	376
• Mangueira	378
• Massaranduba	380
• Vila Ruy Barbosa/Jardim Cruzeiro	382
• Caminho de Areia	384
• Roma	386
• Ribeira	388
• Bonfim	390
• Monte Serrat	392
• Boa Viagem	394
Bacia de Drenagem Natural de Plataforma	397
• Praia Grande	398
• Alto da Terezinha	400
• Itacaranha	402
• Plataforma	404

Bacia de Drenagem Natural de Stella Maris	407
• Itapuã	408
• Stella Maris	410
Bacia de Drenagem Natural de São Tomé de Paripe	413
• Fazenda Coutos	414
• Paripe	416
• São Tomé	418
Bacias Hidrográficas dos rios da Ilha de Maré	421
• Ilha de Maré	421
Bacias Hidrográficas dos rios da Ilha dos Frades	425
• Ilha dos Frades	425
Bacia de Drenagem Natural da Ilha de Bom Jesus dos Passos	429
• Ilha Bom Jesus dos Passos	429
As Águas das Fontes	432
Considerações Finais e Proposições	465
Referências	469

PROJETO QUALIDADE AMBIENTAL DAS ÁGUAS E DA VIDA URBANA EM SALVADOR

Coordenação Geral

José Antônio Gomes de Pinho – Escola de Administração / UFBA
 Maria Elisabete Pereira dos Santos – Escola de Administração / UFBA
 Luiz Roberto Santos Moraes – Escola Politécnica / UFBA

Equipe Técnica

Armando Ferreira de Almeida Junior – Fundação OndAzul
 Benedito Augusto Wenceslau da Silva – SMA / PMS
 Cássio Marcelo Silva Castro – SEDHAM / PMS
 Eduardo Mendes da Silva – Instituto de Biologia / UFBA
 Elba Veiga – SEDHAM / PMS
 Jacileda Cerqueira Santos – SEDHAM / PMS
 José Antônio Gomes de Pinho – Escola de Administração / UFBA
 Luiz Roberto Santos Moraes – Escola Politécnica / UFBA
 Maíra Menezes de Azevedo – INGÁ
 Maria Elisabete Pereira dos Santos – Escola de Administração / UFBA
 Maria Lúcia Politano Álvares – Escola de Administração / UFBA
 Pedro Roberto Jacobi – USP
 Renata Alvarez Rossi – Escola de Administração / UFBA
 Ronan Rebouças Cayres de Brito – Instituto de Biologia / UFBA
 Rosely Moraes Sampaio – Escola de Administração / UFBA

Participação

Alane Sheila Santos Saraiva – Escola de Administração / UFBA
 André Luis Rocha de Souza – Escola de Administração / UFBA
 Ednilva Sousa de Azevedo – SEDHAM / PMS
 Manuela Ramos da Silva – Escola de Administração / UFBA

Fórum das Águas de Salvador

Adalberto Bulhões Filho – SMA / PMS
 Alberto Bonfim de Carvalho – CONDER
 Aline Farias – CONDER
 Amália Pinto – IMA
 Ana Cláudia O. Bento Gomes – IMA
 Ana Lúcia Álvares Aragão – COINF/SEDHAM
 Anderson Gomes de Oliveira – CONDER
 Ângela Gordilho – SMA / PMS
 Ângela Santana dos Santos – UFBA
 Antônio Marmo – SEDHAM / PMS
 Armando Ferreira Almeida Junior – Fundação OndAzul

Armando Mendes de Lima Filho – FMLF / PMS
 Artur Ferreira da Silva Filho – IBGE
 Ary da Mata e Souza – SEMA
 Aucimaia de Oliveira Tourinho – UFBA
 Benedicto Augusto W. Silva – SMA
 Bruno Jardim da Silva – INGÁ
 Carlos Henrique Cardoso - CONDER
 Carlos Pinto da Silva – INGÁ
 Carlos Roberto Brandão – SEDHAM / PMS
 Cássio Marcelo Castro – SEDHAM / PMS
 Christiane Freitas Pinheiro – INGÁ
 Cláudia do Espírito Santo Lima – INGÁ
 Cláudio Santos – SEDHAM / PMS
 Cléa Maria Caldas Pereira Tanajura - SEDHAM / PMS
 Diego Álvares – UFBA
 Edgard Álvares Neto – TRENTO
 Ednilva Sousa de Azevedo – SEDHAM / PMS
 Eduardo Farias Topázio – INGÁ
 Eduardo Gabriel Alves Palma – INGÁ
 Eduardo Mendes da Silva – Instituto de Biologia / UFBA
 Elba Alves Silva – INGÁ
 Elba Veiga – SEDHAM / PMS
 Fátima Fróes – UFBA
 Fernando Cezar Cabussu Filho – CONDER
 Fernando Pires dos Santos – Fundação OndAzul
 Fernando Teixeira – SEDHAM / PMS
 Glauber Araújo Alencar Cartaxo – UFBA
 Izail Castro – IBGE
 Jacileda C. Santos – SEDHAM / PMS
 Jaildo Pereira – SEMA
 Jamile Freire - SEDHAM / PMS
 Jennifer C. Carvalho Teixeira de Matos – EMBASA
 João Pedro Vilela – UFBA
 Joelma Gomes da Silva – INGÁ
 Joilson Rodrigues Souza – IBGE
 José Antônio Almeida de Lacerda – IMA
 José Antônio Gomes de Pinho – Escola de Administração / UFBA
 José Augusto Saraiva Peixoto – FMLF/PMS
 Júlia Monteiro – UFBA
 Júlio César Rocha Mota – EMBASA
 Jussara Queiroz dos Santos – CONDER
 Lafayette Dantas da Luz – Escola Politécnica / UFBA
 Leonardo Dias – CONDER

Lívia Castelo Branco Pereira – IMA
Lívia Maria Gabrielli de Azevedo – CONDER
Luciana Santiago Rocha – UFBA
Lúcio Sérgio Garcia Mangieri – SUMAC
Luiz Roberto Santos Moraes – Escola Politécnica / UFBA
Maíra Azevedo – INGÁ
Márcia Kauark Amoedo – EMBASA
Maria de Fátima Falcão Nascimento – SEDHAM / PMS
Maria Lúcia Politano Álvares – UFBA
Maria Luíza Lins Góes – SEDHAM / PMS
Mariza Zacarias – SIGA/SETAD – PMS
Maurício Gonçalves Lima – INGÁ
Neubler Nilo Ribeiro Cunha – CIAGS / UFBA
Neyde Maria Santos Gonçalves – Instituto de Geociências / UFBA
Nicholas Carvalho de Almeida Costa – UFBA
Nielsen de A. Souza – INGÁ
Nilton Souza Santana – CONDER
Raymundo dos Santos Ribeiro – SEDHAM / PMS
Regina Lúcia Bittencourt de Nora Garcia – CONDER
Renata Alvarez Rossi – Escola de Administração / UFBA
Ricardo A. Souza Machado – INGÁ
Ricardo Acácio de Almeida – UFBA
Rita Nélia Ferraz de Melo – SEDHAM / PMS
Rita Railda Soares Lourenço – SEMA
Robério Ribeiro Bezerra – CERB
Roberto Falcão – SETIN
Rodrigo Maurício Freire Soares - UFBA
Romário Tadeu dos Santos – SUCOP
Ronan Rebouças Cayres de Brito – Instituto de Biologia / UFBA
Rosa Alencar Santana de Almeida – EMBASA
Rosane Ferreira de Aquino – INGÁ
Rosely Moraes Sampaio – Escola de Administração / UFBA
Ruth Marcellino da Motta Souza – SUCOM / PMS
Sérgio Moreira – SEDHAM / PMS
Severino Soares Agra Filho – Escola Politécnica / UFBA
Terezinha Alves Ribeiro – SUCOP / PMS
Thais Góes – UFBA
Vitória Régia Martins Sampaio – CONDER
Wanderley Matos – INGÁ
Wilson Carlos Rossi – IMA

QUALIDADE DAS ÁGUAS EM SALVADOR

Coordenação

Alberto de Magalhães Ferreira Neto – EMBASA
Eduardo Farias Topázio – INGÁ
Jennifer Conceição Carvalho Teixeira de Matos – EMBASA
Luiz Roberto Santos Moraes – Escola Politécnica / UFBA
Wilson Carlos Rossi – IMA

Equipe Técnica

Acácia Aragão Souza de Carvalho – EMBASA
Ana Cláudia Bento Gomes – IMA
Aucimaia de Oliveira Tourinho – UFBA
Carlos Romay Pinto da Silva – INGÁ
Cláudia do Espírito Santo – INGÁ
Equipe da Divisão de Controle de Qualidade – OPTQ – EMBASA
Fernando Pires dos Santos – Fundação OndAzul
Jeniffer C. C. Teixeira de Matos – EMBASA
José Antônio Almeida de Lacerda – IMA
Júlio César Mato Grosso de Sousa – EMBASA
Lívia Castelo Branco Pereira – IMA
Luiz Roberto Santos Moraes – Escola Politécnica / UFBA
Maíra Azevedo – INGÁ
Márcia Kauark Amoedo – EMBASA
Nicholas Carvalho de Almeida Costa – UFBA
Roberta Henriques de Oliveira Bessa – EMBASA
Rosane Ferreira de Aquino – INGÁ
Susana Silva Cavalcanti – EMBASA

DELIMITAÇÃO DE BACIAS

HIDROGRÁFICAS E DE DRENAGEM NATURAL

Coordenação

Maria Lúcia Politano Álvares – UFBA

Equipe Técnica

Diego Álvares - UFBA
Helena Spinelli Álvares – UFBA
Maria Lúcia Politano Álvares – UFBA

Participação

Adalberto Bulhões Filho – SMA / PMS

Cássio Marcelo Silva Castro – SEDHAM / PMS
Ednilva Sousa de Azevedo – SEDHAM / PMS
Maria de Fátima Falcão Nascimento – SEDHAM / PMS

FÓRUM DE DELIMITAÇÃO DE

BACIAS HIDROGRÁFICA E DE DRENAGEM NATURAL

Álvaro Góes – IMA
Ana Cláudia O. B. Gomes – IMA
Anderson Gomes de Oliveira – CONDER
Ângela Gordilho – SMA
Ângela Santana – UFBA
Antônio da Rocha Marmo de Oliveira – SEDHAM
Benedicto Augusto W. Silva – SMA
Bruno Jardim da Silva – INGÁ (2008)
Carlos Romay Pinto da Silva – INGÁ
Cássio Marcelo Silva Castro – SEDHAM / PMS
Christiane Freitas Pinheiro – INGÁ
Edgar Álvares Neto – TRENTO
Eduardo Gabriel Alves Palma – INGÁ
Elba Alves Silva – INGÁ
Glauber Araújo Alencar Cartaxo – UFBA
Jacileda Cerqueira Santos – SEDHAM
Jennifer C. C. Teixeira de Matos – EMBASA
Joelma Gomes da Silva – INGÁ
José Antônio Almeida Lacerda – IMA
Kilson Santana de Melo – CAJAVERDE
Lafayette Dantas da Luz – UFBA
Lívia Castelo Branco Pereira – IMA
Luciana Santiago Rocha – UFBA
Lucio Sérgio Garcia Mangieri – SUCOP
Luiz Roberto Santos Moraes – Escola Politécnica / UFBA
Maíra Azevedo – INGÁ
Maurício Gonçalves Lima – INGÁ
Nicholas Carvalho de Almeida Costa – UFBA
Nielsen de A. Souza – INGÁ
Ricardo A. Souza Machado – INGÁ
Ricardo Acácio de Almeida – UFBA
Rita Railda Soares Lourenço – SEMA
Roberto Falcão – SETIN
Rosa Alencar Santana de Almeida – EMBASA
Rosane Ferreira de Aquino – INGÁ

Susana Silva Cavalcanti – EMBASA
Terezinha Alves Ribeiro – SUCOP / PMS
Wilson Carlos Rossi – IMA

DELIMITAÇÃO DE BAIRROS

Coordenação Geral

Adalberto Bulhões Filho – SMA / PMS
Ana Lúcia Álvares Aragão – SEDHAM/PMS
Anderson Gomes de Oliveira – CONDER
Elba Veiga – SEDHAM PMS
Fernando Cezar Cabussu Filho – CONDER
Jussara Queiroz dos Santos – CONDER
Lívia Maria Gabrielli de Azevedo – CONDER

Equipe Técnica

Alberto Bonfim de Carvalho - CONDER
Anderson de Oliveira - CONDER
Camila Barreto Coelho de Andrade - CONDER (2007)
Carlos Roberto Brandão - SEDHAM / PMS
Cássio Marcelo Silva Castro - SEDHAM / PMS
Érika do Carmo Cerqueira - CONDER (2007)
Gilma Brito da Silva – CONDER
Jamile Freire – SEDHAM / PMS
João Pedro Vilela – UFBA
Leonardo Dias Afonso – CONDER
Maria Angélica Rebouças – CONDER
Maria Luiza Lins Góes – SEDHAM / PMS
Mariza Zacarias – SETAD
Nilton Souza Santana – CONDER
Regina Lúcia Bittencourt de Nora Garcia – CONDER
Risalva Silva – CONDER
Ruth Marcellino da Motta Souza – SUCOM / PMS
Sarah Cristina Araújo Martins – Estagiária de Geografia – CONDER
Vitória Régia Martins Sampaio – CONDER

Participação

Cléa Maria Caldas Pereira Tanajura – SEDHAM / PMS
Izail Arnaldo de Castro – IBGE
Joilson Rodrigues de Souza – IBGE
Raymundo dos Santos Ribeiro – SEDHAM / PMS
Sérgio Moreira – SEDHAM / PMS

Coordenação da Pesquisa de Campo

Jussara Queiroz – Coordenadora de Campo / CONDER

Reginaldo Tavares – Supervisor de campo/ CONDER

Pesquisadores

Daniel Brito dos Santos

Fernanda Nascimento de Araújo

José Cristiano Cruz Lima

Leíse da Silva Machado

Roberto Sanjosé

Romário Melo de Jesus Filho

Tamires Paloma Oliveira de Tude da Rocha

Histórico de Bairros

Aline Farias – CONDER

Carlos Henrique Cardoso – CONDER

Fátima Froés – UFBA

Fernanda Nascimento de Araujo – SEDHAM / PMS

CADERNOS CIAGS – O DESAFIO DA GESTÃO DAS ÁGUAS NO SÉCULO XXI

José Antônio Gomes de Pinho – Administração/UFBA

Maria Elisabete Pereira dos Santos – Administração/UFBA

Luiz Roberto Santos Moraes – Escola Politécnica/UFBA

Neubler Nilo Ribeiro Cunha – UFBA

Renata Alvarez Rossi – Administração / UFBA

Rodrigo Maurício Freire Soares – UFBA

PUBLICAÇÕES ALMANAQUE – O CAMINHO DAS ÁGUAS EM SALVADOR

Coordenação

Cássio Marcelo Silva Castro – SEDHAM / PMS

Fátima Fróes – UFBA

Jaildo Santos Pereira – SEMA

Neubler Nilo Ribeiro Cunha – UFBA

Rodrigo Maurício Freire Soares – UFBA

Equipe Técnica

Aline Farias – UFBA

Carlos Henrique Cardoso – UFBA

Carlos Romay Pinto da Silva – INGÁ

Cássio Marcelo Silva Castro – SEDHAM / PMS

Cláudio Santos – SEDHAM / PMS

Fernanda Nascimento de Araujo – SEDHAM / PMS

José Augusto Saraiva Peixoto – FMLF / PMS

Maria de Fátima Falcão Nascimento - SEDHAM / PMS

Raymundo dos Santos Ribeiro – SEDHAM / PMS

Renata Alvarez Rossi – Administração / UFBA

Rosely Moraes Sampaio – Administração / UFBA

Rodrigo Maurício Freire Soares – UFBA

Revisão de Texto

Lúcia Máximo

Nícia Padilha

Colaboração

Paulo Costa Lima – UFBA

Fundação Gregório de Matos – FGM/PMS

Levantamento Bibliográfico

Neubler Nilo Ribeiro Cunha – UFBA

Bárbara Coelho Neves – UFBA

Normatização Bibliográfica

Hilda Maria da M. F. Conceição – Fundação Mário Leal Ferreira – FMLF/PMS

Lucimar Oliveira Silva – Fundação Mário Leal Ferreira – FMLF/PMS

Relatório Financeiro

André Luís Rocha de Souza Rocha – UFBA

Relatório CNPq

José Antônio Gomes de Pinho – Escola de Administração/UFBA

Maria Elisabete Pereira dos Santos – Escola de Administração/UFBA

Luiz Roberto Santos Moraes – Escola Politécnica/UFBA

Portal Grupo Águas

Elba Veiga – SEDHAM / PMS

Rodrigo Maurício Freire Soares – UFBA



ISBN: 978-85-60660-08-7



9 788560 660087